



Eternamente **voce**

*Porque o verdadeiro amor jamais
será apenas uma lembrança*

Lucy Benton



Eternamente você

*Porque o verdadeiro amor jamais
será apenas uma lembrança*

Copyright2019© Lucy Benton
Eternamente Você

Todos os direitos reservados.

Proibida toda e qualquer distribuição sem a autorização prévia da autora.
Essa é uma obra de ficção. Quaisquer semelhanças com nomes, pessoas,
lugares ou acontecimentos, será mera coincidência.

Foto da capa: *Depositphotos*

A Deus, antes, e acima de tudo. À minha família. Minhas leitoras queridas, que tornaram essa história tão especial. E a todos que insistem em acreditar que o Amor é a força que move o mundo!

Deus é amor;
e quem está em amor está
em Deus, e Deus nele.
1 João, 4.16 

índice

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)

[Vinte e Seis](#)

[Vinte e Sete](#)

[Vinte e Oito](#)

[Vinte e Nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e Um](#)

[Trinta e Dois](#)

[Trinta e Três](#)

[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Epílogo](#)



Sinopse

Um dia nós fomos como Romeu e Julieta; apaixonados, destemidos, inconsequentes. Achávamos que o amor que sentíamos era o suficiente para mudar o mundo, para nos tornar vitoriosos em qualquer batalha. Era um pensamento utópico e embora a nossa história não tenha terminado tragicamente como na obra-prima de Shakespeare, nós nunca realmente chegamos ao nosso tão sonhado final feliz.

Houve um final sim, só que ele foi doloroso e nos despedaçou por completo. Nossas escolhas nos levaram por caminhos opostos e cinco anos depois estamos finalmente na mesma cidade. Mas River não é mais o meu Romeu, na verdade, estamos tão distantes que somente um olhar seu em minha direção basta para partir meu coração já quebrado.

Eu ainda o amo da mesma forma que fiz quando tinha dezessete anos e tudo o que a minha alma apaixonada deseja é estar em seus braços para sempre. Ainda assim, me mantenho longe, pois sei que ele é o único capaz de enxergar em meus olhos as mentiras que tão habilmente conto ao mundo. E sei que a verdade não irá nos libertar; ela irá nos destruir ainda mais...



Prólogo

Cinco anos antes

A chuva chega de repente, como se o clima refletisse o meu próprio estado de espírito. O barulho alto dos constantes trovões se assemelha às batidas descompassadas do meu coração. Eu estou em pânico. A minha personalidade mansa, submissa, — e por vezes, tola — ganhando da minha falsa coragem. Coragem com a qual tentei me camuflar e seguir adiante. Como um guerreiro em uma batalha, mas eu duvido da minha capacidade de vitória. Na verdade, a derrota é iminente, de uma forma ou de outra.

A água cai cada vez mais forte, quase zangada e punitiva. Meu cabelo longo e molhado desliza sobre os meus olhos e me obriga a tirá-lo constantemente do meu rosto, mas eu não tenho tempo para me importar com isso e apesar dos passos lentos e hesitantes, mantenho-me caminhando. O velho sedan de River torna-se visível no ponto costumeiro na esquina de casa. Eu já fiz esse mesmo trajeto centenas de vezes nos últimos meses, mas nunca senti como se cada passo me destroçasse um pouco.

Quando seguro a maçaneta, exalo de forma lenta e demorada. *Sou uma covarde... uma grande e perfeita covarde...*

River toma a decisão de abrir a porta do lado de dentro e eu o encaro por um segundo, através da chuva, enquanto ele me olha sem claramente entender a minha demora. Entro, por fim. Arrumo-me desajeitadamente no banco e minhas roupas molhadas fazem barulho de encontro ao couro desgastado. Minha respiração é rápida e tento acalmá-la por alguns segundos, antes de falar alguma coisa.

— Oi — é tudo o que posso balbuciar quando o meu corpo começa a esfriar e os meus lábios tremem.

— Você está encharcada — River murmura, seus olhos castanhos e expressivos me encaram com certa tristeza. — Merda, eu deveria ter ido te buscar.

— Não tem problema — eu o consolo tocando levemente o seu braço, sentido a chocante diferença entre a sua pele quente e os meus dedos frios.

Ele toca o meu rosto com tanto carinho, que sinto uma pontada de dor me

atingir em cheio. Seus dedos em meu queixo me trazem até o seu rosto, sua boca toca a minha como infinitas vezes já fez. Ainda assim parece a primeira. O amor explode no encontro das nossas línguas e se espalha por cada partícula de mim. Minhas mãos se fecham em sua camiseta de forma quase desesperada, como se pedissem silenciosamente que ele não me deixe. Mas a sua boca se afasta da minha muito rapidamente e não posso conter o gemido de lamento que escapa da minha no mesmo instante.

A sua testa se encosta à minha e nossas respirações se confundem, quando nos encaramos em silêncio. Não quero falar nada, não quero que ele fale também. Queria que pudéssemos permanecer aqui para sempre, apenas nos perdendo no olhar um do outro. Mas apesar do meu desejo interno, River se afasta e olha ao redor, antes de me encarar com as sobrancelhas arqueadas. Eu vejo as perguntas de forma tão clara em seu rosto bonito e também desejo não precisar respondê-las...

— Onde estão as suas coisas? — ele pergunta finalmente, sem conseguir esconder as suas emoções.

River não está feliz, isso é tão visível. Mas ele não faz ideia do quão triste eu me sinto, enquanto forço a minha voz em minha garganta e murmuro:

— Eu não vou com você, River...

Eu não sei qual sabor um veneno mortal teria, mas imagino que seja o mesmo que essas seis palavras tiveram enquanto dançavam em minha língua. *Amargo e nocivo.*

— Como assim? — ele replica, visivelmente confuso e chateado. — Não estamos brincando, Ella, precisamos correr.

— Não é uma brincadeira, River — *Deus sabe o quanto eu queria que fosse.* — Eu não posso ir com você... sinto tanto, mas eu não posso.

— Como assim? — repete, ainda mais chateado. — Estamos planejando essa viagem há meses.

—Não, você tem planejado essa viagem. Eu venho apenas lhe dizendo que é uma péssima ideia o tempo todo.

— Você concordou em vir comigo há cinco dias. Estava me fazendo de idiota? Me fez acreditar em você, quando jamais teve a intenção de me acompanhar?

— Não... não foi isso — lamento, quase em desespero. — Eu queria realmente ir com você, mas tantas coisas aconteceram...

— Que coisas?

— Coisas, River... — desconverso, olhando para as minhas mãos. — Nossos pais irão nos odiar se fugirmos.

— Meu pai sabe que estou indo embora, ele me deu a sua bênção. — River me interrompe, enquanto um pequeno sorriso nasce em seus lábios.

Essa é exatamente a resposta que esperava ouvir dele. Seu pai é tão compreensivo, bem diferente do meu. Ele odeia o River e não suporta a ideia de me ver respirando o mesmo ar que ele. E eu o amo tão loucamente que não suporto a ideia de viver sem que ele esteja ao meu lado, não sei como posso encontrar um equilíbrio em coisas tão opostas. Somos como Romeu e Julieta, mas não quero que nossa história termine tragicamente, da mesma forma que a deles.

— Meus pais irão me odiar — eu reforço em um sussurro fraco. — E eu amo a minha mãe, não quero que ela me odeie pelo resto da vida por uma decisão inconsequente que tomei aos dezessete anos.

— Inconsequente? — Ele exaspera. — Pelo amor de Deus, Ella, o que foi que aconteceu com você?

— Estou tentando ser racional, meus pais irão mesmo me odiar. — Repito de forma débil.

— E sobre eu te odiar, isso não te preocupa?

— Claro que sim, eu te amo — choro, segurando fortemente a mão que ele relutantemente entrelaça à minha. — Eu te amo demais, River... demais.

— Então venha comigo — ele pede, me olhando sob os cílios espessos.

— Não quero ir sem você, não quero deixá-la aqui, sozinha.

— Eu não posso — recito, tocando o seu rosto.

— Não consigo entender nada, isso me parece um verdadeiro pesadelo — ele ri de forma seca, isso me faz estremecer e me dar conta mais uma vez das minhas roupas molhadas. *Ou estou trêmula por me espantar com o escárnio vindo de suas palavras?*

— Me dei conta de que não posso fugir, eu não sou esse tipo de garota... estava delirando quando concordei com tudo — pontuo, soltando a mão de River e colocando os braços ao redor do meu corpo. *De repente sinto tanto frio...* — Não posso ir embora e simplesmente deixar tudo para trás, eu não consigo, River.

— Eu não quero ficar, Ella — ele diz, apertando o volante com as duas mãos e olhando para o para-brisas, onde as gotas de chuva caem de forma mais branda agora.

Engulo, com desgosto, o nó que essa frase traz à minha garganta. Eu sabia desde o início que essa seria a sua sentença final. River é tão decidido, eu admiro essa parte de sua personalidade. Ele se comporta como um homem de dezoito anos e não um garoto. Sempre tão convicto dos seus passos e de suas decisões. Tão diferente de mim, que duvido de tudo. Que temo cada novidade que surge em minha vida. Que preciso da aprovação dos meus pais para tomar todas as decisões. Eu tenho tanto medo, tanto...

— Nem mesmo por mim? — Consigo perguntar, depois de um tempo. Acontece que já sei a resposta, e por esse motivo, forçá-lo a falar me machuca tanto. Mas é necessário para nós.

Ele gira a cabeça para me encarar, as mãos ainda sobre o volante, em um aperto que rouba o sangue dos seus dedos. Eu o encaro e tudo o que vejo em seus amáveis olhos castanhos, é decepção. Eu o magoei, talvez o tenha feito duvidar do meu amor por ele. Mas eu o amo tanto, não me importo com a pouca idade e falta de experiência da minha parte; sei que o amo verdadeiramente. Meus olhos ardem com as lágrimas que venho segurado desde o instante em que saí do meu quarto e caminhei até esse carro. Porque eu sempre soube que estava vindo até aqui para me despedir do amor da minha vida. Para deixá-lo ir mundo

afora e realizar cada um dos seus sonhos sem mim, porque sou covarde demais para machucá-lo com a verdade. Porque, embora eu deteste admitir, a nossa história sempre foi bonita demais para ter um final feliz. Nada tão perfeito pode acabar bem.

— Nem mesmo por você — ele diz, sem que a sua voz oscile uma única vez. Era algo esperado, eu não quero que ele fique, mas isso não o torna menos doloroso. Machuca-me como uma faca afiada.

— Eu sinto muito — digo, em meio às lágrimas. Eu já não me importo em chorar, já não me preocupo em demonstrar uma força que não possuo... sou fraca e River está me despedaçando; *não, eu mesma estou me despedaçando.*

— Ella — ele murmura dolorosamente.

Sempre amei o som que o meu nome tem ao sair dos seus lábios, mas agora eu o detesto, é repleto de dor. Quero colocar as mãos sobre a sua boca e impedi-lo de falar.

— Sinto muito! — É tudo o que posso dizer. Eu lamento que tudo precise ser dessa forma.

— Venha comigo!

Limpo o rosto inutilmente, as lágrimas já deslizam sem controle, como uma comporta aberta, como as gotas de chuva lá fora.

— Não posso...

— Me diga o motivo, então — ele pede, puxando as minhas mãos do meu rosto e limpando ele mesmo as minhas lágrimas. — Você não enxerga que essa é a única solução? Percebe que nada te prende a essa droga de cidade?

— Não é uma droga de cidade... — consigo replicar enquanto choro.

— Ella — ele também lamenta. — Por que está fazendo isso? Me dê somente uma razão?

— Eu não quero ir, não quero que seja assim... Nós somos tão imaturos,

não temos ideia do que fazer com a nossa vida. Iremos apenas estragar algo tão bonito, agindo dessa forma... isso não é um filme, River. Onde fugimos e somos felizes para sempre, a vida real é muito mais dolorosa.

— Você é tão malditamente covarde — ele bufa, se afastando de mim. — Por que não pode ter um pouco de fé?

Ele não sabe quão corajosa eu preciso ser para deixá-lo ir embora sem mim, mas deixo que ele pense o contrário. Ainda assim, dói demais ouvir isso. Choro dolorosamente, enquanto o meu coração se parte de forma lenta. River toca as minhas costas, em um gesto consolador, mas que só me machuca ainda mais. Giro o meu corpo e olho para ele. Minhas mãos se fecham em sua camiseta e eu me jogo em seu colo. Mesmo com o pouco espaço entre ele e o volante, consigo abraçá-lo com toda a minha força. Eu não quero que ele vá, mas, mais do que isso, gostaria de poder fugir desse lugar com ele. De viver, sem medo algum, a nossa história de amor; mas eu não posso... eu não posso.

— Venha comigo — ele pede, sussurrando em meu ouvido.

Não respondo, porque estou cansada de dizer que não posso, portanto, choro mais ainda. Soluço em seu ombro, enquanto as minhas lágrimas — cada vez mais grossas — molham o tecido de sua camiseta. Eu não me importo em parecer patética, em demonstrar a minha humanidade e fraqueza de forma tão crua. Estou desmoronando e não há a mínima chance de me sentir inteira outra vez.

— Ella — ele branda com carinho. — Por favor, não faça isso; venha comigo.

— Eu não posso. — Murmuro, enquanto as minhas palavras se misturam ao meu choro. — Não posso, River...

— Por quê?

Porque eu prefiro te perder, a te destruir com a verdade que esconderei enquanto viver. Porque mesmo que te perder signifique ser infeliz para o resto da vida, prefiro mil vezes isso, do que te arrastar para um mundo repleto de tristeza e desolação. Porque te amo demais e me sacrifico por esse amor sem pensar duas vezes.

— Por que, Ella? Me diz...

— River... — choro sem olhar em seu rosto, o meu agarre em seu peito se torna ainda mais forte.

— Por que, Ella? — Ele exige, batendo uma das mãos no teto do carro. Isso me assusta, mas não faz com que eu me afaste, apenas o encaro e quando os nossos olhos se encontram; ele completa: — Por quê? Me dê uma razão, um motivo que faça algum sentido. Você estava feliz com essa viagem...

— Eu mudei de ideia — o interrompo, entre soluções. Ele está tão triste, mal consigo encará-lo sem ter vontade de chorar. — Sei que você ficará melhor sem mim.

— Você está louca? Eu te amo, como posso ficar melhor sem você?

— Sei que ficará — afirmo, sem convicção nenhuma. A verdade é que eu não quero que ele fique melhor sem mim, mas de alguma forma preciso acreditar que será exatamente assim.

— Eu te amo — ele recita, segurando o meu rosto com ambas as mãos. — Irei protegê-la, cuidarei de você. Sabe disso, não sabe? Sabe que não precisa ter medo de nada, contanto que estejamos juntos.

Oh, meu Deus... por que ele precisa me dizer isso e de uma forma tão sincera? Sei o quanto cada palavra dita por River é verdadeira. Ele me ama, sim, da mesma forma que eu o amo. Ele me protegeria e cuidaria de mim, assim como fez por tantas e tantas vezes, mesmo quando eu não sabia disso. E nós seríamos felizes juntos e construiríamos uma família e uma vida linda, juntos. Mas o destino não quis que fosse dessa forma e eu não posso mudar o destino, não posso. Não importa o quão ardentemente eu queira.

— Eu não irei com você, River — digo, com uma firmeza que me surpreende. Mas eu sei que preciso colocar um ponto final nessa conversa. É o único jeito.

— Não diga isso, não faça isso — ele implora, me beijando sutilmente. — Por que está fazendo isso? Só me diga o porquê, não importa o que seja; nós

iremos consertar.

Ele não faz ideia do que está dizendo. Como alguém conserta o irreparável? Não há nenhum jeito de que essa situação acabe bem, o final será pior ainda se eu lhe disser o motivo da minha mudança. Eu não posso lhe dizer, não posso encontrar uma razão que faça sentido e ainda assim nos mantenha juntos. Não há caminho fácil.

— Eu não posso ir com você, River. Não por não o amar, estou apaixonada desde que posso me lembrar, acho que desde o instante em que te vi pela primeira vez...

— Então por que, Ella? Isso está me destruindo.

— Porque é o melhor, você não entende agora — digo, segurando o seu rosto como ele fez comigo há minutos. — Mas um dia irá, quando você estiver feliz e realizando os seus sonhos; saberá que nunca seríamos felizes juntos. Entenderá que essa foi a melhor decisão que poderíamos tomar.

— Eu não estou decidindo nada, não percebe? — Ele exige, com raiva. — Foi o seu pai? Ele descobriu que iria embora comigo e está te pressionando?

— Não, meu pai não sabe de nada. Nem a minha mãe... sou eu, River... eu não quero ir com você!

— Por quê?

Eu me calo, cansada. Eu deveria mentir, dizer algo que o machuque profundamente e fira o seu orgulho. Dizer que me apaixonei por outro, mas quem? Ele saberia no primeiro instante que estou mentindo. E eu jamais quero que ele vá embora achando que eu não o amo, de todas as verdades que preciso manter muito bem ocultas; o meu amor por ele não será uma delas.

Encaramo-nos em silêncio e pela primeira vez, de tantas outras que já existiram, essa é a única que nos machuca. Encará-lo, sabendo tão certamente que essa será a última vez; me destrói de uma forma imensurável. Ele me olha, esperando uma resposta que não virá, porque estou a segundos de sair desse carro e nunca mais olhar para trás. E por esse motivo eu o beijo. Meus lábios saboreiam os seus com desespero. Eu memorizo o contorno do seu rosto, enquanto meus dedos passeiam por ele sem cuidado. River retribui o meu beijo

sem reservas também. Percebo pela forma como a sua boca desliza sobre a minha e as suas mãos se emaranham em meu cabelo, que ele acredita que tudo ficará bem e por alguns segundos; eu finjo acreditar também.

Eu nunca mais beijarei alguém, ou talvez eu beije, mas juro que não será dessa forma, porque nunca mais será o River. Seus lábios possuem uma doçura que atinge a minha alma, o meu coração. Seus beijos me desnudam e me deixam sedenta. Eu quero mais, eu quero o para sempre. Eu quero o que não posso ter.

— Eu te amo. — Sussurro em seus lábios. — Não se esqueça disso, promete? Não se esqueça que eu te amo com tudo de mim, tudo. Toda a minha alma, todo o meu coração.

— Sim — ele balbucia, sem entender. — Também te amo demais.

Sorrio, não sei como, e o beijo mais uma vez... A última vez. Afasto-me do seu corpo, e a minha boca reclama sem a minha permissão. Sento-me no banco do passageiro mais uma vez e olho para os pingos de chuva que caem com rapidez sobre o para-brisa. Chove ainda mais forte. Olho para River uma última vez e saio do carro.

A água gelada me atinge de forma dolorosa e eu não me importo. Quero ser punida, porque talvez isso me faça esquecer do meu coração partido e irreparável. Perco o fôlego ao primeiro passo, eu mal enxergo onde os meus pés pisam. Ouço a porta de River se abrir, é lógico que ele não me deixaria ir com tanta facilidade.

— Ella — consigo ouvi-lo através da forte chuva, mas não paro de andar. — Ella, pare com isso.

Ele grita o meu nome, mas não vem atrás de mim. Eu gostaria que ele viesse? Eu poderia resistir se ele implorasse ao me abraçar sob essa chuva? *Não, não poderia.* Essa constatação me faz correr, enquanto River me chama. A sua voz se elevando cada vez mais para se tornar audível através da chuva torrencial que cai. Eu não me viro uma única vez, nem mesmo quando toco a porta da minha casa e ainda posso ouvir River me chamando. Se eu me virar, não terei forças para deixá-lo ir e então isso destruiria a nós dois e eu não posso... *não posso.*



Um
Beaufort, Carolina do Sul
Dias Atuais

Meus olhos se adaptam com facilidade ao escuro da madrugada. Jogo vagarosamente o lençol que cobre o meu corpo para o lado e saio da cama. Mesmo com cuidado, meus pés rangem na madeira antiga e a cada passo o piso protesta enquanto caminho. Olho sobre os meus ombros e me certifico que Hope ainda esteja dormindo ao lado do espaço vago que deixei. Ela ainda está aninhada ao seu pônei de pelúcia, o cabelo liso e castanho, caindo como um véu em seu rosto sereno. Seu sono é costumeiramente profundo.

Sorrio enquanto caminho até a varanda e passo pela porta de vidro que sempre permanece aberta. Nós gostamos da brisa fresca que o lago traz durante a noite; Hope especialmente. Talvez seja o barulho suave das águas que a faça dormir tão bem. Já o meu sono é tão leve quanto uma pluma, e acordar durante a madrugada para admirar o lago calmo, se tornou uma rotina da qual não posso abrir mão.

Esses são os momentos em que estou absolutamente sozinha, tão só que posso ouvir os meus pensamentos retumbarem dentro da minha mente. O silêncio me ajuda a pensar. A calma, por fim, acalma o grande barulho que existe dentro de mim. Respiro, apreciando o ar quase doce e tão familiar. Meus braços circulam o meu corpo de forma protetora, enquanto aprecio o escandalosamente lindo brilho da lua refletido nas águas.

Moramos em uma pousada à beira de um lago, uma das muitas, em uma cidade litorânea da Carolina do Sul. Eu amo esse lugar, mas às vezes o detesto na mesma proporção. É como uma bela prisão da qual não posso me libertar, ou talvez simplesmente não queira. Essa é a única vida que eu conheço, e por vezes, pensar em deixar tudo para trás é ainda mais assustador do que viver eternamente aqui. Já desejei fugir e o resultado foi tão doloroso que tento esquecê-lo há cinco anos; óbvio que não consigo... eu nunca conseguirei. Cada partícula de lembrança me assola até em meus sonhos. O passado já não existe, mas ele nunca irá morrer... nunca.

— Ella — Hope balbucia do quarto.

— Estou aqui — digo, voltando para dentro e fechando um pouco mais a

porta, depois de notar o quanto a madrugada está fria agora.

— Você não vai dormir? — pergunta, enquanto me olha sob as pálpebras semicerradas de sono.

— Sim — é tudo o que digo, já ocupando o lugar que vaguei há alguns minutos.

Assim que me deito, Hope volta a fechar os olhos e não demora muito até que caia outra vez no sono. Puxo o lençol sobre o seu pequeno corpo e vigio o seu sono por algum tempo. Então me deito de costas para ela, meus olhos ainda abertos e perdidos no vazio. Minhas mãos descansam sob a minha cabeça e me perco nas centenas de pensamentos que me importunam sem permissão. Adoro quando estou cansada o suficiente para deitar nessa cama e desmaiar por completo, mas há dias em que nem o cansaço basta para me trazer paz... como hoje, como agora.

O tempo passa quase lento demais, a escuridão da madrugada começa a dar espaço para a tímida luz do sol que se prepara para nascer. É quando meus olhos pesam e eu os fecho, deixando de pensar em meu passado, para finalmente sonhar com ele.



— Pode ficar na recepção hoje? — Minha mãe pergunta, enquanto me encara à mesa de café.

Torço involuntariamente a minha boca e me concentro em espalhar um pouco mais de geleia na torrada de Hope. Eu detesto ficar na recepção da pousada, simplesmente odeio. Não sei por que sempre me pede isso, se sabe o quanto é difícil para mim.

— *Hummm...* preciso limpar os quartos, hoje é segunda-feira — respondo. — Dia de trocar os lençóis.

— Só duas pessoas se hospedaram aqui na semana passada e elas ocuparam o mesmo quarto, Ella — mamãe explica, olhando-me de forma cansada. — Você pode trocar os lençóis amanhã.

— Hoje é segunda. — Repito, mexendo em meus ovos no prato, depois de entregar a torrada para Hope. — Garanto que ninguém irá se hospedar aqui em uma segunda-feira.

— Não importa. — Ela ri, tocando carinhosamente as bochechas de Hope. — Não podemos deixar a recepção sozinha, de qualquer forma. Sabe disso.

— Sim, eu sei.

— Então...

— Tudo bem — cedo, por fim. Na verdade, não importa a minha resposta, ela irá insistir até que eu diga sim e sempre digo. — O que é tão urgente que não pode ficar na recepção hoje?

Minha mãe é responsável por recepcionar os clientes e cuidar da parte financeira da pousada. Meu pai passa a maior parte da semana em seu escritório no centro da cidade. Não é uma reclamação da minha parte, já que quando ele está em casa, ficamos distantes da mesma forma. Essa pousada é um sonho dele, embora ele não faça o mínimo esforço para mantê-la funcionando. Parece mais um capricho sem sentido, de um garoto mimado. Minha mãe cuida de tudo como se a sua vida dependesse disso, o que não está tão longe de ser verdade. O serviço pesado sobra para mim, e no fundo eu não me importo, já que tudo o que procuro na maior parte do tempo é algo que me mantenha ocupada e longe dos arrependimentos do passado.

— Tenho uma consulta com o doutor Monroe. — Mamãe diz, referindo-se ao clínico da cidade.

É incrível que mesmo com doze mil habitantes, as pessoas se comportem como se a cidade fosse um pequeno vilarejo. Isso significa uma privacidade quase inexistente, pois talvez as notícias não corram tanto, mas de alguma forma ela chega a todos.

— Sim? Alguma coisa importante? — quero saber, buscando algo de diferente em seu rosto fino e jovial.

Ela tem quarenta e um anos, dezenove a menos que eu. Isso a coloca nas estáticas de mães adolescentes, algo que meu pai fez o possível para que não se repetisse comigo. Embora não tenha tido problema algum em engravidar a minha mãe aos dezoito anos. Esse fato nos tornou mais irmãs, que mãe e filha. Às vezes eu sinto falta de ter uma mãe que se comporte realmente como uma.

— Não, apenas rotina. — Diz, depois de beber da sua xícara de porcelana. — Levarei Hope comigo, troque a sua roupa, por favor. Acho que ficaremos grande parte do dia fora.

— Ótimo — digo com desgosto mal disfarçado. — Isso é maravilhoso, mãe!

É realmente detestável ficar nesse lugar sozinha e mesmo que Hope tenha quatro anos e meio, e esteja bem mais interessada em meu celular e em seus brinquedos, gosto da sua companhia. Ela torna tudo melhor, até as coisas mais chatas. Assisto mamãe sair da mesa com a sua xícara ainda em mãos. Ela vai até a pia e reabastece a sua dose de café, antes de desaparecer em direção ao corredor que leva até a escada para os quartos. Olho para Hope assim que mamãe some da minha visão. Estendo o meu dedo indicador na direção da minha irmã mais nova e toco a ponta do seu nariz; está sujo de geleia de uva. Isso me faz sorrir.

— Como consegue sujar o seu nariz enquanto come? — Pergunto a ela, me levantando também.

— Eu não sei — ela ri, lambendo a geleia da ponta dos seus dedos.

— A torrada estava boa demais e o seu nariz quis prová-la também? — Brinco, a observando com atenção.

— Acho que sim...

Hope se parece com a minha mãe; mas é o que todos me diziam também. Com cabelo castanho, liso em seu comprimento e com grandes cachos em suas pontas. Os olhos são da mesma cor e pequenos, mas repletos de vida e de vontades. Bem diferente dos olhos azuis que eu herdei do meu pai. Meu cabelo é castanho também, mas ainda mais escuro que o de Hope. Ela tem lindas e fofas covinhas que ficam visíveis a cada sorriso seu, e ela sorri o tempo todo. É algo

que eu invejo às vezes, porque é definitivamente charmoso e adorável.

— Mamãe vai te levar para passear. — Digo, quando recolho o seu prato da mesa e espero que termine o seu copo de leite.

— Eu não quero ir — ela me diz, passando a língua sobre o seu bigode de leite. — Você disse que íamos brincar no lago hoje.

— Eu sei que disse, mas mamãe precisa sair e quer levá-la também. Brincaremos no lago amanhã. Ele estará aqui o ano todo, não se preocupe.

Hope sorri, mas vejo o desagrado mal disfarçado em seu olhar. Ela não solta fogos de artifício quando precisa passar algum tempo sozinha com a nossa mãe. Um dos motivos disso, foi porque Madeleine Mitchell delegou grande parte dos cuidados de Hope a mim. Sabemos o quanto as crianças se apegam a quem lhes dedica atenção e amor, e no caso de Hope, essa pessoa sou eu. Desde o início. Vejo o quanto minha mãe se esforça em fazer o seu melhor, mas não posso negar a sua falha na maioria das vezes. Ela está apenas perdida em seu mundo e embora eu também esteja perdida no meu, não posso deixar Hope sozinha. Ela precisa de mim. Essa certeza é o que me faz sair da cama na maior parte dos dias.

— Vamos subir — demando, estendendo a mão para ela e a ajudando a descer da cadeira alta demais para o seu tamanho. — Vou deixá-la escolher a roupa que quer vestir.

— *Tá* — ela sussurra.

Eu a seguro em meu colo e giro pelo corredor, como uma bailarina. Algo que eu obviamente estou longe de ser, mas Hope e eu gostamos de dançar. Isso sempre arranca grandes sorrisos dela. Gosto de fazê-la feliz, é tão simples. Eu descobri há muito tempo que não posso me livrar por completo da minha tristeza, mas ser boa para Hope me torna uma pessoa melhor, mais resignada, resiliente. É a força que eu preciso para viver através dos meus dias cinzentos.

Corro pela pequena escada que nos leva até o nosso quarto. Essa é a ala leste, como meu pai gosta de chamar. É aonde fica o quarto que divido com Hope e um pequeno banheiro mais ao fundo. O quarto dos meus pais fica no próximo lance de escadas, e é três vezes maior que o nosso; além de possuir um banheiro tão grande quanto. Os quartos usados para a hospedagem ficam na ala

oeste e ocupam setenta por cento do espaço da velha mansão herdada pelo meu pai há cinco anos.

Mudamo-nos antes do nascimento de Hope e fui obrigada a deixar a casa onde cresci e que amava, para vir morar em um lugar lindo; mas que está muito distante de ser um lar. A sensação que tenho é de que meu pai quer apenas nos esconder do resto do mundo. Algo que preciso dizer que ele tem conseguido. A nossa casa no centro da cidade é agora o seu escritório de advocacia e onde, eu tenho quase absoluta certeza, ele passa todas as noites com a sua secretária. Tão clichê; ele poderia ser mais original, *eu sei...*

Coloco Hope no chão assim que abro a porta de madeira branca. Ela corre através do pequeno quarto e para em frente à cômoda diante da cama. Ajoelha-se e abre a última, das quatro gavetas onde ficam as suas roupas. Sei exatamente o que ela está procurando e me encosto à parede e a observo em completo silêncio. Ela me olha quando puxa a saia azul com estrelas brancas, e me encara em busca de aprovação. Mesmo sabendo que minha mãe irá detestar essa escolha, eu assinto e permito que ela tire o restante da roupa da gaveta; um body vermelho e cinto amarelo. Eu entendo todo o seu fascínio com a Mulher Maravilha, era a minha heroína favorita quando criança. Pena eu não ter me tornando uma supermulher ao crescer. Torço todos os dias para que a história de Hope seja diferente.

— Se troque enquanto escovo os dentes, eu volto para ajudá-la com o seu tênis. — Digo, enquanto ela se embaralha ao tirar o seu pijama.

— Tudo bem, Ella.

Saio do quarto enquanto Hope sorri, me olhando apenas de calcinha e meias de flamingo. Dou risada, ao fechar a porta e deixá-la concentrada em sua tarefa.

Minha excursão até o banheiro dura um pouco mais que cinco minutos. Escovo os dentes e penteio o meu cabelo, antes de prendê-lo em um rabo de cavalo alto. Volto para o quarto com rapidez e encontro Hope tentando calçar as suas meias. Ela geralmente é muito independente; até demais para a sua idade, mas meias, sapatos e luvas são as suas fraquezas.

Ajoelho-me diante dela e estico as meias, de modo que ela mesma possa deslizar os seus pés dentro delas. Fazemos o mesmo com os seus tênis brancos. Ela ri, enquanto amarro os seus cadarços e canto uma música engraçada sobre laços. Isso deveria ajudá-la a aprender a amarrar os próprios sapatos, mas se tornou divertido demais e ela me fará cantar todas as vezes que precisar calçar os

seus tênis. Penteio os seus cabelos e estou amarrando a sua capa vermelha, quando ouço passos na escada e minha mãe bate levemente na porta antes de perguntar:

— Hope está pronta? Preciso sair agora.

— Estamos descendo — digo, elevando a voz para ser ouvida através da madeira.

— Estarei lá embaixo. — Mamãe murmura, retomando a sua caminhada.

Aperto levemente os ombros de Hope e a faço girar em minha direção.

— Seja uma boa menina — recomendo, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— *Tá bom* — ela concorda, já andando em direção a porta. — Você acha que a mamãe vai me comprar um sorvete? Ou um doce?

— Talvez — respondo, abrindo a porta e a deixando sair primeiro. — Se você se comportar.

Ela meneia, correndo pela escada e me deixando para trás. Fecho a porta e desço em direção à cozinha mais uma vez. Minha mãe está em pé em frente à mesa enquanto busca algo em sua bolsa. Ela trocou a camisola de algodão que usava durante o café, por um vestido branco e vermelho, estilo Pin-Up, até os joelhos. O seu cabelo castanho está solto, quase tocando os seus ombros. Eu sei que em breve ela irá cortá-lo, pois detesta ter uma imagem desleixada. Como a que o meu cabelo longo e sem corte, me dá. É o que ela sempre me diz... eu não me importo, porém.

— Por que deixou que ela colocasse essa fantasia boba? — Ela me pergunta, enquanto o seu olhar nada feliz se concentra em Hope.

— Hope quis vesti-la — digo, colocando as mãos nos bolsos frontais do meu vestido jeans. — E é somente uma roupa, mãe... as crianças gostam de se vestir assim, é lúdico, divertido. Não faça parecer o fim do mundo.

— Que seja — mamãe murmura, fechando a sua bolsa e segurando a

mão de Hope em seguida. — Da próxima vez eu mesma a visto.

— Da próxima vez ela irá querer vestir a roupa da mulher gato! — Exclamo rindo, andando atrás das duas em direção ao quintal.

Hope não tem uma fantasia da mulher gato, mas acho que minha mãe jamais saberia de algo assim.

— Não consigo achar graça, Ella.

Eu realmente não imaginei que ela fosse achar. Minha mãe nunca foi a pessoa mais engraçada, ou feliz do mundo; mas ela também não era esse poço de tensão que tem sido nos últimos meses. Sei que o meu pai tem uma parcela imensa de culpa nisso. O casamento dos dois já correu ladeira abaixo há tanto tempo, e eu me surpreendo que ambos não tenham concordado que um divórcio é o melhor para eles.

Minha mãe se apressa em contornar a casa em direção à garagem lateral onde fica o seu carro. Observo à distância, enquanto ela ajeita Hope no banco traseiro e prende o seu cinto de segurança, então dá a volta em seu *SUV* e me encara antes de abrir a porta e assumir o seu assento.

— Quer algo da cidade? — Ela pergunta, batendo as unhas no volante do carro.

— Não, obrigada. Farei compras na quarta.

— Alguém recado para o seu pai?

Meu rosto treme. Meu pai seria a última pessoa para quem eu mandaria um recado; não tenho nada a lhe dizer... ou talvez, se tivesse, não seria algo tão agradável. Ainda assim, controlo a minha língua e apenas balbucio:

— Diga a ele que mandei um beijo.

— Ok, volto no final da tarde; cuide de tudo.

— É o que sempre faço, mãe. — Murmuro, acenando para Hope quando o carro sai da garagem.

Mantenho a minha mão levantada mesmo quando o carro já sumiu da minha visão, então eu a abaixo lentamente e a deixo descansar ao lado do meu corpo. Giro o meu rosto em direção ao lago mais ao fundo. Gostaria de atravessar o pequeno píer e me sentar com os pés imersos na água quente, mas sei que será algo que só poderei fazer ao final do dia; talvez à noite.

Resigno-me e respirando fundo, subo os poucos degraus que me levam até a entrada da casa. Retirando o molho de chaves do meu bolso, abro a porta. Há um pequeno balcão de madeira e uma cadeira de escritório logo atrás dele, além de um painel em mdf branco, onde ficam as chaves dos quartos. Não é exatamente uma recepção cinco estrelas, mas não é de todo ruim também. O que eu detesto é ficar sentada aqui sozinha, enquanto o silêncio faz eco ao meu redor.



Seus olhos me sondam sobre o seu livro de Literatura. Ele sempre me encara quando pensa que não estou notando o seu olhar. Acontece que mesmo que a minha atenção esteja toda em meu caderno e em minha caneta que desliza sobre as linhas azuis enquanto escrevo uma redação; eu ainda sinto o peso dos seus olhos sobre mim. É inexplicável, mas eu simplesmente sei que é isso o que ele está fazendo agora: Olhando-me.

Eu quase tenho medo de encará-lo de volta, embora seja, sem dúvidas, o meu maior desejo no momento. No entanto eu não o faço, permaneço concentrada em minha tarefa, mesmo que River Lewis — mais conhecido como minha paixão platônica — esteja me olhando na fileira ao lado. A biblioteca da escola é sempre silenciosa, mas agora é como se estivesse ainda mais. Eu ouço o deslizar rítmico da minha caneta no papel, ouço a minha respiração suave, o giro do ventilador em baixa velocidade, os dedos de River a cada mudança de página do seu livro; até mesmo o fungar de Amanda Willians na mesa à frente da minha.

Somos as únicas pessoas aqui, além da senhora Miller, a bibliotecária. Mas é como se o mundo estivesse em câmera lenta e River e eu coexistíssemos um para o outro. Pergunto-me se ele se sente dessa mesma forma, com essa mesma intensidade. Se ele consegue sentir essa energia tão poderosa que flui de mim como fortes raios solares e parece deixar tão claro os meus sentimentos por ele. Quero tanto levantar o rosto, apenas para encarar os seus lindos olhos castanhos. As pessoas me dizem o tempo todo que meus olhos são lindos, mas eu penso que isso acontece apenas por elas não conhecerem os olhos de River... esses sim são os olhos mais lindos que eu já vi. Os olhos que desejo ver para sempre...

Sorrio para o meu caderno, quando percebo que escrevi a mesma palavra três vezes seguidas. Se River não estivesse aqui, eu já teria terminado a minha dissertação de História há quinze minutos e acho que se eu não estivesse aqui, ele não demoraria vinte minutos para ler três páginas do seu livro. Isso tem se tornado quase um jogo para nós dois, estarmos em um local somente pela presença um do outro, mas, ainda assim, fingirmos que não é por esse motivo.

Amanda Willians se levanta. Sei disso porque ela não é nada sutil em arrastar a sua cadeira pelo piso laminado, e o faz com brusquidão descuidada, causando um barulho desagradável que quebra a quietude. Senhora Miller chia em descontentamento e finalmente levanto a minha cabeça. Meus olhos cruzam

com os de River rapidamente, isso causa um calor em meu estômago. É estranho e gostoso na mesma proporção. River desvia o olhar em questão de segundos, mas consigo visualizar um sorriso travesso em seu rosto bonito. Esse tipo de sorriso o deixa ainda mais lindo e aquece um pouco mais o meu estômago.

A porta da biblioteca se fecha nas costas de Amanda e olho para River por um instante a mais, antes de focar os meus livros outra vez. Também estou sorrindo, então Mason Lewis entra na sala e o meu sorriso morre instantaneamente...



São duas da tarde agora e passei a manhã inteira sem fazer nada nessa recepção, porque, assim como disse para minha mãe; ninguém se hospeda aqui em uma segunda-feira. É uma pena que ela tenha me feito desperdiçar um dia útil, com algo tão desnecessário quanto ficar parada aqui, olhando para o nada. Acho que ao longo dos últimos anos eu desenvolvi uma hiperatividade que não possuía, eu não consigo ficar parada sem achar que irei enlouquecer. É o que está acontecendo agora. Isso me obriga a andar aleatoriamente no pequeno espaço atrás do balcão. Embora não alivie em nada a minha ansiedade, as minhas pernas estão quase se movendo sozinhas; estou apenas fazendo a vontade delas.

Mexo nas chaves no painel de madeira e troco-as de lugar, apenas para poder organizá-las em seguida. Isso não demora nem meio minuto e não posso ficar nesse jogo a tarde toda. Volto a me sentar e debato se devo fechar a recepção e ir trocar os lençóis dos quartos, minha mãe jamais saberia a verdade se eu não lhe contasse. Olho para o meu celular e penso em ligar para ela... *droga, por que eu preciso ser uma filha tão obediente?* Meus dedos deslizam vagarosamente sobre a tela do meu antigo smartphone, em busca do contato da minha mãe, mas no mesmo instante ouço passos nos degraus que antecedem a recepção.

Respiro, quase infeliz. Porque embora eu esteja entediada, não gostaria que alguém aparecesse realmente. Levanto os olhos a tempo de encontrar uma bota de couro preto, levemente desgastada, pisando no assoalho de madeira. Não levanto, a princípio, meu olhar para o restante do homem que caminha até o balcão. Meus olhos apenas acompanham os seus passos até mim, a sua mão toca o balcão e ele bate levemente os dedos, querendo a minha atenção. Eu preciso de um segundo para me preparar e só então levanto o rosto para encontra-lo.

— Oi — murmuro, mais baixo do que gostaria.

Ele sorri, me obrigando a sorrir de volta. Preciso me lembrar do mínimo de sociabilidade que ainda possuo, o que não é muito, devo admitir.

— Você ainda tem quartos? — Ele me pergunta, coçando levemente a nuca.

O seu cabelo é claro e bem curto, seus olhos são verdes e ele me parece excessivamente simpático. Não que isso seja algum defeito que deva me manter alerta, mas inconscientemente me remexo em minha cadeira.

— Sim, nós temos... — *muitos, na verdade.*

— Ótimo, eu preciso de um, ou dois... — ele diz, pensativo. — Estou com um amigo.

— Claro, não tem problema algum — replico, já me virando para pegar uma das chaves. Por culpa da minha mãe, preciso me esforçar para lembrar qual dos quartos foi usado na semana passada.

— Você tem um daqueles quartos com duas camas? — Ele pergunta nas minhas costas, e os seus dedos batem ritmicamente no balcão.

— Sim — respondo, buscando a chave certa.

Viro-me novamente para ele e o encontro sorrindo. Ele é muito bonito, sem dúvidas, mas não me afeta da forma que faria com outras garotas; eu sou imune a sorrisos bonitos. Deixo as chaves em minha mão sobre o balcão, ao lado do livro de registros, enquanto o folheio até encontrar a data de hoje.

— São sessenta dólares a diária, isso inclui café da manhã, mas não as outras refeições.

— Está perfeito. — Ele assente.

— Você e o seu amigo não terão problemas em encontrar um lugar para as refeições, há muitos restaurantes pela cidade. — Explico, entregando uma

caneta para ele e apontando aonde deve assinar.

— Eu já percebi — ele murmura, enquanto assina o seu registro. — E o meu amigo morava aqui quando adolescente, ele conhece bem o lugar.

— Entendo — balbucio, olhando para o seu nome no caderno: *Sean Braxton*.

— Talvez você o conheça.

— Quem? — Pergunto ao lhe entregar as chaves.

— Meu amigo. — Ele ri, apertando a chave que lhe entreguei, entre os dedos.

— É provável. — Desconverso, porque não há a mínima chance que eu alongue essa conversa ao perguntar o nome do seu amigo. O que seria exatamente o que outra pessoa faria, ao invés disso, eu desvio o assunto ao dizer: — Há um banheiro espaçoso e abastecido ao lado do quarto; desculpe, mas não temos suítes.

— Está perfeito, obrigado!

— Mas estamos sem outros hóspedes e ao menos por enquanto, você e o seu amigo terão privacidade. — Acrescento com um pequeno sorriso encorajador.

Deve ser horrível dividir um banheiro com estranhos. Acho que não me hospedaria aqui, se pudesse escolher. Que bom que os nossos hóspedes pensam diferente...

— Somos realmente amigos — ele refuta com seriedade, me deixando confusa. — Caso eu tenha feito com que pensasse em outra coisa.

— Eu não pensei — rio, diante da sua preocupação genuína.

— Nunca se sabe, é melhor deixar claro — ele emenda, rindo também.

Ele tem flertado tão abertamente comigo desde o instante em que pisou

aqui, que não deixou margens para um pensamento como esse. Ainda assim, eu não me importo e ele não deveria perder tempo me explicando.

— Bem, espero que aproveite a sua estadia. — Digo, ajeitando uma mecha teimosa, que insiste em escapar do meu rabo de cavalo.

— Obrigado — agradece, me estendendo a mão direita. — Sou Sean.

Olho para a sua mão estendida por mais tempo do que gostaria, e mais tempo do que certamente é educado fazer, mas não posso evitar. Não me sinto tão confortável em tocá-lo, mesmo que brevemente. Isso faz com que eu me sinta uma extraterrestre, por isso me obrigo a levantar a mão e encontrar a sua em um aperto rápido.

— Sou Ella — digo por fim.

— É um prazer, Ella.

— Igualmente, Sean.

Dou a volta no balcão, porque preciso lhe mostrar o seu quarto, ou somente indicar aonde ele fica. Estou mais inclinada à segunda opção. De qualquer forma, ele não será capaz de achá-lo sem a minha ajuda.

— Se puder me acompanhar, vou lhe mostrar aonde fica o seu quarto — digo, com um sorriso hesitante.

— Você pode esperar um segundo? — Ele pede, já caminhando até a porta. — Vou buscar as minhas coisas no carro.

— Tudo bem! — Aceno em compreensão.

Ele corre até a saída e fico sozinha, ouvindo as suas botas baterem na madeira dos degraus. Torço as minhas mãos em frente ao corpo, batendo os meus pés no assoalho, enquanto espero a sua volta. Não estou nenhum pouco à vontade com isso e embora Sean parece um bom rapaz, não posso me sentir cem por cento segura em sua presença. O engraçado disso tudo, é que o meu pai não se importa em nos deixar aqui sozinhas, tão vulneráveis a todo tipo de perigo e adversidades. Justo ele que deveria nos proteger.

Sean volta em minutos e me encontra perdida em pensamentos. Olho para a grande mochila em estilo militar ao seu lado e novamente para o seu rosto sempre sorridente... *ele é inofensivo, Ella.*

— Você é militar? — Pergunto, andando vagarosamente à sua frente pelo corredor que fica à direita de onde estávamos.

— Piloto — ele responde, ficando ao meu lado, mas garantindo uma pequena distância entre nós. — Da Marinha.

— Parabéns! — Exclamo, me sentindo incerta sobre o que realmente deveria dizer e por isso falo a primeira coisa que me vem à mente.

Ele ri brevemente, então mantém o sorriso simpático... acho que disse algo engraçado ou talvez ele apenas me ache uma tola.

— Você é a única pessoa que trabalha aqui?

— Minha mãe também trabalha — conto, subindo a escada estreita que nos leva até os quartos. — Você provavelmente irá vê-la muito mais do que a mim.

— Isso é uma pena — ele murmura sem disfarçar.

— Também temos um jardineiro que cuida da área externa e de algumas manutenções da casa, ele está sempre aqui — pontuo, sem me preocupar em responder o seu comentário anterior. — Meu pai tem um escritório de advocacia no centro da cidade, mas ele volta para a casa todas as noites.

A última parte é uma tremenda e descarada mentira. Meu pai, às vezes, passa semanas sem pisar nesta casa e é a minha mãe que vai ao seu encontro. Contudo, Sean, ou qualquer outra pessoa que se hospedar aqui, não precisa saber a verdade. Que essa casa enorme e relativamente isolada é habitada por duas mulheres e uma criança indefesa.

— Isso é bom — ele diz, quando paramos em frente ao quarto em que ficará hospedado. — Não me parece seguro que você fique aqui sozinha por tanto tempo.

— Eu não fico — faço questão de frisar. — E essa cidade é relativamente segura.

Ele sorri, enquanto já começo a me afastar. Me encara e não faz nenhum movimento para me seguir, de alguma forma o meu coração bate um pouco mais devagar com essa constatação. Ele poderia facilmente me jogar pela escada e me prender no piso, se quisesse. Eu não sei por que tenho esses pensamentos loucos. Autopreservação, eu acho.

— Esse é o seu quarto — digo, apontando para a porta logo atrás dele.

— Eu sei — Replica, levantando a plaquinha que está anexada à chave, com o número do quarto.

— O banheiro é ao lado. — Continuo andando.

— Obrigado, Ella — ele acena.

— Se precisar de alguma coisa — *não me procure*. — Minha mãe estará na recepção, tem o número em um folheto no quarto.

Respiro, pisando no primeiro degrau e me obrigando a olhar sobre os meus ombros, para garantir que Sean ainda está aonde eu o deixei. Graças a Deus, ele não deu um único passo fora do lugar.

— Acho que ficarei por aqui durante algumas semanas, três ou quatro, não sei ao certo — ele me diz, coçando a sua nuca, como o vi fazer anteriormente. — Eu te vejo por aí, então.

— Tudo bem! — Exclamo, sumindo rapidamente da sua visão.

Eu corro pelos degraus e pelo corredor, olhando o tempo todo para trás; como se fugisse de um fantasma. Talvez seja realmente o que esteja fazendo. Quando chego a recepção, me amparo à porta aberta e respiro mais brandamente. É por isso que detesto ficar na recepção. Sean me parece realmente um cara legal e acho que o tratei como se ele estivesse contaminado com radiação. Isso me envergonha muito, mas é tão involuntário que não posso evitar.

Sento-me no primeiro degrau da varanda e olho para o céu, parece que irá chover. Fecho os olhos e deixo a brisa suave tocar o meu rosto e me acalmar

um pouco. Um pouco, porque só estarei realmente calma quando estiver longe dessa recepção e da possibilidade iminente de me encontrar com homens estranhos; mesmo que eles sejam inofensivos. Abro os olhos e vejo o carro da minha mãe surgir no final da rua. Me levanto, enquanto ela estaciona ao lado e a porta do passageiro se abre. Hope corre até mim, com um saquinho de doces em uma das mãos e um sorriso genuinamente alegre em seu rosto.

Ela salta em meu colo e eu giro, apertando o seu pequeno corpo de encontro ao meu. Beijo demoradamente a sua bochecha, antes de encarar os seus olhos brilhantes.

— Como foi? — Pergunto.

— Mamãe me comprou amendoins com chocolate — ela conta, levantando o saquinho transparente. — E um sorvete de morango, mas eu tomei tudo... queria trazer para você, mas mamãe me disse que ele derreteria no caminho.

— Com certeza derreteria — rio, beijando o seu nariz. — Não se preocupe, tomamos sorvete outro dia.

Seu rosto se suaviza com a minha declaração. Minha mãe sobe os degraus com lentidão, parecendo cansada, apesar de sorrir ao me ver. Garanto que o encontro com meu pai não foi dos melhores. Na verdade, nunca é. Ela não deveria ter levado Hope para vê-lo também.

— Seu pai lhe mandou um beijo — ela me diz, tocando brevemente o meu braço e caminhando até a recepção.

— Ok — é tudo o que digo, enquanto a observo se sentar.

— Alguma novidade? — Ela pergunta, já folheando o livro de registros.

— Temos um hóspede, na verdade, dois... eles ficarão no mesmo quarto.

— Tudo bem.

— Vou trocar os lençóis, então — anuncio, esticando a minha mão e pegando o meu celular esquecido no balcão.

Minha mãe não responde, já perdida em pensamentos, enquanto abre as correspondências que estavam em sua bolsa. Não me importo e corro com Hope ainda em meu colo. Contornamos a casa em direção a porta dos fundos e passamos pela cozinha vazia.

Não trocarei os lençóis, ou farei qualquer coisa pelo resto do dia. Só quero me trancar em nosso quarto, enquanto deitamos em nossa cama e assistimos desenhos em meu notebook. Hope irá segurar em minha mão e irá rir das coisas mais bobas, além de comer os seus amendoins; é claro. E durante essas poucas horas, eu irei acreditar que tudo ficará bem...



Três

Não vi Sean pelos próximos dias, nem cheguei a cruzar com seu amigo, tampouco. Ganhamos mais cinco hóspedes; um casal e uma família de três pessoas. Mamãe estava de volta à recepção, enquanto eu cuidava de todo o resto... um serviço quase de Cinderela, mas era maravilhoso se comparado a recepcionar pessoas.

Na quarta-feira Hope e eu fomos às compras. Precisávamos reabastecer a dispensa para o café da manhã, e esse era um dos nossos poucos rituais. Ir ao mercado duas vezes ao mês, se resumia nas únicas vezes ao ano em que eu pisava no centro da cidade e era obrigada a me deparar com pessoas do meu passado. Não era o meu momento mais feliz da semana, mas passei por isso sem grandes problemas, porque Hope estava ao meu lado. Ela me fazia rir com a sua curiosidade sobre tudo e tornava as coisas melhores, sem dúvidas.

Cruzamos com o nosso pai e esse foi um dos pontos negativos da nossa saída. Ele estava na calçada oposta à nossa e embora tenha caminhando em nossa direção assim que nos viu; eu apenas acenei e corri com Hope até o carro.

Imaginei que ele fosse aparecer na pousada àquela noite e me dar um longo sermão sobre o meu comportamento, mas julgo que o seu compromisso com a sua secretária era ainda mais importante. Me senti grata por isso

A quinta-feira chegou e passou sem grandes acontecimentos. Minha vida era repleta de rotina, embora pudesse enlouquecer outra pessoa, isso era justamente o que me trazia algum tipo de conforto. Eu não assimilava muito bem novidades ou surpresas e gostava de saber exatamente o que iria acontecer comigo ao longo do dia. Era, em resumo, uma vida chata; mas segura. E segurança importava demais.

Na sexta-feira vi Sean na entrada da pousada. Ele estava encostado ao que eu deduzi ser o seu carro — uma pick-up vermelha. À sua frente estava um homem da mesma altura de Sean, mas com cabelos negros e braços fortes. Eu não pude ver o seu rosto, porque no instante em que Sean me notou caminhando até eles e sorriu abertamente para mim, virei as costas e corri de volta para a cozinha. Esse era um cômodo onde os hóspedes nunca vinham, ainda assim tranquei a porta. Sabia que estava me envergonhando mais uma vez diante dele, mas tive quase que absoluta certeza que esse seria o nosso último e fugaz encontro. Eu estava tão errada...

Hoje é sábado e Hope me arrastou para fora da cama às oito da manhã. O dia nasceu extraordinariamente quente e bonito, e ela queria aproveitar cada minuto dele. Isso nos trouxe até o píer do lago, onde tomamos café e fizemos dele uma espécie de piquenique. O sábado, por incrível que possa parecer, é o dia mais tranquilo para nós e se eu conseguisse fazer grande parte do meu trabalho ao longo da semana; podia desfrutar de um pouco de tranquilidade... como agora. Hope está brincando na parte rasa do lago, enquanto eu a observo. Estou sentada no píer, com os meus pés imersos na água normá e muito agradável. Puxei o meu vestido até o alto das minhas coxas e o dobrei, de modo que o sol possa aquecer as minhas pernas. Há um imenso salgueiro acima de nós e ele bloqueia a maior parte dos raios, mas o sol ainda consegue passar por suas folhas e chegar até nós de forma fraca. Hope ama esse lugar, eu também amaria se fosse uma criança. É perfeito para brincar no verão e na primavera.

— Olha, Ella — ela me chama, gritando e acenando para o lago. — A minha boneca está nadando.

Rio, olhando para a boneca de pano que ela acabou de jogar na água. É óbvio que ela não está nadando, está mais para boiar de barriga para baixo. Mais tarde certamente terei que colocá-la na máquina de lavar.

— É melhor você resgatá-la, ela não sabe nadar ao que parece. — Brinco, enquanto ela me obedece e puxa a boneca pelas pernas.

Redobro a minha atenção, para evitar que ela jogue mais algum brinquedo no lago. A água aqui é muito rasa e limpa, mas já perdemos vários brinquedos porque Hope gosta de fingir que eles nadam.

— Finalmente eu te encontrei outra vez — uma voz forte ressoa em minhas costas. Eu estava tão distraída com Hope que não ouvi os passos no píer, nem notei a sombra que a chegada dessa pessoa fez ao encobrir o sol.

Eu me assusto, mas viro-me no mesmo instante e encontro Sean em pé sobre mim. Ele usa as mesmas botas do outro dia, além de um jeans escuro e uma camiseta branca sem estampa. Isso me permite ver as suas tags de identificação sobre ela, eu não as notei no outro dia.

— Eu te assustei, desculpe — ele lamenta, se agachando ao meu lado.

Volto a olhar para Hope por um segundo e então respondo:

— Não tem problema, eu estava distraída.

Ele me encara com um sorriso. Parece tão natural para ele fazer isso, como se não conseguisse evitar sair por aí distribuindo sorrisos ao redor. E eu percebo que só sorrio genuinamente para Hope e para a minha mãe, pois não tenho tanta facilidade em retribuir o sorriso de Sean, ainda assim, eu me esforço em fazê-lo... espero que não tenha ficado parecido com uma careta.

— Você correu ao me ver no outro dia — ele pontua sem rodeios. — Por quê?

Ele parece genuinamente interessado na resposta e preocupado com qual ela seja. De qualquer forma, não imaginei que ele fosse me perguntar algo assim, seria educado que ele não fizesse; porque me deixa envergonhada. Mas não parece que seja essa a sua intenção, me chatear ou ofender. Ele deve ser aquele tipo de pessoa dolorosamente sincera.

— Eu havia esquecido algo dentro de casa — digo, por fim. — Desculpe se pareceu uma fuga, mas não foi isso...

— Você só correu de mim como um vampiro do sol — ele brinca, rindo em seguida. — Por que não gosta da minha companhia, eu pareço um maluco ou algo assim?

— Não, quem te disse isso? — Acabo rindo, enquanto balanço os meus pés na água.

— Meu amigo. Conte sobre você e sobre toda a corrida na escada quando me mostrou o quarto e ontem ao me ver... e bem, ele disse que é porque pareço um maluco perigoso e você é uma garota esperta por fugir.

De alguma forma bem estranha, Sean não me deixa absurdamente nervosa ao contar isso; ele parece tão leve e divertido e isso me mantém calma.

— Não é apenas você; são as pessoas em geral — me vejo contando, sem me conter.

— Você não gosta de pessoas. — Ele recita, olhando para o lago. — Algumas delas são realmente terríveis, não posso negar, mas algumas valem a pena...

— Você é uma delas? — Pergunto, virando o meu rosto para ele.

O tom despreocupado em minha voz, me deixa surpresa. Faz anos que não tenho um amigo. Não que Sean esteja perto de se tornar um, mas, ao menos nesse momento, não estou querendo fugir.

— Sim, senhora. Com certeza sou — ele sorri, ainda olhando para a água. — Pergunte à minha mãe.

— Ela certamente não seria tendenciosa ao responder.

— Definitivamente não seria. Minha mãe é a pessoa mais sincera que conheço, ela não se preocuparia em me magoar com a verdade.

Sorrio, mas me concentro em Hope por alguns minutos. Eu não sei para onde levar essa conversa, não tenho certeza sobre o que devo replicar. Eu quero dar brechas para que Sean fique e converse comigo como dois jovens normais

geralmente fazem? Eu não sei e esse é o meu maior problema.

— Quem é ela? — Ele questiona, apontando brevemente para Hope.

Eu ainda não sei como ela não o notou aqui, porque, diferente de mim, Hope é muito sociável. Ela irá gostar de Sean e ele dela.

— Minha irmã Hope — digo, acompanhando o seu olhar.

— Os seus pais possuem um bom gosto para escolher nomes, Ella e Hope são realmente lindos.

— Fui eu que escolhi... — conto, sorrindo para o seu olhar interessado. — O da Hope, é claro; não o meu...

— Sim, eu entendi — ele ri, sentando-se ao meu lado e espalmando as mãos em suas costas sobre o píer. — É um lindo nome, parabéns pela escolha.

— Hope faz jus ao seu nome, ela é como um raio de esperança e ânimo.

— Ela se parece com você, tão linda quanto...

Ignoro o elogio e afundo um pouco mais os meus pés na água.

— Ela se parece mais com a minha mãe.

— Agora que comentou, consigo perceber a semelhança. — Ele pontua com gentileza. — E a propósito, você estava certa; encontrei sua mãe muitas vezes durante a semana.

— Eu te disse — murmuro, encolhendo os ombros. — Ela é boa com pessoas.

— Eu ainda prefiro você — ele recita com um sorriso de lado.

Fecho os olhos, tentando entender como me sinto com o seu flerte descarado. Por muito menos eu já corri e me tranquei a sete chaves, mas com Sean é diferente. Ele está próximo de mim e não sinto nenhum mal-estar por isso. Não há nenhuma maldade emanando dele, mas eu posso estar errada.

— Tem gostado da cidade? — Pergunto, desviando o assunto para uma zona mais neutra.

— Sim, é um lugar legal. As pessoas são receptivas e há muitos, muitos restaurantes... acho que não repeti uma única refeição até agora.

— Eu te avisei sobre as opções...

— E você estava certa. — Ele sorri, olhando para Hope que finalmente nos nota e caminha até nós. — Mas, no mais, eu tenho me mantido ocupado, preso na casa de infância do meu amigo.

— Sim? — Demando, puxando as minhas pernas para fora da água e as cruzando.

— Sim, ele está reformando tudo para vende-la. O seu pai faleceu há uns três anos e agora o seu irmão foi preso. Ao que parece, ele ficará um longo tempo nessa situação.

— Isso é ruim — murmuro, me interessando um pouco mais do que deveria. — Como é o nome dele?

— Do meu amigo?

— Sim. — Assinto, me fixando em seu rosto. — Você disse que talvez nos conhecêssemos, qual o seu nome?

Sean abre a boca para responder, contudo, Hope pula em minhas costas e interrompe a nossa conversa com sua risada infantil e animada. Giro o seu corpo em meus braços e a coloca à frente do meu corpo. Ela sorri ainda mais e eu retiro o cabelo que cai sobre o seu rosto e o coloca atrás da orelha, antes de dizer:

— Você está me molhando — brinco, beijando o seu rosto.

— Eu estava nadando com a minha boneca — ela se defende com um riso, mas seus olhos estão brilhantes para Sean — Quem é você?

— Hope — eu a censuro com um pequeno aperto em sua cintura. — Não

é assim que se fala com as pessoas.

— Desculpe. — Ela lamenta, sorrindo para Sean como desculpa.

— Está tudo bem — ele a consola, com um grande sorriso. — Eu sou Sean, e você?

Ele já sabe o seu nome, mas é óbvio que quer agradar a Hope ao lhe perguntar. Isso traz um pequeno sorriso ao meu rosto, enquanto afago os cabelos dela e espero a sua resposta, assim como Sean.

— Sou a Hope — ela recita, quase solene. Se existe alguém que ama o próprio nome, é ela. — Nunca conheci nenhum Sean.

— Não saímos muito de casa. — Murmuro para Sean, como uma explicação. O seu nome não é algo exótico para Hope nunca o ter escutado antes.

— Eu também nunca conheci nenhuma Hope — ele replica. — Com toda certeza, nunca vi uma garotinha tão linda e com um nome tão especial.

— Ella é linda também — Hope sussurra tocando o meu rosto, quase indignada por Sean não ter me incluído no elogio. Eu poderia me sentir um pouco envergonhada por sua atitude, mas só consigo sorrir diante do seu carinho.

— Claro que ela é, muito linda — Sean concorda, me elogiando como julguei que fosse fazer.

Sinto o sorriso em suas palavras, mas não o encaro, mantendo toda a minha atenção na pequena criança em meu colo.

— Sean é piloto. — Conto a Hope, como forma de tirar o foco da conversa sobre mim. Além do mais, ela ama aviões. Não compreendo de onde vem tamanho fascínio. Talvez ela apenas deseje ir embora dessa cidade...

— É verdade, Sean? — Hope demanda com muito interesse, se contorcendo em meu colo para ficar em pé e encará-lo melhor com as mãos na cintura.

— Sim, é verdade, sim senhora — ele responde, rindo da postura da sua

postura... *ela é tão diferente de mim.*

— Você tem um avião? — Ela sonda-o.

— Não, infelizmente eu não tenho — responde, ainda com um sorriso.
— Na verdade, eu piloto um caça; é um tipo diferente de avião.

— Ella me disse que um dia irá me levar para viajar em um. — Hope conta, me olhando em busca de confirmação.

— Em um avião de passageiros, não em um caça. — Eu corrijo, apertando a sua pequena mão e puxando-a para perto mais uma vez. — Mas é verdade, um dia iremos viajar em um avião.

— Vocês nunca viajaram de avião? — Ele se surpreende.

— Nós nunca saímos dessa cidade — conto. — A não ser para ir à igreja na cidade vizinha.

— E eu passei a minha vida me mudando desde que posso me lembrar — ele emenda, com um certo ar de nostalgia na voz. — Meu pai era militar e trabalhou em seis bases diferentes ao redor do país, até que eu completasse dezoito anos.

— Ainda assim, você escolheu a mesma profissão dele — pontuo. — Não deve ter sido tão ruim assim.

— Na verdade, há uma diferença significativa entre os segmentos que escolhemos — ele explica, ajeitando a sua postura e coçando a nuca. — Quero ser instrutor de voo, isso a longo prazo, claro. Mas me dará uma estabilidade que meu pai não teve.

— Entendo... — na verdade, não entendo muito; mas murmuro mesmo assim.

Olho para o alto e percebo que o sol já não brilha como antes e o céu está repleto de nuvens carregadas. Estava calor demais, isso geralmente é o prelúdio de uma chuva fraca no meio do dia. É o caso, ao que parece. A primeira gota cai sobre o meu rosto, seguida por outra e mais uma. São gotas grossas e frias, mas

com espaço entre ela.

— Vamos entrar — digo à Hope, a fazendo se levantar rapidamente do meu colo. — Irá chorar.

— Ah, que pena... — ela lamenta, olhando para Sean com os ombros encolhidos. — Vou te ver outro dia, Sean?

— Eu espero que sim, Hope — ele diz com carinho, tocando levemente os seus cabelos ao se levantar também.

— *Tá bom* — ela acena, correndo pelo pátio em direção a pousada.

Sean e eu olhamos para a sua pequena figura, enquanto ela se distancia cada vez mais de nós dois. Os pingos de chuva começam a cair com mais rapidez assim que Hope entra em casa. Sean me estende a mão e me ajuda a levantar. O toco brevemente, passando as mãos pelo meu cabelo, em seguida.

— É melhor eu ir também. — Balbucio, já me afastando parcialmente dele.

— Tudo bem — ele assente, colocando as mãos no bolso.

— Então, tchau!

Ele meneia a cabeça mais uma vez, como um levantar de queixo que os caras costumam fazer. O olho uma última vez e sorrio, lhe dando as costas a seguir. A chuva agora cai constante, mas de forma branda. Eu deveria correr para não me molhar, mas ando lentamente. Talvez para não dar a Sean a impressão de que vivo fugindo dele.

— Ella — ele me chama, segundos depois. Eu paro, porém, não me viro no mesmo instante. Isso o obriga a dizer o meu nome mais uma vez. — Ella...

— Sim — murmuro, por fim. Girando o corpo de forma parcial.

— Quer sair qualquer dia desses? — Ele oferece, sem rodeios. — Um jantar ou cinema?

Eu não queria que esse momento chegasse. Na realidade, lhe dei todos os sinais possíveis para que ele não achasse essa pergunta uma boa ideia. Devo ter falhado, no entanto.

— *Hummm* — mordo os meus lábios de forma nervosa. A chuva já fez o meu cabelo grudar em meu rosto, mas acho isso bom, porque disfarça o quão desconcertada estou. — Eu não faço esse tipo de coisa.

— Que coisas? — Ele ri, dando dois passos em minha direção. — Comer, ou assistir um filme?

— As duas, de certa forma. — Respondo, envergonhada. — Eu não saio com pessoas, caras... Só com Hope e a minha mãe.

— E as suas amigas?

— Não tenho amigas.

— Por quê?

— Porque eu sou estranha. — É a minha vez de rir. — Você é um cara legal, Sean e ficará pouco tempo na cidade, encontre uma garota normal para gastá-lo enquanto estiver aqui.

— Você é totalmente normal, está apenas se subestimando — ele murmura, estendendo uma das mãos para mim; eu me afasto. — Entendo a sua timidez, não quero que sinta desconfortável...

— Isso vai além de uma simples timidez — eu o corto, me afastando um pouco mais. — Obrigada por me convidar... gostei de conversar com você...

— Ella... — ele replica, vindo lentamente até mim, mas parando quando me vê correr.

Ele não me segue e sou tão, tão grata por isso. A sensação que tenho é que a distância entre o píer e a pousada nunca foi tão grande. Sean ainda permanece na chuva, não se importando em se molhar. Quando chego na lateral da casa e paro em frente à porta da cozinha, os pingos de chuva caem do meu cabelo e das minhas roupas. Olho uma última vez para ele, antes de entrar e me

proteger atrás da porta fechada.



Quatro

Por via das dúvidas, fiquei dentro de casa todo o domingo. Embora estivesse um dia tão lindo e ensolarado quanto sábado havia sido; tive medo de cruzar novamente com Sean caso andasse pela área externa da pousada. Hope detestou isso, é óbvio. Foi preciso persuadi-la de alguma forma, e eu usei sorvete e desenhos animados. Funcionou, graças a Deus...

A semana se iniciou e me agarrei à minha rotina, como se ela fosse a minha tábua de salvação em uma enchente. Acordar bem cedo e preparar o café da manhã dos hóspedes; agora são nove. Lavar toda a louça, depois que todos desfrutaram da minha comida na grande sala de estar na ala oeste. Esperar que todos os hóspedes saiam — principalmente aquele que estou tentando desesperadamente evitar —, então arrastar um grande cesto para roupas, repleto de lençóis limpos, enquanto eu os troco pelos lençóis sujos... eu gosto dessa parte, talvez mais do que as outras. Perco-me em pensamentos, enquanto aliso os lençóis brancos de algodão sobre as camas. É terapêutico, de uma forma bem estranha, mas funciona.

— Sean é um cara legal — minha mãe diz em minhas costas, enquanto eu caminho até o quarto da pessoa em questão.

— Ele é sim — concordo, não me virando para ela.

O assunto me surpreende, é fato, e ainda que eu não queira, sinto-me incomodada com isso. Retiro a chave-mestra que está em meu cesto e abro lentamente a porta do seu quarto. Eu sei que ele não está aqui, porque fiz questão de esperar que seu carro saísse do estacionamento, com ele bem visível em frente ao volante.

— Ele gosta de você, aparentemente.

Rio, puxando o lençol de uma das camas com um pouco mais de força. Como alguém pode gostar de alguém, após dois... bem, três, breves encontros? Isso não fez sentido algum.

— E me perguntou sobre você duas vezes ontem — ela continua, diante

do meu silêncio. — E hoje novamente.

— E o que disse a ele? — Pergunto, levantando brevemente o meu rosto e voltando para a minha tarefa a seguir.

— Que estava ocupada, mas que talvez você o procurasse mais tarde.

— Mãe... — a censuro, mas sem levantar a voz, embora meneie a cabeça em descrença. — É óbvio que não farei isso.

— E por que não? — Ela demanda, se aproximando e me ajudando a prender uma das pontas do lençol embaixo do colchão.

— Porque ele é um dos nossos hóspedes e está aqui de forma temporária; não há nenhuma razão para mudarmos esse status.

— Isso não é de fato uma razão incontestável. — Ela replica, segurando um dos travesseiros e me encarando. — Ele é jovem e bonito, você também... qual o problema de saírem em um encontro?

— Qual o problema? — Exaspero, levantando o edredom que seguro, com brusquidão. — Qual o seu problema, mãe?

Ela nunca me incentiva a sair ou a fazer coisas que me tiram da minha zona de conforto, por isso o rumo da conversa me surpreende e me desagrada ainda mais.

— Você merece mais, Ella — ela me diz, de forma séria. — Já faz muito tempo...

Minhas mãos interrompem a sua tarefa, enquanto respiro longamente. Meu coração bate um pouco mais forte, mas não me permito pensar no que minha mãe fala.

— Nunca será tempo bastante, mãe. — Sucinto, incomodada.

— Você merece mais, Ella — ela repete com ênfase. — Hope merece mais, eu não viverei para sempre, sabe disso.

— Claro que sei, mas você ainda é muito jovem, mãe... — rio, de forma nervosa. — E o que tudo isso significa?

— Significa que eu quero que tenha uma vida melhor.

— Essa é a vida que escolhi, a vida que quero para mim.

— Não, essa é a vida que te possibilita se esconder de todos, mas não é a vida que quer... você só tem medo de querer mais.

— Você está enganada — é tudo o que posso murmurar, não sabendo como devo reagir diante de tudo isso. — E se Sean perguntar sobre mim mais uma vez, diga que viajei e só voltarei daqui a um mês.

Ela ri... Sean certamente não irá acreditar, já que eu lhe disse que nunca saio da cidade. *Por que lhe disse tantas coisas sobre mim?*

— Você não herdou essa teimosia de mim. — Ela diz, sustentando um sorriso.

— Não me diga que foi do meu pai? — Estremeço com a ideia. — E não é teimosia, você não entende que estou feliz assim?

— Feliz, Ella? Como pode mentir tanto para si mesma?

— Não é mentira — sussurro, me sentindo cada vez mais acuada. — Talvez eu mereça mais, mas não quero mais... você precisa respeitar as minhas escolhas, eu não quero me envolver com Sean ou com qualquer outra pessoa. Sinta-se à vontade para ocupar o meu lugar, se quiser, você é jovem, aposto que faz o seu tipo...

— O quê? — Ela exclama, em choque.

Meus olhos aumentam em perplexidade. Acabei de ofender a minha mãe, sugerindo que ela saia com um homem que não é o seu marido, o meu pai. Não é da minha natureza agir com agressividade. Eu nunca ofendi os meus pais, mesmo que um deles — o meu pai, na maioria das vezes — estivesse agindo de forma injusta. Eu não sou assim, destemperada. O olhar ofendido no rosto da minha mãe, traz um nó desagradável em meu estômago.

— Desculpe — balbucio, envergonhada. — Desculpe, mãe... eu não quis dizer isto.

Ela me olha em silêncio por um curto tempo. Então, deposita o travesseiro que segura, sobre a cama que acabei de arrumar. Ela demora para ajeitá-lo de forma perfeita, alinhando o tecido da fronha de forma exagerada. Imagino que esteja usando o tempo para se acalmar, algo que eu certamente deveria ter feito antes. As palavras, quando jogadas ao vento nunca mais retornam. Sabemos disso agora.

— Sinto muito — digo mais uma vez.

— Está tudo bem, Ella — ela replica, segurando a minha mão sobre a cama. — Eu só quero que seja feliz, entende isso?

— Sim.

— Só quero o melhor para você e para a Hope, talvez eu não tenha sido boa em demonstrar isso todas as vezes, mas é tudo o que quero.

— Eu sei, mãe e eu só quero paz... — digo, soltando lentamente a minha mão da sua. — Ir a um encontro, namorar ou mesmo me apaixonar por alguém, não significa felicidade instantânea.

— Sei disso, mas a solidão é algo triste e amargo; não quero isso para você.

— Eu tenho você e a Hope — ofereço, com um sorriso triste. — E eu gosto da solidão, realmente gosto.

— Está bem — ela assente, finalmente caminhando até a porta. — Eu não falarei mais sobre Sean, ou qualquer outro hóspede que aparecer e se interessar por você.

— Obrigada por isso.

— Mas Ella, um dia você perceberá que o passado, embora doloroso; não pode mais te machucar — ela profetiza, apertando o batente da porta. — Então a

solidão não será mais tão boa, isso eu lhe garanto...

Ela sai, depois de jogar essa bomba sobre mim. A minha mente agora está repleta de pensamentos que não deveriam estar lá e eles me acompanham por todo o dia...



Estamos no final da tarde e Hope quis passear com sua bicicleta de rodinhas, na entrada da pousada. Há uma calçada de grama baixa, que não a possibilita andar com tanta velocidade, mas ela parece gostar de praticar exatamente aqui. Eu não teria vindo se a minha mãe não me garantisse que Sean só volta à pousada no meio da noite e embora eu não acredite tanto assim em sua palavra, me senti incapaz de negar o pedido de Hope. E eu sempre posso me esconder atrás de uma árvore se for o caso, espero que não seja.

— Olha, Ella — Hope grita, passando por mim com a sua bicicleta lilás, com fitilhos coloridos no guidão. — Estou pedalando muito rápido.

— Sim, estou vendo. — Rio, do que ela julga ser rápido. Por sorte, não é o mesmo que eu.

— A minha *bicliceta* é muito bonita. — Ela se orgulha, fazendo o caminho inverso agora e passando novamente por mim.

Rio um pouco mais, da forma como a palavra bicicleta sai da sua boca. Ela sempre troca esse tipo de fonema.

— É bicicleta — enfatizo, brincando com a grama ao meu lado. — E sim, a sua bicicleta é muito linda.

— Você tinha uma assim quando era a pequena?

— Tinha, não tão linda, no entanto. A minha era vermelha e branca e sem fitinhas também.

— Eu gosto das minhas fitinhas. — Ela sorri, parando à minha frente. Os

seus pequenos dentes brancos brilhando para mim. Eu amo esse sorriso, *ah, como amo!*

— Elas são lindas — replico, sorrindo também. — Vamos colocar mais depois, de todas as cores. Então elas irão balançar de encontro ao vento todas as vezes em que andar.

— Eba — ela bate palmas, voltando a pedalar novamente.

Cruzo as minhas pernas e deixo as minhas mãos descansarem em meus joelhos, enquanto observo Hope ir e vir, sem se cansar. A vitalidade de uma criança pequena é invejável; uma energia infinita. Ela sorri e me acena a cada vez que passa por mim, me obrigando a acenar de volta. É uma bênção que a sua bicicleta possua rodas laterais que mantenham o seu equilíbrio, caso contrário, seria muito perigoso que ela abandonasse o guidão para me acenar tantas vezes.

— Tome cuidado — alerta, mesmo que por ora não haja perigo nenhum. — Segure com as duas mãos.

— Eu sei... — ela ri, parecendo uma adulta dona de si.

A sua risada preenche o ar e traz um sorriso tranquilo aos meus lábios. Em momentos assim, eu sinto um pouco de paz. Uma paz realmente genuína e preciosa. Giro o meu rosto na direção oposta e encaro o pôr do sol. Ele se põe lentamente, quase como se não quisesse ir embora. As duas coisas mais lindas desse lugar são, sem dúvidas, o pôr do sol e o nascer da lua. E quando a lua está plena e refletida no lago, então, é uma obra-prima. Costumo pensar que se um dia eu for embora dessa cidade, essas serão as coisas que me farão falta. O pôr do sol não pode ser tão lindo em qualquer outro lugar do mundo. Definitivamente, não.

Giro o meu rosto para Hope outra vez, apenas alguns minutos depois. Mesmo que eu esteja ouvindo o barulho da sua bicicleta e de sua risada, não posso me permitir perdê-la de vista assim. Sorrio para ela, mas quando vejo uma pick-up vermelha no final da rua, vindo em nossa direção; meu sorriso morre. É Sean, não tenho nenhuma dúvida. Meu coração se acelera de forma involuntária. Não é como se um *serial killer* estivesse vindo até nós, — com o desejo iminente de nós matar — mas me sinto da mesma forma e eu quero correr para um lugar seguro e me esconder lá.

Ele desce do carro, assim que estaciona. A primeira coisa que vejo são

botas marrons. Ele veste um jeans claro e camisa xadrez preta. Parece desproporcional ao calor que fez durante o dia, mas quando ele caminha até Hope e sua bicicleta, consigo ver a camiseta branca por baixo. Ele para diante de Hope e conversa com ela por um tempo. Não sou capaz de ouvir o que eles dizem, mas mantenho a minha total atenção nos dois. Ela sorri o tempo todo e ri ao final da conversa, enquanto Sean afaga os seus cabelos. Certamente foi algo agradável.

Quando ele caminha até mim, meu coração salta mais um pouco. É tarde demais para fugir ou me esconder atrás da árvore em que estou apoiada, por isso não me mexo e sustento o seu olhar através dos poucos passos que nos separam. Ele paira sobre mim e sorri, como de costume. De alguma forma esse sorriso me acalma um pouco, talvez por ser tão amigável e caloroso. Eu sei, apenas por seu olhar, que ele não dirá nada que possa me constranger.

— Oi — ele murmura, colocando as mãos em ambos os bolsos.

— Oi, Sean — Sorrio brevemente, alternando o meu olhar entre Hope e ele.

Ela passa por nós e acena, parecendo duplamente feliz no momento. Ela gosta de Sean, eu sabia que iria gostar. Hope sente falta de uma figura masculina em sua vida; o nosso pai não conta. Muitas vezes eu a peguei conversando com os hóspedes, ou com o senhor Brown; nosso jardineiro. Se um dia eu me casasse, sei que teria que ser com alguém que amasse Hope também. Mas isso já foi riscado dos meus planos há muito tempo.

— Viu como a minha *bicliceta* é linda, Sean? — Ela questiona, passando por nós mais uma vez.

— Claro que vi — ele responde com carinho, sem corrigir a sua pronúncia errada. — Muito linda, realmente.

— Ella me deu no Natal, — ela conta, já com alguma distância de onde Sean e eu estamos. — Porque fui uma boa menina.

— Aposto que você sempre é uma boa menina. — Ele replica, arrancando um sorriso seu.

Hope se concentra, por fim, na tarefa de apenas pedalar. Ir até o final da

calçada, girar a sua bicicleta e fazer o caminho de volta. Isso, por infinitas vezes. Durante um tempo, Sean e eu apenas a observamos em silêncio, até que ele se agache à minha frente e me olhe, exigindo a minha atenção.

— Você está bem? — Ele me pergunta, gentil.

— Sim — afirmo. — E você?

— Sim — ele diz, buscando em meu rosto, algo além da minha resposta simples.

— Como vai a sua reforma? — Pergunto, para distraí-lo. — Muito trabalho?

— Sim, estamos longe de terminar — ele ri, coçando a nuca como percebi que gosta de fazer. — Lewis é muito exigente, ele está me enlouquecendo, para dizer a verdade.

— Lewis — replico sem querer... esse nome traz lembranças agridoces ao meu coração e faz muito tempo que não o ouço. Embora existam alguns Lewis em Beaufort, sei que River não era o único.

— Lewis, meu amigo. Companheiro da marinha — conta, me olhando com atenção. — Ele me arrastou para cá, para me fazer trabalhar durante as férias.

— Estou vendo — não contenho um riso breve.

— Fiquei com raiva no início — ele continua. — Mas então eu te conheci e acabei perdendo-o. Eu não teria te conhecido, se não tivesse concordado em ser o seu escravo durante esse tempo.

Eu estava errada sobre ele não me constranger, estou envergonhada agora.

— Ainda não vi o seu amigo uma única vez. — Pontuo, arrancando um tufo de grama para ocupar as minhas mãos nervosas. — Estou começando a me questionar se ele não é apenas fruto da sua imaginação.

— Um amigo imaginário? — Ele replica, divertido.

— Algo do tipo....

— Não, eu te garanto que ele é muito real.

— Ok — assinto, olhando para o seu rosto novamente. — De onde vocês vieram, afinal?

— A nossa base atual fica na Flórida, Jacksonville — ele conta, virando parcialmente o rosto para sorrir para Hope quando ela passa pelas suas costas. — Você iria gostar de lá.

— Como sabe? — Pergunto, intrigada. Ele parece tão convicto do que diz, como se me conhecesse há anos. Se soubesse que tudo o que ele vê é apenas a superfície de um lago muito profundo, não teria tanta convicção.

— É um palpite — responde, sentando-se ao meu lado como fez no píer. A sua perna toca levemente a minha e eu me afasto de forma sutil. Ele nota, mas não diz nada. — Você nunca quis sair daqui? Morar em outra cidade, ou estado?

— Quando era mais jovem... — digo, vagamente.

— Você ainda é jovem. — Ele ri. — Bem jovem, na verdade.

— Quando eu era adolescente, então. — Corrijo, rindo também. — Às vezes eu me sinto muito velha.

— Todos nos sentimos, eventualmente — ele replica, brincando com as tags em seu pescoço. — Mas você ainda tem um mundo de chances à sua frente.

— É o que todos me dizem.

— Você não acredita?

— É utópico pensar assim. A vida, em sua forma prática, é bem diferente de todos aqueles discursos que ouvimos na escola.

— Quais discursos exatamente? — Ele se interessa.

— De que podemos realizar todos os nossos sonhos — respondo, olhando para o pôr do sol mais uma vez. — De que podemos escolher qualquer caminho, que somos capazes de tudo... invencíveis. Super-heróis!

— Nenhum professor nunca me disse isto. — Ele sorri, quando retorno o meu olhar para o seu.

— Imagino que eles fossem mais realistas. — Ofereço, em um tom leve.

— É provável — ele assente. — Ainda assim eu acredito que podemos escolher qualquer caminho e que somos capazes de quase tudo, mas a parte de sermos invencíveis é mentira.

Rio, de forma espontânea e ao invés de isso me tranquilizar, me causa medo. Sean está aqui de forma temporária e não será o meu salvador. Preciso manter as minhas barreiras bem firmes enquanto ele estiver aqui, é o melhor para todos. Para ele principalmente.

— Alguém te fez acreditar que não tinha escolha, em algum momento da sua vida? — Ele me sonda, intrigado.

— A vida me fez — respondo com rapidez. — Mas é assim com a maioria das pessoas, não estou reclamando.

— Como eu disse, você ainda é muito jovem e tem escolhas, se a vida te mostrou o contrário; duvide dela.

— Ok, farei isso. — Prometo, colocando um ponto final nesse assunto.

Por isso não gosto de conversar com as pessoas; você começa falando sobre o sol e termina lhe contando sobre as suas mais tolas inseguranças. Não posso deixar que Sean seja o meu soro da verdade. Eu nem o conheço, isso é ridículo, para dizer o mínimo.

Meus olhos estão fixos em Hope, torcendo para que ela se canse a qualquer momento e peça para entrar. Ainda assim, sei que Sean está me encarando, e eu quero me levantar, mas nem consigo me mexer. Providencialmente o seu celular vibra, me permito olhá-lo enquanto ele procura-o no bolso da calça.

— É o Lewis — ele me conta, olhando para a tela e digitando com rapidez. — Vim buscar a carteira que ele deixou no quarto e acabei me esquecendo que precisava fazer isso.

Ele ri das próprias palavras, mas eu apenas o encaro em silêncio. Sean parece ter a genuína necessidade de me explicar e eu me pergunto se lhe dei a impressão de que ele deveria fazer isso. Porque eu ficaria mais confortável se ele não o fizesse... menos detalhes pessoais. Prefiro conversar sobre o tempo, que aliás está ótimo.

— Quer me esperar, enquanto corro até meu quarto e volto com uma foto dele? — Ele oferece, ficando em pé com rapidez.

— Como assim? — Pergunto confusa.

— Uma foto de Lewis, para provar que ele é real mesmo.

— Ah... — exclamo, sorrindo lentamente. — Não é necessário, eu acredito em você.

— Tem certeza?

— Sim, e eu preciso entrar com Hope e lhe dar banho; caso contrário ela irá dormir enquanto lavo o seu cabelo.

— Tudo bem. — Ele assente, estendendo a mão para que eu me levante também.

Aceito, sem hesitar. É apenas um toque de mãos, digo a mim mesma, enquanto a sua mão quente aperta a minha. Ainda assim, ele não a solta quando já estou em pé diante dele. Sean me encara por segundos, mas a sensação é de horas. Então ele beija os meus dedos e por fim, solta a minha mão. Não sei exatamente como me sinto a respeito do seu toque, contudo, obrigo a minha mente a não se alarmar. Deus sabe onde ela me levaria, se eu deixasse.

— Te vejo por aí? — Ele pergunta, já se afastando com o celular em mãos.

— Sim — murmuro, incerta. O destino parece querer nos colocar nos mesmo lugares.

— Ok...

Ele me dá as costas e se afasta em direção à pousada, mas faz o caminho mais longo apenas para se despedir de Hope. Ele lhe diz algo de forma breve e afaga os seus cabelos mais uma vez, antes de correr em direção ao seu quarto. Vejo-me sozinha e caminho em direção à Hope.

— Vamos entrar — digo a ela, usando uma das mãos para parar a sua bicicleta.

— Ah, não... só mais um pouquinho. — Ela pede, fazendo bico e já tentando girar a sua bicicleta novamente.

— Ah, sim... você não quer gastar as suas pernas, quer?

— Isso é possível? — Ela arregala os olhos... *sou uma péssima, irmã... terrível.*

— Eu não sei... — dou de ombros. — Mas não devemos arriscar, quer ficar sem suas pernas? Acho que não...

— Não — Hope aceita a derrota, saindo vagarosamente da bicicleta. — Não, não quero.

— Boa escolha. — Rio, segurando a sua bicicleta ao mesmo tempo em que ela começa a correr de mim.

— Vem me pegar, Ella.

— Estou indo... — balbucio, ainda caminhando vagarosamente atrás dela.

— Venha, você não está correndo... — ela ri, se virando para mim.

— Estou sim — também rio, começando a andar mais rápido; isso é o que basta para fazê-la gritar em euforia. — Não adianta correr, estou chegando...

não pode fugir do shampoo...



Cinco

O Halloween não é a minha data comemorativa favorita. Embora a minha mãe tenha me fantasiado desde que estive em sua barriga e tenha tirado infinitas fotos para a posteridade, isso não foi o suficiente para me fazer amar essa data. Mas hoje é um dia especial e estou excepcionalmente animada com a minha fantasia de Dorothy. Não é sensual, como muitas garotas da minha escola irão usar, contudo isso não a torna menos linda. E bem, eu tenho apenas quinze anos, não me sentiria à vontade usando algo sensual e decotado. Estou satisfeita com o meu vestido comportado até os joelhos, em um xadrez azul e babados brancos. Também tenho a camisa branca clássica por baixo dele, além dos sapatinhos vermelhos e as meias brancas até os joelhos. Meu cabelo está preso em duas tranças laterais e a única coisa que me difere da Dorothy original são as pontas azuis, assim como a cor dos meus olhos. Eu não pintei realmente o meu cabelo; é um spray cosmético temporário, ainda não sou ousada.

Olho para a minha imagem no espelho e sorrio lentamente. Estou animada, exultante, de uma forma que jamais me senti antes. É complicado explicar exatamente como me sinto agora, algo semelhante a um frio na barriga interminável e que se espalha por todo o meu corpo.

Afasto-me do espelho, depois de me admirar por longos minutos e ando até a minha cama de solteiro no canto do quarto. Em cima da colcha amarela, está a cestinha da Dorothy... a minha cestinha para essa noite. De dentro dela sai um pequeno focinho e orelhas pontudas do meu Totó de pelúcia marrom. Isso me faz rir, porque estou transbordando alegria. Seguro a alça da cesta com ambas as mãos e saio do quarto.

Desço os degraus que me levam à sala, com bastante animação, mas paro por um instante, assim que ouço as vozes dos meus pais vindas da cozinha. Não é uma conversa feliz, mas mais uma de suas constantes discussões. Minha mãe precisa me levar até a minha escola, onde o baile de Halloween irá acontecer; esse é o único motivo que me impede de sair sem chamar a atenção dos dois. Relutantemente, caminho até a cozinha. A minha postura não se assemelha em nada com a animação de antes, estou tensa, louca para sair dessa casa o quanto antes...

— Estou cansada disso, Kurt — minha mãe grita, enquanto me aproximo. — Cansada...

— Você reclama de tudo, Madeleine — meu pai grita de volta, com ainda mais agressão. — Eu é que estou cansado dessa vida.

Paro sob o batente da porta aberta e tusso levemente, ambas as cabeças giram em minha direção. Dois pares de olhos zangados e mesmo que essa ira não seja destinada a mim exatamente, eu me encolho.

— Ainda vai me dar uma carona até a escola, mãe? — Pergunto, com a voz fraca. Eu detesto a tensão quase visível que paira no ar.

— Sim, claro — ela concorda com rapidez, pegando as chaves do carro sobre a mesa do café. O seu olhar está mais suave, quando ela passa por mim e me encara brevemente. — Vamos agora.

Assinto, olhando para o meu pai. Diferente de minha mãe, o seu olhar ainda é muito zangado. Ele me encara e me desconcerta. Não sei por que ele está tão bravo, ele não costumava ser tão inflexível assim; mas agora qualquer coisa tira o do sério.

— Não quero que chegue tarde — diz, por fim, depositando o copo de uísque que segura, sobre a ilha no meio da cozinha. — Ainda tem aula amanhã, não tem?

— Sim — confirmo, com um breve meneio. — No máximo às onze...

— Dez — ele me interpela. — Dez e vinte, no mais tardar.

— Tudo bem. — Apresso-me em concordar, quando a buzina do carro soa alta.

Caminho até ele, beijando brevemente o seu rosto e então corro até a garagem. Meu pai não é mau, tampouco é um poço de doçura. Contudo, nunca tive medo dele antes, agora eu tenho, às vezes. Não que eu ache que ele seria capaz de nos machucar, mas conviver com brigas constantes é desanimador.

Abro a porta do passageiro do carro da minha mãe e entro. Ela sai antes mesmo que possa me ajeitar no banco, ou prender o meu cinto. O carro arranca da garagem e ganha a rua com brusquidão. Parece um tanto inseguro dirigir assim e eu aperto a minha cestinha com força, tentando manter a calma.

— Não precisa ir tão rápido, mãe. — Exclamo, alguns minutos depois. — Já estamos longe de casa.

— Desculpe — ela balbucia, abrandando a velocidade e o seu aperto no volante.

— Você e o papai deveriam se separar. — Digo, olhando pela janela.

— Não diga bobagens, Ella.

— Vocês brigam todos os dias... bem, menos quando ele não dorme em casa.

Ela para bruscamente em um sinal vermelho, me assustando e me obrigando a espalmar as mãos no painel do carro. Olho para ela e mordo a minha bochecha.

— Desculpe, ficou vermelho de repente — ela fala, passando as mãos pelos cabelos castanhos despenteados. — Preciso cortar o cabelo.

— Ele está bonito assim. — Murmuro, tocando o seu braço.

— Está horrível — ela replica, quase com raiva. Mas sei que não é de mim, e sim dela mesma.

Quero perguntar sobre a sua briga com o meu pai, porém me calo. Não pode ter sido sobre qualquer outra coisa, que não as suas constantes viagens e noites fora de casa. Minha mãe sabe das traições, eu sei das traições... droga, o quarto inteiro sabe sobre isso. Por que ela aceita? O seu amor por ele é tão maior que por ela mesma?

O silêncio reina mais que absoluto pelos próximos minutos que faltam até chegarmos a minha escola. É incômodo, porque sei que mamãe está chateada e gostaria de poder consolá-la; mas me sinto incapaz.

— Você está linda. — Ela me diz, quando estaciona de forma desajeitada no meio-fio em frente à escola.

— Obrigada! — Sorrio, me inclinando para beijar o seu rosto.

Ajusto a minha postura e me preparo para sair, quando o carro de Mason Lewis estaciona à frente do nosso. É um conversível novo, que fez cada garoto da escola em idade para dirigir, sentir inveja. River salta do lado do passageiro, enquanto o motor ainda está ligado. Silenciosamente, eu rezo para que Mason arranque e vá embora. O tamanho da minha paixão por River, é proporcional a minha antipatia por Mason. Eles são tão diferentes, que não sou capaz de encontrar algo tão oposto para compará-los. Vai além do simples vinho e água.

River permanece na calçada e Mason vai embora. Sem me controlar, solto um longo suspiro. Meus olhos se encontram com os de River através do para-brisas. Ele está vestido como Tom Cruise em Top Gun, com direito a jaqueta marrom de couro e todos as insígnias nela. Não sei onde ele a encontrou, mas ficou perfeita com o seu jeans escuro. Só posso me perder em seu olhar, porque o seu par de óculos aviador está enroscado em seus dedos. Ele me olha com intensidade e eu correspondo, não me importando — ao menos por enquanto — com minha mãe no banco ao lado.

Não sei quanto tempo isso dura, julgo que meros breves segundos, mas estou congelada em meu banco. Mal consigo respirar... River sorri... começa lento até se transformar em um grande e brilhante sorriso e eu sorrio de volta. Não estamos disfarçando mais. Agora trocamos sorrisos durante todo o dia. Conversamos brevemente no corredor entre as aulas, são frases curtas, mas que significam muito e eu me sinto cada vez mais encantada, sonhando com o dia em que finalmente daremos um passo à frente em nossa relação.

— Você gosta dele, não gosta? — Minha mãe me pergunta, exigindo a minha atenção.

Viro-me rapidamente para ela, lamentando perder a minha conexão com River. Não respondo e quando volto a olhar para a calçada, ele não está mais lá. Isso, sem que eu possa evitar, me causa uma grande tristeza. Deveria ter descido do carro e ido falar com ele. Eu queria muito falar com ele...

— Você gosta? — Minha mãe insiste.

— Do River? — Desconverso. Não sei se deveria falar com ela sobre isso.

— Sim, do River... — ela ri. — Não precisa responder, está escrito em seu rosto.

— *Ele é um bom amigo.*

— *Tenho certeza que ele é muito mais do que isso. — Ela diz, apertando a minha mão.*

— *Bom... — mordo o meu lábio. — Você vem me buscar mais tarde?*

— *Sim, qual horário o seu pai estabeleceu?*

— *Dez e vinte, no mais tardar. — Recito. — Palavras exatas dele.*

— *Eu chegarei às dez e meia, talvez dez e quarenta... pode ser que seja às onze.*

— *Ele ficará bravo. — Rio, já abrindo a porta.*

— *Que se dane — ela revira os olhos, batendo no volante.*

— *Ok, fique bem.*

— *Você também, Ella — ela replica, ligando o carro. — E se precisar escolher entre doçuras ou travessuras, já sabe...*

— *Fique apenas com as doçuras. — Completo, batendo a porta.*

Piso na calçada, olhando para o seu carro sumindo na rua. A única doçura que me vem à cabeça é um beijo de River Lewis.



— *Estou com saudades do papai — Hope me diz, enquanto penteio os seus cabelos.*

Estamos sentadas na cama, as minhas costas amparadas pela parede, Hope no meio das minhas pernas. O pente em minha mão para, enquanto

absorvo as palavras que jamais imaginei ouvir de sua boca.

— Você está? — Pergunto, voltando à minha tarefa anterior.

— Eu estou — ela responde em um murmúrio.

— Você não o viu na semana passada?

— Sim, mas foi muito rápido e ele estava ocupado.

— Ele sempre está ocupado — pontuo com ironia, me esquecendo por completo que Hope jamais entenderia.

— Por que ele não mora com a gente? — Me pergunta, virando o rosto para mim e ficando com o pente preso em seu cabelo... isso me faz sorrir.

— Porque ele trabalha muito e viaja muito também. — Explico, embora seja uma grande mentira; não é essa a razão. Mas Hope também não entenderia. — E acho que ele não gosta muito da pousada.

— Acho que ele não gosta muito de mim também. — Sussurra, olhando para as suas mãos.

— Está doida? — exaspero-me mais do que deveria. — Quem te disse algo assim? Foi ele? Foi o papai, Hope?

— Não, eu só... — ela balbucia, envergonhada. — Vocês moravam juntos quando era pequena?

— Sim — respondo, relutante. Ela não deveria ter um raciocínio tão bom com menos de cinco anos.

— Então, agora ele não quer morar com a gente por minha causa.

— É claro que não. — Bufo, para enfatizar a ideia absurda. — Ele e a mamãe estão passando por alguns problemas, mas que dizem respeito só aos dois... e você é tão maravilhosa, acha mesmo que alguém poderia não gostar de você? Por favor!

Ela ri da forma engraçada com a qual pronuncio a última palavra. Nunca imaginei que Hope pudesse alimentar esse tipo de insegurança. Erroneamente imaginei que ela estivesse feliz e confortável com a vida que levamos, mesmo que ela seja, por vezes, diferente da vida que outras crianças de sua idade levam. Ela é pequena demais para entender a complexidade da nossa estrutura familiar. Porque talvez no fundo, todos os seus medos sejam realmente reais.

— Nunca mais pense nisso — digo, tirando o pente preso em seu cabelo e a trazendo até o meu peito. — Todo mundo te adora, viu como Sean te conheceu há pouco tempo e já gosta tanto de você?

— Sim — ela responde com alegria.

— Todas as pessoas que te conhecem, se apaixonam e eu te amo demais.

— Eu também te amo, Ella — ela recita, ficando em seus joelhos para me beijar. — Posso pentear o seu cabelo agora?

— Vai embarcá-lo como fez da última vez? — Demando, franzindo as sobrancelhas de propósito.

— Não, eu não vou — ela se apressa em negar, juntando as mãos em uma súplica. — Por favor, Ella.

— Tudo bem — concordo, tirando a toalha do meu cabelo recém-lavado. — Tenha cuidado.

Seu sorriso é gigante e quase me cega. Hope ama pentear o meu cabelo, e trançá-lo de forma que quebre todos os fios e o deixe embaraçado por dias. Sou como uma boneca gigante para ela, mas diante da nossa conversa, não posso lhe negar este pedido.

Afasto-me da parede e lhe dou espaço para pairar sobre mim, às minhas costas. Ela puxa o pente da minha mão e começa a pentear o meu cabelo. Fecho os olhos quando o pente enrosca a primeira vez, mas desliza em seguida, sem dificuldades. Óbvio que ela o enrosca outras vezes mais, ainda assim não digo nada. Hope está ficando cada vez melhor em me pentear. Estou orgulhosa da sua perseverança, ou teimosia, não sei qual dos dois adjetivos devo usar.

— Você vai se casar um dia? Com um homem igual ao papai? — Ela me

pergunta, de repente.

Abro os olhos em alerta... *não e definitivamente, não com um homem como o meu pai*. Na verdade, se eu me casasse um dia, escolheria alguém que fosse o oposto do meu pai.

— Por que uma pergunta tão inesperada? — Eu a sondo, me virando vagarosamente.

— Porque quero saber se você vai me deixar morar na sua casa. — Ela sorri, esperançosa.

— Se um dia eu me casar — dou risada, quando as palavras saem da minha boca e soam de forma insólita. — Prometo que te levarei comigo. Mas infelizmente eu acho que isso nunca irá acontecer.

— Por quê?

— Porque nem mesmo tenho um namorado.

— Não quer namorar o Sean? — Ela demanda, como se me oferecesse uma fatia de bolo.

— Meu Deus, até você Hope — Suspiro, mas mantenho um sorriso, roubando o pente da sua mão e terminando eu mesma de pentear os meus cabelos.

— Por que você não pode namorar o Sean? — Ela indaga, com genuíno interesse e curiosidade.

— Porque ele nem mesmo mora aqui, ele mora na Flórida e irá voltar para lá daqui alguns dias e nós nunca mais iremos nos ver.

— *Hummm...* — ela morde os lábios e se deita de barriga para baixo, me encarando com aqueles olhinhos cheios de vontade. — Sean me convidou para tomar sorvete.

— Então era isso o que ele estava te falando? — Resmungo, jogando o pente para o lado e trançando o meu cabelo.

— Sim e ele me disse para te convidar também.

— Claro que disse...

— Podemos ir, Ella?

— Não, não podemos.

— E por que não? — Ela lamenta, em desagrado.

— Temos muito sorvete em casa.

— Não é a mesma coisa — ela chora, não literalmente. Parece o miado de um gatinho. — Na sorveteria tem muito mais sabores e doces e caldas...

— Eu te levo outro dia, prometo. — Ofereço, saindo da cama e indo até a cômoda em busca de um elástico para a minha trança.

— Eu quero ir com o Sean.

— Mas eu não quero. — Coloco as mãos na cintura e a encaro. — Você iria sem mim?

— Sim... — ela não hesita.

Hope é tão honesta, isso ainda me choca. Acabo rindo.

— Obrigada por me amar tanto. — Ela sorri e me amolece, sempre me amolece.

— Quero ir com você também — ela emenda, ainda mantendo o sorriso. — Nós três.

— Depois de me dizer que iria sem mim — dramatizo, me jogando ao seu lado na cama. — Que horas ele disse que te levaria?

— Acho que tarde, ele vai esperar na frente de casa. — Ela sorri ainda mais, extremamente animada com a minha pergunta. — E me disse que posso

escolher o sorvete que quiser. Eu quero um bem grande, o maior de todos.

— E depois ficará com muita dor de barriga. — Murmuro, sendo a voz da razão.

— Você vai? — Ela insiste, subindo em meu estômago e me fazendo gemer. — Por favor, Ella... eu quero passear no carro do Sean.

— É tão fácil te subordinar. — Recito, tocando o seu cabelo. — Nós iremos, mas só dessa vez.

— *Tá, tá bom...* — ela festeja, saltando em minha barriga como se fosse uma cama elástica. — Obrigada, Ella.

— De nada. — Beijo o seu rosto, colocando-a do meu lado e puxo o lençol sobre nós. — Agora vamos dormir.

Ela concorda, abraçando o seu pônei desgastado e se ajeitando em seu travesseiro. Deito ao seu lado, apagando as luzes e deixo que a lua ilumine parcialmente o quarto. Ficamos quietas, encaro o teto com os olhos abertos e acompanho a respiração de Hope. Lentamente ela se torna mais suave, e dez minutos depois, eu sei que ela já está dormindo. Levanto-me da cama, visto o roupão azul de flanela, que fica atrás da porta e saio do quarto com cuidado.

Do lado de fora, olho brevemente para os degraus que levam até o quarto da minha mãe, e não ouço barulho algum. São apenas nove da noite e sei que ela já está dormindo há algum tempo, graças à mistura de chá de canela e rum que costuma ingerir todas as noites. Questiono-me se devo vê-la primeiro, mas acabo descendo os degraus em direção à cozinha. Infelizmente, com a reforma que meu pai fez na mansão, antes de mudarmos, só temos acesso aos quartos de hóspedes através da recepção ou de outra porta, que fica poucos metros à frente da primeira. É por onde os hóspedes entram quando a recepção está fechada e eles querem retornar para os quartos em um horário mais tardio. Posuo ambas as chaves, mas abro a porta de vidro da recepção e a fecho com a mesma rapidez, mal acredito no que estou prestes a fazer.

Respiro lentamente, várias vezes, e então caminho pelo corredor que me levará até o quarto de Sean. Meus pés pesam quando subo os degraus e caminho um pouco mais. Há quatro quartos nesse corredor e todas as portas estão fechadas, inclusive a do banheiro; mas ouço o barulho da água que cai do outro lado. Bato na porta, de forma leve e baixa. Não sou atendida, volto a bater de

forma mais forte, olhando para os lados para saber se não perturbei os outros hóspedes. A porta de Sean se abre e ele me encara, com uma mão na maçaneta e a outra no batente. Ele usa uma calça de moletom e nada mais, inclusive sapatos ou meias, e parece chocado em me ver. Eu também estou... chocada com a minha coragem de vir até aqui.

— Ella — ele balbucia, incerto. — Aconteceu alguma coisa?

— Não... — engulo, olhando para o chão. — Só queria te dizer algo, pode sair por um minuto?

— Claro — ele concorda, andando pelo quarto e voltando com uma camiseta nas mãos.

Ele a veste com rapidez, encobrendo a pequena cruz no meio do seu peito e a bandeira americana, colorida e flamulando, em um dos seus bíceps.

— Tudo bem? — Ele me sonda.

Encosto-me à parede, Sean à minha frente. Mas ele tem o bom senso de manter uma distância educada entre nós.

— Você convidou Hope para sair? — Questiono com calma. Está tudo tão quieto, que me obrigo a sussurrar.

— Sim — ele não desmente. — Algum problema?

— Deveria ter conversado comigo primeiro. Me perguntado se podia, se eu te autorizava. Ela não tem nem cinco anos.

— Desculpe — ele lamenta, sem se abalar. — Não quis ser desrespeitoso, só quis deixá-la feliz; foi algo inofensivo, Ella.

— Você não a convidou porque eu lhe disse não no outro dia? Não foi uma forma de me obrigar a sair com você, foi?

— Não, não foi — ele nega com rapidez e a sinceridade cintila em seus olhos, mas ele pode ser um bom mentiroso. *Como irei saber?*

— Tem certeza? — Desafio, cruzando os braços. — Porque, com a parte de “traga a Ella com você” foi justamente o que me pareceu.

— Não foi a minha intenção — ele passa a mão pelo cabelo e a deixa descansar em sua nuca. — Ela é uma criança, como pontuou. Você é a adulta ao seu redor, foi essa a lógica.

— Não sei — olho para os meus pés e chuto uma poeira invisível. Só agora me dei conta das minhas meias de flamingo, Hope tem iguais. Comprei para nós duas, depois de muita insistência dela.

— É somente uma taça de sorvete e um breve passeio de carro durante o dia — Sean recita, ganhado a minha atenção mais uma vez. — Não estou forçando um encontro para o qual disse não, eu não sou esse tipo de cara.

— Ainda assim, eu não gostei do que fez. — Murmuro, sustentando o seu olhar.

— Me perdoe, vou conversar com Hope amanhã e explicar que não posso levá-la mais...

— Não — levanto a mão para interrompê-lo. — Você não pode fazer isso.

— Então o que quer que eu faça, Ella? — Ele me pergunta, colocando as mãos nos bolsos da calça.

— Você não convive com crianças pequenas, convive?

— Não de forma direta — ele responde, confuso. — Tenho alguns amigos com filhos, apenas isso. Por que a pergunta?

— Porque se você promete alguma coisa a uma criança, ou lhe garante um passeio ou um presente, saiba que ela jamais se esquecerá disso. No caso de Hope — sorrio, fazendo uma pausa. — Ela não esquece de absolutamente nada e falará sobre isso por meses. Eu só lhe conto alguma novidade quando tenho absoluta certeza de que ela irá se concretizar. Para não criar expectativas desnecessárias, entende?

— Sim, eu entendo.

— Se você cancelar o passeio ela ficará muito triste, então... — respiro, enquanto penso no quão triste Hope ficaria sem o seu passeio prometido.

— Então nós iremos? — Ele indaga, completando a sentença.

— Sim, nós iremos — murmuro, olhando para a sua camiseta cinza com a inscrição *Navy Seals*, nela.

— Tudo bem! — Ele sorri, quebrando a distância entre nós.

— Nunca mais faça isso, Sean — digo com seriedade. — Nunca mais prometa algo à Hope, ou tente chegar até mim através dela.

— Eu não fiz isso, Ella — ele parece ofendido, chateado. O sorriso cai do seu rosto e ele me encara com o lábio inferior entre os dentes. — Sinceramente? Imaginei que Hope fosse esquecer da minha oferta cinco minutos depois.

— Você não conhece a Hope — refuto, rindo. — Agora sabe que ela não se esquece de nada, nada... se preocupe com cada palavra que irá lhe dizer.

— Agora eu sei — ele repete com um sorriso torto. — Me desculpe, Ella. Não fique brava!

Eu o encaro em silêncio. Quero acreditar que ele está sendo sincero, mas, ao mesmo tempo, se for mentira eu tenho um motivo para me manter longe. Foi isso o que eu quis desde o início, não foi?

— Eu fiquei brava — admito, sincera. — Não vim até aqui apenas para lhe desejar boa noite.

— Eu percebi isso — ele ri, ainda me encarando.

Meus sentimentos são ambíguos agora. Conflitantes entre si. Não sei exatamente como me sinto, mas a ausência do desconforto usual que me invade quando estou diante de um homem, já não existe. É normal, digo ao meu coração, Sean e eu não somos mais estranhos. Somos quase amigos agora...

quase.

— Tudo bem, estou indo agora — digo, sorrindo rapidamente e passando por ele. Isso o obriga a me dar espaço e coloco alguma distância entre nós, novamente. — Boa noite, Sean!

—Boa noite, Ella! — Replica, colocando as mãos novamente em seus bolsos. — Te vejo amanhã...

Assinto, olhando-o por mais alguns segundos. Viro-me e caminho lentamente, bem diferente da primeira vez em que estivemos juntos nesse corredor. Enquanto ando, sinto os olhos de Sean sobre mim, e quase tenho vontade de correr mais uma vez, mas não o faço. Piso na recepção e respiro com lentidão. Acabei de aceitar um encontro com Sean e embora Hope seja o motivo crucial de tudo isso, não posso evitar a culpa que sorrateiramente me invade. Culpa, porque o meu coração queria que fosse River em seu lugar. Culpa, porque eu fui a única a afastá-lo da minha vida e de repente me dou conta de que ele nunca irá voltar. Nunca mais seremos nós dois em uma mesa de sorveteria e por mais que eu me esforce, jamais preencherei esse vazio em meu coração...



Seis

São três e cinquenta e cinco da tarde, e Hope e eu estamos caminhando de mãos dadas até o gramado em nossa calçada. Isso, porque somos pontuais e Hope me enlouqueceria se não saíssemos de casa nos próximos minutos. Olho para ela e contenho um sorriso. Nunca a vi tão feliz, como um fogo de artifício prestes a explodir em mil cores. Algo que eu espero que não aconteça literalmente, mas é a exata sensação que tenho no momento.

Dessa vez eu a vesti, depois de tomarmos banho juntas e brincarmos na pequena banheira que temos à nossa disposição. Eu escolhi um vestido branco que chega até os seus joelhos, com listras verticais azuis. É de um tecido leve, perfeito para o calor da tarde. As suas alças se cruzam nas costas e terminam em um laço. É adorável, exatamente como Hope. Em seu cabelo, fiz dois coques em ambas as extremidades. Amo esse penteado para ela, mas Hope sempre me diz que se parecem com orelhas de urso.

O meu vestido é vermelho, em poá azul. Ele tem alças finas e pequenos botões, também azuis, que terminam no início da sua saia rodada até os joelhos. É da minha mãe e não meu, embora ela tenha ficado imensamente feliz com a

possibilidade de me emprestá-lo para que eu finalmente saísse de casa. Na minha adolescência eu amava comprar roupas e possuir a maior variedade delas, mas agora vivo como uma Amish, e só compro algo que realmente preciso. Roupas que servem apenas para me deixar bonita, não são essenciais para mim. O meu cabelo está solto e eu apenas me preocupei em colocar uma tiara fina, que evite que ele caia sobre o meu rosto.

Hope sorri para mim quando me pega olhando em sua direção. Estou feliz por ela, mas com receio do que esse passeio possa me fazer sentir. Toda essa situação vai muito além da minha zona de conforto e estar aqui, prestes a entrar no carro de Sean, demanda muita coragem da minha parte.

— Ele está lá — Hope exclama, usando o dedo indicador para apontar em direção ao carro de Sean, logo à frente.

Ao que parece, assim como nós duas, Sean também é pontual. Continuo andando, ou praticamente sendo puxada por uma Hope eufórica. Sean sorri para nós e não me esforço tanto em retribuir o seu sorriso, ele nasce naturalmente em meu rosto. Talvez por ser difícil não me deixar contagiar pela alegria da criança ao meu lado. Da forma como Hope está se comportando, parece que não saímos de casa há meses e quando faço um exame mais minucioso em minha mente, percebo que é verdade. Eu gosto de me esconder do mundo aqui na pousada. É o meu lugar seguro. Talvez eu esteja obrigando Hope a se esconder também. Essa possibilidade causa um nó no meu estômago, enquanto a culpa, sem controle, começa a se arrastar sobre mim. Aperto um pouco mais a sua mão quando paramos em frente ao Sean.

— Oi — ele diz, alternando o seu olhar entre Hope e eu. — Ella... Hope!

— Sean — assinto.

— Oi, Sean — Hope balbucia, alegremente. — Podemos ir agora?

Ele ri do meu desespero em forma de ansiedade. Eu não sei de quem ela herdou essa personalidade, ou se todas as crianças são genuinamente mais verdadeiras que os adultos. Não me recordo de ser tão aberta a amizades como Hope é.

— Claro que podemos. — Ele concorda, já abrindo a porta do passageiro para ela entrar.

A sua mão se solta da minha e ela caminha até o carro, ocupando rapidamente o banco traseiro. Observo em silêncio, contendo a vontade de ajeitar o seu cinto e a sua postura no banco. Mas Sean se mostra muito cuidadoso, e faz isso por mim.

— Tudo bem? — Ele me sonda, após fechar a porta de Hope e vir até mim.

— Sim — sorrio, cruzando os pés à frente do corpo. — Você?

— Estou bem — ele devolve o meu sorriso, segurando a minha mão e me levando até a outra extremidade do carro. — Você está bonita, Ella.

— Obrigada — solto lentamente a minha mão e a coloco sobre o meu estômago.

Ele olha para a mão que descansa em minha barriga e para o meu rosto, então abre a porta para mim e com um gesto sutil de queixo, me convida a entrar. Eu me sento, virando o meu rosto sobre o ombro e olho para Hope no banco traseiro. Seus olhos estão ainda mais brilhantes e as bochechas rosadas, que eu sei que é sinônimo de felicidade. Ajeito-me no banco e puxo o meu cinto, esse é o tempo necessário para que Sean sente-se em seu lugar em frente ao volante. Não falo nada, não sei o que dizer. Ele liga o carro e sai sem pressa alguma, ganhando a pequena estrada que nos levará até o centro.

Hope desatina a falar, contando para Sean sobre o episódio matinal do seu desenho favorito, ou lhe explicando qual sabor de sorvete ela irá escolher. Limito-me a rir em alguns momentos, enquanto os dois interagem.

Sean me olha algumas vezes, através dos óculos escuros que colocou para dirigir. Sem permissão, meus olhos viajam por suas mãos, firmes ao volante de couro. Os seus braços flexionados levemente enquanto ele dirige. A sua camiseta cinza, de tecido suave. O seu jeans preto e levemente puído em alguns pontos, e por fim, as suas botas pretas. Ele está bonito também, mas eu seria incapaz de lhe retribuir o elogio que fez a mim. Sean certamente é o tipo de cara que chama a atenção sem nenhum esforço; assim como River...

— Você está quieta. — Sean me diz, quando paramos em um cruzamento. — Se arrependeu de ter vindo?

Se ele soubesse... mordo o meu lábio, olhando para frente até que o carro volte a ganhar movimento.

— Não, não me arrependi — murmuro, olhando para o painel.

— Já escolheu o seu sabor de sorvete? — Ele alonga o assunto, e há uma nota de divertimento em sua voz.

— Morango, é o meu favorito.

Volto a olhá-lo e ele sorri lentamente. Ele tem o tipo de sorriso doce e convidativo. O tipo que faz com que as pessoas tenham vontade de se aproximar e puxar conversa. Aposto que ele tem muitos amigos ao seu redor. Garotas também, eu tenho absoluta certeza... assim como River deve ter em sua nova vida. *Deus*, não importa o quanto eu tente, não consigo afastá-lo dos meus pensamentos.

— É o meu favorito também — ouço-o dizer.

— Mentira — recito, com calma. Não é uma exclamação exacerbada, do tipo animada; mais uma constatação mesmo.

Ele ri e Hope também, embora eu acredite que ela não saiba o motivo e a sua risada seja apenas reflexo da risada de Sean.

— Ok... — ele me diz. — Não é exatamente o meu favorito, mas um dos. Estamos falando de sorvete, ninguém consegue escolher um só.

— Eu amo chocolate, mas morango é o meu favorito... eu o tomaria facilmente pelo resto da vida.

— Você tem personalidade.

— Sou leal. — Replico, desviando os meus olhos do seu rosto alegre. — Sou leal às minhas crenças e sorvete de morango é o melhor do mundo.

— Se você diz... — ele balbucia divertido, deixando o resto da sentença para a imaginação.

Calo-me mais uma vez e diante do silêncio de Hope, que está muito interessada na paisagem à volta; Sean liga o rádio da pick-up. *Every Breath you Take* soa, a partir do seu refrão. Ironicamente, preciso conter uma respiração. Uma que facilmente entregaria a nostalgia que essa música traz à minha alma. Minha mão esquerda se fecha sobre o meu cinto de segurança e encaro a janela.

— Não gosta dessa música? — Sean me questiona, diante do meu desconforto mal disfarçado.

— Gosto — respondo, olhando para o meu reflexo no vidro.

A música continua a preencher o silêncio, e toda a minha atenção ainda está em meu reflexo na janela. Não estou olhando para a paisagem, mas sim para a garota que muitas vezes esqueço que ainda sou. Algo tão banal como uma música, me faz lembrar de tudo o que deveria ter sido. De todos os planos que nunca tiveram nem mesmo a chance de fracassar. Eles nunca saíram dos meus sonhos, ou dos meus desejos.

A música acaba e outra começa, em seguida. Finalmente cruzamos a rua mais movimentada do centro. É onde se concentram os correios, a floricultura e uma variedade quase insana de restaurantes e lanchonetes. Eu nunca venho aqui, porque o supermercado fica a uma rua antes e é o único lugar para o qual vou quando saio de casa. Sean não tem dificuldades de estacionar em frente a uma loja de tortas e sorvetes. Ele desliga o carro e retira os seus óculos, me olhando com um sorriso torto. Sem que eu possa esboçar qualquer reação, ele desprende o seu cinto. Abre a sua porta e sai, contornando o seu carro em direção a minha porta. Antecipo-me e a abro, o obrigando a parar no meio do caminho e sorrir.

Ajeito o meu vestido, e o cabelo que continua exatamente do mesmo jeito, e espero até que Sean retire Hope do carro. Para a minha surpresa ambos caminham de mãos dadas, me obrigando a juntar-me a eles. Estou do lado de Hope, subimos três pequenos degraus que nos levam até a entrada. A mão de Sean se espalma sobre o vidro, mantendo a porta aberta e permitindo que passemos por ela.

Hope corre na frente, em direção a uma das cabines vagas, ajoelhando-se no banco estofado e se debruçando sobre a mesa branca. Nos juntamos a ela. Eu me sento ao seu lado, Sean logo à frente, em minha direção.

— Olha só isso, Ella — Hope grita ao segurar o cardápio. — Tem muita coisa aqui.

— Sim — concordo, colocando uma mão em suas costas. — Mas fale baixo, e não escolha uma montanha de besteiras.

Ela pisca para mim, rindo. Imagino a visão que a minha frase acabou de criar para a sua imaginação infantil e fértil.

Olho para Sean. As suas mãos tamborilam sobre o outro cardápio da mesa. Olho ao redor. Há mais meia dúzia de pessoas aqui, embora o ambiente seja bem grande. Eu não conheço nenhum dos funcionários daqui, bem diferente das atendentes gentis e curiosas do mercado em que frequento.

— Já escolheu? — Pergunto a Hope, minutos depois.

— *Hummm...* — Ela morde o seu pequeno polegar. — Eu quero chocolate, creme, tuti-frutti, algodão doce...

— Vamos pegar chocolate e creme primeiro. — Interrompo-a.

— E calda?

— Sim, calda e confeitos também.

Ela sorri, aparentemente satisfeita com a minha oferta. Volta a olhar o cardápio, como se ele fosse uma revista colorida e interessante. Levanto o meu olhar para Sean e o encontro me encarando. Ele já abandonou o seu cardápio e agora está encostado na cabine, com as mãos sobre a mesa.

— Você tem muito jeito com ela. — Ele me diz.

— Com Hope? — Quero saber, espalmando as minhas mãos cruzadas, também sobre a mesa larga.

— Sim.

— Ela é fácil de lidar. — Sorrio, olhando para Hope.

— Concorde — ele replica, desviando o olhar do meu para chamar uma das atendentes.

Fazemos nossos pedidos sem problemas. Sean escolhe uma torta quente

de maçã, com sorvete de creme. Fico com um milk-shake de morango. E Hope, com as suas duas bolas de chocolate e creme, muita calda de caramelo, morango e chocolate, confeitos variados e biscoito. Espero que tenhamos tempo de gastar todo esse açúcar antes da hora de dormir.

— Quando você vai voltar para a sua casa, Sean? — Hope pergunta, enquanto esperamos nossos pedidos ficarem prontos.

— Não sei — ele pondera, olhando para mim. — Ainda tenho três semanas de férias, eu ficaria aqui por todo esse tempo.

— Mas eventualmente você terá que ir. — Vejo-me dizendo. É essencial que isso fique claro para Hope também.

— Eu sempre posso voltar. — Ele sorri.

— Claro — murmuro, olhando para o movimento da rua, através das paredes de vidro.

— Você não quer que eu volte? — Sean me pergunta, de repente.

— Turistas são sempre bem-vindos, nós precisamos do dinheiro.

Ele ri alto, jogando a cabeça para trás e esfregando os olhos. Hope levanta a cabeça da sua inspeção do cardápio e ri também. Eu não quis ser engraçada, talvez tenha soado de forma rude; mas nenhuma das duas coisas foi a minha real intenção. Toco o meu rosto, me sentindo levemente incomodada.

— Você contou uma piada... — ele pontua, quando para de rir; mas ainda mantém um sorriso. — Isso é realmente inédito vindo de você.

— Você não me conhece tão bem assim, e não foi uma piada.

— Tudo bem — ele levanta uma das mãos, como se pedisse paz. — Não quis chateá-la, ou ofendê-la.

— Não me ofendeu, nem chateou — replico.

— E eu definitivamente não te conheço, mas quero, muito.

— Por quê? — Sondo, depois de me certificar que Hope está distraída novamente.

— Por quê? — Ele ri mais uma vez, de forma breve. — Porque gosto de você.

— Não passamos tempo juntos o suficiente para isso. — É a minha vez de rir, um tanto nervosa; confesso.

— Talvez não tenhamos passado, mas gostei de você desde o primeiro instante.

— Não acho isso possível — desconverso. — E você nem mesmo mora aqui, não há sentido algum em querer me conhecer melhor.

— Eu não moro em outro planeta, Ella. — Ele exclama, um pouco mais sério.

— Sei disso, mas...

— Você não quer me conhecer melhor. — Afirma, ao completar por mim.

— Não disse isso, mas...

— Não se preocupe. — Ele sorri, por fim. — Estou brincando.

Abro a boca para replicar, não sei exatamente o quê; mas a garçonete chega com nossos pedidos e Hope toma toda a atenção para ela. Provo meu milk-shake, evitando de todas as formas o rosto bonito e sorridente de Sean. Minha boca não abandona o canudo branco e vermelho, enquanto as minhas duas companhias conversam entre elas. Hope se lambuza com o seu sorvete, sempre com um sorriso gigantesco em seu rosto. Ao final de tudo, a sua pequena barriga está tão cheia que ela não quer provar novos sabores.

Sean insiste para que eu prove a sua torta, e embora eu negue a princípio; acabo cedendo no final. Ainda assim, eu não permito que ele traga o pedaço até a minha boca, como ele gostaria de fazer. Parece pessoal demais. Contudo, isso me obriga a lhe oferecer o meu milk-shake e diferente de mim, ele aceita logo no

início. A sua boca tocando o canudo onde a minha boca esteve por tanto tempo, me deixa estranhamente incomodada. É algo tão tolo, mas não posso evitar o desconforto que isso me causa. Sean é um cara tão legal, que eu definitivamente não quero me comportar feito uma louca dessa vez.

— Vou ao banheiro — balbucio de repente, quando a ideia cruza a minha mente. — Quer vir também, Hope?

— Sim — ela murmura, já saindo da cabine e segurando a minha mão.

— Voltamos logo — informo a Sean.

Não espero a sua resposta. Virando com Hope ao meu lado, ando até a atendente mais próxima e lhe pergunto onde fica o banheiro. É no fundo da loja, em um pequeno corredor com uma porta de cada lado. Entro no banheiro feminino, colocando Hope em uma das cabines, depois de garantir que está limpa.

— Consegue ir sozinha? — Indago, com um pequeno sorriso.

— Sim — ela responde, já levantando o seu vestido e fechando levemente a porta.

— Não tranque — recomendo, espalmando as mãos no pequeno balcão de mármore ao lado.

O frio sob a minha palma é bem-vindo. Meu coração parece querer saltar do meu peito sem razão. Tudo isso por causa de um canudo de *milk-shake*?

Deus, eu não poderia ser mais patética nem se me esforçasse. Respiro, encarando a minha imagem no espelho retangular. Estou apenas mais pálida. Puxo a tiara em meu cabelo e ajeito os fios com os dedos, volto a recolocá-la e lavo o meu rosto. Retiro uma grande quantidade de papel-toalha e o seco com lentidão. Isso ajuda a me acalmar.

Hope escancara a porta do banheiro e sai, esquecendo de apertar a descarga. Volto e faço isso por ela, além de ajudá-la a lavar bem as suas mãos. Perco tempo ajeitando o seu vestido, cabelos e limpando o seu rosto lambuzado de calda. Não há pressa em voltar para junto de Sean, mas preciso fazê-lo, querendo ou não. Seguro a mão de Hope e voltamos para o salão da loja. Percebo que o lugar começa a encher gradativamente, são cinco da tarde agora.

Paramos em frente a nossa cabine, Sean está falando ao celular. Hope se encaixa em seu lugar e eu me sento ao seu lado mais uma vez, deixando minhas mãos sobre o joelho, embaixo da mesa.

— Ok, tudo bem. Passo para te pegar. — Ele diz para a pessoa do outro lado. — Até mais, cara.

Ele desliga e me encara. Já percebi que essa é uma das suas coisas favoritas quando estamos juntos; me olhar. Já conheci, há tempos, uma pessoa que gostava de fazer a mesma coisa e eu amava ser olhada por ele. Mas com Sean, bem, eu não sei se gosto tanto assim, principalmente agora.

— Podemos ir? — Questiono com calma. — Já está tarde.

— Tem certeza? Faz pouco tempo que chegamos — ele replica, girando o celular sobre a mesa. — Não quer mais alguma coisa?

— Não, obrigada — respondo com pressa.

— E você, Hope? — Ele pergunta, sorrindo para ela.

— Minha barriga está cheia — ela ri, se debruçando sobre a mesa. — Podemos levar sorvete para a casa?

— Não, não podemos. — Respondo por Sean.

— Por quê? — Ela franze as sobrancelhas, pensativa.

— Porque sim. — Replico, sem maiores explicações. — Seja boazinha, você já tomou todo o seu sorvete.

— *Tá* — Hope murmura não muito feliz, mas sei que o seu desagrado irá durar pouco tempo.

Olho para Sean novamente, mas não falo nada. Ele assente, entendendo perfeitamente que o meu silêncio não dá margens para discussões sem sentido. Internamente eu agradeço por isso.

— Volto em um minuto — ele nos diz, se levantando em seguida e

saindo da cabine.

Viro-me para Hope e seguro a sua mão.

— Por que precisamos ir embora tão rápido? — Ela indaga, quando estamos à sós. — Não podemos ficar mais tempo com Sean?

— Não, não podemos, Hope. — Digo, tentando soar paciente. — Por favor, não peça para ir em outro lugar, nós já fizemos o que você queria e não foi tão rápido assim.

— Foi sim — ela me interrompe, infeliz. — Não quero voltar para a pousada agora.

— Mas nós estamos voltando e você será boazinha e educada, porque é uma menina obediente e gentil. — Recito, quando me giro e vejo Sean caminhando outra vez até a cabine.

Fico em pé e puxo Hope para o meu lado, a sua mão sempre presa à minha. Sean para à nossa frente, com uma garrafa de água e uma barra de chocolate nas mãos. Ele entrega o chocolate para Hope, e isso lhe rouba um grande sorriso.

— Podemos ir agora? — Eu pergunto mais uma vez.

— Claro — ele concorda, colocando uma das mãos em minhas costas para me guiar.

Andamos até a saída, a sua mão ainda em mim, mas eu não digo ou faço algo para afastá-lo. Ele destrava o alarme do seu carro, quando chegamos até ele. Tomo a iniciativa, dessa vez, de colocar Hope no banco do passageiro. Ajeito-a com cuidado, porém, de forma rápida. A sua barra de chocolate ainda está intacta em suas mãos. Se eu bem a conheço, ela irá guardá-la assim por um tempo, como um tesouro; ainda mais por ter sido um presente de Sean. Hope parece cada vez mais encantada por ele. Fecho a porta e caminho até o assento destinado a mim. Sean já me espera com a porta do passageiro aberta, mas antes que eu me sente, ele diz:

— Preciso passar e pegar o Lewis em sua casa, ele precisa de uma

carona. Tudo bem para você?

Mordo a bochecha, incomodada; não está tudo bem. Eu não gostaria que um estranho fosse acrescentado a esse passeio tão estranho quanto.

— Se você se incomodar, tudo bem — ele continua, diante do meu silêncio. — Posso levá-las até a pousada e voltar aqui para buscá-lo. Sem problemas.

— Não — apresso-me em dizer. — Isso não é necessário, passe para pegá-lo; eu não me importo.

É uma mentira, mas parece rude da minha parte querer que ele me leve para a casa, antes de buscar o amigo. Há muito espaço no carro para que duas viagens sejam justificadas.

— Vou me sentar atrás com Hope, então seu amigo pode sentar-se na frente. — Explico, porque parece o mais educado a ser feito.

— Fique, por enquanto. — Sean replica. — Quando chegarmos lá, você pode trocar de lugar.

Não discuto, sentando rapidamente e puxando o meu cinto também. Sean faz o mesmo, também de forma rápida. O carro sai do estacionamento e o rádio é ligado. Uma música romântica de *Frank Sinatra*, toca baixinho. Entramos na rua onde morei até o colegial. Passamos em frente ao sedan do meu pai diante da garagem e eu desvio o olhar. Sean segue por mais três ruas à frente e minhas mãos começam a suar. Torço para que ele vire à esquerda, mas sua pick-up gira para a direita. Estamos andando pela rua que evitei durante os últimos anos. Imediatamente me enervo. Tento não demonstrar o meu pânico, olhando para o lado oposto à casa que evito a qualquer custo, mas é exatamente onde Sean estaciona minutos depois.

Não pode ser... não pode ser... não pode ser... Meu coração bate com desespero. Não me mexo, não viro o rosto, não posso olhar; mas preciso. Preciso ir para o banco de trás para que o amigo de Sean se sente aqui. O amigo que se chama Lewis... Lewis, que não deve ser realmente o seu nome. Os militares se tratam por seu sobrenome.

Abro a porta, estou cada vez mais desesperada. Piso no concreto duro, mas parece ser areia movediça. Meus pés estão incertos. Apoio-me parcialmente

no carro e olho para a casa, enquanto a sua porta começa a ser fechada. Eu reconheceria essa casa em qualquer lugar. Dois andares, persianas clássicas, porta de madeira robusta, um telhado vermelho, uma varanda com piso de madeira e colunas desenhadas. Cinco degraus que levam ao amplo gramado. Uma roseira à esquerda. A garagem com portão azul, à direita.

Um jovem homem, alto e de espessos cabelos negros, fecha a porta. A sua camiseta preta se adere aos seus braços e peito. Ele é forte. O seu jeans, apesar de escuro, está sujo. Isso é visível. Com a cabeça ainda baixa, ele bate em suas coxas e joelhos enquanto caminha até nós. As suas botas marrons, como as de Sean, pisam no gramado sem cuidado algum. Meu coração salta, ele levanta a cabeça e sorri para Sean... o seu rosto é, por fim, visível para mim.

Olhos castanhos, expressivos e familiares, encaram-me em choque. Estamos ambos surpresos com as ardilosidades do destino... É River... *não, não, não...* por que precisávamos nos reencontrar dessa forma? Por que precisávamos nos reencontrar realmente?

Minhas mãos tremem, de encontro à minha boca parcialmente aberta.

— Ella — ele murmura, repleto de surpresa e dúvida. Parece que não consegue acreditar que sou real, e eu me sinto da mesma forma. *Isso é um sonho? Um pesadelo? Um delírio?*

— River... — murmuro fracamente, mal acreditando em meus ouvidos, quando o nome que imaginei que jamais recitaria outra vez; sai dos meus lábios.



Hoje é o meu aniversário, mas minha mãe está ocupada demais com os seus problemas conjugais, para se lembrar disso no momento. Meu pai me deixou um presente no balcão da nossa cozinha, antes de viajar para a Geórgia, esta manhã. Eu ainda não o abri, porém, a sua caixinha retangular e azul, me faz crer que seja uma joia. Essa é sempre a sua aposta para presentes. Ano passado eu ganhei brincos de ouro. Talvez, mais tarde, minha mãe me dê um presente também. Se até lá ela houver superado os efeitos que seus remédios para dormir lhe causam.

Mas quer saber? Não estou tão abalada quanto achei que ficaria. Pode ser que as poucas horas dos meus dezesseis anos já estejam me trazendo alguma maturidade. Não irei chorar por não ganhar um jantar em família, com direito a bolo e velinhas ao final. Porque, Deus sabe o quão desastroso esse jantar poderia ser.

Eu ficarei bem... sim, eu ficarei bem, digo a mim mesma ao manobrar a minha bicicleta para fora de nossa garagem. Subo nela e pedalo como se não houvesse preocupações em minha mente. O vento da tarde bate em meus cabelos e fecho os olhos por um breve instante, sorrindo em seguida.

Preciso de dez minutos para chegar à sorveteria no centro da cidade. Está lotada, absolutamente abarrotada de moradores e turistas. Ainda assim, estaciono a minha bicicleta em um canto qualquer e entro. Quase não há espaço algum para caminhar, mas me contorço entre as pessoas e chego até o freezer de picolés. Curiosamente não há ninguém nesse canto, porque as pessoas estão mais interessadas em milk-shakes e sundaes elaborados. Meu braço direito se estica até o fundo do freezer, enquanto meus olhos se concentram no último picolé de morango, mas eu nunca chego a tocá-lo. Isso porque outra mão, provida de dedos mais ágeis que os meus, chega antes. Puxo rapidamente o meu braço e o trago até o peito, frustrada. Esse picolé era a única coisa que eu definitivamente queria hoje.

— Você quer? — O ladrão de picolés me pergunta.

Essa voz... eu a reconheceria em qualquer lugar e aqui não seria diferente, mesmo com todo o zumbido ao nosso redor. Levanto os olhos do chão e encontro River diante de mim. Ele sorri, me estendendo o sorvete em suas mãos.

— Está tudo bem — apresso-me em dizer, não aceitando a sua oferta generosa; mas sorrio em retorno.

Sei que morango é o seu sabor favorito de sorvete. É o seu sabor favorito para muitas outras coisas também. Eu o observo o suficiente para saber disso. De uma forma bem estranha, morango tornou-se o meu sabor favorito de sorvete, balas ou doces... porque sou um pouco louca quando se trata de River Lewis.

— Fique, eu faço questão — River insiste, empurrando sutilmente o sorvete em minhas mãos.

— Obrigada — murmuro ao aceitá-lo, ainda sorrindo para ele.

— Tudo bem — ele responde de forma leve, buscando um outro sabor de sorvete no freezer. — É o meu presente para você...

— Sabe que hoje é o meu aniversário? — Demando, elevando a voz com surpresa.

— Não — responde, tão surpreso quanto. — Hoje é seu aniversário?

— Sim, é — não nego, embora esteja envergonhada por lhe dizer.

River me olha, enquanto fecha o freezer e segura o seu picolé de creme. Ele cortou o seu cabelo, posso dizer ao sentir falta daquela mecha teimosa que caía em sua testa. Mas o cabelo curto também lhe deixa lindo e a forma tão carinhoso com a qual sorri para mim, faz com que a minha alma flutue ao redor.

— Eu não sabia — ele ri brevemente, tirando o picolé de morango das minhas mãos e indo até o balcão para pagá-lo.

Espero por ele, ainda estoica ao lado do freezer. Se eu pudesse me mexer, pegaria o dinheiro no bolso do meu short e pagaria o meu próprio sorvete. River volta até mim meio minuto depois. Entrega o meu picolé e um saquinho de confeitos de chocolate, aceito os dois de bom grado. Giro o meu corpo para sair da sorveteria, que está ainda mais cheia agora. A mão de River toca as minhas costas, enquanto ele me guia gentilmente até a saída. Não seria exagerado dizer

que todo ar em meu pulmão se esvaiu com esse leve contato.

Paramos na calçada, a alguns metros de onde a minha bicicleta está. Olho para River e ele não parece ter pressa alguma em me deixar sozinha. Estou nervosa por sua proximidade, mas gosto tanto de tê-lo por perto, que ignoro o meu coração acelerado. Enquanto nos olhamos em silêncio, River pega o meu picolé — a essa altura quase derretido — e o abre para mim.

— Faça um pedido! — Ele recita, me entregando o picolé já fora de sua embalagem.

— Como se fosse um bolo com velinhas de aniversário? — Sondo com um grande sorriso. Nossos dedos se esbarram sutilmente quando seguro o sorvete.

— Sim — ele ri. — Por que não?

— Por que não? — Encolho os ombros e fecho os olhos.

Finjo pensar em um desejo por alguns segundos. A verdade é que só existe uma única coisa que quero na vida. Um único sonho constante, um único desejo latente que nunca me abandona; e ele está diante de mim.

Abro os olhos e mordo o meu sorvete. River sorri e faz o mesmo com o seu. Caminho até onde a minha bicicleta ficou parada e sento no meio-fio da calçada. River me segue e senta-se ao meu lado. O seu jeans roça o meu joelho diversas vezes, enquanto trocamos olhares sorrateiros.

— Parabéns... — ele me diz, quando os nossos picolés já estão quase acabando. — Se soubesse que hoje era seu aniversário, juro que teria comprado algo melhor.

— Melhor que sorvete de morango? — Dou uma risadinha, olhando para o chão. — Foi o melhor presente do mundo, River.

— Acho difícil acreditar — ele ri também.

Se ele soubesse que apenas poder olhar para os seus lindos olhos castanhos, é o mais belo presente que já ganhei...

— Acredite, esse foi o melhor momento do meu dia.

Quem sabe do meu mês, completo em pensamento.

— Do meu também, Ella — ele sorri, encostando o ombro ao meu.

Essa é a primeira vez em que estamos tão perto e gosto tanto, tanto disso...



Meus olhos parecem me pregar uma peça, me enganando enquanto o meu passado me encara a alguns metros. A visão de River diante de mim não parece real ao nos olharmos em silêncio. Faz tanto tempo, mas por alguns instantes é como se nem um único dia houvesse passado de fato. O meu coração o reconhece de imediato, ainda que minha mente insista em pontuar que não pertencemos mais um ao outro. Somos estranhos.

— Vocês se conhecem? — Sean pergunta, alternado o olhar entre River e eu.

River e eu... ouço as palavras que ecoam ao redor e ainda acho que estou em alguma realidade paralela. Os últimos dois minutos não podem ser nada, além de um delírio da minha parte. Sean me olha à espera de uma resposta, mas eu não posso falar. Embora a minha boca se abra, nada, absolutamente nenhum som sai de dentro dela.

— Sim — River responde, aparentemente muito mais equilibrado que eu.
— Da escola.

— Ora, que mundo pequeno... eu te disse, Ella — Sean recita, rindo. — Estudaram juntos?

— Não — murmuro debilmente.

— Ella é quase dois anos mais nova — River completa.

— Isso é incrível. — Sean acrescenta. — Velhos amigos!

Ele não faz ideia do quão incrível isso realmente é. Tento sorrir, mas se torna um desastre completo. Usando o pouco de autocontrole que ainda possuo, entro no carro e sento-me ao lado de Hope. Juro que por um momento cogitei a possibilidade de correr até a minha casa, mas me lembrei que ela estava dentro do carro e isso tornaria a minha fuga mais complicada.

Sean ocupa o seu lugar e River senta-se no mesmo lugar onde estive até pouco minutos. Algo tão bobo como isso não deveria acelerar o meu coração, mas o faz. Minhas mãos ainda tremem, talvez um pouco mais que antes. Coloco-as sob as minhas pernas e isso faz com que eu me pareça com uma criança de cinco anos; mas Deus, quem se importa?

— Tudo bem, Ella? — Sean me sonda quando dá a partida.

Meus olhos se encontram com os seus no retrovisor. Eu pareço apavorada e estou, estou mortalmente assustada. Odeio expor essa parte tão frágil da minha alma, mas quanto mais luto para controlar as minhas emoções, mais expostas elas ficam.

— Sim — consigo balbuciar, sem convicção alguma. — Apenas um dor de cabeça chata.

— Por ter reencontrado o Lewis — ele debocha do amigo ao seu lado. — Isso é muito justificável.

— Muito engraçado — River devolve, rindo naturalmente. — Ella costumava gostar de me ver, não é mesmo, Ella?

Como ele pode agir com tamanha calma? Como pôde se recompor tão rápido, quando eu me sinto em frangalhos, prestes a cair ao chão? Eu não posso simplesmente responder a isso, estou a ponto de desmaiar. Nossos olhos também se encontram no retrovisor, é doloroso fisicamente sustentar o seu olhar. Existe um abismo temporal de cinco anos entre nós e eu não reconheço mais os olhos castanhos que se refletem no espelho. Eu não sei mais quem River é, e tenho muito medo da pessoa que ele possa ter se tornado ao longo dos anos. Além do mais, ele tem sólidos motivos para não gostar de mim e imagino que não fará questão alguma de fingir o contrário.

— Não é? — Ele insiste, diante do meu silêncio.

Odeio a minha fraqueza. Por que não posso ser tão forte ou corajosa quanto ele? Desvio o meu olhar, encarando uma Hope quase dormente. Ela precisava sentir sono justamente agora? Quando eu mais iria apreciar a sua tagarelice espontânea. Solto o seu cinto e a trago para perto, a sua cabeça em meu peito, quando ela enfim fecha os olhos. Seguro a sua barra de chocolate, agora totalmente derretida e amassada. Minhas mãos estão frias e eu preciso do calor do seu pequeno corpo, mais do que nunca.

— Quem é ela? — River pergunta, me assustando com a rudeza tão aparente em sua voz.

— Hope — Sean responde, aparentemente alheio a tensão que flui entre seu amigo e eu.

— Sua filha? — River demanda, girando brevemente a cabeça sobre os ombros para me olhar.

Engulo em seco. Não estou preparada para conversas casuais, ele precisa urgentemente parar de me fazer perguntas. Ele me encara com firmeza, como se deixasse claro que não aceita o meu silêncio como resposta.

— Minha irmã — recito sutilmente.

— Irmã? — Refuta surpreso, voltando a me olhar através do retrovisor.
— Não me recordo da gravidez da sua mãe quando me mudei daqui.

Não fale comigo, por favor... eu quero me fundir ao assento de couro e desaparecer por completo. Infelizmente não importa o quanto eu me encolha, ainda não me torno invisível aos seus olhos.

— Ela estava grávida. — Digo, concentrando o meu olhar em Hope. — De alguns meses...

— Entendo — River murmura, dando o assunto por encerrado.

Graças a Deus, Sean e ele desviam a conversa para algo que interessa apenas a ambos. Agradeço por ser excluída. Tudo o que quero é que essa viagem acabe de uma vez, então correrei com Hope até o nosso quarto e só sairei de lá

quando os dois homens à frente, não estiverem mais nessa cidade. Não sei como farei algo assim, mas farei.

Embora eu esteja completamente quieta, e nem mesmo a minha respiração faça algum barulho; vez ou outra me vejo buscando o olhar de River. É inevitável, como se uma força masoquista me persuadissem a isso. Durante esses cinco anos em que estivemos separados, cheguei à conclusão que nós dois jamais voltaríamos a ocupar o mesmo espaço novamente, eu estava errada. O destino desenhou tão bem esse reencontro, que River me encontrou mesmo quando não moro mais na mesma casa. *Isso é irônico?*

Eu me encolho em meu assento, apertando ainda mais Hope de encontro ao peito. Nunca imaginei que esse passeio acabaria dessa forma. Eu sabia que deveria ter respeitado os meus instintos e ficado em casa. Agora estou lutando para manter o meu coração batendo de forma normal.

Sean estaciona em frente à pousada, após um tempo que parece longo demais para a minha sanidade. Abro a porta assim que o motor desliga, não lhe dando a oportunidade de me ajudar a sair do meu assento. Surpreendo-me com a agilidade que consigo descer do carro, com Hope ainda em meus braços. Mas o desespero faz essas coisas. Em segundos estou do lado de fora, pisando no caminho que me levará até a segurança do meu quarto. Paro rapidamente diante de Sean, quando ele abre a porta do motorista. Seu olhar claramente demonstra confusão com o meu comportamento.

— Muito obrigada pelo passeio, Sean — consigo sorrir fracamente ao dizer. — Foi realmente agradável!

— Espere — ele demanda, retirando o seu cinto com brusquidão. — Eu te ajudo com a Hope.

— Não precisa — replico, já andando. — Eu consigo.

— Por que tanta pressa, Ella? — Ele pergunta, vindo ao meu encontro. Isso me obrigada a andar mais rápido.

— Tchau, Sean! — Exclamo, já com alguma distância entre nós. — Te vejo por aí...

— Ella — ele me chama, mas não me viro novamente. Eu não posso.

Hope se remexe em meu colo, abrindo parcialmente os olhos e é quando

percebo que estou quase correndo pela lateral da pousada. Contudo, não posso me conter e continuo caminhando com a mesma rapidez, com o mesmo desespero em deixar os dois homens para trás.

— Ella... — é a voz de River.

Sei tão claramente a diferença, que deveria ser vergonhoso para mim. É vergonhoso também que o meu corpo queira parar para ele, sem a minha autorização.

— Ella... — ele repete, um pouco mais alto e mais imperativo dessa vez.

Meus passos vacilam involuntariamente... *droga, droga, droga*. Quero chorar, mas engulo o nó em minha garganta. Eu giro, usando esse movimento para ajeitar Hope em meus braços. Nossos olhos se encontram, é como um soco bem forte em meu peito. River está à frente de Sean agora, com as mãos em um dos bolsos e a outra em seu cabelo. Ele não é mais o garoto que amei; é o que digo a mim mesma e não estou me referindo a sua aparência. Há uma dureza em seu olhar, ela não estava ali antes e me pergunto se é apenas destinada a mim.

— Foi bom revê-lo, River — sou grata pela fluidez com a qual consigo dizer essas palavras. — Se eu não encontrá-lo até a sua partida, boa sorte com a sua vida!

— Então é isso? — Ele debocha, com um riso seco e breve. — Cinco anos longe e recebo um; boa-sorte com a vida?

— Sim — é a única palavra que passa pela minha mente.

O que ele quer de mim? Essa não é uma conversa agradável entre velhos amigos, ou amantes. Minha visão embaça, quando já não sou mais capaz de conter as minhas lágrimas. Dói tanto, tanto.

— Tchau, River! — Grito, correndo em direção à cozinha nos fundos da pousada.

Acho que River me chama mais algumas vezes, mas eu não paro para me certificar disso. Por sorte, minha mãe deixou a porta aberta. Eu me esqueci de sair com a minha chave reserva, e esse seria o pior momento para ficar trancada

do lado de fora. Abro a porta e entro como um relâmpago, não me sentindo segura nem mesmo quando a madeira bate fechada. Estou sem fôlego, com o rosto todo molhado, mas não me permito um segundo sequer de respiro. Corro pelo corredor, através das escadas, até parar em frente ao meu quarto.

Entro e coloco Hope sobre a cama, de um jeito bem desajeitado, mas meus braços doem com o esforço de carregá-la por tanto tempo. Ajoelho-me em frente ao colchão, afundando o meu rosto na colcha macia. O tecido amortece os meus soluços descontrolados. Meu corpo se convulsiona em dor, enquanto choro com um desespero crescente. Faz anos que provei um sentimento tão amargo e doloroso quanto esse que me consome agora. Uma sensação de total desolação, como alguém que sabe que não pode mudar uma situação dilaceradora. Eu choro, gemo, me contorço, apertando os dedos em minhas palmas e contendo o desejo de esmurrar o colchão sob mim. Acabo socando as minhas pernas, a dor física é bem-vinda no momento, mas nem de longe me causa algum alívio. Quero chorar e me encolher, até que não exista nada mais em mim... até que nem eu mesma exista mais...

— Ella — Hope sussurra sonolenta, eu deveria ter notado os seus movimentos no colchão. — Você está chorando?

Não posso responder, porque o tom temeroso em sua voz me faz chorar ainda mais. Tem um ótimo motivo para que eu jamais tenha chorado na frente de Hope, e esse motivo é a sua curiosidade e também a sua fragilidade. Como ela entenderia a complexidade da minha dor, quando nem mesmo eu entendo?

Eu sou a sua parte segura no mundo, aquela pessoa que lhe diz que as coisas ficarão bem quando tudo está errado. Como posso demonstrar a minha fraqueza tão crua, sem assustá-la também?

— Ella — ela murmura mais uma vez, tocando, com hesitação, as minhas costas. — Você está com dor?

Sim, tanta dor... dói cada particulazinha do meu coração. Um coração que já se partiu tantas outras vezes e que há muito deixou de ser inteiro. E agora, uma parte importante que me faltava, está de volta à cidade.

— Ella...

Levanto a cabeça com esforço. O olhar assustado no rosto de Hope, me diz que os meus olhos devem estar vermelhos e pequenos. Fico tão horrível

quando choro. Enxugo o meu rosto e respiro com lentidão, leva alguns minutos até que encontre a minha voz e possa responder.

— Estou triste... — sussurro de forma fraca, a minha garganta dói enquanto o ar passa por ela.

— Por quê? — Ela me sonda através dos cílios escuros. — Sean brigou com você?

Balanço a cabeça, tirando os meus joelhos do chão e me sentando na cama. Puxo um dos travesseiros e o aperto de encontro ao peito. Lágrimas silenciosas ainda deslizam por minhas bochechas, apesar de todo o meu esforço para evitá-las diante de Hope.

— Ninguém brigou comigo, eu só estou... triste.

— Podemos ficar triste sem nenhum motivo? — Ela me pergunta, franzindo as sobrancelhas ao pensar.

O seu cabelo já se desprende, em parte, do penteado de mais cedo. Várias mechas caem ao redor do seu rosto. Estico a mão e afasto uma das mechas em seus olhos ainda sonolentos.

— Eu tento um motivo — digo, ainda com o seu cabelo entre os dedos. — Um grande motivo, eu só não posso te contar.

— Um segredo?

— Sim, como um segredo. — Meneio, soltando o seu cabelo e tocando o meu. — Um segredo que me deixa triste, mas vai passar, entende?

— Mais ou menos — ela encolhe os ombros, com um pequeno sorriso torto.

— Só não se preocupe. Estou chorando agora — fungo, tocando o meu nariz. — Estou chorando agora, mas amanhã eu estarei bem.

— *Tá bom* — ela balbucia, engatinhando até mim.

Deixo o travesseiro de lado e puxo-a para o meu colo. Ela me abraça, como já fez tantas vezes. Aspiro o perfume suave em seu cabelo e pescoço; é reconfortante. Ficamos quietas, e mesmo enquanto choro, Hope não deixa de me abraçar. Comove-me que com tão pouca idade, ela saiba que tudo o que realmente preciso é do seu silêncio e do seu calor.



Minha caneta bate de forma nervosa sobre o meu caderno, enquanto encaro o relógio na parede à frente. Isso faz com que eu me pareça com Britney Spears, em Baby One More Time; mas eu não tenho nenhuma intenção de sair dançando pelo corredor quando o sinal tocar. Só estou ansiosa para que essa aula acabe. A minha professora de matemática parece tão ansiosa quanto... qualquer outro professor teria reclamado do meu barulho irritante.

Tampo a minha caneta e guardo-a em meu pequeno estojo jeans. Fecho o meu caderno e em segundos ele está em minha mochila. Respiro, faltam alguns segundos para às três... cinco, quatro, três, dois... o sinal toca, por fim. Sou a primeira a sair, mas não demora nem meio segundo para que o corredor da escola se infeste de alunos ansiosos e sem educação. Trilho o meu caminho através deles, desviando dos mais apressados e paro em frente ao meu armário. Preciso trocar os meus livros para a lição de casa. Faço isso rapidamente e giro o meu corpo, encontrando River apoiado em seu armário, do outro lado do corredor.

Eu sorrio, ele também. Meu coração sempre saltita um pouco com a visão do seu rosto sorridente. Coloco a minha mochila sobre o ombro e abraço o meu livro de química. A essa altura, o corredor já começa a esvaziar, mas River e eu não nos mexemos. É mútua a vontade de nos olharmos por um longo tempo... então ele caminha até mim. Prendo a respiração, enquanto rezo internamente para que a minha voz soe de forma tranquila.

— Oi — murmuro, ainda sorrindo. Eu não posso evitar, não posso.

— Oi, Ella — ele retorna.

Já percebi que River gosta de dizer o meu nome em todas as ocasiões possíveis. Eu adoraria fazer o mesmo sem que esteja prestes a desmaiar.

— Quer uma carona? — Ele oferece, ainda parado diante de mim.

— Tem um carro agora? — Pergunto, com um breve riso divertido.

— Tenho — ele ri também. — Não é um tão lindo quanto o do Mason, mas gosto dele.

— *Mason precisa de um carro bonito para compensar a personalidade não tão cativante. — Encontro-me dizendo.*

Essa foi a frase mais longa que já troquei com River e acabei de insultar o seu irmão, não sei se devo me parabenizar por isso.

— *E eu não preciso disso? — River brinca. — Minha personalidade é boa o bastante?*

— *Eu diria que sim, ela é — sorrio um pouco mais. — Embora eu não a conheça tão profundamente assim, para afirmar.*

— *Quer conhecer? — Arqueio as sobrancelhas e ele completa. — A minha personalidade?*

— *Quer me mostrar? — É a sua vez de arquear as sobrancelhas. — A sua personalidade cativante?*

— *Eu definitivamente quero. — Ele sussurra, chegando mais perto; até que seu nariz quase toca o meu.*

— *Eu também quero... — consigo murmurar, antes que seus lábios toquem os meus.*

Já fantasiei sobre esse momento centenas de vezes, mas deixe-me dizer; nenhuma fantasia ou ilusão poderia se equiparar à realidade. Os lábios de River são quentes e convidativos, como eu sempre imaginei que seriam e ele sabe exatamente o que deve fazer com eles. A minha boca parece meio perdida, assim como eu, mas não importa; não quero que River se afaste pela minha inexperiência em beijar. Portanto, sigo os meus instintos, acompanho o deslizar da sua boca sobre a minha e faço o mesmo com a sua. É tão bom... é tão certo. Como se uma peça do meu destino, estivesse enfim se encaixando no lugar certo. River é essa peça, a sua boca na minha é esse encaixe. Nós somos o destino um do outro.

Sua boca se abre sutilmente na minha, sua língua toca o meu lábio inferior e pede passagem. Abro a minha boca também e nossas línguas se encontram. Meu corpo se aquece por completo. Minhas mãos em sua nuca, as suas em minha cintura. Minhas costas se chocam com o armário atrás de mim.

O corpo de River se cola ao meu, em um encontro urgente. Não ouço mais nenhum barulho ao nosso redor, não percebo o espaço físico no qual estamos; até mesmo tenho dúvidas se meus pés estão tocando o chão. Acho que não... estou flutuando, tão leve, enquanto os braços de River me seguram e sua boca me devora sem cuidado. Sim, estou flutuando e não quero nunca mais tocar o chão outra vez...



Faz três dias que minha vida saiu do seu eixo. Um eixo que já não era o ideal, a princípio. Mas agora a minha existência foi toda bagunçada e eu me escondi da verdade de todas as formas. Não posso lidar com tudo o que um novo encontro com River significa. Tampouco com um encontro com Sean. Sei que depois da forma como fugi e como River me perseguiu, ele deva estar cheio de perguntas sobre nós dois. Perguntas essas, que não quero responder, nunca.

Pela primeira vez em muito tempo, eu não saí do meu quarto; sequer saí da cama. Isso me impeliu a mentir para a minha mãe, inventar uma doença inexistente. Mas tudo era melhor do que lhe contar o real motivo do meu mal-estar. Eu me senti péssima por deixá-la sozinha com todas as responsabilidades da pousada, o que a obrigou a pagar alguém para ajudá-la com as tarefas. Eu teria que recompensá-la em outra ocasião, quando o inimigo não estivesse mais em nossa casa. No momento eu estava pagando para não correr riscos desnecessários.

Não tenho certeza se River virá me procurar. Conheço-o bem o bastante para saber o quanto seu orgulho brilha forte. Ele não me procurou a primeira vez, então por que o fará agora, quando deixei claro que não temos nada a dizer?

Já Sean... bem, eu sei que ele não desistirá tão facilmente. Ele tem perguntado sobre mim à minha mãe, em todas as oportunidades possíveis. E ficou preocupado, segundo ela, pelo meu estado doentio. Estou me emaranhando em minhas mentiras, mas não há outro jeito. Encolho-me em minha cama, quando começo a pensar na confusão que minha vida se tornou... River não deveria ter voltado, isso não poderia acontecer.

— Vamos sair, Ella — Hope me pede, pulando ao meu lado, na cama.

— Hoje não, Hope — desconverso, enterrando o meu rosto no travesseiro fofo. — Vá ficar com a mamãe na recepção, leve o meu celular, se

quiser.

— Eu não quero — ela se queixa, torcendo os lábios. — A recepção é chata; eu quero brincar no lago ou andar de *bicliceta*...

— Hoje não — eu a corto. — Seja uma boa menina, por favor... e pare de pular, estou ficando tonta.

— Você é chata! — ela exclama, sentando-se a contragosto. — A irmã mais chata de todas.

— Ah, é? — Rio, porque sei que a sua declaração foi vã. — Então só sou legal quando faço as suas vontades? Muito bom saber disso.

— Eu quero sair, Ella. Não quero ficar aqui dentro... estou com saudades do Sean.

— Como assim, saudades? — Questiono, sendo eu a torcer os lábios dessa vez. — Você o viu apenas três vezes e já está com saudades? Como isso é possível? Nós nem o conhecemos direito, Hope.

— Eu gosto dele — ela sorri, me mostrando as suas covinhas adoráveis. — E ficar aqui no quarto é muito chato, estou *entediada*...

— Entediada — corrijo, olhando-a com atenção. — Não quero sair hoje, Hope, ainda não me sinto bem.

— Você está doente mesmo?

— Sim... — minto em um sussurro.

— Você nunca fica doente — ela observa, ficando em seus joelhos e tocando a minha testa. — E nem está quente.

— Nem sempre as pessoas doentes ficam quentes.

— Eu fiquei bem quente quando estava doente — Hope pontua, pensativa.

— Isso porque a sua garganta estava inflamada — rio, colocando a mão sob o queixo.

— Podemos brincar amanhã, então?

— Eu não sei... — Murmuro, vacilante. — Sinto muito por isso, ok? Pode me amar mesmo sem que eu possa brincar no lago?

— Sim — ela sorri, não tão satisfeita; mas sorri.

— Vá ficar com a mamãe na recepção, tenho certeza que será divertido.

— *Tá* — diz, pulando da cama.

Essa única sílaba é usada quando Hope sabe que deve encerrar o assunto, mas ainda assim, o término não foi o mais feliz para o seu lado. Mantenho um sorriso contido ao observá-la andando ao redor da cama, em direção à porta. Ela se esforça para abri-la, porém, não consegue. Saio da cama e ando até ela, abrindo a porta em um movimento rápido. Hope pisa no corredor e eu me amparo na porta aberta para observá-la em silêncio.

Ela desce os primeiros degraus e gira para mim, com um sorriso no rosto. Sorrio em retorno, até que os meus olhos dispersos se deparam com Sean ao pé da escada. Hope nota-o em seguida e termina de descer os degraus que faltam, com o máximo de agilidade. Ela se impulsiona em um abraço saudoso. Espanta-me o quão à vontade ela sente-se em sua presença, como se o conhecesse mesmo há muito tempo. River teria o mesmo efeito sobre ela? Não posso me conter em me questionar sobre isso.

Fico parada à porta, observando a interação afetuosa dos dois. Eu deveria voltar para o quarto e me esconder, mas Hope é uma criança e Sean, embora não seja um estranho completo; ainda é um estranho. Eu me obrigo a ficar, mesmo a contragosto. Ele não deveria estar aqui.

— Ella está doente — Hope diz, quando se afasta do abraço de Sean e me encara.

— Eu soube — Sean replica, me encarando também e perguntando: — Você está melhor?

— Sim — murmuro, me encolhendo com a pequena mentira.

Ele assente, sorrindo daquela forma cativante que sempre faz. Não consigo sorrir em retorno, infelizmente.

— Vá encontrar a mamãe na recepção — peço à Hope.

— Eu não quero, quero ficar aqui com vocês... — ela diz.

— Hope. — Demando, com aquele tom severo que não deixa espaço para réplicas.

É notório que o seu crescimento traz também uma vontade toda própria de discordar daquilo que lhe dito. Hope tem feito muito isso ultimamente, principalmente em se tratando de Sean.

— Podemos nos encontrar outro dia, quando Ella se sentir melhor. — Sean oferece, como consolo.

— Podemos tomar sorvete outra vez? — Hope sonda.

— Pare com isso, Hope — interpele, sem muita doçura. — Faça o que eu te falei.

Ela me encara, sem preocupação alguma em disfarçar a sua infelicidade. Mas eu sou a irmã mais velha, que não se importa em ser chata, quando necessário. A sua carranca infeliz não me abala, não nesse momento.

— Vá! — Reforço, sustentando o seu olhar firme.

— *Tá* — é o que ela diz por fim, pisando firme pelo corredor.

Sean me olha intrigado... sim, não sou um pote de mel o tempo todo. Ele não sabe o quão difícil é educar uma criança cheia de vontades. Por esse motivo, ele se acha no direito de se impor em nossas vidas, em nossa rotina. Estou zangada e nem sei ao certo qual o real motivo disso.

— Você não deveria estar aqui — digo em um sussurro, esforçando-me para não soar rude.

— Desculpe — ele lamenta sem que pareça arrependido. — Me preocupei com você e sua mãe disse que eu poderia vê-la, ela até me indicou o caminho.

Que droga, mãe... encolho-me com a informação, porque gostaria que ela entendesse, por fim, que quero me manter longe de Sean.

— Foi o que imaginei — resmungo, sustentando o seu olhar feliz.

— O que houve? — Ele me sonda, ainda ao pé da escada. — Você parecia bem na última vez que nos vimos. Um pouco nervosa ao final; mas ainda bem.

— Foi um mal-estar momentâneo, eu acho — o vacilo em minha voz, me mostra que sou uma péssima mentirosa. — Estou me sentindo melhor hoje.

— Tive a péssima sensação de que estava se escondendo de mim, ou de Lewis.

Mordo a minha bochecha, incomodada com a sua sinceridade e a certeza ao me dizer isso.

— Eu não estava. E por que estaria?

Mais uma mentira. Quantas eu terei contado até o fim dessa conversa? E quantas soarão sinceras aos meus próprios ouvidos?

— Lewis está diferente — Sean conta, subindo vagarosamente os degraus que o trazem até mim. — Ele se parece com um fio desencapado agora, prestes a me dar um choque por qualquer coisa.

— Isso não tem nada a ver comigo — murmuro, quando ele para e encosta-se na parede à frente. — Eu te garanto.

— Vocês namoraram na adolescência, não foi?

Olho para os meus pés descalços, meu corpo ainda mais amparado à porta aberta e não me sinto nada preparada para tocar neste assunto. Não com Sean, talvez com ninguém. Eu pondero entre lhe dizer a verdade, que talvez

River já tenha lhe dito, ou mentir mais um pouco. Sinto-me perdida, sem saber qual das duas coisas devo realmente fazer. Uso o tempo em que Sean espera uma resposta minha e penteio os meus cabelos com as mãos.

— Algo do tipo — é a minha escolha, por fim. Não uma verdade completa, tampouco uma mentira elaborada. — Ele te disse isso?

Ele ri, acompanhando as minhas mãos em meus cabelos. O gesto, quase sempre calmante, não faz nada para os meus nervos em ebulição.

— Ele não disse. — Sean responde, voltando a olhar-me nos olhos. — Mas eu também não perguntei.

— Então... — me surpreendo.

— Isso ficou tão evidente entre vocês, ainda mais quando Lewis ficou te chamando enquanto corria dele.

— Eu não corri dele — exaspero, quase ofendida, porque na realidade ele está certo mais uma vez...

Sean sorri, a vontade de me contradizer brilha em seus olhos, mas ele aparentemente decide que é uma má ideia fazê-lo. Eu agradeço por isso. Ajeito a minha postura enquanto estamos quietos. Não sei o que fazer. Não posso trazer um assunto qualquer à tona, apenas para impedir que ele me fale de River.

Cruzo as mãos em minhas costas, em um gesto inquietante e nervoso. Sean me observa com os braços cruzados, ele é sempre tão calmo e ponderado. Esse fato me enerva ao invés de me acalmar.

— Lewis está bem perto de finalizar a reforma da sua casa. — Ele me conta, com a certeza de que essa informação me importa... *não, eu não quero saber.*

— Isso é bom — balbucio.

— O que significa que em breve a casa será colocada à venda — ele continua; falando de forma calma. — O que por sua vez, significa que iremos embora em seguida.

É o que eu mais quero que aconteça, ainda assim, a informação me desconcerta por completo, e eu me esforço em não demonstrar isso ao Sean. Não sei se sou capaz de esconder as minhas emoções, no entanto.

— Era esse o plano desde o início, não era? — Consigo sorrir, me empenhando para que a pergunta soe de forma leve.

— Sim — ele sorri também. — Mas posso dizer que as coisas não saíram de forma planejada.

— Dificilmente elas saem, eu diria — recito, olhando para a estampa em sua camiseta. Qualquer coisa para me distrair do seu olhar.

— Eu gostei do meu desvio, no entanto.

O seu desvio, eu sei, o colocou em minha vida; ou eu na sua. A ordem realmente não importa, porque Sean não sabe o quanto River está enraizado em minha alma, em meu corpo. Sean não imagina, que não importa o quão maravilhoso ele possa ser; o seu sorriso nunca me causaria borboletas no estômago. Sean não faz ideia do quão fechado, para qualquer outra pessoa, o meu coração está. Então não importa todos os desvios que o destino dê, eu nunca amarei outro alguém. Mas Sean não sabe disto, ele não faz ideia.

— Você é tão linda! — Ele recita de repente, para a minha total surpresa. — Eu nunca me canso de olhá-la.

Suas palavras são repletas de gentileza e algo mais que não posso pontuar, mas não me causam nada. Meus olhos buscam o seu rosto, um sorriso de lado brinca em seus lábios. Seus olhos parecem mais bonitos agora, iluminados com um brilho que não estava lá antes.

— Você deveria ir, Sean — consigo dizer, quando desvio o olhar para a parede às suas costas.

— Ella — ele murmura, se aproximando um pouco mais.

Minha mão se levanta e toca levemente o seu peito, em uma mensagem silenciosa que diz muito. Tê-lo aqui, na porta do meu quarto e em um corredor totalmente vazio; já é um passo mais do que grande para mim.

— Posso te fazer uma pergunta? — Sean me pede, enquanto a minha mão ainda toca o seu peito. Olho para os meus dedos e os afasto de sua camiseta com lentidão.

— Eu não sei... — me atrapalho, enquanto tento imaginar os tipos de pergunta que ele possa me fazer, e por fim, aceno. — Ok...

— Você e Lewis... — ele exala e eu suspiro. É o tipo de pergunta que não irei gostar.

— O quê? — O incentivo, embora eu não devesse.

Quero mesmo falar sobre River com Sean? Quer dizer, além do que já foi dito? *Não, não quero.*

— Bem, vocês foram namorados, como você mesma disse...

— Eu não disse exatamente isso, Sean.

— Vocês foram apaixonados, Ella? — Ele me questiona com cuidado. — Ou foi apenas um namoro de adolescentes? Você sabe, sem compromisso ou intensidade.

Aperto os meus lábios em silêncio. A verdade é que não há facilidade alguma nessa resposta e diferente da primeira vez, em que eu optei por meia verdade; agora eu escolho dizer uma mentira completa.

— Nós éramos adolescentes — dou de ombros. — Todo mundo namora na escola.

— Então, você não sente mais nada por ele? — Sean reforça, me olhando com extrema atenção.

Encolho os ombros novamente, em um gesto desinteressado. Tento disfarçar ao máximo o meu incômodo com o seu questionário. Quero lhe dizer que os meus sentimentos por River não lhe interessam, mas seria tão rude, uma vez que Sean se tornou a pessoa mais gentil que conheci nos últimos anos.

— Eu não quero que você se magoe, Ella.

— E por que isso aconteceria? — Replico, com curiosidade genuína.

— Porque Lewis tem alguém, uma pessoa na Flórida.

— Uma esposa? — Balbucio, como se a saliva em minha boca fosse espinhos afiados e repletos de amargor.

— Não uma esposa — Sean responde com a mesma lentidão. — Um relacionamento...

Não faço ideia do que isso signifique, exatamente. Por que ele não diz uma namorada, de uma vez? Engulo, e dói, ainda como se espinhos machucassem a minha boca. River seguiu em frente, tudo bem; fico feliz por ele...

— Está chateada? — Ele me pergunta.

— Não — é a minha resposta sucinta.

Sean não acredita em mim, eu também não. Mas tudo bem, irei me convencer eventualmente. Sou ótima em mentir para mim mesma.



Nove

A respiração suave de Hope preenche o nosso quarto, enquanto eu a observo dormir ao meu lado. É sempre relaxante fazer isso e por vezes acalma o meu coração turbulento, mas não agora; não hoje. São duas e meia da manhã e não tenho sono algum, tampouco paz.

Eu deveria dormir, isso é certo, porque não tenho mais desculpas para me esconder em meu quarto por mais um dia. Ou eu volto a ser a Ella de sempre, ou minha mãe me arrastará até o médico mais próximo e não há uma doença real que justifique a minha clausura. Mas após a minha estranha conversa com Sean, dormir é a última de todas as minhas preocupações. Não posso relaxar enquanto mil peças do quebra-cabeças que a minha vida se tornou, voam desordenadamente em minha mente.

Olho para o teto e tento acalmar a minha respiração inconstante. De forma inconsciente, toco os meus lábios e River vem à minha memória. A lembrança tão vívida de um beijo seu, aquece o meu corpo. Por que não posso esquecê-lo com a mesma facilidade, aparente, que ele fez comigo? Eu nunca fui capaz de esquecer o quanto os seus beijos roubavam o meu fôlego. Mas River com certeza se esqueceu. Ele beijou outras bocas ao longo desses anos, e será que gostou de todas elas? Porque eu nunca me imaginei beijando outro alguém que não fosse ele, nem mesmo cheguei perto de algo assim... eu deveria beijar Sean e ver como me sinto. Certamente faria isso, se soubesse que posso chegar tão perto de alguém, sem me apavorar por completo.

Solto a respiração, voltando a encarar o sono de Hope. Ela dorme de forma relaxada, como se soubesse que todos os problemas do mundo estão resolvidos e eu só me sinto como se eles tivessem acabado de começar. Saio da cama e me enrolo na fina manta na ponta do colchão. Geralmente eu andaria até a varanda e encararia o lago, mas saio do quarto de forma silenciosa. Desço as escadas na ponta dos pés, não me preocupando com os chinelos que deixei ao lado da cama. Piso na cozinha, estremecendo com a porcelana fria sob os meus pés; mas em segundos me acostumo. Pego as chaves sobre o gancho na parede, acima da pia e abro a porta. Um silêncio sepulcral me atinge, é quase assustador, mas os meus pensamentos são mais.

Fecho a porta em minhas costas e caminho até o píer. Não há pressa em chegar ao final dele, então meus passos são lentos, enquanto eu encaro as estrelas. Elas brilham intensamente sobre mim e iluminam o meu caminho até o lago. Paro a um passo de pisar na água e contemplo a sua bela calmaria. Meus

pensamentos se estagnam por um momento e eu encaro a lua cheia em total exibição. Eu sinto inveja da quietude ao meu redor, ciúmes das pessoas que deitam em suas camas e dormem a noite toda; contudo me sinto privilegiada pela visão desse céu estrelado tão lindo.

Aperto o cobertor ao redor do meu corpo, como se pudesse abraçar a mim mesma e me consolar também; mas isso é apenas um desejo tolo. A minha paz dura muito pouco, até que eu ouça passos cuidadosos em minha direção. Meu corpo fica gélido diante do perigo e não me viro mesmo que a pessoa caminhe até mim. Eu deveria correr até a porta, mas estou estoica ao final do píer.

— Você não deveria estar aqui sozinha a uma hora dessas. — A voz de River soa zangada às minhas costas.

Por algum motivo, saber que os passos eram dele, não me causa alívio algum. Na verdade, isso me assusta ainda mais.

— Você não deveria assustar as pessoas a uma hora dessas. — Replico de forma fraca, a minha voz é vergonhosamente vacilante ao final da frase.

— Eu te assustei? — Ele debocha, rindo em seguida.

— Claro que sim...

— São quase três da manhã e está sozinha em frente a um lago escuro, achei que fosse bem corajosa para não se assustar assim.

Mordo a minha língua e não respondo. Eu não gosto da rudeza em seu tom de voz, isso me assombra mais do que a sua chegada repentina. River nunca foi assim... Mas ele não é o meu River mais.

— Desculpe — ele diz de repente, tocando a lateral do meu braço. — Definitivamente não quis assustá-la.

Assinto, me afastando sem me conter. Um simples e inofensivo toque de seus dedos, me queima como ferro em brasa e dói, de diversas e inexplicáveis maneiras.

— O que está fazendo aqui sozinha? É perigoso, mesmo que seja a sua

casa, Ella.

Encaro os seus olhos castanhos, quase tão lindos quanto a lua no céu. River sempre foi incrivelmente bonito. O cabelo escuro caindo sobre a sua testa, cabelo esse que está bem mais curto agora. O rosto masculino e proporcional, mesmo quando ele ainda era adolescente. O sorriso arrebatador, que fazia as minhas pernas virarem gelatina e os olhos... sempre a melhor parte de um conjunto já perfeito. Olhos que me adoravam em silêncio. Fixo-me neles por um tempo, tentando enxergar algum resquício da paixão que sempre brilhou por mim.

— Estou sem sono — balbucio, por fim.

— Deveria ter lido um livro, ou assistido a um filme — ele pontua, não muito feliz. — Qualquer coisa que fosse na segurança do seu quarto.

— Eu gosto do lago.

— O lago é bonito, mas às três da manhã se torna um cenário de filme de terror.

Sorrio, puxando um pouco mais o meu cobertor.

— Por que se preocupar? — Encolho os ombros, voltando a olhar para a água. — Se fosse um filme de terror, você seria o assassino.

— Isso é verdade — ele sorri. — Então me agradeça por não ser um serial killer.

— Obrigada — murmuro, ainda sem encará-lo. Se ele soubesse que apenas respirarmos o mesmo ar já me mata lentamente...

Ficamos em silêncio por um tempo. Sinto a sua respiração em meu pescoço, suave e calma e não faço nada para me afastar. Isto é o mais próximo que estivemos em muito, muito tempo... desde a nossa despedida em seu carro. É estranho e ao mesmo tempo confortável estarmos assim.

— Você fugiu de mim no outro dia — River me diz, quebrando o silêncio que era tão bem-vindo.

Engulo em seco, não me sentindo nem um pouco preparada para essa conversa. Giro a minha cabeça e me fixo em seus olhos intensos. Não sei ao certo como replicar a sua acusação, porque ela é tão verdadeira e se eu pudesse fugiria nesse instante também.

— Eu não fugi — disfarço, mordendo o meu polegar e penso em minhas próximas palavras. — Não foi a melhor forma de nos reencontrarmos, River; e eu me assustei.

Isso é um eufemismo, eu me apavorei por completo. O meu medo estava tão visível em meus olhos, ele deveria ter visto isso lá.

— Ficamos cinco anos longe e você correu de mim, Ella.

— O que queria que eu fizesse? — Demando, sem erguer a voz. — Que ficasse e te tratasse como um velho amigo? Foi demais para mim, River... não podia lidar com você naquele momento, foi tudo tão confuso.

— Porra, e eu não sei? — Ele exaspera, ficando à minha frente. — Mas você deveria ter ficado e conversado comigo.

— Eu não podia — confesso em um murmúrio. — Nem mesmo sei se posso agora...

— Faça um esforço, nós precisamos conversar.

— Por quê?

Ele comprime os lábios, mas ri em seguida. Uma risada seca e nada divertida. Em momentos assim, ele parece alguém totalmente desconhecido para mim. E talvez ele seja, é doloroso aceitar, porém.

— Por quê? — Repete em tom severo. — Porque temos um passado, Ella.

O meu nome em sua boca já não possui a mesma doçura e embora não estejamos de fato em uma briga, é como se River estivesse pronto para vencer um combate. Eu me encolho porque sou covarde demais e serei a perdedora,

certamente.

— Temos um passado — concordo, baixinho. — Mas não vivemos mais nele. Somos pessoas diferentes, não o mesmo casal de namorados que fomos há cinco anos.

Eu me apaixonei por River antes mesmo de saber como as pessoas apaixonadas se sentiam, e passei os anos seguintes planejando a nossa vida perfeita. Quando começamos a namorar, eu já tinha o nosso final feliz todo alinhado. Até que uma curva do destino nos separasse. Talvez River precise de uma razão para o nosso término, algo que jamais poderei fazer sem que seja necessário mentir. Por isso não quero que ele me faça perguntas, exija respostas ou razões. Não precisamos conversar, nem nos ferir além do que a vida e o destino já fizeram.

— Sei disso — ele assente, cruzando os braços. — Ainda assim...

— Não quero falar sobre isso, River. — Eu o corto. — Por favor, não me obrigue, não insista, não peça.

Ele se cala, mas não desvia o olhar uma única vez do meu, e isso é bem mais doloroso do que qualquer palavra seria. Eu me mexo, quase com medo de sair do lugar, e passo por ele. Seus dedos se fecham com rapidez em meu braço e me impedem de caminhar até a cozinha. Olho para os meus pés, mas não para ele.

— Você superou? — Ele exige, de forma emblemática.

— O quê? — Atrevo-me a perguntar, ainda que deteste que para isso tenha que encará-lo.

— O que sentia por mim, a nossa história, o nosso amor... — ele explica com surpreendente calma, ainda segurando o meu braço. — Você superou? Seguiu em frente? Me esqueceu?

Não... Deus, como eu poderia? Ele nem deveria me perguntar isso, porque parece até mesmo ridículo que eu precise lhe dizer que nunca poderia seguir em frente sem ele. Mas River seguiu sem mim, isso me irrita, mesmo que brevemente. Ele tem alguém na Flórida, então que importância tem se eu superei

ou não?

— Sim — eu minto, *minto tão bem que por um ínfimo segundo eu quase acredito; mas conheço a verdade e ela machuca profundamente.* — Foi o melhor, não foi?

— É o que venho repetindo a mim mesmo durante todos esses anos. Só não sei se tenho sido convincente.

— Mas você conseguiu o que queria — prossigo, ignorando as suas palavras. — Se tornou um piloto, como sempre sonhou.

Não há uma única coisa que eu tenha desejado em minha adolescência, que tenha se concretizado ao longo dos anos. Nem mesmo o mais tolo dos meus sonhos, então, saber que River conseguiu algo que queria muito; me faz feliz por ele.

— Como sabe sobre isso? — Ele me sonda.

Aponto para as tags militares em seu pescoço, muito visíveis sob a sua camiseta de algodão. Seus olhos acompanham o movimento do meu dedo indicador e voltam para o meu rosto outra vez.

— Sean... — murmuro em complemento, talvez apenas para irritá-lo... porque ele tem alguém na Flórida.

— Claro — ele debocha, apertando ainda mais o meu braço.

Pergunto-me se ele sabe que está me machucando. Talvez seja essa a sua intenção, talvez seja algo que ele precise para sentir algum alívio. É um pensamento tão insano, quanto eu achar que mereço ser machucada.

— Você e Sean — River para e olha para o céu, aparentemente escolhendo bem as suas palavras.

— Não existe um Sean e eu — pontuo, incomodada com o possível rumo que essa estranha conversa terá.

— Vocês se tornaram amigos — é uma afirmação repleta de certezas, e

eu quase me sinto mal pela resposta que darei à essa frase.

— Ele é apenas mais um hóspede... assim como você, River.

E foi tão visível o quanto eu o magoei ao dizer isso, que quase desejo poder recolher as minhas palavras. River jamais será apenas um hóspede, ele sempre será único em todos os sentidos. *Absolutamente todos*. Ele me solta, quando me encolho involuntariamente ao seu aperto.

— Desculpe. — Ele murmura, mordendo os lábios.

— Tudo bem — balbucio, esfregando o local do seu aperto. Machuca ao meu toque, ainda assim, sinto falta dos dedos de River em minha pele. *Estou tão doente...*

Começo a caminhar, deixando-o parado ao final do píer. Dói caminhar para longe, quando há uma grande força que me atrai até ele. Mas é necessário manter distância, é necessário preservar os nossos corações de um sofrimento que pode nos destruir para sempre. Não que eu já não me sinta assim como toda essa situação, mas River tem um futuro e sonhos, que eu quero que ele continue alimentando sem mim.

— Eu te amei tanto — ele grita, enquanto caminho.

O tempo verbal escolhido para a palavra amor, me paralisa e me machuca como o punhal mais afiado faria. Esforço-me para não me curvar ao chão com suas palavras.

— E então, eu te odiei mais — River continua; andando até mim. Os seus passos são rudes e urgentes, fazendo ainda mais barulho por causa do silêncio ao redor. — Eu precisava te odiar para não voltar aqui e te implorar para ficar comigo. Eu teria caminhado de joelhos e sangrado, se fosse necessário; mas no fundo eu sabia que nem mesmo isso poderia convencê-la.

Seus passos cessam quando o seu corpo toca as minhas costas e as mãos apertam a lateral dos meus braços. Eu não deveria permitir isso, mas não sei como repeli-lo quando ele parece tão magoado e quando cada parte de mim anseia por seu toque.

— Eu nunca quis voltar, Ella — ele sussurra em meu ouvido. — Porque sempre soube que me sentiria assim.

— Assim como? — Não posso conter a pergunta, girando e encarando o seu peito. Eu preciso, desesperadamente, saber se River se sente como eu, com toda essa tempestade emocional em fúria dentro de si.

— Apaixonado e raivoso. Ferido e fortalecido. Não quero tê-la por perto, mas desde que te vi novamente; tenho te procurado em todos os lugares em que fui.

Ele para e respira com força, então tenho coragem de me afastar um pouco e olhá-lo.

— Dói te tocar — ele sussurra, deslizando as pontas dos dedos pela palma da minha mão. — Mas ainda assim é a coisa que mais quero fazer na vida.

— River — suspiro com dor.

— A sua voz me machuca — ele diz, tocando o meu queixo e me direcionando ao seu rosto. — Mas quando eu estiver sozinho, fecharei os olhos e tentarei me lembrar dela, e da forma como diz o meu nome.

Fecho os olhos, tão impactada pela dor e a verdade que as suas palavras possuem. E é exatamente a forma como me sinto. Quero estar por perto e quero correr no mesmo instante, mas eu jamais poderei odiá-lo, embora entenda a sua mágoa por mim. Eu fui a única a partir o seu coração há cinco anos.

— Por quê? — River me pergunta, respirando em meu rosto. — Por que você me deixou, Ella?

— Porque era necessário — consigo dizer com certa firmeza. A última coisa que quero é River me levando de volta àquela noite há cinco anos... não, eu não suportaria. — Porque era o melhor para nós, eu te disse que um dia entenderia.

— Mas eu não entendi, Ella — ele ri, mas vejo tão claramente a dor em suas palavras. — Eu ainda não entendo.

— River — choramingo, olhando para os meus pés. — Por favor, me deixa em paz.

Ele não replica, como eu achei que faria. Ele não exige mais, como temi que fizesse. Ao invés disso, solta a minha mão e permite que eu me afaste com lentidão. Parece que o tempo corre em uma velocidade diferente agora, uma velocidade que torna tudo mais doloroso. Encolho-me cada vez mais em meu cobertor, tentando me proteger do seu olhar. Quando consigo encontrar forças dentro de mim, viro as minhas costas e caminho em linha reta até a minha casa. Não corro, nem me arrasto, ainda que queira fazer as duas coisas com a mesma vontade.

— Um dia você irá me contar toda a verdade, Ella — River me diz quando chego à porta. Elevando a voz, mas não gritando dessa vez. — Então eu poderei decidir se te amo, ou te odeio; por enquanto eu não sei qual dos dois sinto com mais intensidade.

Não respondo. Talvez se eu me virasse, fosse para lhe mostrar cada uma das minhas fraquezas, as feridas que ele acabou de reabrir. De todas as coisas que poderiam me machucar, saber que River me odeia é a pior delas. Mas é melhor que ele me odeie, porque se ele me amasse, isso o manteria aqui e embora eu ame loucamente River Lewis; o quero o mais longe possível de mim.



Corro através do estacionamento vazio do cinema, girando vez ou outra o meu pescoço sobre os ombros. River vem atrás de mim, correndo também, mas claramente me deixando ter uma vantagem sobre ele. Nossas risadas se misturam e soam da forma mais adorável possível aos meus ouvidos. Eu tento me lembrar se em algum momento da minha vida já fui tão feliz como me sinto nesse breve instante e a resposta é não.

River me alcança, circulando a minha cintura com um dos braços. As minhas costas batem em seu peito e ele abaixa a cabeça para cheirar o meu cabelo. Eu derreto em seus braços, essa é a exata sensação, quando ele usa a sua mão livre para afastar o meu cabelo do pescoço e beijar embaixo da minha nuca. Ele é o meu primeiro amor, e tenho certeza que todo primeiro amor foi feito exatamente para isso; nos derreter e causar revoadas de borboletas em nosso estômago. River faz isso com primazia e durante essas duas semanas em que estamos namorando, posso afirmar que perdi o fôlego mais vezes do que posso contar. Sou louca por ele, louca...

— Isso faz cócegas — rio e me contorço em seus braços, quando ele começa a morder a minha orelha. — River, pare!

Minha risada para no instante em que me faz olhá-lo e me empurra até o seu carro. Meu quadril bate levemente na lataria, mas não tenho tempo de me importar com a dor. River me impulsiona sobre o capô e se instala entre os meus joelhos. Seus olhos são tão intensos e parecem repletos de paixão; se é que posso reconhecer algo assim. Tudo isso é tão novo para mim, ainda me assusto com as minhas reações, com os meus próprios pensamentos. Com o que desejo que River faça comigo, com o que sonho em fazer com ele.

— Você é linda, eu já te disse isso? — Ele murmura em minha boca, mordendo o canto dela em seguida.

— Sim... — ofego, afagando os seus cabelos.

River é a única pessoa no mundo para quem eu quero ser linda. Ele faz o elogio ter um sentido diferente, tudo com ele é diferente.

— E você é minha — ele recita, tocando a minha bochecha com o polegar. — Completamente minha, não é?

— Sim — é o que posso murmurar, ainda mais sem fôlego. — E você é meu, River Lewis?

— Sim, eu sou, Ella Mitchell — ele sorri em meus lábios e então me beija brevemente. — Eu sempre fui, mesmo quando ficava te olhando na biblioteca e morria de vontade de te beijar; meu coração já pertencia a você!

— Às vezes eu sinto falta dos nossos olhares silenciosos — sorrio, beijando o canto da sua boca.

River ri também. É tão bom poder beijá-lo assim tão livremente. É como um sonho que descubro ser real a cada vez que ele me toca.

— Ainda podemos nos olhar em silêncio — ele diz, apertando a minha cintura. — Embora beijar seja tão melhor, você não acha?

— Sim — é o que profiro, surpresa por ainda conseguir falar alguma coisa com ele tão perto de mim.



— River Lewis está de volta à cidade. — Minha mãe anuncia, assim que pisa em nossa cozinha pela manhã.

— Eu sei — respondo, através da minha xícara. Meus pensamentos tão nebulosos quanto a fumaça que sai do meu café.

— Sabe? — Ela se surpreende, girando o corpo para me encarar, com o bule de café em mãos. — Como assim? Há quanto tempo?

— Há alguns dias — digo, não entoando nenhuma emoção em minha voz. Não sei se consigo; mas tento.

— E ele está hospedado em nossa pousada — ela continua, como se balbuciasse para si mesma. — Como demoramos tanto tempo para saber?

— Só víamos o Sean — mordo a língua quando sussurro o seu nome. — Eles são amigos...

— Foi por isso que você se escondeu em seu quarto por esses dias? — Minha mãe me pergunta, caminhando até mim com olhos astutos.

— Eu não me escondi.

A minha conversa com River nessa madrugada, prova que não me escondi tão bem como deveria. Talvez eu devesse ter me esforçado mais, para poupar o meu coração de todo estrago que esse encontro me causou. Foram muitas lágrimas e uma dor que não foi embora com o nascer do sol.

— Se escondeu e ainda fingiu estar doente, quando todo mundo sabia que era uma grande mentira.

— Mãe — exaspero, batendo levemente a minha xícara na mesa. — Não foi uma mentira.

— Eu te conheço, Ella, você estava se escondendo de River — ela diz, repleta de convicção. — Mas é compreensivo, não estou brava...

— Eu não menti — reforço, interrompendo-a.

— Tudo bem. — Ela encerra o assunto no momento em que Hope corre até nós. Uma ótima distração... *obrigada, Deus!*

Olho para Hope, parada ao lado da minha cadeira, e retiro a grande quantidade de cabelos caindo sobre os seus olhos. Geralmente ela acorda antes de mim e não sossega até me fazer sair da cama também e lhe dar o café da manhã. Mas hoje ela dormiu além do normal e desceu para o café ainda em seu pijama de flanela azul, com estrelinhas brancas.

— Estou com fome — ela me diz, se esforçando para sentar-se em sua cadeira sozinha.

— Você dormiu demais — rio, me levantando para servir as suas torradas.

Minha mãe coloca a pequena tigela de frutas de Hope, à sua frente. Ela come sempre a mesma coisa; morangos e pequenos gomos de laranja, além de uma torrada com muita geleia, de qualquer fruta cítrica, e um copo com leite. Ela é muito exigente com a sua comida. Houve uma época em que me deixava louca com as suas preferências e manias, mas nós nos ajustamos de uma forma em que ambas ficamos satisfeitas.

— Preciso que me faça um favor — minha mãe anuncia, assim que eu entrego a torrada de Hope e volto a me sentar.

— Sim? O quê? — Eu a sondo, jogando levemente a cabeça para o lado e a encaro à minha frente. — Não é para ficar na recepção, é?

— Não, não é — ela bufa, diante da minha lamúria.

— Então, o que é? — Pergunto, revirando os olhos para o meu café.

— Preciso que vá até a cidade e entregue alguns documentos para o seu pai. — Me diz com naturalidade.

— Mãe, que droga... — exaspero sem disfarçar. Era melhor ficar na recepção.

— Ele ainda é o seu pai, Ella.

— Eu não o vejo há semanas. — Balbucio, me certificando que Hope não me ouça. — E ele não me quer por perto.

— Foi você quem se afastou — mamãe me lembra, prendendo o seu cabelo atrás da orelha. — Faça um esforço, por favor...

— Por que você não pode ir?

Ela sorri, bebendo lentamente o seu café.

— Estou ocupada, você complicou a minha vida com essa sua doença imaginária.

A minha replica está na ponta da língua. Seria fácil lembrá-la que trabalho feito uma louca e nunca tenho tempo para mim. Eu deveria ter direito a férias acumuladas. Ainda assim eu me calo.

— Tudo bem, — digo por fim. — Levarei Hope comigo, no entanto.

— Eu não me lembro de um único dia em que você saiu sem ela. — Minha mãe sorri, pontuando a verdade.

Sorrio fracamente, terminando a minha refeição de forma obrigatória. A minha fome, já quase inexistente, se esvaiu por completo com o meu iminente encontro com o meu pai. Eu gostaria de controlar a repulsa por ele que cresceu em mim ao longo dos anos. Gostaria de manter as lembranças da minha infância, vivas. Onde ele era um pai amoroso e presente, que se preocupava com a minha felicidade e bem-estar. Eu falho miseravelmente quando tento isso.

— Vamos subir, Hope. — Peço, me levantando e deixando a minha louça sobre a pia.

— *Tá bom* — ela murmura, descendo da cadeira e trazendo a sua tigela até mim.

Tá bom, significa que ela está razoavelmente feliz. Isso me faz sorrir brevemente. Seguro a sua mão e encaro minha mãe, ainda à mesa. Seus pensamentos e olhos perdidos em seu celular.

— Quando você precisa que eu vá, mãe? — Indago, andando com lentidão pela cozinha.

— Assim que se trocar e Hope estiver pronta também, desça. Eu lhe darei os documentos que precisa levar. — Ela responde, sem levantar o rosto.

Aceno em silêncio, puxando Hope até o quarto. Escolho a sua roupa e a deixo sobre a cama enquanto escovamos os dentes, juntas. Voltamos para o quarto e ela se troca e eu faço o mesmo. Ao final, preciso ajeitar a sua saia, pois Hope deixou os bolsos frontais na parte traseira. Não temos dificuldade com

cadarços hoje, já ela escolhe calçar sandálias. Encaro o meu reflexo no pequeno espelho sobre a cômoda e tranço o meu cabelo, depois de ter feito o mesmo com os cabelos de Hope. Aliso a minha regata preta e coloco o meu celular no bolso traseiro da minha saia jeans.

— Vamos? — Demando à Hope, já caminhando até a porta.

Paro e a espero sair da cama, com uma de suas bonecas no braço.

— Onde nós vamos? — Ela pergunta, passando por mim e enrugando a sua testa.

— Visitar o papai — suspiro, como se nosso destino fosse outro muito pior.

— Verdade? — Ela parece animada, já andando à minha frente.

— Sim, verdade.

Descemos os degraus, caminhamos pelo corredor e pisamos na cozinha nem meio minuto depois. Eu gostaria de ter demorado mais. Minha mãe ainda está no mesmo lugar, com o mesmo interesse por seu celular. Toco o seu ombro, a assustando de forma involuntária.

— Ah, vocês já desceram — ela se espanta, empurrando a sua cadeira e se levantando com pressa. — Fiquem aqui, eu volto em um minuto.

Encaro a sua corrida até a saída da cozinha, sem dizer nada. Hope segura a minha mão e esperamos em silêncio. Minha mãe volta minutos depois, com um grande envelope amarelo em uma das mãos. Ela para à minha frente e o entrega a mim, antes de completar:

— São documentos importantes, Ella. Assegure-se que eles cheguem até o seu pai.

— Ele sabe que estamos indo vê-lo? — Me permito questionar. — Será que não está viajando, ou algo assim?

Algo assim, significa estar com a sua secretária. Minha mãe claramente

sabe ler nas entrelinhas e eu não preciso jogar a sujeira abertamente no ventilador.

— Ele chegou ontem de uma conferência em Ohio. — Ela me explica com paciência.

— Claro... — mordo a língua e bloqueio os pensamentos rudes que passam por minha mente com essa informação. — Posso colocar o envelope no correio, caso ele não esteja?

— Ele estará, Ella — minha mãe ri. — Mas caso não esteja, traga o envelope de volta.

— São os papéis do seu divórcio? — Investigo, caminhado até a porta com Hope ao meu lado. — Finalmente decidiu por eles?

— Não, Ella — ela responde, infeliz. O riso de antes, morrendo em seus lábios no mesmo instante. — Por que acha que quero me divorciar? Ou que eu deveria?

— Isso é tão claro, que tenho vergonha de te explicar. — Murmuro para a porta aberta, enquanto suspiro. Hope solta a minha mão e corre até a garagem.

— Apenas faça o que eu te mandei. — Minha mãe replica, atirando as chaves do seu carro em minha direção.

Tardiamente levanto a mão e as chaves batem em meu rosto. Dói, mas eu encaro o seu olhar imperativo. Porque ela faz isso às vezes, e se comporta como se fosse a minha chefe. Odeio isso, odeio que ela seja tão bipolar em alguns momentos. Que seja doce e amarga na mesma intensidade e que eu jamais saiba quando terei um ou outro, e possa me preparar para eles. E mais do que tudo, odeio o quão doente todos nós somos.

Curvo-me e recolho as chaves do chão, saindo sem dizer uma palavra a mais. Provavelmente ficarei sem falar com ela por alguns dias, e deixarei o envelope na caixa de correios da nossa antiga casa. Meus passos são rudes, e a minha respiração sai em baforadas densas, enquanto caminho até o SUV da minha mãe. Hope já me espera em frente a ele. Aciono o alarme e abro a porta de trás, ajeitando-a em seu assento, como de costume. Fecho o seu cinto e bato a porta, respirando lentamente por alguns segundos. Recolho o envelope sobre o

capô e ocupo o meu lugar. Minhas mãos tremem ao colocar a chave na ignição e eu me obrigo a ficar calma, antes de sair com o carro.

Não há pressa alguma em meu caminho até o escritório do meu pai. Na verdade, eu dirijo tão vagarosamente que atrapalharia outros motoristas, caso o trânsito não estivesse tão vazio a essa hora. Ainda assim, eu preciso estacionar em frente à minha antiga casa, eventualmente. Desligo o carro e me debruço sobre o volante, admirando a sua fachada por um tempo. O nome do meu pai brilha em uma pequena placa colocada estrategicamente no jardim. Ele é um advogado tributário, muito conceituado em todo estado e em algumas cidades fora dele. Por razões escusas, eu suponho. Mas não permito que os meus pensamentos já tão conturbados adicionem maiores preocupações à minha mente.

— Nós não vamos descer? — Hope me interpela no banco de trás.

— Sim — é tudo o que digo, antes de suspirar e sair do carro.

Hope já fez grande parte do trabalho ao abrir o seu cinto e escorregar para fora do seu assento. Abro a sua porta e ela praticamente salta para a calçada. Queria ter um por cento da sua animação.

— Não corra — advirto, enquanto seguro a sua mão e a impeço de subir os degraus da recepção antes de mim. — Sabe que o papai não gosta de bagunças, ainda mais no escritório.

— Tá — é tudo o que eu recebo... *lá se vai um pouco da sua animação.*

Subimos os poucos degraus e pisamos na varanda onde brinquei até a exaustão quando tinha a idade de Hope. São memórias tão distantes, que exigem um pouco de esforço para serem revividas por mim. Empurro a porta de madeira maciça da entrada e puxo Hope comigo. Eu deveria ter batido à porta? Aqui não é mais a minha casa e é tão fácil me dar conta disso, quando caminho pelo hall e encontro a secretária do meu pai na nossa antiga sala de estar.

Olho para ela e aperto o envelope de encontro ao peito. Eu me esforço em recordar o seu nome, mas falho miseravelmente e ela fala primeiro:

— Olá — é o que ela balbucia, de forma simpática e gentil.

Embrulha-me o estômago que ela só tenha três ou quatro anos a mais do

que eu, e durma com o meu pai. Ela sorri para mim, em seu batom vermelho-vivo e afasta a sua franja escura do rosto de traços suaves.

— Meu pai — é o que posso murmurar em resposta, erguendo o envelope para completar: — Ele está me esperando.

— Ah... — ela esboço, parecendo ainda mais animada.

Ela sai com desenvoltura de sua cadeira e abandona a mesa de escritório na qual trabalhava. Seu notebook permanece aberto, enquanto ela passa por mim e aperta o meu ombro.

— Vou avisá-lo sobre a sua chegada. — Ela recita, correndo para o que eu me lembro ser o antigo escritório dele. Algumas coisas não mudaram, aparentemente.

— Quem é ela? — Hope me pergunta, puxando o meu braço e exigindo o meu olhar.

— A secretária, ela trabalha aqui.

— Entendi... — ela replica, olhando ao redor.

Volto a olhar para a frente, para a janela e a cortina creme em linho, que eu tenho certeza que foi a minha mãe quem escolheu. Tudo aqui ainda possui o seu toque e é irônico pensar nisso. O salto da secretária volta a soar em minhas costas, mas eu não me viro. Isso a obriga a parar diante de mim, uma das mãos em seu cabelo e a outra em sua cintura, enquanto ela diz:

— Seu pai está lhe esperando, Ella — ela me diz, com um sorriso treinado. Tenho certeza que meu pai lhe disse o meu nome enquanto ela esteve em seu escritório.

— Obrigada... Mary? — Ofereço, com um pequeno inclinar de cabeça.

— Maureen — ela me corrige, ainda sorrindo.

— Sim, Maureen, me desculpe. — Lamento, forçando um sorriso também.

Não espero a sua resposta, e caminho com Hope até o escritório. Bato levemente na porta e espero.

— Entre — meu pai demanda lá de dentro.

Hesito por um instante, mas então abro a porta e coloco Hope à frente do meu corpo, como uma espécie de proteção. Não é que eu odeie tanto assim o meu pai, só houve uma época em que ele me magoou de maneiras que julgo irreparáveis. Tenho tentado, desde então, perdoá-lo de forma altruísta. Contudo, ainda estou longe de conseguir de fato.

— Ella! — meu pai exclama, saindo de trás da sua imponente mesa de madeira e caminhando até nós.

Fixo o meu olhar na sua figura elegante e poderosa. Ele nunca se vestiu de outra forma, que não fosse com roupas sociais, e hoje não é a exceção. A única coisa diferente em sua imagem sempre impecável, são as mangas dobradas de sua camisa branca e o seu cabelo castanho que está mais curto também.

— Oi, pai — digo, baixando os meus olhos para o seu sapato marrom e lustroso.

Eu tenho essa vergonhosa e irritante mania de desviar o meu olhar para o chão, sempre que não sou capaz de sustentar o olhar de alguém. Essa é definitivamente uma dessas situações.

— Você está bem? — Ele me pergunta, apertando os meus ombros e beijando a lateral do meu rosto de forma rápida.

— Sim. — Respondo, voltando a olhá-lo de forma breve e empurrando o envelope em suas mãos. — Mamãe pediu que lhe trouxesse isso.

— Sim, ela me avisou que você viria. — Replica, aceitando o envelope e o colocando sobre a mesa.

Seu olhar se concentra em Hope agora e eu quase posso respirar mais aliviada.

— Tudo bem, Hope? — Ele lhe pergunta, estendendo a mão e acariciando a sua bochecha.

Não é, definitivamente, a reação de um pai que não vê as filhas há tanto tempo. Mas a nossa relação familiar tem sido estranha e subliminar desde que Hope nasceu e não há nada o que qualquer um de nós possa fazer para melhorá-la.

— Estou sim, papai — Hope exclama, impulsionando os braços para ser carregada.

Observo a cena em silêncio. Posso contar nos dedos as ocasiões em que os vi juntos. Meu pai a segura de forma mecânica, impulsionando os seus pés para fora do chão, em um abraço que dura alguns segundos apenas.

— Você cresceu — ele observa, bagunçando o seu cabelo de forma desajeitada. — Está comendo algo, além de macarrão instantâneo e nuggets?

— Sim, eu como muitas coisas agora — Hope diz com orgulho.

Gostaria de dizer que não são tantas coisas assim, mas me calo quando ela me olha e sorri.

— Mas eu gosto de nuggets — ela completa, voltando o seu olhar para o pai.

— Tenho certeza que sim — ele sorri, colocando a mão em um dos bolsos e retirando uma nota de dinheiro. — Peça para Ella te levar para almoçar quando saírem daqui.

Hope esbugalha os olhos para a nota de cem dólares em sua mão, mas certamente a reação seria a mesma se fossem cinco centavos. Ela não sabe a diferença, só sabe que o dinheiro pode lhe comprar coisas e isso é tudo o que importa.

— Pai... — recrimino, olhando para o dinheiro que Hope enrolou entre os dedos. — É muito.

— Bobagem... — ele me ignora, colocando toda a atenção em Hope e se

inclinando para ela. — Vá ficar com Maureen na sala, enquanto eu converso com a Ella.

Droga, achei que pudesse escapar de uma conversa a sós com ele. Contudo, o que me mais me irrita é o quão fácil ele dispensou Hope. Ela não recebeu nem mesmo cinco minutos de sua atenção.

— Vá, Hope — eu a incentivo, apesar de minhas reservas em ficar sozinha com ele. — Não perca o dinheiro, ok?

— *Tá bom!*

Ela nem mesmo tenta dar um beijo de despedida em nosso pai. Não sei se por estar concentrada demais em seu dinheiro, ou por perceber a aura tensa ao redor.

— O que você precisa me dizer, pai? — Pergunto, assim que a porta bate às minhas costas.

— Faz muito tempo que não nos vemos. — Ele observa, ao invés de me dar uma resposta.

Assinto, e só não digo que toda essa distância partiu dele em primeiro lugar.

— Você está mesmo bem? — Ele me sonda, cruzando um pé sobre o outro e se recostando em sua mesa.

— Sim — afirmo com rapidez. — Por que não estaria?

— Cada vez que te vejo, parece que seu olhar perdeu um pouco mais de brilho.

— Isso é coisa da sua cabeça. — Digo, embora ele tenha falado a verdade.

Olho para os meus pés, a parede, a cortina... tudo para não sustentar o seu olhar.

— Tenho pensado em vender a pousada — ele me diz, de repente. — Você pode morar em qualquer cidade do mundo, Ella. Estudar, conhecer novas pessoas, viajar...

— E a Hope? — Pergunto, alarmada.

— Ficaria aqui, comigo e com a sua mãe. Ela é nossa filha, não é?

Rio... isso não é engraçado, é patético e triste, mas não posso conter a risada que sai da minha boca. Há uma dezena de insultos e verdades dançando em minha língua agora, porém, eu as reprimo e ao invés de insultá-lo, digo a coisa que sei que ele quer ouvir.

— Gosto da pousada. — Balbucio, com calma. — Mamãe e Hope também gostam, é a nossa casa.

— E o seu futuro? — Ele refuta, não muito feliz.

— Ainda terei um, só que não tão bonito e promissor como o que sonhou para mim.

— Eu só quero vê-la feliz, Ella.

Suspiro, encarando os seus astutos olhos azuis e me preparo para mentir.

— Estou feliz, pai. Não se preocupe comigo.

É tarde para se preocupar, é o que eu deveria dizer. Mas sem malcriações, lembra? Ser uma boa menina, educada e servil, é o que me colocará longe daqui com mais rapidez.

— River Lewis está de volta à cidade. — Meu pai me diz, soando como minha mãe há algumas horas.

— Sei disto. — Confesso.

— Vocês se encontraram? — Ele quer saber.

— Brevemente — opto pela verdade. Meu pai saberia se eu mentisse,

ainda assim, não conto sobre River estar hospedado em nossa pousada. — É por isso que quer vender a pousada?

— Irá lhe contar a verdade? — Ele me pergunta, sempre com o mesmo jogo de não me dar a resposta que quero. — Sei que já se passaram cinco anos.

Mordo a minha língua com mais força do que deveria. Esse assunto me incomoda mais do que uma cobra faria ao rastejar lentamente por todo o meu corpo.

— Não — é a minha resposta sucinta. — Tchau, pai.

Vou até ele e beijo o seu rosto. Ele afaga as minhas costas em uma espécie de abraço sem jeito. É estranho e quero correr pela porta, e é praticamente o que faço.

— Sabe que eu te amo, não sabe? — Meu pai murmura quando estou prestes a fechar a porta e deixá-lo para trás.

É a aparente preocupação em sua voz que me faz parar e encará-lo uma última vez. Ele nunca demonstra fraqueza e isso me amolece; mesmo que eu não queira.

— Eu sei — sorrio fracamente. — Também te amo, pai.

Fecho a porta com um baque alto e corro para a sala de estar. Resgato Hope da secretária e me despeço sem palavras. É uma bênção pisar na varanda e respirar o ar livre de tensão. Isso até caminhar com Hope em direção ao meu carro estacionado a pouco metros e me deparar com River e Sean do outro lado da calçada.

Droga... é mesmo a cereja do bolo em meu dia mais do que ruim.



Fico parada na calçada, decidindo se seria possível fingir que não vi Sean do outro lado da rua. Mas parece impossível fugir de um encontro com ele, quando Hope solta a minha mão e anda em sua direção. Preciso pará-la, antes que ela atravesse a rua movimentada sem olhar para os lados. Isso, aparentemente, obriga Sean a vir ao nosso encontro. Parece que o destino não me dá escolhas quando quero tanto evitá-lo.

— Sean — Hope solta a minha mão e corre pela calçada para encontrá-lo em um ponto mais à frente.

É estranho que ela esteja muito mais animada em vê-lo, do que ela demonstrou estar com relação ao nosso pai. Eu deveria começar a me preocupar com a sua evidente afeição por Sean, mas não agora. Por enquanto eu não me mexo, ao observá-los à distância. A minha verdadeira vontade é a de me esgueirar até o carro e ir embora, mas, mais uma vez, Hope estraga esse plano.

Meu coração palpita perante a luta do meu corpo em se manter parado. A vontade de girar a cabeça e observar River na calçada ao lado, é gigantesca, porque mesmo toda a distância física ou temporal não me fez esquecer da forma como somente River me olha. Intenso e caloroso, capaz de acender cada célula do meu corpo sem esforço algum. E eu me sinto incendiar nessa calçada, porque sei que ele está me olhando agora.

Não sou forte o bastante, e por fim, o encaro também. Ele não desvia o olhar como fazia quando éramos adolescentes na biblioteca. Ao contrário disso, ele me encara com orgulho e teimosia. Isso me recorda que já não somos os mesmos, principalmente River. Ele não tem razões para desviar o olhar como um garoto repleto de incertezas, mas eu sim, pois esse é o exato momento em que mais me sinto a Ella de cinco anos. Frágil, apaixonada e tola...

— Olá, Ella — Sean me cumprimenta.

Eu me forço a olhá-lo e sorrir, é tão difícil quando tudo o que os meus olhos querem é se concentrar em River. De preferência, para sempre.

— Oi, Sean — digo, em um tom quase monótono; embora não seja a minha intenção.

— Não esperava encontrá-la aqui. — Ele replica, sorrindo abertamente, com Hope quase aconchegada ao seu lado.

— Eu também não.

— Fomos visitar o papai — Hope conta, apontando para a casa da qual acabamos de sair. — Ele mora aqui... e nós na pousada, não é estranho?

Sean me encara sem respostas. Encolho os ombros e puxo Hope para mim. Era de se esperar que ela falasse demais em sua presença.

— *Hummm...* eu não sei — é a sua resposta final para a pergunta de Hope.

É óbvio que é estranho, mas o que ele poderia dizer, além disso? Seria rude pontuar a verdade.

— Ele é advogado e viaja demais a trabalho — sinto-me na obrigação de interceder. — Fica mais fácil para ele passar mais tempo aqui do que na pousada.

— Entendo — Sean assente, voltando a sorrir como antes. — Lewis e eu estamos indo até a loja de tintas, quer vir também?

— Não posso — é a minha resposta.

— Eu quero — é o que Hope diz, ao mesmo tempo.

Não fico surpresa com o seu convite. Apesar da minha postura mais distante em nosso último encontro e do meu passado com River, Sean ainda parece insistir em me ter por perto. E para o meu completo azar, Hope pensa o mesmo com relação a ele.

— Não podemos — reforço, com um sorriso tímido. — Tenho trabalho na pousada.

— Ah, Ella — Hope lamenta, girando a cabeça para me encarar. — Eu quero muito ir.

Para uma loja de tintas? É a réplica que dança em minha língua, mas dado o seu fascínio por Sean, acredito que ela não se importe muito com o lugar para o qual fomos convidadas.

— Hope — murmuro, apertando brevemente a sua mão.

— Por favor, Ella — ela me pede, com aqueles olhinhos de cachorro abandonado. Um olhar que lhe concede desejos, é fato e ela sabe exatamente quando usar esse olhar.

As minhas opções não são as melhores, porque não estou morrendo de ansiedade para retornar à pousada. E eu posso tentar me enganar o quanto quiser, mas meu corpo, alma e coração anseiam por River. Eu atravessaria a rua agora e me jogaria em seus braços, se fosse possível. Sei que não é, ainda assim, aceitaria cada migalha da sua companhia... *Tão masoquista e imprudente.*

— Por favor, Ella — Hope me puxa mais uma vez. — Vamos, vamos, vamos...

— Tudo bem — cedo por fim, Deus sabe por que ao certo.

— Eba... — Hope saltita com felicidade, soltando a minha mão para agarrar a mão de Sean.

Definitivamente eu preciso ter uma conversa — não tão feliz — sobre o seu apego a ele. Não quero secar muitas lágrimas quando Sean e River voltarem para a Flórida; embora eu ache que serão as minhas lágrimas e não as de Hope, a caírem.

— Me dê o seu dinheiro. — Peço à Hope, estendendo a palma da minha mão para ela.

— Ah, sim... — ela ri, abrindo os cinco dedos, que até há pouco estavam apertados ao redor da nota de cem. — Papai me deu dinheiro, Sean.

— Sim? — Ele finge interesse, ou talvez realmente seja genuíno. Os olhos de Hope brilham mais ainda.

— Sim, ele me deu. — Ela levanta a nota para provar e então entrega-a

mim, como eu pedi.

— É muito dinheiro! — Ele exclama sorridente.

— *Éhhhh..* — Hope concorda, rindo.

É um riso diferente, metade orgulhoso e um tanto envergonhado também. Isso me preocupa e faz com que eu morda a minha bochecha, enquanto Hope e Sean caminham para longe de mim. Eles atravessam a rua e encontram River na calçada, então me obrigo a segui-los. Atravesso a rua, olhando para as listras do chão e para o movimento dos meus pés a cada passo; tudo isso para fugir do olhar do meu amor adolescente.

Piso na calçada e sou obrigada a olhar para River, não há como fugir, não há como evitá-lo agora. Levanto o rosto e encontro o seu olhar caloroso em mim. Ele não parece incomodado, ou a ponto de correr, como eu estou. E eu desejo ardentemente poder olhá-lo e não me sentir prestes a desfalecer a qualquer segundo.

— Oi, River! — Sou a primeira a falar, enquanto ele ainda me encara em silêncio.

— Ella vai conosco até a loja de tintas — Sean explica, com Hope saltitando ao seu lado. — Talvez ela nos ajude com algumas cores para a casa.

River me olha da cabeça aos pés, mais de uma vez, preciso dizer. Os seus braços estão cruzados sobre o peito e eu percebo uma tatuagem em seu antebraço direito. Pergunto-me como não a notei antes, mas me dou conta rapidamente, de que tirando o nosso encontro de ontem à noite, essa é a primeira vez que posso olhá-lo de forma mais demorada. Eu não consigo decifrar o desenho da tatuagem e me contenho para não inclinar um pouco mais o pescoço e descobrir exatamente o que é.

— Claro — é a resposta de River, por fim. — Como vai, Ella?

— Bem — murmuro, engolindo saliva alguma; minha boca está tão seca.
— E você?

— Ótimo — ele sorri, descruzando os braços para colocar as mãos nos bolsos.

Sean e Hope já estão andando mais à frente. A loja de tintas fica na esquina e eu deduzo que River e Sean estacionaram tão longe por falta de vaga, eu não os teria encontrado, se fosse o contrário.

— Você primeiro — River me diz, meneando a cabeça para que eu comece a andar.

Ele caminha ao meu lado, com uma pequena distância entre os nossos corpos. Isso faz com que eu me recorde de quando andávamos juntos no corredor da escola, de como as minhas mãos ardiam por tocá-lo a cada instante. De como nos esbarrávamos de propósito e ainda pedíamos desculpas, quando estava claro que ambos só queríamos estar juntos. Minha mão ainda queima para segurar a sua. Meu coração dói por um dia termos sido tão íntimos e hoje não sermos nada, além de velhos conhecidos.

— Veio visitar o seu pai? — River me pergunta quando dobramos a esquina e estamos a poucos passos da loja de tintas.

— Sim — respondo, olhando para Hope, que vez ou outra gira o pescoço para nos olhar. Ela está curiosa sobre River, certamente.

— Eu notei que ele não mora com vocês na pousada — ele continua; esbarrando um dos dedos em minha mão. Acidentalmente, ou de propósito, eu não me importo... *só quero que ele faça de novo, de novo e de novo...*

— Ele mora — replico. — Só que fica alguns dias da semana na cidade, por causa do trabalho. É mais fácil dessa forma.

— A pousada fica a menos de vinte minutos do centro, ele poderia ir e voltar todos os dias, e nem seria cansativo — ele ri e isso me obriga a olhá-lo. É como se o som da sua risada caminhasse pelo meu corpo. — Eu mesmo tenho feito isso desde que cheguei aqui.

— Meu pai trabalha até tarde sempre, todos os processos e documentos ficam no escritório... ele é muito dedicado em tudo o que faz. — Estremeço ao dizer isso, inventar desculpas para algo que não tem explicação, é lamentável.

— Você é adulta, Ella — River me diz, espalmando uma das mãos na

porta da loja e impedindo que eu entre. Hope e Sean já estão lá dentro.

— Sim, eu sou — consigo dizer. Com River tão perto é um milagre que eu ainda fale, ou respire... ou esteja em pé.

— Então pare de se enganar — ele murmura, ainda mais perto. — E não me refiro apenas ao seu pai.

Ele me deixa de boca aberta e sem direito à réplica, embora eu creia ser incapaz de falar algo. E ele está certo sobre o meu pai e sobre todo o resto; eu me engano o tempo todo. Mas é para o meu próprio bem, a verdade por vezes não é tão suportável.

Giro o meu corpo e olho através das portas de vidro, o interior da loja se faz totalmente visível para mim. River está em um corredor, encarando uma paleta de cores pastéis. No mesmo instante em que o observo, ele olha para mim. Ele meneia a cabeça como quem diz: *Você não vai entrar?* Eu não deveria, mas Hope está lá dentro, consigo vê-la a dois corredores de onde River está agora.

Empurro a porta e entro. Eu deveria caminhar até ela e Sean, contudo, meus passos sem controle me levam até River. Porque é o desejo do meu coração e meu corpo sabe disso.

— O que acha dessa cor? — me pergunta com uma casualidade assombrosa.

É como se nós fôssemos um casal novamente, um time em uma tarefa em comum. A familiaridade é bem-vinda por um breve instante, como se eu provasse uma comida que realmente adoro e que não como há muito, muito tempo. É reconfortante, mas eu sei que é passageira. Agridoce, pendendo para o amargor; ainda assim, eu gosto.

Olho para os seus dedos, enquanto eles mudam agilmente as paletas, em busca de uma nova cor. A cor que ele me mostrou há instantes já foi esquecida, de qualquer forma eu respondo a sua pergunta:

— É bonita...

Ele sorri, mas não me encara, ainda concentrado em sua tarefa. Ao fundo eu posso ouvir a voz de Hope. Surpreende-me que Sean tenha me deixado sozinha com River, tão facilmente. Ou ele apenas acha que eu irei até ele por vontade própria? Eu deveria, é claro. Deveria estar com ele e com a Hope, River que escolha as suas tintas, sozinho. Mas por que não consigo? Torço os meus

dedos e os coloco no bolso da minha saia.

— Que tal essa? — River questiona, me mostrando um cartão com uma cor mais forte, um areia-escuro.

— Eu não gosto — sou sincera. — É forte.

— O corretor me aconselhou a usar algumas cores diferentes na casa, isso a deixará mais atrativa, segundo ele. Eu pintaria tudo de branco, se fosse a minha escolha.

— Vai mesmo vender a sua casa? — Vejo-me perguntando. Na verdade, eu me surpreendo por River vender a casa na qual cresceu e passou a adolescência. — Vai vender a casa do seu pai?

— Meu pai morreu, Ella — ele replica, me encarando como se eu realmente não soubesse disso.

— Eu sei — murmuro como um segredo. — Eu estive no velório.

— Sim? — Ele arqueia as sobrancelhas, surpreso. — Eu não te vi lá.

— Você veio? — É a minha vez de me surpreender. — Eu também não te vi...

Ele sorri de forma triste. É tão perceptível para mim, porque eu o conheço tão bem, mas não seria notável para outra pessoa.

— Achou mesmo que eu não tivesse vindo para o sepultamento do meu pai?

— Eu não o vi em lugar nenhum, então... — encolho os ombros, quase envergonhada. River amava tanto o seu pai, óbvio que ele estaria aqui para o seu último adeus.

— Eu vim, e fiquei aqui por cinco dias — ele pontua, ficando totalmente de frente para mim.

A minha cabeça bate em seu ombro, ele cresceu um pouco mais pelo que

posso me lembrar. O seu cabelo é bem mais curto agora, raspado dos lados e mais cheio no topo, mas eu tenho certeza que ele o deixará ainda mais curto quando voltar ao trabalho. Além da tatuagem em seu braço, não sou capaz de enxergar mais nenhuma, mas isso não significa que ele não possua mais. O conhecendo bem, eu garanto que ele fez outras. Ele está mais forte, é claro e mais bonito também. E eu me pergunto quais são as mudanças que ele enxerga em mim ao me olhar. Será que gosta de cada uma delas, como eu faço com as suas? Nós crescemos e estamos diferentes, mesmo que sutilmente. Mas os anos foram extremamente gentis com River; ele se tornou um homem lindo.

— Eu te procurei — River diz, quando eu permaneço quieta, sonhando com o quão lindo ele está.

— Verdade? — Indago, diminuindo um pouco a voz, ao invés de aumentá-la. O que seria natural diante de um choque como esse.

— Sim, verdade — ele repete, sem desviar os olhos do meu rosto. — E eu te procurei em sua casa, a secretária do seu pai me disse que você estava na faculdade; em Washington.

— Ele nunca me contou — lamento como quem descobre uma traição, e é exatamente como me sinto agora; *traída*.

— Por que isso não me surpreende? — River ironiza.

— Eu nunca estive na faculdade. — Por algum motivo preciso lhe contar.

— Por quê?

— Porque eu não quis, não parecia certo, ao final de tudo.

Não parecia certo depois de te perder e porque eu passei os meses seguintes a sua ida, sem sequer levantar da cama. Eu não queria viver sem River ao meu lado, me questiono se ele sabe disso.

— Você nunca deixou Beaufort?

— Em cinco anos? — Ele acena. — Não, não deixei. Nos mudamos para a pousada poucos meses após a sua partida e trabalho lá desde então.

— Por quê? — Ele insiste e suas palavras soam com certo pesar. — Você sempre foi tão inteligente, Ella. Imaginei que no final fosse se tornar cientista ou astronauta.

Rio, porque tirando a vez em que Sean me chamou de linda, esse foi o elogio mais genuíno que recebi nos últimos tempos.

— Você sempre me superestimou — sussurro, em um sorriso que não posso conter.

— Você sempre mereceu — ele murmura da mesma forma.

E então, em um segundo esse momento perfeito se acaba. River volta a olhar a paleta de cores e eu me divido entre querer ficar ao seu lado, ou procurar Hope pela loja. Acabo não saindo do lugar por longos minutos.

— Soube sobre o Mason? — Ele me pergunta, de repente.

Mason? Deus... esse é o pior assunto que River poderia trazer à tona. Dou dois passos para trás, disposta a me encontrar com Hope e Sean, agora visíveis do outro lado do corredor.

— Não — me obrigo a responder.

— Ele foi preso — River conta, me olhando mais uma vez. Ele não parece chocado, nem eu.

Balanço a cabeça e olho para o lado, grata por Hope estar caminhando até mim com um regador florido nas mãos.

— Agora me lembro que Sean chegou a comentar algo — digo, ainda olhando para Hope e sua caminhada vagarosa.

Eu deveria acrescentar que sinto muito, Mason é irmão de River e sei que apesar da relação não tão amorosa dos dois, ele deva estar chateado com a sua prisão. Mas seria uma mentira — maior do que todas que já contei —, portanto me mantenho calada quanto a isso.

— Você e Sean conversaram muito, pelo que vejo — ele me diz, não muito feliz. Giro a cabeça e encontro os seus olhos castanhos tempestuosos. — Aquele papo de “ele é apenas mais um hóspede” não me parece verdadeiro agora.

— Mas ele é — refuto com sinceridade e calma. — Sean é um cara legal, gentil e nós tivemos breves conversas; apenas isso.

Por um instante eu me envergonho da necessidade de me justificar com River, mas uma parte muito grande do meu coração se preocupa com o que ele pensa sobre mim e Sean. Eu não deveria, sei disso. Na realidade, eu deveria fazê-lo acreditar que sinto algo por seu amigo, mas como posso mentir quando a verdade se reflete tão claramente em meus olhos?

— Ele gosta de você — é o que River replica.

Não contendo uma risada, porque é o que posso fazer agora e por ser tão engraçado que alguém acredite que Sean possa realmente gostar de mim. Hope toca as minhas costas e solto um suspiro de alívio. Ela irá nos distrair, certamente, e isso é muito bem-vindo no momento.

— Ella — Hope me chama baixinho. Talvez ela esteja com vergonha, algo que me surpreende em grande escala.

— O quê? — Sorrio, lhe dando toda a minha atenção.

Ela me encara em silêncio, então faz um gesto com o dedo indicador, me convidando a chegar mais perto. Me inclino até que meu rosto esteja bem próximo do seu, ainda assim, ela tampa a boca com uma das mãos antes de sussurrar:

— Quem é ele? — Ela me pergunta.

Ele, a quem Hope se refere, é o homem atrás de mim; River Lewis. Meu namorado por um longo tempo no ensino médio, meu único beijo, meu único amor. Aquele que ainda segura o meu coração em ambas as mãos e pode esmagá-lo quando quiser. Aquele com quem eu sonhei um futuro que nunca chegou e por isso jamais serei plenamente feliz. Será que Hope entenderia tudo isso?

— Ele é amigo de Sean... — é a minha resposta final, tão mais simples do que toda dramaticidade da verdade.

— Ah... — ela suspira.

Volto para a minha posição anterior, puxando a minha saia, enquanto Hope olha para River logo atrás. Seus olhos me parecem bem mais interessados agora.

— Quem é você? — Ela lhe pergunta, me fazendo sorrir por finalmente soar como a Hope que tanto conheço.

Instintivamente viro-me para River e digitalizo as suas ações. Ele cruzou os braços, deixando a paleta de cores de lado, sobre a prateleira. Há um sorriso em seu rosto, não um amplo como Sean costuma ter, é um sorriso de lado; meio orgulhoso e divertido.

— Sou River — ele diz, afinal. — E você?

— Hope... — ela sussurra, ainda um pouco envergonhada. — Você é mesmo amigo do Sean?

River ri da pergunta, desmontando em segundos a sua postura de bad boy. Hope é engraçada, eu admito. A forma como ela examina as pessoas é sempre divertida e peculiar. Sei que as crianças costumam ser mais curiosas que o resto de nós, mas Hope consegue ser ainda mais.

— Sim, eu sou — ele responde com um sorriso maior, então olha para mim e completa: — Por enquanto...

Tenho vontade de cutucar as suas costelas, como quando namorávamos e ele dizia algo impertinente. Mas eu não posso, é claro, então coloco as minhas mãos nos bolsos e olho para Hope.

— Ah... é legal — Hope finalmente sorri para ele. — Eu gosto do Sean.

— Ele gosta muito de você também. — River replica com um meio sorriso.

É como se de repente houvesse uma competição silenciosa entre Sean e ele, e River estivesse perdendo. No que diz respeito à Hope, isso é mesmo verdade. Ela adora Sean e parece longe de sentir o mesmo por River; mas com relação a mim... acho que não preciso explicar mais.

— Ella — Hope me chama mais uma vez, deixando River de lado por um instante.

— Sim? — Ofereço, arqueando uma das sobrancelhas em curiosidade.

— Olha — ela sussurra, puxando vagarosamente o regador que estava escondido em suas costas.

— O que é isso? — pergunto, embora eu já saiba a resposta.

— É um *guerrador*, foi o que Sean disse.

— Regador — River a corrige, antes que eu possa fazê-lo. Uma nota de divertimento muito clara em sua voz.

— Isso — Hope ri, não se importando com a correção. — Podemos comprar? Eu quero!

— Para que usaria? — Demando. — Eu nem sabia que vendiam essas coisas aqui.

— A gente coloca água e molha.

— O quê? — Exijo.

— Qualquer coisa que a gente quiser — ela sorri, encolhendo os ombros.

Sei que ela irá roubar toda a água do lago e molhar a nossa grama. E fará isso até que se torne uma atividade exaustiva, o que talvez demore algumas semanas. A grama irá crescer duas vezes mais rápido; não me parece um bom negócio já que pagamos alguém para cortá-la.

— Você compra? — Hope insiste.

— Eu não sei — mordo os lábios enquanto penso em uma resposta.

A questão mais importante é não dizer sim para tudo, e confesso o quão difícil é quando o assunto é a Hope. Ela tem esses olhinhos castanhos que falam por si e vão direto ao meu coração, mesmo assim preciso lhe ensinar e mostrar que o mundo não fará todas as suas vontades. Essa deveria ser uma tarefa dos nossos pais, mas acabou se tornando minha.

— Por favor, Ella — essa é sua frase preferida para implorar; sempre funciona. Eu não estaria dentro dessa loja se fosse o contrário.

Olho para o regador, é pequeno como Hope, de alumínio e com girassóis em toda a sua extensão. A etiqueta me diz que custa menos de dez dólares, não é nenhuma fortuna...

— Eu compro — River diz às minhas costas. Uma de suas mãos está sutilmente tocando a minha cintura e eu prendo a respiração, esquecendo totalmente sobre o que estávamos falando.

— Verdade? — Hope saltita diante de mim, o regador em suas mãos, dançando também.

— Sim — River confirma. — Se Ella deixar, é claro.

— Você deixa, Ella? — Hope quer saber, ansiosa.

— Tudo bem. — Murmuro sem força.

Com a mão de River ainda em minha cintura e seu perfume no ar, eu não consigo falar muito, além disso. E eu deveria lhe dizer que não precisa, que eu mesma compraria o regador para Hope, seria a coisa educada a fazer.

— Eba... obrigada, River! — Ela exclama sorridente, já virando as costas e correndo para longe.

Fico parada, vendo-a se afastar e me perguntando quando River irá soltar a minha cintura para que eu possa voltar a respirar.

— Ela se parece tanto com você — ele sussurra, roçando a boca em meu cabelo quando passa por mim.

— Hope?

— Sim... — ele sorri, se afastando lentamente. O pequeno pedaço de pele que ele tocou há alguns segundos, ainda queima em meu corpo. — E eu me apaixonei por ela em cinco minutos!



Doze

— Aquilo é uma estrela ou um avião? — Pergunto a River, com um sorriso em minha voz.

— É um avião — ele ri, me apertando em seus braços.

O céu acima de nós é estrelado e limpo; realmente lindo. Deitamos sobre o capô do seu sedan há mais de uma hora e desde então, temos nos beijado e admirado as estrelas de forma alternada. São quase meia-noite, eu sei, mas hoje é sexta-feira e ficar acordada até tarde é algo que não nos causará danos. Meus pais não sabem que estou aqui, eu menti sobre dormir na casa de uma amiga que eu nem mesmo tenho. Eu quase me sinto culpada, quase... porque todas as vezes em que River me beija, faz valer cada mentira que tenho contado nos últimos meses.

— Como sabe? — Insisto, rindo também.

— Porque acabou de se mexer, e as estrelas estão há anos luz de nós; jamais seriam tão visíveis quanto um avião.

— Entendi — murmuro me sentindo boba, mas tão apaixonada que não me importo em nada.

Inclino-me sobre o seu peito, de modo que possa beijar o seu queixo e logo em seguida a sua boca.

— Você ainda quer ser piloto? — Pergunto após disso.

— Sim. — Ele responde, depois de afastar o cabelo que cai em meus olhos. Eu amo quando ele faz isso, há tanto carinho no deslizar suave dos seus dedos sobre a minha pele. — É uma das poucas coisas que eu tenho certeza na vida.

— Você tem apenas dezessete anos...

— Dezoito daqui três meses. — Ele me corrige com um sorriso amplo.

— Eu sei... — estou contando os dias para o aniversário de River. Quero lhe fazer uma surpresa, algo épico é o meu desejo, só preciso pensar em algo até lá. — Mas e se você mudar de ideia a respeito disso?

— Eu não mudarei, eu tenho certeza — ele reforça, com convicção.

Sorrio, porque eu admiro isso em River. Essa força, essa certeza sobre os seus passos, sobre quais caminhos trilhar. Eu não tenho certeza alguma, além de que eu o amo e quero amá-lo para sempre.

— Assim como tenho certeza que você será a única garota com quem irei admirar as estrelas.

— Para sempre? — Eu ofereço com um sorriso apaixonado.

— Para sempre — ele replica, me beijando.

Os nossos beijos agora seguem um ritmo, como uma dança sincronizada. Começam lentos e terminam eufóricos, até que não tenhamos mais ar em nossos pulmões e se afastar se torna a única opção. Mas então nos beijamos de novo e de novo e de novo. Nunca se torna repetitivo.



Parece a cena mais insólita e improvável, mas estou sentada diante de River e Sean em uma lanchonete. Hope ao meu lado, enquanto esperamos nossos pedidos chegarem. Ainda estou descrente sobre a minha possibilidade em agir normalmente, mas tenho tentado arduamente a cada segundo.

Como terminamos aqui, eu não sei ao certo. Mas foi depois de River pagar as suas tintas e o regador de Hope. Então Sean sugeriu que comêssemos algo. River achou uma ótima ideia, eu não, no entanto. Mas depois de uma discussão acalorada ficou claro que eu não tinha escolha alguma sobre a decisão e terminamos aqui.

Não quero, mas meus olhos sempre buscam River. É inevitável com ele tão perto de mim. Nossas pernas já se esbarraram sob a mesa, nossas mãos se tocaram quando ambos seguramos o cardápio ao mesmo tempo e eu pareço uma

criança ao pontuar isso, mas só Deus sabe como coisas tão corriqueiras me fizeram sentir. Estou enlouquecendo...

— Estou com fome — Hope me diz, cutucando o meu braço com impaciência.

— Ainda nem é a hora do almoço, Hope — sussurro em seu ouvido. — E fale mais baixo, por favor. Você sabe que é feio, as pessoas olham.

— *Tá bom*, desculpe. — Ela replica envergonhada. — Eu vou esperar.

— Isso, obrigada — Devolvo, apertando a sua mão.

Demoro-me em seu rosto infantil por alguns segundos, sabendo que quando levantar a cabeça outra vez; River estará me olhando. É o que acontece, seus olhos castanhos me examinam com cuidado, antes que um meio sorriso curve os seus lábios. Sean está ocupado com seu telefone e sou grata por isso, eu não seria capaz de lidar com os dois ao mesmo tempo.

Coloco as pontas dos meus dedos sobre a beirada da mesa e olho ao redor, é inútil, porque ainda sinto o olhar de River. Volto a encará-lo, como se fosse um jogo que ele está ganhando há muito tempo.

— Como está a sua mãe? — Ele me pergunta de repente, aparentemente tentando engatar uma conversa casual.

Baixo os olhos para o copo de água gelada diante de mim e bebo um pequeno, mas pausado, gole dele. River sempre gostou da minha mãe, talvez porque ela fosse infinitamente mais compreensiva que o meu pai. É uma pena que o tempo tenha levado parte dessa compreensão embora.

— Ela está bem. — Respondo, ainda com o copo em mãos. — Não envelheceu um único dia.

— Você também não — ele sorri.

— Ainda pareço ter dezessete anos?

— Dezenove, no máximo — ele brinca.

— Isso é bom. — Digo, depositando o copo sobre a mesa novamente. — A minha alma envelheceu um pouco, no entanto.

Não sei por que disse isso, mas sinto a necessidade de que ele saiba, de uma forma ou de outra, que não passei por esses cinco anos ilesa. Eu fui marcada profundamente. E as marcas mais profundas não são visíveis a ninguém; elas estão em minha alma e coração.

— A minha alma também, Ella... talvez mais do que a sua.

Eu duvido disso, ainda assim, me limito a sorrir de forma fraca.

— Relembrando o passado? — Sean pergunta a nós dois, quando deixa o celular de lado para nos observar.

— Apenas conversando — River dá de ombros, se afastando um pouco da mesa e se encostando em seu assento.

Assinto, enquanto Sean olha para mim e bebo um pouco mais da água sobre a mesa. Sei que não serei capaz de comer absolutamente nada quando os meus waffles chegarem, mas eu precisava pedi-los para completar o meu teatro.

— Tudo bem? — Sean quer saber depois de um tempo. — Não conversamos absolutamente nada hoje, River te monopolizou por completo.

— Claro — River revira os olhos, sendo ele agora a mexer em seu celular.

— Então? — Sean ainda me sonda, ignorando o amigo.

— Tudo ótimo. — Balbucio, mentindo.

— Posso ver que se recuperou bem do seu mal-estar.

— Estou perfeita — uma mentira necessária, meu mal-estar nunca foi tão grande.

— Fico feliz! — Ele sorri com gentileza.

— Obrigada — torço as mãos em meu colo, olhando furtivamente para River; absorto em seu celular.

Hope se contorce em seu assento, eu queria fazer o mesmo. Sean tenta me envolver em assuntos aleatórios, acabo não conseguindo ser tão educada como gostaria e minhas respostas se tornam curtas e monótonas. A nossa comida chega. Hope pediu uma pilha de panquecas que não conseguirá comer ainda que fiquemos aqui por semanas. Os meus waffles parecem mais apetitosos do que imaginei e tento comer ao menos as frutas e o chantili que os cobre. Isso mantém a minha boca ocupada, sem brechas para conversas, e toda a minha atenção é dividida entre Hope e o meu prato sobre a mesa.

River e Sean conversam entre si e comem com mais entusiasmo que eu jamais seria capaz de fazer. Eles compartilham uma sintonia inegável e de repente, sinto-me curiosa para saber como eles se conheceram. Não sei absolutamente nada a respeito da vida de River a partir do instante em que eu o deixei na chuva há mais de cinco anos, e agora me sinto curiosa sobre isso.

— Isso é muito bom — Hope sussurra em seu prato de panquecas.

É uma das poucas coisas que ela ama comer e que eu não consigo fazer com perfeição. Minhas panquecas nunca ficam macias e suculentas como essa. Guio o meu garfo até o seu prato e roubo um pedaço pequeno de suas panquecas com calda.

— É mesmo muito bom — sorrio, depois de mastigar. — Aproveite enquanto pode, sabe que as minhas nunca ficam tão gostosas.

— As suas panquecas eram ótimas — River me diz repentinamente. — Lembro como elas ficavam mais escuras e crocantes por baixo, eu adorava.

Mordo o interior da minha bochecha para não sorrir, é o que eu quero com tanta força. Meu coração incha diante das palavras de River e da forma como ele tão abertamente compartilhou uma das nossas lembranças tão especiais.

— Ella cozinhou para você? — Sean pergunta, não escondendo o tom surpreso e um tanto chocado em sua voz.

— Algumas vezes, apenas. — Respondo, o que em parte é uma grande

mentira.

Quando River e eu tínhamos alguns meses de namoro, passamos a ficar em sua casa após a escola. Foi a época em que mais menti para os meus pais, até ter coragem de contar para a minha mãe sobre o meu namorado. Então eu cozinhava para ele, muitas vezes. Tínhamos a casa toda para nós, já que a mãe de River faleceu quando ele tinha seis anos e o seu pai trabalhava o dia todo.

Às vezes Mason estava em casa e fazia questão de nos atormentar, mas na maior parte do tempo ficávamos sozinhos. A felicidade desses momentos é quase palpável para mim. Nós fazíamos panquecas às quatro da tarde, não nos importando com o horário pouco apropriado e elas queimavam porque River me distraía com seus toques e beijos.

— Ella e eu fizemos muitas coisas juntos — River diz despreocupado. — Muitas coisas.

Tusso, enquanto o meu rosto pega fogo. Contenho-me para não chutá-lo sob a mesa, porque River claramente me colocou em uma situação constrangedora com Sean e o fez de forma deliberada. Embora ele não tenha mentindo; nós fizemos muitas coisas juntos, mas nenhuma delas foi suja, como River fez tão facilmente parecer agora. Eu não gosto nada disso.

— Entendo — é a resposta tardia de Sean.

Ele me olha de forma gentil, através do seu copo e me esforço para sorrir em retorno. Meus olhos se fixam nele por algum tempo, mas eventualmente olho para River, é inevitável. Ele não parece feliz, bem, eu também não estou. Porque bastou segundos para que toda a felicidade que a lembrança das nossas panquecas me trouxe, se esvaísse.

Olho para o meu prato e mexo vagarosamente o meu garfo sobre ele, mas não há como ignorar o clima estranho que paira no ar. Hope é quem salva, como sempre, a situação. A sua tagarelice espontânea é mais bem-vinda do que já foi em qualquer outro momento.

— Você tem um avião, River? — Hope pergunta, entre uma garfada de suas panquecas.

— Não, não tenho — ele responde, meio perdido com a pergunta inesperada. — Por quê?

— Porque Sean dirige um avião, mas ele não tem um — ela sorri, com o contorno da sua boca todo sujo de calda. — Se você tivesse um, seria muito legal.

— Não é dirigir um avião, você pilota um. — Sean a corrige, rindo, mas ainda com carinho.

— Sim, as pessoas dirigem carros. — Completo, limpando a sua boca com um guardanapo de papel.

— *Tá*, eu entendi — ela diz, empurrando o seu prato para o lado e se ajoelhando em seu assento para encarar River. — Você não tem mesmo um avião?

— Não que eu saiba — River sorri. — Mas eu piloto um também e sou muito melhor nisso do que o Sean.

— Nem foden... — Sean começa a falar, mas se cala após um cotovelada de River. — De jeito nenhum, eu sou muito melhor. Na verdade, estou uma patente à frente de Lewis.

— Por causa da sua idade — River rebate o amigo. — Mas estou quase te alcançando, sabe disso.

— Ok, continue sonhando.

Sean ri e Hope o acompanha, mas apesar do clima mais leve, eu ainda sinto me incomodada. O celular de River vibra sobre a mesa e ele me fita brevemente, antes de segurá-lo e sair da mesa.

— Vou atender lá fora. — Ele diz passando por mim de forma rápida.

Acompanho a sua saída com o meu olho, fixando o meu olhar na porta entreaberta mesmo quando ele não é mais visível. Eu deveria sair nesse instante, Hope já terminou a sua refeição e nem mesmo me recordo do meu pedido quase intocado. Mas ao invés de levantar e ir embora, encaro Sean e contra todo o meu bom senso, eu lhe pergunto:

— Como você e River se conheceram?

Ao invés de responder em seguida, Sean exala e espalma as mãos sobre a mesa. Eu esperava uma resposta simples, do tipo: *Nos conhecemos no trabalho*. Mas aparentemente não é, já que ele precisa pensar em sua resposta.

— Nos conhecemos no primeiro ano do Lewis na Marinha. — Responde, hesitante. — Mas, nos aproximamos mesmo, através de uma pessoa em comum.

— Um amigo? — Ofereço.

— Não, outra pessoa... — ele vagueia.

— Não pode me contar? — Refuto, quase não me reconhecendo por não respeitar a sua evasiva.

— Claro que posso. — Ele ri, desconcertado.

Mordo a minha bochecha e também espalmo as minhas mãos sobre a mesa, ao lado das suas.

— Deixa para lá — digo, usando as minhas mãos espalmadas como impulso para me levantar. — Não tem importância, Sean.

— Ella — ele balbucia, segurando firmemente o meu pulso. — Eu não queria te contar, porque apesar de tudo o que me disse antes, sei que vocês ainda têm uma história.

— Nós não temos — respondo quase debilmente.

Por que eu preciso mentir, não sei ao certo. Acho que na maior parte do tempo, estou mentindo para mim mesma e não para eles.

— Ok — ele murmura e solta o meu pulso, há outro suspiro, antes que ele complete: — River namora a minha irmã.

— Há quanto tempo? — Pergunto e me vejo dizendo a mim mesma que essa informação não me trará maiores danos... *besteira*.

— Quase um ano, eu acho.

— *Tá* — eu pareço a Hope agora e me sinto exatamente como ela, ao usar essa única sílaba. — Isso é legal!

— Não precisa achar legal quando estamos falando sobre o seu ex-namorado, alguém por quem claramente sente algo. — Sean me consola, com um pequeno sorriso.

— Eu não sinto — minto com desdém. Volto a minha atenção para Hope e demando: — Vamos embora.

— Eu não quero ir ainda. — Hope choraminga.

— Por favor, Hope — choramingo de volta, esse é o momento em que não posso lidar com a sua teimosia. — Já ficamos tempo demais longe, mamãe precisa de nós na pousada.

— *Ah* — ela lamenta, mas se arrasta para fora da cabine.

Coloco a mão em meu bolso e retiro a nota de cem dólares que Hope ganhou do meu pai. Ainda que as suas panquecas e os meus waffles mal comidos, não custem um quinto desse valor, não me importo em deixar a nota sobre a mesa. É o único dinheiro que tenho comigo no momento, e mais tarde posso dar à Hope várias notas de um dólar e algumas moedas; ela se sentirá imensamente feliz.

— Não precisa pagar — Sean me detém e empurra a nota em minha mão novamente.

Eu a seguro, mas a jogo sobre a mesa outra vez, mais distante do seu alcance. Ele já pagou a nossa conta na sorveteria, não quero lhe dever uma segunda vez.

— Que droga, Ella — ele amaldiçoa, enquanto seguro a mão de Hope e começo a caminhar até a saída.

— Está tudo bem, Sean, quero pagar desta vez. — Eu o tranquilizo, mas não paro de andar. — Foi bom te ver!

— Ella — ele me chama, ficando em pé quando alcança a nota sobre a mesa.

As pessoas ao redor começam a olhar, isso me faz ter mais pressa.

— Tchau, Sean — Hope murmura, se virando para acenar.

— Ella — ele me chama, mas abro a porta e saio.

River está do outro lado da rua, falando avidamente ao telefone. Paro por alguns segundos para olhá-lo e ele faz o mesmo comigo. Volto a caminhar, zangada comigo mesma por ter chamado a sua atenção. Ando cada vez mais rápido, com Hope rindo ao meu lado. Ela acha engraçado, ainda bem. River atravessa a rua. Sei porque, contra todos os meus protestos internos, giro o pescoço para olhá-lo.

— Ella — ele grita por mim, já na mesma calçada que nós. Por sorte já tenho uma boa vantagem dele.

— Tchau, River — grito em retorno.

— Ella — ele ainda insiste.

Cruzo a esquina e atravesso a rua. Meu carro está na próxima esquina, isso porque eu livremente o trouxe até aqui. Por que não dirigi até a minha casa? Teria evitado tanto drama.

— Você sempre foge de mim — ele diz, claramente audível, mesmo que eu não tenha parado de andar. — Mas eu sei aonde te encontrar, Ella.

Isso me irrita além do esperado. Paro de andar. Hope se choca comigo, quando interrompo de forma abrupta a nossa caminhada apressada.

— Eu não estou fugindo, River. — Rio, me virando para olhá-lo. — E você não deveria se preocupar comigo, não sou mais sua namorada. Outra pessoa ocupa esse lugar agora, não é?

Ele parece abalado por um instante, mas é de forma tão rápida que não

posso afirmar mesmo se aconteceu. River não responde e eu não espero por isso. Seguro Hope em meu colo e corro até o meu carro. Fujo sim; algo que eu deveria ter feito desde o instante em que River Lewis voltou para a cidade.



Hoje faz dois dias que fugi de River e Sean no restaurante. Quando revivi a cena algum tempo depois, senti certa vergonha do meu comportamento infantil; mas agora não me importo. Quando encontrá-los outra vez, irei fingir que nada aconteceu, é o que me resta, eu sei. Não me escondi em meu quarto e tentei evitá-los a todo custo como fiz anteriormente, ainda assim, não cruzei com nenhum dos dois. Parece que o destino, por fim, está a meu favor.

Agora que sei sobre o compromisso de River, tenho motivos ainda mais sólidos para não querer estar por perto. Contudo, ele ainda ocupa grande parte dos meus pensamentos: *o coração quer o que o coração quer*. Não há muito o que possa fazer a respeito dos meus sentimentos por ele. Não posso simplesmente enterrá-los sob concreto e acreditar que tudo estará acabado. Não, não funciona dessa forma. *Como posso matar algo infundável?*

Contudo, eu preciso me convencer novamente de que não existe um final feliz para River e eu. Por alguns segundos o meu coração imprudente me fez acreditar nisso e agora sei que seu final feliz provavelmente será com outro alguém, não comigo. E eu estou longe de vislumbrar o meu próprio “felizes para sempre”. Mas ficarei bem quando ele retornar para a Flórida e para a sua namorada, e eu puder voltar para a minha vida sem sentido e repleta de solidão.

— Você está molhando os meus pés por deduzir que sou uma flor? — Pergunto à Hope, quando ao invés de molhar a grama sob os meus pés, ela molha os meus chinelos.

— Sim — ela ri, feliz. Garanto que não foi esse o motivo de me molhar, mas certamente amou a minha comparação.

Como imaginei, Hope tem brincado com o seu regador de forma ininterrupta e quase acabou com toda água disponível. Agora ela está molhando os meus pés enquanto estou parada em nosso quintal e parece adorar isso.

— Bem, embora ser confundida com uma flor seja um grande elogio, essa água está gelada demais. — Digo, me esquivando. — Se continuar assim, eu terei que molhá-la também.

— Não, Ella — ela ri, se afastando quando estico meus braços para

agarrá-la.

— Acho que você precisa de água também — murmuro, correndo atrás dela. — Você certamente é uma flor para mim...

— Não, Ella — ela grita, soltando o regador e espirrando toda água que estava dentro dele, na saia do meu vestido.

— Sim, Hope — eu replico, rindo. — *Siiiiimm...*

Corremos em círculo, através do grande gramado que antecede o píer e o lago. O dia já está nos dando adeus e o sol se põe mais à frente, e eu deveria estar esvaziando a nossa secadora, dobrando as toalhas da pousada ou fazendo qualquer outra coisa útil; mas vi Hope através da janela e não contive o desejo de descer e ficar com ela. Os momentos ao seu lado são os únicos genuinamente felizes, sem tensão ou medo. São verdadeiros, mesmo que simples e por vezes, bobos. Estou estremecida com minha mãe, chateada pela forma como me tratou e apesar de ela ter se desculpado, eu me mantive distante. Hope é quem me segura por um fio, quem não me deixa enlouquecer quando percebo que não tenho nada, nem ninguém. Que minha vida é de certa forma vazia, com pequenos espaços preenchidos por mentiras feias e dolorosas.

— Estou cansada, Ella — Hope ofega, parando de correr, mas ainda distante de mim.

Eu poderia tê-la alcançado com facilidade se quisesse, mas o seu riso ao correr de mim era melodioso demais para ser desperdiçado. A verdade é que eu fiz questão de deixá-la fugir todas as vezes em que a alcancei. Foi divertido.

— Tudo bem — balbucio, levantado as mãos em rendição. — Eu não vou te molhar, você correu muito bem para uma planta.

— Uma *florrrrr* — ela me corrige, rindo.

— Isso, uma flor... — dou de ombros, caminhado até os meus chinelos perdidos.

Hope corre para o seu regador e então corre novamente até o lago, para reabastecê-lo. Eu a observo de onde estou, depois de ter calçado os meus

chinelos e enquanto torço a minha roupa molhada. Precisamos entrar, eu sei, mas lhe darei mais alguns minutos para brincar.

— Vocês realmente ficam lindas juntas — a voz de River soa forte em minhas costas, me fazendo congelar no lugar.

Não, o destino não está ao meu lado... definitivamente não. Solto o meu aperto em meu vestido e giro o meu corpo de forma vagarosa e hesitante.

— Olá, River — digo com um grande esforço.

Eu nem deveria cumprimentá-lo. Nós não precisamos fingir que somos amigos. Mas agir de forma natural, se torna uma espécie de escudo necessário.

— Oi, Ella. — Ele replica, se aproximando alguns passos.

— Há quanto tempo está aqui? — Eu me preocupo, mesmo que pareça tola ao perguntar. River certamente não ficaria me espionando.

— Tempo suficiente — ele responde. Comprimo os lábios e ele completa: — Dois minutos, eu diria... não se preocupe.

— Não estou preocupada — minto, me sentindo tão diferente do que eu me senti com Hope. Preciso erguer minhas barreiras e me isso me deixa tensa, visivelmente alerta.

Ele assente e se aproxima mais. Finjo que não me importo e volto a olhar para Hope no lago com o seu regador. River para ao meu lado, meu ombro quase toca o seu braço, o seu perfume toma todo o ar ao redor e mesmo que seja a última coisa que eu queira; respiro com mais força para senti-lo por completo. Acho que se ele se esforçar um pouco, será capaz de ouvir o meu coração batendo em meu peito; frenético e aterrorizado.

— Se tivéssemos tido uma filha, acho que ela seria como Hope, eu imagino — River diz, enquanto observamos Hope à distância. — Você sabe, dizem que as meninas se parecem com seus pais.

— Eu não me pareço com o meu — me vejo dizendo.

— Eu acho que sim, ao menos um pouco — ele sorri com suavidade. — Mas no nosso caso, deduzo que os meus genes teriam se sobressaído, não acha?

Engulo em seco, enquanto River respira com lentidão. O olhar momentaneamente perdido, como se ele viajasse para o futuro, ou para um passado que nunca existiu.

— Por que falar sobre isso agora? — Demando tristemente.

— E por que não? — É a sua réplica cheia de confiança. — Você nunca pensa sobre isso? Sobre a família que teríamos, casa, cachorro. O tipo de carro que iríamos escolher...

— Isso não é relevante agora — murmuro sem responder a sua pergunta. Porque então eu teria que lhe confessar que penso muito sobre nós e a nossa família imaginária e que isso é algo que me machuca demais.

— Não, não é — ele concorda — Mas não significa que não possamos falar a respeito.

— Para quê? Seria uma grande perda de tempo falarmos sobre o que não importa mais.

— Não importa mesmo? Tem certeza, doce Ella? — Ele me sonda sob os cílios escuros.

Desvio o olhar e exalo longamente.

— O que você quer, River?

Quero acrescentar que ele nunca está na pousada a esse horário, que essa é a primeira vez que eu o vejo aqui durante o dia, mas isso mostraria o quanto presto atenção. Como se o procurasse ao redor o tempo todo — o que é exatamente o que faço a maior parte do tempo. Então limito-me a essa pergunta segura.

— Vi Hope no lago e então deduzi que talvez te encontraria aqui — ele diz, sem rodeios.

— Sim — balbucio sem saber o que dizer. Eu deveria ter ficado dobrando as toalhas, afinal.

— Isso é seu — ele diz de repente, tirando algo do bolso.

Olho para a sua mão, uma nota de cem dólares entre os dedos. Essa é nova e brilhante, provavelmente por não ter passado pelos dedinhos sapecas de Hope.

— Não é a mesma nota, no entanto. Espero que não se importe. — River murmura, quando me mantenho quieta, apenas olhando para a nota.

— Eu não quero — refuto, cruzando as mãos sobre o meu estômago, meu olhar no lago mais uma vez.

— Ainda que você fique linda agindo de forma teimosa, dessa vez é totalmente inútil — ele ri, soltando uma das minhas mãos do aperto forte que eu mesma me infrinjo. — Posso ser teimoso também.

— Eu não quero o dinheiro, River. — Reafirmo, tentando ignorar o fato de que ele me chamou de linda e está me tocando nesse momento.

Como uma criança, eu aperto os dedos ao redor da minha palma. Também como uma criança, River tenta soltá-los. Então, não importa o quão tolo tudo isso pareça, nenhum dos dois quer ceder.

— Você está me coagindo — murmuro, tentando conter uma risada, porque de repente sinto cócegas... *quem nesse mundo sente cócegas nos dedos, ou nas mãos?*

— Você está sendo totalmente insensata — ele diz, levando por fim, a melhor.

Minha mão está aberta, mas ao invés de River me obrigar a segurar o dinheiro, ele entrelaça os dedos aos meus... *entrelaça os dedos aos meus...* eu preciso repetir para acreditar, embora eu esteja vendo os nossos dedos juntos. Ambos olhamos as nossas mãos unidas e nos encaramos em silêncio. É tão bom, mesmo que de certa forma seja errado. Eu penso na garota que ficou na Flórida e em como ela se sentiria com essa imagem de River e eu de mãos dadas. Sinto

uma pontada no coração; de culpa e de dor, mas não me afasto.

River se aproxima um pouco mais, a minha mão ainda na sua, o meu olhar em nossos dedos e depois em seu rosto. Ele estica o outro braço e encaixa a mão na curva do meu pescoço, os seus dedos passando pelo meu cabelo solto para que ele tenha acesso a minha pele. Ninguém nunca mais me tocou desse jeito, não depois dele. Será que ele sabe? Será que sente o estremecimento sutil do meu corpo sob a sua mão? O arrepio da minha pele sob os seus dedos? O exalar lento da minha respiração?

Espalmo a minha mão sobre o seu peito, para repeli-lo — quem sabe — mas não tenho forças. Eu não posso afastá-lo agora, quando ele está tão perto e quando a sua proximidade me aquece e preenche os meus espaços vazios.

— River — eu murmuro como uma pergunta, querendo saber o que tudo isso significa. Me perguntando como chegamos aqui e de onde tirarei forças para afastá-lo.

Ele não me responde, mas a sua respiração de encontro aos meus lábios, acaba sendo toda a resposta de que preciso. Antecipo o se beijo, me sentindo tonta apenas com a vaga lembrança que tenho dele.

— Oi, River... — Hope grita, vinda do lago.

A sua interrupção acaba sendo um banho de água fria, ainda mais gelada do que a água do seu regador de encontro aos meus pés. Mas é uma intercessão mais do que necessária, eu sei. Ainda que eu lamente por um segundo, sei que foi o melhor. Quantas complicações viriam com esse beijo? Muitas, infinitas.

A mão no peito de River, é enfim capaz de empurrá-lo. Eu odeio me afastar, odeio perder o seu calor. Nossas mãos permanecem entrelaçadas por alguns segundos, mas nossos dedos se soltam lentamente a cada passo que Hope dá em nossa direção. Quando a minha mão está livre, eu lamento sem querer e a trago até o peito, sentindo as batidas descompassadas do meu coração apaixonado e imprudente.

— Oi, River — Hope repete quando para diante de nós. Ela parece ofegante de toda a sua corrida com o seu regador e suas bochechas estão coradas.

— Oi, Hope — ele murmura, se agachando à sua frente e sorrindo amplamente... *as coisas que esse sorriso faz para mim.* — Tem brincado muito

com o seu regador?

— Sim, é muito legal — ela responde com alegria, balançando o seu regador e derramando um pouco de água nas botas de River. — É o meu brinquedo favorito agora.

— Fico feliz em saber. Irá se lembrar de mim quando brincar com o regador?

— Quando você voltar para a sua casa? — Hope sonda-o. — Sean também mora lá... qual é o nome, Ella?

As duas cabeças se voltam para mim. Mal percebi o quanto estava apertando a mão que River segurou há pouco. Abrando o meu aperto e engulo o nó gigantesco em minha garganta.

— Flórida — respondo, olhando apenas para Hope.

— Isso... — Hope ri, dando um pequeno saltinho de alegria. — Sean mora com você?

— Ele não mora comigo, mas mora perto de mim. — É a resposta de River.

Subitamente me desespero, porque começo a imaginá-lo com a sua namorada. Ambos dividindo um apartamento e uma vida, onde não há sequer uma brecha para mim. É vergonhoso que eu ainda lamente o beijo que quase aconteceu entre nós, quando River não deveria pensar em beijar mais ninguém.

— Está muito tarde, Hope. — Digo, depois de tossir e normalizar a minha voz. — Vamos entrar e tomar banho.

— *Ahhh...* — é a sua resposta já esperada.

— Amanhã você pode brincar mais — ofereço com um sorriso.

— *Tá, tá bom* — ela aceita, se afastando lentamente. — Tchau, River.

— Tchau, Hope — River acena, após ficar em pé novamente.

Nós observamos como ela se afasta de forma lenta, gastando a água em seu regador, para molhar cada pedacinho de grama que encontra em seu caminho.

— Me espere no quarto — grito, quando Hope abre a porta da cozinha e entra com o regador em mãos. Ela jamais o deixaria aqui fora.

Hesito em me virar e encarar River outra vez, mas sei que não posso evitá-lo. Eu deveria ter caminhado com Hope, teria sido a saída mais segura depois do nosso quase beijo. Contudo, não sou capaz de controlar minhas próprias ações quando estamos perto e tudo em mim anseia por ele. Giro lentamente o meu corpo e encontro o seu olhar em mim; intenso e seguro. Ainda invejo a sua capacidade de se manter inteiro, enquanto eu desmonto feito um quebra-cabeças mal montado.

— Isso é seu, não é? — Ele diz, me estendendo o dinheiro em suas mãos e claramente me desafiando a contradizê-lo.

— Sim, tudo bem — eu digo puxando a nota de entre os seus dedos. Ceder é a atitude mais sensata. — Tchau, River!

— Espere — ele segura o meu pulso, assim que dou três passos para longe.

— O quê? — Suspiro, me voltando para ele. — O que foi, River?

— Por que você vive correndo de mim?

— Eu... não... — Gaguejo sem querer.

— Você sim — ele sorri, indulgente.

Fecho os olhos por um instante, não é tempo suficiente, mas me acalmo de forma parcial.

— Eu preciso ir — murmuro quando abro os olhos. — Hope está me esperando.

— Ok, eu serei rápido.

Assinto, cruzando os braços para fugir do seu aperto e espero que ele fale. O que demora algum tempo, já que ele precisa me encarar e me analisar antes disso.

— Eu preciso de alguma ajuda com a casa e Sean sugeriu que falasse com você.

— Que tipo de ajuda? — Pergunto, hesitante. Qualquer situação que me coloque perto de River não pode ser boa.

— Com a limpeza e a arrumação, eu tenho um prazo para entregar a casa para a imobiliária — ele explica, firmando os pés e colocando as mãos nos bolsos. — Sean e eu estamos envolvidos com a pintura, mas alguns cômodos já estão prontos e precisam ser limpos.

— Eu não posso — respondo sem pensar... *como ele pôde apenas ter cogitado o meu nome com tamanha facilidade? Só pode estar louco.*

— Por que não? — Ele demanda, chateado. — Eu te pagarei por isso.

— Não é esse o problema...

— Qual o problema então? — me interrompe com rapidez.

— Tenho o meu trabalho na pousada — murmuro, quando essa é a primeira desculpa que passa pela minha mente. Tento rapidamente encontrar outras, no entanto.

— Serão só algumas horas por dia, você escolhe o horário.

— Eu cuido da Hope, não posso deixá-la sozinha.

— Leve-a com você, ela pode lavar a casa com o seu regador — ele ri e eu também, embora eu não queira. — Eu não me importo, gosto dela, sabe disso.

Suspiro, porque Deus, ele realmente parece precisar de ajuda. Ajuda para terminar a casa e voltar para a sua namorada. Meu coração arde, uma

queimadura que parece atingir meus nervos e ossos.

— Eu não posso, River, me desculpe. Por favor, procure outra pessoa.

— Eu não conheço ninguém, Ella.

Ligue para a sua namorada e peça para que ela venha ajudá-lo. Mordo os lábios, perdida.

— Eu não posso — sussurro mais uma vez.

— Isso é importante para mim, Ella — ele afirma, com uma sinceridade que brilha em seus belos olhos castanhos.

Ele deve saber que não sou imune a isso. Claramente sabe o quanto me afeta, o quanto me atinge em cheio. E contra todas as minhas forças em fugir, em lhe negar a minha ajuda, as palavras que saem da minha boca surpreendem até a mim mesma.

— Está bem, eu te ajudo.

— Sim? — River se surpreende, aparentemente esperando mais alguma relutância da minha parte.

Ei, adivinha; sou uma fraca quando se trata de você. Me peça para saltar no lago ou me pendurar em uma árvore e eu certamente o farei.

Aceno, temendo que eu lhe negue a minha afirmação, caso eu resolva falar. Minha barriga esfria quando me dou conta do que acabei de fazer. Acabei de complicar cem por cento a minha vida. Uma vida que está bem longe de ser fácil.

— Obrigado, Ella — ele sussurra, puxando a minha mão e apertando levemente os meus dedos com carinho.

— Tudo bem — sorrio de forma rápida e então vou embora.

Não me importo se pareça que vivo fugindo de River, porque droga; é realmente verdade. E se eu ficar e lhe disser mais alguma coisa, talvez faça uma

bobagem ainda maior e já tenho complicações para toda uma vida.



Quatorze

— Acho que não deveríamos estar aqui — sussurro ofegante, entre um beijo e outro que River me dá.

— Por que não? — É a sua réplica, enquanto ele me solta brevemente e busca o seu molho de chaves na mochila.

Olho ao redor, para a vizinhança calma e silenciosa, e mesmo que não haja uma única alma viva passando pela rua, ainda tenho a sensação de que alguém sairá detrás de algum arbusto para nos flagrar. Eu nunca fiz algo assim. Mentir para os meus pais sobre onde estarei após as aulas, é uma coisa. Agora faltar às aulas para vir até a casa de River, é outra totalmente diferente. Sinto-me culpada, eu confesso. Não sou tão corajosa quanto os beijos de River me fizeram sentir enquanto ele me convencia a vir até aqui.

— Porque alguém pode nos ver e contar para os nossos pais. — Sussurro baixinho, ao mesmo tempo em que ele segura a minha mão e me puxa para dentro.

De certa forma, respiro mais aliviada quando a porta se fecha atrás de nós. Ninguém nos viu, é o que tento me convencer, enquanto River puxa a minha mochila dos ombros e deixa-a no chão do corredor que nos leva até a escada. Eu nunca estive aqui antes, mas não tenho muito tempo de olhar ao redor, antes que River me beije novamente. Mesmo que eu esteja com medo, retribuo o seu beijo como se não houvesse preocupação alguma no mundo. É o efeito River Lewis agindo em mim e me reduzindo a uma garota de dezesseis anos sem juízo algum. É uma sensação boa, embora possa me causar problemas futuros. Como tirar uma péssima nota na próxima prova de matemática, já que perderei uma aula importante hoje.

— Ninguém nos viu — River murmura em meus lábios, os seus dedos dançam pela minha cintura sob a minha blusa. — E não temos nenhuma aula importante hoje.

— Eu tenho — refuto sorrindo. — Mas eu não me importo, estou feliz em estar aqui com você.

— E eu estou feliz que esteja aqui — ele retorna o meu sorriso, me beijando com mais força, enquanto o seu corpo me prende à parede.

— E Mason? — Consigo perguntar antes de perder totalmente o juízo. O que convenhamos, está muito próximo de acontecer.

— Mason está na escola, ele tem treino de futebol às quartas e não chegará aqui antes das cinco.

— Hoje é quarta? — Preciso confirmar, porque de repente não tenho certeza alguma.

— Sim — River ri, mordendo o canto da minha boca.

Gosto quando ele faz isso, ainda mais se combinado ao deslizar dos seus dedos ao redor do meu umbigo. Como posso ser racional em uma situação assim?

— Tem certeza? — Suspiro.

— Sim, eu tenho... pode confiar. Eu não te traria aqui se Mason pudesse aparecer; sei que não gosta muito dele.

— Não é exatamente assim — lamento, tocando a lateral do seu rosto. Como eu poderia dizer que Mason me causa arrepios? Soaria muito agressivo.

— Não me importo, Ella. — River diz, afundando uma das mãos em meu cabelo e inclinando o meu rosto de modo que possa tocar a minha testa. — Não precisa gostar do meu irmão. Aliás, não goste de mais nenhum outro cara, por favor.

— Só de você? — Brinco, mas subitamente perco o ar com a forma como ele me olha.

— Só de mim — é a sua resposta séria e segura.

— Não será nenhum esforço — balbucio com a mesma segurança. — No meu coração só há lugar para você, River. Você preenche todos os espaços dele.

Todos!

Ele me beija sem cuidado, roubando o pouco de ar que ainda existia em meus pulmões. Eu não me importo em respirar, enquanto nossas bocas quase se machucam, famintas uma pela outra. Parece que agora sempre buscamos por mais, uma vez que nossos beijos e toques sutis não são suficientes. Há uma paixão crescente entre nossos corpos, incandescente como o auge de uma fogueira, que precisa arder até que se torne cinzas e fumaça; mas nós só temos queimado e queimado cada vez mais. É doloroso e delicioso, ambíguo de uma forma que não posso descrever e eu sei que quando finalmente nos tornamos cinzas e fumaça, voltaremos a queimar... porque estou viciada.

— Vamos subir — River diz, me puxando com pressa em direção à escada.

Rio, puxando-o de volta e recolhendo a minha mochila do chão, então corremos pela escada em direção ao seu quarto. O mundo ficou lá fora e seremos apenas nós por algumas horas...



Estaciono em frente à casa de River e penso em desistir, dar meia volta e retornar para a pousada. Eu penso dezenas de vezes, porque não estou em minha própria consciência e nada de bom pode acontecer conosco nessa casa. Por que as pessoas fazem coisas tão tolas quanto essa? Por que eu me tornei uma dessas pessoas que sabem qual caminho seguro a seguir, mas ainda escolhem o caminho errado, aquele fadado ao fracasso e ao sofrimento? A resposta é tão simples... porque amo River loucamente e o amor desconhece a razão.

— Vamos descer, Ella — Hope murmura, depois de soltar o seu cinto e se inclinar sobre o meu banco.

De repente me recordo que Hope estará conosco e Sean também, eles serão a racionalidade que preciso para estar ao lado de River e não fazer alguma besteira. Isso não torna a ideia de estar em sua casa menos nociva, mas ajuda de alguma forma.

— Claro — sorrio, destravando o meu próprio cinto. Entoo um tom forçadamente alegre em minha voz e abro a porta.

Piso na calçada e respiro pausadamente. Eu preciso desses poucos segundos para acalmar o meu coração. Nunca imaginei que fosse estar nessa casa outra vez, e sou invadida por muitas lembranças ao encarar a sua fachada. Nem todas as recordações são felizes, porém, algumas me machucam além do normal.

— Ella — Hope me chama, batendo no vidro do carro para me trazer à realidade. Ela não pode abrir a porta sozinha, já que eu a travei para a sua segurança.

— Desculpe — balbucio, abrindo a porta em seguida.

Hope salta do carro com entusiasmo, um grande sorriso estampado em seu rosto. Ela se anima com tanta facilidade, acho que mesmo quando era uma criança, eu não conseguia me sentir tão feliz quanto Hope.

— Essa é a casa de River? — Ela me pergunta, enquanto recolho o meu celular do porta-luvas e fecho o carro.

— É a casa do seu pai — explico, segurando a sua mão. — A casa onde River morou até se mudar.

— O que aconteceu com o pai dele?

— Ele morreu há alguns anos.

— Sim? — Hope se surpreende, eu não me lembro de já ter falado sobre a morte com ela em alguma ocasião.

— Sim, infelizmente — sorrio com carinho.

— Nossos pais irão morrer também?

— Algum dia... — Digo vagamente.

— Mas eu não quero que eles morram. — Ela diz, preocupada.

— Isso não é algo que podemos escolher — seus olhos crescem diante das minhas palavras. — Mas tenho certeza que eles irão viver por muito tempo.

— Por que as pessoas morrem? — ela me pergunta, ao caminharmos até a porta fechada.

Há exatamente cinco degraus que nos levam à varanda. River e eu nos beijamos muito nesses degraus e nessa varanda, e de encontro à porta para a qual estou olhando nesse instante. Eu não quero, mas a cada segundo, as lembranças me arrastam como um tsunami.

— Ella! — Hope me chama, com aquele típico puxão em meu braço.

— As pessoas morrem porque envelhecem, ou adoecem... porque não somos imortais.

— Por que não somos imortais?

Rio, pois sei que a sua compota de perguntas que se iniciam com porquês, foi aberta. Isso pode levar o dia inteiro, já que Hope é incansável. Eu, no entanto, desisto após a quinta ou sexta resposta.

— Porque Deus não quis que fôssemos imortais — respondo, ao mesmo tempo em que bato à porta.

Parada à soleira, não sou capaz de escutar barulho algum vindo do lado de dentro. Tampouco vejo a pick-up de Sean na garagem. Talvez eles não estejam aqui. Eu não disse a River quando viria, não pontuei horário ou dia. Agora são três e meia e eu precisei me levantar mais cedo para dar conta de todas as minhas tarefas na pousada, e ainda assim estar aqui. Se não houver ninguém para me atender, eu irei embora. De repente, começo a torcer para que isso aconteça.

— Por que Deus não quis? — Hope segue me perguntando.

— Porque não, Hope.

— Porque não, não é resposta.

— É sim — sorrio, apertando levemente a sua mão. Bato mais uma vez na porta, dessa vez com um pouco mais de vontade... essa é a última chance de River.

Hope me olha pensativa, mordendo os lábios e acentuando as suas covinhas bonitas. É impressionante como um assunto aleatório pode render tanto para ela.

— Eu não quero que você morra também — ela diz, por fim.

— Tenho vinte e dois anos — sorrio um pouco mais. — Se tiver sorte, eu ainda viverei por mais sessenta anos, no mínimo.

— Tudo isso? — ela ri, surpresa. — E eu?

— Você viverá por cem, talvez mais... agora chega desse assunto.

— Cem anos — ela recita, ainda rindo. — Vou ficar bem velhinha...

— Vai...

Por um motivo absolutamente inexplicável, bato à porta pela terceira vez. Sei que em algum momento futuro, eu irei me arrepender dessa decisão. Escuto alguém correr pelas escadas e pelo corredor que antecede a porta. Prendo a respiração e segundos depois, River está diante de mim. Sem camisa, o cabelo despenteado e fones de ouvido ao redor do pescoço; ele rouba ainda mais o meu fôlego.

Esforço-me para manter meu olhar acima do seu pescoço, mas é óbvio que falho vergonhosamente. Meus olhos deslizam sem permissão pelo seu peito e observo, que assim como Sean, River também tem a bandeira americana tatuada em seu corpo. A sua, porém, está na lateral esquerda de suas costelas. É bem maior e mais colorida também. Embora a lembrança que esteja em minha mente seja outra; eu aprecio essa nova versão de River. A frase: *Só se vive uma vez, aproveite a chance*; está perpetuada em seu peito, à direita. É discreta, sutil, com letras finas como se fosse escrita com a ponta de uma pena. E a tatuagem em seu antebraço esquerdo — que não fui capaz de decifrar no outro dia — é uma rosa dos ventos estilizada. Eu pesquisei o seu significado e tem algo a ver com encontrar uma direção na vida. Será que River realmente encontrou a sua?

Eu ainda estou perdida, cada vez mais, é o que acho.

— Oi — ele diz, sorrindo lentamente. O seu rosto se ilumina com a minha visão e de repente estou pegando fogo, muito quente.

— Olá! — murmuro, sorrindo sem jeito.

— Você realmente veio...

Ele parece surpreso, acho que também estou.

— Eu vim, não foi isso o que combinamos?

— Não combinamos nada, pelo que me lembre — ele ri brevemente. — Você correu de mim, como sempre.

— Eu não — contradigo, ainda que tenha sido exatamente o que fiz.

— Mas estou feliz que tenha vindo. — Ele completa, sorrindo para Hope. — Você também, Hope.

— Oi, River — ela sorri para ele, imensamente mais animada que eu. — Eu gostei da sua casa!

— Quer comprá-la? — Ele brinca... Hope sorri mais ainda.

Estão todos felizes e eu prestes a ter uma síncope. Controlo a minha respiração. River se afasta para nos dar passagem e ao pisar no corredor e olhar para a escada com corrimão em madeira escura e carpete da mesma cor, sou transportada ao passado. Por que eu preciso ter uma memória tão boa e me lembrar de tudo com tamanha riqueza?

— Lembra-se da casa? — River me pergunta. — Esteve muitas vezes aqui.

— Um pouco — minto; eu lembro de tudo. — As coisas não mudaram muito.

— Não mudaram nada... meu pai não se importava com isso, com pintura

de paredes ou troca de móveis.

— Ele era desligado — sorrio ao dizer.

O pai de River era químico e trabalhava em um laboratório industrial na cidade vizinha. Precisou criar os filhos sozinho, quando a esposa faleceu em um acidente de carro, e sei que o fez da melhor maneira possível. Ele não sabia cozinhar ou fazer qualquer outra atividade necessária para manter uma casa funcionando e River adorava quando eu cozinhava para ele. Aposto que ainda não suporta comer qualquer coisa que venha em uma bandeja e se aqueça no micro-ondas.

— Sinto falta dele. — River me diz, e soa como se eu fosse a primeira pessoa para quem confessa isso.

— Ele era um bom homem — sussurro de volta.

— E teria morrido de desgosto com as coisas que Mason andou fazendo.

— Sinto muito por isso. — Consigo dizer e me orgulho por ser capaz de demonstrar a minha solidariedade agora.

Ele assente em silêncio. Hope solta a minha mão e se separa de mim, mas não consigo fazer nada além de olhar para River. Ele retira o fone de ouvido preso ao seu pescoço e puxa o celular de seu bolso. Estou fascinada por seus movimentos, a flexão dos seus braços ao fazer isso. A contração dos músculos de sua barriga ao levantar o braço e ajeitar o seu cabelo. Me envergonho por olhá-lo tão abertamente, mas não consigo evitar; ele é tão lindo.

Tusso, olhando para os meus pés e minhas unhas pintadas de rosa. Fiz isso ontem à noite, porque talvez River olhe para os meus dedos... sou tão patética, outra coisa que não posso evitar.

— O quer que eu faça? — Pergunto, olhando sobre os ombros e encontrando Hope na sala de estar.

Há uma ampla passagem em arco, que nos leva até lá. Consigo visualizar o sofá marrom, de quatro lugares, que ficava na sala há cinco anos e ainda permanece no mesmo lugar. Em frente a grande estante repleta de livros variados, com uma televisão antiga ao meio. Realmente nada mudou.

— Então? — Reforço, me voltando para River outra vez.

Ele cruzou os braços sobre o peito e se amparou à parede. E está me olhando da mesma forma que fiz com ele há poucos minutos. O que ele vê é uma garota com rabo de cavalo, regata rosa e shorts desfiados; além de chinelos. Vim para limpar a casa, então não havia razão para vestir algo diferente. Mas quando River me encara dessa forma, desejo ardentemente estar mais bonita. E me sinto tão insegura, que me encolho sem querer.

— O que quero que faça? — Ele refuta, a sua língua saí parcialmente da boca e toca o seu lábio inferior.

— Na casa — digo, com a necessidade de enfatizar isso.

— Os quartos estão finalizados. — Diz, apontando para a escada. — Você pode limpá-los, por favor.

— *Tá* — concordo. Pareço-me tanto com Hope quando faço isso.

— Imagino que tenha o que precisa na lavanderia — ele completa, sorrindo.

— Ok! — sacudo levemente a cabeça.

— Não se preocupe em fazer tudo de uma vez.

— Não irei.

Nenhum dos dois se mexe. Respiramos lentamente e encaramo-nos em silêncio. Isso leva um tempo e a vontade de me aproximar cresce de forma vertiginosa. Graças a Deus por meus pés estarem colados ao chão, mas meus olhos parecem colados a River, no entanto. Sinto que seria capaz de permanecer em pé por horas, se eu pudesse apenas olhá-lo enquanto isso. É um pensamento quase doentio e quebro o contato quando me dou conta disso. Preciso preservar o meu amor-próprio, embora ele seja tão pouco.

— Vamos subir Hope — eu a chamo, elevando parcialmente a voz.

Seu pequeno corpo gira para mim. Ela está parada em frente à tevê, olhando para o seu próprio reflexo, ou fascinada pelos livros, eles são realmente hipnóticos.

— Pode deixá-la aqui comigo, estou ajeitando algumas coisas na cozinha. — River sugere, gentil. — Eu cuido dela.

De uma forma bem infantil, eu me recuso a olhar para ele e mantenho os meus olhos em Hope que caminha até nós.

— Não precisa — respondo, ainda sem olhá-lo. Preciso provar a mim mesma que sou mais forte que o poder que ele parece exercer sobre mim.

— Quer que eu ligue a tevê, Hope? — Ele lhe pergunta, passando por mim e a encontrando no meio do caminho.

Dou alguns passos também, em direção à sala de estar. Paro no arco de entrada, enquanto Hope volta ao seu ponto de origem e River se mantém ao seu lado. Ela me parece bem interessada em sua oferta, provavelmente por não termos uma tevê em casa. Ainda que a tevê em questão seja velha e antiquada, aos seus olhos infantis ela se torna uma novidade muito interessante.

— Essa tevê ainda funciona? — Vejo-me sondando com certa nostalgia. Há cinco anos, ela já não era a coisa mais funcional dessa casa.

— Não faço ideia — River ri, buscando algo na grande estante. — Não tentei ligá-la uma única vez desde que voltei.

Ele encontra o que procurava: um controle remoto tão antigo quanto a tevê que Hope espera ansiosamente que seja ligada. River aperta um de seus botões e a tela se ilumina, ganhando vida com rapidez. A imagem não é a mais limpa e agradável, e o som que preenche a sala é abafado. Mas Hope parece adorar tudo, seus olhinhos presos à tela, enquanto River muda os canais.

— Nossa, que legal! — ela exclama, quando ele para em alguma reprise de um programa infantil dos anos noventa.

— A imagem não é das melhores, mas... — ele sorri de lado, encolhendo os ombros em um pedido de desculpas.

— Eu gostei muito — Hope enfatiza, já se ajeitando no sofá sem esperar um convite para isso.

— Não temos tevê em casa — conto como uma explicação.

— Jura? — Ele parece genuinamente surpreso.

— Eu sei é chocante, mas é verdade.

— Entrou para alguma religião que proíbe?

— Não, não entrei — sorrio, balançando a cabeça. — Só não acho imprescindível ter uma tevê.

— Mesmo com uma criança pequena em casa? — Ele pergunta, olhando para Hope. — Elas amam essas coisas.

— Sim, realmente amam... é a minha forma de subordiná-la, na verdade.

— Mas sem uma tevê? — River ri, parece tão espontâneo e relaxado e isso aquece o meu coração.

— Tenho um notebook, Hope adora assistir nele — conto, mal acreditando que estamos tendo uma conversa tão casual.

— Entendo — ele acena e se mantém sorrindo. — Hope dorme com você?

— Sim, dividimos um quarto.

— Estão sempre juntas — River enfatiza. — Desde que te reencontrei, só te vi sozinha uma única vez...

— No lago — completo por ele.

— No lago — ele repete com calma. — Imagino que tenha sido porque Hope estava dormindo.

— Sim.

— Ela parece sua filha, não sua irmã.

Não há julgamento em suas palavras. Talvez até exista uma entonação de carinho ao dizê-las; não sei, não posso afirmar. Deus sabe se meu coração está me fazendo imaginar coisas que não existem.

— Meus pais passaram por uma crise assim que Hope nasceu — murmuro, sem saber ao certo por que lhe contar algo tão íntimo. — Alguém precisava cuidar dela, acabou sendo eu.

— Você era muito jovem, então — ele me lembra.

— Sim, eu era — confirmo trocando os meus pés. — Mas Hope sempre foi muito fácil, a criança mais dócil que poderia existir e eu a amo demais.

— Ela se parece com você.

— Ela é muito melhor — digo, enquanto ele caminha através dos poucos passos que nos separa.

— Conheci muitas pessoas ao longo desses anos, nenhuma melhor que você, Ella — me diz, com seriedade. — Hope é maravilhosa, não tenho dúvidas; mas você...

— O quê? — Pergunto em um sussurro repleto de expectativas.

— Você é única.

E aqui jaz Ella Mitchell. Sim, porque essas três palavrinhas acabaram de me matar. O olhar em seu rosto, me traz à lembrança o olhar que compartilhávamos quando estávamos deitados em sua cama de solteiro e entrelaçávamos as mãos em silêncio. Palavras eram desnecessárias naqueles momentos especiais e talvez também sejam agora, mas eu preciso blindar o meu coração. Nós sabemos que não sou a única para River; não mais. Mesmo que seus olhos me digam o contrário, não, não posso acreditar neles.

— Eu duvido disso — rio, como se eu não me importasse e no fundo me

importo demais.

— Nunca menti para você — replica, ainda sério.

— Sei disso, mas está mentindo agora.

— Sabe que não, você só quer acreditar que sim.

É eu quero realmente, River Lewis — grito em minha mente. Por fora eu me esforço em me manter passiva. É um esforço tolo, eu sei, River consegue me ler como um livro.

— Vou subir então... Hope fica... — gaguejo apontando para o sofá. — Hope fica aqui... estarei lá em cima.

Ele assente, me olhando com intensidade, enquanto estou prestes a fugir mais uma vez.

— Não tire os olhos dela, por favor — peço, antes de correr até a escada.

Nunca deixo Hope longe dos meus olhos, mas não temo deixá-la com River. Eu não titubeio nem por um único segundo. Eu o conheço mais do que qualquer pessoa que já tenha cruzado o meu caminho em vinte e dois anos. Subo três ou quatro degraus, e ouço a risada de River. *Deus, o que pode ser tão engraçado? Ele me viu tropeçar?*

— Corra então, se tornou o desfecho das nossas conversas — ele diz no início da escada, quando já cheguei ao seu final dela. — Eu meio que gosto.

— Não estou correndo — defendo-me inutilmente, porque é óbvio que estou. — Estou subindo para limpar. Foi para isso que vim; não foi?

— Foi? — ele repete, com um meio sorriso.

Suspiro, embora eu queira apenas soltar o ar e me acalmar. Então sou a primeira a quebrar o nosso contato. Não por ser a mais forte, por ser a mais fraca. Corro pelo corredor vazio do segundo andar e paro quando o meu corpo encontra o equilíbrio em uma das paredes. Minhas mãos se espalmam sobre ela e tento inutilmente obrigar o meu coração a bater em um ritmo suave mais uma

vez. Algo impossível quando o amor da minha vida está a um lance de escadas.



Quinze

Olho para a massa branca e pegajosa na grande tigela em meu braço e sorrio. A colher de madeira dentro dela, desliza de forma lenta e rítmica, constante através de suas bordas.

— Você é tão perfeccionista. — River ri, enquanto me mantenho atenta à tarefa de misturar a nossa massa de panqueca.

— Por que diz isso? — Pergunto com um sorriso, embora eu não desvie o meu olhar da tigela.

— Está mexendo essa massa há quinze minutos.

— Não mesmo — rio, olhando-o por fim. — Em quinze minutos o meu braço estaria dormente.

— E não está?

Trocamos um sorriso apaixonado, antes que meus olhos baixem para a tigela novamente. Mais alguns segundos e eu a deixo sobre o balcão da cozinha de River e ligo uma das chamas do fogão logo atrás. Muitas vezes preciso me esforçar para não esquecer que essa casa não me pertence. Eu já me sinto parte dela. Talvez por saber que aqui é o lar de River e ele se tornou o meu.

— Onde está a frigideira grande? — Pergunto, abrindo todas as quatro portas do armário acima do fogão.

— A sua frigideira? — River replica.

— Não é a minha frigideira — refuto, virando-me para ele com as mãos na cintura.

— Você é a única que cozinha aqui, Ella... é a sua frigideira.

— Sou a única que cozinho, porque você é preguiçoso demais para aprender.

— Não sou preguiçoso, só gosto de vê-la cozinhar — ele diz, colocando os braços sobre o balcão e se inclinando um pouco mais. — Cozinhar nunca será tão divertido quanto te olhar.

— Você só olha para a minha bunda — digo, mordendo a minha bochecha.

Em outros tempos eu jamais lhe diria algo assim, mas é verdade e dizemos tudo um para o outro, até mesmo as coisas que fazem o meu rosto queimar como essa.

— Sua bunda é muito boa de se olhar — diz, sem culpa alguma.

— River... — dou um gritinho involuntário, isso por não poder beliscá-lo com toda a distância entre nós.

— O quê? — Ele ergue os braços, quando enfim acho a frigideira e a levanto ao lado do meu rosto. — Eu não negaria... vai me bater por isso?

— Claro que não... — solto uma risada alta. — Não seja bobo.

Ele ri também, então preciso lhe dar as costas, caso queira fritar algumas panquecas e eu quero. Ficamos em silêncio enquanto eu faço isso, mas os olhos de River me seguem como um farol. É reconfortante saber que ele me olha, e sinto o seu amor mesmo sem ver o seu olhar.

Não sei quanto tempo leva até que uma pilha de panquecas fique pronta; posso mesmo ser muito perfeccionista quando quero. Mas quando tenho um prato cheio delas, desligo o fogo e coloco a frigideira suja dentro da pia, junto com a tigela agora vazia. Viro-me para River com o prato em mãos e sorrio, como alguém que mostra a sua obra-prima. Ele sorri com carinho... ah, esse sorriso.

Coloco o prato sobre o balcão e me sento à sua frente.

— Venha aqui — ele pede, afastando um pouco a sua cadeira e deixando um espaço vago para mim.

— Onde? — gracejo, colocando uma das mãos sob o queixo.

— Em meu colo. — Ele pisca.

— Você é muito exigente, River Lewis. — Brinco, mas faço exatamente o que ele quer.

Contorno o balcão e sento-me em seu colo, em sua coxa esquerda. Os braços de River me cercam no mesmo instante. Sorrio quando ele cheira o meu cabelo, beija o meu pescoço e morde a minha orelha. É sempre um ritual... um que me causa borboletas, arrepios, suspiros. Viro o meu rosto e o beijo, deslizando os meus dedos em seu cabelo. Tantas vezes eu me deito em sua cama e River se aconchega em meu peito, enquanto afago o seu cabelo. Ele parece um menino quando faço isso, acho que essa é uma parte de sua personalidade que apenas eu conheço e isso faz com que tenha certeza do seu amor por mim. É difícil mostrar a nossa fragilidade para alguém que não amamos.

— Sou exigente? — Ele pergunta, sorrindo em minha boca.

— Muito. — Enfatizo, sorrindo também.

— Bem, o único desejo que eu exijo que se concretize, é tê-la para sempre ao meu lado.

— Sim?

— Sim — ele diz, afastando o cabelo do meu ombro e me beijando exatamente nesse ponto. — Com certeza.

Contorço-me tentando fugir porque, além de beijar, River adora me morder. Não com força, é óbvio. Mas ele tem um jeito de arrastar os dentes sobre a minha pele e então deslizar a língua para acalmar a sua mordida. Isso rouba todo o meu fôlego e o bom senso também.

— Ok, verei como posso realizar esse desejo — murmuro, beijando o seu pescoço.

Ele ri, me apertando um pouco mais em seu colo. Agora sei que todo o meu esforço em fazer uma panqueca perfeita foi em vão, acho que nem chegaremos a comê-la.



Caminho pelo antigo quarto de River e sinto o ar sumir dos meus pulmões. Está completamente vazio e tão diferente da lembrança que mantenho em minha mente, que parte o meu coração. River não mora em Beaufort há cinco anos e é obvio que depois de tanto tempo o seu quarto não se manteria como antes, mas a constatação visual me machuca. Nada mais é como costumava ser e se houvesse alguma dúvida em meu coração, agora não há. Estou aqui para limpar a sua casa que será vendida, e então nada mais o prenderá a essa cidade, principalmente eu. Apego-me a isso para não deixar os sorrisos de River me consumirem e roubarem o bom senso tão necessário.

Caminho ao redor, parando em frente à janela e girando o corpo para ter uma visão plena do trabalho que terei. Não será muito, já que não está tão sujo quando River me fez acreditar. Na realidade, ele e Sean facilmente poderiam limpá-lo. Isso faz com que eu questione as reais razões de River ter me procurado para o serviço. De qualquer forma, isso não importa, desde que já estou realmente aqui e só me resta fazer o que ele me pediu que fizesse.

Desço mais uma vez para o andar térreo, já que não fui sábia o suficiente para trazer os materiais de limpeza comigo da primeira vez.

Ando pela escada, me preocupando com o barulho que os meus passos possam fazer ao caminhar. Por sorte a tevê ainda está ligada na sala e isso abafa qualquer som. E por sorte também, eu conheço o caminho até a lavanderia e não precisarei perguntar nada a River.

Passo pela sala e vejo Hope e ele sentados no sofá, rindo de algo que veem na tevê. De forma inesperada meus passos cessam para observá-los e um sorriso sem permissão surge em meu rosto. Ela não perguntou uma única vez sobre Sean e agora está rindo ao lado de River; acho que temos uma mudança de status para ele. A visão dos dois — juntos e felizes — causa uma estranheza ao meu coração. Hope é a pessoa mais importante da minha vida, a única a quem eu amo tanto quanto amo River e agora eles se gostam também. Nunca imaginei que sequer se conheceriam, então vê-los juntos ainda me parece surreal. Um sonho.

Desvio o meu olhar e sigo o meu caminho, temendo que um dos dois — mais precisamente River — me note ali parada. A lavanderia fica entre a escada e a cozinha, ao final de um longo e estreito corredor. Abro a porta com lentidão e quase caio por cima da máquina de lavar. Aqui é tão pequeno quanto um armário de casacos. Espremo-me entre o pouco espaço livre e encontro um antigo

aspirador no canto da parede. Não posso afirmar se ainda funciona, mas decido levá-lo comigo. Recolho alguns panos, um balde e um limpador de vidros — que tenho certeza que já passou da data de validade. Terá que servir, no entanto. Se eu voltar amanhã, trarei as minhas próprias coisas.

Volto para a sala. River e Hope permanecem no mesmo lugar e visivelmente confortáveis com a presença um do outro. Subo as escadas e quando piso outra vez no corredor dos quartos, sigo para um cômodo diferente dessa vez, o último à esquerda. Era o quarto do pai de River e assim como o outro cômodo; está totalmente vazio, com uma nova pintura e pisos reformados. É melancólico olhar para tudo tão sem vida e saber que essa casa já foi um lar para alguém.

Fecho a porta e ligo o aspirador. Ele funciona, apesar de dar alguns trancos enquanto eu o deslizo através do piso. Limpo metodicamente cada canto, talvez mais do que o necessário. Quando termino, não há um único grão de poeira no chão. Desligo o aspirador barulhento e abro a porta do quarto. Espiando através dela, tudo o que ouço é o som baixinho da tevê na sala. Concentro-me em limpar os vidros da grande janela. Umedeço um pano e começo por baixo, me recriminando internamente por não ter trazido algo onde pudesse subir. O balde está fora de questão, embora tenta pensado nele assim que me questionei sobre a altura da janela. Estico os braços, ficando na ponta dos pés e limpo o melhor que posso. Não acho que River virá com uma lente de aumento e analisará o meu trabalho, ainda assim, me sinto muito exigente sobre isso... então limpo, e limpo, e limpo...

— Você é tão perfeccionista — a voz de River soa às minhas costas, me tirando do torpor em que me mantive ao limpar.

Baixo os meus braços e toco os meus pés no chão, mas não me viro.

— Por que diz isso? — Pergunto olhando para o meu reflexo na janela e o de River logo atrás.

Graças a Deus ele vestiu uma camiseta, mas é uma pena que não possa ver mais as suas tatuagens e as tags militares em seu peito. Elas ficam muito boas quando expostas, contudo, é mais seguro dessa forma... *não é?*

— Porque está limpando essa janela há quinze minutos. — Ele ri.

Sorrio, limpando uma mancha invisível. Talvez não tenha sido quinze

minutos, mas foram aos menos dez.

— Por que tenho a sensação de que já me disse exatamente isso? — Pergunto, virando-me vagarosamente para ele.

— Eu te dizia sempre — ele responde, com um sorriso. — Quando fazia panquecas, ficava horas mexendo a massa.

— Eram dois minutos, no máximo — murmuro, torcendo o pano em minhas mãos.

Nunca mais fiz aquela mesma receita de massa. Mesmo que eu faça panquecas pouquíssimas vezes para a Hope, nunca uso a massa que fazia para River. Posso mudar um único ingrediente, não importa, mas ainda sinto que não estou replicando uma lembrança tão importante e dolorosa.

— Me desculpe por ter comentado sobre as nossas panquecas na frente do Sean — River diz de forma séria, e droga, eu o conheço bem o bastante para saber o quão sincero é ao me dizer isso.

Quero tanto correr e me jogar em seus braços, dói fisicamente não tocá-lo agora. Preciso ser muito forte para me manter parada quando menos de um metro nos separa.

— Tudo bem — encolho os ombros ao dizer. — Não foi grande coisa.

— Você ficou chateada, eu sei e era exatamente o que eu queria.

— Por quê? — Quero saber, mesmo que parte da resposta já esteja em seus olhos.

River tem ciúmes de Sean, assim como tenho ciúmes da namorada que ficou na Flórida. Mas Sean não é meu namorado, nem mesmo está perto disso. Claramente estou em desvantagem aqui. Uma grande desvantagem.

— Porque queria que Sean soubesse que fui muito mais, do que apenas um namorado de escola — conta, entoando um pouco de emoção em sua voz. — Eu nunca fui apenas um namorado de escola para você, Ella.

— Ele lhe contou isso? — Indago, quase envergonhada.

— Contou e adorou dizer cada palavra.

— Sabe porque lhe disse isso, River — Defendo-me.

— Não, eu não sei — sibila, balançando a cabeça.

Olho para os meus pés, enquanto River caminha até mim, diminuindo a distância segura que nos separa. Ele não deveria fazer isso. Hoje, especialmente, me sinto fraca para resistir a qualquer coisa que venha dele.

— Sean não precisa conhecer o nosso passado — Digo por fim, sustentando corajosamente o seu olhar. Deus sabe até quando, porque estamos agora a um palmo de distância; talvez menos. Acho que sinto o calor do seu corpo, ou talvez esteja delirando.

— Ele não precisa saber, mas me irrita que você diminua a importância do que vivemos.

— Não diminui, apenas desconversei... — murmuro, porque nunca grito quando deveria e eu realmente quero gritar com River neste instante. — Sean nem mesmo me conhece, como poderia sair derramando o meu passado assim?

— Ele sabe que eu tinha uma namorada aqui, uma com a qual queria me casar e ficar para sempre junto. Quando correu de mim na primeira vez, Sean soube quem você era.

— Ok... — é o que posso murmurar.

De repente, sinto-me irritada por Sean vir me questionar, quando já sabia todo a verdade. Não me importo em ter mentido, no entanto e faria a mesma coisa se ele me perguntasse novamente. Certamente não me sinto à vontade em lhe contar coisas tão íntimas. Ele que pergunte a River se quiser saber algo mais.

— Onde está Hope? — Pergunto para desviar o assunto, olhando sobre o ombro de River.

— Dormiu — ele sorri ao contar, visivelmente mais relaxado. — Eu a

deixei no sofá.

— Você lhe deu refrigerante, chocolates ou balas?

Hope nunca dorme durante o dia, mas açúcar em excesso lhe deixa preguiçosa, por isso a minha pergunta.

— Não, creio que a tevê a tenha entediado depois de um tempo.

— Pode ser — encerro o assunto, jogando o pano que seguro, dentro do balde ao meu lado. — Acho que vou para a casa, você se importa?

— Sim, você não ficou nem uma hora.

— Sei disso, mas voltarei amanhã. Não tem nenhum produto de limpeza aqui...

— Que se dane a limpeza, não estou falando sobre isso. — River me interrompe.

— Como assim? — Dou risada, porque meu coração está prestes a falhar e rir é o meu mecanismo de defesa.

River está à minha frente e agora nem um centímetro nos separa; bom, talvez um centímetro ou dois. Mas é como se não houvesse espaço algum entre nossos corpos. Já ficamos perto muitas vezes desde que eu o reencontrei, mas não dessa forma. Suas mãos se espalmaram sobre o patamar da janela na qual estou encostada, e me prenderam. Já fizemos isso tantas vezes quando namorávamos... ele me prendia em algum lugar, e me dizia algo engraçado ou apaixonado, então nos beijávamos, beijávamos e beijávamos. É impossível não me lembrar disso agora e estou muito perto de cair totalmente.

— Não quero que limpe, não quero que faça nada que não seja estar perto de mim, porque, Ella — ele parece respirar o meu perfume e Deus... eu faço o mesmo com ele. — Irei enlouquecer se ficar mais um segundo longe.

— River — murmuro inutilmente, porque não quero que ele pare de falar, ou que se afaste, que pare de me sentir.

— Ella, meu Deus, por que você precisa fugir tanto? — Pergunta, com a testa junto a minha.

Como ele quer que eu pense em uma resposta plausível, com a sua respiração de encontro ao meu rosto?

— Não estou fugindo, River. — Respondo em um sussurro fraco.

— Não agora — ele sorri. — Porque eu decidi prendê-la.

— River...

Eu preciso dizer algo, *mas o quê?*

Em um segundo parece que estamos respirando juntos, como isso aconteceu? O meu ímpeto é de colocar as mãos em seu peito e o afastá-lo, mas por que elas estão realmente lá e não se movem? Porque o meu cérebro sabe que deve mantê-lo longe, mas o meu corpo não se importa em tê-lo por perto.

A sua mão toca a lateral do meu rosto e o seu polegar passeia pela minha bochecha. É um gesto terno, e eu não ofereço resistência alguma. Na verdade, eu me inclino para mais. A minha postura tão passiva e entregue incentiva River a apertar a minha cintura. Uma mão em meu rosto, outra em meu corpo; ambas me queimando de forma dolorosa e prazerosa. Dói porque não quero me sentir dessa forma, parece tão errado quando River tem alguém em outra cidade... River, meu único e verdadeiro amor. O único que tem permissão para me tocar de alguma forma, o único que faz com que eu goste de ser tocada. Embora eu duela incessantemente com as minhas emoções, estou cativa.

— River — murmuro, umedecendo os meus lábios com a língua.

Seus olhos abandonam os meus e seguem o movimento em minha boca. Não foi a minha intenção chamar a atenção dessa forma, mas meus lábios estão secos porque minha respiração está cada vez mais densa. Meu coração se acelera diante do seu olhar e quase quero colocar a mão dentro do peito e parar esses batimentos descompassados.

— Ella — ele sussurra em retorno, voltando a se fixar em meus olhos.

Ele irá me beijar, é isso? Quero que ele me beije, contudo, bem no fundinho da minha alma, eu sei que não devemos fazer isso. Se nos beijarmos

agora, cinco anos depois do último beijo, será como entrar em uma porta sem volta. Uma porta na qual eu entraria de olhos vendados enquanto River segura a minha mão, mas que não deve ser aberta hoje.

Sua boca toca a minha com suavidade, como se pedisse permissão para mais. Eu ofego e não digo nada. Ele me beija levemente mais uma vez. Eu deveria fazer alguma coisa, mas abro a boca e seus lábios se encaixam no espaço que há entre os meus. Fecho os olhos e retribuo o beijo... *estou beijando River mais uma vez...* a sua língua me invade e toca a minha. Por que isso é tão bom? Por que dói também?

Minhas mãos estão impassíveis sobre o seu peito, embora meus dedos queimem com a crescente vontade de tocá-lo. A mão de River em minha cintura, viaja pelo meu corpo e chega até a minha bochecha, entra em meu cabelo e traz o meu rosto ainda mais ao seu. Seu corpo me esmaga de encontro à janela, enquanto nos beijamos da forma mais apaixonada que já fizemos. Não posso entender como nossas bocas se mexem com tanta rapidez, sem nos machucarmos, mas tenho certeza que meus lábios estarão doloridos ao final do beijo. *Beijo*, a palavra flutua pela minha mente, ao mesmo tempo em que mordo acidentalmente a boca de River. Era de se esperar que isso acontecesse com o ritmo frenético do nosso beijo. Ele gosta e geme em retorno. Eu gosto também, sentindo automaticamente aquele frio na barriga que um dia apreciei tanto. Uma mão desliza pelas minhas costas até o início da minha bunda e me impulsiona sobre a janela. Minhas pernas circulam a cintura de River enquanto nos beijamos com ainda mais fervor, todo o meu bom senso se esvaindo a cada toque dos seus lábios. Quando sua boca solta a minha, eu choro, porque dói perder o seu calor. Mas então ele morde o meu pescoço e só posso ofegar em apreciação.

— Porra, isso é tão bom — ele rosna em meu ouvido, descuidado e intenso, e eu gosto. — Nunca me esqueci do seu cheiro, do seu gosto, Ella.

— Eu também não... — minha voz soa ao meu próprio ouvido de uma forma que jamais imaginei ouvi-la novamente. Tão apaixonada e entregue, sem juízo.

Beijo o pescoço de River também, seu queixo e busco a sua boca cegamente, o obrigando a me beijar novamente. É só o que eu preciso por um instante, um instante e eu voltarei a pensar de forma clara. A sua mão aperta a minha coxa nua e mordo a sua boca mais uma vez, de propósito agora. Ainda não é o momento para voltar a ser racional. Não quando os meus dedos passeiam por seu cabelo, e a sua nuca. Tenho medo de não voltar à superfície enquanto me

afundo cada vez mais em River e de repente estou me afogando... isso me assusta, e embora a sensação seja avassaladoramente boa, não consigo ignorar esse medo.

— Você tem uma namorada — murmuro na boca de River.

— O quê? — Ele pergunta, ainda sem se afastar.

— Você tem uma namorada — reforço, ainda que sofregamente.

Ele se afasta por um instante. Mas o seu aperto em meu cabelo e em minha coxa se mantém com a mesma possessividade, enquanto a constatação do que acabei de falar se faz visível em seus olhos.

— Ella — o meu nome é dito quase de forma dolorosa, ao passo em que seu domínio sobre mim se intensifica.

— Você tem uma namorada? — Pergunto dessa vez, porque Deus sabe o quanto quero que Sean tenha mentido para mim.

— Ella... — é a sua resposta, e não é a que eu preciso.

— Você tem, River? — Demando quase com raiva.

— Pare com isso — refuta, me apertando um pouco mais.

— Você tem? É simples, sim ou não?

— Não é simples...

— Você tem — choro, empurrando inutilmente o seu peito.

— Não mais — me consola e me beija ao mesmo tempo. — Pedi um tempo quando vim para cá, então não tenho mais uma namorada.

— Meu Deus — lamento, tentando me soltar. A vontade de correr cresce a cada instante.

— Não faça isso, não me afaste. Não corra mais uma vez, Ella; por

favor!

— Tudo isso é tão errado — digo, sem dar ouvidos ao que River diz.

— Não, tudo isso é tão certo.

— Você tem uma namorada.

— Não tenho.

Ofego, quando a constatação do que fizemos me atinge. Eu me tornei a garota que fica com as sobras, aquela que beija o cara que pertence a outro alguém. Porque embora eu tenha me esquecido disso por alguns instantes, River não me pertence mais.

— Passei mais de cinco anos aqui sozinha e nunca, nem uma única vez, pensei em me envolver com outra pessoa. — Digo, mesmo que seja infantil acusá-lo assim. Mas o meu coração se parte com a visão de River beijando outro alguém, com tudo o que ele viveu enquanto eu sofria aqui.

— Ella, não foi dessa forma — diz condescendente e tudo o que quero fazer agora é chorar. Sim, fechar os olhos e me banhar em minhas lágrimas.

Aperto os lábios e não respondo, mas não impeço que River me abrace. Meus dedos se fecham em sua camiseta e ao redor das suas tags, enquanto ele respira em meu cabelo. Contudo, não choro. Porque os seus braços ao meu redor me confortam.

— Nós precisávamos preencher o vazio de alguma forma, fez isso com a Hope.

— E você com ela — sussurro baixinho.

— Não, eu fiz com o meu trabalho. Levei anos para me envolver com alguém e ainda assim nunca foi a mesma coisa. Nunca me senti completo.

— River, isso é errado.

— Dane-se.

— Eu não quero ser a garota que beija o namorado de alguém.

— Você não é. Ela é quem tem sido essa garota, porque eu nunca deixei de ser seu, Ella. Será que não percebe?

— Não me diga isso — balbucio quando ele segura o meu rosto mais uma vez e me beija suavemente.

— Sim, eu irei dizer — ele sorri. — Tantas e quantas vezes forem necessárias. Até que volte a acreditar que é a mais pura verdade.

Eu quero ardentemente acreditar, mas como? Quando há tantas coisas que nos separam, coisas além do tempo em que ficamos longe. Jamais poderei contar a River o motivo de termos nos separado no passado e, se um dia chegar a contar, talvez a verdade seja razão suficiente para afastá-lo de mim. De um jeito ou de outro irei perdê-lo. Essa triste constatação é o que me faz trazê-lo para perto e beijá-lo sem controle, com uma vontade que vem do meu âmago, em ondas fortes e constantes. River me beija em retorno, da mesma forma ou quem sabe ainda mais apaixonado. Sinto a verdade desses sentimentos em cada partícula de mim.

— Ella — Hope me chama da porta. A sua voz se infiltra em meus pensamentos como se eu estivesse dormindo e ela tentasse me acordar. Acontece que não quero despertar.

Ao invés de empurrar River e me libertar dos seus braços com brusquidão, como era de se esperar em uma situação como essa, faço tudo com extrema lentidão; porque é extremamente doloroso me afastar dele. Interrompo o beijo e minhas mãos são gentis em seu peito, ao empurrá-lo em busca de espaço. Meus pés tocam o chão e puxo o elástico do meu cabelo bagunçado. Encaro Hope na soleira da porta, quase com medo do que ela possa pensar de toda essa situação.

— O quê? — Pergunto, passando a mãos em meus cabelos. Pareço tão ofegante e me obrigo a respirar com mais calma.

— Estou com fome — ela balbucia, me olhando de forma sonolenta.

— Claro... — sorrio, grata por ela não perguntar nada a respeito da cena que acabou de presenciar. Mas não sou tola em achar que as perguntas não virão mais tarde. — Acho que tenho biscoitos no carro.

— Espere — River segura a minha mão quando faço menção de me afastar. Giro o meu rosto e o encaro, ele está tão feliz que não contendo um sorriso. *Estou com tantos problemas.* — Também estou com fome, vamos sair.

— Não sei — digo, me voltando para Hope. — Quer sair, Hope?

— Sim, eu quero — ela sorri, me mostrando as suas covinhas. Evidente que sua resposta seria essa.

Exalo, porque eu deveria correr para bem longe; mas não tenho mais forças para isso.

— Tudo bem — concordo, acenando para River.

Ele aperta a minha mão brevemente, antes de soltá-la e caminhar até Hope.

— O que quer comer, Hope? — River lhe pergunta.

— Eu não sei... alguma coisa. — Responde com uma risada.

— Essa é a melhor resposta — ele ri também, enquanto ambos caminham para fora do quarto. — Nos dá um leque de infinitas possibilidades.

— Pode ser pizza? — Hope oferece, feliz.

— Sem dúvida — River assente.

— E batata frita? Hambúrguer?

— Claro — é a resposta dele.

— Sorvete também? — Ela pergunta, com olhos brilhantes.

— O que você quiser — River responde.

— O que eu quiser! — Hope recita, deslumbrada. — Ouviu isso, Ella?

Os dois interrompem a caminhada através do corredor, para que Hope possa me olhar enquanto espera a minha resposta. Ainda estou na porta do quarto, observando a interação dos dois.

— Eu ouvi — sorrio para ela, lhe permitindo um momento de felicidade com a ideia de comer tudo o que ela quiser. Algo que eu não permitirei por motivos óbvios, é claro.

Eles voltam a andar e descem a escada em sincronia. Hope parece flutuar em uma nuvem de alegria e isso me contagia. Precio o sentimento, embora saiba o quão breve ele pode ser.



Dezesseis

— Então... — River me diz, apertando levemente o volante do seu carro.
— Repita uma última vez.

Sorrio, destravando o meu cinto e me preparando para trocar de lugar com ele. Meu coração se acelera com a euforia de dirigir pela primeira vez. A maioria das garotas da escola já possui o seu próprio carro, mas os meus pais não parecem ansiosos em me dar um. Menos ainda em me ensinar a dirigi-lo. River foi generoso em se oferecer para essa tarefa. Já faz seis meses que estou legalmente apta a dirigir, mas essa é a primeira vez em que realmente sentarei diante de um volante. Não posso conter a minha excitação crescente.

— Ajustar o banco, ajeitar o retrovisor, colocar o cinto de segurança. — Recito, rindo para River. Ele parece um pai preocupado. — Ligar o carro...

— Antes de ligar, verifique a marcha.

— Claro, eu me esqueci de propósito. — Reviro os olhos, ainda rindo.

— Você é uma pilota nata, posso ver claramente. — Também ri, soltando o seu próprio cinto.

— Ok, então me deixe ocupar o meu lugar.

— Primeiro, me dê um beijo — ele pede, com olhos brilhantes de diversão.

— Está me subornando? — pergunto, mordendo os lábios e fingindo estar ofendida.

— Talvez esteja... a minha bondade precisa ter um preço.

— Isso é errado — o censuro, mas sem conter um sorriso apaixonado.

— É pegar ou largar — River diz, retirando a chave da ignição e a apertando entre os dedos. — Você aceita?

— Posso fazer um sacrifício dessa vez — murmuro ao me aproximar. — Mas só porque quero muito dirigir.

— Sei disso — ele sorri, balançando as chaves do carro diante do meu rosto.

Inclino-me e o beijo de forma rápida, roubando facilmente as chaves da sua mão. Mas River não deixa eu me afastar com tanta facilidade assim. Ele segura o meu rosto e exige um beijo mais demorado. Abro a boca e deixo a sua língua encontrar a minha. O gosto das balas de maçã que comemos há pouco, explode em nosso beijo. Aperto a sua camiseta entre meus dedos e colo o meu corpo ao seu, beijando-o com ainda mais paixão. Por um momento me esqueço do motivo que nos trouxe até aqui, mas River me solta segundos depois; não sem antes morder levemente o meu lábio inferior.

— Foi um beijo muito longo — pontuo, tocando a minha boca.

— Estou te ensinando a dirigir, Ella — diz, enquanto abrimos as nossas portas ao mesmo tempo. — Não faria isso por qualquer beijo.

— Claro que não.

Ele ri enquanto damos a volta no carro e nos encontramos na metade do caminho. River agarra a minha cintura e me beija um pouco mais. Tento empurrá-lo, exigindo passagem e ele me faz cócegas. Rimos feito bobos por vários minutos, até que eu consiga ocupar o meu lugar no banco do motorista; River senta ao meu lado. Ajeito o meu banco, verifico o retrovisor, fecho o cinto e me certifico que a marcha esteja em ponto neutro, então ligo o carro. A sensação de girar a chave na ignição e trazer o motor à vida, me faz rir feito uma criança. River não diz nada, mas uma olhada rápida em sua direção faz com que eu o encontro sorrindo. Ele parece tranquilo demais para alguém que está em um carro dirigido por outro alguém que não sabe realmente o que fazer. Solto o freio de mão. Piso na embreagem e coloco a primeira marcha. Suavemente acelero, mantenha a aceleração baixa e vou soltando bem devagar a embreagem.

— Estamos andando! — rio em euforia, muito satisfeita comigo mesma.

— Não, você está dirigindo — River me corrige, alegre e amoroso.

— Estou... — afirmo com orgulho. — Eu estou...



Aperto levemente o volante, me surpreendendo por conseguir dirigir com tamanha calma quando River está sentado ao meu lado. O calor que o seu corpo emana ao meu, me faz senti-lo ainda mais próximo. Por vezes foi necessário conter a minha respiração e tentar, inutilmente, acalmar o meu coração selvagem. Hope está no banco de trás, imensamente feliz por estarmos indo a algum restaurante onde ela possa escolher absolutamente tudo o que quiser. Concentro-me no caminho à minha frente, mas sempre que paramos por algum motivo; olho para River. É inevitável, e por ora não estou mais lutando.

— Onde Sean está? — Hope pergunta, quebrando o silêncio.

— Foi ao banco, ou ao correio... não tenho certeza — River responde, girando rapidamente a cabeça para encará-la. — Está com saudades dele?

— Sean é legal! — Hope exclama com um inocente riso infantil.

— Nem sempre — River murmura, mas imagino que eu seja a única a ouvi-lo.

Paramos em um cruzamento e o encaro, contendo um riso diante do seu ciúme.

— Também acha o Sean legal? — Ele me pergunta, muito seriamente.

Coloco o carro em movimento outra vez, me concentrando em virar à esquerda. Não respondo a sua pergunta, enquanto procuro uma vaga em frente a melhor lanchonete da cidade. Hope e eu viemos aqui uma única vez, há quase um ano, para comemorarmos o seu último aniversário.

— Ella — River me chama, em um tom exigente. — Acha Sean legal?

— Que diferença faz? — É a minha resposta evasiva.

— Você acha — ele deduz, com um sorriso de lado; mas não um do tipo feliz.

— Não exatamente — digo com calma, parando o carro para esperar uma vaga que está prestes a ser desocupada por outro carro.

— Gosta dele, não gosta?

— E se eu gostar? — Demando em um sussurro.

— Não me deixará muito feliz com a notícia. — Ele diz com sinceridade.

Respiro, finalmente estacionando na vaga disponível. Desligo o carro e olho mais uma vez para River.

— Eu não diria realmente que gosto, mas Sean sempre foi muito gentil comigo; portanto não posso afirmar que o detesto — digo, por fim.

Meus sentimentos são preciosos demais para jogá-los ao vento, então é muito difícil responder uma pergunta como essa, de forma fácil. Não é como afirmar ou não, que eu gosto de sorvete. Estamos falando sobre uma pessoa e sim, Sean é um cara agradável.

— Ele sempre será gentil com você — River ri de forma seca, desatando o seu cinto. — Não duvide disso.

— Que bom, não é? — Refuto, fazendo o mesmo com o meu cinto de segurança.

— Sim, esplêndido. — Ele resmunga para si mesmo.

— Ele é seu cunhado, River — replico, abrindo a minha porta e me apressando em retirar Hope do seu assento.

É ridículo que River sequer imagine que eu possa alimentar algum devaneio amoroso sobre Sean. Sim, a ideia é tão desvairada que tenho vontade de rir feito doida.

— Ele não é o meu cunhado — diz, colocando as mãos sobre o capô do carro e me encarando com intensidade. — Foi ele quem lhe contou sobre Gwen?

— Gwen... — repito, de repente me sentindo extremamente melancólica. Olho para os meus pés, mas River ainda espera uma resposta; então completo. — Ele só me disse que você tinha alguém na Flórida.

— Ele mentiu, eu tenho alguém em Beaufort. — Diz com uma convicção que se sobrepõe a qualquer outra emoção.

Meus olhos encontram os seus em silêncio. Como uma conversa que me causava borboletas no estômago, terminou por causar essa ardência em meu coração?

— Estou com fome, Ella — Hope me lembra, encaixando a sua pequena mão entre a minha. — Você esqueceu?

— Não, não esqueci. — Respondo, puxando-a para mim e circulando os seus ombros. — Vamos entrar.

Puxo Hope através do caminho até a entrada do restaurante. Demora alguns segundos, mas River nos alcança. Para ao meu lado e segura a minha mão. Olho para ele e tento soltá-la, inutilmente, preciso ressaltar.

— Só por um momento, Ella — ele sussurra em meu ouvido, enquanto Hope nos obriga a nos manter caminhando.

Um momento é tudo o que preciso para partir meu coração mais uma vez, ainda assim, não solto a sua mão.



Hope realmente come tudo o que quer, mas isso se resume a meio hambúrguer, uma porção média de batatas fritas e um copo pequeno de suco de laranja. Embora a sua vontade seja maior que o seu tamanho, o seu estômago ainda é o de uma criança de quatro anos e meio. Tenho certeza que ela se

manterá satisfeita até o almoço do dia seguinte. O meu apetite jamais se assemelharia ao seu, — ao menos não no entusiasmo — mas consigo comer todo o meu hambúrguer e a minha pequena porção de batatas. River come o dobro disso. Não me surpreendo por ele ainda ter a fome de um adolescente em crescimento.

Mesmo após o fim da nossa refeição, ficamos conversando na mesa, até que o movimento do restaurante caia significativamente. Surpreende-me o quão natural essa cena se torna. Como se fizemos isso várias vezes na semana, ou como se fôssemos uma família feliz. Toda a situação me deixa melancólica e alegre ao mesmo tempo, e não sei qual das duas sensações me preocupa mais.

São sete e quarenta e cinco quando saímos do restaurante. River paga a conta, não discuto com ele a respeito disso, parece inútil e preciso poupar as minhas forças. Hope já está sonolenta quando entramos no carro e durante o trajeto, longo e silencioso, acaba dormindo. São oito e dez quando estaciono na garagem da pousada. Desligo o carro, mas mantenho o meu olhar à frente, antes de ter coragem de encarar River mais uma vez. O silêncio grita ao nosso redor, ou talvez ele grite apenas dentro de mim.

— Posso subir com você? — River me pergunta, em um murmuro calmo.

— Minha mãe está em casa — sussurro de volta.

— Você não tem um quarto?

— Tenho... um que eu divido com Hope.

— Eu só quero conversar — ele sorri.

Exalo, soltando vagorosamente o volante que ainda mantenho bem apertado em meus dedos.

— Já falamos o suficiente — respondo, me fixando em seus olhos castanhos.

— Você acha? — Demanda e eu aceno. — Ainda temos muito o que dizer, se não quiser falar; apenas me ouça, Ella.

— River — exalo mais uma vez, porque quero deixá-lo entrar, mas então onde tudo isso acabaria afinal?

— Por favor.

— Toda essa situação é tóxica para nós dois, não percebe? Estamos tão longe de um final feliz.

— Por que diz isso? — Pergunta, visivelmente preocupado.

— Porque você tem uma vida na Flórida e eu tenho uma vida em Beaufort. Você tem uma namorada... — ele abre a boca para me interromper, mas não permito. — Ok, você tem uma ex-namorada, que seja... eu passei cinco anos sem olhar para nenhum homem, a simples ideia de ser tocada por outra pessoa me causa náuseas.

— Você não me quis, Ella. Você me disse para seguir em frente, que eu ficaria melhor sem você — ele ri de forma seca. — Não acreditei, sabe disso. Nunca quis te deixar sozinha, fui empurrado para isso, com as suas próprias mãos; preciso lembrá-la. Então me perdoe se tentei te esquecer em algum momento.

— Funcionou? Conseguiu me esquecer? — pergunto, quase com vergonha da minha necessidade em saber a resposta. — Ou você ainda pensava em mim quando estava com ela?

— Eu penso em você cada porra de minuto do meu dia — ele responde, zangado. — No meu trabalho, enquanto tomo banho ou escovo os dentes. Sim, eu pensava em você quando estava com ela; principalmente porque ninguém jamais será capaz de preencher a porra do buraco em meu coração que você, Ella... você causou.

Fecho os olhos, enquanto as suas palavras repletas de dor e tristeza me invadem. Eu sempre soube que o havia magoado, mas a constatação real é ainda mais dolorosa do que imaginar que o feri de forma profunda.

— Sinto muito. — Sussurro, ainda de olhos fechados. Preciso apertar as minhas pálpebras e evitar as lágrimas que querem cair.

— Eu te amo... — ele sussurra ao se aproximar, beijando o meu ombro em um gesto consolador. — Você ainda me ama? Porque eu só me afastaria se

você não me amasse mais.

— River — suspiro, quando ele respira em minha boca.

— Isso é mentira, eu não me afastaria — diz, ao me beijar lentamente. — Eu ficaria e faria com que se apaixonasse mais uma vez.

Eu me apaixonaria por River um milhão de vezes, se fosse possível e isso não exigiria esforço algum, se é o que ele imagina. O meu coração parece ter o seu nome tatuado em cada pedacinho dele, como o certificado que o torna seu dono. River me beija mais uma vez e eu correspondo, porque tenho medo que a vida não me dê mais uma oportunidade como esta.

— Vamos subir, então... — balbucio em sua boca, jogando a cautela pela janela. — Preciso colocar Hope na cama.

— Claro — diz entre beijos, aparentemente relutante em se afastar. Também reluto em deixá-lo ir, mas nos afastamos alguns segundos depois.

River desce do carro antes de mim e abre a porta do passageiro para tirar Hope do seu assento. Estou fora instantes depois, mas não intercedo ao vê-lo carregá-la com facilidade. É estranho ver outra pessoa cuidar de Hope, além de mim, porém olho para os dois juntos e simplesmente parece certo.

Fecho o carro depois de pegar as minhas coisas e encaro River com um meio sorriso.

— Tudo bem? — Pergunto ao apertar as minhas chaves.

— Sim — ele sorri, enquanto uma das mãos se move de forma carinhosa pelas costas de Hope. — Ela pesa como um passarinho.

— Ela é um passarinho. — Rio baixinho.

— Mostre o caminho — River pede, caminhando até mim ao redor do carro.

Assinto e caminho à frente. Abro a porta da cozinha com o máximo de cuidado que consigo, evitando barulhos desnecessários. Sei que mesmo sendo tão cedo, minha mãe já está em seu quarto; lendo ou talvez até dormindo.

Infelizmente sei que ela ingere remédios para dormir e às vezes, de forma imprudente, mistura-os com bebidas alcoólicas. Isso me entristece, mas não é o momento de pensar a respeito. Estou esgueirando, de forma sorrateira, o meu ex-namorado até o meu quarto. Algo que exige o máximo de concentração.

Abro a porta e deixo River passar por ela, junto com Hope. Fecho-a com a mesma lentidão com a qual eu a abri e aponto para as escadas ao virar do corredor.

— Nosso quarto é lá em cima, depois do primeiro lance de escadas.

— Ok — ele acena, voltando a andar com menos cuidado do que eu gostaria que fizesse.

— Suas botas estão fazendo barulho demais — observo, enquanto subimos as escadas juntos.

— Sim, elas fazem isso quando ando — River ri, sem preocupação.

— Tente ser mais silencioso, por favor.

— Por quê? Sua mãe ficaria chateada se trouxesse alguém para a casa?

Paro em frente a porta do nosso quarto e o encaro, tentando ouvir algum barulho ao redor. Não há nada, apenas silêncio e as nossas respirações calmas.

— Eu não sei — respondo ao encolher os ombros e abrir a porta. — Nunca trouxe ninguém para a casa antes.

— Fico feliz em ser o primeiro, sabe disso.

Mordo um sorriso e aponto para a cama ao centro. River caminha até ela e coloca Hope deitada no lado esquerdo, exatamente onde ela gosta de dormir. Talvez ele tenha deduzido que esse era o seu lugar, por causa do pônei de pelúcia — gasto e bem desbotado — que Hope sempre deixa sobre o seu travesseiro. Assim que River a coloca sobre os lençóis, ela se ajeita e abraça o seu brinquedo. Fico feliz por ter lhe dado banho antes de sairmos de casa, embora, nem de longe, eu imaginasse que esse seria o nosso final de noite.

River observa ao redor, enquanto permaneço quieta, apoiada à porta fechada. Sei exatamente o que seus olhos veem; um quarto pequeno e com

móveis antigos e sem vida, é quase triste. Mas aqui tem sido o meu lugar seguro pelos últimos anos, um lugar onde Hope e eu somos realmente felizes. Porque o mundo não pode machucar nenhuma de nós, enquanto essas portas estiverem fechadas.

— Gosta daqui? — River me pergunta depois de um tempo, cruzando os braços sobre o peito para me encarar.

— Sim — sorrio de forma fraca. — Eu meio que gosto.

— Meio que gosta — repete, sorrindo de lado. — É pequeno.

— Realmente — não tento negar, como é da minha natureza.

— Essa pousada é gigantesca, acho que ficou com o menor quarto dela.

— É um dos poucos com sacada e visão para o lago. — Pontuo, meneando a cabeça em direção à porta de vidro em suas costas.

— Ainda assim...

— Eu escolhi esse quarto, River. Meu pai não me prendeu aqui e tem me tratado como a madrasta da Cinderela faz com ela.

O olhar condescendente em seu rosto me diz que é exatamente essa a sua impressão, por isso sinto-me impelida a explicar a situação.

— Eu não disse isso, disse? — Ele ri, vindo até mim.

— Mas pensou, não foi? — Seus olhos cruzam com os meus e ele não nega. — Hope e eu estamos bem.

— É que eu sei o quanto você merece, Ella, e não é um pequeno quarto em uma pousada.

Sua mão vai direto para a lateral do meu rosto, quando ele para diante de mim. Fecho meus olhos, me inclinando ao seu toque e apreciando o seu calor. Apenas as pontas dos seus dedos em minha pele, são capazes de irradiar amor por cada partícula do meu coração.

— E o que é que eu mereço, River? — Pergunto ao abrir os olhos e encontrar o seu rosto a centímetro dos meus.

— Você merece o mundo — ele me beija e sorri em meus lábios. Eu sorrio também; porque, ao menos essa noite, o meu mundo está todo neste quarto.

— Eu não quero o mundo — murmuro de volta... *só você e Hope*, mas meu coração se aperta quando penso que somente um dos dois pode realmente ficar aqui.

— Que pena, eu iria comprá-lo hoje mesmo, apenas para lhe dar.

— Nesse caso, posso aceitá-lo...

Ele sorri de forma linda e me beija, daquele jeito que rouba todo o meu fôlego e tira os meus pés do chão. Acaricio os seus cabelos quando a vontade de tocá-lo torna-se maior do que qualquer outra vontade dentro de mim. Acho que estamos nos enredando em complicações que só irão nos machucar futuramente, mas não consigo ser a única a pontuar isso.

— O que aconteceu com você, Ella? — River pergunta de repente.

— Por quê? — Refuto, me alertando por dentro. Mas me mantendo relaxada por fora, principalmente porque ele encosta a testa na minha e me prende ainda mais ao seu corpo.

— Porque desde que te vi em frente à minha casa há uma semana, tenho notado uma tristeza em seu olhar... — ele respira em meu rosto, enquanto parece buscar a verdade em meus olhos. Quero fechá-los e escondê-la dentro de mim, mas não posso fugir de River. — É o mesmo olhar triste e desolador que tinha àquela noite em meu carro.

— Eu... — Abro a boca e a fecho segundos depois, incapaz de encontrar uma resposta.

— Não me diga que foi por sentir tanto assim a minha falta.

— Mas eu senti. — Sorrio, me perdendo em seu olhar.

— Você precisa me contar toda a verdade, Ella, não importa qual ela seja.

Meu sorriso morre e mordo os lábios de forma nervosa, enquanto as batidas do meu coração aumentam em meu peito. Sim, River merece a verdade, todas as partes feias e dolorosas; só não sei quando estarei realmente pronta para lhe contar.

— Eu preciso... — gaguejo, olhando brevemente para o seu peito, precisando de um segundo longe do seu olhar. — Eu preciso de tempo, River.

Na verdade, eu preciso de coragem; uma grande quantidade dela. *Onde eu encontro?*

— Eu não tenho tempo — ele me diz, preocupado. — Talvez me restem duas semanas, no máximo. Preciso voltar para a Flórida.

— Eu não estou preparada para ter essa conversa ainda — lamento, quase chorosa. — Me dê um tempo, por favor. Talvez alguns dias.

Ele se afasta e prendo a respiração no mesmo instante, triste por perder o seu calor e o conforto do seu contato. Meus olhos o observam através do quarto, enquanto dá alguns passos para longe de mim.

— Eu não tenho tempo, Ella — ele repete suavemente, uma das mãos em seu cabelo, a outra em seu estômago enquanto parece pensar. — Quero que volte comigo para a Flórida.

— River — murmuro, engolindo uma grande quantidade de ar quando a minha boca se abre, surpresa. — Nós só trocamos alguns beijos.

— Nós só trocamos alguns beijos? — Demanda zangado, me prendendo entre o seu corpo e a porta em uma questão de segundos. — Não, não foi isso o que fizemos, sabe disso. Nós nos pertencemos, Ella e é tão errado que estejamos separados.

— Eu não posso ir para a Flórida, não agora.

Eu quero, Deus sabe que iria agora mesmo se pudesse. Eu teria ido há cinco anos também; mas como posso? River não sabe o que diz quando faz tudo parecer tão fácil dessa forma.

— Não me faça ir embora sozinho — ele pede com um beijo lento, que me tortura. — Não dessa vez, por favor... por favor, Ella.

— Me deixe te dizer toda a verdade, então você decide se me quer mais uma vez.

— Acha que alguma coisa que me disser poderá mudar a forma como me sinto?

Eu sei que sim, sei que sim, sei que sim...

— Eu não sei — digo, beijando a sua garganta e descansando a minha cabeça em seu peito. — Só me dê algum tempo, quanto você tiver.

— Depois disso teremos essa conversa? — pergunta, afagando os meus cabelos.

— Sim — respondo, me entregando ao seu toque e o apertando com muito mais força.

— Tudo bem, Ella, você tem o meu tempo.

Fecho os olhos, aspirando o seu perfume, sabendo que irei apreciar cada segundo do tempo que ele me oferece. Lá no fundo, eu sei que são os únicos que nos restam. Talvez River também saiba disso, por isso os seus braços não me soltam por toda a noite.



Dezessete

Paro em frente à casa de River e mal posso conter a minha alegria. Na verdade, nem estou preocupada em disfarçá-la para alguém. Deixe que todos saibam o quão feliz eu estou hoje. A minha mãe creditou a minha felicidade ao fato de que eu iria dirigir o seu carro pela primeira vez; não a desmenti. Ainda que eu realmente esteja excitada com esse fato — já que ela nunca quis me emprestá-lo — esse não é o motivo principal da minha felicidade. Hoje é o aniversário de River e pude passar no mercado e lhe comprar os cupcakes de avelã e chocolate que ele tanto amo. Também lhe comprei um pequeno presente, que foi muito, muito difícil de ser escolhido. Eu espero que ele goste.

Olho para a caixinha de plástico no banco do passageiro, com os quatro cupcakes que comprei, e sorrio. O presente de River está em minha bolsa e mal posso me conter de ansiedade em lhe mostrar e ver a sua reação.

Tiro a chave da ignição e me inclino sobre o banco, para buscar a minha bolsa no banco traseiro, mas uma batida na janela me faz saltar em meu assento. Giro cautelosamente a cabeça e encaro Mason do lado de fora... droga, hoje não é quarta-feira?

Fecho os olhos e respiro. Mason bate no vidro mais uma vez e me obriga a baixá-lo a contragosto.

— Oi... — ele sorri, se debruçando sobre a porta do carro e me encarando.

Exalo profundamente, antes de responder.

— Oi, Mason — me afasto, de forma sutil, decidida a colocar o máximo de distância entre nós. — Como vai?

— Bem. — Diz ao me encarar fixamente. — Você?

— Bem — suspiro, olhando para o meu para-brisas. — River está em casa?

— Sim, eu acho.

— Ok... — sorrio de forma fraca.

Eu não avisei River que viria e de forma alguma eu entraria nessa casa apenas com Mason dentro dela.

— Vocês estão realmente sérios — ele me diz, com uma risada ao final.

Muitas pessoas diriam que Mason é mais bonito que River. Eu não concordo, por razões óbvias, ainda que não possa chamá-lo de feio, porque seria uma grande mentira. Ele é bonito sim, com um cabelo escuro e liso, que ele mantém sempre impecavelmente cortado. River não tem, nem de perto, o mesmo cuidado e eu realmente não me importo. Os olhos de Mason são mais claros que os de seu irmão e às vezes parecem possuir um tom esverdeado, mesclado à sua íris castanhas. E ele pode ter um sorriso que faz muitas garotas suspirarem, mas que aos meus olhos sempre pareceu frio, quase assustador, sem vida. Por vezes eu tentei entender essa sensação ruim que Mason me traz. Por vezes me senti culpada por carregá-la, mas não posso conter.

— River e eu? — Pergunto de forma automática, me sentindo tola depois. É óbvio que somos nós.

— Sim, River e você.

— Sim, nós estamos — afirmo, me encolhendo um pouco. Mason é o tipo da pessoa que lhe rouba todo o espaço pessoal. Talvez seja, definitivamente, por isso que me sinto incomodada em sua presença.

— Posso ver que isso vai além de um simples namoro de adolescente. — Ele observa, olhando ao redor.

Não respondo, apenas me obrigo a sorrir um pouco mais, enquanto aperto as chaves do carro em minha mão.

— Hoje é quarta-feira? — Pergunto de repente.

— Sim, é — ele responde, intrigado.

— Você não tem treino de futebol às quartas?

— Tenho... — sorri lentamente. — Sabe os meus horários de treino?

— Não — tusso, desconfortável. — River comentou um dia e eu apenas me lembrei agora.

— Porque quer ficar sozinha com ele — arqueia as sobrancelhas, debochado. — O treinador está doente, tivemos uma folga hoje. Mas já estou de saída, não se preocupe.

Olho para ele e aperto os lábios. Mason nem deveria estar mais na escola. Com a idade que tem, sendo um pouco mais de um ano mais velho que River, deveria estar no primeiro ano da faculdade. Para o meu azar ele ainda está aqui. Para a minha sorte, acho que não por muito tempo.

— Vou sair — digo, apontando para a porta do carro. — Pode me dar licença, por favor...

— Posso — diz lentamente. — Só me dê um cupcake antes.

— O quê? — Sibilo, descrente. — São para o River, os preferidos dele.

— São os meus preferidos também, e só quero um; ele ficará com os outros três.

— Não, comprei para ele... — resmungo com indignação. — Não para dividi-los com você, Mason.

— Tão egoísta, Ella — ele murmura, fechando novamente a porta, quando tento abri-la. — Apenas um, me dê e eu irei embora.

— Isso é tão infantil — refuto com tristeza.

Ele ri com entusiasmo, não se importando com o meu desconforto; na verdade, imagino que seja justamente isso que o deixa feliz.

— Estou esperando, vamos, não irá doer.

— Posso lhe dar dinheiro, então você compra alguns no mercado. — Ofereço com gentileza. — Pode até escolher outros sabores.

— Nem fodendo, não tenho tempo para passar no mercado agora e não quero o seu dinheiro... quero o seu bolinho.

Ele diz a última frase com malícia e escárnio e isso me causa náuseas instantâneas. Como alguém pode estragar tão facilmente a felicidade de outra pessoa?

Respiro, resignada. Quero sair desse carro, portanto, terei que fazer a sua vontade. Abro a embalagem de cupcake com cuidado e retiro um deles, entregando o para Mason, em seguida.

— Obrigado — agradece, dando uma imensa mordida no bolinho e gemendo. — Que delícia... River sempre teve um ótimo gosto.

Quero tanto desviar o meu olhar do seu rosto, mas me obrigo a encará-lo com altivez. Não, não irei demonstrar a minha fraqueza, o meu medo; não para Mason Lewis. Na verdade, estou me contendo para não lhe dar um soco na cara, que é o que ele merece de fato.

— Posso sair agora? — Pergunto em um murmuro.

— Claro que pode — ele sorri, abrindo a porta para mim, em um gesto cavalheiresco e ensaiado. — Fique à vontade.

Embora ele tenha se afastado sutilmente da porta, eu ainda não saio do carro. Preciso me virar e reunir as minhas coisas, antes de fechar a porta e de jeito algum quero dar as costas para Mason.

— Você não vai sair? — Me pergunta.

— Daqui a pouco... — encolho os ombros.

— Se demorar demais, posso querer outro bolinho.

— Você não tem para onde ir? Algo importante para fazer? — Pergunto, mas não de forma agressiva.

— Tenho, claro, mas meu carro está na oficina. Então estou esperando a minha carona. — Conta, encostando-se no carro de forma casual.

— Deus — suspiro, soltando lentamente o ar.

Mason ri, não sei como ele pode ser tão diferente de River. Junto as minhas coisas, contorcendo-me em meu assento para pegar a minha bolsa, sem perdê-lo de vista. Seguro a embalagem de cupcakes, não sendo capaz de esconder a tristeza com o espaço vazio que há nela agora.

— Quer ajuda? — Mason me oferece.

— Não, obrigada.

Saio do carro e coloco os cupcakes sobre o capô, enquanto fecho tudo. Aperto a minha bolsa à frente do meu corpo, de forma protetora. Resgato os cupcakes e faço o mesmo com eles, temendo que Mason os roube de mim.

Ele me encara por um tempo e finge bloquear a minha passagem, quando dou o primeiro passo em direção à casa dos Lewis. Fecho os olhos para me impedir de correr até a porta e gritar por River.

— Foi bom te encontrar, Ella — ele me diz, ao mesmo tempo em que um carro para no meio-fio e buzina alto. — Minha carona chegou... obrigado pelo cupcake.

Reviro os olhos sem me conter e mentalmente o xingo, usando todos os sinônimos ruins que conheço para “imbecil”. A pessoa no carro buzina mais uma vez, mas Mason só se afasta depois de beijar o meu rosto e dizer:

— A propósito, você está linda. River é um cara de sorte.

Ele me brinda com um sorriso cheio de covinhas, aumentando a vontade de socar o seu rosto. Não imagino quão forte eu poderia atingi-lo, mas Mason estragou um dia maravilhoso e acho que poderia quebrar o seu belo nariz se me esforçasse. Creio que quebraria minha mão no processo, mas valeria a pena... definitivamente valeria.



Hope está estirada sobre a cama, enquanto assiste As Meninas Super

Poderosas em meu notebook. A sua concentração é quase invejável, ela ama esse desenho. Saio do quarto sem que ela me note.

Deixo a porta entreaberta e subo até o quarto da minha mãe. Parece que faz décadas que não faço isso, o caminho é quase novo para os meus olhos. Paro em frente à porta fechada e a encaro em silêncio, hesitante em bater. Nossa relação nos últimos dias não pode ser classificada como maravilhosa. Temos nos falado o mínimo possível e ela não parece se importar com isso. Eu me importo, mas tenho coisas mais urgentes para me preocupar nesse momento da minha vida.

Levanto a mão para bater à porta, mas ela se abre no mesmo instante. Minha mãe me encara com confusão evidente, desde que passei o dia todo a evitando de todas as formas. River dormiu em nosso quarto e saiu antes do dia amanhecer e embora ela não faça ideia disso, temi que pudesse enxergar a verdade em meus olhos.

— Ella, aconteceu alguma coisa? — Pergunta, fechando a porta do quarto, quando me vê espiando o seu interior.

Surpreende-me o quão bagunçado ele está agora. Minha mãe sempre foi a pessoa mais organizada e limpa que conheci, mas está deixando o seu quarto parecer uma zona de guerra. Isso é preocupante, certamente.

— Ella... — estala os dedos, querendo a minha atenção.

— Sim, desculpe. — Balanço a cabeça, encarando os seus olhos cansados. — Tudo bem?

— Sim, por que a pergunta?

— Nada, apenas hábito — sorrio.

— Quer alguma coisa?

— Na verdade, quero. — Digo, sem rodeios... é melhor ir direto ao ponto.

— O quê?

— Pode ficar com Hope essa noite? — Pergunto, meio sem jeito.

Essa é a primeira vez que lhe peço algo assim. Nem deveria precisar pedir, mas então quem cuidará de Hope com o mesmo carinho e preocupação? Eu até me sinto insegura ao deixá-la com a minha mãe... *com a nossa mãe*.

— Ficar com Hope? — Pergunta, a curiosidade crescente em seu olhar.
— Como assim?

— Preciso sair e não posso levar Hope comigo. — Explico com cuidado.
— Pode cuidar dela por algumas horas?

— Sair? — Ela parece em choque. — Você quer sair de casa?

— Sim.

— Sem a Hope?

— Sim, sem a Hope.

— Sair? Em um encontro?

Respiro, olhando para os meus pés por um breve instante.

— Sim, em um encontro, eu acho — encolho os ombros, insegura. — Uma espécie de encontro.

— Com Sean? — Ela oferece, feliz.

— Não, não com Sean — balanço a cabeça, antes de murmurar: — com River, mãe.

— River Lewis? — A sua voz se eleva, ainda mais surpresa.

— Ele mesmo.

— Você e River. — Ela recita, como se precisasse dizer isso em voz alta para finalmente acreditar. — Então, estão juntos novamente?

Como responder essa pergunta tão complexa? Olho para os meus pés

mais uma vez, enquanto penso. Embora eu esteja diante da minha mãe, não me sinto confortável em ter essa conversa.

— Meio que sim — digo, ainda olhando para o chão. — Sabe que essa resposta não é nada fácil, mãe.

— Deus, eu sei... — ela suspira, e levanto a minha cabeça mais uma vez. — Mas eu sabia que isso iria acontecer, como sabia. Só não quero que se machuque mais uma vez.

— Isso é inevitável — suspiro também. — Mas eu não me importo, porque o amo.

Ela assente, mesmo que mil perguntas dancem em seu olhar. Sinto-me grata por ela não fazê-las, no entanto.

— Pode ficar com a Hope? — Pergunto mais uma vez. — Vou deixá-la dormindo, só precisa se manter atenta.

— Sim, tudo bem.

— Hope dorme a noite toda, geralmente. Não acho que ela irá acordar e perambular pela casa... — rio, de forma nervosa, porque espero que Hope não decida que essa é a noite em que ela deve fazer isso. — De qualquer forma, não a deixe sozinha.

Fique sóbria, ao menos hoje, por favor. É isso o que eu quero lhe pedir, mas como? Minha mãe tem um problema com álcool e remédios, mas como a maioria das pessoas na mesma situação, admitir esse problema não é algo que ela esteja fazendo no momento.

— Sou adulta, Ella. Está mesmo me ensinando como cuidar de uma criança?

— Não, não estou; apenas... — *tenho medo que você durma demais e aconteça algo ruim com Hope.* — Tudo bem, você está certa.

— Fique tranquila, todos iremos sobreviver.

Será? Não tenho a sua convicção, mas Deus queira que sim.

— Ok, eu saio às oito.

Olhamo-nos em silêncio, como se selássemos um acordo. Eu me viro por fim, ansiosa para voltar ao meu quarto. Deveria ter agradecido a minha mãe por cuidar da Hope? Sei que não deveria, mas me sinto culpada por não tê-lo feito. Culpada por até mesmo ter que lhe pedir algo assim. Minha vida é realmente um drama *shakespeariano*.



Hope não está dormindo às oito, como eu desejei que estivesse. Mas isso não deveria me surpreender, porque é como se ela soubesse que há algo de diferente acontecendo comigo. Como se ela captasse essa nova energia que flui de mim.

Eu não queria passar por toda parte de me despedir e lhe explicar que hoje, pela primeira vez, eu não estarei aqui para colocá-la na cama. Contudo, seus olhos estão cada vez mais atentos, enquanto ando pelo quarto e me arrumo para o meu encontro com River. E quando estou calçando as minhas sapatilhas, a tão temida pergunta vem:

— Onde você vai, Ella?

Não tenho pressa em responder, então termino de calçar meus sapatos e me levanto, andando até o pequeno espelho sobre a cômoda. Eu me maquiei... *Deus, não faço isso há séculos*. Na verdade, não foi nada elaborado; usei rímel e batom. Faz cinco anos que não uso nenhum dos dois e precisei emprestá-los da minha mãe. De repente tenho vontade de comprar a minha própria maquiagem. Essa vontade só existe porque River está aqui, de volta à minha vida; mas até quando ele estará. Será que para sempre?

— Ella — Hope me chama, enquanto ainda me olho no espelho.

Giro o meu corpo para ela e aliso o meu vestido até os joelhos. É simples, cinza em algodão e com mangas curtas. Sei que poderia ter emprestado algo melhor da minha mãe, mas então não seria a mesma coisa. Essa é a melhor

imagem que posso conseguir de mim mesma agora: sapatilhas, vestido de algodão, cabelos soltos, rímel e batom. Já é um grande passo para mim, e espero que River goste.

— Vou sair — digo, sorrindo. — Vou sair com River essa noite.

— E eu não?

— Não, você não. — Conto com calma. — Você ficará com a mamãe.

— Por quê? — A sua voz soa triste e curiosa ao perguntar.

Respiro, puxando a minha velha jaqueta jeans do armário e a amarrando em minha cintura. Hope se estica até a beirada da cama, as mãos no queixo, a espera de uma explicação.

— Porque preciso de um tempo sozinha com River, para conversarmos e porque está muito tarde, você precisa ir para a cama daqui a pouco.

— Mas eu não estou com sono.

— Sei que não, ainda assim está tarde para sair de casa. — Explico com carinho. — Serão só algumas horas, você dormirá daqui a pouco e nem sentirá a minha falta; eu prometo.

— Eu não entendo — ela murmura com um bico adorável. — Quero ir também, eu gosto do River. Ele é legal, como o Sean.

Ele é mais legal, mil vezes mais legal. Sorrio, me sentando ao seu lado.

— Sei que quer ir, mas não pode; não desta vez.

— Eu quero ir — ela balbucia, se encolhendo em meu colo.

Sinto-me culpada por isso, mas ao mesmo tempo, sei que preciso dessas poucas horas longe de Hope.

— Tenho certeza que River nos levará para passear outro dia. — Digo, afagando os seus cabelos com carinho.

— E Sean também?

— Bem, não sei, talvez. — Murmuro, incerta. A verdade é que seu pudesse escolher, não gostaria de ter Sean conosco. É um pensamento egoísta, mas que não pode ser evitado. — Veremos isso depois, tudo bem?

— *Tá.*

Seu murmúrio infeliz não pode ser ignorado, nem a pontada em meu coração, quando ela se afasta do meu abraço. A única coisa que não me faz desistir de sair desse quarto, é a certeza que Hope terá esquecido de tudo isso pela manhã.

— Tenho que ir agora. — Anuncio, contornando a cama e indo até ela mais uma vez. — Sei que será boazinha para a mamãe, e que irá dormir no horário certo; não é mesmo?

Ela deita-se em seu lugar de costume, abraçando o seu pônei e escondendo parte do rosto no travesseiro. Olha-me com apenas um dos olhos, semicerrados e chorosos.

— Você será boazinha, Hope? — Demando em um tom firme, mas doce.

— Sim — ela afirma, fechando os olhos.

São oito e dez agora e imagino, ou desejo, que River já me espera em frente à pousada. Talvez ele esteja ansioso com o meu atraso, mas como posso me afastar de Hope quando sei que ela está tão chateada com a minha saída? Não posso, simplesmente não consigo deixá-la aqui desse jeito. Beijo o seu rosto e afago os seus cabelos de forma constante e suave. Isso dura seis ou sete minutos; então sei que ela adormeceu, por fim.

— Eu te amo... — sussurro baixinho em seu ouvido.

Desligo as luzes e saio do quarto, depois de encontrar o meu celular e as minhas chaves, e também olhar uma última vez para Hope na cama. Minha mãe está sentada no segundo degrau que leva até o seu quarto e me encara com um pequeno sorriso.

— Hope dormiu — digo, me sentindo um pouco mais leve agora.

— Isso é bom. — Minha mãe diz, ficando em pé também.

— Não precisa ficar aqui com ela, mas se puder verificá-la daqui um tempo...

— Realmente sou uma mãe tão ruim assim? — Ela me interrompe com a pergunta.

— Por quê? — Refuto, confusa.

— Porque esse olhar preocupado em seu rosto, faz com que eu me sinta uma mãe horrível.

Olho para os meus pés e para o meu celular, em seguida. São quase oito e meia. Será que River irá me esperar por tanto tempo? *Deus, eu anseio que sim.* Não imaginei o quão complicado seria sair de casa, quando concordei em me encontrar com ele essa noite.

— É a primeira vez que saio de casa em séculos. — Digo, tentando manter a minha voz calma e confiante. — Estou apenas ansiosa, mãe.

E mais aliviada, porque sei que a menos que haja um terremoto essa noite; Hope dormirá até a manhã seguinte.

— Ok, está bem — ela assente, começando a subir para o seu quarto. — Irei descansar um pouco, mas em duas horas, desço para verificar a Hope.

— Tudo bem, obrigada. — Sorrio, já descendo as escadas até a cozinha. — Nos vemos mais tarde.

— Sim, está com suas chaves?

— Estou — respondo, erguendo as chaves sobre os ombros.

— Feche tudo então...

Concordo com um aceno, o meu coração se acelerando a cada passo que dou até a saída. Piso no quintal e verifico se fechei a porta da cozinha, antes de correr até a entrada da pousada. Está uma noite quente, linda e estrelada; apesar de ser outono.

A primeira coisa que vejo é a pick-up de Sean, a segunda é River encostado sobre ela. Meu coração saltita mais um pouco, enquanto modero os poucos passos que nos separam. Seus olhos se desprendem do celular e se fixam em mim. Ele sorri, guardando o telefone no bolso do jeans escuro e vindo até mim. Corro até seus braços, porque esse é um daqueles momentos em que me sinto com dezessete anos outro vez.

— Você está atrasada — ele murmura em meu cabelo.

— Hope não queria me deixar vir — rio, quando ele segura o meu rosto e me beija brevemente.

— Verdade? — Suas sobrancelhas arqueiam em diversão.

— Sim, e eu posso ter prometido que você a levará para passear em outra ocasião.

— Tudo bem — ele sorri, me beijando mais uma vez e segurando a minha mão, para me guiar até a pick-up. — Será um prazer para mim.

— Sean lhe emprestou a sua pick-up? — Pergunto, enquanto ele abre a porta do passageiro para mim.

— Roubei as chaves, na verdade. — River conta, apertando a minha cintura e me colocando sentada, como se eu fosse uma criança.

— Roubou? — me divirto. — Em algum momento ele irá perceber.

— Esse carro é alugado, não pertence ao Sean realmente.

— Onde ele está afinal? — Sondo, enquanto River dá a volta e ocupa o seu assento. — Não o matou e escondeu o corpo no porta-malas, escondeu?

— Eu não — ele ri, ligando o carro. — Mas você seria a única pessoa por quem eu mataria.

Sei disso, esse é o problema... meu estômago torce, em um nó desagradável. Ainda que eu saiba que River quis apenas brincar comigo, não posso conter a preocupação que passa pelo meu rosto. Ele percebe.

— Estou brincando — River emenda, ainda com diversão em sua voz. — Não... na verdade, não estou.

— Pare com isso — bato levemente em seu braço, olhando para a paisagem lá fora. — Onde está me levando, River?

— Bem, pensei em levá-la ao cinema, mas o filme começa em dez minutos. Não temos mais tempo.

— Sinto muito pelo meu atraso, só não consegui deixar Hope antes que ela adormecesse.

— Ei, eu entendo — Ele sorri, apertando a minha mão e beijando levemente os nós dos meus dedos. — Eu provavelmente só iria beijá-la, não prestaria atenção alguma no filme.

— Obrigada pela sinceridade — digo, escondendo um sorriso bobo. — Achei que fôssemos conversar, não foi o que disse ontem?

— Vai me contar todos os seus segredos hoje? — Ele pergunta, apertando um pouco mais o volante.

— River... eu te pedi um tempo.

— E eu te dei esse tempo, Ella, mas se formos conversar; só tenho um assunto em mente.

— Eu ainda não posso — murmuro, torcendo as mãos sobre o colo.

— Foi o que imaginei... — ele sorri, encostando a testa à minha quando paramos em um cruzamento. — Então nos beijamos.

Não respondo, apenas o beijo suave e amorosamente, quase com medo de falar alguma coisa e descobrir que essa noite é somente um sonho.



Dezoito

Só quando o carro em que Mason está, some ao final da rua, me permito caminhar até a casa de River. Agora, enquanto caminho, vejo o seu carro na garagem e ouço o barulho alto da tevê, quando paro em frente à porta de madeira. Respiro e me esforço arduamente para afastar toda a tristeza que Mason trouxe aos meus olhos. É uma tarefa árdua, mas sei que River não merece me ver assim, especialmente hoje. Sei que isso iria chateá-lo muito e que todo o comportamento do seu irmão causaria uma briga feia entre eles. Eu não quero isso, de forma alguma poderia prejudicar tão deliberadamente o meu namorado; ainda que Mason mereça uma bela surra dele.

Preciso de um tempo para me sentir confiante e tranquila o bastante para tocar a campainha. River me atende segundos depois. A felicidade latente em seus olhos, ao me encontrar à porta, é suficiente para me fazer sorrir genuinamente.

— Ella — ele sussurra, me presenteando com um dos seus belos sorrisos.
— Não iríamos nos encontrar mais tarde?

— Sim, iríamos; mas quis surpreendê-lo. — Respondo, com um sorriso gigante em meu rosto também. — De qualquer forma, posso ir embora se quiser.

— Está brincando? — Ele ri, me puxando para dentro com um dos braços em minha cintura. — Eu estava realmente triste porque ainda faltavam algumas horas para nos encontrarmos.

— Estava? — Pergunto em seus lábios, enquanto ele me beija pausadamente.

— Muito, muito triste. Quase morri de tristeza, na verdade.

— Sim, eu imagino. — Afasto-me um pouco, para jogar a minha bolsa no chão do corredor e mostrar a River os cupcakes que trouxe comigo. — Olha o que comprei para você!

— Cupcakes de chocolate e avelã? — ele sonda, divertido.

— Sim, são os seus favoritos; não são? — Pergunto, receosa que tenha me confundido.

— Definitivamente são. — River sorri como um garoto, colocando as mãos nos bolsos do seu short de ginástica. — Você já comeu um?

Olho para o espaço na embalagem em minhas mãos e suspiro, em desânimo.

— Sim, eu comi — mordo os lábios ao mentir, espero que River não perceba a minha hesitação ao responder. — Desculpe-me por isso.

— Sem problemas — diz com carinho, segurando o meu rosto e me beijando mais uma vez. — Prefiro prová-los em seus lábios.

Sorrio feliz, deixando que ele me beije. Embora saiba que meu beijo não terá o sabor do seu cupcake favorito, tudo o que eu quero é beijá-lo. Eu o amo tanto, tanto. Peço a Deus todos os dias, que nada o separe de mim; eu morreria, certamente.

— Vamos subir. — River demanda, as suas mãos apertam a minha cintura de forma exigente.

— Claro — apresso-me em concordar, ao beijá-lo uma última vez.

Corro pelas escadas que levam até o seu quarto. River fica para trás, sendo o responsável por trazer a minha bolsa com ele. Abro a porta e caminho até a sua cama, sentando-me em sua beirada e tirando as minhas sapatilhas. Ainda seguro a embalagem com os bolinhos, e após engatinhar em seu colchão, eu os deixo sobre a pequena mesinha ao lado da cama.

River entra um tempo depois, largando a minha bolsa ao lado da porta fechada. Trocamos um sorriso quando ele gira a chave e a tranca. Essa não é a primeira vez que ele faz isso, mas não sei explicar porque dessa vez o meu coração se acelera tanto. Solto o meu cabelo enquanto ele vem até mim e senta-se ao meu lado, as costas de encontro à cabeceira almofadada, exatamente como estou. Não demora um único segundo para que ele me puxe até seu colo. Minhas coxas tocam a lateral dos seus quadris. Um braço ao redor do meu corpo. Uma mão emaranhada em meu cabelo; foi para isso que eu o soltei, porque adoro quando os seus dedos passeiam por eles e River usa o seu domínio

para me beijar com paixão.

— Eu te amo! — Recito baixinho, fechando os olhos quando as palavras soam entre nós.

Essa é a primeira vez, em sete meses de namoro, que lhe digo isso. Eu teria lhe dito no primeiro dia, no nosso primeiro beijo no corredor da escola, e em tantas ocasiões depois disso. Foram tantos momentos realmente perfeitos para uma declaração como essa. Mas esse é o momento escolhido por meu coração e sei que não poderia ser mais especial... é o aniversário de River, quero lhe dar isso de presente. Meu coração, minha alma e meu corpo.

— Eu também te amo, Ella — ele sussurra em meu ouvido, após beijar o meu pescoço. — Te amo tanto, tanto, tanto...

É como se meu coração explodisse no peito e voltasse a ser inteiro, segundos depois. Dessa vez maior e completo, preenchido com o amor de River. Seguro o seu queixo e trago a sua boca até a minha, beijando-o com extrema paixão. Essa loucura que me aflige é nova para mim. Como se eu precisasse devorá-lo ao invés de beijá-lo. É um sentimento intenso e assustador, mas que não pode mais ser ignorado. Sei disso porque venho tentando escondê-lo há semanas, mas ele se mantém queimando dentro de mim, cada vez mais intenso.

— Quero fazer amor com você, River — murmuro em seu pescoço, porque no fundo tenho vergonha do olhar em meu rosto.

River congela sob mim. A mão que subia sobre a minha coxa, estaciona bem ali. Sua boca em meu pescoço se afasta da minha pele, e eu lamento com um gemido que não posso conter. Ele não diz nada, enquanto me afasta sutilmente e me encara, ainda em total silêncio.

Retiro o cabelo em sua testa e sorrio de forma lenta.

— Sim, eu quero fazer amor com você, River — repito, porque é o que ele me pede através do seu olhar.

— Ella... — ele sussurra, quando me sinto mais do que corajosa e beijo o canto da sua boca.

— Sim, eu quero e não me diga que sou jovem demais para decidir isso.

Se existe alguma certeza em mim, algo que eu não duvido um segundo sequer; é do meu amor por você.

— Sei disso, mas mesmo assim; não precisamos dar esse passo ainda. — Ele refuta, me beijando com suavidade.

— Mas é o que eu quero, você não quer? — pergunto com preocupação. De repente, uma centelha de insegurança que não existia antes, se arrasta para dentro de mim.

— Deus... — ele geme, mordendo a minha boca. — Porra, é claro que quero. Mas você só tem dezesseis anos.

— Faço dezessete em quatro meses, mas o que isso realmente importa?

— Você é tão jovem, tenho medo que se arrependa.

— Nós somos jovens, River. — Sorrio, encarando seus olhos apaixonados e me enxergando neles. — E eu jamais me arrependeria de nada que fizesse com você. Absolutamente nada.

Ele me olha intensamente e quando a sua boca se abre, preparo-me para as suas próximas palavras. Contudo, seus lábios se colam aos meus ao invés disso. Perco o fôlego por um instante, mas retribuo o seu beijo; tão apaixonadamente quanto ele poderia ser.

Mal posso respirar quando River solta a minha boca e beija o meu pescoço. Inclino-me, oferecendo a minha pele para ser beijada e desejando que ele o faça para sempre. Suas mãos são mais sutis que seus lábios e viajam pelo meu corpo como uma pluma ao vento. É um contraste enlouquecedor. Beijos quentes, dedos suaves me levando cada vez mais ao limite.

Assim como cada instante que vivi ao seu lado, eu posso ter fantasiado sobre esse momento. Talvez um pouco mais, do que fiz com as outras coisas. E eu desejei que esse dia chegasse com todas as forças do meu coração. Mal posso acreditar que estou realmente vivendo-o. Mas ele é real e estou prestes a me tornar totalmente de River. Deixá-lo possuir cada pedaço do meu corpo, assim como já tem feito com a minha alma e o meu coração.

Coloco as minhas mãos em seus ombros e exijo a sua boca em mim mais uma vez. Suas mãos deslizam sob a minha camiseta folgada e vão em direção aos meus seios. Amo tanto isso, minha barriga se aquece e parece que irei

derreter ou entrar em combustão e não sei realmente qual das duas sensações irá me dominar no final.

Suas mãos se fecham em meus seios, gentis e vagarosas, enquanto sua boca me morde, me consome. Tiro a minha camiseta e exijo que River faça o mesmo com a dele. Ele ri entre beijos, jogando a sua camiseta para o lado, como eu fiz. Toco o seu peito nu e ele ofega, em apreciação ou sofrimento. É provável que seja uma mistura dos dois e eu sinto exatamente o mesmo.

— Você é linda — recita, ao deslizar a alça do meu sutiã e beijar o meu ombro no mesmo ponto onde seus dedos passeiam.

— Você também é lindo, River — sussurro em seu ouvido. — E eu te amo demais...

Ele sorri quando volto a encará-lo e escorrega a outra alça do meu sutiã, abrindo o seu fecho em seguida. Não me sinto à vontade em estar nua nem mesmo diante da minha mãe, mas com River é diferente. Quando o meu sutiã sai por completo e meus seios estão plenamente expostos, não me encolho ou tento cobri-los. Na verdade, eu me sinto orgulhosa e linda, porque o olhar de River me causa exatamente isso.

Sua boca toca um deles com suavidade, depois o outro. Então a sua língua quente desliza sobre os meus mamilos e não posso me conter em suspirar e fechar os olhos. Caramba, nunca imaginei que pudesse ser tão bom, mas é como ganhar uma passagem de ida até o céu. Minhas mãos apertam os seus ombros outra vez, olhos ainda fechados e a boca de River em meus seios por vários minutos; beijos, lambidas e leves mordidas e sim, estou em combustão.

Ele me deita de costas e abro os olhos quando as suas mãos despem a minha saia e calcinha também. Agora estou plenamente nua, e o amor da minha vida paira sobre mim. Impulsiono o meu pescoço e o beijo, enquanto os meus dedos deslizam por suas costas e os meus pés o ajudam a se livrar do seu short. Rio do quão boa eu consigo ser em fazer isso, mas eventualmente River também está nu. Interrompo o beijo e encaro seus belos olhos castanhos, enquanto sussurro:

— Estou tomando pílula, eu comecei há um mês.

— Sim? — Ele se surpreende, enterrando o rosto em meu pescoço e voltando rapidamente para beijar o meu queixo.

— Sim — eu afirmo. — Estamos protegidos, tudo bem?

— Nada no mundo jamais esteve melhor, Ella.

Sorrio, beijando o canto da sua boca, enquanto ele se aninha em minhas pernas e me penetra com cuidado. Eu sei que isso irá doer, mas não me importo. Quero tanto River, que o simples pensamento de não poder tê-lo agora dói ainda mais. Ele me beija ao deslizar para dentro de mim, sua língua fazendo o mesmo em minha boca e me distraindo da dor e do incômodo inevitáveis. Mordo os seus lábios quando o meu hímen é rompido, mas River não para e sinceramente, eu morreria se ele parasse. É o seu deslizar dentro de mim, rude e sem cuidado, que faz a dor ser prazerosa. Eu não posso mais pensar, mal posso respirar; mas acompanho o seu ritmo. Meu quadril de encontro ao seu, nosso beijo cada vez mais urgente e finalmente me incendeia por completo. Sussurro o seu nome várias vezes e River faz o mesmo com o meu, depois de morder o meu ombro. Acho que por fim nos tornamos cinza e mal posso esperar para me queimar outra vez.

— Você me faz feliz, Ella Mitchell — River sussurra em meus lábios, quando nossas respirações se acalmam.

— Você me faz mais feliz ainda, River Lewis — sussurro de volta com um sorriso que desejo que jamais me abandone. — Feliz aniversário!



River para em uma das vagas do supermercado de Beaufort, o mesmo em que Hope e eu gastamos algumas horas, duas vezes ao mês. Assim que ele desliga o carro, destravo o meu cinto e o analiso em silêncio. Se eu houvesse feito uma lista, esse seria o lugar menos provável para onde viríamos. Por esse motivo estou repleta de curiosidade e ela certamente se reflete em meus olhos e meu sorriso.

— Por que estamos aqui? — Pergunto sem me conter.

Seu olhar está fixo no supermercado logo à frente. Meus olhos seguem o

mesmo caminho por alguns segundos, antes de se fixarem em seu rosto outra vez.

— Eu me lembrei de algo realmente especial hoje — River me diz, sorrindo de forma serena.

— Do que exatamente?

— Do meu aniversário de dezoito anos.

— Sim? — Perco o fôlego quando a lembrança me invade de imediato. Eu não sei se é a mesma lembrança que River teve. Aconteceram algumas coisas àquele dia.

— Sim — afirma com um riso, finalmente me encarando.

— E por que isso nos trouxe até aqui?

— E onde isso deveria nos levar? — Pergunta, arqueando as sobrancelhas em diversão. — Até a minha cama de solteiro, no meu antigo quarto?

Mordo os lábios ao tentar não sorrir, enquanto sinto as minhas bochechas ficarem quentes. Eu havia me esquecido do quão boba e apaixonada sou ao seu lado, e do quanto adoro me sentir assim.

— Eu não sei — digo com calma, disfarçando o meu breve embaraço. — Na verdade, sequer pensei em seu antigo quarto.

— Claro que pensou; está escrito em seu rosto. — Me provoca, puxando-me para um beijo rápido.

— Por que estamos aqui, River? — demando, tentando fugir dos seus braços.

— Porque me lembrei daqueles cupcakes de chocolate e avelã que você me deu. Queria prová-los mais uma vez.

— *Hummm...* — suspiro. — Eu me lembro deles.

— Eles ainda são tão bons?

— Se eu dissesse que sim, estaria mentindo. Nunca mais os provei.

— Isso é uma vergonha — diz com uma risada melódica.

— Realmente!

— Eu comprei alguns cupcakes com o mesmo sabor, em todos os lugares por onde passei, mas eles nunca foram tão bons quanto aqueles.

— Que pena — recito, tocando o seu rosto.

— Talvez fosse porque você não estava lá para ser beijada também. — Diz ao me beijar, como se precisasse provar o fato.

— Isso é uma pena também — digo, sem conseguir ocultar a minha tristeza; ainda que um pequeno sorriso brinque em meus lábios.

— Sim, foi realmente lamentável ficar tanto tempo longe de você — River refuta, também triste. — E eu nunca entenderei porque isso precisava acontecer, ainda que você me dê a explicação mais plausível do mundo.

— River — eu o interrompo, tocando os seus lábios com os meus dedos e prendendo meus olhos aos seus. É um olhar que me machuca e ao mesmo tempo me conforta, porque é o mesmo olhar que encontro todos os dias no espelho.

— Tudo bem, não vamos falar sobre isso agora — sussurra, enquanto retiro lentamente os meus dedos da sua boca. — Vamos achar aqueles cupcakes.

— Vamos — concordo com um sorriso.

Um último beijo e saímos do carro ao mesmo tempo — como sempre fazíamos antes. A essa hora, o grande estacionamento tem apenas alguns carros espalhados em pontos aleatórios; isso nos permite correr de mãos dadas até a entrada do mercado. Faz tanto tempo que não sinto algo assim, tão avassalador. Um sentimento poderoso. Como uma grande onda prestes a me jogar em mar

aberto e me afogar, porque é isso o que irá acontecer no final. Não sou tola o suficiente para acreditar que River conhecerá os meus segredos e ainda assim ficará comigo, mas eu aprecio a ilusão que alimento nesse instante. Quando cruzamos a porta automática do mercado, arrasto River diretamente para a sessão de doces ao fundo. Mesmo que eu não tenha comprado nenhum cupcake ao longo desses anos, ainda sei exatamente onde eles estão. Meus dedos passeiam pelo metal da gondola onde os doces costumam ficar. Hope ama essa sessão, embora eu nunca a deixe se demorar demais aqui. Talvez eu faça diferente em nossa próxima compra e a deixe escolher mais do que algumas balas. River está ao meu lado, a sua mão em minha cintura, enquanto nossos olhos buscam o sabor de cupcake que ele tanto quer... *morango, baunilha, creme de manteiga e nozes, frutas vermelhas... creme de avelã e chocolate.*

— Só há uma bandeja — River lamenta, enquanto eu trago a bandeja até mim.

— Mas tem quatro cupcakes nela — replico, apontando para a embalagem em minhas mãos.

— Sim, mas eu queria pelo menos doze — ele sorri, tirando a embalagem da minha mão e me puxando para outro corredor.

— Acho que esse é o sabor favorito de muitas pessoas, além do seu.

— Eu te garanto que ninguém no mundo tem uma lembrança tão especial com esses cupcakes, eles deveriam escolher outro sabor, então.

— As coisas não funcionam assim. — Rio, enquanto River para no corredor dos salgadinhos, e escolhe uma variedade quase infinita deles.

Hope iria amar algo assim e ainda que eu não deva, não sou capaz de ignorar a culpa que sinto por estar sem ela. É engraçado que meu pai acredite que eu seja capaz de sair mundo afora e conhecer outras pessoas e lugares, quando não posso passar sequer algumas horas longe dela.

— O que foi? — River demanda, puxando levemente a minha mão e exigindo o meu olhar.

— Nada, não foi nada.

— Em que está pensando?

— Não é em que, mas em quem — eu o corrijo com um pequeno sorriso.

— Em quem, então? — Pergunta curioso, ou seria preocupado? Ciumento? Sim, eu notei uma ponta de ciúmes nessa frase. Acabo rindo, porque River ainda pensa que pode haver alguma concorrência para ele. E não, não há nada, além do passado que ele ainda desconhece.

— Em Hope — respondo com carinho. — Nunca a deixei em casa para sair, e me sinto um pouco culpada por isso agora.

Os olhos de River me analisam sem disfarce. Sei que há muito mais em minha confissão, além das palavras escolhidas por mim e se há alguém que realmente pode enxergar além; esse alguém é River. Tardamente percebo, que para o nosso próprio bem, eu não deveria ter sido tão sincera e aberta.

— Sua mãe já saiu sem ela? — Ele me surpreende com a pergunta.

— Sim, algumas vezes... — titubeio para responder.

Na maioria das vezes, é a verdade. Raramente minha mãe leva Hope para algum lugar, meu pai menos ainda. Eles viajaram o ano passado, por três semanas, e deixaram Hope aos meus cuidados. Não houve culpa, preocupação ou medo — tampouco saudades — eu garanto.

— Será que ela também se sente culpada por deixar Hope em casa quando necessário? — Ele sonda.

— Não, e por que deveria? — Solto uma risada nervosa.

— Sim, por que ela deveria? Quando sabe o quão bem você cuida de Hope.

— Sim, ela sabe — afirmo em um sussurro.

— Mas você não tem a mesma certeza — ele pontua sem desviar o olhar.
— Tem medo de deixar Hope com sua mãe?

É uma pergunta, claramente, mas soa como a mais certa das afirmações. Porque River sabe me ler e encontrar respostas em minhas entrelinhas, como se eu fosse a sua história favorita; aquela que ele sabe de cor. E eu tentando tão arduamente esconder os meus segredos... preciso me esforçar mais, se quiser saborear alguns momentos felizes ao seu lado. Porque tudo acabará quando a verdade vir à tona, eu sei que acabará. Eu sei.

— Eu não tenho medo, exatamente. — Respondo, depois de um tempo. — Hope e eu somos muito unidas, é isso. Mas sei que minha mãe cuidará bem dela.

— Entendo — é a sua réplica final. Assim eu espero.

Quando os seus olhos se desviam dos meus, me permito respirar de forma lenta.

— Quer mais alguma coisa? — River me oferece, examinando demoradamente uma embalagem de amendoins. De repente é como se ele não quisesse me olhar e meu estômago torce por isso.

Eu queria não ser tão estranha, mentirosa e doente. Queria ser capaz de dar a River tudo o que ele precisa, ser quem ele amou há cinco anos, mas é tudo tão complicado agora.

— Você se lembra das nossas balas de maçã-verde? — Pergunto quando a lembrança cruza a minha mente e sei que preciso fazer River relaxar mais uma vez. Porque há uma aura que paira sobre nós, densa e escura; causada por todas as mentiras que eu lhe contei e por todas as verdades que tenho escondido.

— Balas? — Ele murmura, virando-se lentamente para mim. Um meio-sorriso em sua boca bonita e o nó em meu estômago é substituído por borboletas agitadas.

— De maçãs-verdes — reforço mordendo um sorriso.

— Lembro vagamente.

— Vagamente... — repito, torcendo os lábios.

Ele ri e vem até mim, sinto aquela nuvem se dissipar parcialmente de nossas cabeças. Tiro a embalagem de cupcakes da sua mão e deslizo um dos braços em sua cintura. Com uma das mãos vagas agora, River toca a minha cintura e beija o canto da minha boca; suspiro.

— Eu me lembro, claro que me lembro — ele sussurra em minha boca. — Lembro-me de cada dia, minuto ou segundo que passei com você. Lembro da sua roupa favorita, ou do perfume que gostava de usar. De como sorria de formas diferentes, para diferentes pessoas ou coisas. De como mexia no cabelo quando estava chateada ou olhava para os seus pés quando sentia vergonha, você ainda faz isso.

— Faço — sussurro de volta.

— Eu nunca, nunca poderia esquecer alguma coisa relacionada a você e acredite; eu tentei arduamente, e por diversas vezes. — Ele confessa, beijando-me lentamente e por um momento eu me esqueço onde estamos e quem somos, principalmente que não pertencemos mais um ao outro. — Eu não posso te esquecer porque você é uma parte de mim. Uma grande parte. Uma vital e faz anos que não me sinto tão vivo como agora.

— Eu me sinto da mesma forma.

— Mas não podemos seguir enquanto você mantém essa barreira invisível entre nós.

— Não há barreira — balbucio sem força... *os meus segredos*, fiz deles uma barreira tão forte e agora não posso removê-los com tanta facilidade, não sem que eles caiam sobre mim, sobre nós.

— Claro que há e agora eu tenho medo que ela seja alta demais, forte demais para que eu possa derrubá-la.

— River — fecho os olhos por um instante e quando os abro, encaro a sua boca e não os seus olhos. — Eu irei derrubar essa barreira, te prometo. Só não hoje, não agora.

— Por que essa conversa precisa ser tão difícil?

— Porque ela irá nos machucar — admito, sendo mais sincera do que eu achei que poderia.

— Mais do que já nos machucamos?

— Sim.

— Eu não entendo — ele diz, colando a testa na minha. Sua voz é suave, sem raiva ou rudeza nela; meu coração se acalma.

— Lembra o que me disse ontem? Quando queria segurar a minha mão e eu tentei soltá-la.

— Só por um momento — recita sorrindo.

— Só por um momento, River — repito, sorrindo também. — Essa é a primeira vez, em cinco anos, que saio de casa para fazer algo que não seja uma obrigação e isso significa tanto para mim.

Quero fingir, só por um momento, que posso ser feliz realmente e que River e eu temos uma chance; ainda que eu duvide disso o tempo todo.

— Você está certa — ele assente, afastando a testa da minha. — Esqueci que esse seria o nosso encontro especial, mas é porque fico o tempo todo pensando em tudo o que você precisa me dizer. Fazendo mil suposições e morrendo de medo que isso te leve para longe mais uma vez.

— Tudo bem, eu te entendo. — Digo, tocando o seu rosto. A sua barba curta pinica os meus dedos, mas ainda assim eu gosto, porque tocá-lo é sempre tão bom. Tenho medo de acordar e descobrir que enlouqueci e River nunca voltou para Beaufort. Tocá-lo constantemente é a constatação de que ainda estou sã.

— Ficaremos bem? — pergunta, prestes a me beijar.

Deus, como eu posso saber?

— Sim — afirmo, aceitando o seu beijo e o retribuindo com todo amor

que tenho em mim.

River me abraça e a embalagem em minha mão se amassa. O barulho do plástico nos desperta, ou terá sido a tosse de alguém? Nós rimos, ainda com a boca um no outro. Então River segura a minha mão e me leva até o caixa. Pagamos nossas compras e caminhamos pelo estacionamento, ainda mais vazio, sem pressa alguma. Quando chegamos em sua pick-up, ele me coloca sentada sobre ela e abre a embalagem dos cupcakes que compramos. O cheiro de chocolate e avelã é familiar e bem-vindo. River morde um deles, roubando facilmente mais do que sua metade, com apenas uma mordida. Ele me oferece o que sobrou e entendo facilmente porque ele queria mais do que quatro bolinhos, eles são deliciosos. A massa fofinha derrete em minha boca, enquanto o glacê da cobertura cobre os meus lábios. Minha língua sai para limpá-los, mas River me beija antes disso. Posso provar o açúcar em seus lábios também e isso é tão bom. Ele me beija como se fossemos os donos do mundo e por um momento nos realmente somos.



Dezenove

Tento arduamente me concentrar em minha lição de casa. Em todos os cálculos detestáveis que preciso fazer para garantir uma boa nota; mas os gritos dos meus pais me distraem. Como se estudar a minha matéria menos favorita já não fosse distração suficiente. Fecho os olhos e suspiro, desejando internamente que tudo ao meu redor se transforme em um calmo silêncio. As vozes aumentam um pouco mais. Abro os olhos e deixo o meu lápis sobre o meu livro, enquanto me afasto da minha escrivaninha.

Ando ao redor do meu quarto, abrindo portas e gavetas, à procura dos meus fones de ouvido. Tragicamente eu nunca sei onde os coloquei. Em geral quando mais preciso, como agora.

Jogo as minhas almofadas pela cama e encontro os meus fones embaixo de uma delas. Sorrio feliz, porque agora posso ouvir música em meu computador enquanto estudo. Infinitamente melhor que os gritos do andar de baixo. Antes que possa conectar os fones, os gritos ficam cada vez mais próximos e a minha porta é aberta de forma rude e sem aviso algum. Assusto-me e solto os fones em minhas mãos, para poder tocar o meu peito, em um gesto de conforto.

Meu pai me encara zangado, mais zangado do que posso me lembrar em muito tempo. Acho que se fosse humanamente possível, ele estaria soltando fumaça pelos ouvidos e fogo pelo nariz. Ele parece prestes a explodir e as chamadas estão direcionadas a mim, claramente. Ao encarar minha mãe logo atrás, um pouco mais calma, mas também tensa; eu tento me lembrar de algum deslize meu e apenas um nome me vem à mente... River.

Ele sabe sobre o River, o olhar em seu rosto me faz ter certeza disso. Faz um ano que estamos juntos e eu demorei metade desse tempo para conter à minha mãe sobre ele. Isso por saber o quão mais flexível ela é, se comparada ao meu pai. Ela ficou feliz por nós e não encontrou problemas em nosso relacionamento, desde que eu mantivesse as minhas boas notas e me dedicasse à escola. É o que, aos seus olhos, realmente importa. Fiz isso, e em todo esse tempo, não dei um ínfimo motivo para o meu namoro com River ser um problema. Meu pai pensa diferente, ao que parece.

— Pai — balbucio sem fôlego, como se tivesse sido eu a subir as escadas gritando. — O que aconteceu?

— O que aconteceu? — Ele demanda entre dentes. — Você está namorando, Ella?

— Pai...

— Não, nada de pai — ele grita em minha direção. — Você está namorando?

— Sim...

Fecho os olhos, porque Deus sabe que eu não queria que essa conversa acontecesse dessa forma. Não queria que essa conversa acontecesse, na verdade. Imaginei que pudesse contar sobre River quando fizesse dezoito anos e nos fossemos embora; eu estava errada.

— Quem? — Ele exige, chegando mais perto. Abro os olhos e me afasto um pouco mais.

— Ri... River — gaguejo, engolindo em seco. — River Lewis.

— Eu não acredito. — Meu pai sibila.

— River é um bom rapaz — minha mãe interpela, entrando no quarto também. — Não é o fim do mundo, Kurt.

— Ella só tem dezesseis anos.

— Fiz dezessete há quatro dias — conto em um sussurro, ganhando dois pares de olhos vidrados em minha direção. Sim, vocês esqueceram, mais uma vez.

— Esqueci o seu aniversário? — Minha mãe indaga, com culpa evidente.

— Não tem problema, mãe — você esqueceu o ano passado também. E é quase certo que esqueça o próximo.

— Claro que tem problema, eu me sinto péssima agora. — Ela lamenta, vindo até mim e me abraçando.

— Sim, isso é horrível, mas não é realmente o que importa — meu pai diz, estalando os dedos. — Você mentiu para nós, Ella.

— Não menti para vocês... — apenas para você, pai. Duelo entre contar ou não essa parte. Ele ficaria absolutamente louco com a minha mãe.

— Como não mentiu? — ele refuta, ainda mais zangado.

— Eu sabia, Kurt — minha mãe diz, elucidando essa questão. — Ella me contou há alguns meses.

— Há alguns meses? — exaspera nada feliz.

Se ele apenas soubesse de toda a verdade. Que estamos juntos há tanto tempo e que fui muito boa em esconder de todos.

— Sim, há alguns meses — minha mãe reforça, quase petulante. — Ella manteve as suas notas, não há nenhuma reclamação na escola ou algo do tipo. Tudo se manteve como antes, é apenas um romance entre adolescentes.

Não é mesmo... suspiro sem me conter, mas mordo a língua para não a contradizer. Talvez deixar que meu pai pense que isso não passa de um namoro bobo, seja melhor.

— Eu não gosto disso — meu pai a corta. — Não gosto dessa porção de mentiras, de imaginar tudo o que tem feito em nossas costas.

— Eu não fiz nada, pai — é a minha vez de interromper. — Sou uma boa garota, sempre fui. River também é uma boa pessoa, ele tem as melhores notas da sua turma e posso afirmar que poderá escolher qualquer faculdade. Mas ele quer ser piloto e não duvido que seja o melhor que já existiu. Ele nunca me levou para o mal caminho, ou algo assim.

— Não tenho tanta certeza disso — ele resmunga.

— Você está sendo injusto, pai.

— Não se ache no direito de ditar o que sou ou deixo de ser, Ella. — Replica em minha cara. — Eu te proíbo de ver esse garoto, não mais, não até

que esteja na faculdade.

— Mas por quê? — Eu choro, incrédula.

— Porque eu não quero. — É a sua resposta arrogante.

— Simples assim? — Debocho, já com o rosto molhado das minhas lágrimas.

— Simples assim, sou seu pai.

— Meu pai, não o meu dono.

— Não interessa, me obedeça. Eu saberei se você não o fizer — demanda, batendo a porta quando sai.

Olho para a porta fechada e choro, desolada.

— Droga, droga, droga — murmuro para mim mesma.

— Tudo ficará bem, Ella — minha mãe afirma, apertando os meus ombros. — Irei conversar com ele, dê apenas um tempo.

Nem por um decreto do presidente, eu me afastaria de River. Meu pai está enganado ao pensar que basta apenas me dizer o que fazer e isso será feito na mesma hora. Porque embora eu tenha sido a filha mais obediente de Beaufort, essa será a primeira vez que farei exatamente o contrário do que ele me disse e corri para os braços de River.



— Quem você acha que é o assassino? — River me pergunta, com os olhos fixos na tevê.

Depois de nos beijarmos por muito tempo no estacionamento do supermercado, ele me trouxe até a sua casa — a casa do seu pai. Nos esparramos

no sofá e terminamos de comer os cupcakes que restaram, além das nossas balas de maçã-verde e a infinidade de besteiras que ele quis comprar. Sei que não posso comer mais nada sem entrar em coma aqui mesmo, nesse sofá.

— Não estou prestando atenção, desculpe — rio, jogando a minha cabeça no encosto do sofá e alongando o meu corpo.

— Eu deveria ter imaginado que tudo o que está pensando, é em me beijar — ele me diz com um lindo sorriso, o que me faz mesmo querer beijá-lo.

— Provavelmente — digo, fechando os olhos. — Mas pare de ler a minha mente, por favor.

Ele ri ao meu lado. Ainda mantenho os olhos fechados. Não imagino que horas sejam, mas sei que vai além do horário que costumo dormir e embora eu acorde na maioria das noites; me sinto sonolenta agora.

— Quer ir para a casa? — River pergunta, me puxando para o seu peito. Aconchego-me a ele como uma boneca de pano.

— Não — respondo, beijando a sua garganta. — Ainda não.

Abro os olhos e encontro o seu sorriso. Eu me sinto incapaz de me afastar dele nesse instante e isso me assusta, porque quando River tiver ido embora pela segunda vez, me deixará ainda mais despedaçada que a primeira. Mas sou como uma criança imprudente agora, correndo de encontro ao perigo e sem me preocupar com as consequências que virão.

— Você sempre se perde em pensamentos — me diz, enquanto desliza os dedos pelas pequenas sardas em meu nariz.

— Sim, eu tenho um montão deles — sorrio, porque ele parece não fazer ideia de que todos os meus pensamentos giram ao seu redor.

— Eu sei... queria ser capaz de lê-los, então saberia o que te preocupa tão arduamente.

— Não estou preocupada agora — confesso, porque é a mais certa das verdades.

— Talvez não agora. Mas então, todas as outras vezes, tudo o que vejo em seus olhos são preocupações.

Exalo lentamente, aconchegando ainda mais o meu rosto ao seu peito, ansiosa para ouvir cada uma das batidas do seu coração. Elas são rápidas e rítmicas e se assemelham tanto às minhas. Sempre imaginei que todas as vezes em ficássemos juntos dessa forma, os nossos corações se tornariam um. Eu tinha apenas dezessete anos e parece um pensamento quase bobo agora que cresci, mas ainda imagino a mesma coisa.

— Você nunca se preocupa com nada? — Pergunto, ao invés de replicar suas palavras anteriores. — Porque tenho a sensação que crescer se resume a alimentar um monte de preocupações.

— Eu me preocupo, é claro. — Diz com uma risada, me colocando sentada em seu colo agora e colando a testa à minha. — Preocupo-me com você, basicamente.

— Comigo? — surpreendo-me, rindo em seus lábios.

— Sim, com você, Ella Mitchell — reforça, apertando a minha cintura e me beijando por um segundo. — Preocupo-me se você ainda me ama, se você ainda me quer...

— Isso ainda não é tão claro?

— Não, não é — sussurra.

Remexo-me em seu colo, as suas mãos em meus quadris agora, fortes e possessivas. Seu toque me queima e me acalma. Coloco o meu rosto em seu pescoço e beijo vagarosamente toda a sua extensão de pele, indo até o seu queixo e parando em sua boca. River fecha os olhos e geme em apreciação, amo esse som e o beijo mais uma vez apenas para ouvi-lo novamente.

— Sim, eu amo — sussurro de volta. — E sim, eu te quero.

Nada no mundo poderia mudar isso. Mil anos não tornariam o meu amor menor, ou mais fraco. Na verdade, a distância só o fortaleceu e fez fértil o solo

onde eu o plantei há alguns anos.

— Quanto?

— Muito, com todas as minhas forças. — Confesso, ainda em um sussurro.

Não sei realmente se posso dizer em voz alta, quando parece tão difícil respirar, mas preciso que River saiba disso. Saiba que eu o amo com todas as forças e que eu o quero com cada pedacinho de mim. Não sei como ele pode me dizer que essa verdade não é tão clara aos seus olhos, porque eu nunca deixei de enxergá-la, mesmo quando me esforcei para escondê-la.

River respira em meu rosto e agarra o meu cabelo, trazendo a minha boca até a sua. O beijo que ele me dá é diferente de todos os outros. Embora tenhamos nos beijado feito doidos em meu quarto ontem, esse beijo é diferente. Eu sinto isso em todo o meu corpo. A sua boca desliza pela minha, levando todo o meu fôlego com ela. Sua língua me invade, encontrando a minha sem cuidado, sem juízo e me arrastando para um lugar onde só nós dois existimos.

— Posso te tocar? — pergunta em meus lábios.

— Você já está tocando — respondo, cobrindo a sua mão em quadril.

— Não, eu não estou — ele ofega, apertando um pouco mais as suas mãos em minha carne. — Não da forma como eu quero te tocar, Ella. Não da forma como sonhei por cinco anos.

Fecho os olhos enquanto ele me diz isso. Todo o temor ou aversão que tenho em ser tocada por outro alguém, não existe com River. Não existiu antes e como eu temi por um dia; não existe agora. A constatação me deixa mais leve. Sinto-me tão convicta de tudo o que temos feito, cada beijo, cada toque. O meu único medo é de que ele vá embora, mas isso está além do meu alcance e quero aproveitar tudo o que me oferece agora.

— Eu quero você — sua voz é densa e rouca, nublada com a mesma paixão que começa a se arrastar por mim. — Sempre.

Ele me beija de novo, apertando o meu corpo de encontro ao seu. Não consigo falar, enquanto ele sussurra em meus lábios de forma tão apaixonada.

— Por favor, Ella.

— Sim, me toque, River — digo baixinho, quando encontro novamente a minha voz. — Como quiser e onde quiser...

Quero ser tocada por ele, muito. De forma alguma eu quero que pare de arrastar a sua mão pela minha coxa, empurrando o tecido do meu vestido em seu caminho e chegando até a minha calcinha. Ele respira, enquanto as pontas dos seus dedos deslizam sobre o tecido. Surpreendo-me com a excitação que isso me causa, mas a aprecio da mesma forma. É um sentimento quase esquecido por mim, por isso tão avassalador.

— Eu quero te ver — pede em um sussurro.

— Você queria me tocar — digo em uma risada apaixonada. Deus sabe que nunca imaginei provar esse sentimento outra vez.

— Eu quero te ver, te tocar, te beijar, te morder... — enumera, prendendo a respiração por um instante. Faço o mesmo com a minha. — Se você apenas soubesse tudo o que eu desejo, talvez se assustasse.

— Você não conhece os meus pensamentos, lembra? — murmuro, quase com tristeza. Aquele sentimento que se arrasta por mim, mas que eu repilo no mesmo instante. — Talvez fosse eu a te assustar, River.

— Nunca — ele sorri, mordendo o meu queixo e o pescoço em seguida. — Tire o seu vestido, eu não te vejo sem ele há muito tempo.

O frio em minha barriga cresce, mas o calor em meu corpo é quase insuportável. Meu coração retumba em meu peito como se ele não pudesse bater mais rápido, mas precisasse tentar mesmo assim. Beijo levemente os lábios de River e me afasto com a mesma lentidão.

Fico em frente ao seu corpo sobre o sofá e desato a jaqueta em minha cintura. Rio, porque eu consegui me esquecer que ela estava ali. Jogo a jaqueta no chão e olho para os meus pés enquanto chuto as minhas sapatilhas para um canto qualquer. Sinto os olhos de River o tempo todo em mim, e volto a encará-lo quando seguro a barra do meu vestido e o puxo por todo caminho em meu corpo. Eu não sinto vergonha, medo ou hesitação. No lugar de todos esses

receios tolos, está a única certeza de toda a minha vida; eu pertenço a River e ele a mim.

O último pedaço de tecido passa pelo meu rosto e volto a me fixar nos olhos de River. Sorrio, jogando o vestido sobre a jaqueta, já no chão.

— Você é linda — diz, em um gemido sussurrado. — E eu quero te olhar para sempre!

Sorrio, tão feliz que mal me reconheço. Se tudo dependesse apenas de mim, sei que jamais abriria mão de toda essa felicidade, de todo esse amor que reconheço em seus olhos.

Viro o meu corpo lentamente, afastando o cabelo de minhas costas quando o faço. Não sei dizer o quanto mudei em cinco anos, principalmente porque me olhar no espelho não foi a minha maior preocupação nesse tempo. Mas eu anseio ainda estar bonita e desejável para River. A ingestão de ar que ele dá, faz com que eu acredite que sim, ainda sou desejável e o olhar em seu rosto quando termino a minha volta; me faz ter a absoluta certeza.

— Linda... — ele recita novamente, colocando os cotovelos sobre as coxas e me brindando com o sorriso mais sedutor que já vi em seus lábios. — Venha aqui.

Corto a distância que nos separa com rapidez e me encaixo entre as suas pernas. River aperta a minha cintura e beija o meu umbigo, e essa é a minha vez de ofegar. Ficamos em silêncio por um tempo, como se ele pensasse profundamente enquanto isso. Talvez ele esteja pensando sobre a última vez em que estivemos assim, tão íntimos, tão perto. Meu coração se aperta quando penso em quanto tempo isso faz, em quantas lágrimas derramei em sua ausência. Eu chorei um rio por ele, mas choraria novamente se soubesse que ao final, River estaria em meus braços; como agora. Mesmo que seja só essa noite, ainda valeria a pena.

— O que foi? — sussurro, quando as suas mãos sobem por minhas costas, em direção ao fecho do meu sutiã.

— Estou só absorvendo esse momento — murmura, soltando o meu sutiã, mas sem descartá-lo e beijando o vale entre os meus seios, ainda sobre o tecido de algodão. — Quase não acredito que ele é mesmo real.

— Talvez seja um sonho. Você sempre foi o único a me fazer sonhar acordada.

— Sim? — refuta, espalhando beijos molhados sobre o meu colo e usando a língua para afastar o tecido sobre o meu mamilo. Isso é tão erótico. Esqueço como se respira, por um instante.

— Sim, definitivamente — consigo responder, colocando um dos joelhos ao lado da sua coxa. — E o único que me leva até o céu, sem tirar os meus pés do chão.

— Tenho muito talentos, então... — ele sorri.

— Você nem imagina — digo, sem fôlego.

Coloco o outro joelho sobre o sofá e sento-me novamente em seu colo. Agora apenas com a minha calcinha rosa-claro, de algodão simples e o meu sutiã pendendo em meu corpo. River ainda está completamente vestido, mesmo assim, não me sinto desconfortável estando quase nua em seu colo. Suas mãos sobem pelo meu braço, espalhando fagulhas enquanto deslizam pela minha pele. Chegam aos meus ombros em sincronia, deslizam as alças do meu sutiã da mesma forma e ele caí pela minha barriga. O agarro rapidamente, jogando-o para o lado no sofá. Inclino-me e beijo River. Meus mamilos roçam o tecido de sua camiseta e eu me aperto de encontro ao seu peito, ansiando por mais. Mais calor, mais amor.

Minhas mãos são sutis em contraste com as suas, mas deslizam com o mesmo desejo em direção ao seu peito sob a camiseta. Tocar River dessa forma e depois de tanto tempo, parece mesmo um sonho. Um do qual não quero ser acordada jamais.

Beijo a sua garganta, tirando a sua camiseta enquanto isso. Meus seios tocam o seu peito, agora nu, e eu não imagino que possa existir uma sensação mais incrível que essa. Pele contra pele. É como se nossas almas estivessem se tocando e não somente os nossos corpos. Metaforicamente, é o que está acontecendo aqui. É assim como me sinto.

River volta a segurar os meus cabelos e me consome com seus beijos. Durante algum tempo o único barulho na sala, é o do encontro faminto de nossas bocas. Sinto-me cada vez mais consumida pela paixão dos nossos toques descuidados e beijos passivos. E eu não me importo com isso, ainda que seja o sentimento mais arrasador que já provei até hoje.

A mão de River caminha pela minha barriga, em direção a minha calcinha. Seus dedos dançando no elástico dela, antes de deslizarem para dentro. Ofego em sua boca, apenas um contato suave já me fez ver mil estrelas. Ele me toca de forma gentil, ainda que seus beijos sejam mais ousados. Me familiarizo com o deslizar dos seus dedos entre as minhas pernas e quando um deles me penetra, não sinto a estranheza que imaginei. Meu corpo não se tensiona ou paralisa ao ser tocado tão intimamente. A realidade é que a sensação é mais esplendorosa do que poderia me lembrar e eu quero mais.

Agarro os seus ombros quando ele adiciona mais um dedo e me toca com a maestria que não faz questão de disfarçar. Se meus olhos não estivessem fechados, eles girariam em suas órbitas com o crescente prazer que domina todas as minhas emoções. River empurra seus dedos em mim sem cuidado agora, entrando e saindo, enquanto me remexo em seu colo. A cada deslizar mais perto de explodir em milhões de pedacinhos brilhantes.

Chupo a sua língua entre a minha, quando me sinto na borda, muito perto de conseguir a liberação que meu corpo tanto anseia. Isso acontece segundos depois. Gemo em sua boca, meu corpo mole da melhor maneira que poderia ficar. Interrompo o nosso longo beijo em busca de ar. Minha cabeça descansa em seu pescoço até que possa respirar com mais calma e isso leva um tempo. Levanto a cabeça e quando nossos olhos se encontram depois disso, e me sinto impactada com o amor que enxergo ali.

— Isso foi bom? — pergunta, com um sorriso que não consegue esconder a sua própria satisfação.

— Foi incrível! — recito, beijando-o levemente.

O sorriso confiante permanece, enquanto ele se afasta com cuidado e me deita de costas no sofá. Não desvio o olhar, enquanto ele se livra do seu sapato e do restante de suas roupas. Sinto-me hipnotizada por cada movimento e sei que não poderia fechar os olhos mesmo se quisesse fazê-lo e eu não quero. Porque River é definitivamente uma das coisas mais lindas que tive o privilégio de ver.

— Você ainda está tomando pílula? — ele me sonda, pairando sobre mim e passando as pontas dos dedos entre o vale dos meus seios, barriga e parando no elástico da minha calcinha.

— Sim... — consigo dizer entre tremores, ao mesmo tempo em que ele tira a minha calcinha. O arrepio não é causado pelo deslizar do tecido em minha

pele, mas pelo olhar de River em mim. Tenho a sensação de que estou me liquefazendo diante dos seus olhos.

— Ok. — Ele acena, ainda pairando sobre mim. — Mas eu usarei um preservativo, se você quiser.

— Não. — Nego baixinho, balançando levemente a cabeça.

Talvez eu esteja sendo imprudente, insensata, mas é o que o amor é na maior parte do tempo. E eu me sinto ligada a River de maneiras que não são normais. De formas que não seriam facilmente compreendidas por outras pessoas.

— Quero que isso seja como antes — recito quando ele deita sobre mim. — Ainda que tanta coisa esteja diferente agora.

— Sabe o que está diferente? — River pergunta, se aninhando entre as minhas pernas e colocando o peso do seu corpo em um dos cotovelos para me olhar.

— O quê?

— Você está muito mais linda! — exclama, roçando os seus lábios contra os meus. — Várias vezes durante a noite, eu me perguntei se havia morrido e estava no paraíso.

— Obrigada — agradeço ofegante, enquanto uma das suas mãos viaja pela lateral do meu corpo até a minha cintura.

— E o meu amor por você está imensamente maior. — Ele continua, a paixão fluindo em sua voz. — Juro, parece que ele vai rasgar o meu peito a qualquer momento.

Fecho os olhos porque me sinto da mesma forma, tenho a sensação de que não há um único espaço em meu coração que não esteja preenchido com o amor que sinto por River. E quando ele desliza em mim, com um impulso único e rápido, a sensação de plenitude é quase maior do que posso suportar. Paramos para respirar por um momento. Uma lufada de ar mais do que necessária.

Abro os olhos e encontro o meu mundo no olhar que River me devolve e

eu nunca me senti tão amada como agora. Nem mesmo antes, quando fazíamos amor em seu quarto durante nossas tardes apaixonadas. Estávamos descobrindo o amor naquela época, e mesmo que acreditássemos que o que sentíamos era gigante, River está certo; o que sentimos agora é muito maior. Indescritível, imensurável e infinito. E sei que um amor assim pode nos destruir ou nos tornar invencíveis, só não faço ideia de qual será o nosso destino.

— Tudo bem? — sonda-me com a testa junto a minha. Nenhum dos dois se mexe e respiramos como se fôssemos um só e realmente somos.

— Sim — afirmo em um fio de voz.

Apesar de sentir uma pequena dor — como o dia em que perdi a minha virgindade com ele —, jamais permitiria que isso estragasse esse momento. Eu preciso desesperadamente de River, *tanto, tanto, tanto...* coloco uma das pernas ao redor da sua cintura e impulsiono o meu quadril de encontro ao seu. Isso faz com que eu o sinta de forma mais profunda e um gemido alto me escapa. Nossos olhos se prendem em silêncio antes de nossas bocas se buscarem, e enquanto nos beijamos lentamente e de uma forma que transborda paixão, nossos corpos fazem o mesmo. O ritmo do nosso beijo parece ditar todo o resto. A princípio suave, lento, apaixonado. Mas há um desejo crescente que nos envolve e ele não pode ser ignorado. Nossos beijos se tornam ferozes e famintos, assim como as estocadas de River.

O encontro da nossa carne, e a lasciva de nossos beijos se transformam em uma melodia urgente que preenche cada canto dessa sala. Roubamos o gemido um do outro, enquanto nossas línguas se acariciam e nossos corpos se chocam dominados pelo prazer. Seus dedos cravam em minha coxa, aquela que contorna a sua cintura. Minha mão agarra o estofado do sofá, em busca de um apoio que não fará nada para me manter estável, porque agora estou flutuando. Suspiro o seu nome quando nossas bocas se afastam e um caleidoscópio de prazer explode diante dos meus olhos.

O rosto de River se esconde em meu pescoço e seu corpo tensiona, enquanto ele geme. A sua respiração aquecendo a minha pele que já parece estar em chamas. Mas me sinto iluminada, completa e feliz como jamais imaginei estar. Somos estrelas em pleno brilho, em um céu que pertence apenas a nós dois.

Leva tempo até que nossas respirações se acalmem, até que nossos corpos desçam do céu e toquem outra vez o chão. A mão de River ainda aperta a minha coxa, o seu corpo pesando sobre o meu, tão entregue e passivo, me

colando ao sofá. Prendendo-me a ele como se não quisesse nunca mais me soltar e eu também não quero ser solta.

— Você me faz feliz, River Lewis — sussurro, desenhando sobre as gotas de suor em suas costas.

— Você me faz ainda mais feliz, Ella Mitchell. — Ele sussurra de volta, beijando o meu pescoço.



Houve um tempo em que eu realmente lamentava que meu pai fosse tão ocupado. Que a sua profissão viesse em primeiro lugar sempre, antes da nossa família ou qualquer outra coisa. Que ele precisasse viajar em ocasiões especiais e nunca estivesse presente em minha vida. Eu não sabia então, que haveria um momento no futuro em que eu agradeceria aos seus céus por isso. Esse momento é agora, enquanto corro pelas escadas de casa e roubo as chaves do carro da minha mãe. São quase dez horas de uma noite de quinta e meu pai viajou para a Virginia essa tarde. Graças a todas as minhas orações, ele ficará lá por duas semanas ao menos, talvez mais, se eu tiver alguma sorte. E espero ter.

Ouvi a conversa que eles tiveram pela manhã e sei que meu pai proibiu terminantemente minha mãe de me emprestar o seu carro. O que para mim não é empecilho algum, desde que ela bebeu quase uma garrafa de vinho no jantar e dormiu antes das nove. Talvez roubar as suas chaves e me aproveitar do seu sono para sair de casa, me torne uma filha ruim; mas Deus sabe que não posso me importar agora.

Faz três dias que não vejo River e nem antes de namorarmos, me recordo de ter passado tanto tempo sem encontra-lo. Ele está doente, com uma terrível gripe que o colocou na cama e o obrigou a faltar às aulas. Não imaginei que pudesse sentir tamanha saudade, mas estou à beira da loucura... por isso estou agindo feito doida.

Fecho a porta de casa e tiro o carro da garagem, como se eu fosse uma profissional da fuga. Silêncio e lentidão são realmente primordiais nesse instante, por isso me obrigo a não correr. A rua está calma e deserta, os vizinhos estão presos à suas próprias bolhas e sou muito grata por isso. Quando o carro cruza a esquina, respiro aliviada e aumento a velocidade. Minha casa é relativamente perto da casa de River, mas garanto que nunca fiz esse percurso com tanta rapidez.

Saio do carro com a sacola de coisas que comprei para ele e corro para a porta de entrada. Mais uma vez eu não avisei que viria e sei como isso parece rude nesse caso, quando o seu pai está em casa. Mas se não puder vê-lo hoje, ficarei doente também.

Bato à porta e espero com ansiedade, não conseguindo decidir se prefiro que Mason, ou o seu pai a abra. Alguns segundos se passam, mas pelo meu nervosismo cada vez mais crescente, poderia jurar que já faz vários minutos que bati.

Olho para os meus pés e a porta se abre. É Tom, o pai de River, quem está diante de mim. Foi uma escolha sensata do destino, eu não poderia lidar com as gracinhas de Mason esta noite.

— Hummm, boa-noite, senhor Lewis... — mordo os lábios, enquanto ele me encara, curioso. — Sei que está tarde e me desculpe por aparecer assim, sem aviso, mas posso ver o River?

— Boa-noite, Ella — ele sorri, fazendo com que eu me lembre do sorriso de River. — Não precisa se desculpar, entre, por favor.

— Eu não pude vir mais cedo — justifico-me, enquanto passo por ele. — Mas ainda queria ver o River. Como ele está?

— Bem melhor hoje e garanto que irá adorar vê-la.

— Obrigada — aceno, sorrindo também, um pouco mais aliviada.

— Sabe o caminho? — Ele pergunta, meneando em direção as escadas.

Minhas bochechas queimam e olho para a sacola em minhas mãos, enquanto penso que poderia chegar até o quarto de River com os olhos vendados. Então, sim... eu sei muito bem o caminho.

— Sim, eu sei — assinto sem olhar em seus olhos, um tanto envergonhada. — Obrigada mais uma vez, eu não irei demorar.

— Besteira, fique o tempo que precisar.

— Obrigada — começo a subir as escadas, cheia de ansiedade.

— Seus pais sabem que está aqui, não sabem? — Ele me pergunta quando estou na metade do caminho.

Paro e respiro, mas respondo ainda de costas. Eu não seria capaz de mentir olhando para ele.

— Sim, eles sabem, senhor Lewis.

— Ótimo — ele me diz, aparentemente voltando para a sala de estar.

Corro através dos degraus que faltam e pelo corredor até o quarto de River. Entro sem bater, porque pensar demais não é uma das opções no momento. Estou com medo que o senhor Lewis fale com os meus pais, mais propriamente com o meu pai. Ele ficaria louco. Encosto-me na porta fechada e olho para o quarto escuro, há somente uma pequena luz vinda do armário de River. A sua cama está desfeita, o seu celular jogado em cima dela; alguns remédios sobre a sua mesa de cabeceira. Ele não está aqui.

Caminho até a cama e me sento, a sacola que trouxe comigo fica à frente do meu corpo. Espero em silêncio, meu coração batendo freneticamente enquanto penso nas consequências que os meus atos podem ter e me surpreendo por não me importar tanto assim com eles.

River abre a porta três ou quatro minutos depois. Ele usa uma calça de pijama cinza, uma camiseta da mesma cor; um pouco mais clara. Pés descalços, enquanto ele enxuga o seu cabelo de forma relaxada. Ah, como eu o amo... acho que estou ainda mais apaixonada. Suspiro pesadamente e ele me nota, por fim. Parece não acreditar que estou realmente aqui, por isso não lhe dou chances para pensar e salto em seus braços.

— Ella — ele sussurra em meu cabelo. A sua voz ainda está rouca e soa diferente, mas adoro mesmo assim.

— Oi! — É tudo o que posso exclamar, antes de beijá-lo.

Estou sedenta por sua boca. Meus braços cruzam o seu pescoço e fico na ponta dos pés, para abraçá-lo além das minhas forças. Nossas bocas se chocam em um beijo apaixonado e saudoso, como se o tempo em que ficamos separados fosse maior do que ele realmente foi. Meus dedos deslizam por seu cabelo, ao mesmo tempo em que sua língua encontra a minha; suspiro feliz.

— Não sabia que você viria — River me diz, se afastando da minha boca apenas para proferir as palavras.

— Ficaria louca se não viesse — confesso entre beijos.

— Seus pais te deixaram vir? — Ele quer saber, mordendo a minha boca.

— Não — sorrio sem nenhuma culpa.

— Você fugiu para me ver?

— Meu pai viajou e minha mãe está dormindo — recito. — Não foi uma fuga na teoria.

— Acho que foi — ri, me empurrando até a cama.

— Quem se importa? — Replico, tocando o seu rosto. — Eu fugiria por você.

— Eu fugiria por você também, Ella... — me beija de forma dura, o seu corpo me apertando ainda mais ao colchão.

— Vamos fugir juntos, então — suspiro, quando a sua mão começa a subir pela lateral do meu corpo, sob a minha camiseta. — Você ainda quer ir embora de Beaufort?

— Sim, quer vir comigo?

Nossas respirações quentes se confundem, quando a sua testa descansa de encontro à minha. Entrelaço meus dedos em sua nuca e me perco em seu olhar.

— Claro que quero, acha que posso viver sem você?

— Às vezes eu tenho medo que possa — ele sorri, enquanto nos olhamos. — E Deus sabe que não quero que viva sem mim.

— Eu morreria sem você, River — profiro em um sussurro baixo.

— Também morreria sem você — ele devolve, arrastando a língua sobre o meu lábio inferior e roubando todo o restante do meu fôlego. — Seria uma morte lenta e muito dolorosa.

— Não fale assim — o censuro, cobrindo os seus lábios com os meus. — Ninguém precisa morrer ou sofrer... ficaremos juntos para sempre, e eu irei com você para onde quiser me levar.

— Sempre?

— Sempre!

— Que bom — ele sorri lentamente, pairando sobre mim enquanto eu desejo congelar esse momento. — Não preciso sequestrá-la então?

— Não, não precisa — balanço a cabeça ao rir. — Você me prendeu por completo, serei sua cativa livremente.

— Eu só quero prendê-la em meus braços.

— É o único lugar aonde quero ser presa.

— Talvez em minha cama também — ele ri em meu pescoço, me roubando um riso feliz.

— Ok, em sua cama e em seus braços — recito ao abraçá-lo com força.



— Estamos na casa do River de novo? — Hope me pergunta, enquanto estaciono o carro no meio-fio.

— Sim — sorrio, buscando o seu olhar pelo retrovisor. — Preciso terminar de limpar, lembra que te falei sobre isso?

— Sim, eu lembro — ela devolve o meu sorriso, já soltando o seu cinto de segurança. — Eu gosto do River, será que posso assistir tevê mais uma vez?

— Acho que sim — balbucio, soltando o meu próprio cinto e saindo do carro.

Mesmo dois dias depois, Hope ainda está fascinada pela antiga tevê do pai de River. Imagino que seu encanto por ela tenha sido tamanho, que isso fez

com que esquecesse que nos flagrou aos beijos. Graças a Deus por isso. A minha relação com River ainda não possui um rótulo tão simples para que uma criança possa entendê-la.

Contorno o carro e abro a porta para Hope. Ela salta feliz e corre até varanda, me deixando para trás. Sigo os seus passos, não me preocupando em censurá-la por sua corrida — não estamos no escritório do meu pai. Suspiro aliviada quando o pensamento passa por minha mente.

Hope me espera, tentando se debruçar sobre o alpendre da varanda. Passo por ela e a puxo pela mão, rindo brevemente da sua tentativa de travessura. Paro em frente à porta de River e respiro longamente. Não compreendo totalmente a necessidade disso, mas a ansiedade em vê-lo mais uma vez, causa um descompasso em meu coração. Bato à porta e espero ansiosa. Hope saltita ao meu lado, tão ansiosa quanto, mas por motivos diferentes. Poucos minutos se passam e bato novamente. Sean é quem a abre dessa vez, e embora eu tente arduamente, não consigo esconder a minha decepção em ser recepcionada por ele e não por River.

— Oi, Sean! — Hope exclama, repleta de entusiasmo. Ao menos uma de nós está feliz em encontrá-lo.

— Oi, Hope. — Sean replica, sorrindo para ela e me olhando em seguida.
— Como vai, Ella?

— Bem — sorrio, vacilante. — E você?

— Bem... — ele acena, ainda sorrindo amplamente.

— River está? — Pergunto, tentando olhar sobre os seus ombros e enxergar o interior da casa.

— Está no quintal. — Responde, nos dando espaço para passar. — Posso chamá-lo, se quiser.

— Ele está ocupado? — Sondo, andando com Hope pelo corredor até a sala de estar.

— Está falando ao telefone, eu acho.

Com quem? É o que quero perguntar, mas mordo a minha língua antes

que eu o faça. Não preciso demonstrar toda a minha insegurança para Sean. Hope solta a minha mão e corre até a tevê, sua nova melhor amiga.

— Posso assistir tevê, Sean? — ela lhe pergunta, repleta de expectativas.

— Sinceramente? — ele ri, apoiando-se ao arco que separa o corredor de entrada, da sala de estar. — Nem mesmo sei se essa tevê funciona.

— Funciona sim — Hope responde, acenando de forma muito enfática. — River me deixou assistir no outro dia, foi muito legal!

— Jura? — Sean franze a testa, enquanto caminha até a velha estante e parece procurar o controle remoto.

Tomo à frente e remexo entre as almofadas do sofá, sabendo exatamente onde o controle ficou na noite passada. Minhas bochechas queimam sem a minha permissão, quando vejo Hope sentada no antigo sofá marrom. Ligo a tevê e ela ganha vida rapidamente, trazendo um sorriso feliz ao rosto da minha criança.

— Mude de canal. — Ela pede, como se fosse a dona da casa.

— Diga por favor — eu a lembro, segurando o controle entre os dedos.

— Por favor — ela sussurra para mim. — Posso assistir *As Meninas Super Poderosas*?

— Não sei se está passando agora — rio, enquanto mudo os canais. — Aqui não é como o You Tube, onde escolhemos o que assistir a qualquer hora.

— Não? Que estranho... — é a sua réplica quase extasiada.

Mudo os canais com rapidez, enquanto Hope se aconchega um pouco mais ao sofá e Sean nos observa em silêncio. Não há uma variedade infinita de possibilidades, mas alguns minutos depois de zapear os canais, paro em um episódio de *O Pequeno Urso*. Graças a Deus pelas reprises.

— Esse desenho é novo? — Hope questiona com os olhos fixos à tela.

— Não, é bem antigo na verdade. — Digo, olhando para a tevê por alguns instantes também. — Você irá gostar dele.

— Acho que vou, é um urso — ela ri, ainda sem me olhar. — Obrigada, Ella.

— De nada... — murmuro, voltando a minha atenção para Sean.

Não sei o que lhe dizer realmente, portanto, sustento o seu olhar por ínfimos segundos e encaro meus pés. Sei que preciso buscar os materiais de limpeza que trouxe comigo e que ficaram no carro, mas não quero deixar Hope sozinha... *onde está River, afinal?*

— River está demorando — observo, quase contra a minha vontade.

— Deve ser uma ligação importante — Sean sorri, quando volto a encará-lo. — Posso ajudar com algo?

— Não, só esperarei para que River me diga o que preciso fazer.

Sean acena levemente, me encarando de forma fixa. Isso me incomoda, então ando até o arco da sala de estar e me apoio nele. Ainda tenho uma boa visão de Hope e posso ouvir a porta da cozinha se abrir quando River voltar da sua longa ligação no quintal.

— Você está bem? — Sean me indaga, após me seguir e interromper os poucos segundos de paz que consegui ter.

— Sim, por quê?

Ele se apoia na coluna oposta à minha, isso lhe permite me encarar livremente. Esforço-me para não desviar o olhar e encarar os meus pés mais uma vez.

— Não sei, você parece... — ele para e pensa por um segundo, visivelmente hesitante. — Incomodada.

E estou... pare de me olhar desse jeito, por favor.

— Só estou esperando. — Encolho os ombros ao responder de forma casual e calma.

Ficamos em silêncio. Hope ri várias vezes e me vejo sorrindo apenas com o som que chega até mim. Talvez deva repensar o porquê de não termos uma tevê em casa. Pode ser o presente de Hope em seu próximo aniversário daqui a alguns meses.

— Você e River se acertaram? — Sean me pergunta, de repente.

— Como assim? — Sibilo, sem me conter.

— Vocês se acertaram? — ele repete, como se entonação lenta em cada palavra, fosse o bastante para tornar a pergunta compreensível.

— Não sei o que isso realmente significa, Sean. — Desconverso.

— Vocês estão juntos?

Droga, olho para os meus pés, depois de me contorcer em meu lugar e colocar as mãos em minhas costas. Como responder a essa pergunta?

— Isso é complicado... — digo finalmente.

— Eu sei — ele concorda, como se se controlasse para não dizer mais.

River namorava a sua irmã. Não sei como Sean me enxerga a partir disso, mas sei que essa situação não poderia ser mais estranha e incômoda para mim.

— River não está mais namorando — digo, com medo que Sean pense que sou uma traidora.

Eu não deveria me importar com isso, mas me importo, porque seria injusto se ele me visse dessa forma.

— Não está? — É a sua resposta inesperada.

— Não, não está — reforço, com toda a firmeza que consigo entoar em minha voz vacilante. — Ele me disse que pediu um tempo antes de viajar.

Mordo os lábios quando percebo que falei demais, não devo satisfações a Sean, ou a qualquer outra pessoa. *Por que deixei esse assunto alongar-se dessa forma?*

— Ella — ele balbucia o meu nome, abrindo várias vezes a boca. — Dar um tempo não significa exatamente terminar um namoro.

Ai... uma pontada indesejada em meu peito me faz recuar, como se eu fosse capaz de mover a parede com o meu constrangimento. Mas eu não posso, é óbvio. Tampouco posso me fundir a ela e desaparecer, ou fazer com que Sean desapareça. Esse sentimento é mais latente, confesso.

— Sei disso, Sean, mas River e eu iremos resolver os nossos próprios problemas.

— Isso envolve a minha irmã também.

— E eu garanto que ela pode resolver os seus próprios problemas.

— Ainda assim, não quero que ninguém se machuque.

— E por que alguém se machucaria? — Suspiro, fechando os olhos por um breve instante. — Eu acredito em River, acredito em cada palavra que me disse e ele me disse que não está namorando.

Sean se cala, colocando as mãos nos bolsos e cruzando os pés enquanto me encara da mesma forma intensa. Vejo em seu olhar, tão claramente, que ele quer me contradizer. É provável que queira plantar uma sementinha de dúvida em mim — e confesso que ele está quase conseguindo. *Mas por quê?* Por que River magoou a sua irmã?

— Você acha que River está mentindo? — Pergunto, antes que perca a coragem de fazê-lo.

— Não foi o que disse — ele responde, balançando levemente a cabeça.

— Foi exatamente o que pareceu.

— Não conheço todos os segredos de Lewis, Ella. Tudo o que sei é que você é uma garota incrível...

— Você não me conhece também, Sean — o interrompo, em tom de censura.

— Algumas coisas são facilmente visíveis.

— Eu estou bem. — Digo, com voz mais suave agora.

— Se você diz — murmura, no exato instante em que a porta da cozinha se abre.

Não preciso olhar para saber que River está nos encarando agora, sei que está. Ouço os seus passos até nós, mas ainda não o fito e desvio o meu olhar de Sean, e me concentro em Hope no sofá. Ela ainda ri para tevê e invejo a sua leveza. A conversa com Sean me trouxe uma tensão que não sentia ao pisar aqui.

Suspiro quando River toca a minha cintura, como se exigisse, de forma silenciosa, a minha atenção. Viro o meu rosto e encontro seu olhar feliz, mas assim como o seu sorriso, seus olhos se tornam preocupados quando me encaram.

— Tudo bem? — Ele me pergunta, apertando um pouco mais a minha cintura.

Sou imensamente grata por não ser beijada. Seria, além de estranho, extremamente desconfortável com Sean logo à frente. Principalmente depois de toda a conversa sobre River e sua irmã.

— Sim — respondo, já me desviando de forma sutil de seu aperto.

— Faz tempo que está aqui? — Quer saber, alternando o olhar entre Sean e eu.

— Há alguns minutos apenas — digo, me libertando totalmente do seu braço e indo até a porta. — Preciso pegar algumas coisas no carro. Dê uma olhada em Hope, por favor.

Ele concorda, ainda que seus olhos queiram dizer mais. Saio rapidamente

e corro até o meu carro, apertando as chaves entre os meus dedos, além do necessário. Aciono o alarme, mas não abro o porta-malas imediatamente. Apenas encosto-me ao carro e respiro. Pensamentos inoportunos invadem a minha mente nesse tempo. Pensamentos que até há poucos minutos sequer existiam. Porém, agora estão aqui e não podem ser facilmente ignorados.

Exalo uma última vez e abro o porta-malas, buscando o balde com os produtos de limpeza que trouxe comigo. Ainda preciso limpar a casa de River, será uma distração bem-vinda no momento. Estou tirando tudo do carro, quando a porta da entrada se abre e ele caminha até mim. A primeira coisa que penso é em Hope sozinha com Sean. Não gostaria de ser tão paranoica, mas não posso evitar.

— E Hope? — pergunto enquanto puxo o balde do porta-malas.

— Assistindo tevê — River me diz, descansando um dos braços no carro.
— Ela está segura.

— Não gosto de deixá-la sozinha. — Confesso, olhando para longe.

— Ela não está sozinha, Sean está lá.

— Confia nele? — vejo-me sondando.

— Sim — é a sua afirmação enfática. — Por quê? Ele te disse algo?

— Não necessariamente — *nada, além do fato de me lembrar do seu romance com a irmã dele e me fazer sentir culpada por isso.*

— Tem certeza? — Insiste ao apertar a minha cintura e me beijar de forma leve. — Você parece tensa. Me diria se tivesse acontecido alguma coisa?

— Eu diria — rio, de forma nervosa.

— Você se esconde o tempo todo, Ella. — Declara, me olhando intensamente. — Por favor, não se esconda de mim; não mais.

— Você é a única pessoa para quem eu me mostro claramente, River. — Digo, diminuindo o meu tom. Não tenho certeza se ele acredita em mim, mas é a total verdade.

— Isso é tão difícil de acreditar — ele murmura com uma respiração pesada e embora não tenha sido a sua intenção, me machuca.

Sim, sou uma mentirosa e venho me emaranhando em minhas próprias mentiras, dia após dia. Às vezes eu tenho medo de dizer a verdade a minha mesma. Mas será que River tem sido sincero comigo? Ou tem mentido como eu?

As minhas mentiras são para protegê-lo, porém, e elas foram necessárias quando ditas. Tudo o que eu quis fazer foi lhe dar a chance de um futuro.

— Com quem você estava falando ao telefone? — pergunto, mesmo que possa soar rude e invasivo. Não posso deixar as minhas dúvidas ganharem força dentro de mim. Elas cresceriam sem controle, como ervas daninhas.

— Com o corretor — ele responde rapidamente, o que em parte me alivia. — Por quê?

— Achei que pudesse ser com a sua namorada — expresso em um sussurro inseguro.

— Eu não tenho namorada alguma, — ele diz em meu rosto, empurrando-me para a lateral do carro e mordendo a minha boca. — Não existe ninguém, além de você, Ella. Mas eu não sei o que somos mais; simples namorados não é algo que se encaixa agora.

Certamente não quero que ninguém nos veja assim, principalmente Sean ou Hope, mas me torno irracional quando River me beija e me aperta em seu corpo com tanta paixão. Ao invés de pensar, aprecio cada segundo em que os seus lábios deslizam sobre os meus e quando a sua língua invade a minha boca, aperto os seus ombros e não me importo com o gemido de contentamento que me escapa.

— Jamais mentiria para você, Ella. Sabe disso, não sabe? — pergunta e seus olhos me mostram que é importante que eu saiba.

— Sim — balbucio, lamentando por não poder lhe dizer o mesmo e Deus sabe que eu queria tanto, tanto.

— Podemos sair hoje novamente? — Ele pede com um sorriso torto.

— Mais uma vez? — perco o fôlego enquanto os seus beijos se espalham lentamente pelo canto da minha boca e queixo.

— Sim, mais uma vez... você quer?

— Sim, eu quero. Colocarei Hope para dormir mais cedo.

— Nós a levaremos para passear amanhã, eu prometo.

— Está ótimo. — Sorrio, ao imaginar o quanto Hope ficará feliz com isso.

— Só quero mais algum tempo sozinho com você.

É tudo o que quero também, mas eu desejo que seja uma vida inteira e não apenas uma noite. O problema é; até onde o meu querer irá ditar o nosso destino?



Vinte e Um

Espirro pela centésima vez em um curto espaço de tempo. É, na realidade, tudo o que venho fazendo nos últimos minutos. Relaxo o meu corpo sobre os travesseiros em minha cama e a sensação que tenho é de que cada um dos meus membros pesa uma tonelada. Estou doente. Demorei a admitir esse fato, mas River me passou o seu vírus da gripe e eu me sinto horrível agora.

Odeio adoecer e não ser capaz de cuidar de mim mesma, mas tudo o que posso fazer nesse momento é me arrastar sob as cobertas, em meu pijama, depois do banho mais rápido que já tomei. Sinto-me febril e certamente a minha temperatura está mais alta que o normal, só não serei capaz de me arrastar até o andar de baixo em busca de algum antitérmico. Meus pais saíram para um jantar com amigos e minha mãe se limitou a bater à porta do meu banheiro antes de sair e perguntar se estava bem. Talvez eles tenham me deixado sozinha porque insisti que estava bem, mas isso não torna o seu descaso menos doloroso.

Encolho-me em meus lençóis e fecho os olhos quando minhas pálpebras pesam demais. Não sei se o mal-estar da gripe me deixará dormir, só é tudo o que quero fazer. Meu quarto e tudo ao meu redor é repleto de silêncio e por esse motivo a minha respiração pesada me incomoda. Tento contê-la e me obrigo a respirar mais lentamente, quando um barulho do lado de fora me assusta e me alerta. Embora eu não tenha forças para me mover — se for um bandido, levará a casa toda com ele. Espero ser poupada, porém.

Volto a fechar os olhos e o barulho persiste, mais alto e mais perto. Como se alguém escalasse a calha na lateral da casa. Sobressalto e resmungo no mesmo instante, porque meu corpo dói ainda mais. Tento ignorar a dor, ao jogar os lençóis de lado e caminhar até a janela, mas não é tão fácil. De qualquer forma fico feliz por ser capaz de acender as luzes e afastar a cortina para espiar lá fora. No entanto, a genuína felicidade vem quando vejo River do outro lado. Ele escalou, de forma imprudente, devo dizer; a calha da lateral do meu quarto. Graças a Deus por meu pai gostar de comprar materiais de qualidade e essa calha ser de aço e suportar o seu peso. O meu quarto fica no segundo andar, a uns bons metros do chão. Uma queda dessa altura seria ruim.

— River — balbucio sem forças, me apressando o máximo que posso para abrir a janela e resgatá-lo do perigo.

— Oi, Ella — ele murmura com um sorriso. Como se não estivesse pendurado, sem segurança alguma, em minha janela.

— O que está fazendo aqui? — exaspero, repleta de preocupação. — Meu Deus, você é doido. Entra logo.

— Vim vê-la — diz, pisando em meu quarto e puxando o capuz do seu moletom. — Infelizmente não sou bem-vindo na porta da frente e precisei encontrar outro jeito de entrar.

— Meus Deus — repito ao balançar a cabeça e cobrir o rosto com as mãos.

Estou tão quente e não apenas porque River está aqui, minha febre aumentou.

— Como você está? — quer saber, chegando mais perto e tocando o meu rosto.

— Péssima — sou sincera, fechando os olhos ao seu toque. — Acho que vou morrer.

Ele ri, me abraçando e me levando para a cama. River me ajeita como uma criança, com carinho e preocupação. Isso me faz sorrir ao voltar para baixo dos lençóis.

— Não irá morrer, eu garanto. — Diz, deixando um beijo cálido em minha testa. — Mas a sua febre está bem alta, isso é fácil deduzir.

— Sinto-me quente, mas com frio também. Aquele vírus da gripe me pegou em cheio.

— Sinto muito por isso — ele lamenta, deitando também e me puxando para o seu peito.

— Não foi de propósito, eu sei — consigo rir, embora tussa em seguida.

— Você se medicou?

— Não...

— Ella — me recrimina, com um leve aperto em minhas costelas.

— O quê? — refuto. — Não fui capaz de descer para procurar algum remédio.

— Seus pais não estão em casa — murmura, não muito feliz.

— Eles tinham um jantar marcado para hoje — respondo e só depois me dou conta de que suas palavras anteriores foram uma afirmação, não uma pergunta.

— Ainda assim, não deveriam deixá-la sozinha quando está tão doente.

— Não sou mais criança, River — o censuro com carinho, me aconchegando em seu peito. Meu rosto quase se esfrega à sua camiseta de algodão macio.

— Não é, mas cuidamos de quem amamos, não importa a idade que tenham.

— Eu sei, mas estou bem.

— Disse que estava morrendo — me recorda com uma risada.

Tento rir também, mas tenho um ataque de espirros. Isso não é nada bonito. Fico em meus joelhos, me afastando de River, enquanto ele se levanta e gentilmente me estende a caixinhas de lenços sobre a cômoda. A preocupação genuína em seus olhos, aquece o meu coração.

— Vê, eu estou mesmo morrendo — digo, quando os espirros cessam.

— Fique sabendo que vim salvá-la, então — replica, resgatando duas caixinhas de remédios do bolso do casaco sobre a cadeira da minha escrivaninha.

— Veio? — sorrio, aceitando a caixinha de antitérmicos que ele me oferece. — Muito obrigada!

Olho ao redor, grata por deixar sempre uma garrafa de água no quarto. River me entrega e retiro um dos comprimidos da embalagem, o engolindo com rapidez. Dói até mesmo para beber água, mas forço uma grande quantidade pela garganta; sabendo que preciso me hidratar se quiser melhorar.

— Obrigada — agradeço novamente, entregando a garrafa para River.

Ele sorri tão lindamente, que acho que já começo a me sentir melhor somente por isso.

— Não me agradeça, esse foi um ato puramente egoísta da minha parte.

— Como assim? Você me salvou! — exclamo de forma teatral, buscando mais uma vez o meu lugar em seu peito.

— Eu te amo tanto, jamais viveria sem você — recita ao acariciar o meu cabelo. — Então te salvarei todas as vezes, apenas para tê-la ao meu lado. Para

a minha sobrevivência; é óbvio.

— É óbvio — sussurro, fechando os olhos. — E River?

— Sim?

— Eu farei o mesmo, te salvarei sempre para tê-lo ao meu lado.

Não sabia então, que haveria um momento no futuro que realmente precisaria salvá-lo, mas que isso o mandaria para bem longe de mim...



Quando River e eu namorávamos na adolescência, nunca perdemos uma única tarde — ou noite — em frente à tevê. Talvez porque o seu quarto fosse mais interessante e tenha se tornado o nosso mundinho ao longo dos meses. Lá era o nosso lugar seguro, onde nada que pudesse arruinar a nossa felicidade existia.

Cinco anos depois, a sua casa está à venda e o nosso lugar, antes seguro e aconchegante, se resume a paredes vazias e tristes. Por esse motivo estamos em seu sofá, em frente à tevê por duas noites seguidas.

River me pegou na pousada às nove. Dessa forma fui capaz de colocar Hope na cama, sem precisar lhe contar que não estaria lá essa noite também. Acredite, isso me poupou uma porção de drama.

Então fomos até a pizzeria mais tradicional de Beaufort e escolhemos um de seus sabores: *metade pepperoni, metade queijo*. Estava realmente muito bom, embora não tenha conseguido comer mais do que dois pedaços. River ficou a anos luz nesse quesito. Não me recordo de qual tenha sido a última vez em que fiz algo tão casual, quanto comer uma pizza em frente à tevê. Talvez com River, aos dezessete anos.

— Em que está pensando? — ele me pergunta, tocando a minha bochecha, enquanto encaro a velha estante de livros diante de nós.

— Em tudo e em nada — vagueio com um sorriso.

— Como isso é possível?

— Você nunca pensou em muitas coisas, mas ao mesmo tempo em nada importante?

— Não — ele ri, me puxando pelo ombro. — Isso nem existe, Ella.

— Existe sim.

— Não, definitivamente não. — Reforça com ênfase, reviro os olhos para isso. — Mas em que estava pensando? Diga-me.

Ele termina a frase e faz um gesto com a mão, uma referência, como se me convidasse a falar. Mas ele está rindo, porque obviamente me acha uma boba.

— Estava pensando sobre o porquê de nunca termos passado muito tempo em frente à tevê — conto com uma risada também.

— Porque tínhamos o meu quarto, quem iria querer assistir tevê quando poderia fazer outras coisas? — brinca, mordendo a minha orelha.

— Sim, eu sei — reviro os olhos novamente, empurrando-o levemente com o ombro. — Mas não fazíamos outras coisas o tempo todo.

— Nós fazíamos — replica, arqueando as sobrancelhas.

— Você é muito maduro, posso ver — ele gargalha, cheirando o meu cabelo.

— Em que mais pensou? — quer saber, com a cabeça ainda em cabelo.

— Que não me lembro da última vez em que sentei em frente à tevê e comi pizza. — Conto, me sentindo realmente boba.

— Você nem tem tevê, deve ser por isso — pondera ao meu encarar, com uma nota de diversão em cada palavra.

— Não foi o que quis dizer exatamente — mordo os lábios para não rir

mais uma vez. — Estou falando sobre a casualidade do ato, River.

— Você não faz casual? — debocha, ganhando uma cotovelada nas costelas.

— Não, eu não faço — ainda assim respondo. — Sou muito responsável e tensa, minha vida é chata, restrita...

Infeliz, é a palavra que falta.

— Isso é triste — ele balbucia baixinho, segurando o meu queixo e me forçando a desviar o olhar dos meus pés e encará-lo. — Eu irei mudar tudo isso, prometo.

— River... — abro a boca e só o seu nome saí.

— Sim, eu irei. — Afirma, me colocando em seu colo sem nenhuma dificuldade. Talvez porque eu me jogue em seus braços na primeira oportunidade que tenho — Começarei dizendo que tenho uma tevê muito boa.

— Melhor que essa? — gracejo, olhando sobre os ombros para a velha tevê.

— Sim, parece difícil de acreditar, mas é muito melhor.

Hope adoraria isso. É o que quero dizer, contudo, me limito a sorrir.

— E temos boas pizzas na Flórida também. — Ele continua, segurando o meu rosto para me beijar. — Então teremos muitas noites de pizza em frente à tevê.

— Isso parece incrível — murmuro, não querendo estourar a sua bolha de felicidade. Tudo isso é realmente incrível, mas está tão distante de ser uma realidade para nós.

— E eu realizarei todos os seus sonhos, Ella — recita, através de um beijo vagaroso e sedutor. — Cada um deles, não importa que para isso precise mover céus e terras; eu irei fazer.

— Você faz tudo parecer tão fácil.

— Talvez seja você a acreditar que as coisas precisam ser tão difíceis.

— Não é assim, mas sei que nada será fácil para nós dois — confesso, deslizando os meus dedos pelo seu queixo.

— Por quê? Já te disse que não importa o que tenha acontecido, não importa o que precise me contar... nada irá me afastar.

— Você não sabe o que diz, River.

— Quer que eu prometa? — oferece, cheio de desafio e confiança.

— Não seria justo — balbucio em seus lábios, me obrigado a sustentar o seu olhar repleto de expectativas.

— Eu me arrependo muito de tê-la deixado há cinco anos — confessa com um sorriso triste, suas mãos passeiam sobre a alça da minha blusa e seus olhos se desviam dos meus por um instante. — Mas eu era imaturo para entender que deveria ter lutado por seu amor e você, Ella, feriu profundamente o meu orgulho e o meu coração.

— Não foi a minha intenção, sabe disso — murmuro, cerrando os olhos. — Eu fiz o que precisava ser feito.

— Mas eu não deveria ter ido, eu lamento por ter aceitado facilmente o que me disse. Éramos tão bons juntos.

— Ainda somos, eu acho — digo com um beijo.

— Somos melhores agora — ele concorda, me beijando de volta. — E estou pronto para ouvir o que precisa me dizer. Está pronta para me contar, Ella?

Não, eu não estou. Nem mesmo cheguei perto de me sentir razoavelmente pronta. Eu tenho tanto medo, River não faz ideia. Sem querer respiro de forma pesada, me corpo se tensiona e meus olhos caem para o seu peito. O tempo de River em Beaufort está chegando ao fim e sei— mais do que nunca — que não posso adiar o inevitável. Quando levanto meus olhos outra

vez, encontro os seus, fixos e intensos. Sinto-me tão vulnerável.

— Amanhã — digo tão baixinho, que quase nem eu consigo ouvir. — Eu te contarei amanhã.

— Sim? — a mão que subia pelas minhas costas, estaciona em minha nuca.

— Sim — afirmo com um pouco mais de convicção. — Podemos sair com a Hope e então eu te contarei tudo.

A sua boca se abre e eu espero, fitando os seus olhos enquanto eles me examinam profundamente; tentando ler nas entrelinhas. E há tanto em mim para se ver além do que escolho mostrar.

— Prometi que levaríamos Hope para um passeio. — Acrescento, diante do seu silêncio.

— Eu sei, me recordo disso.

— Então... — sorrio desconcertada, olhando para a sua garganta agora. Seus olhos são o motivo da minha falta de ar repentina. — Hope ficaria triste se não cumpríssemos essa promessa.

— Nós iremos cumprir — enfatiza, deslizando o polegar pelos meus lábios. — Mas, por que não depois de me dizer tudo o que precisa?

— Por quê? — um riso nervoso me escapa. O porquê é tão claro para mim, mas River não faz ideia e por um momento não sei como responder.

— Porque acha que sairei correndo quando me disser tudo o que precisa — responde por mim. *E ele está tão certo.*

— Talvez... — balbucio.

— Eu não irei, Ella — é a sua vez de rir, como se as minhas preocupações fossem meras besteiras sem fundamento. — Não irei correr, não te deixarei aqui mais uma vez.

Eu queria tanto acreditar, Deus sabe que sim. Se eu acreditasse cem por cento nisso, lhe contar tudo não seria tão assombroso.

— Eu tenho medo — confesso, arrastando meus dedos por seu cabelo. — Tive medo há cinco anos, mas agora sinto-me apavorada.

— Quanto mais eu penso — ele segura a respiração, fechando os olhos brevemente. — Menos sentido as coisas fazem. Porra, o que aconteceu?

— Amanhã. — Sucinto com um beijo terno e então termino de sussurrar em seus lábios. — Prometo que amanhã lhe direi tudo, te dou a minha palavra.

Tenho medo que minha palavra valha tão pouco. Não seria de se admirar, quando tenho mentido tanto para River. Quando tenho adiado tanto a verdade. Mas eu torço para que ele me dê mais essa noite e o dia de amanhã com Hope ao nosso lado. Eu precisarei dessas lembranças quando tudo desabar sobre nós.

— Tudo bem — sussurra também, mordendo o canto da minha boca e pedindo passagem com a sua língua.

O beijo apaixonado me faz suspirar, seu sabor explodindo dentro de mim e embriagando todo o meu ser. River geme em retorno, suas mãos apressadas em baixar a alça da minha blusa e expor a pele sobre ela.

— Foi para isso que me trouxe aqui? — pergunto sem fôlego, quando a sua boca abandona a minha e beija a minha clavícula.

— Isso o quê? — refuta de olhos fechados, enquanto a sua boca deixa um rastro quente por toda a minha garganta e para em meu ombro. — Para te beijar até roubar o seu ar?

— Sim — digo, fechado os olhos também e me entregando a magnitude sedutora de seus beijos.

— É provável — admite sem culpa, voltando a me beijar e girando os nossos corpos para me deitar de costas no sofá. — Sou culpado, não posso estar perto de você e não te tocar ou te beijar.

— Ou me morder — ofego quando os seus dentes se fecham em meu

pescoço, a sua língua deslizando em seguida sobre as marcas que eu tenho certeza que eles causaram.

— Ou morder — repete com a cabeça em meu pescoço. — Sou culpado também, eu amo te morder.

Eu amo também. Sinto-me torturada, mas da melhor forma que pode existir. Desequilibrada com todo o meu desejo por ele. Uma dor em meu corpo que apenas River pode aplacar.

Nossos beijos não cessam um segundo, enquanto jogamos nossas roupas pela sala. Entre risos e sussurros sôfregos. Seus dedos dedilham a minha pele nua em todos os lugares, parecendo possuir o controle sobre cada uma das minhas terminações nervosas. Apenas o mais sutil deslizar é o suficiente para causar o arrepio mais avassalador.

Ainda há uma urgência em nossos toques, uma saudade que não se finda. Fazer amor vagorosamente parece estar longe de acontecer. Talvez quando soubermos que isso aqui é permanente. Que esse é somente mais um dia, dos outros milhares que temos à nossa frente. Em nosso futuro. Mas não temos um futuro ainda, somente o agora e ele não pode ser desperdiçado com calma.

Não escondo os meus gemidos, ou os sons indecifráveis que meus lábios fazem enquanto as suas mãos estão em mim. O seu corpo pesando levemente sobre o meu e parecendo ser a coisa mais certa do mundo. E é, realmente é.



River me prende totalmente ao sofá, enquanto ele dorme com a cabeça em meu peito e seus braços ao meu redor. Não é a posição mais confortável para adormecer, mas desde que eu o tenha comigo, posso ignorar o desconforto.

Meus olhos estão fechados e pesados, minha respiração é tão suave que mal posso ouvi-la. River respira de forma mais pesada e sua respiração é o único barulho evidente na sala, antes que meu celular comece a vibrar no piso.

Esforço-me para abrir os olhos e tateá-lo sem me mexer muito, mas a vibração acaba o afastando de onde estou. Empurro River com o máximo de cuidado e consigo sair do sofá depois de fazer uma manobra digna de contorcionista. Sorrio, mas paro no mesmo instante quando me dou conta do horário. Passa das três da manhã e sei que ninguém me ligaria, se não fosse

realmente importante. Na verdade, ninguém me liga nunca e sei que é a minha mãe antes mesmo de ler o seu nome no visor do celular. Meu coração erra uma batida com a constatação. Minha mente supondo as piores coisas, antes mesmo que eu diga uma única palavra.

— Mãe — murmuro baixinho, fugindo para um canto da casa com medo de acordar o River.

— Ella! — Minha mãe retorna quase aos gritos, causando um frio indesejado em minha espinha.

— Hope? — pergunto sem hesitar, esse é o único motivo pelo qual ela me ligaria agora.

— Hope caiu da escada, Ella — me conta e por um momento, ao ouvir isso, me pergunto se estou caindo também. O chão sob os meus pés parece vacilar por um segundo.

— O quê? — pergunto sem forças. Devo ter ouvido errado.

— Hope caiu da escada, foi um acidente.

— Não — lamento, olhando ao redor em busca das minhas roupas.

Minhas mãos tremem e meu celular despenca de entre os meus dedos. O barulho da queda é tão alto, que tenho quase certeza que o estraguei, mas me ajoelho para recolhê-lo do chão, ainda com dedos trêmulos.

— Mãe... — balbucio em um fio de voz repleto de medo e incerteza. — Hope se machucou? Como ela está? Por favor, me diga algo.

— Eu não sei, Ella — ela diz, em um sussurro dessa vez. — Imagino que não seja nada grave, talvez um braço quebrado...

— Isso é grave. — Eu a interrompo, tentando respirar. É difícil, porque posso jurar que estou prestes a ter um colapso. — Onde vocês estão?

— Na emergência do Memorial, Hope será atendida em breve.

— Chego aí o mais rápido que conseguir — prometo, enquanto me visto e mapeio mentalmente o caminho até o principal hospital de Beaufort.

— Onde você está agora? — ela devolve a pergunta, sua voz denotando alguma censura também.

— Com River, mãe — sibilo, não muito feliz. Não posso lidar com o seu julgamento nesse momento. — Sabe disso.

— Sim, eu sei. Chegue logo!

Ela desliga sem me dar o direito de replicar. Balanço a cabeça, jogando o celular em um canto do sofá. Não posso pensar em toda a situação com clareza, só sei que preciso me vestir e chegar ao hospital. Ajeito minha saia em meus quadris e me ajoelho ao lado de River. Sou gentil ao tocar as suas costas nuas e sacudi-lo lentamente, ainda que eu esteja à beira da loucura e prestes a cair no choro.

— River. — Digo, apertando os seus ombros. — Acorde, River.

Seus olhos se abrem parcialmente, repletos de confusão e sono. Levanto-me e recolho as suas roupas como fiz com as minhas há minutos.

— O quê? — pergunta, perdido.

— Precisamos ir — anuncio, colocando as suas roupas no sofá. — Se vista, por favor.

— O que aconteceu? — sonda, ainda que faça o que lhe pedi e comece a se vestir com pressa.

— Hope se machucou, precisamos chegar ao hospital rápido.

— Sim? — aceno, já sentindo os meus olhos arderem. — É grave?

— Não sei — murmuro, segurando os meus sapatos. Sinto-me tão pequena, vulnerável. — Podemos ir agora?

— Claro — ele se apressa, vestindo sua camiseta e vindo até mim. Ele

deixa um beijo em minha testa. — Ela está bem, eu tenho certeza. Dever ter sido apenas um susto.

Aceno, engolindo o nó cada vez maior em minha garganta; porque não tenho certeza. Ainda assim, tudo o que desejo é que Hope esteja bem.



Vinte e Dois

Não posso controlar os soluços que me escapam enquanto River dirige ao meu lado. Chorar copiosamente, é tudo o que tenho feito desde a rápida ligação da minha mãe há quinze minutos. Não posso conter o forte sentimento de culpa que se arrasta por mim, preenche todo o meu coração e me faz tão pequena.

Sempre senti que não deveria me afastar de Hope, mais do que um sentimento de proteção comum, era uma necessidade quase doentia. Eu preciso protegê-la do mundo horrível onde vivemos. É meu dever impedir que ela se machuque ou sofra. Que o mal chegue até ela. Consegui por quase cinco anos, falhei essa noite e ainda que a sua queda seja algo sem gravidade — assim eu tenho desejado — ela se feriu por minha causa. Porque me afastei dela e a deixei vulnerável.

— Ella, por favor, se acalme — River me pede, enquanto se concentra em dirigir.

Não giro o meu rosto em sua direção, mas mesmo através das minhas grossas lágrimas, consigo enxergá-lo parcialmente com a minha visão periférica. Ele está tão tenso quanto eu, menos despedaçado; é óbvio. Mas a preocupação flui dele com a mesma intensidade que saí de mim.

— Pare de chorar, por favor — murmura, usando uma das mãos para tocar o meu braço com gentileza. Choro ainda mais.

— Não consigo — balbucio através das lágrimas, a minha voz já machuca minha garganta enquanto forço as palavras através dela.

— Sei que está preocupada, mas Hope está bem.

— Eu não sei — replico perdida, balançando a cabeça.

Minhas mãos se fecham em meu rosto e me entrego ao choro desolado que me assola sem piedade. Não posso controlar a minha mente, enquanto penso em todos os cenários em que posso encontrar Hope quando chegarmos ao hospital. Nunca irei me perdoar se algo grave tiver acontecido.

— Está tudo bem — River insiste, parando em um sinal vermelho e puxando as minhas mãos do meu rosto.

Já é madrugada. O painel do carro me mostra que são quase quatro da manhã; River nem deveria parar em um sinal fechado. Isso só irá nos atrasar mais ainda.

— Respire — me orienta, voltando a colocar o carro em movimento. — Foi apenas uma queda, crianças se machucam o tempo todo.

— Não Hope — digo, torcendo minhas mãos no colo e olhando pela janela. — Ela nunca se machucou e ficou doente pouquíssimas vezes, nada grave.

— Sei que faz tudo para protegê-la dos perigos, mas isso é humanamente impossível, Ella.

— Sei disso, River — refuto, finalmente encarando os seus olhos preocupados. — Se eu pudesse protegê-la, ela não estaria em um hospital essa noite.

— Vai se culpar para sempre? Vá em frente e faça isso. — Sibila não muito feliz, apertando o volante com mais força do que o necessário.

Desvio os olhos e choro novamente. Tudo isso só pode ser um pesadelo horrível. Há algumas horas, enquanto River e eu fazíamos amor, achei que fosse o mais lindo dos sonhos, mas agora só quero acordar. Preciso acordar.

— Sou uma pessoa horrível — balbucio para mim mesma, sentindo a necessidade de me autoflagelar.

— Não faça isso, Ella.

— Eu sou. — Lamento, encarando o meu reflexo no vidro do carro. Se a desolação fosse uma pessoa, ao invés de um sentimento, esse seria o seu retrato; o meu rosto banhado em lágrimas.

— Não podemos controlar tudo, a vida é assim. — River recita de forma paternal. — As pessoas se machucam, coisas saem erradas, porém, podem ser

consertadas. Não é o fim do mundo.

— Ainda. — Suspiro com tristeza, não acreditando em todo o seu otimismo agora. Enquanto não colocar os olhos em Hope e garantir o seu bem-estar, não poderei respirar como antes.

— O mundo não está acabando essa noite e nem nas próximas, eu garanto.

— Nem tudo pode ser consertado — retruco baixinho, sem ter certeza se quero mesmo que ele me ouça.

— Talvez você tenha pouca fé — replica, deixando claro que me ouviu.

É provável que qualquer pessoa que tenha vivido o que eu vivi, também tivesse pouca fé. Houve um tempo em que acreditei demais e desejei demais. Sonhei com coisas que pareciam a anos luz do meu alcance, mas ainda assim, ansiei que meus dedos pudessem tocá-las. Mas isso foi antes, porque agora sei que um único minuto pode mudar a vida de alguém para sempre e não importa quanta fé você tenha, isso não será o suficiente quando tudo der errado.

Eu falhei com Hope e tenho medo de que não possa consertar isso. Poderia ter falhado com qualquer outra pessoa nesse mundo, menos com ela. O silêncio ao nosso redor torna os meus pensamentos mais gritantes dentro de mim. Agora choro quieta. As lágrimas que não posso conter nem com todo esforço, deslizam por minhas bochechas e param em meu queixo, antes de caírem em minhas mãos. Um gemido ou outro, escapa dos meus lábios, enquanto o remorso rasteja por mim, mais e mais.

— Sou a pior mãe do mundo — sussurro sem que as palavras passem pela minha mente primeiro. Elas escapam da minha boca como se tivessem vida própria. Como se meu corpo decidisse por si só que não pode mais contê-las.

Só me dou conta do que falei quando River pisa no freio de forma brusca e para o carro no meio da rua deserta. Não tenho coragem de olhá-lo ainda, porque cada gota de sangue do meu corpo se esvaiu e foi substituída por medo. *O que acabei de fazer, meu Deus?*

— Mãe? — demanda com voz grave e imperativa.

— Mãe? — repito, minha respiração entrecortada e meu olhar no painel do carro. — Eu não disse mãe... disse irmã.

— Não, você disse mãe.

— Não disse, River — insisto, ainda sem olhá-lo. Minha respiração cada vez mais ofegante e dolorosa. — Disse irmã, você ouviu errado.

— Não, Ella, você disse mãe. Ouvi perfeitamente. — Afirma, repleto de certezas.

Tento encará-lo agora, embora eu não enxergue muito através das minhas lágrimas.

— Você ouviu errado, eu disse irmã. — Repito, sem ocultar o pânico sob a minha insistência. — Por favor, ligue o carro outra vez.

— Ella... — ele murmura, cheio de confusão e algumas notas de raiva. — O que está acontecendo aqui?

— Como assim? — choro, tentando inutilmente me libertar do meu cinto. Meus dedos tremem tanto e não sei como fazê-los parar.

— Você disse: *eu sou a pior mãe do mundo* — reafirma, batendo as mãos no volante. A fúria de seu gesto faz com que eu salte em meu banco.

— Eu disse irmã — persisto quase aos gritos, finalmente soltando o meu cinto e abrindo a porta do carro. — Se não vai me levar ao hospital, andarei até lá.

Tento mentalmente calcular a distância, enquanto me esforço para interromper o meu choro sem controle. Antes que possa colocar o meu pé na calçada, a mão de River vem até a maçaneta da porta e a fecha mais uma vez. Suspiro, infeliz.

— Coloque o cinto — ele exige ao ligar o carro.

Obedeço sem pensar em protestar, então River volta a dirigir. O ar aqui

dentro é denso e poluído por nossas preocupações. Não sei como apenas uma palavra pode causar isso, mas o homem ao meu lado parece prestes a arrancar o volante que segura e jogá-lo pela janela.

Consigo acalmar o meu choro, ainda que meu coração esteja prestes a parar de funcionar. Esforcei-me tanto para que as coisas não aconteçam dessa forma e veja só aonde estamos? Prestes a desmoronarmos como um castelo de cartas em um furacão.

— Eu disse irmã — digo, rompendo o silêncio assustador.

River parece ainda mais tenso após a minha frase, mas eu irei me defender a qualquer custo. Sei exatamente o que disse, mas mentirei por ora. Não, não posso me preocupar com isso quando Hope está no hospital. Os minutos restantes são de quietude e River não abre a boca para me dizer uma única palavra ou mesmo respirar em minha direção. Talvez seja mesmo a decisão mais correta, por enquanto.

Quando a sua pick-up entra no estacionamento do hospital, salto antes que ele possa ajeitá-la em uma das vagas disponíveis. Corro através do asfalto, entre carros. Com uma mão em meus cabelos e a outra em meu celular. Meus passos são ágeis, mas River me alcança sem esforço algum. Ele puxa a minha mão do meu cabelo e a enrosca entre a sua, então praticamente me arrasta até a recepção. Ele está zangado, isso é perceptível mesmo com o seu corpo à frente do meu, e eu não possa ver o seu rosto para comprovar. Subimos a grande escadaria que nos leva à emergência e quando cruzamos a porta automática, me sinto ofegante e com o coração ainda mais acelerado.

River se antecipa, graças a Deus, e para no balcão de atendimento; em buscas de informações.

— Por favor, preciso de notícias sobre Hope... — ele para e gira a cabeça em minha direção para perguntar: — Qual o sobrenome?

— Mitchell — balbucio enquanto me aproximo do balcão. — Hope Marie Mitchell.

A jovem senhora, que está atrás do balcão, sorri condescendente e começa a digitar em seu computador. Gostaria que ela fosse mais ágil. Ou será que são os segundos que estão se arrastando com tamanha lentidão?

— Hope Marie Mitchell. — A atendente recita, olhando para a tela. —

Ela está na ortopedia da ala pediátrica.

— Ortopedia — repito, apertando um pouco mais a mão de River. — Sabe me dizer como ela está?

— Aqui não há informações adjacentes, sinto muito. — Diz com gentileza. — Mas subam até a ortopedia, é no terceiro andar. Eles terão mais informações para lhe dar.

— Obrigada! — Exclamo, forçando um sorriso de agradecimento.

— A pediatria fica à esquerda — ela acrescenta quando já estamos nos afastando do balcão. — Tem placas mostrando a direção, é tranquilo de encontrar.

— Obrigado — dessa vez é River quem agradece, eu apenas aceno.

Caminhamos até o elevador em silêncio e mesmo que nossas mãos estejam unidas, ainda há um clima de tensão muito visível entre nós dois. Não quero que River se afaste de mim, ainda não. Agora, mais do que nunca, preciso do seu amparo e amor.

Pisamos no terceiro andar e ele toma a frente, me puxando com pressa até o local indicado pela atendente. Há várias salas dispersas pelo longo corredor e um pequeno balcão mais ao fundo. É onde River para, enquanto giro freneticamente o meu pescoço, tentando enxergar algo dentro dos quartos que estão com suas portas abertas.

— Sabe me informar em que quarto está Hope Mitchell, por favor. — River pede com calma, ao atendente responsável por esse balcão.

Paro ao lado do seu corpo e toco o seu braço com a mão que não está entrelaçada a sua. Ele me olha brevemente e então concentra a sua atenção no atendente e seu computador. Seus olhos parecem menos tempestivos agora.

— Ela acabou de voltar da radiografia e está no quarto trezentos e cinco.
— Ele nos diz, fazendo a gentileza de apontar para o último quarto do corredor.
— Vocês são da família?

— Ela é minha irmã. — Respondo, antes que River o faça.

— Entendo — ele acena, voltando seus olhos para a tela. — Imagino que o médico ainda esteja no quarto com ela, apressem-se e podem falar com ele.

— Obrigado — River agradece por nós, batendo brevemente a mão no balcão e caminhando até o quarto indicado. Sigo com a mesma posição, meu corpo colado ao seu; uma mão entrelaçada a sua e a outra ao redor do seu braço.

River bate à porta, mas não espera uma autorização antes de abri-la. Ele se afasta e me deixa entrar primeiro, assim que a porta está completamente aberta. Hope está em uma cama hospitalar no centro do quarto. Meus olhos a digitalizam com o máximo de velocidade e precisão que conseguem em pouco tempo. A primeira coisa que vejo — e que parte completamente o meu coração — é o gesso em seu braço direito. Ele começa em sua palma e termina em seu cotovelo. A segunda coisa é o curativo na lateral direita de sua testa. Também há a intravenosa em seu braço esquerdo, certamente com algum remédio para dor. Dez segundos bastam para que eu me sinta a mais impotente de todas as criaturas viventes.

Inexplicavelmente, um dos braços de River circulam a minha cintura e trazem o meu corpo até o seu peito. Sou muito grata, porque minhas pernas parecem prestes a perderem o poder de me sustentarem em pé.

— Ella — minha mãe balbucia quando me vê.

Ela está na lateral da cama de Hope, com o médico ao seu lado e meu pai à sua frente. Tê-lo aqui é definitivamente o que preciso para tornar essa noite o meu pior pesadelo.

— Oi — é o que consigo dizer, caminhando com relutância até o centro do quarto.

Tudo o que quero é abraçar Hope e lhe dizer que sinto muito, mas que as coisas ficarão bem. Que eu nunca mais irei deixá-la se machucar. Que eu a protegerei de tudo e de todos que tentarem lhe causar alguma dor. Mesmo que saiba que não posso garantir exatamente isso, ainda preciso fazê-lo.

— Ella. — Meu pai murmura, girando lentamente o corpo para me encarar. Meu sangue esfria em minhas veias, quando os seus olhos não escondem o choque e o desagrado evidente, em encontrar River logo atrás de

mim.

— Oi, pai — esforço-me em normalizar minha voz e levanto uma das mãos em um breve aceno. — Como Hope está?

— Bem. — É a minha mãe quem responde, enquanto meu pai ainda me encara em silêncio.

— O que aconteceu? — pergunto, caminhando até a cama e ficando no lado oposto ao deles. River ainda me segura e coloco uma das mãos sobre a sua, em minha cintura.

Olho para Hope sobre a cama, ela parece dormir tranquilamente. Exatamente como eu a deixei horas atrás. Se não fosse pelo gesso e o curativo na testa, jamais diria que há algo de errado com ela, mas sabemos que há e isso torna toda a cena dolorosa demais.

— Há uma pequena fratura no rádio, um pouco abaixo do cotovelo. — O gentil médico de meia-idade e cabelos loiro-escuros, me explica. — Engessaremos por três semanas e então veremos se o osso se solidifica nesse tempo. O que eu, particularmente, acho que irá acontecer.

— E a testa? — questiono, após soltar a respiração. Três semanas com o braço imobilizado deixará Hope maluca.

— A queda causou um pequeno corte, foi preciso suturá-lo; foram quatro pontos.

Estremeço ao ouvir isso e involuntariamente encaro minha mãe com as sobrancelhas arqueadas. A culpa de tudo isso é dela e não minha, embora eu saiba que me causar arrependimento sobre a minha saída com River, será a sua missão a partir de hoje. E eu aceitarei essa culpa, ainda que ela não me pertença inteiramente.

— Isso é tudo? — questiono, voltando a encarar o médico.

— Já é mais que o suficiente. — Meu pai interpela, antes que o médico me responda.

— Nada disso foi minha culpa — exaspero sem me importar que estejamos prestes a transformar esse quarto em uma arena de guerra.

— Não há motivos para alterarmos os ânimos — o médico intervém, levantando os olhos de sua prancheta e usando o seu bom-senso para nos acalmar. — Estamos sujeitos à acidentes e a criança está bem agora. Só sugiro redobramos a atenção a partir de hoje.

— Tudo bem. — Digo com um meneio, acompanhando a sua caminhada até a porta com o olhar. — Não irei mais desgrudar os meus olhos dela.

Parece que estou falando figurativamente, mas não estou. O médico sorri, saindo do quarto depois de entregar uma receita à minha mãe.

A porta se fecha mais uma vez e me pergunto se esse é o motivo para que o ar ao redor esteja tão denso. Respiro pesadamente, tocando uma das mãozinhas de Hope, aquela que está livre do gesso. River acaricia a minha cintura e beija o meu cabelo. O seu calor faz com que eu me sinta minimamente consolada.

— O que ele está fazendo aqui, Ella? — meu pai demanda, em tom exigente e cem por cento autoritário, referindo-se a River.

Faz anos que não o ouço falar assim, talvez por ter me afastado tanto dele, porque esse é o seu *modus-operandi* habitual. Mas ele pode se transvestir em cordeiro quando quer, como fez a última vez que nos encontramos. Ele não seria um grande e brilhante advogado, se não soubesse enganar com maestria.

— River está aqui comigo, pai. — Respondo, segundos depois, mas sem lhe dar a honra do meu olhar.

— Ele não deveria estar aqui, sabe disso. — Meu pai continua com o mesmo tom. Talvez um pouco mais imperativo, na verdade.

Suspiro, quando River me aperta de forma mais protetora. Quero desesperadamente gritar com meu pai e lhe dizer que ele não tem mais o direito de tomar decisões por mim, porém, eu me calo como sempre. Talvez porque estejamos diante de Hope e mesmo adormecida, ela não merece presenciar uma cena como essa. Ou talvez eu ainda seja a mesma covarde de antes. Servil e tola. *Quando eu terei um pingô de coragem para tomar as rédeas da minha vida para mim?*

— Não fale com ela assim. — River diz ao meu pai e minhas pernas ficam ainda mais moles. Embora o fato de que ele esteja me defendendo, cause borboletas em meu estômago, não quero uma briga entre os dois.

Não posso ver o rosto de River agora, mas os olhos do meu pai se expandem em desagrado. Ainda que River tenha usado um tom ponderado ao falar, havia exigência e força em sua voz. Como um homem que defende o que acredita e creio que seja isso o que tenha chocado meu pai nesse momento; saber que River não é mais um menino.

— Não estou falando com você — meu pai replica, apontando dois dedos para River. — Fique fora disso, garoto.

— Não sou um garoto. — River ri em minhas costas, dando dois passos para a frente e me levando junto com ele. — E eu estou claramente falando com você... não trate a Ella dessa forma.

— Quem é você para me dizer como devo tratar a minha filha? — meu pai exige, também dando dois passos adiante. Minha mãe segura o seu braço, em alerta.

— Sou o homem que a ama e sei como ela merece ser tratada — River responde, exalando fortemente. — E com certeza não é da forma como você a trata.

— Você é um imbecil, isso sim — meu pai resmunga, como se essa sentença colocasse fim a discussão.

— O único grande idiota aqui, é você. — River refuta, dando mais um passo em direção ao meu pai.

— River... — sussurro, me virando para ele e tocando o seu peito.

Seus olhos castanhos se concentram em meu rosto por mais de um segundo agora e fico feliz com a forma como eles se suavizam ao me olhar. Agarro levemente a sua camiseta, antes de colar o meu corpo ao seu e sussurrar baixinho:

— Fique calmo, por favor!

— Eu estou calmo. — Ele sorri, abaixando a cabeça para me beijar de forma rápida.

Meu pai tosse em minhas costas e imagino o quão chocante essa cena é para ele. Afasto-me, relutante, girando o meu corpo para encará-lo outra vez. Seus olhos estão ainda mais azuis, de raiva, eu imagino. Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu não me importo.

— Vocês podem voltar para a casa. — Digo, alternado o meu olhar entre os meus pais. — Quer dizer, volte para a pousada mãe e pai...

Paro quando percebo não saber para onde ele irá voltar. Para a sua amante, é o mais provável, mas minha mãe não ficaria feliz se eu dissesse isso em voz alta.

— Volte você para a pousada — minha mãe orienta, se acomodando em uma das cadeiras ao lado da cama de Hope. — Vou ficar pelo resto da madrugada. Pode voltar depois das dez, creio que Hope estará acordada.

— Mãe — respiro, chateada. — Sou eu quem deve ficar, vá para a casa.

— Nós ficaremos, Ella — meu pai afirma, arrogante.

— Eu quero ficar, é o certo. — Ainda tento dizer.

— Vá para a casa. — Ele demanda, buscando o celular em seu bolso e me ignorando para olhar suas mensagens.

Olho para a minha mãe e lhe suplico de forma silenciosa que me deixe ficar. Ela encolhe os ombros, cruzando as pernas e desviando o olhar segundos depois. Encaro Hope sobre a cama e sinto medo de deixá-la mais uma vez, mas se eu insistir em ficar, talvez River se sinta na obrigação de me defender e nada disso pode acabar bem. Aliás, levando em conta toda a minha sorte nas últimas horas, isso acabaria de forma trágica.

— Vá, Ella. — Meu pai repete, não me dando um segundo olhar.

Escapo dos braços de River e ando até a cama, me abaixando para beijar Hope no rosto. Afasto o cabelo de sua testa e beijo demoradamente o seu curativo também. Ajeito a sua camisola florida e os seus lençóis azuis. Demoro-me o máximo de tempo que consigo, mas eventualmente me afasto com um último beijo em sua mão.

Saio do quarto sem me despedir dos meus pais, caminhado para fora com pressa. River segue ao meu lado, deslizando um braço em minha cintura e me puxando até ele. Quero chorar quando o meu rosto se enterra em sua camiseta e esperamos o elevador chegar novamente. Eu não choro, contudo. Minutos depois pisamos na recepção e passamos pela gentil atendente do início. Ela sorri e nos acena. Esforço-me para levantar o braço e acenar de volta.

— Por que você ainda aceita que seus pais te tratem dessa forma? — River pergunta, quando caminhamos pelo estacionamento silencioso.

— Porque parece mais fácil assim. — Respondo, com estranha sinceridade.

— Mais fácil para quem? — replica ao acionar o alarme da pick-up. — Para eles ou para você?

— Para todos — suspiro em voz baixa.

— Para todos não — me contradiz, balançando a cabeça em minha direção. — Mais fácil para você, Ella. Lutar por algo não é simples, então você se senta e aceita tudo, porque é mais cômodo.

— Você não sabe o que diz.

— Claro que não sei — replica, elevando levemente a voz. — Você não me diz nada, não me deixa entrar. Não se despe da sua armadura de segredos. Então como posso saber o que se passa em sua mente ou coração? Como posso deduzir o que te fez ficar assim, tão passiva, tão submissa, tão resignada... fraca.

A última sentença é a mais dolorosa, mas ele não está mentindo. *Está?*

— Você não faz ideia do que passei todos esses anos — digo, elevando a voz também.

— Então me conta, porra. — Grita para o estacionamento vazio.

Meu corpo estremece com a angústia em sua voz e mordo os lábios em silêncio. Ergo os olhos para o céu com poucas estrelas e respiro de forma demorada. Uma leve brisa afasta o cabelo do meu rosto e sopra em meu pescoço, enquanto dou as costas para River e espalmo as mãos sobre o capô do carro. Meu coração parece pesar mais que uma tonelada e comprime todos os ossos do meu peito. E aquela sensação angustiante de que tudo está prestes a ruir, me toma por inteira.

River parece esperar uma resposta, enquanto meus olhos estão fugindo dos seus. Sei que chegou o momento de lhe dizer tudo, mas irei me enganar por mais alguns segundos.

— Me leva para casa, por favor! — peço depois de um tempo, voltando a encará-lo.

Ele exala de um jeito que deixa claro as suas emoções em ebulição, mas não me contradiz. Passando ao meu lado, abre a porta do passageiro e com um gesto, me convida a entrar. Ocupo o meu lugar com rapidez e ele bate a porta, fechando-a com mais força do que o necessário. Isso me arranca um gemido de surpresa.

Espero até que ele se sente ao meu lado e puxo o meu cinto de segurança. O carro é ligado instantes depois e não olho para River enquanto ele dirige até a pousada. É um trajeto longo e excruciante para mim, e a cada minuto que ficamos mais próximos de casa, os tremores em meu corpo parecem aumentar. Meu coração bate em meus ouvidos cada vez mais alto e é a única coisa que sou capaz de ouvir; além do meu medo.

River estaciona em frente a pousada e ainda não trocamos nem uma palavra. Sua pick-up está de frente para o lago, apenas a alguns metros dele e parece que ambos decidimos que a paisagem mais à frente é tudo o que merece a nossa atenção no momento. Mas eu sinto a tensão fluir do corpo de River, percebo a sua respiração densa e angustiada se misturar com a minha. Enxergo o tsunami que vem em nossa direção e não posso fazer nada, embora tudo o que eu queira seja colocar as mãos sobre o meu rosto e me defender do impacto iminente.

— Fale comigo, Ella — pede ao meu lado. Ainda que sejam ditas de forma gentil, suas palavras me machucam.

Respiro e engulo em seco mais de uma vez. Meu corpo parece ter corrido uma maratona inteira, mas não sai do lugar nos últimos minutos.

— O que quer que eu diga? — pergunto como forma de ganhar tempo e de ordenar meus pensamentos.

— Tudo. — É a sua resposta enfática. — Diga-me tudo, hoje é o dia em que seus segredos terminam. Não amanhã, nem depois... hoje, agora.

— River — murmuro, arfando por ar. Nunca me senti assim, com tanto medo.

Ele segura a minha mão e arrasta o polegar sobre a minha palma. É um gesto consolador, mas não me acalma em nada.

— Você precisa me dizer — pede, apertando os meus dedos. — Hope é sua filha?

Meu Deus... quero correr para bem longe, porém, estou congelada em meu banco. Minha mão livre apertando a sua lateral até meus dedos doerem. Eu o amo além da compreensão, mas nunca quis que ele voltasse, porque nunca desejei esse momento.

— Por favor, Ella — ele insiste, segurando o meu rosto e me obrigando a fitá-lo. — Hope é sua filha?

— River. — Seu nome soa como um lamento doloroso. Minha garganta já começa a se fechar com o choro que pede passagem.

— Me diz, Ella — ele exige apertando o meu queixo. — Hope é sua filha? Tem que ser. Eu observei vocês duas, a forma como a ama e sorri para ela. Como se preocupa e a trata bem. Hope é sua filha?

— Sim, ela é — choro, fechando os olhos e sentindo lágrimas quentes tocarem as minhas bochechas.

— Então ela é minha também? — demanda em um tom mesclado de sentimentos, mas é a esperança sobressalente em todos eles, que parte o meu coração. — Ela é nossa, não é?

— Meu Deus! — a exclamação dolorosa é a minha resposta para a sua pergunta.

— Sim ou não, Ella?

— Não, ela não é.

— Como? — a surpresa brilha em seus olhos quando volto a abrir os meus. — Como assim, ela não é?

— Essa é uma história muito triste, River... uma que eu nunca quis lhe contar.



Vinte e Três

— Muito obrigada por me deixar ficar até mais tarde, senhora Miller — digo à bibliotecária da escola, enquanto reúno os meus livros e canetas, e os guardo em minha mochila. — Foi muito gentil da sua parte.

— Por nada, Ella. — Gira o rosto em minha direção, deixando brevemente de ajeitar alguns livros na prateleira. — Eu precisava mesmo ficar até mais tarde hoje para organizar os novos livros que chegaram.

— Ainda assim, obrigada! — sorrio, colocando uma das alças da minha mochila no ombro. — Te vejo amanhã.

Ela sorri de volta e retorna à sua tarefa, enquanto caminho até a saída. É muito estranho andar por um corredor tão livre, passando por salas silenciosas e completamente vazias. Parece não haver mais nenhuma alma aqui, além da minha e da senhora Miller, mas sei que o zelador está em algum lugar.

Apresso-me até o meu armário e guardo os livros que não usarei em casa, antes de cruzar o restante do corredor e sair da escola. Passa das cinco da tarde agora, mas fiquei além do horário de aula para recuperar o tempo que passei doente na última semana. Foram quatro dias sem vir à escola e estamos a alguns dias da nossa semana de provas. Não quero me sair mal e dar motivos adicionais para que meu pai possa reclamar de River.

Desço lentamente a escadaria da escola e piso na calçada, me perguntando como irei para a casa. River precisou fazer algo para o seu pai e isso o fez correr para fora da escola assim que o sinal tocou. Ele queria que eu fosse junto, mas realmente precisava ficar e recuperar o meu atraso nos estudos. Já sinto a sua falta apenas com as poucas horas em que estamos distantes.

Rio da boba apaixonada que sou, enquanto busco um chiclete em um dos bolsinhos externos da minha mochila. Continuo andando ao fazer isso e por esse motivo, segundos depois, me choco com alguém. A pessoa em quem bato é muito mais forte do que eu, por isso uma de suas mãos vai até o meu ombro e me equilibra. Afasto os olhos da minha mochila e os coloco na pessoa diante de mim. Meu coração quase salta pela garganta quando me deparo com Mason. Contorço-me e me afasto do seu toque no mesmo instante.

— Ella — ele balbucia surpreso, seus olhos percorrem todo o meu corpo e eu me sinto mal pelo vestido de verão que escolhi usar essa manhã.

— Mason. — Forço minha voz através da garganta e recito o seu nome em uma saudação polida.

— Há quanto tempo... — ele recita de volta, enquanto sorri vagarosamente.

— Sim, é verdade. — Concordo com um meneio.

A última vez que nos encontramos foi no aniversário de River e graças a Deus, tive a bênção de passar quase seis meses sem me deparar com Mason sozinha. Ele já terminou a escola, mas decidiu não ir para a faculdade. Na verdade, parece que está vivendo uma espécie de ano sabático agora. Como se tivesse feito algo de útil em toda a sua vida antes disso.

— As aulas não terminam às três mais? — pergunta rindo. — O faz aqui a essa hora?

— Sim, nada mudou — desconverso, me afastando sutilmente.

— Então, por que está aqui? — insiste, cruzando os braços e bloqueando a minha passagem na calçada.

— Estava na biblioteca, estudando — suspiro, olhando ao redor. Não há ninguém por perto e isso me enerva.

— River não está com você?

Olho para trás e cogito mentir. Poderia fingir que espero por River, mas sei que Mason ficaria esperando comigo e facilmente desmontaria minha mentira.

— Não, ele tinha algo importante para fazer.

— Entendo — murmura, deslizando os dedos pelos lábios. — Está dirigindo?

Droga, eu não estou... deveria mentir sobre isso? Droga, droga, droga. Meu coração se acelera ainda mais. Por que me sinto assim? Parece que vou morrer.

— Não, não estou. — Sussurro, quando opto pela verdade.

Uma centelha de interesse brilha em seus olhos quando digo isso e por algum motivo que não posso explicar, sinto que deveria realmente ter mentido segundos atrás.

Sem que eu possa esperar, ou esboçar qualquer reação, uma das suas mãos segura a minha. Seus dedos são tão ásperos e estranhos, mas não é esse o motivo de repelir o seu toque. Ser tocada por Mason me assusta até a alma e tento puxar o meu braço e libertar os dedos que agora ele aperta.

— Vou levá-la para casa — ele diz, quando começa a me arrastar pela calçada.

— Não, não — apavoro-me, mas sem forças físicas para competir com o seu tamanho e ele continua a me arrastar feito uma criança. — Não precisa, Mason, obrigada.

— Claro que precisa, River não gostaria que eu a deixasse aqui sozinha. — Replica, parando em um ponto da calçada e olhando para os lados antes de atravessar.

Tento firmar os meus pés do chão e livrar a minha mão enquanto isso, contudo, o aperto de Mason se torna maior a cada segundo e tenho quase certeza que ele irá quebrar um dos meus dedos ao menos.

— Não precisa, obrigada — digo, quando pararmos em frente ao seu carro, do lado do passageiro. — Minha mãe está vindo me buscar.

Ele me prende facilmente entre o carro e o seu corpo. O aperto em minha mão é ainda mais arrasador, mas não sinto tanta dor, porque estou apavorada; completamente em pânico e isso amortece todo o resto.

— Por que está mentindo assim, Ella? — ele questiona, com o rosto próximo ao meu. — Só quero levá-la para a casa.

— Não precisa — sussurro, olhando para o lado.

— Não precisa — ele repete ainda mais perto. — Mas eu quero, faço questão, aliás... entre no carro.

A sua mão livre abre a porta do passageiro. A outra mão esmaga os meus dedos quando não me mexo. Dou um pulo com a dor latente que passa pela minha mão e atravessa o meu braço; ainda assim não me mexo. Não irei entrar nesse carro a menos que seja forçada. O olhar no rosto de Mason, deixa claro que ele não terá problemas em fazer isso.

— Entre — demanda, apertando os dentes.

— Não — nego, sentindo os meus olhos arderem.

— Entra logo — ele rosna, mas não eleva a voz. Eu duvido que alguém pudesse ouvir se ele gritasse, no entanto. Para o meu total desamparo, não há ninguém ao redor.

— Eu não preciso de uma carona, Mason — digo, tentando me libertar do seu aperto. — E você está me machucando, me solta.

— Entra no carro — ele sibila e colocando a testa a minha, completa: — Agora.

— Eu não quero... — lamento sem esconder o meu medo. Não sou tão forte assim, mesmo que eu deseje de todo o coração ser. — Deixe-me ir.

— Não, entra na porra do carro.

Nego com a cabeça, de forma frenética. Seus olhos se fecham em desagrado e quando o seu rosto se afasta do meu, consigo ver um carro vindo ao final da rua. De repente sinto alguma esperança e me preparo para gritar quando o carro passar por nós. Mason aparentemente lê os meus pensamentos e segura o meu pescoço, trazendo o meu rosto até o seu peito. Sua roupa cheira como a de River e tenho ainda mais vontade de chorar com a constatação desse pequeno detalhe.

O carro passa vagarosamente por nós e sei que poderia ter conseguido ajuda se Mason não tivesse me impedido.

— Vai entrar no carro como uma boa menina? — ele pergunta ao sussurrar em meu ouvido, a sua voz me causa os piores arrepios do mundo. — Ou eu terei que te machucar e River saberá o que aconteceu?

A menção do nome de River faz as minhas pernas falharem. Já começo a me perguntar como irei disfarçar o ferimento em minha mão, mas isso parece pequeno com tudo o que sei que Mason pode fazer e algo assim deixará River possesso. Contorço-me por não saber o que fazer, pensando em toda a tragédia que pode acontecer com qualquer uma das minhas decisões. Se eu entrar no carro, simplesmente sei que Mason não me levará para a casa. Se eu não entrar, ele irá me bater e River fará o mesmo com ele... meu Deus.

— Entra no carro, Ella — exige, soltando o meu pescoço, mas não a minha mão.

— Eu não vou entrar. — Grito, olhando para ele.

Ele me encara e então respira, olhando brevemente para o céu.

— Eu te dei uma opção.

O aperto em minha mão some, mas no mesmo instante ele agarra o meu cabelo com força. Mais uma vez não posso reagir de imediato, tão chocada com toda a violência que jamais vivi. É degradante e apavorante. Ele me joga no banco sem cuidado e fecha a porta com o máximo de brusquidão. Ainda tento colocar as mãos e impedi-lo de me trancar, mas não sou tão rápida. A porta bate com força e machuca a minha mão já extremamente ferida.

Respiro por um ínfimo segundo e tento abrir a porta do motorista, enquanto Mason desliza pelo capô e aparece do outro lado; falho também. Ele ocupa o seu lugar em frente ao volante e quando ouço o clique das portas travadas, acho que vou desmaiar.

O carro é ligado e colocado em movimento. Tremo demais ao colocar a mochila em minhas costas, à frente do meu corpo. Minha mente trabalha como um turbilhão, enquanto algumas lágrimas teimosas deslizam por minhas bochechas.

O sol já se põe e Mason dirige para o limite da cidade, uma parte mais isolada que nunca tive o interesse de frequentar.

— Você não está me levando para a casa? — é uma pergunta retórica, nunca imaginei que ele fosse me levar para a casa.

— Eu levarei — responde com um sorriso. — Mas vamos dar uma volta primeiro.

— Você é louco, Mason. — Choro, sem me preocupar em camuflar minhas emoções. — Por que está fazendo isso comigo?

— O quê? Estamos apenas andando em meu carro, é boa demais para isso?

— Só quero ir para a casa — choro ainda mais, agarrando a minha mochila com força como se ela pudesse me proteger... tão tola. — Me leve embora e eu não contarei nada ao River. Prometo que ele nunca saberá sobre isso. Ninguém saberá.

— Sobre isso, o quê? — ele debocha. — Eu não fiz nada, Ella.

— Você me sequestrou — grito através da música alta e animada que toca no rádio.

— Não foi sequestro, só estou te dando uma carona.

— Eu não queria uma carona... deixe-me aqui, então. — Peço, olhando para a estrada vazia em ambos os lados. — Darei um jeito de voltar para a casa.

Eu não sei como voltaria para a casa, mas até mesmo uma estrada deserta e sem opções parece melhor que estar em um carro com Mason. Ele se cala e dirige concentrado. Choro quieta também, abraçando a minha mochila e olhando para à frente. Não sei quanto tempo se passa, talvez quinze minutos ou menos, e Mason de repente desvia para uma estrada de terra. Está mais escuro agora e estamos muito longe da cidade. Choro sem controle, meus soluços escapam de mim repletos de dor e desolação.

— Mason, por favor — imploro, me engasgando com o meu choro. — Por favor, não faça nenhuma besteira.

— Merda — exclama, estacionando ao lado de um grande carvalho e riscando o carro ao fazê-lo. — Dá para você calar a porra dessa boca?

— Por favor — é tudo o que posso balbuciar sob o meu choro. — Por favor, Mason... por favor!

Ele não responde, mas bufa irritado e desliga o carro, saindo dele com as chaves em mão. Consigo ver que as coloca em seu bolso dianteiro. Ele é muito rápido em dar a volta e parar ao lado da minha porta. Respiro com dificuldade, enquanto o medo me engolfa com toda a sua força. Mason abre a porta, mas tento mantê-la fechada ao puxar na direção oposta à sua. Minha luta dura alguns segundos somente, para o meu total desespero.

É visível o quanto ele se eleva em mim em força, altura e peso. Sou puxada pelos cabelos mais uma vez e arrancada do carro contra a minha vontade. Minha mochila cai no banco onde estava e nem tento recuperá-la. Todas as minhas energias são gastas tentando bater nele. Eu o chuto, enquanto tento abrandar o seu aperto em meu couro cabelo. Nem uma das ações são bem-sucedidas, sou uma presa tão fácil e me mantenho cativa.

A porta de trás é aberta e Mason me joga no banco. Bato o rosto no couro e minhas mãos queimam com o impacto brusco e inesperado. A minha reação seguinte é me virar e impelir Mason, mas ele já está sobre mim sem que eu possa lutar.

O seu corpo parece chumbo, me prendendo sem sacrifício. A sua mão em minha nuca, me apertando para baixo e engasgo com as minhas lágrimas e o meu desespero crescente.

— Não, Mason. — Grito quando os seus dedos sobem por minha coxa e levantam o meu vestido. — Não.

Sinto-me suja imediatamente e ainda que não tenha mais forças, continuo me contorcendo. Ele aperta a minha bunda como se quisesse arrancar um pedaço da carne. Tento chutá-lo, mas ele usa uma das pernas para imobilizar a minha. Grito de dor, e Mason parece apreciar a minha subjugação. Fecho os olhos e dói também, desde que tenho chorado pelos últimos minutos.

— Deus, eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo — sussurro, tão baixinho quanto uma oração silenciosa que eu sei que não será ouvida.

— Isso está acontecendo, baby — ele murmura em meu ouvido, ao

mesmo tempo em que sua mão toca o interior da minha coxa. — Será só essa vez e se você fosse participativa, aposto que iria apreciar mais do que faz com River.

— Você é louco — grito em desespero, quando os seus dedos invadem a minha calcinha.

Esse é um pesadelo que eu jamais seria capaz de prever. Ainda que tenha me mantido cautelosa ao redor de Mason desde o dia em que o conheci; nunca imaginei chegar a uma situação como essa.

Pelos próximos minutos, eu choro, grito e luto com a mesma intensidade. Sinto-me como se escalasse a montanha mais alto, uma sem fim aparente e meu fôlego já não existisse há tempos; mas me mantenho respirando mesmo que meus pulmões doam com o esforço.

— Não faça isso... — imploro com a voz rouca, a minha garganta está tão machucada, que sussurrar essas poucas palavras se torna uma tarefa quase impossível. — Não, não, não!

Mason não me ouve, é óbvio. Se os meus gritos, chutes e choro compulsivo não foram capaz de detê-lo, não deveria supor que meus sussurros roucos seriam. Mas não existiam motivos para que eu cedesse antes, agora há, quando percebo que nada nesse mundo poderia pará-lo. No segundo em que a minha calcinha é colocada de lado e os seus dedos me violam com hostilidade, percebo que isso está mesmo acontecendo; Mason vai me violentar. O meu mundo desaba, assim como o meu corpo sobre o banco. Respiro com dificuldade, como se cada baforada fosse a última. Minhas lágrimas caem pela minha bochecha e param em meu nariz, até que a próxima lágrima as empurre para os dedos sob o meu rosto.

Eu só quero morrer e começo a rezar para seja essa a sua intenção. Eu já me sinto meio morta a cada segundo, a cada toque não consensual, a cada invasão de seus dedos em mim, a cada lambida em meu pescoço. Bile sobe pela minha garganta por tantas vezes e sinto como se me afundasse em águas turvas e fétidas. Uma sujeira da qual nunca mais poderei me limpar.

Aperto os olhos quando ele me penetra com crueldade e raiva. A pressão em minha nuca e pernas, cada vez mais forte, apesar de minha total passividade. Ele me odeia tanto e eu sinto o mesmo nesse instante, quando cada um dos meus sonhos se finda. A sua brutalidade é descomunal e dói fisicamente, mas o meu coração se partindo no peito é infinitamente mais doloroso.

Não sei mais para o que tenho rezado nos últimos minutos, morrer não

parece o bastante e nem a minha fé seria suficiente. O mundo parece girar em câmera lenta enquanto observo tudo ser destruído por esse monstro.

Ele cai sobre mim quando termina, a sua respiração ofegante em meu rosto e eu me sinto mais degradada ainda. Quero que se afaste, mas ele demora o seu tempo. Eventualmente guincha o seu corpo do meu e não há mais aperto em minha nuca ou pernas. Contudo, não posso apreciar a sensação de não tê-lo mais sobre mim, porque o sinto em todos os lugares. O seu cheiro impregnado em minhas narinas e roupas. Quero rasgar a minha pele e arrancá-lo de mim.

*— Levante, vou levá-la para casa — ele ordena como se instrísse um cão. Não me mexo e duvido até mesmo que a minha respiração seja perceptível.
— Levante, Ella, está tarde.*

Não sei o que fazer, não há mais lágrimas em mim, mas não quero parar de chorar. Meu coração ainda bate no peito, só que me sinto morta de todas as formas. Mason se mantém gritando e me dando ordens cada vez mais agressivo. Obrigo o meu corpo a se mexer e me sento, sem olhar para ele. Lágrimas silenciosas caem em meu rosto, enquanto ajeito o meu vestido. Meus membros doem e meu cabelo está além de emaranhado, tento ajeitá-lo e sinto o hematoma em minha nuca. Aposto que os dedos de Mason ficaram marcados ali e assim será por algum tempo. A mão que ele apertou por tanto tempo também tem hematomas roxos entre os seus nós. Não posso imaginar quão ferida fisicamente estou e como farei para esconder os meus machucados, principalmente de River.

— Vai ficar parada aí? — pergunta com escárnio que me arrepia por inteira.

— Vou — respondo com fraqueza.

— Tudo bem. — Diz, ao bater a porta com brusquidão. O carro sacode com a ação.

Sempre julguei que ele amasse esse carro e evitasse a todo custo estragá-lo, mas aparentemente o seu cuidado e zelo foi embora junto com a sua sanidade. Ele coloca o carro em movimento mais uma vez e não sei se devo achar isso bom e me manter tão passiva aqui, mas não tenho tantas escolhas. De certa forma me sinto amortecida e sem clareza em meus pensamentos. Era assim mesmo que deveria me sentir?

— River nunca poderá saber sobre isso. — Mason diz com tranquilidade, enquanto dirige como se nada, absolutamente nada, houvesse acontecido. — Você irá contar para alguém?

Não respondo, selo meus lábios e olho para o lado. Esfrego o meu peito como se o gesto pudesse aliviar a dor; não pode.

— Eu não me importo se você contar, na verdade — ele continua. — River me mataria, sei disso e eu deixaria apenas por saber que dessa forma destruiria completamente a sua vida.

— Você é louco — não me contenho em dizer.

Ele está certo, River ficaria cego e destruiria toda a sua vida e sonhos. Ele não pensaria um único segundo sobre tudo o que perderia e eu preciso pensar por ele. Não importa se uma grande parte de mim acabou de ser esmagada, se eu terei que mentir para todos ao partir de hoje, River não será atingido.

— Sabe que ele é um garoto brilhante, com um futuro esplendido pela frente... eu não tenho nada a perder, Ella. Vá em frente e conte para todos.

— Você é doente...

— Não me importo — ele ri e segundos depois volta a ficar sério. — A culpa disso tudo é sua.

Não pergunto o porquê, quando sei que quer apenas jogar emocionalmente comigo e já estou tão destruída. Não aceito essa culpa. Jamais fiz algo que não fosse desviar o olhar quando Mason estava por perto, mudar de lugar quando vinha em minha direção no corredor da escola, me certificar que nunca estivéssemos sozinhos no mesmo ambiente... e ainda que tivesse feito tudo diferente, que direito ele tinha de me jogar em um carro e me levar a força quando disse “não”?

— A culpa é sua, Ella. Olha como está vestida. — Aponta para mim através do retrovisor. — Mesmo antes de namorar River, eu via como olhava para mim na escola e hoje quando te encontrei, soube que se vestiu assim para mim, não foi? Só te dei o que sempre quis, mas nunca teve coragem de pedir.

Engasgo com o medo que as suas palavras me trazem. Preciso sair desse carro, o desespero parece aquecer novamente o meu corpo. Estico o braço e alcanço minha mochila no banco do passageiro. Faltam três quadras para chegar à minha casa e quando o carro para em um sinal vermelho, bato no banco de Mason e grito com o pouco de voz que ainda me resta.

— Vou descer aqui, abra a porta.

Ele não para, apesar de diminuir a velocidade. Desespero-me em meu lugar, tentando soltar a trava da porta.

— Abra, eu vou descer aqui — peço mais uma vez enquanto choro.

Um casal de pedestres vem pela calçada oposta e sei que é isso o que faz com que ele abra a porta. Salto no mesmo instante e corro para longe, olhando para trás por todo o caminho. Minha casa está silenciosa quando paro em frente à sua porta minutos depois. Minhas mãos tremem demais e colocar a chave na fechadura parece algo que não sou mais capaz de fazer, mas por Deus, eu consigo.

Entro e fecho tudo, usando até mesmo o trinco adicional que nunca julguei necessário. Corro para o meu quarto sem me sentir segura e quando fecho a sua porta, desmonto.



— Como Hope pode ser sua filha e não minha? — River pergunta, rompendo o silêncio que reina pelos últimos minutos.

Suas palavras me trazem ao presente mais uma vez, depois que viajei a um passado que nunca desejei reviver. Não ao lado de River, certamente. Respiro e o fito, enquanto as minhas emoções afloram e me invadem. Sempre soube que não seria fácil iniciar essa conversa, mas confesso que nunca measurei o quão doloroso seria fazê-lo.

— Ella — ele repete ao apertar a minha mão. Definitivamente preciso do seu toque agora para me impedir de afundar.

— Isso é tão difícil, River — confesso em um sussurro. — Eu não sei como começar.

— Seja sincera, pelo amor de Deus. — Ele sibila com desespero. — Responda a minha pergunta... como Hope pode ser sua filha, mas não minha?

— Porque... — engulo o nó nervoso em minha garganta, mas ainda não sou capaz de falar.

— Você se envolveu com outra pessoa? — indaga, infeliz. A dor dessa possibilidade é visível em seu rosto e me atinge; é claro. — Foi isso?

— Não. — Sussurro apenas.

— Então, o quê? — sussurra de volta, porém, apesar do tom calmo sei que está lutando para se controlar. — Se for isso, eu posso entender.

— Não foi isso, River — refuto com firmeza.

É a sua vez de respirar, impaciente. Seus olhos se afastam dos meus e se fecham de forma breve. Instintivamente faço o mesmo. Apreciamos mutuamente esses poucos segundos em silêncio, porque quando River toca a lateral do meu rosto, sei que não posso mais reter a verdade.

— Ella — ele sussurra antes de mim.

— Hope é filha de Mason. — Cuspo as palavras como se elas finalmente me engagassem. Eu as engoli por cinco anos, dia após dia, e por fim posso me libertar delas. Mas não há conforto algum em dizer a verdade.

A mão de River se afasta do meu rosto. Não com brusquidão, como eu achei que seria, mas com lentidão torturante. Sinto a sua respiração estagnar e eu mesma me esforço para me manter respirando.

— Acho que entendi errado — ele ri e o pânico toma conta de mim. — Eu ouvi Mason.

— Foi o que eu disse — confirmo ao abrir os olhos e encarar o vidro do

carro. Não posso olhar para o seu rosto agora, tenho medo de tudo o que posso enxergar em seu olhar.

— Mason — ele recita, como se fosse uma palavra estranha que eu acabei de inventar e não o nome do seu irmão. — Vocês se envolveram?

— Deus, não. — Exaspero, extremamente ofendida com a possibilidade.

— Sim, você o detestava. — Ele me lembra, mas soa como se estivesse falando para si mesmo. — Eu nunca entendi o porquê disso...

— Porque ele era assustador. — Interrompo, abrindo a minha porta e saindo do carro.

A urgência em respirar ar puro se torna insuportável. Amparo-me à pick-up e esfrego o meu peito, enquanto encho rapidamente os meus pulmões e solto o ar em seguida. A porta de River range quando aberta e sacode o carro quando fechada com violência. Espero pacificamente, ainda esfregando o ponto em meu peito. Uma mania que adquiri ao longo dos anos e que sempre me trouxe algum consolo; mesmo que mínimo. Só que agora não surte efeito algum, não quando ouço os passos nervosos de River até mim.

Ele para à minha frente e projeta os olhos para as suas botas. Um dos braços se estica ao lado do meu corpo, a mão batendo no capô e me fazendo estremecer. O outro braço vai ao redor da minha cintura.

Não faço ideia se ele já compreendeu tudo o que está acontecendo nas últimas horas, sobretudo, porque não cheguei na parte principal. Mas acho que está começando a entender que a verdade não é fácil de ser digerida. A tensão emanada por seu corpo é palpável e me assombra ainda mais.

— Como... Mason... pode... ser... o... pai... da... Hope? — profere a tão temida pergunta. Posso ter notado uma emoção diferente em cada palavra dita entredentes. Raiva foi a mais latente, sem dúvida.

— River! — exclamo, quando o seu nome parece ser a única palavra da qual me recordo no momento.

— A verdade, Ella. Só a verdade. — Ele respira em meu rosto. — Porra, é tão difícil assim ser sincera uma única vez na vida?

— Nunca menti para você sobre qualquer outra coisa — exalo e tenho coragem de colar os meus olhos aos seus. — Não, além disso.

— E essa é justamente a única verdade que preciso agora; então me diga tudo.

Oh, Deus. Minhas pernas tremem, tudo em mim amolece. Minhas mãos estão frias e quase não reconheço o meu próprio toque quando os meus dedos viajam do meu peito e pairam na pulsação em meu pescoço. Como se precisasse me certificar que estou viva de fato, não por muito tempo, creio eu.

— Diz, Ella — ele grita sem se afastar.

Engulo em seco. A minha pulsação cada vez mais intensa sobre os meus dedos.

— Diz, porra — ele grita mais uma vez.

Nunca o vi desse jeito, mas não me assusto. Não há nada mais nessa vida que possa me apavorar, além das palavras que estou tentando forçar em minha garganta.

— Diz... — ele não está gritando mais. Porém, no fundo eu gostaria que estivesse, porque o seu lamento é mil vezes pior para mim.

Não consigo falar. Ainda estou tentando arduamente forçar as palavras, enquanto meu coração retumba dentro de mim. Como se eu fosse uma casca oca, preenchida apenas com esse som avassalador.

— Ella. — River lamenta, encostando a sua bochecha à minha.

Estou com tanto medo, tanto. Preciso que alguém me abrace e diga que tudo ficará bem. Minta, porque sei que não é verdade. Como poderemos ficar bem depois disso?

— Ella — ele diz mais uma vez.

Silêncio da minha parte. Toco a lateral livre em meu rosto e sinto as minhas lágrimas, antes que o som do meu choro preencha os meus ouvidos.

— Ella... — sussurra em meu rosto. — Por favor, por favor.

— Mason me estuprou. — Digo bem baixinho. — Ele me estuprou.

— O quê? — River se afasta, como se um choque de mil volts tivesse o atingido e o forçado para longe do meu alcance. — O que disse?

Tento enxergá-lo através das minhas lágrimas. Parece chover sobre os meus olhos, mas não há gota alguma em meu corpo. Limpo o meu rosto e River se faz visível, de forma turva, diante de mim.

— O que foi que disse? — ele grita, aparentemente sem se preocupar que a força de sua voz acorde tudo ao redor.

De repente, tenho vontade de gritar com todas as minhas forças também. Um grito que talvez possa me libertar de todo esse tormento que parece infundável.

— Mason me estuprou. — Vocifero com toda a minha alma. — Sim, ele me estuprou, River.

— Não — se afasta um pouco mais, enquanto balança a cabeça; descrente. — Não!

— Sim, sim — esbravejo de volta. — Mil vezes sim. Quer a verdade? Você desejou ardentemente conhecê-la, então lide com ela... Mason me violentou há cinco anos e eu engravidei... disse que a realidade não seria bela. Não, nenhum pouco.

Ele exala, ao me encarar com dor. Tudo parece ser devastado diante dos meus olhos mais uma vez e novamente não sou capaz de fazer nada para conter a destruição à minha volta. É muito mais do que posso suportar; então corro.



Vinte e Quatro

Faz três dias que não saio da cama, a não para usar o banheiro e me arrastar para debaixo das cobertas em seguida, o mais rápido que puder. Minha mãe acha que estou doente mais uma vez, ou grávida. Isso a fez surtar ligeiramente. Não fui muito boa em tranquilizá-la, porque — para o meu total desespero — posso mesmo estar. Quando adoeci há duas semanas, precisei me medicar e isso claramente inutilizou o efeito do anticoncepcional que tomo. River e eu fomos responsáveis e usamos preservativo na única vez em que fizemos sexo após isso. Mas, Mason não. Sei que deveria ter corrido até a farmácia e comprado a pílula do dia seguinte, no momento em que percebi o seu esperma escorrendo por minhas coxas, mas não fui forte o bastante para fazê-lo enquanto eu vomitava até a minha alma. Deveria ter ido a um hospital onde eles cuidariam de mim, porém estou inundada em medo e vergonha e não quero nunca mais enxergar a luz do dia... Ou as pessoas, ou qualquer outra coisa que não seja as paredes seguras do meu quarto.

River está surtando com a minha ausência e a recusa constante em deixá-lo me visitar, mas estou aos pedaços e ainda que tenha sido boa em esconder isso dos meus pais; não poderia esconder dele. Não sei o que fazer, além de me afundar em tristeza e desolação, enquanto desejo que o mundo acabe e a minha vida também. Nunca provei um sentimento tão devastador e ele está me consumindo a cada segundo. Pergunto-me o que restará de mim após isso. Talvez nada.

Encolho-me em meus lençóis, ao chorar pela milésima vez nas últimas horas. Achei que em algum momento a água em meu corpo findaria e já não seria mais capaz de produzir lágrimas, mas estava errada. Ainda me mantenho chorando dia e noite, e a cada momento em que estou acordada e me dou conta de que meus sonhos, esperanças e futuro já não existem mais.

Minha mãe bate à porta. Sei que é ela, por sermos as únicas pessoas na casa. Meu pai viajou na noite passada e nunca fui tão grata por isso. Nem mesmo quando fugia para me encontrar com River.

— Ella. — Ela sussurra ao bater mais uma vez e abrir a porta parcialmente. — Está dormindo?

Eu deveria fingir que sim, mas meus gemidos não deixam. Seco os olhos com a ponta do lençol, enquanto minha mãe abre totalmente a porta e caminha

pelo quarto de forma hesitante. Sua mão toca o meu ombro ao repetir:

— Ella, está dormindo?

— Não — balbucio, girando apenas o meu rosto para ela.

Tenho estado nesse quarto escuro há horas, então até mesmo a luz suave que vem do corredor e toca sutilmente a cama, incomoda meus olhos chorosos.

— Está gripada novamente? — pergunta, apontando para o meu rosto. Que eu sei, está terrível.

— Eu acho. — Soo com fraqueza.

— Que ruim. — Diz ao me encarar. — Precisa de alguma coisa?

— Só dormir — resmungo sem me conter. — Estou cansada.

— Passou as últimas horas nessa cama, achei que tivesse dormido o suficiente.

Suficiente? O para sempre não seria o suficiente.

— Ainda estou cansada, mãe.

— Você está tão estranha — pondera, puxando um pouco o lençol sobre mim. Estremeço com o contato. — Não está mesmo grávida, Ella?

— Não — nego sem vontade.

— Seu pai nos mataria...

— Mãe — a interrompo, cobrindo o meu rosto. — Não estou grávida, só quero ficar sozinha, por favor.

— Tem certeza?

— Sim. — Não, mas tenho pedido constantemente a Deus com o que restou da minha fé.

— Ah, está bem. — Ela suspira, não muito convicta. — River está lá na sala.

— River? — surpreendo-me, e afasto o lençol outra vez do meu rosto. — Ele está lá embaixo?

— Sim, posso deixá-lo subir?

Meu coração acelera enquanto me sento. River não deveria estar aqui. Não posso esconder os meus sentimentos dele e estou um caos; física e emocionalmente.

— Ella — minha mãe estala à minha frente. — Ele pode subir?

— Sim. — Concordo, mordendo o canto da minha boca. — Sim, deixo-o subir, por favor.

— Ok! — ela assente, saindo rapidamente e me deixando no escuro outra vez, após fechar a porta.

Jogo as minhas cobertas de lado e corro para o banheiro em meu quarto. Acendo as luzes e elas ferem os meus olhos de forma imediata. Coloco as mãos sobre eles, em um gesto de proteção e levo alguns segundos para me adequar à claridade novamente.

Quando consigo enxergar, olho para o meu reflexo no espelho da pia. Estou pior do que imaginei. Meus olhos estão vermelhos e inchados demais. Meu cabelo, uma bagunça, e meus lábios machucados de todas as vezes em que eu os mordi com força. Contudo, a pior parte não é visível através do meu pijama de mangas longas e calça de algodão. Mason deixou hematomas horríveis em minhas coxas e costas e não faço ideia de por quanto tempo eles estarão lá. Minha nuca também está terrivelmente machucada e dói muito, mesmo alguns dias.

Tomei banho há menos de uma hora, mas me sinto suja o tempo todo. Infelizmente não tenho tempo para me lavar mais uma vez. Sei que não estou suja no sentido literal da palavra, só é a mesma sensação. Suspiro, tentando encher o meu corpo de resignação e abro a torneira. Lavo o rosto, desejando que isso seja o bastante para me fazer parecer melhor. Não acho que seja, no entanto. Penteio os cabelos, mas não posso prendê-los porque River veria a

minha nuca e seria desastroso.

Apago as luzes do banheiro e volto para o quarto no mesmo instante em que ele abre a porta de forma lenta. Sinto medo do seu olhar, ainda que ele seja a pessoa que eu mais ame em minha vida. Sinto vergonha e desespero na mesma medida.

— Ella. — Ele me chama através do escuro.

Engulo o nó em minha garganta e agarro a maçaneta do banheiro.

— Estou aqui. — Digo, ao reacender as luzes do banheiro para que elas iluminem o quarto de forma parcial.

— Oi — ele saúda ao me ver, o mesmo sorriso lindo e costumeiro em seu rosto.

— Oi — devolvo, tentando sorrir também.

River caminha um pouco mais para dentro do quarto e fecha a porta. Ainda não me mexo, enquanto ele anda até mim. Meu coração parece não suportar as suas próprias batidas. Estou com tanto medo. Algo totalmente inédito em se tratando dele.

— Tudo bem? — pergunta ao tocar o meu rosto. Oscilo quando os seus dedos tocam a minha nuca.

— Sim — respondo ao aceitar o seu beijo suave.

Um dos meus braços está sobre o meu estômago, o outro sustentando o aperto da minha mão na maçaneta. River segura a minha cintura e me puxa para perto. A sua mão ainda está em meu rosto e ele colo a testa à minha. Ele ama me tocar, parece impossível que possa manter as mãos longe de mim quando estamos no mesmo ambiente e eu sempre amei isso. Mas hoje, demoro algum tempo para me sentir confortável com o seu toque. Ao menos não me sinto totalmente avessa a ele e uma pontada de esperança surge em meio a tanta dor. Talvez possamos seguir em frente, apesar de tudo.

— O que aconteceu? — sonda, enquanto me observa de perto. — Por que sumiu de repente?

— Não me senti bem esses dias — minto, com a voz meio vacilante. — Não podia sair de casa e meu pai estava aqui, não teria sido a ideia mais sensata aparecer enquanto isso.

— Eu poderia ter escalado a janela. — Sorri em meu rosto. — Só não fiz isso porque parecia que não queria me ver.

— Eu estava péssima, River — digo ao fechar os olhos, o calor do seu corpo me abraçando mais que seus braços.

— Morri de saudades, Ella. — Sussurra em meu ouvido. — Você nunca me afastou dessa forma, fiquei pensando em um milhão de coisas. Algumas não tão boas.

Exalo sem querer. Sei que até a pior hipótese de River não se igualaria à realidade na qual estou vivendo hoje. Mas ele não pode saber, não pode. Parte de mim adoraria contar tudo a ele. Abrir totalmente a compota e deixar a sujeira sair. Quero me livrar desse segredo feio e imundo. Entretanto, escolher a verdade será o mesmo que escolher a ruína de River e não quero isso. Mas enquanto ele me abraça e beija o meu pescoço, me pergunto se serei capaz de esconder essa verdade através os anos. Temo que ela se torne um fardo pesado demais para os meus ombros.

— O que aconteceu? — pergunta mais uma vez, diante do meu silêncio.

— Como assim? — rio nervosamente, escapando do seu aperto e indo para a cama.

Sento-me na cabeceira da cama, minha perna sob o meu corpo e meus braços são rápidos em encontrar um travesseiro que eu possa abraçar e usar como escudo. Contra as minhas próprias emoções, devo dizer. River aceita a minha distância e me observa encostado à parede, os braços cruzados sobre o peito. Claramente um escudo como eu e o meu travesseiro.

— Por que adoeceu? Você estava bem a última vez que nos vimos.

— Eu estava — murmuro para mim mesma.

— Então?

Ele ainda espera uma resposta, uma explicação para o meu afastamento nos últimos dias. Sabia que seria exatamente assim quando nos encontrássemos. River e eu ficamos longe em raras ocasiões e sempre existiu uma razão plausível para isso. Agora eu tenho uma razão mais do que plausível, uma muito grave, mas estou impossibilitada de lhe contar tudo.

Minha mente trabalha arduamente em busca de uma mentira que faça sentido em todo esse cenário. Isso leva tempo e nos olhamos em um estranho silêncio. Se estivesse em seu lugar, perceberia a mentira apenas pela demora em responder. Mas sou eu que estou prestes a mentir.

— Estou menstruada — digo, olhando para a parede às suas costas.

Não tenho condição alguma de sustentar o seu olhar. Essa é a primeira vez que minto para River e ainda que diga a mim mesma que é por uma boa causa, no fundo não tenho convicção nenhuma disto.

— Sim? — o tom mais leve em sua voz, ganha a minha atenção novamente e eu encontro um sorriso ao olhá-lo. Ele está aliviado, mas o peso em meu coração só cresce. — Isso já aconteceu outras vezes, mas nunca fui excluído dessa forma. Devo me preocupar a partir de hoje?

— Não. — É o que consigo balbuciar ao sorrir de volta. — Foi um episódio atípico, creio. Realmente me senti péssima esses dias.

— Sinto muito, realmente. — Diz ao se aproximar e puxar o travesseiro do meu colo. — Você deveria ter me chamado. Adoraria estar aqui e feito algo por você.

— Não havia nada a ser feito, River. — Recito, enquanto o meu sorriso escorrega do rosto e meus olhos ardem. Não quero chorar agora.

— Ainda assim eu gostaria de ter estado com você. — Refuta ao se sentar e me trazer até seu colo. — Eu teria te trazido sorvete ou chocolate... apenas te abraçado.

Isso me faz rir e é o segundo mais feliz que provei em três dias.

— Eu teria gostado disso. — Digo, colando nossas testas.

— Eu teria gostado também — ele sorri.

Seus dedos deslizam por entre meus cabelos e param em minha nuca. Isso dói, porém não demonstro, enquanto rezo para que ele não queira afastar o meu cabelo e beijar o mesmo lugar onde seus dedos estão agora.

— Prometa que nunca mais irá me afastar assim — pede, enquanto me mantenho em silêncio.

— Eu prometo! — exclamo, presa aos seus olhos apaixonados. Os olhos que eu desejo que sejam capazes de me fazer esquecer o horror que vivi.

— Eu detesto me afastar de você, Ella. Odeio não poder sentir o seu cheiro, te tocar, te beijar, estar por perto. — Ele exala, usando a mão em minha cintura para me trazer para mais perto. — Eu teria enlouquecido se passasse mais um segundo sem te ver.

— Também odeio isso. — Confesso, roubando um beijo seu.

A constatação de que posso tocá-lo e ser tocada por River. Que me sinto protegida em seus braços. Que gosto dos seus beijos e carinhos. Que posso fingir que não estou enlouquecendo a cada segundo, apenas por tê-lo por perto; me deixa aliviada. Tão aliviada que choro sem me conter. Mas são lágrimas diferentes das outras. Talvez sejam de gratidão. Porque eu morri, mas a parte que ama River sobreviveu e eu viverei com essa parte.

— Não chore. — Consola-me, afastando as minhas lágrimas com a ponta do seu polegar. — Você chorou muito ultimamente, não foi?

— Sim — respondo, engasgando com um gemido que me escapa. — Isso é tão visível?

— Bem visível — concorda, agora beijando os rastros das lágrimas em minhas bochechas. Fecho os olhos e ele beija as minhas pálpebras.

— Devo estar horrível. — Suspiro tristemente.

— Nunca — murmura com a boca pairando sobre a minha. Seu hálito de menta me invade e me traz conforto. Preciso disso; familiaridade e amor. — Você é a coisa mais linda que já vi na vida, pode chorar o quanto quiser e jamais ficará horrível.

— Você é mesmo um bobo. — Rio em meio as lágrimas que ainda deslizam pelo meu rosto.

— É verdade... você nunca fica feia quando chora, Ella. Mas eu prefiro o seu sorriso; ele te deixa mil vezes mais linda.

Sorrio para ele, as nossas testas ainda coladas, antes de River me beijar. É um beijo calmo, doce e amoroso. Como se uma parte inconsciente dele soubesse que é disso o que preciso neste instante. Suas mãos acariciam as minhas costas e cabelos, de uma forma delicada também. Seus dedos acalmam os machucados escondidos embaixo das minhas roupas. Um tempo depois deitamos em minha cama. Sob as cobertas e com as luzes apagadas, não preciso temer os olhos de River em mim. Descanso em seu peito, uma perna sobre a sua. Ele massageia meu cabelo, enquanto não para de beijar meus olhos e testa. E a cada beijo, uma pequena parte do meu coração volta ao seu lugar de origem.

— Eu te amo demais, Ella. — Diz baixinho, sua voz se torna confortável mesmo ao romper a quietude ao redor. — E eu quero estar ao seu lado em todos os momentos. Felizes ou não, isso não importa. Sabe disso, não sabe? Eu nunca irei te abandonar.

— Eu sei, River. — Afirmo em um murmúrio. — Pode me abraçar enquanto durmo?

— Por toda a vida, Ella... por toda a vida!



River

Vejo Ella correr para longe, mas não posso obrigar o meu corpo a segui-

la e tudo o que faço é observá-la enquanto se afasta mais uma vez. Meus pés pesam mil toneladas a mais que o restante dos meus membros e não sou capaz de dar um mísero passo adiante. Estou estagnado. Pelos próximos minutos eu batalho arduamente para alinhar meus pensamentos e controlar a raiva crescente e angustiante dentro de mim.

Não sou capaz de absorver com tanta facilidade o que Ella acabou de me contar e parte de mim quer que ela esteja mentindo ou delirando. A outra parte — infinitamente maior — quer entrar em meu carro e matar Mason. Não importa que para isso seja necessário invadir a Penitenciária da Pensilvânia e ser preso também. Valeria a pena, porque no fundo da minha alma, eu sei que Ella jamais mentiria sobre algo assim.

Respiro e o ar invade os meus pulmões de forma dolorosa. Como se fossem pedaços de vidro me rasgando por dentro sem piedade. Grito para o vazio ao meu redor e nada é capaz de me causar algum alento. Sim, dias sombrios se aproximam e não há o que possa fazer para trazer a luz de volta. Ao menos não agora.

Quando consigo, corro até a parte da pousada onde Ella mora. Odeio esse lugar desde que soube que foi aqui que o seu pai a escondeu, apesar de ela ter me dito o contrário. Não, foi exatamente isso o que aconteceu e agora faz todo o sentido; mas não deixa de machucar.

A porta da cozinha está aberta e eu a invado sem me preocupar em não ter sido convidado. Subo as escadas até o seu quarto e por um momento eu agradeço por saber o caminho. Mas então, quero me socar, porque não há nada a agradecer a porra de destino sádico. Como o meu irmão — uma parte da minha carne e sangue — pôde machucar a pessoa que mais amei na vida? Como ele pôde macular um amor que sempre foi a razão do meu respirar? Não há respostas à essas perguntas. Não há bálsamo capaz de aliviar a queimadura em meu peito, ao imaginar tudo o que Ella passou naquele dia e em todos os outros após esse.

Ainda que Mason e eu nunca tenhamos sido os melhores amigos e o laço sanguíneo fosse de fato a única coisa a nos unir, jamais esperaria tamanho horror da parte dele. Mas sempre fomos tão diferentes e hoje percebo que nunca soube o que esperar da nossa relação. Não isso, contudo. Nem em meus piores pesadelos.

Agarro a maçaneta do quarto da Ella e a giro, tentando abrir a porta. Está trancada. Meus dedos apertam ainda mais o metal, sem soltá-lo de imediato. Como se a força em meu agarre fosse tudo o que preciso para abrir a porta. Solto a maçaneta quando percebo que isso não basta. Então exalo, porque é extremamente necessário agora, e bato na porta.

— Ella — eu a chamo, forçando a minha voz a soar branda.

Não há som algum vindo do quarto, até que um soluço seja ouvido em meio ao silêncio quase gritante. Bato na porta mais uma vez, agora com mais força. Na verdade, tenho quase certeza que estou esmurrando a madeira, mas não posso me parar.

— Ella — grito, porque preciso que me ouça; eu preciso desesperadamente. — Abra essa porta, Ella.

Outro soluço chega até mim através da porta fechada. Saber que Ella está do outro lado chorando sozinha, como já deve ter feito centena de vezes, me desmonta. Não é justo que ela me afaste assim depois de tudo o que passamos para chegar até aqui.

— Abra já essa porta. — Demando com raiva. É difícil ser sensato quando tudo está conspirando para te enlouquecer. — Abra a porta.

Ela chora um pouco mais e sei que está com medo, porque também estou. Odeio sentir medo, não por querer ser corajoso o tempo todo, mas porque tomamos as piores decisões em momentos assim.

— Ella, abra essa merda. — Exijo enquanto soco a madeira, sentindo o nó dos meus dedos se rasgarem. Mas que se foda a dor. Que se foda todo resto. O mundo pode explodir em chamas, que não dou a mínima. Só me importo com a garota que está dentro desse quarto. — Vou derrubar essa porta.

Sacudo a maçaneta e a porta remexe com a força do meu movimento. Eu poderia derrubá-la, não facilmente, mas não seria a coisa mais difícil também. Contudo, quero que seja sua a decisão de me deixar entrar. Porque me quer por perto. Porque precisa de mim, tanto quanto preciso dela. Agora e sempre. É um sentimento imutável, eu sei.

Fico quieto, colando a minha testa à porta. Ouço pelos próximos segundos os soluços que parecem cada vez mais perto. De certa forma eu sei que ela está amparada à porta também e eu só posso esperar. Passarei aqui o resto das horas que faltam para o dia amanhecer, então ela terá que sair em algum momento. Senão por mim, por Hope. Minutos se passam e estou convicto de que será isso o que terei que fazer, mas a maçaneta se mexe a porta se abre em

seguida.

Exalo, um pouco aliviado. Como se eu simplesmente não soubesse que a pior parte está por vir. Me engano enquanto isso, antes de levantar meus olhos e encontrar o seu rosto. Há tanta dor em seus belos olhos azuis, que sustentar o seu olhar é como ser atingido por um meteoro. Mas me mantenho firme. Embora por dentro eu não seja nada, além de um grande covarde.

— Por quê? — é a única frase que se sobressai diante de tudo o que quero lhe dizer.

— River — o meu nome é proferido como um lamento, uma desculpa, um pedido de perdão. Sei que ela não mentiu porque quis, foi impelida a isso. Mas ainda preciso de uma razão.

— Me diz por que, Ella. Por que você me escondeu algo tão crucial?

— Porque eu precisava, você não entende? Não percebe o que teria acontecido se tivesse lhe contado? A tragédia que teria sido?

— Claro que percebo. — Respondo com um murmúrio que não é nada suave ou gentil. — Eu teria quebrado o pescoço daquele maldito.

Aperto as mãos ao lado do meu corpo, porque eu daria qualquer coisa para que Mason estivesse diante de mim agora e eu pudesse realmente quebrar o seu pescoço.

— E então eu ficaria sozinha. — Ela diz com pesar.

— Mas você ficou sozinha. — Refuto com um grito.

Sinto tanta raiva... raiva de mim e dela também, mesmo que eu saiba que esse sentimento é injusto quando direcionado a ela. Mas Ella me olhou nos olhos centenas de vezes e mentiu para mim. Contando uma pequena mentira atrás da outra, para ocultar a grande verdade. Ela teve inúmeras oportunidades de me contar tudo antes que eu fosse embora de Beaufort. E, àquela noite em meu carro, ela poderia ter me dito que estava grávida. Não de mim, mas do meu irmão. Eu teria enlouquecido, sei que sim. Já sinto a insanidade se aproximar sem piedade e querendo tomar todo o lugar da razão. Entretanto, o meu amor por

Ella poderia ter salvado nós dois. Mas ela nos roubou essa chance e condenou ambos ao inferno. Pode parecer que a parte mais fácil coube a mim, mas não. Eu caminhei entre chamas também.

— Eu te dei um futuro, uma chance de concretizar os seus sonhos. — Ela grita de volta, tentando inutilmente limpar as lágrimas persistentes em seu rosto. — Fiz tudo por você, River. Por amor, por abnegação.

— Você não tinha o direito de escolher por mim. Não tinha o direito de decidir se eu devia ou não saber. Era a minha vida também.

— Eu tinha todo o direito sim, quando foi o seu irmão quem me violentou.

Rio, erguendo os meus olhos até o teto. Juro que quero chorar feito uma criança, só não agora.

— Se fosse qualquer outro você teria me contado? — questiono, sem camuflar a ironia. — Porque eu teria matado quem quer que fosse, só para você saber.

— Então você seria preso, perderia anos da sua vida, sua liberdade — ela pontua, após ingerir uma grande lufada de ar com o efeito das minhas palavras. — Você perderia tudo, River. Tudo.

— Eu perdi tudo, porra. — Vocifero a alguns centímetros dela. — Ou você acha que te perder não significou nada?

— Sim, mas foi menos danoso.

— Isso é o que pensa. Te perder me destruiu, Ella, me dilacerou. Você era a razão de tudo para mim. Dos meus sonhos, das minhas lutas. Eu queria ter dar o mundo, era por isso que abria os olhos todos os dias.

— River, eu sinto muito. — Ela chora, esticando a mão para me tocar, mas me esquivo. Não posso lidar com seu toque agora. Só não agora.

— Como acha que fiz para seguir em frente quando não havia mais nenhum motivo para isso? — pergunto, porque realmente preciso saber.

— Eu não sei. — Sussurra ao balançar a cabeça e morder os lábios em seguida.

— Exatamente, você não sabe de nada.

— Mas você conseguiu, River... você conseguiu.

— E a que custo? Foi um preço muito alto, Ella. — Rebato, virando-lhe as costas por um minuto. — Durante todos esses anos eu me questioneei sobre o seu amor, se ele havia de fato sido real. Nós éramos os melhores amigos, tão apaixonados e sonhadores e de repente tudo acabou. Passei anos me perguntando se tudo não havia sido uma mentira.

— Você sabe que não, River. — Diz com um suspiro cansado. — Eu te amei tanto... te amo ainda mais. Suportei uma escuridão assustadora, porque não queria te trazer comigo. Eu te dei um futuro, imaginando que seguiria em frente e seria feliz com outro alguém. Sem nunca provar esse amargor que pontuou cada um dos meus dias.

— Você acha que eu poderia seguir em frente?

— Você seguiu.

— Eu tentei, tentei mesmo. Porque eu imaginei que tivesse feito a mesma coisa. — Afirmo, girando o meu corpo para encará-la outra vez. — Passei todos esses anos pensando nisso e me ferindo por imaginá-la feliz com alguém. Me envolver com outra pessoa foi uma espécie de punição para mim, para o meu coração insensato, que insistia em te amar mesmo depois de tanto tempo. Mas eu já sabia que nunca seria feliz com quem quer que fosse.

— Nem eu.

Prendo a respiração porque sei que é verdade. Algumas pessoas nascem com o seu destino atrelado a alguém. O meu está unido ao de Ella, em um belo laço impossível de desatar. Posso passar o resto dos meus dias tentando esquecê-la, ainda assim ela será uma parte de mim.

— Como foi? — pergunto, de repente.

— O quê? — sua boca se abre, surpresa.

— Como Mason te encontrou sozinha? Nós estávamos sempre juntos.

Parece insensível perguntar, mas eu preciso saber. Ella estava comigo o tempo todo. Não tirava os olhos dela quando estávamos na escola, mesmo antes de namorarmos. Depois então, talvez eu tenha me tornado um pouco obcecado com o seu bem-estar. Doente por protegê-la de qualquer situação ou pessoa que pudesse lhe trazer algum mal. Não me sentia tranquilo nem mesmo quando ela estava em sua casa, principalmente quando seu pai também estava presente. Não posso recordar de um único momento em que a tenha deixado vulnerável, mas eu deixei e pagamos um preço muito, muito alto. Deus sabe que eu irei me culpar até o fim dos meus dias.

— Ella — exijo a sua atenção. — Responda-me, por favor.

— Foi logo após o meu surto de gripe — conta, hesitante. — Dois dias depois de voltar para a escola.

— Quando te deixei na biblioteca e precisei levar alguns documentos para o meu pai? — pergunto em choque. Eu me lembro desse dia, me lembro bem.

— Sim — é a sua afirmação em um sussurro triste.

— Então Mason invadiu a escola?

— Ele me encontrou na calçada. — Conta, recomeçando a chorar.

— Na calçada — repito, enquanto monto o quebra-cabeças em minha mente. — Por que você não gritou? Bateu nele? Correu?

— Eu gritei sim, mas não consegui correr porque ele agarrou a minha mão e me arrastou até o carro, como se eu não pesasse nada.

— Meu Deus! — exaspero, correndo as mãos pelo meu cabelo.

— Ele era infinitamente mais forte que eu. — Acrescenta, como se eu

não soubesse. Óbvio que sei disso, o problema é que Mason jamais deveria ter usado o seu tamanho e força contra Ella.

— Ele bateu em você? — pergunto, engolindo em seco.

— É claro que ele me bateu, me machucou fisicamente. Ele rasgou a minha alma como uma folha de papel e fez o meu coração em pedacinhos. Eu lutei, você acha que não fiz isso?

Engulo mais uma vez, mas nada é capaz de remover o nó em minha garganta.

— Você acha que não lutei, River? — pergunta mais uma vez.

— Sei que lutou — sussurro.

— Eu faria qualquer para não viver esse pesadelo. — Grita e me assusta com o desespero em cada uma das palavras. — Qualquer coisa, River... qualquer coisa.

Seu corpo se curva em tremores, enquanto o gemido mais doloroso que já ouvi de uma pessoa, escapa da sua boca. É o som que parece não se encaixar em alguém como Ella.

Quebro o espaço entre nós, através de quatro ou cinco passos e a seguro. Sustento o seu corpo em colapso e trago o seu rosto até o meu peito. A consolo com os meus sussurros em seu ouvido e minhas mãos em suas costas e depois em seu cabelo. Também me sinto a um passo de desmoronar, mas o buraco em meu coração pode esperar.

Ando até a cama e sento-me sem soltá-la um único milímetro. Tenho medo de me afastar um segundo que seja e perdê-la. Como se ela fosse uma rosa sendo despedaçada por uma tempestade e eu a pessoa que corre com os braços abertos, recolhendo suas pétalas antes que o vento a leve de mim.

— Está tudo bem agora. — Recito em seu ouvido. — Está tudo bem, Ella.

— Eu sinto muito — diz, ao agarrar a minha camiseta e chorar um pouco mais. — Sinto muito por tudo isso, eu sinto, River.

— Está tudo bem — repito, esfregando as suas costas.

— Sinto muito por ter escondido tudo isso, mas eu não podia lhe contar. Eu não podia...

— Eu teria o matado. — Digo, sem me importar que soe extremamente sombrio. — Teria derrubado essa cidade inteira, não importa aonde ele se escondesse, eu o teria achado e o mataria. Porque é o que ele merece... eu ainda irei matá-lo.

— Não. — Pede aumentando o aperto em minha camiseta. — Se fizer isso, terá sido tudo em vão. Todas as minhas lágrimas, a minha solidão, as noites escuras em que não acreditava no amanhã. Tudo isso terá sido em vão. Não faça ser em vão, River. Por favor, não faça.

— Ella — digo em tom suave, enquanto afasto o cabelo grudado em seu rosto. — Eu preciso fazer alguma coisa. Mason é meu irmão e ele me feriu mortalmente. Ele te feriu ainda mais.

— Você não precisa fazer nada. — Choraminga em meu peito. — Prometa-me que não irá procurá-lo.

— Ella.

— Prometa-me, River.

— Não. — Nego, porque essa promessa não é nada fácil e eu não quero mentir para Ella. Talvez em alguns dias, quando eu absorver toda essa raiva; não hoje.

— Você tem uma vida maravilhosa. Você conseguiu, não estrague tudo, por favor.

— Não é uma vida maravilhosa quando você não está nela.

— Eu posso estar, se você me quiser eu estarei. — Sorri de forma fraca. — Pode me perdoar, River?

Eu posso? Evidente que posso, só não agora.

— Irei trabalhar nisso — sussurro, beijando uma das lágrimas que deslizam de seus olhos.

— Nós iremos então — ela replica, beijando o canto da minha boca. — Iremos trabalhar nisso.

— Sim — assinto, abrandando o meu aperto em seu corpo.

Ela se solta e engatinha pela cama, levando-me junto. Meu corpo está tenso, mas respiro e faço o seu desejo. Deito-me de costas e deixo a sua cabeça descansar em meu peito. Eu imaginei que nunca mais estaríamos assim novamente.

— Pode me abraçar enquanto durmo? — pergunta, deslizando a mão sob a minha camiseta.

Fecho os olhos, sentindo enfim meus olhos arderem.

— Por toda a minha vida, Ella. — Beijo a sua testa, ainda com meus olhos fechados. — Por toda a minha vida!



Vinte e Cinco

Quarenta e cinco dias... faz todo esse tempo que meu sol se pôs e não voltou a brilhar mesmo que de forma tímida. Quarenta e cinco dias que Mason roubou tudo de mim. Quem eu era, quem eu desejava ser. Por fora continuo sendo a mesma garota. A filha obediente e ponderada. A aluna centrada e interessada. Aquela que não levanta suspeita alguma. Por dentro eu estou gritando, ou morta em uma quietude assustadora. Às vezes eu sinto tudo e pareço prestes a me afogar em meus sentimentos. Às vezes eu não sinto nada, como se houvesse sido medicada com o relaxante mais potente do mundo. Particularmente prefiro a segunda opção. Estou ficando boa em lidar com a apatia. É mais fácil fingir que estou bem quando não sinto nada.

River é o único que me desperta algo bom. Amor ou esperança, ainda que esperança seja algo tão fugaz para mim. Às vezes sinto desespero também. Porque há momentos em que ele me olha como se simplesmente soubesse que estou escondendo algo terrível e são esses os momentos em que mais tenho vontade de lhe contar toda verdade.

Já me engasguei tantas vezes com as minhas palavras, aquelas que não posso proferir em hipótese alguma. Elas pinicam a minha garganta o tempo todo e fazem com que seja difícil respirar. Mas River é o único que torna isso melhor. Contar a verdade seria o mesmo que aceitar arruiná-lo e não estou indo por esse caminho. Não, enquanto eu puder evitar.

— Próximo. — A atendente da farmácia me chama, assim que a senhora que estava à minha frente na fila empacota as suas compras e vai embora.

Dou um passo hesitante até o caixa e então ergo a minha cesta e colocó-a sobre a esteira. Prendo a respiração, enquanto o meu coração gradativamente começa a bater mais rápido. Há mais duas pessoas atrás de mim, esperando para pagar suas compras também. Giro o pescoço para espiar se estão interessadas nos itens que escolhi, mas por sorte uma delas está com o olhar fixo à tela do seu celular. A outra parece ler o rótulo de um shampoo.

Volto o meu olhar para a atendente da farmácia. De forma compenetrada, ela soma cada um dos meus itens... desodorante, shampoo, hidratante, pastilhas para a garganta, chicletes de canela, teste de gravidez, lenços de papel e sabonete líquido. Ela me diz o total, enquanto as minhas

coisas se amontoam no final da esteira. Saio do meu torpor e empacoto tudo o mais rápido que posso, antes de pagá-la.

Atrapalho-me um pouco com o zíper da minha bolsa e depois com o fecho da minha carteira. Minhas mãos tremem demais para alguém que está fazendo uma simples compra na farmácia. Entrego o meu dinheiro e já estou saindo antes que a funcionária possa me devolver o troco. Ela me chama e eu retorno, agarrando o dinheiro e a nota fiscal que me estende. Não posso olhar em seus olhos ao agradecer, pouco antes de correr até a saída.

O caminho até a minha casa é feito em um borrão. Tenho certeza que estaciono totalmente errado na garagem e isso irá me render alguma advertência do meu pai mais tarde, mas preciso chegar até o meu quarto, me trancar lá e chorar um pouco... estou louca para chorar.

Subo as escadas sem me preocupar em ir até a cozinha e cumprimentar minha mãe, não posso lidar com ela no momento. Deixei as chaves de seu carro no aparador da sala. Tranco a porta do meu quarto, girando a chave duas vezes para garantir. Uma só teria sido suficiente, mas estou paranoica.

Minhas mãos tremem mais que o esperado e o farfalhar de plástico me lembra da sacola em uma delas. Jogo-a sobre a minha cama sem cuidado e a maior parte do seu conteúdo caí sobre o carpete.

Respiro, mas soa como um gemido desolado, quando o teste de gravidez aterrissa em meus pés. É a cena mais insólita e desconexa que já vivi. Choro, arrastando-me pela porta e caindo ao chão. Demora algum tempo até que eu tenha forças para cessar o meu choro e agarrar a caixa retangular. É estranho tocá-la. Errado e parte o meu coração, infinitas vezes.

Leio as instruções na pequena bula, embora não seja necessário. Eu paguei pelo melhor. Não quis ficar em dúvida, enquanto tentava descobrir se existiam um, ou dois riscos, em uma haste branca. Eu espero em minha cama. O exame sob a minha mesinha de cabeceira, meus olhos fixos nele enquanto começo a ter um ataque de ansiedade.

— Por favor, Deus... — aspiro lentamente. — Não deixe isso acontecer... por favor, por favor... por favor...

Alguma coisa começa a aparecer no pequeno quadrado, mas não posso realmente distinguir o que é. Agarro o travesseiro mais próximo e solto o ar rapidamente.

— Por favor, Deus. Por favor! — Fecho os olhos, enquanto aperto ainda mais o travesseiro entre os braços. — Juro... eu juro que serei uma pessoa

melhor. Só me dê mais uma chance... uma chance.

Abro os olhos e a palavra antes inelegível no exame, se faz clara aos meus olhos. Prendo a respiração e jogo o meu corpo sobre a cama. O travesseiro vem o meu rosto e um grito de desolação saí da minha boca, seguido de um gemido de sofrimento. Não pode ser. Não, não, não...

— Não, não, não. — Repito, jogando o travesseiro de lado e me sentando com brusquidão.

Agarro o teste e o trago até o meu rosto: grávida, cinco semanas, são essas as palavras perpetuadas ali e lê-las é como uma sentença de morte imutável.

— Não... — eu choro, lançando o teste na parede com toda a minha força.

Ele não se parte, só o meu coração; em mil pedaços.



Os braços de River estão ao meu redor mais uma vez quando abro os olhos pela manhã. Arrasto meus dedos pelo seu pulso, enquanto as lembranças das últimas horas me invadem como um turbilhão. Não sei se deveria me sentir mais leve ou feliz, afinal contei tudo para ele, mas não me sinto. Meu coração ainda parece pressionado em meu peito e prestes a explodir a qualquer instante. Eu adoraria não ter essa sensação agora.

Achei que minha confissão fosse o preço a ser pago por um pouco de paz, mas estava errada. A guerra ainda não acabou. Sinto que estamos bem longe disso, na verdade.

— Está acordada? — River me pergunta, com um sussurro ao ouvido. A voz rouca e profunda me causa arrepios. É bom acordar com ele ao meu lado, mas ainda sinto aquela angústia de que seja apenas temporário. E eu quero o para sempre.

— Sim — respondo com um sorriso tímido. Minha voz também rouca de

todo choro, gritos e poucas horas de sono.

— Conseguiu dormir um pouco?

— Um pouco — digo, passeando os meus dedos pelo seu braço enquanto me aperta um pouco mais. — E você?

— Sim, um pouco também.

Quando nos deitamos já passava das cinco da manhã. Minha mente ainda estava fervilhando e peguei no sono quando o sol estava nascendo. É provável que não tenhamos dormido nem três horas, mas preciso me levantar e ir até o hospital para ver Hope. Talvez o cansaço cobre o seu preço mais tarde, porém, encontrá-la é em tudo o que posso pensar no momento.

— Precisamos ver a Hope. — Eu o lembro, sentindo o seu corpo ficar ligeiramente tenso sob o meu.

Agora ele sabe que ela é minha, mas não sua. É doloroso, eu sei. Infinitamente, eu diria. É esmagador encarar as circunstâncias em que Hope veio ao mundo. Como uma flor rara e perfumada nascendo em meio à sujeira, ao lixo. Eu não a amei em um primeiro instante, mas a amei quando eu não queria, porque o sentimento era maior que o meu próprio coração. Anseio que isso aconteça com River também. Na verdade, essa é a única maneira de ficarmos juntos; mas não quero pensar sobre isso agora.

— Tudo bem. — Ele me diz depois de um tempo, abrandando o seu aperto em mim.

Tomo a deixa e sento-me na cama. Esfregando o meu rosto, ainda sem olhar para ele. O dia parece ter nascido lindo, é o que posso deduzir através dos vidros na sacada. Isso me lembra que não importa quão intensa seja a tempestade, o dia amanhece; você querendo ou não. Inúmeras vezes eu não quis, mas a vida não me deu escolhas e hoje, tendo River ao meu lado na cama, agradeço por ter tido forças para não desistir quando era tudo o que queria fazer.

Estico o braço e recupero o meu celular sob o travesseiro. São nove e vinte da manhã e há duas ligações perdidas do meu pai e uma mensagem da minha mãe. Ignoro ambos, porque se pudesse mesmo escolher, ficaria semanas

sem falar com qualquer um dos dois.

River me puxa para ele quando vou colocar o celular sob o travesseiro mais uma vez. Rio baixinho, porque sua barba faz cocegas em meu pescoço. Giro o meu rosto até que nossos olhos se encontrem, o meu cabelo caindo em seu rosto, enquanto ele o afasta com carinho.

— Eu te amo — recito, então o beijo de forma suave.

— Também te amo. — Murmura, ainda brincando com o meu cabelo em seus dedos.

— Você se sente diferente sobre mim agora? — pergunto, sem me conter em externar a minha insegurança.

— Não necessariamente — balbucia com cuidado, desviando o olhar para o lado.

— Eu entenderia caso se sentisse — eu entenderia, ainda que esse seja um dos meus medos mais profundos.

— Eu não me sinto diferente, nem te amo menos — enfatiza, infiltrando os dedos pelo meu cabelo e trazendo o meu rosto ao seu. Seus olhos em mim mais uma vez. — Tampouco irei fugir de você, só preciso de um tempo para absorver tudo isso.

— Se você deixasse de me amar... — começo, mordendo o lábio por me sentir incapaz de terminar a sentença.

Se River deixasse de me amar seria como arrancar o meu coração do peito e decretar a minha sentença de morte. Mais uma vez. Eu continuaria vivendo, óbvio, como fiz durante esses anos de separação, só que estaria viva apenas no sentido literal.

— Não posso deixar de te amar. Isso não está acontecendo, Ella — diz com um sorriso que me conforta. — Não existe fórmula mágica ou poder sobrenatural que seja capaz de tornar isso possível.

— Ok. — A pequena palavra desliza dos meus lábios ao mesmo tempo em um grande sorriso ocupa o seu lugar.

River sempre soube dizer grandes coisas. Coisas que aquecem o meu coração e outras partes de mim. E dessa vez em especial, foi algo que me trouxe uma pontinha de paz.

Ainda sorrindo, beijo-o uma última vez e me levanto. Estamos com as mesmas roupas do dia anterior e sei que preciso de um banho. Para lavar as minhas lágrimas e todo o resto.

— Vou até o meu quarto e então te encontro aqui em vinte minutos. — River diz, vindo até mim e beijando a minha testa antes de caminhar em direção a porta.

— Tudo bem. — Assinto ao concordar. — Encontre-me na cozinha, eu farei o café.

— Estarei lá — ele aceita com um sorriso.

— River... — eu o chamo antes que possa sair totalmente do quarto. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Por não me odiar — respondo com timidez sussurrada.

Sinto-me tão insegura agora, como jamais me senti antes. Como se houvesse uma marca em minha testa que River irá enxergar para sempre e mesmo que ele me diga que está tudo bem, ainda estarei marcada aos seus olhos e sinto vergonha.

— Eu não posso te odiar, Ella — enfatiza, arqueando uma das sobrancelhas. — Já conversamos sobre isso.

— Então, obrigada por não enlouquecer. — Acrescento com rapidez.

— Eu meio que enlouqueci ontem e talvez eu ainda esteja enlouquecendo aqui. — Diz, apontando para a lateral da sua cabeça e para o seu peito, em seguida. — E aqui.

Sugo uma grande quantidade de ar e provavelmente meus olhos se

dilatem com suas palavras.

— Mas eu serei forte. — Recita diante do meu silêncio. — Assim como foi por mim.

— Eu tentei.

— Você conseguiu — assente antes de sair.

A porta fecha em suas costas e caio em minha cama, me esforçando para não ter um ataque de pânico. Leva alguns minutos para me autoconvencer que River me ama e realmente ficará ao meu lado. Talvez eu precise fazer isso muitas e muitas vezes.



Quarenta minutos depois, estamos a caminho do hospital. River dirige ao meu lado, com uma calma que não faz sentido. Mas ele também está mortalmente quieto e eu pagaria para saber quais são os seus pensamentos agora. A cada minuto eu quero lhe perguntar se ainda me ama, como se qualquer segundo fosse o suficiente para fazê-lo mudar de ideia e apagar os seus sentimentos por mim. Essa insegurança é um dos sentimentos mais terríveis que já provei, mas respiro e sorrio todas as vezes em que ele me olha.

Quando chegamos ao hospital, agarro o balão que comprei para Hope. É branco, com lindas estrelas azuis por toda a sua extensão e está escrito — *eu te amo* — em letras vermelhas. Sei que irá adorar, ela ama balões. Também lhe comprei um novo pônei de pelúcia. O seu está em farrapos, embora eu duvide que Hope irá trocá-lo por esse novo. Ela ficará com os dois. Nunca lhe compro presentes sem um motivo especial, mas é óbvio que a culpa vem me corroendo por dentro e essa é uma forma de aplacá-la. Pergunto-me se isso é claro para as outras pessoas também. Que eu me sinto mortalmente culpada por não ter protegido a minha filha o suficiente. *Minha filha...*

Carrego o pônei com um dos braços e seguro o balão do mesmo lado. Isso faz com que minha outra mão esteja livre e não demora para que River entrelace os seus dedos aos meus. Caminhamos pelo estacionamento ainda em silêncio, e passamos pela recepção que não nos é mais estranha. Essa manhã há outra atendente por trás do balcão e sorrio brevemente, enquanto passamos por

ela. O elevador não demora a chegar e agora que sabemos o caminho, encontramos o quarto de Hope em poucos minutos.

Minha mãe me espera do lado de fora, com o celular em mãos e uma expressão não muito feliz em seu rosto cansado. Ela não deveria estar chateada com o meu atraso, porque foi a pessoa que me expulsou do quarto quando nos vimos a última vez. Rezo para que meu pai já tenha voltado às suas atividades diárias, onde ele finge magistralmente que nós não existimos.

— Bom dia, mãe! — saúdo, parando a alguns centímetros dela. — Como Hope está?

— Agitada, ela não ficou feliz em acordar em um hospital e não ao seu lado na cama. — Conta, sem se preocupar em me cumprimentar e alternando o olhar entre River e mim. — Você deveria ter chegado mais cedo. Eu não disse às dez?

— Eu deveria ter ficado toda a madrugada. — Retruco, soltando a mão de River e mudando os presentes de Hope de braço para abrir a porta. — Você me mandou ir, mãe. Desculpe pelo atraso.

Eu não quero realmente me desculpar, mas parece o certo a dizer quando River está aqui e não anseio por uma briga com minha mãe agora. A minha mansidão foi a maneira mais simples de evitar conflitos ao longo dos anos e velhos hábitos são difíceis de serem esquecidos. Sem contar que esse não é o lugar para isso, mas nosso embate parece cada vez mais próximo. Posso sentir.

— Tudo bem, — ela diz em um murmúrio. — Vou para a casa e talvez não volto mais, a menos que precise; então me ligue e eu virei.

— Não se preocupe. — Replico, de forma baixa também. — Cuidarei de tudo.

Ela assente com um pequeno sorriso, talvez se dando conta do quão grossa foi na presença de River e recolhendo sua bolsa do banco, passa por mim.

— River — balbucia, ao passar por ele em seguida.

— Senhora Mitchell — ele diz, com um breve meneio.

Eu espero até que minha mãe entre no elevador e suma dos meus olhos, para olhar para River e suspirar.

— Sua mãe é um doce. — Ele alfineta, embora sua voz seja livre de qualquer conotação irônica. Mas minha mãe não foi um doce, muito menos comigo. — Eu não me lembrava disso.

— Ela piorou com o tempo. — Digo, exalando mais uma vez. — Mas isso não importa.

— Realmente importa, ao menos para mim. — Refuta, colocando a mão em minhas costas e me beijando de forma suave. — Não aceite ser tratada dessa forma. Você não merece isso.

— Está tudo bem — sorrio, retornado o seu beijo e abrindo a porta para fugir dessa conversa.

Entro no quarto e meus olhos se prendem a Hope de forma imediata. Sorrio, ao encontrá-la sentada na cama, os seus olhos fixos à pequena tevê no canto. Ela está tão plácida e concentrada, que não combina em nada com a descrição que minha mãe fez há pouco. Na verdade, Hope nunca faz birra. Ela demonstra o seu desagrado, isso é óbvio, mas jamais de forma exacerbada. Essa não é a sua natureza. Não foi a forma como a criei. Eu a eduquei para ser uma criança sincera, mas gentil. Não uma que chora e grita quando suas vontades não são feitas. Aliás, quão poucas vontades, Hope teve realizadas ao longo do tempo. Eu lhe ensinei bem a viver em um mundo onde a frustração se faz presente a cada dia. Sei que ao acordar em uma cama diferente e sem que eu estivesse ao seu lado, ela se sentiu assustada. Como qualquer outra criança faria e isto é tudo.

— Ella — Hope grita ao meu ver, o seu desenho animado deixado de lado com a minha presença.

— Oi... — murmuro com um sorriso que é metade euforia, metade tristeza. Não irei me acostumar com o seu gesso lilás, ainda que de certa forma ele a deixe um pouco mais fofa. O curativo estampado com corações vermelhos em sua testa também a deixa adorável. Mas será o constante lembrete da minha falha.

— Você chegou! — exclama, engatinhando sobre os lençóis e vindo até

mim. — Esse balão é meu?

— Sim, é seu. — Digo ao esticar o braço e lhe entregar a fita de cetim que segura o balão.

— Puxa, é legal — ela sorri. — Obrigada, Ella.

— De nada. Sabia que iria gostar.

Rio, ao me aproximar mais e tocar os seus cabelos macios. Beijo a sua testa, sobre o seu curativo e desejo que meus beijos e o meu amor sejam o suficiente para curá-la.

— Onde você estava? — pergunta com a cabeça em meu estômago, enquanto afago as suas costas e o balão paira ao nosso lado.

Esse seria um dos momentos mais difíceis de esconder de River a verdade sobre Hope. É libertador e assustador que agora eu não precise mais fingir para ele, embora ela ainda não saiba a verdade. Não faço ideia de como e quando lhe contar. Nunca quis que Hope soubesse que a nossa união vai além de laços fraternos, mas agora eu quero e isso é apavorante sobre todos os outros sentimentos.

— Estava em casa, mas já estive aqui mais cedo — conto, segurando o seu rosto e encontrando os seus olhos castanhos. — O que você fez, Hope?

— *Hummm* — suspira, mordendo os lábios e pensando. É neste momento em que seus pequenos e brilhantes olhos encontram o pônei em meu braço. — Isso é meu também?

— *Hummm* — eu a imito, mordendo os lábios também. — Não sei, você quer?

— Claro! — responde eufórica e vejo que seus dedinhos coçam para segurarem o pônei, mas Hope não o rouba de mim; apenas me observa.

— Ele é seu, óbvio que é — uso o nariz do pônei para tocar o seu e fazê-la rir. — Agora me conte o que aconteceu.

Seu braço saudável circula o brinquedo e ela leva o seu tempo para fitar cada detalhe dele. Olho para River encostado ao lado da porta, as mãos nos bolsos e um pé sobre o outro. Mas uma vez desejo ter o dom de ler seus pensamentos, porque o seu olhar, ainda que carinhoso; não me dá sinal algum.

— Oi, River. — Hope diz com animação, quando o nota no quarto.

— Oi, Hope — ele devolve, com um sorriso gentil. — Está se sentindo bem?

— Sim, só quero tirar isso do meu braço. — Seus dedos se arrastam pelo gesso e seu olhar volta ao meu rosto novamente. — Quando isso saí, Ella?

— Em três semanas. — Conto, sentando ao seu lado. — Seu braço está machucado, então precisa de um tempo para curar.

— Tudo isso? — pergunta com a testa franzida.

— Tudo isso. — Enfatizo. — Você caiu da escada, Hope. Isso é sério.

— Eu tropecei — diz, olhando para o seu colo com vergonha.

— Tudo bem, mas por que não estava no quarto? — questiono mais uma vez, enquanto ela se arrasta para o meu colo e senta-se de frente para mim.

— Eu acordei e você não estava lá, Ella — conta, enrolando uma mecha do meu cabelo e olhando para a minha garganta e não para mim.

Vejo a sua fragilidade nesse pequeno gesto. Eu sempre estive lá quando ela acordou durante à noite. Sou a sua única constância, a sua única certeza. Essa é uma imensa responsabilidade e por esse motivo, ter falhado me custa tanta culpa.

— Então você saiu para me procurar? — sondo, tocando o seu queixo e buscando o seu olhar.

— Sim, eu descii as escadas, mas ouvi um barulho na cozinha. — Ela ri, mas há uma nota de temor muito perceptível em seu tom. — Fiquei com medo e tropecei na escada.

— Sinto muito — sussurro, tocando o seu curativo. — Sinto muito por ter lhe deixado sozinha.

— Tudo bem — ela sorri e me abraça, então murmura em meu ouvido. — Você nunca mais vai me deixar, não é?

— Não, não irei — prometo, ao dizer baixinho em seu ouvido.

O seu sossego dura cinco segundos, então ela foge do meu abraço e volta a se sentar na cama. O põnei em seu braço, o balão entre os dedos e os olhos brilhantes para a tevê. River e eu trocamos um sorriso e meu coração se torna mais leve.

— Essa tevê é legal. — Hope diz. — Mas eu quero ir para casa.

Providencialmente, a porta se abre e o ortopedista da madrugada, entra. Hope estala os olhos para ele, um tanto encantada e preocupada. Ele lhe sorri, antes de folhear os papéis em sua prancheta e dizer:

— Parece que tem alguém querendo ir para casa. Quem será?

— Sou eu — Hope responde com timidez, levanto dois dedos de sua mão engessada.

— Foi o que pensei — o médico replica em tom jocoso. — Você está com sorte, menininha, porque estou te dando alta agora.

— O que é alta? — ela me pergunta em um cochicho.

— Quando estamos doentes no hospital, só podemos ir embora se o médico decidir; então ele nos dá alta.

— Ah... — a sua boca se abre, deslumbrada. Como se essa explicação fosse a mais valiosa das lições. Eu só espero que Hope não visite um hospital tão cedo.

— Está tudo bem com ela, doutor? — River questiona, quando estou prestes a fazer a mesma pergunta.

— Perfeita, a fratura irá calcificar em três semanas, certamente. E a tomografia mostrou que não houve dano algum, além dos pequenos pontos em sua testa. — Ele me diz, assinando o prontuário e me estendendo uma receita. — Foi apenas um susto, como eu disse ontem. Mas receitei algo para a dor, caso precisem.

— Obrigada — agradeço, aceitando a pequena folha de papel.

— Boa sorte, Hope. — O médico lhe diz, erguendo uma das mãos e deixando os dedos abertos para que Hope coloque a sua mão, em um cumprimento que a faz rir.

— Obrigado, doutor — River agradece também, enquanto o médico passa por ele e deixa o quarto.

— Vamos para casa? — pergunto a Hope, olhando ao redor em busca de suas coisas.

Há uma pequena mochila sobre a poltrona ao lado da cama. Eu a vasculho e encontro uma troca de roupas para ela. A ajudo a se vestir, enquanto River mexe em seu celular. Quando tudo está pronto, penteio seus cabelos com os dedos e faço uma trança simples. É o máximo que consigo, por ora e acredito que esteja muito bom.

Desço Hope da cama hospitalar, alta demais para o seu tamanho, e ela calça os seus chinelos. Tudo isso sem nunca soltar o seu balão. Ela definitivamente gostou dele e será uma lástima quando ele murchar. River abre a porta para nós e caminho de mãos dadas com Hope até o elevador. Ela parece deslumbrada com a nossa rápida descida ao térreo. Assim que o elevador se abre, a sua mão se desprende da minha e ela caminha um pouco à frente.

Espero por River e seguro sua mão, enquanto ambos mantemos nosso controle sobre Hope logo adiante.

— Em que está pensando? — eu lhe pergunto, baixo o suficiente para que apenas ele ouça. — Está tão quieto desde que saímos da pousada.

— Estava só observando vocês duas. — Ele me diz, com um sorriso carinhoso.

— E o que mais? — insisto, porque sei que há algo mais e meu coração acelera com as muitas possibilidades.

Andamos pelo estacionamento sem que River responda a minha pergunta. No instante em que paramos ao lado de sua pick-up, é dele a iniciativa de colocar Hope em seu assento. Eu espero, até que ele feche a porta e me encare mais uma vez.

— E o que mais, River? — demando, quase em pânico. Quem diria que eu ainda me sentiria dessa forma, mesmo depois de lhe contar tudo.

— E se Hope for minha também? — questiona, enquanto segura minhas mãos. — E se ela for nossa?

— River... — balbucio, incerta. Não há essa possibilidade e isso me dilacera.

— Vamos descobrir isso, eu quero fazer um exame de DNA.

Aperto os olhos e suspiro, então solto as suas mãos e entro no carro. River se junta a nós, depois de ficar confuso por alguns instantes. Ele liga o carro enquanto me encara e exige silenciosamente uma resposta minha e eu lhe dou.

— Eu não quero um exame, River.



Vinte e Seis

Fecho a porta de casa, sabendo que deixei River na calçada, sob a chuva forte e repleto de perguntas que nunca terão uma resposta. Eu simplesmente o mandei embora de Beaufort sem mim, mas não haviam escolhas. Esse caminho era o único, ainda que seja a direção em que terei o meu coração despedaçado mil vezes. Vez após outra.

Amparo-me à porta e choro, eu simplesmente não posso parar. Estou encharcada. Minhas roupas e cabelos molhados deixam uma poça sob os meus pés e certamente estragarão o linóleo impecável. Eu deveria subir, mas pareço incapaz de me arrastar pelas escadas enquanto morro de forma lenta. Pode parecer impossível, contudo, sinto o meu coração partir no peito e posso ouvir o tilintar dos pequenos pedaços que ocupam o lugar de um coração que um dia já foi inteiro.

Esse é o exato instante em que minha vida se estagna no tempo e perco todas as chances de um futuro, de um amanhã feliz. Não me restou mais nada. Sem River não há mais razão alguma para crer na felicidade, no amor e alimentar tolas esperanças.

— Ella — meu pai me chama do topo da escada. — É você?

Todas as luzes estão apagadas e sua silhueta parece assustadora. É provável que eu também me assemelhe à uma assombração na porta. Toda essa noite não passa de um filme de terror assombroso.

— Ella — ele murmura mais uma vez, descendo dois degraus e apertando o cinto do seu roupão aveludado.

Abro a boca e tudo o que saí dela é um gemido triste e um soluço desolado. Cubro os lábios com ambas as mãos e tento controlar meu choro. Soo como alguém que se feriu fisicamente. Alguém que está agonizando em miséria e dor. E realmente estou. Estou tão ferida.

— Ella.

— Sou eu, pai — sussurro com fraqueza. — Está tudo bem!

Minhas palavras não são convincentes, como seriam? Essa é uma das maiores mentiras que já contei. Não estou bem e não ficarei bem em nenhum momento a partir de hoje.

Meu pai desce os degraus restantes, sem pressa e um tanto raivoso. Eu não me importo. Ele não sabe, mas ninguém mais pode me magoar da forma com que eu mesma me magoei.

— O que você está fazendo, menina? — pergunta, parando logo à minha frente e acendo as luzes do hall da sala.

A claridade repentina fere os meus olhos e me encolho um pouco mais. Já estou curvada além do que consigo, como se fosse me encolher até deixar de existir.

— Você está bêbada? — demanda em um guincho.

— Não. — Respondo com um soluço.

— Por que está molhada assim? Por que está chorando na porta, a uma hora dessas?

Quero tapar os meus ouvidos e parar o seu questionamento. Ou gritar em seu rosto e impedi-lo de falar mais.

— Eu estou bem. — Digo de forma pausada.

— Você parece um desastre — refuta, em uma exalação longa. — Como pode estar bem?

— Eu estou — afirmo, tentando ficar ereta e ir para o meu quarto. Isso leva mais tempo que o normal e percebo que pareço mesmo estar embriagada.

Meu pai agarra o meu braço e não me deixa seguir até a escada, como é o meu desejo. Ele sacode o meu corpo, ou talvez apenas esteja me colocando em pé. Escorrego na água que meus passos deixam no piso.

— O que aconteceu, Ella?

Puxo o cabelo para longe do meu rosto e faço algo que surpreende até a mim mesma; rio. Começo a gargalhar no rosto do meu pai. Tenho a sensação de ter saído do meu corpo e estar observando a cena à distância e não entender absolutamente nada.

— Você bebeu, Ella? — ele volta a perguntar, encostando o rosto ao meu e tentando cheirar o meu hálito. — Não acredito que teve coragem de aparecer aqui desse jeito. Que vergonha!

— Não estou bêbada. — Digo, ainda rindo.

— Está drogada então?

— Não... — a palavra saí em uma bolha de riso, mas há uma nota de choque também. Será que ele pensa tão pouco de mim?

Ele sacode a cabeça em desaprovação, o seu aperto ainda forte em meu braço. Olho para o chão e meu riso morre aos poucos, como uma música chegando ao seu final.

— River foi embora — recito com tristeza.

— Para onde? — a sua pergunta me surpreende. Levanto os meus olhos e foco em seu rosto.

— Para a Georgia, ele alugou um apartamento lá.

— Ele não quis te levar junto? — sonda, comprimindo os olhos e me analisando.

— Quis, claro que quis — respondo com firmeza.

— Eu sabia que estava tramando algo pelas minhas costas.

— Mas eu ainda estou aqui, papai. — Sussurro, mas a forma petulante como digo isso, soa mais ofensiva que um grito.

— Sim, está — concorda, soltando o meu braço. — Suba, você está de castigo também.

— Vai mesmo fazer isso? — pergunto enquanto dou risada, o engraçado é que ao mesmo tempo estou chorando. Claramente não me sinto equilibrada emocionalmente. — River não está mais na cidade, pai.

— Isso não importa.

— Também não me importo em ficar de castigo.

— Você deveria se importar, porque ficará presa nessa casa até ir para a faculdade, daqui a alguns meses.

— Eu não vou para a faculdade — refuto, em um tom nada brando.

— Como assim, não vai? — questiona ao se aproximar, nada feliz.

Dou dois passos para trás e limpo o meu rosto.

— Eu não vou, não quero ir para a faculdade... não quero ir para lugar algum, então me tranque aqui e jogue as chaves fora. — Piso no primeiro degrau da escada e olho para ele. — Sinceramente, pai, é um favor que me faria.

— Você não era assim, Ella — ele ri, sem humor, balançando a cabeça em descrença e repúdio. — Claro que vai para a faculdade, você tem notas ótimas e pode ser uma advogada brilhante um dia.

— E quem lhe disse que é isso que quero? — grito o bastante para acordar ao menos parte da vizinhança. — Você nunca me perguntou o que eu queria. Nunca se sentou comigo e teve uma conversa amigável, amistosa. Só demandou, exigiu, delegou e escolheu por mim por todos esses anos.

— Sou um bom pai. Você tem uma vida de ouro, protegida e feliz.

— Protegida? — rio, subindo mais um degrau. — Feliz?

— Sim, exatamente — refuta, ocupando o meu lado na escada. — E irá para a faculdade, querendo ou não.

Corro pelo restante dos degraus e seguro a maçaneta da porta do meu quarto. Meu pai vem logo atrás, nada satisfeito com toda a minha rebeldia inesperada.

— Você me ouviu, Ella? — exige, caminhando até o seu quarto. — E nunca mais quero vê-la desse jeito.

— Vá para o inferno! — sussurro, abrindo a porta e entrando no meu quarto.

Meu pai me dá as costas, ainda que por um segundo eu tenha achado que ele viria me sacudir, ou me bater. Quando me vejo sozinha, tranco a porta e corro para o banheiro. Tiro minhas roupas e entro no chuveiro, chorando copiosamente. A chuva lá fora ainda caí como um lembrete da minha desolação. Não posso contar com meus pais. River não está mais aqui e eu sou apenas uma garota ferida e sozinha... tão sozinha.



River não nos leva para a casa e no fundo, acho que sou grata por isso.

Eu não me sinto mais tão em casa, talvez nunca tenha me sentido de fato. Ele passa em um *drive-thru* e compra alguns hambúrgueres, além de um milk-shake de chocolate — tão grande — que faz Hope suspirar como se tivesse chegado às portas do céu. Desejo ter a mesma facilidade em me sentir feliz como ela tem. Quando River lhe entregou um saquinho com os cookies que lhe comprou para a sobremesa, os seus olhos brilharam como se recebesse moedas de ouro e não biscoitos. Foi adorável, mas também trouxe uma pontada de tristeza ao meu coração.

Ele parece tratá-la com cuidado, gentileza e amor por pensar que ela pode sua. Mas, se ele tiver certeza que ela realmente não é, como irá tratá-la a partir disso? E como viverei em meio à tempestade que nossas vidas podem se tornar quando um exame de DNA roubar todas as dúvidas e transformá-las em certezas?

É insano — eu sei — que não queira um exame, quando passei cinco anos tendo garantia da paternidade. Mas não quero olhar para um papel, dia após dia, e aumentar o meu tormento. Não quero uma comprovação para me fazer sofrer ainda mais. Porém, River quer ter certeza e como poderei negar a ele algo tão importante? Sim, estamos longe do nosso final feliz. Não que em algum momento tenha julgado que estivéssemos perto, só não imaginava essa pedra em nosso caminho agora. Como fui tola, eu deveria ter deduzido que seria exatamente assim.

River só me dirigiu o olhar no instante em que parou no *drive-thru* e me perguntou o que eu queria comer. Imagino que esteja deixando a nossa discussão para mais tarde, quando Hope não estiver por perto, porque o desagrado com a minha negativa está evidente em seu olhar e seus gestos para mim.

Suspiro, no momento em que ele estaciona no parque da cidade. É uma grande área aberta, com bancos de madeira marrom, canteiros de margaridas e um imenso lago no centro. Trouxe Hope uma vez aqui, quando tinha três anos e ela demorou quinze minutos para correr ao redor do lago. Pergunto-me se ela se lembra disso, provavelmente não. Será que ela se lembra de tudo o que já vivemos até hoje e de como chegamos a exatamente esse ponto? Porque eu seria incapaz de esquecer cada segundo.

— Ei, eu conheço esse lugar — Hope exclama, colando o rosto ao vidro do carro. Seu gesso bate na janela quando faz isso, irá demorar um bom tempo até que se acostume com ele.

— Conhece? — River pergunta, lhe sorrindo pelo retrovisor.

— Uma vez eu corri muito por aqui. — Ela conta, tentando se desvencilhar do seu cinto. — Por que não fizemos mais, Ella?

— Eu não sei — rio, surpresa por ela realmente se lembrar desse dia. — Falta de tempo, acho.

— Eu quero correr hoje — diz com alegria vibrante.

— Você acabou de sair do hospital — River a lembra ao sair do carro.

— Posso correr devagar. — Ela ri com sua própria ideia.

Observo em meu assento, enquanto River contorna o carro e a ajuda com seu cinto. Então ele recolhe os sacos do *drive-thru* e fecha a porta. Hope já está correndo na frente, em busca de um lugar sob uma, das muitas árvores espalhadas pelo parque.

— Você não vem? — River me pergunta, sendo gentil em abrir a porta para mim.

Percebo que sequer soltei o meu cinto e o faço sem pressa, olhando para as minhas mãos em movimentos lentos. Então volto a encará-lo e pergunto, repleta de inseguranças:

— Está bravo comigo?

— E por que eu estaria? — arqueia as sobrancelhas, como se me desafiasse a dizer o motivo.

— Não sei... — encolho os ombros, batendo os dedos no banco. — Nossa conversa no estacionamento do hospital.

Ele exala, mas não diz nada. Soltando a porta do carro, que até pouco segurava, ele anda para longe de mim. Não acho realmente que esteja me dando as costas, mas sim me convidando a sair do carro e é o que faço. Ando alguns passos atrás, mas posso claramente ouvi-lo dizer.

— Eu não te entendo sabia? E preciso dizer que tento arduamente, mas você parece um quebra-cabeças impossível de se montar. — Ele para quando

estamos mais perto de Hope e se vira para mim. — Juro que acreditei que tudo o que precisava seria saber a verdade e lidar com ela. Eu estava errado, não é? Ainda iremos brigar por uma infinidade de coisas.

— Não precisamos brigar realmente, River. — Respiro, por não saber mais o que dizer.

— Realmente, Ella? — ele replica, nada feliz.

Umedeço os meus lábios, olhando para a grama sob os meus pés e um exalar desanimado me escapa.

— Não quero brigar com você — digo, olhando o horizonte.

— Às vezes não temos escolha e brigar por algo é a única opção que nos resta.

O encaro e encontro os seus olhos tempestivos. É incrível como ele pode se manter calmo em seu exterior, mas não consiga esconder isso em seu olhar. Está tudo lá, direcionado a mim, óbvio. E eu sinto-me um fracasso, definitivamente, por lhe causar toda essa frustração. Busco as palavras que possam lhe trazer alguma calma, mas elas me faltam. Sem que eu possa dizer algo, Hope corre até nós mais uma vez.

— Você viu aqueles patinhos, Ella? — pergunta, segurando a minha mão e já me arrastando até os patos no grande lago.

— Eu não havia visto ainda. — Digo, depois de engolir o caroço em minha garganta. — Eles são lindos, não são?

— Muito — concorda com animação. — Podemos ter patinhos em nosso lago também?

Sorrio, por ser tão previsível que esse fosse o seu próximo pedido.

— Quem sabe, mas não agora. — Respondo, segurando os seus ombros e levando-a até onde River está.

Como posso lhe prometer patinhos em nosso lago, se sequer sei qual será

o nosso destino? Sinto que um milhão de coisas aconteceram em minha vida desde o retorno de River e que vivi centenas de dias e não somente alguns. E não existe sentindo em mais nada, que não seja construir uma vida ao seu lado.

Hope e eu sentamos lado a lado sob a árvore de folhagem extensa, escolhida por ela. River senta próximo a mim, mas não tão próximo assim. Comemos em silêncio, enquanto Hope fala por nós dois. Ela está tão feliz com o seu balão, um novo pônei, hambúrgueres e milk-shake, — além de patinhos no lago — que mal posso acreditar que na noite anterior ela esteve em uma cama de hospital. Preciso interrompê-la muitas vezes e lembrá-la de comer o seu hambúrguer.

River apenas ri e responde quando solicitado. Ter uma criança em sua vida parece novo para ele. Será que quer isso para sempre? Uma menininha falante no café da manhã e no jantar. Uma que irá mudar os canais da tevê e acordar no meio da noite querendo dormir conosco. Alguém que irá nos amar incondicionalmente e encher nossas vidas de alegrias, mas de preocupações também. Porque é isso o que Hope faz, só que você não consegue deixar de amá-la dia após dia; não consegue.

Quando ela termina de comer, corre até a beirada do lago com o seu saquinho de cookies em mãos e sei que irá alimentar os patos. River amarrou o seu balão em seu pônei e foi o único jeito de fazer com que ela o soltasse. Eu a observo à distância, com um sorriso no rosto, enquanto minha mente ferve de incertezas.

River se aproxima e ocupa o lugar de Hope ao meu lado. O seu ombro acima do meu e tudo o que eu quero é encostar minha cabeça nele e fechar os olhos.

— Não estou bravo. — Diz, puxando a minha mão e entrelaçando a sua. Ergo o meu rosto para fitá-lo. — E que às vezes, você é decepcionante, Ella.

— Sei disso. — Aceito, sem tentar me defender. Consigo decepcionar a mim mesma, essa é uma arte aprimorada através dos anos. — Você simplesmente não seria capaz de entender como me sinto sobre determinadas coisas e talvez eu não possa explicar também.

— Tente ao menos, eu realmente preciso disso.

— Tentarei... — sussurro.

Ele sorri, mas não de uma forma que chega até seus olhos. Retribuo o seu

sorriso da mesma forma, hesitante e superficial.

— Estou voltando para a Flórida em cinco dias — diz em seguida.

— Sim? — a pergunta saí estrangulada com a falta de ar repentina que sinto. — Tão pouco tempo?

— Sim — confirma com um meneio. — Você vem comigo? Você e Hope?

— Achei que fosse ficar mais?

— Eu não posso. — Ele parece lamentar, mas sua resposta é firme. — Você vem?

Penso por um segundo, assim eu espero, porque não quero parecer indecisa ao responder. Mas droga, eu imaginei que teríamos mais tempo. Tem tanta coisa que preciso ajeitar antes de seguir River e algo me diz que meus pais não tornarão a minha vida nada fácil.

— Eu irei — digo, concentrando o meu olhar brevemente em Hope no lago. — Mas eu preciso de algum tempo, River. Cinco dias não irão bastar.

— Eu deveria supor, não é? — ironiza, com uma risada ao final da frase. — Tempo para que, Ella?

— Meus pais... — começo, mas preciso tossir para limpar a garganta e permitir que as palavras passem por ela. De repente me sinto tão ansiosa. — Meus pais possuem a guarda de Hope.

— Eles são os pais legítimos? — questiona, surpreso. — Quer dizer, de forma legal?

— Eu abri mão da guarda. — Sussurro, ainda que ela não possa nos ouvir. — Deixei que eles a adotassem.

— Então, para tudo o que realmente interessa, ela é apenas a sua irmã.

— Isso — assinto com tristeza. — Embora, no sentido literal e moral eu

seja a sua única mãe; não possuo direitos legais sobre ela.

— Seu pai não te deixará levá-la — exaspera, arrastando a mão livre pelo cabelo. — Não de forma fácil.

— Não, ele não deixará.

— Mas não por amar Hope e não querer perdê-la...

— Não, isso é tudo por mim. — Admito com uma pontada em meu coração. — Mas, se for da minha vontade, posso contestar a adoção.

— E é da sua vontade? — ele me examina, apreensivo.

— Nunca foi, para ser totalmente sincera. — Confesso, mesmo que isso pareça horrível. — Ainda que algumas vezes tenha pensado em contar à Hope quando ela crescesse, nunca pensei em contestar a adoção.

Um pedaço de papel pode dizer o contrário, mas a verdade sempre foi cristalina como a água; sou a única mãe que Hope conheceu. Ela poderia ser mesmo minha irmã e ainda seria minha filha, porque fui a pessoa a estar ao seu lado desde o início. Meus pais nunca se preocuparam em fingir que era diferente.

— Temos grande problemas aqui. — River diz, arrastando o polegar sobre o meu pulso. — Você não pode viajar com Hope para outro estado sem a autorização dos seus pais.

— Seria sequestro. — Observo, com um exalar quase sofrível.

— E você não irá sem ela também.

— Seria a coisa mais cruel que eu poderia fazer, River. Hope precisa de mim, sabe disso. Eu a deixei por duas noites e ela tem um braço quebrado e pontos na testa.

— Sem contar o apego emocional — ele completa e eu assinto. — Você é sua mãe no sentido que mais importa.

— Sim, eu sou.

— Como resolvemos isso então? — pergunta, soltando a mão da minha e ficando em pé.

Como resolvemos? Deus, eu terei que confrontar o meu pai. Não é algo para o qual esteja preparada, mas quero ir com River. Quero dar a Hope o direito de ter uma família de verdade e uma vida normal, que toda a garotinha de sua idade merece ter. E eu terei que lutar por isso, não há outra opção.

— Falarei com meu pai — digo por fim, tocando suavemente as suas costas após me levantar também. — Eu falarei com ele sobre a adoção e toda parte legal.

A minha resposta faz com que ele gire o pescoço e me encare sobre os ombros. Minha mão desliza por sua cintura e para em sua barriga. Seus dedos caminham lentamente até encontrarem os meus e se entrelaçarem um a um.

— Posso fazer isso por você. — Oferece e me causa surpresa. Mas River e meu pai se odeiam. Seria desastroso, para dizer o mínimo.

— Eu faço isso.

— Dá para ver em seus olhos que essa é a última coisa que quer fazer.

Ele sabe me ler tão bem. Sorrio, porque agora não preciso me esforçar em esconder minhas emoções de River. Pela primeira vez percebo o quanto libertador é.

— Sinceramente, não é algo que queira mesmo. — Concordo, encolhendo instintivamente os ombros. — Meu pai é uma pessoa complicada...

— Eu não usaria um adjetivo tão bonito. — Interrompe-me ao rir.

— Sei que ele parece ruim. — Isso o faz rir um pouco mais. — É sério, River, nós passamos por muita coisa e foi difícil para eles também.

— A pior parte ficou com você, Ella. Eu não preciso ter estado lá para saber e também sei que seu pai te coagiu para tomar as decisões que tomou.

— Ele não me coagiu — digo, fechando os olhos. — Eu estava com medo e perdida. Ele me deu opções.

— Desculpe dizer — sussurra, ao segurar meu rosto. O seu corpo em frente ao meu agora. — Ele não pensou em você, Ella... não pensou em nenhum momento.

— Você está certo. — Admito, porque seria tolice contradizê-lo. — E eu aceitei tudo porque não sabia o que fazer.

— Você era muito jovem e estava sozinha, seus pais deveriam tê-la apoiado incondicionalmente. Ao invés disso, eles roubaram sua filha e te prenderam àquele lugar.

— Eu não a queria, no início, você sabe... — murmuro, enquanto vejo Hope rir e jogar as migalhas dos seus biscoitos para os patos. — Mas então, eu realmente não tinha certeza do que fazer e tive um medo gigantesco de me arrepender. Acho que um aborto teria me quebrado ainda mais.

— Eu sinto muito que tenha passado por tudo isso. Realmente sinto. — Recita, colando a testa a minha. — Hope é uma linda criança e você é uma mulher corajosa e forte. E nós iremos deixar tudo isso no passado e escreveremos uma nova história, dessa vez, linda e feliz.

— Diz isso porque acha que Hope pode mesmo ser sua? — pergunto com medo. — Você só quer seguir em frente por haver essa possibilidade?

A possibilidade é ínfima, eu deveria acrescentar. Se acreditasse em milagres, me apegaria a mínima porcentagem que pode existir a respeito disso. Mas eu deixei de acreditar há algum tempo.

— Também, mas...

— Mas se ela não for, você ainda nos quer do mesmo jeito? — acrescento, repleta de dúvidas e desespero.

— Sim, eu quero. — Sua resposta parece firme e concisa, mas percebo a fragilidade ali e em seus olhos também. E eu tenho medo justamente disso. — Claro que a quero. Eu quero vocês duas!

Sorrio de forma suave e aceito o seu beijo, tão suave quanto o meu sorriso. Seus braços me apertam, porém. Um abraço muito necessário no momento. Hope ri ao nosso redor, correndo com ao menos cinco patinhos atrás dela. Se eles não fossem tão agitados, aposto que ela teria escondido um deles no bolso do seu vestido. É melhor eu ficar atenta quanto a isso.

Ela ri quando nossos olhos se encontram sobre o ombro de River. *Eu a amo tanto*. Foi tão difícil chegar até aqui, mas Deus sabe que valeu a pena e seu sorriso quase me faz acreditar em milagres. Quem sabe eles realmente existam? Quem sabe...



Vinte e Sete

Faz três semanas que River foi embora de Beaufort. Os piores dias da minha existência até hoje. Estaria mentindo, se parte de mim não desejasse que ele não fosse. Que ele percebesse que havia algo muito errado e viesse me resgatar. Mas ele não voltou, não enviou mensagens ou telefonou. Minha outra parte sabe que foi o melhor. Infelizmente, minhas metades não conseguem convencer uma a outra.

Faltam dois meses para a minha formatura e não piso na escola há séculos. Meu pai está soltando fogo pela casa, parecendo um dragão de três cabeças, louco para me chameuscar; mas nada pode me fazer mudar de ideia. Estou apática, quebrada de todas as formas e sem perspectivas e estudar não é uma das minhas preocupações. Definitivamente, não.

O feto em meu útero tem oito semanas agora. Na maior parte do tempo eu me esqueço que ele está aqui, juro que esqueço. Então me lembro que preciso fazer algo a respeito, porque ele irá crescer, eu querendo ou não. Não sei realmente o que quero e anseio para que alguém me diga o que devo fazer, mas quem? Não há ninguém vindo em meu socorro, essa é uma ilusão que não deve ser alimentada.

— O que você está fazendo? — minha mãe me pergunta, entrando em meu quarto sem bater.

Meu pai roubou minhas chaves e escondeu objetos cortantes com as quais pudesse me machucar. Ele acha que estou louca, talvez até possuída por algum espírito. Não me surpreenderia se ele trouxesse um exorcista para casa.

Levanto os meus olhos do meu notebook e o fecho vagarosamente, antes de fixar o meu olhar em minha mãe.

— Pode me emprestar o seu carro? — questiono, ao invés de responder a sua pergunta.

— Ella, sabe que seu pai ficaria bravo.

— Eu sei, mas ele não precisa saber, precisa? — pergunto com esperança. Ela não pode enxergar o desespero em meu olhar?

— Eu não posso, Ella — diz, o ar em seus pulmões sendo exalando bem lentamente.

— Ok...

Volto a abrir o meu computador e me concentro na tela, deixando claro que não há mais nada a ser dito aqui.

— Se eu fizesse isso, seu pai ficaria possesso. — Acrescenta, sem se importar com a minha dispensa. — Nossa vida parece um pesadelo nas últimas semanas. Vai me contar o que está acontecendo?

Mantenho o meu olhar longe e meus lábios se apertam, selando o meu silêncio. Jamais saberia como iniciar essa conversa e contar, a quem quer que fosse, o pesadelo que a minha vida se transformou.

— Eu sinto que algo ruim aconteceu. — Ela continua. — Por que você não me conta?

Porque você não entenderia. Porque nada disso pode ser resolvido com uma simples conversa. Porque apesar de ser minha mãe, não confio em você.

— Ella, não se comporte como se tivesse cinco anos. Estou falando com você.

— Não quero conversar, mãe. — Sussurro, arrastando o meu mouse pela cama desfeita. Estou com o mesmo pijama há dois dias e entendo perfeitamente que meus pais pensem que enlouqueci.

— Teremos que conversar, você querendo ou não. Todo esse comportamento não é apenas pelo River. — Exaspera, ao sentar em minha cama, à frente do computador. Sua mão vem ao meu rosto e me obrigada a levantar a cabeça. — Está me ouvindo?

— Que diferença faz? Não há nada a ser falado.

Sua mão abrandando o seu aperto lentamente, até me deixar ir. Volto o meu olhar para o meu computador.

— O que está vendo?

— Nada. — Respondo, movendo o mouse para fechar a página em que estou.

Não sou tão rápida, infelizmente. Talvez toda a tristeza, má alimenta e descuido comigo mesma, tenham me deixado letárgica. Minha mãe gira o computador para si, antes que possa impedi-la. Seus olhos mudam de cor e tamanho, enquanto ela lê tudo o que está lá. Entendo totalmente o seu choque e como o seu rosto endurece diante de mim. O tempo passa tão vagarosamente quanto possível. Imagino que ela precise reler várias vezes a mesma frase, até se dar conta da realidade: sim, eu estou grávida.

— Isso... — ela gagueja, apontando para a tela do computador. — O que é isso?

— Clínicas de aborto — sussurro de volta. Sinto-me péssima por dizer isso em voz alta. Por ter me tornado essa pessoa, mas me sinto tão perdida. Não sei mais qual direção tomar. Não sei mesmo se existe uma direção para mim.

— Você está grávida? — ela pergunta em um cochicho quase inaudível.

— Sim. — Respondo praticamente da mesma forma. — Eu estou.

— Quanto... — começa, mas precisa engolir, provavelmente, o nó em sua garganta. — Quanto tempo?

— Oito semanas, não sei ao certo, mas é algo assim.

— Agora tudo faz sentido.

— O que faz sentido? — desespero-me ao perguntar.

Ela se levanta e anda pelo quarto, parece estar analisando algo, como um cálculo matemático. Levanto-me também e caminho até ela, puxando o seu braço e cobrando sua atenção.

— O que faz sentido, mãe?

— River ter ido embora. — Me diz, ao mesmo tempo em que nego com a cabeça. — Vocês são jovens, ele é jovem. Um bebê atrapalharia tudo.

— Não — nego de forma verbal agora, afastando-me. — Não foi isso, mãe.

— Como não?

— Esse bebê não é do River.

— Como não? — repete, em choque.

— Não é... — Sacudo a cabeça, mordendo os lábios para conter o choro que já quer ser liberto. — Ele nem mesmo sabe sobre isso.

— Achei que amasse o River.

— E eu o amo, meu Deus, eu o amo tanto. Você nem mesmo faz ideia.

— Então, nada disso faz sentido. — Exclama, enquanto uma das mãos vai até sua boca e ela por fim, murmura. — De quem é esse bebê, Ella?

Fecho os olhos e me amparo aos travesseiros em minha cama. A sua pergunta trouxe desespero ao meu coração, portanto era necessário que eu voltasse a me sentar. Minhas pernas fraquejam com a minha falta de coragem, esse é o primeiro sinal. Não esperava esse confronto tão cedo. Minha mãe descobrindo sobre a gravidez, antes que eu saiba o que quero fazer. Ou mesmo ela descobrindo sobre todo o resto, antes que eu esteja preparada para lhe contar. Para contar a alguém.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Ella — ela demanda. — De quem é esse bebê?

— Eu acho que é do Mason. — Sussurro, tão feliz quanto se dissesse que é do diabo. Algo que não creio que faça tanta diferença.

— Mason? — pergunta, em absoluto choque. — Mason é irmão do River. Ou estamos falando de outra pessoa?

— Não, não estamos. — Digo, com mais coragem do que achei que fosse capaz. — É a mesma pessoa.

— Ella, isso é tão errado — o tom de reprovação em sua voz me embrulha o estômago. — Você e Mason... River e você... como foi que isso aconteceu?

Então se faz claro como a água o que ela deduziu de mim. Uma traidora inconsequente, que saiu pulando de cama em cama na casa dos Lewis. A vergonha é muito visível em seu olhar também, enquanto ela me diz de forma silenciosa: Como pôde, Ella? Eu te ensinei melhor que isso.

Engulo a bile que seu olhar e suas deduções me causam. Eu não sou culpada, não sou.

— Não me olhe assim, por favor! — peço, ao cobrir os olhos com as mãos.

— Está envergonhada agora? — ela debocha com escárnio. — Deveria ter pensando antes, seu pai ficará tão desapontado.

— Que se dane o meu pai...

— Não fale assim — ela me avisa, reduzindo o tom de voz.

— Sim, que se dane o meu pai. — Repito com mais força, as minhas mãos longe do meu rosto. — Ele não se importa com mais ninguém, além dele mesmo. Então que se dane!

Eu não prevejo o tapa em meu rosto. Para ser sincera, se alguém me perguntar, direi que nem mesmo notei a sua mão em minha direção. Só sinto o queimar em minha bochecha esquerda, e ouço o barulho do encontro de seus dedos com minha pele. Ela nunca me agrediu. Não, meus pais nunca tocaram em um fio de cabelo meu. Então estou espantada e humilhada. Humilhada em escala maior.

— Engula já essa rebeldia e pense em um jeito de resolver os seus problemas. — Sibila em meu rosto, um dedo apontado em minha direção. — E você tem muitos problemas, como tem.

Olho, estoica, ela caminhar até a porta e me deixar na cama, com a mão em minha bochecha latejante. Eu deveria dizer algo, sei que deveria, mas demora alguns segundos até que o amortecimento passe e eu possa forçar as palavras em minha boca.

— Mason me violentou — berro, quando sua mão toca a maçaneta. — Ele me violentou, mãe!

Seu corpo congela, posso ver a sua mão tremer ligeiramente, o seu aperto na maçaneta cada vez mais forte. Espero, anseio, rezo para que ela me encare. Para que eu possa enxergar algo em seus olhos que posso me acarinhar. Eu preciso de amor e preciso que ele venha da minha mãe nesse momento.

— Você nunca foi mentirosa, Ella! — exclama, por fim. Posso ter notado um certo vacilo em sua voz, mas quem pode garantir? — Não comece a mentir agora. Por favor, não.

Ela não espera a minha resposta e sai com pressa, batendo a porta e fechando-a com brusquidão.

— Não é mentira — sussurro em meu travesseiro, minhas palavras e lágrimas se tornando uma coisa só. — Não é mentira.



Desço as escadas que me levam do meu quarto até a cozinha, antes das sete. Pareço alguém em uma missão e realmente estou. Não tão confiante como acho que deveria me sentir, no entanto; mas é o melhor que posso fazer por ora.

Minha mãe está sentada à mesa, esperando a cafeteira sobre o balcão terminar o seu trabalho. O cheiro do café recém-coado é de certa forma reconfortante. Mas o olhar no seu rosto ao me ver, não.

— Bom dia! — Digo, parando no limite da porta. — Acordou cedo hoje.

— O mesmo horário habitual. — É a sua réplica cansada. — Você não

voltou para a pousada ontem.

— Voltei, Hope e eu dormimos em nosso quarto. — Respondo, confusa.

— Sei disso, mas não voltou para cuidar da pousada.

— Ah... — suspiro quando entendo. — Nós fomos ao parque, aquele com o grande lago. Hope amou os patinhos.

Rio com a doce lembrança da felicidade de Hope, e com a esperança de lhe proporcionar muitas outras a partir de agora. Olho para a cafeteira, os seus pingos lentos dentro da jarra de vidro e isso parece fascinante. Porque sei que quando olhar para a minha mãe novamente, ela irá roubar um pouco da alegria que sinto agora.

— Você tem obrigações, Ella. — Diz em minhas costas. — Esse é o seu trabalho, seja responsável, por favor.

— Isso é tudo o que tenho sido em cinco anos, mãe — replico sem olhá-la. — Responsável e servil. Praticamente um cão adestrado.

— E alguém te obrigou a isso? — questiona em desafio, isso é muito perceptível em sua voz.

— De certa forma. — Respondo com calma, voltando-me lentamente para fitá-la. — Você acha que não? Acha que eu sempre tive uma escolha?

— Claro que teve. — Afirma sem titubeio. — Mais de uma, pelo que me lembre.

— Foram opções dúbias, eu diria. Era apenas o que queriam para mim. Nunca foi minha escolha, realmente não.

— Eu não sei o que tudo isso significa, Ella. Por que esse assunto exatamente agora?

— Porque estou me demitindo. — Anuncio, lhe dando as costas mais uma vez, enquanto abro o armário em busca de uma xícara. — Desculpe-me, mas não redigi nenhuma carta.

— Como assim? — pergunta, caminhando até mim. O barulho da sua cadeira arranhando o chão, me faz estremecer.

— Não irei mais trabalhar na pousada. — Esclareço com firmeza, sentindo-me infimamente orgulhosa por não vacilar ao dizer isso. Não sou corajosa, porém, porque estou morrendo de medo de que tudo se torne uma guerra.

Minha mãe não replica em um primeiro instante, ainda que seu rosto demonstre certo espanto. Fecho os olhos e aspiro o vapor do meu café. Meus dedos bem envoltos na porcelana quente e eu rezo para que ela não finja que não me ouviu. Foi algo aperfeiçoado por anos, ela apenas finge que a sujeira não existe e a joga para debaixo do tapete, mas eu cansei de aceitar isso. Vamos expor toda a sujeira e limpar o que podemos, o resto pode ser queimado. Sim, eu quero soprar essas cinzas ao vento e ter certeza de que elas não voltarão para me atormentar.

— Como Hope está? — ela me pergunta após um tempo, nenhuma menção à minha demissão e eu nem lhe disse tudo o que preciso.

— Ela está bem. — Assinto, me demorando um pouco mais para tomar um gole do meu café. — Só precisei amarrar um moletom em seu gesso. Tive medo que ela machucasse o próprio rosto enquanto dormia.

— E você, como está?

Olho para ela através da minha xícara. Estamos a poucos centímetros uma da outra e seus olhos são tão límpidos daqui. Eu me esforço em enxergar um pouco de empatia em seu olhar, mas é difícil de encontrá-la sob todo o julgamento que brilha nele.

— Estou bem — murmuro, ao escolher as palavras. — Me senti culpada sim, bem culpada; mas agora entendo que algumas coisas escapam do nosso controle.

— Hope ainda é muito pequena e não deveria ter passado por isso. — Recita, em um tom sutilmente superior. — Percebe que correu atrás do River na primeira oportunidade? Que esqueceu todas as outras obrigações por causa dele?

Não respondo de forma imediata, mesmo que para isso seja preciso morder a minha língua para me conter de gritar. Olho para a minha xícara e para os meus pés, então percebo o que estou fazendo: desviando o olhar e me diminuindo.

— Eu o amo, mãe! — exclamo, depois de erguer a cabeça. — E Hope não se machucou por minha culpa, sabe disso, não é?

— Foi um acidente — ela exala, voltando ao seu lugar na mesa. — Mas você deveria ter estado aqui para cuidar dela.

Isso me faz exalar também. Termino o meu café e bato a xícara na pia.

— Eu só a deixei aqui, porque acreditei que fosse capaz de cuidar dela por algumas horas. Só algumas horas, mãe — esfrego os olhos para conter o meu ânimo. River disse que às vezes precisamos brigar por algo, mas quero ser pacífica até onde puder. — Ela estava dormindo e só precisava observá-la.

— E eu a observei, mas Hope é sua responsabilidade, Ella... não minha.

— Não sua, ok... — aceno, quase perplexa. — Não me esquecerei disso.

Como se eu houvesse mesmo esquecido em algum momento. Reviro os olhos para a sua escolha absurda, e totalmente injusta, de palavras.

— Ótimo! — diz, com um meio sorriso. — Agora, sobre a sua demissão...

— Ela conta a partir de hoje — acrescento, após interrompê-la. — Parece meio ingrato da minha parte, mas tenho um milhão de coisas para resolver. Hope e eu nos mudaremos para a Flórida.

— Isso é sério?

— Muito sério — sorrio, andando ao redor da cozinha e muito animada em preparar o café da manhã para Hope. — Seríssimo!

Abro a geladeira e retiro o que preciso. Deslizo a manteiga sobre os pães

de forma e os coloco na torradeira em seguida. Minha mãe se mantém quieta e o seu silêncio perdura por algum tempo. Não resisto e a encaro sobre os ombros, enquanto descasco as frutas de Hope.

— Está feliz por mim, mãe? — pergunto, com voz calma. — Você deveria, porque eu estou feliz.

Eu passei toda noite pensando nessa mudança. Sonhando com a nossa vida em um novo lugar. Um lugar onde as pessoas não nos olhem de soslaio e cochichem em nossas costas. Ou façam suposições repugnantes sobre o nascimento de Hope, ainda que ele de fato não tenha sido a coisa mais linda. Me escondi nessa pousada e ela se tornou uma extensão do meu quarto. Levei Hope junto comigo e a escondi também, embora tenha sido para preservar o seu pequeno coração, mas não quero mais isso. Principalmente para a minha filha.

— Você está? — insisto em meu questionamento, depositando a tigela de frutas em minha mão, sobre a mesa. — Está feliz, mãe?

— Estou — responde, meio sem jeito. — Eu acho.

— Você acha?

— River sabe de tudo? — me sonda, ao invés de responder. — Contou tudo a ele? Tudo? Todas as pequenas coisas?

— contei — digo em um suspiro, olhando para a porta com medo que Hope apareça e também me ouça. — contei tudo, até mesmo a parte que você quis ignorar há cinco anos.

— Ella — ela exala, com certo cansaço.

— Mason me estuprou, mãe — sussurro, inclinando o meu corpo para que nossos rostos estejam bem próximos. — Ainda que não acredite, ainda que queira achar que estou louca; essa é a verdade e eu finalmente a contei a River.

— Isso é bom! — é tudo o que ela me diz, antes de se levantar.

Rio, por não saber por que ainda me importo. Por que ainda espero alguma reação diferente da sua parte. A conversa que tivemos há duas semanas

no quarto de River e Sean, foi a maior demonstração de afeto que recebi dela em cinco anos. Às vezes eu queria mais. Mas desejar mais é perigoso, porque isso sempre irá partir seu coração.

— Quando você vai? — ela pergunta, reabastecendo sua xícara de café.

— Assim que conversar com o meu pai sobre a adoção de Hope. Eu quero todos os meus direitos legais de volta. — Afirmo, enquanto a torradeira apita e preciso me mover. — Você pode assinar os documentos sem grandes problemas?

— Claro. — Ela é rápida em concordar e quase me sinto feliz, antes que acrescente: — Mas seu pai não irá, sabe disso.

— Eu sei, é obvio. Mas eu tenho os meus direitos e convenhamos que nunca sequer fingiram ser os pais dela.

— Você assinou os papéis, Ella. Abriu mão da guarda.

— E acha que não sei disso? — exaspero, colocando as torradas de Hope em um pratinho de porcelana. — Mas eu posso alegar um milhão de coisas; depressão pós-parto, coesão... eu só tinha dezessete anos e vocês me induziram a acreditar que esse era o caminho certo.

Uma respiração densa escapa de seus pulmões e o mesmo acontece comigo. Porque esse assunto é desgastante, claro que é. E pensar que conversar com meu pai será mil vezes pior.

— Você tem razão. — Surpreende ao dizer-me. — As coisas poderiam ter sido diferentes.

— Poderiam — balbucio, mordendo os lábios e esperando por mais.

— Mas acho que ninguém sabia ao certo o que fazer, então temos que aceitar o caminho que trilhamos até aqui.

— Tudo bem, não adianta chorar pelo que passou, não é? — dou-lhe um sorriso trêmulo. Eu queria que ela me dissesse um milhão de coisas diferentes; mas é um desejo tolo. — Posso te pedir um favor, mãe?

— A última vez que fez isso, não deu muito certo. — Diz, em uma tentativa frustrada de ser engraçada.

— Tem razão, mas não é esse tipo de favor.

— Ok, diga... — concorda, me incentivando com um gesto.

— Pode ficar ao meu lado dessa vez? — pergunto, encolhendo os ombros e me sentindo insegura de repente. — Se o meu pai transformar tudo isso em uma batalha desnecessária, você ficaria ao meu lado?

Suas unhas tamborilam em sua xícara enquanto ela pensa. *Droga*; essa não era a reação que eu esperava. O que há para pensar em uma pergunta tão simples? Solto o ar vagorosamente, recolhendo a comida de Hope e me afastando com o mesmo vagar. Estou pedindo para que confronte o meu pai. A mesma mulher que aceita morar em uma pousada, enquanto o seu marido ocupa sua antiga casa e dorme com a amante. *Realmente, Ella, você deveria ser mais esperta.*

— Farei o possível para ajudá-la. — Murmura, quando já estou na porta. — Seu pai é esperto, Ella e ele não transformará essa situação em um circo.

— Não tenho tanta certeza. — Digo, sobre os ombros.

— Ele usa o seu medo contra você.

— E faz o mesmo com você? — vejo-me perguntando, com genuíno interesse.

— Talvez faça — responde, encolhendo os ombros e apertando ainda mais sua xícara. — Mas eu estou aonde quero estar, você não. Seja forte, você consegue!

Meneio, antes de sorrir fracamente. Essas foram — sem dúvida — as melhores quatro palavras que ela já me disse. Era o que eu queria ouvir há cinco anos, ou em qualquer outro dia após isso. *Por que ela demorou tanto? Seja forte, você consegue...* eu direi isso a Hope todos os dias a partir de hoje.

Giro o meu corpo e saio da cozinha, voltando para o quarto com rapidez.

Abro lentamente a porta, me dando conta do quão cedo ainda é. Hope se mantém dormindo, esparramada sobre a cama que agora é apenas sua. Sorrio, ocupando o pequeno espaço que resta. Mordo uma das torradas no pratinho que trouxe comigo. Eram de Hope, mas quando ela acordar já estarão frias e eu lhe farei outras. Mastigo com lentidão enquanto busco o meu celular entre os travesseiros. Deixo a torrada mordida sobre o pratinho e abro as minhas mensagens. Meus dedos são incontroláveis enquanto digitam para River. Eu nem me preocupa com o horário e com o fato de que depois dos últimos acontecimentos, ele realmente merece dormir um pouco mais.

Eu te amo ♥

Digito com rapidez e envio em seguida. Agora tenho essa necessidade de dizer a River que o amo o tempo todo. Parte de mim acha que é apenas uma necessidade de recuperar o tempo perdido, mas sei que não é só isso. Tenho medo de perdê-lo. Que algo aconteça enquanto estamos longe por algumas horas e a próxima vez que eu o veja, ele já não me ame como antes. Talvez eu possa ir ao terapeuta na Flórida, Deus sabe o quanto eu preciso e não quero enlouquecer River com minha carência exacerbada. Não precisamos de mais drama nesse momento. Deixo o celular descansar ao meu lado e volta para a minha torrada. Duas mordidas são o que bastam para o telefone vibrar. Estou surpresa, por não esperar uma resposta tão rápida. Toco na tela e a mensagem de River aparece para mim.

Está acordada? Ainda é tão cedo... eu também te amo, mais e mais♥♥♥

É impossível não sorrir, eu não seria capaz de conter o movimento involuntário em meu rosto, o tipo de sorriso que vem do coração.

Sou uma trabalhadora e acordo muito cedo. Mas, me desculpe, porque não queria acordá-lo também.

Sua resposta chega dez segundos depois:

Também sou um trabalhador, linda moça e já estou acordado há algum tempo. Não consigo dormir tão bem quando não está comigo.

Agora que esse sorriso nunca mais deixa o meu rosto. Se ele soubesse quanta falta os seus braços me fizeram durante a noite. O tamanho da falta que

seu calor me fez.

Hummm, isso é triste, porque eu me sinto da mesma forma.

Posso levar você e Hope para tomarem café?

Olho para a minha torrada mordida e a tigela de frutas que trouxe para Hope, porém, em nenhum momento eu penso em recusar o seu convite.

Sim. Hope ainda está dormindo, mas sei que ela irá adorar isso.

Ela irá mais do que adorar, sei disso. Para o total derretimento do meu coração, Hope está cada vez mais encantada com River.

Ok, te encontro em uma hora, está bem?

Perfeito... eu te amo, River!

Não, não posso me conter. Talvez esse se torne o final de cada uma das frases que eu lhe diga. Como: *Bom dia, River, eu te amo. Ou: O dia está realmente lindo, eu te amo, River.*

Fito o celular e espero que ele digite a sua despedida.

Te amo mais do que te amava a última vez que te vi, e quando te encontrar em uma hora; te amarei um pouco mais. Amanhã, o meu amor será maior do que hoje e cada dia que passar, ele irá crescer, até se tornar infinito. Ele é infundável e não terá um ponto final ainda que mil anos tenham se passado. Então não se esqueça; eu te amo, Ella. EU TE AMO!!!

Leio a mensagem mais de uma vez, enquanto as palavras atingem o meu coração e se instalam por lá. Sei que ele nota a minha insegurança. Eu pareço uma criança que precisa se certificar que é amada pelos pais o tempo todo. E não posso me conter, porque preciso ser amada por River.

Eu também te amo um pouco mais agora. Te vejo em uma hora!

Mal posso esperar!

Leio a sua despedida e coloco o celular de lado. Minha mão toca

delicadamente as costas de Hope e beijo sua têmpora, enquanto sussurro:

— Acorde, Hope. River vai nos levar para passear.

Ela se remexe, esfregando o rosto em seu travesseiro, mas não abre os olhos. Afasto o seu cabelo bagunçado e sacudo levemente os seus ombros.

— Acorde, Hope, já está na hora. — Reforço com voz suave. — Você não quer passear?

— *Hummm...* — ela resmunga ao se espreguiçar e quase me acerta com o braço engessado. Na verdade, me acerta, mas sou grata por tê-lo blindado contra esse tipo de acidente. — Passear?

Soa mais como; *paxear* e por isso me vejo rindo. Ela acordaria até do sono mais profundo para ir a um passeio.

— Sim, River irá nos levar para tomar café da manhã. Quer panquecas com mel?

— Eu quero! — ela exclama, sentando-se como se uma mola houvesse alavancado o seu corpo. Rio um pouco mais.

— Eu sabia que iria querer...



Saímos de casa menos de uma hora depois, mas River já nos espera em frente à pousada. Extasio-me com a sua imagem, enquanto Hope arrasta nós duas até onde ele está. Assim que nos vê, ele caminha até nosso encontro. Colocando uma das mãos ao redor da minha cintura, me beija de forma suave, mas não rápida. Hope suspira em surpresa e nossos olhos pousam em sua figura pequena.

— Ella é minha namorada, Hope. — River lhe diz, com um sorriso genuíno.

— Sim? — é a resposta curiosa de Hope.

— Sim, ela é. — Ele afirma. — Nós éramos namorados antes mesmo de você nascer.

Ingiro lentamente o ar ao redor, meus olhos são atentos às emoções de Hope e para o total bem-estar do meu coração, tudo o que ela faz após River lhe contar sobre nós; é sorrir.

— Isso é legal. — Ela diz, trocando os seus pés.

— Posso te dar um beijo também? — River lhe pergunta.

— Como fez com a Ella? — Hope replica, com as sobrancelhas franzidas e um pouco de desgosto na voz.

— Não, não como eu fiz com a Ella. — River responde rindo. Rio também e descanso o meu rosto em seu ombro. — Um beijo do rosto, ok? Gostaria de beijá-la sempre que te encontrar.

— Ella é a única que me beija. — Hope observa, pensativa. — Bom, meu pai me beija às vezes, mas seus beijos são estranhos; ele parece um peixe.

River gargalha e embora também queira rir, percebo a tristeza que essa confissão de Hope esconde.

— Hope. — Eu a censuro, porque é o certo a ser feito. — Isso não foi gentil.

— Mas você não parece um peixe, Ella. — Hope me diz. — Eu gosto dos seus beijos.

— Obrigada! — assinto com um pequeno sorriso.

— Ella tem os melhores beijos. — River acrescenta, me puxando para perto.

— Obrigada por isso também, River — digo, mordendo os lábios e impedindo o meu sorriso de se agigantar.

— Você pode me beijar, River... assim como a Ella faz. — Hope murmura, traçando um pequeno círculo na grama com o seu pé. — E me abraçar também, mas eu não gosto muito que esfreguem a minha cabeça... você pode bagunçar um pouquinho se quiser, eu deixo.

River ri, olhando para mim com admiração em seus olhos. Eu sei, às vezes me surpreendo com o quão inteligente Hope é.

— Venha me beijar então... — River pede, se agachando e apontando para a lateral do seu rosto.

Hope busca o meu olhar primeiro, um pequeno sorriso dançando em seus lábios. Aceno, sorrindo de volta. Eu preciso que ela saiba que pode confiar em River. Ele é a única pessoa que eu realmente confio no mundo. Hope saberá disso com o tempo. Saberá que pode acreditar no que ele lhe diz. Acreditar em suas promessas, porque ele irá cumpri-las, eu sei disso.

— Vá — digo a ela, meneando a cabeça em direção a River.

Ela anda em sua direção e deposita um beijo suave em sua bochecha, então o abraça. River beija o seu rosto em retorno. Eles ficam assim por poucos segundos, mas tenho certeza que jamais me esquecerei desse dia. Ainda que eu deseje que essa cena se torne rotineira ao longo dos anos, esse breve momento se perpetuou em meu coração.



Vinte e Oito

Dois meses se passaram, quase não notei o tempo mudar. Deve ser porque nada mudou realmente. Presa à essa vida tão sem sentido, sinto-me enlouquecer enquanto lúcida. Meu quarto se tornou o meu refúgio, aquele lugar em que posso fingir e acreditar em minhas próprias mentiras.

Meu pais tentaram me persuadir a sair de diversas formas; gritos e ameaças foram as favoritas. Mas eu não tenho medo do destino terrível que me prometeram. Nem da tristeza que minha desobediência trará, então ainda estou aqui.

Há muita vida fora desse quarto. Às vezes ouço o barulho da rua. Pedestres felizes, pessoas sonhadoras. Uma bicicleta andando pela calçada ou um cão correndo com seu dono. Sinto falta de pequenas coisas como essas. Sinto falta da garota que fui até há pouco tempo. Ela não pode mais existir, embora partes dela ainda estejam aqui, dentro de mim. Sinto que minha escuridão a mata pouco a pouco.

Há três semanas minha mãe contou ao meu pai sobre a minha gravidez, foi um grande acontecimento. Realmente grande. Os gritos duraram por um longo tempo e foram muito mais latentes dessa vez; bem mais. Devo ter ficado infimamente assustada, mas não me lembro ao certo. Às vezes sinto-me amortecida e isso funciona bem para ocasiões como esta. Meu pais chamam de petulância. Eu chamo de autopreservação.

O feto ainda está aqui, mesmo que meu pai tenha se oferecido para me levar pessoalmente à uma clínica de aborto. Era o que uma parte de mim queria de fato fazer. Mas tem a parte que não sabia ao certo o que queria e ela levou a melhor dentre esse turbilhão de dúvidas.

Na maior parte do tempo eu finjo que não há bebê algum. Que tudo isso não passa de um delírio, mas eu sei que não estou sonhando. Minha mãe me arrastou até um médico, a duas cidades vizinhas e ele confirmou a gravidez. Dezesseis semanas hoje. Eram quatorze quando ele me examinou. Essa é outra constatação de que o tempo ainda está passando e que não faço a menor ideia do que será da minha vida. Nem da vida dessa criança.

Meu pais me deram opções: aborto, adoção ou ficar com ele. Eu queria apenas dormir e que ele não estivesse mais aqui pela manhã. Mas que isso não me custasse um procedimento invasivo ou que eu precisasse doá-lo como um cão.

A verdade é que tudo o que eu desejo, é o que eu não posso ter. Uma vida

normal, sem bebês indesejados e River aqui, ao meu lado. Sinto tanto a falta dele, é como uma avalanche esmagando o meu peito todos os dias. Quero saber se ele sente o mesmo. Quero saber se ele irá me ajudar a consertar todo esse estrago que fiz. Eu sonho com isso e acordo nesse mesmo lugar. Nada muda com os meus desejos, ou as minhas orações. Talvez eu tenha pouca fé. Talvez ela esteja se extinguindo como a chama de uma vela derretida. Talvez não reste nada.

— Temos novidades! — minha mãe anuncia, entrando em meu quarto com animação.

Eu me esqueci da sensação de ver alguém feliz. Ninguém mais é feliz nessa casa e a culpa é minha.

— Que novidades? — pergunto, apertando meus olhos e gemendo quando ela puxa as minhas cortinas e deixa a luz entrar.

— Seu pai herdou uma pousada. É linda, realmente esplendorosa e fica a meia hora daqui.

— Uma pousada? — sondo, repleta de surpresa. — O que ele fará com uma pousada?

— Iremos trabalhar lá. — Conta, com um sorriso completo. Tenho medo que essa felicidade não seja genuína. Álcool ou medicação, foi isso que trouxe esse sorriso ao seu rosto.

— Nós iremos? — exaspero, pasma. — Eu não quero ir para lugar algum, menos ainda trabalhar em uma pousada. Não, não conte comigo.

— Ella — suspira, infeliz. Suas mãos na cintura e o tom condescendente que me irrita ao extremo. Estou apenas infeliz, depressiva, desesperada, mas não perdi o meu cérebro. Ela me trata feito uma criança estúpida.

— Eu não quero, mãe. — Enfatizo, cobrindo o rosto com o travesseiro.

— Acha que pode passar o resto da vida aqui?

— Posso tentar — resmungo no travesseiro.

— Você desistiu da escola, Ella — lembra-me ao puxar o travesseiro para longe do meu rosto.

— Eu desisti de tudo! — a corrijo, puxando o travesseiro de volta.

— Não pode desistir de tudo, aqui não há essa opção.

— E quais opções eu tenho então, mãe?

Por favor, me diga. Me dê escolhas, me mostre alguma porta ou janela na qual eu possa pular e fugir de tudo isso. O que eu devo fazer, mãe? Ei, o que eu devo fazer?

— Arrume suas coisas, nos mudaremos em cinco dias. — Ordena, caminhando até a porta. Não era realmente o que eu queria ouvir.

Estou perplexa com toda essa conversa. Endireito a minha postura na cama, um travesseiro sempre apertado de encontro ao meu corpo; eu nunca me separo dele.

— Ele está fazendo tudo isso por minha causa, não é? — pergunto, antes que saia do quarto. — Para me esconder dos amigos, dos clientes ricos. Ele comprou uma pousada para me esconder, como um animal exótico que não pode ser exposto.

— Não diga bobagens, Ella. — Exaspera, voltando-se para mim. — Seu pai não faria isso.

— Não faria? — desafio, arqueando as sobrancelhas. — Ele faria muito pior. Você deveria detê-lo, mãe.

— Ele só quer o que é melhor para nós, Ella. — Murmura, como se realmente acreditasse. Sim, ela acredita. Quase sinto pena por essa constatação. Mas sinto muito mais por mim. Se eu julgava estar sozinha antes, agora tenho a mais absoluta das certezas.

— Eu arrumarei minhas coisas.

A minha resposta parece satisfazê-la e ela me deixa sozinha. Deito e cubro a minha cabeça com o lençol. Os raios de sol se infiltram pelo tecido suave e não trazem escuridão, mesmo quando fecho os olhos. Não gosto da luz, porque ela me lembra que ainda estou viva e na maioria das vezes não gostaria de estar. Horas se passam, até que eu me levante e jogue todas as minhas roupas sobre a cama. Essa seria a primeira, de muitas vezes, em que faria a vontade dos meus pais. Se tornaria um hábito. Se tornaria mais fácil.



— Estamos olhando as estrelas mais uma vez. — Digo a River, enquanto deitamos sobre o capô da sua pick-up e acima de nós brilha o céu mais estrelado e limpo que já vi em muito, muito tempo.

— Sim, nós estamos — replica, aumentando o seu aperto em minha cintura.

— Consegue acreditar nisso? Eu imaginei que nunca mais faríamos algo assim. Ou qualquer outra coisa, se posso ser totalmente sincera.

— Eu nunca deixei de acreditar.

— Sim? — surpreendo-me, descansando o meu queixo em seu peito e o encarando. — Realmente acreditava que iríamos nos reencontrar um dia?

— Eu acreditava — diz, de forma suave. — Ou talvez eu quisesse demais e era obrigado a acreditar para continuar vivendo.

Sorrio lentamente, observando o seu rosto sob os meus cílios.

— Você não acreditava? — pergunta, contornando o meu rosto com a ponta do seu indicador.

— Eu não podia acreditar, sabe disso. Tinha que desejar exatamente o contrário e torcer para que nossos caminhos nunca mais se cruzassem.

— Porque então eu saberia toda a verdade.

— Sim — eu sussurro. — Assim como sabe agora.

— Foi uma vida angustiante, imagino.

— Realmente foi — sorrio de lado. — Mas não importa mais, River.

— Você fez tudo isso por mim — diz, agora com o dedo em minha boca, contornando sutilmente os meus lábios. — Eu irei recompensá-la.

— Com o quê? — brinco, fingindo morder o seu dedo e tentando espantar a tristeza que brilha em seus olhos neste instante. Definitivamente não quero que esse assunto paire sobre nós essa noite.

— Com tudo o que quiser — sorri também.

— Isso é realmente sedutor — gracejo, me inclinando para beijá-lo.

— Estou te seduzindo? — pergunta com uma mordida em minha boca.

— Muito, estou super seduzida.

Ele ri... um som rico e melodioso que me envolve por completo. Um último beijo e volto a deitar minha cabeça em seu peito. Brincando com os botões da sua camisa, algo me vem à mente e pergunto:

— Como é a sua vida na Flórida? Conte-me um pouco sobre como é morar lá.

Sinto seu peito subir e descer enquanto ele exala lentamente. A sua mão afaga o meu cabelo e eu me derreto, querendo ainda mais o seu toque.

— Ouviu a minha pergunta? — pergunto, quando segundos se passam e ainda não tenho uma resposta para a questão.

— Sim, sobre a minha vida na Flórida — ele ri. — É uma boa vida.

— Uma boa vida! — exclamo, como quem inicia um poema. — E o que mais? Onde você mora?

— Em um condomínio em Mayport, tenho um apartamento lá; dois quartos, uma grande vista e fica a dez minutos da minha base.

— Hope terá um quarto só para ela — digo, sem perceber que estou recitando enquanto penso.

— Acha que ela irá gostar? — pergunta, com uma preocupação que soa bem genuína.

— Imagino que teremos alguma dificuldade com a adaptação, mas ela ainda é tão nova, creio que iremos nos ajustar em algum momento.

— Isso é bom!

— Sim... — sorrio, olhando para as estrelas. — Gosto de falar sobre o futuro com você, River.

— Eu sempre amei fazer planos com você, Ella.

— Nenhum dos nossos planos anteriores deram certo, no entanto. — Lamento, baixinho.

— Mas agora eles estão destinados ao sucesso! — exclama com uma convicção que me faz sorrir um pouco mais.

— Vou acreditar em você. — Sussurro, beijando o seu pescoço.

— Por favor, acredite — sorri, quando nossos olhos se encontram mais uma vez e eu acredito. Acredito em tudo, porque é o que seus olhos me prometem e quero segurar o mundo em minhas mãos agora, porque me sinto capaz.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, sem que nossos olhos se desprendam. Há uma calma ao redor, que se infiltra em meu coração de repente. Hope está dormindo na sala, ainda ouço os sussurros que vem da televisão que ficou ligada. Sei que ela está segura e não sinto medo algum. É uma sensação muito diferente do que senti quando a deixei com a minha mãe.

— E o seu trabalho? Ainda não me contou sobre ele.

— Estou na base de Flórida há dois anos, antes estive na Carolina do Norte e passei seis meses na base do Golfo também, isso foi logo no início.

— Qual a sua patente? — questiono, curiosa. — Sean disse que estava uma patente acima da sua.

— Porque ele é um exibido — diz, enrugando a testa e me fazendo conter uma risada.

— Ainda tem ciúmes dele?

— Eu não... nunca tive, na verdade.

— Claro que não — rio, porque já não sou mais capaz de me conter. A sua mão desliza pelas minhas costas e para em minha bunda; então ele me dá um tapa. — Ei, eu não mereci isso.

— Você mereceu. — Ele sorri, como se nada houvesse acontecido.

— Tá... — belisco o seu estômago. — E a sua patente?

— Sou primeiro sargento agora. Sean foi promovido há dois meses e é sargento-mor, o que, sinceramente, não faz a menor diferença. Se ele conseguir chegar a tenente antes de mim, então pode se gabar por isso.

— *Hummm*, entendi. — Murmuro, mordendo um dos lábios. Eu não quero levar outro tapa. — Você gosta do que faz?

— Sim, eu gosto. — Afirmo, sincero.

— Voar é realmente tudo o que imaginou que seria?

Vejo os seus olhos se iluminarem quando finalizo a pergunta. Tenho vinte dois, quase vinte e três anos e estou tão longe de sentir algo assim. De ter certeza do que quero fazer, além de limpar quartos. De imaginar que possa existir algo em meu futuro do qual eu me orgulhe e sinta prazer ao mesmo tempo. Tenho certeza que é o caso de River e mais uma vez, fico feliz em saber que de certa

forma lhe proporcionei isso, ainda que para tal eu tenha perdido tanto.

— É melhor — ele responde, com um sorriso exultante. — Definitivamente melhor. É o tipo de coisa que não dá para explicar em palavras. É como te amar!

— Me amar? — demando, surpresa e confusa. — A mim especificamente? Ou o amor de uma forma geral?

— A você... o amor pode ser calmo e constante, linear. Mas amar você, Ella, é como um voo em queda livre.

— Isso é bom? — sondo, enquanto prendo a respiração.

— É maravilhoso, claro. Arrebatador, mas pode ser assustador também. Por isso é como voar.

— Isso é lisonjeiro, eu acho. — Sorrio de forma suave, ficando em meus joelhos para olhá-lo mais de perto.

— Quando eu voei pela primeira vez, quando estava lá nas nuvens; muito, muito longe do chão — ele para e desliza a mão pelo meu joelho, até fechar os dedos em uma das minhas coxas. — Eu pensei em você, não havia nada mais passando pela minha mente, além de você e sabe, foi como te beijar pela primeira vez. Ou fazer amor pela primeira vez, sim, foi a exata sensação e meu coração nunca bateu tão rápido. Assim que eu desci daquele jato...

Ele para e sorri, esfregando os seus olhos por um instante. De forma instintiva, me vejo sorrindo também, ainda que meu coração esteja sendo esmagado com a sua confissão. É doloroso ouvi-lo falar sobre algo que viveu sem mim, algo tão significativo.

— Quando eu desci daquele jato, minhas pernas tremiam tanto que cada passo até o vestiário foi como uma tortura, e tudo o que eu desejei foi que estivesse no final do caminho para abraçá-la. Eu queria tanto te abraçar, Ella — ele lamenta, sussurrando a última parte. Aperto os lábios para não chorar. — Mas você não estava lá.

— Sinto muito. — Lamento, espalmando a minha mão em seu peito. —

Sinto tanto, River.

— Sei que sente... eu sei que sente. — Ele sorri, ainda que seja de forma vacilante. — Aquele foi o único dia em que chorei por você.

— Sim? — suspiro, enquanto sua mão aperta a minha coxa.

— Sim, eu chorei por horas — confessa sem hesitação. — Não que eu não houvesse me sentido triste antes, mas eu estava com raiva demais para chorar.

— E por que acha que chorou esse dia, especificamente?

— Porque voar foi tudo o que eu mais desejei, antes de você. Depois de você, ainda era um desejo latente, mas não tão forte. Eu teria sido um advogado ou médico, se tivesse pedido.

— Eu jamais lhe pediria algo assim. — Balanço a cabeça e o faço rir.

— Então... — ele exala ao se sentar, a mão em minha coxa vai para a minha nuca e se instala lá, em um aperto suave. — Eu estava lá voando e me sentia invencível, mas eu pousei e sabia que não iria encontrá-la. Eu não voltaria para a casa e veria esses lindos olhos ou iria te beijar. A constatação me deixou de joelhos e doeu de uma forma que não imaginei que fosse possível.

— Sinto tanto por isso. — Ofego em seus lábios.

— Não estou contando isso para deixá-la triste — me diz, depois de um beijo lento. — Não me arrependo de ter chorado por você. Ella, você é a única nesse mundo que merece as minhas lágrimas.

— Não quero as suas lágrimas.

— Também não quero as suas — sussurra, beijando os meus olhos.

— Sem lágrimas, então — sorrio, tocando a sua mão em meu pescoço. — Sabe que estou feliz e orgulhosa por tudo o que conquistou.

— Eu sei — replica, carinhoso.

Um beijo de River, sob as estrelas de Beaufort, se compara facilmente a um pedaço do paraíso. Meu paraíso. Contorno o seu pescoço enquanto a sua língua desliza pela costura dos meus lábios e encontra a minha. Por um segundo, esse segundo, nada mais existe; apenas River. Meus pensamentos não possuem outra direção, senão aquela que me mantém em seus braços. Nos beijamos com lentidão, saboreando o momento perfeito e os lábios um do outro. De repente, River salta do capô e me puxa em seguida. Nossas bocas se separam por um segundo apenas e voltam a se encontrar logo depois. Minhas pernas circulam a sua cintura agora que estou sentada no capô, e ele está em pé na minha frente.

A calidez dos nossos beijos e o deslizar dos seus dedos entre os meus cabelos, me causam os mais doces arrepios. Eu sinto-me consciente dos desejos do meu corpo. Da intensidade com a qual ele anseia por River, seus toques e beijos. Aproximo-me mais, minhas mãos em suas costas o mantém preso a mim. O aperto em meu cabelo cola ainda mais nossas bocas, em um beijo profundo e apaixonado. Continuo enxergando as estrelas, mesmo com os olhos fechados, como se elas brilhassem ao nosso redor. Talvez elas realmente estejam brilhando só para nós.

— Fique aqui. — River sussurra sem deixar de tocar a minha boca, mas afastando as mãos do meu cabelo.

Abro os olhos e me preparo para responder, quando ouço a porta da sala ser aberta. Ele subiu tão rápido aqueles degraus que não faço ideia de como fez isso. Um segundo ou dois se passam e eu já sinto falta do seu calor. Quando penso em saltar do capô e correr para dentro também, a porta é aberta novamente. Meus olhos cruzam com os seus e sorrimos em sincronia. Porque é isso o que você faz quando olha para o amor da sua vida. Você sorri ou suspira. Você não pode evitar as manifestações de felicidade que escapam do seu corpo.

River volta para mim com a mesma rapidez com a qual me deixou. Estendo uma das mãos para que ele entrelace a sua e a outra vai direto para o seu pescoço. Nos beijamos levemente, nariz e testas juntos.

— Hope ainda está dormindo? — pergunto, porque sei que foi isso o que ele foi verificar.

— Como um anjo — diz, beijando o meu queixo. — O nosso anjo!

Se eu já não fosse a garota mais apaixonada do mundo, me tornaria neste

momento. River não sabe o quão maravilhoso ele é por me dizer essas coisas. Por não olhar Hope de forma diferente, ou tratá-la com aversão. Os últimos dias me provaram que um exame de sangue não irá mudar esse fato, agora sei no fundo do coração. A coleta para o material do DNA está marcada para daqui dois dias e não sinto medo, ou ao menos não estou tão desesperada como achei que estaria. É algo bem significativo.

— Nosso anjo! — exclamo, com emoção.

River ri em meu pescoço, de forma suave e rápida. Voltando a me beijar por um instante, ele me tira do capô. Abrindo a porta traseira da pick-up, me coloca à frente, esperando que eu entre. Não sei explicar a razão, mas de repente, lembro-me de Mason e me odeio por isso. Me odeio muito. Ele nunca cruzou a minha mente em momentos assim, quando River estava comigo, e me culpo por trazê-lo até nós.

— O que foi? — River questiona, afastando o cabelo da minha nuca e me beijando lá.

Engulo em seco, apertando o tecido da saia do meu vestido. Meus olhos não se desviam do assento de couro diante de mim e tento entender como realmente sinto-me com essa lembrança tão devastadora.

— O que foi, Ella?

— Foi assim que aconteceu — digo baixinho.

— Aconteceu o quê? — replica, divertido, certamente não se dando conta da batalha emocional que acontece dentro de mim.

— Mason... — sussurro baixinho. — Foi assim que aconteceu.

Não é visível, mas é tão fácil de sentir o quanto o ar ao nosso redor se estagna, fica denso, poluído. Prendo a respiração quando os dedos de River estacionam em meus ombros e após algum tempo no mais completo silêncio, ele me gira para encará-lo.

Seus olhos são tristes agora, mas como poderiam ser diferentes? Acabei de estragar toda a nossa noite perfeita. Um nome, um único nome e todas as estrelas se apagaram por completo.

— Sinto muito, nossa... — exalo tristemente. — Perdoe-me por trazer esse assunto agora. Realmente não sei de onde surgiu...

— Ella, pelo amor de Deus; não se desculpe. — Interrompe-me, colocando dois dedos em minha boca. — Não se desculpe, por favor. Nunca peça desculpas.

— Mas eu realmente sinto muito.

— Eu sei — ele sorri, tocando o meu rosto. — Vamos entrar.

Fecho os olhos e exalo mais uma vez, demorada e lentamente. Eu não quero entrar, não, definitivamente não. Mason não tem mais esse poder sobre mim, não mais... não mais.

— Não, eu não quero entrar — digo a River, puxando a sua mão e impedindo que ele se afaste. — Eu não quero.

Ele me olha confuso, mas em silêncio. Seguro a porta aberta do carro e entro em seguida; *foi fácil*. Sento-me quase perto da janela, deixando a maior parte do espaço para River. Ele parece incerto em entrar, mas bato no lado vazio do assento e o incentivo a fazê-lo. Ele vem, senta-se ao meu lado e fecha a porta. Arrasto minha mão pelo banco até encontrar a sua. Nossos dedos se enroscam, nossos olhares se encontram e rimos. As estrelas estão brilhando novamente, dentro de mim e de River. Ao nosso redor, nesse carro.

Lentamente sento-me em seu colo. River segura a minha cintura e coloca o seu corpo mais ao centro do banco. Com o espaço em minhas costas, vago pelo vão dos assentos da frente, não estamos tão apertados. Eu não me importaria se estivesse, no entanto. É evidente que quero fundir o meu corpo ao seu, mas começo com as nossas bocas. Aproximo-me e o beijo, ele me beija de volta sem hesitar. Sua língua desliza sobre os meus lábios, antes de entrar. É a parte que mais gosto. Gemo sem me conter e eu nem ao menos tentei. Um beijo, menos de trinta segundos, e já não existe mais nenhuma memória ruim, apenas a sensação mais jubilosa que alguém poderia provar. E esse alguém sou eu, *esse alguém sou eu*.

— Me toque... — peço de forma sussurrada. — Eu nunca fiz amor em um carro.

Seus olhos brilham para mim e por mim. Suas mãos se arrastam pela parte de trás das minhas costas, meus joelhos estão dobrados ao lado da sua cintura. Seus dedos dançam por minha pele, passeiam sem pressa até que as mãos espalmadas apertem a minha bunda, sobre a minha calcinha. Seu aperto tem a pressão exata, quase dói, mas não de fato; ao invés disso, me incendia.

— Você é tão doce, deve ser feito de açúcar — ele geme em meu rosto.
— Do tipo que vicia, que te faz querer mais e mais e mais...

Perco todo o ar, que já não era muito. Porque enquanto ele aperta a minha carne, lambe o meu pescoço e ele faz isso em sincronia. E ele certamente me faz acreditar que sou o seu doce favorito. Um que está prestes a derreter em sua boca. Aperto a sua nuca e respiro, antes de dizer:

— Eu não sou.

— Você com certeza, é — ele insiste, arrastando os dentes pela minha orelha.

Não tenho voz para réplicas, nem mesmo posso ordenar meus pensamentos nesse instante. Eu diria uma bobagem qualquer, portanto, ao invés de falar, eu suspiro. River empurra o tecido do meu vestido pelos meus ombros e também me beija lá. Fecho os olhos, suspirando novamente. Ele faz isso enquanto as suas mãos apertam o meu quadril agora. Acaricio os seus cabelos e beijo o seu pescoço. Nossas bocas fazem o mesmo caminho em lados opostos e eventualmente se encontram mais uma vez. Nos perdemos em um beijo repleto de paixão, os sentimentos transbordando de todas as formas possíveis e sei que não há nada tão bom quanto isso. Não pode haver.

Não há espaço para que nossas roupas saíam dessa vez, e por um momento eu quase lamento. Mas estamos nos tocando através delas e sob elas. As mãos de River estão em meus seios, em um aperto brando. Os polegares se arrastam por meus mamilos e mesmo sobre a renda do meu sutiã, o deslizar me faz gemer em seus lábios. Minhas mãos estão em seu estômago, abrindo o botão do seu jeans, deslizando o seu zíper. Sinto o seu sorriso em minha boca, antes que ele segure o meu pulso e o traga para o seu peito. O beijo cessa, mas as nossas respirações ainda são apenas uma.

Abro os olhos e o olhar de River me prende. Intenso e tão apaixonado que me desmonta. Meu coração vacila, enquanto ele me deita no banco de couro

e paira sobre mim logo em seguida. Estou respirando sofregamente, meu peito subindo e descendo com máxima rapidez. A sua testa vem até a minha, olhos ainda abertos, presos um ao outro. A sua mão esquerda deixa uma trilha de fogo, passando por meu joelho e indo até o meu quadril.

O tecido do meu vestido já está amontoado em minha cintura, expondo a minha calcinha e parte da minha barriga. Os dedos de River passeiam pelo elástico dela e deslizam pelo pequeno pedaço de tecido que cobre o meu púbis, mas me sinto nua, exposta e vulnerável e ainda é uma das melhores sensações que já provei. Porque é River sobre mim e é a sua mão no interior da minha coxa. São os seus dedos afastando a minha calcinha e deslizando dentro de mim. A culpa é sua se mal posso manter os olhos abertos, ou respirar, ou pensar. É ele roubando todo o meu juízo, o meu prazer e os tomando para si. São os seus olhos cativos aos meus, me impedindo de olhar para qualquer outro lugar que não seja o seu rosto. É a sua boca sobre a minha, me beijando com suavidade, enquanto ele me penetra da mesma forma. Suave, lento, roubando uma batida do meu coração a cada segundo.

É ele me completando, tornando-me inteira. É o seu corpo que o meu busca, elevando o meu quadril para senti-lo mais fundo, mais fundo... É a sua língua em minha boca, encontrando a minha e espalhando o seu sabor, me viciando em níveis inexplicáveis. São as nossas respirações ofegantes nesse carro, a nossa pele batendo uma na outra, o seu nome sendo gemido de forma alta. É ele quem me faz esquecer onde estou e apenas sentir. É o seu toque que me cura, o seu amor que me restaura e me traz de volta à vida.

— Te amar também é um voo em queda livre, River Lewis — sussurro, tocando o seu rosto e afastando as pequenas gotas de suor em sua testa.

Ele sorri, lindo e arrebatador. Todo o meu corpo amolece com esse sorriso.

— Verdade? — assinto e ele beija as sardas em meu nariz. — E você não tem medo de cair?

— Não, nenhum pouco... você não me deixaria, não é?

— Nunca, estarei sempre aqui para te segurar; sempre!

Sorrio, olhando para o teto do carro e enxergando nele as estrelas que estão lá fora, elas brilham tão intensamente. Iluminam-me por dentro e por fora,

porque River está aqui.



Vinte e Nove

O bebê nasce em dois meses... DOIS MESES...

Não consigo entender como chegamos até aqui, como eu permiti que as coisas fossem tão longe. O desespero é crescente, cada vez maior; porque, óbvio, não me sinto preparada para ser mãe. Nem mesmo minimamente. Tenho compaixão por essa criança, pesar por toda dor que pode encontrar em seu caminho. Gostaria de ser forte o bastante para prometer que irei protegê-la contra todas coisas ruins, mas eu não posso. Não fui capaz de proteger a mim mesma. Simplesmente não posso.

Meus sentimentos são incertos, nublados.

Era esperado que eu amasse esse bebê? Eu não o amo, ou ao menos acho que não, e isso me traz uma culpa gigantesca. E a culpa é o pior dos sentimentos a serem alimentados. Ela te corrói por dentro feito ácido e traz um amargor à sua boca toda vez que pensa no motivo que te levou a senti-la. Portanto, você ignora o que te faz sentir culpada. Eu ignorei essa gravidez o máximo que pude. Eu ainda a ignoro, apesar da minha barriga proeminente e de todas as mudanças físicas que não fui capaz de deter. Mas não há como ignorar o fato de que o bebê nascerá em algum momento e esse momento está próximo.

Ando através do meu pequeno quarto, na pousada onde meu pai me escondeu do restante do mundo. Meu coração salta dentro do peito, enquanto olho para o calendário em minhas mãos... dois meses, dois meses, dois meses... Como duas palavras tão simples podem causar tamanho pavor?

Jogo o calendário sobre a cômoda e sento-me na cama. Estico as pernas e pouso as minhas mãos em minha barriga. É tão estranho tocá-la — tão doloroso e errado — como um pecado sem absolvição. Não deveria ser assim, mas não controlo os meus sentimentos, tampouco os pensamentos. O bebê chuta sob os meus dedos e retiro a mão imediatamente. Ele só faz isso quando acaricio minha barriga, eu nem chamaria isso de carícia. Mas quando não estou com as mãos sobre ela, os seus movimentos são sutis, quase imperceptíveis. Às vezes eu acho que o bebê quer falar comigo e chutar os meus dedos é uma forma de se comunicar. Eu nunca conversei de volta e torço para que a vibração dos meus pensamentos não chegue até ele. Porque não são pensamentos belos a maior parte do tempo.

Hoje, excepcionalmente, volto a tocar minha barriga, mesmo após saber que o bebê me sentiu. Nunca faço isso. Mas agora a minha mão passeia pela

lateral do meu abdômen e acompanha a agitação que isso causa em meu ventre. Estou assustada e maravilhada. A segunda sensação é inédita em muito tempo e senti-la assusta-me um pouco mais.

— Você não deveria gostar de mim — digo ao bebê, através da minha barriga. — Acho que não sou uma boa pessoa. Não mais.

Os dois chutes fortes que ele me dá em seguida, parecem ser uma resposta às minhas palavras. Meus dedos possuem uma vontade própria e continuam a passear por minha barriga e o bebê se mantém em movimento, com chutes fortes e perceptíveis.

— Você deveria dormir agora. — Sussurro, contornando o meu umbigo e sendo capaz de sentir o seu pezinho através da pele. Ou talvez esteja doida, acho que estou. — Não, não durma... fique acordado. Você não me deixou dormir a última noite.

Outro chute forte, dessa vez acima do umbigo. Vejo-me sorrindo e preciso tocar os meus lábios e me certificar que estou mesmo fazendo isso. Às vezes eu sorrio para a lua, ou quando chove e posso sentir os pingos ao esticar minha mão pela sacada. Só nunca sorri para o bebê, mas estou sorrindo e estou com medo.

— Está ficando apertado aí dentro? — pergunto, voltando a tocar a barriga. Deixo minha mão espalmada em um ponto lateral. — Falta pouco para sair, tem bastante espaço aqui fora.

Olho ao redor e comprimo os lábios. Bem, talvez não haja tanto espaço assim. O meu quarto aqui na pousada é tão diferente do meu antigo quarto na cidade. É modesto, monocromático e triste, mas eu amo a vista que tem para o lago. Passo a maior parte do tempo olhando para ele, sentada na varanda e perdida em mil pensamentos. Agora eu pensarei no bebê com mais frequência por causa do seu nascimento. Estava tão bom enquanto eu podia fingir que nada iria acontecer. O bebê chuta sob a minha palma e me traz à realidade. Não, nada de fingimento.

— Eu preciso decidir o seu destino, mas tenho medo de escolher o caminho errado. — Confesso, olhando para o horizonte.

Conversar com um pequeno bebê, através de camadas e camadas de pele, pode ser melancólico até mesmo para mim. Mas me sinto solitária, agora me dou conta do quanto. Quase não vejo o meu pai e minha mãe está perdida em seus próprios problemas. Quando nos encontramos, não nos estendemos em um prolixo diálogo. Às vezes sinto que destruí minha família. Às vezes me convenço que não tive culpa alguma. Às vezes não sou boa em me convencer e me sinto culpada por isso também.

— Sabe, bebê, eu já vivi um grande amor — conto, esfregando as pontas dos meus dedos em direções aleatórias. — Foi um grande, grande amor. Épico. Poucas coisas na vida podem ser consideradas épicas.

O bebê responde com um chute que me causa dor, mas acabo rindo. O som da minha própria risada me assusta em um primeiro instante, depois percebo que gosto e acho que o bebê também.

— Talvez possamos fazer épico, bebê. Eu e você — minha barriga salta quando o bebê começa a soluçar, é a segunda vez que acontece. — É uma ideia tola, não é? Eu seria uma mãe horrível, sim, eu sei.

Respiro, enchendo-me de resignação. Eu seria uma péssima mãe, sei que seria. River e eu nunca conversamos sobre ter filhos, éramos tão jovens para isso. Mas acho que poderíamos ter tido uma linda família. Eu seria a melhor mãe, se fosse de um filho seu. Só não posso ser uma boa mãe para esse bebê e sinto muito. Realmente sinto. Pela primeira vez essa constatação me atinge e me causa tristeza.

— Eu encontrarei uma boa mãe para você, bebê — prometo, em um sussurro triste. — Então, você será feliz. Sua vida será épica!

É uma promessa, e ainda que eu saiba que ninguém virá para me cobrar, farei de tudo para torná-la real.



Definitivamente, não faço ideia se fui capaz de tornar a vida de Hope épica. As coisas podem sair um pouco dos trilhos quando as tornamos reais, mas

eu tentei o meu melhor. A cada dia fiz o que estava ao meu alcance para fazê-la feliz. Falhei muitas vezes, é óbvio, mas tentei ao máximo em todas elas.

Eu a olho através do retrovisor do carro e me encontro sorrindo amorosamente. Seus pequenos olhos estão fixos à janela, absortos na paisagem lá fora. O seu braço engessado descansa ao lado do corpo e a mão saudável brinca distraidamente com o seu cinto. Volto a minha atenção para a estrada e dirijo com calma, mas me mantenho sorrindo. Não demora até que eu estacione mais uma vez à frente da casa de River. Dessa vez, a placa de vende-se, fixa ao jardim, causa-me uma estranha pontada ao coração. É a constatação, mais do que concreta, que River está mesmo indo embora. Eu não deveria me sentir triste, porque também irei. Só que a iminente conversa com meu pai, lembra-me que minha partida não será tão simples assim.

— Estamos na casa do River mais uma vez? — Hope me pergunta, destravando facilmente o seu cinto. Dois dias foram mais do que suficientes para que ela aprendesse a usar apenas uma das mãos.

— Sim, nós estamos — respondo através do retrovisor.

— Para limpar?

— Não, não para limpar. — Sacudo a cabeça ao desatar meu próprio cinto. — Dessa vez eu a deixarei com River, enquanto faço algo muito importante. Tudo bem?

— O quê? — pergunta, enrugando levemente a testa. — O que você vai fazer, Ella?

— Algo importante. — Respondo de forma vaga, abrindo a minha porta após soltar o meu cinto. — Não irei demorar, eu prometo.

Eu espero que essa seja a mais fácil promessa a ser cumprida, porque venho pedindo aos anjos, que meu pai colabore comigo. Não estou tão convicta assim, no entanto. Liguei para o seu escritório essa manhã e agendei uma visita. Uma formalidade necessária para deixar bem claro que não estou brincando. Estou temerosa, é evidente. Com medo que ele transforme essa situação em uma trágica guerra. Mas ele é o meu pai e disse que me amava, preciso desse amor agora. Preciso mais do que nunca.

Abro a porta de Hope e a ajudo a descer. Seu rosto demonstra o desagrado

que lhe causei. Contudo, não posso levá-la comigo. Talvez haja gritos e ofensas entre mim e meu pai, e de forma alguma, quero Hope presente. River se ofereceu para ficar com ela, isso tirou muito peso dos meus ombros.

— Por que eu não posso ir também? — pergunta, apertando o meu indicador entre seus dedos. — Você disse que nunca mais *ia* me deixar sozinha.

— Eu não estou te deixando sozinha, Hope — digo de forma calma e linear. — River irá cuidar de você e eu voltarei assim que puder... gosta do River, não gosta?

— Eu gosto, ele é muito bom para mim.

— Então, qual o problema? — questiono, ajoelhando-me diante dela. Minhas mãos apertam suavemente os seus ombros. — Preciso fazer algo muito, muito importante mesmo. Importante para mim e para você também.

— Verdade? — ela me interrompe, arqueando uma sobrancelha para mim.

— Sim, mas não posso lhe contar ainda. É coisa de adulto, e só preciso que seja boazinha.

— River vai me deixar ver tevê?

Rio, ficando em pé novamente. Aposto que River não doou aquela velha tevê por causa de Hope. É tanto apego da sua parte, teremos que levá-la para a Flórida também.

— Se a tevê ainda estiver aqui, ele irá deixar, com certeza.

— *Tá bom* — ela encolhe os ombros, segurando a minha mão.

— Obrigada! — sorrio, enquanto Hope me puxa pelos degraus da entrada.

Sean está sentado ao lado da porta, absorto em seu celular, mas levanta os olhos assim que ouve os nossos passos. Faz dias que não o vejo, cheguei até a esquecer que ele ainda estava aqui em Beaufort. Seu sorriso é contido ao me ver,

mas aumenta quando Hope fica à frente do meu corpo.

— Olá, Sean — digo de forma polida. — Como vai?

— Oi, Ella — ele acena, ficando em pé. — Estou bem e você?

— Estou ótima, obrigada. — Aperto novamente os ombros de Hope.

— Você viu o meu gesso, Sean? — ela lhe pergunta, erguendo o seu braço engessado. — Eu caí da escada e me machuquei.

— Lewis me contou, sinto muito por isso. — Ele sorri, afagando o seu cabelo. — Está doendo?

— Não, só coça — ela ri. — Coça muito e meus dedos não cabem aqui dentro.

— Aposto que isso é ruim, mas é melhor que sentir dor; não é? — ele sonda com diversão.

— Acho que sim. — É a sua resposta, ainda rindo.

Os olhos de Sean voltam a se encontrar com os meus, o riso de Hope ainda flutuando entre nós. Tusso, olhando para os meus pés e novamente para ele.

— River está lá dentro? — pergunto em seguida.

— Sim, na cozinha, eu acho. — Ele replica, colocando as mãos nos bolsos de seu jeans.

Agradeço com um rápido aceno, conduzindo Hope para dentro. Alguns passos apenas, ela para no limite da porta e diz para Sean:

— River vai cuidar de mim, porque a Ella tem uma coisa importante para fazer.

Sean sorri, girando o corpo para encará-la mais uma vez. Gosto da suavidade que brilha em seus olhos quando estão em Hope. Isso me faz ter

certeza de que ele é uma boa pessoa e confesso que tive minhas dúvidas a respeito disso.

— Estarei aqui, se precisar — ele pisca para ela, antes de nos dar as costas e voltar a mexer em seu celular.

Seguro a mão de Hope e abro a porta, colocando o seu corpo a frente do meu. Assim que passamos pelo pequeno hall de entrada, ela solta minha mão e corre para a sala. O velho sofá ainda está lá, a antiga tevê também, mas a estante está praticamente vazia. Há caixas ao redor e imagino que os livros que antes coloriam a sala, estejam empilhados dentro delas. Olho ao redor e encontro River descendo as escadas. Ele sorri tão lindamente quando me vê e sou atingida mais uma vez por seu amor. Dou um passo para trás, porque parece realmente que alguém empurrou o meu peito. Devolvo o seu sorriso, estendendo a minha mão para que ele a segure quando para diante de mim.

— Oi — sussurro.

— Oi — sussurra também, tocando a lateral do meu rosto e depois colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Tudo bem?

— Sim — afirmo, me aproximando para beijá-lo. — Trouxe Hope como combinamos ontem.

— Ok. — Diz lentamente, me beijando de volta. — Está pronta para enfrentar o seu pai?

— Não. — Respondo com rápida sinceridade. Eu realmente não estou, *por que mentir?* — Mas eu farei assim mesmo

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza, River.

As suas mãos apertam os meus dedos e sua testa descansa de encontro a minha, enquanto ele exala. Quero lhe tranquilizar e dizer que meu pai não causará tantos danos como estamos supondo, mas não posso garantir algo assim. Beijo o canto da sua boca, antes de me afastar.

— Hope, eu já estou indo. — Elevo a voz para ser ouvida, porque ela conseguiu ligar a tevê e o som se propagou por toda a sala.

Seu corpo gira em nossa direção e seu rosto se ilumina em um sorriso, quando ela nota River ao meu lado. Não há pedido ou demanda, mas ela anda até ele e eleva os braços para ser carregada. River prontamente faz o seu desejo e eles trocam um beijo carinhoso. Aproximo-me dos dois e beijo ambos, sentido que essa é a imagem que preciso levar comigo.

— Seja boazinha. — Peço com um sussurro no ouvido de Hope. — Eu voltarei muito rápido.

— *Tá bom*, Ella. Vou ficar e assistir desenhos com o River.

— Isso — sorrio, tocando o seu rosto.

River a coloca no chão e ela corre de volta para a sala. Um segundo depois e sua atenção não está mais focada em nós.

— Obrigada por cuidar dela. — Digo a ele, espalmando a minha mão em seu estômago. — Sinto-me tranquila por deixá-la com você.

— Não precisa agradecer. — Sorri, apertando a minha cintura. — De verdade, nunca me agradeça por nada que eu fizer para você ou para a Hope.

Assinto, suspirando aliviada. Eu irei agradecer, é óbvio. Principalmente a Deus, por ter colocado River em minha vida mais uma vez e por ter mantido o nosso amor vivo e forte através dos anos.

— Eu te amo! — exclamo baixinho, afastando-me por fim.

— Também te amo, Ella.

Relutantemente, desprendo os meus olhos dos seus e caminho para fora. Respiro e torço os dedos na cintura do meu jeans, antes de notar Sean no mesmo lugar em que o encontrei antes. Aceno e me afasto, descendo até o gramado, mas sentido os seus olhos em mim. Sem entender exatamente o porquê, de repente paro e pergunto:

— Quer me dizer alguma coisa, Sean?

Minha pergunta o surpreende, dá para ver claramente. Eu não sou uma confrontadora, o seu choque deve vir daí, mas ele se recupera rápido.

— Não, por quê?

— Eu não sei — encolho os ombros. — River te contou sobre a minha mudança para a Flórida?

— Sim, ele falou brevemente. — Acena com calma.

— Isso te incomoda? Por causa da sua irmã?

É constrangedor lhe perguntar isso, mas quase sinto-me obrigada a fazê-lo.

— Não, também não acho que tenho o direito de me incomodar.

— A nossa última conversa foi estranha e você parecia se sentir no direito de se incomodar.

Ele se encolhe com as minhas palavras e me pergunto se fui rude demais, mas fui sincera e isso era mesmo necessário. Imagina o quão ruim poderia ser a nossa relação na Flórida, se deixássemos tudo nas entrelinhas. Não que eu esteja ansiando ter uma relação com Sean, e se ela existir, desejo que seja o mais superficial possível. Mas Hope gosta muito dele, talvez eu não possa evitá-lo totalmente.

— Desculpe-me por isso. — Ele murmura com hesitação. — Não foi certo da minha parte, acho que não estava pensando direito, quando lhe disse aquelas coisas.

— Acontece — suspiro, dando mais alguns passos até o carro. — Você e River são amigos, não quero alimentar esse clima ruim.

— Claro, você está certa. — Se apressa em concordar. — Estou voltando para a Flórida hoje à noite e serei implantado em duas semanas, eu ficarei uns seis meses longe, portanto; não se sinta desconfortável quando me encontrar.

Eu não deveria, mas essa informação me deixa feliz. Espero que ele não perceba que esse é o motivo do meu sorriso agora. Seria rude, só não posso evitar.

— Entendi, boa sorte então, Sean!

— O mesmo para você, Ella — replica, sorrindo também. — E não retiro o que eu disse, você é uma garota incrível.

— E você é um cara legal!

Que só poderia não ter me deixado desconfortável em alguns momentos, mas não podemos ter tudo.

Afasto-me sem um segundo olhar, eu já estou atrasada. Entro no carro e saio do meio-fio, com pressa. Gostaria que o caminho até o escritório do meu pai fosse mais longo, talvez assim eu tivesse mais tempo para me acalmar. Mas a distância entre as duas casas é curta e quando estaciono em frente à minha casa de infância mais uma vez, minhas mãos tremem sem minha permissão. Apesar do tempo, é óbvio que me dou mais um segundo para respirar, talvez dois ou três, mas eventualmente saio. Caminho pelo jardim e subo os degraus da varanda com uma lentidão que me aborrece. É como se o meu cérebro não me quisesse aqui e concordo com ele, só não há outra solução.

Entro sem bater. A secretária ocupa o mesmo lugar na sala de estar e sorri de forma robótica quando me vê.

— Eva! — ela exclama, educadamente.

— É Ella — suspiro, porque nem me importo. — Eu marquei para ver o meu pai.

— Claro, claro... — ela sai de trás da mesa e corre até o seu escritório.

Fecho os olhos, cansada. Nem tenho vontade de olhar ao redor e só quero que tudo isso acabe. Minutos depois, ouço os saltos da secretária e os passos pesados do meu pai. Apenas pela forma como ele anda até mim, sei de imediato que não está feliz em me ver. Que se dane!

— Ella — diz o meu nome, como um resmungo que não pode conter. — Eu não sabia que viria.

Giro o meu corpo e encaro a secretária, antes de depositar meus olhos nele. A mesma aparência austera e impecável de sempre, mas seus olhos brilham para mim e não de uma forma boa; eu garanto.

— Eu liguei para a avisar — a secretária se encolhe. Se eu xingasse, teria uns bons palavrões para usar com ela.

— Devo ter esquecido de anotar. — Ela diz, correndo de volta para a sua mesa.

— Quando é o meu próximo cliente? — meu pai late.

Ela folheia rapidamente uma agenda de couro e eu espero. Mas nada nesse mundo irá me tirar daqui sem uma conversa. Vou me trancar em seu escritório, se for necessário.

— Em vinte minutos. — Ela responde.

— Vinte minutos bastam, Ella? — ele me pergunta, já andando em direção ao seu escritório.

— Depende de você, pai. — Murmuro em suas costas.

Ele parece não entender a minha resposta, mas abre a porta e me convida a entrar. Paro em meu ponto habitual e espero que ele ocupe a sua cadeira, então sento-me também. Nunca faço isso, mas essa é uma ocasião extraordinária.

— Está tudo bem? — ele pergunta e parece realmente se forçar a fazer isso.

— Estou bem, Hope também. — Respondo, calmamente. — Minha mãe, nem tanto.

Seus olhos me sondam, mas não demonstram muito. Coloco os pés para baixo da cadeira e cruzo as mãos em meu colo.

— O que você quer? — pergunta, afinal. — Parece importante.

— Definitivamente é.

— Vá em frente. — Incentiva-me, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Quero falar sobre Hope. — Começo, olhando para a cortina, porque seus olhos me enervam demais.

— O que, especificamente? — sonda, denotando uma leve preocupação em seu tom.

— Sobre a adoção feita há cinco anos, eu quero contestá-la.

Volto o meu olhar para o seu e me tensiono na cadeira. Mais uma vez seus olhos não entregam nada, ele parece uma folha em branco e preciso saber o que está pensando.

— Você me ouviu, pai? — pergunto, doente para quebrar esse silêncio.

— Eu ouvi — diz, de forma vagarosa. — Por que depois de cinco anos?

Por quê? Não importa o tempo que demorei, ele deveria saber o motivo. Hope é minha filha, minha...

— Porque, só agora me dei conta de que não posso continuar assim; fingindo que Hope é minha irmã. Fingindo que nós quatro somos uma família. Fingindo que estou realmente viva. Eu quero mais, pai.

Quando termino, estou sem fôlego. Ao falar, não me dei conta da velocidade com a qual as palavras saiam de mim, mas agora preciso arfar e encher meus pulmões e estou ainda mais nervosa.

— Isso é repentino. — Ele murmura.

— Repentino? — exaspero, apertando a lateral da cadeira. — Demorou cinco anos.

— Só está fazendo isso porque River está de volta. — Afirma com

convicção. — Contou a ele que Hope é sua filha?

— Sim, eu contei. Não há mais segredos entre nós dois.

— Disse que não iria contar.

— Mas mudei de ideia, eu estava com medo; agora não tenho mais. — Digo com firmeza. — Quero os meus direitos como mãe, quero o meu nome em sua certidão de nascimento e quero poder decidir o que faremos com a nossa vida a partir de agora.

— Quantas exigências. — Ele ri secamente.

— Pai, por favor — o censuro, mas mantenho a minha voz linear para não lhe dar o prazer de me ver perturbada. — Não seja um idiota, ao menos, não hoje.

— O que disse? — ele demanda, se inclinando um pouco mais em sua cadeira.

— Ok, desculpe. — Lamento, mas sem me importar de fato. — Foi rude dizer isso.

Ele sorri e eu também, nenhum dos dois sorrisos é de fato verdadeiro. Estamos em um jogo. Eu faço o que ele quer e ele me dará o que desejo. Assim eu espero.

— Como posso contestar a adoção? Como, sem transformar toda essa situação em uma guerra desnecessária?

— É o que quer realmente? Ou está apenas fazendo a vontade de River? — examina-me com atenção. — Pergunto isso, porque nunca manifestou a vontade de contestar a adoção. Na realidade, você parecia bem confortável em alimentar todo esse segredo e viver da forma como vivia.

E ele está certo, não está? Eu era a mais covarde das criaturas e contar tudo a River foi a única forma de me sentir diferente. Talvez eu esteja fazendo por River e por Hope, mas principalmente por mim. Sei disso.

— Eu tinha medo, você sabe — digo baixinho e calmamente. — E estava perdida, depois de enfrentar uma gravidez que não foi desejada. Depois de passar meses sem saber o que fazer com a minha vida ou a vida do bebê. Você me mostrou um caminho e achei que ele fosse o único e de fato, por um tempo, realmente foi, mas agora não é mais... pai, eu quero a minha filha de volta!

Eu gritei a última frase e não me sinto mal por isso, porque é o desejo mais latente em meu coração e meu pai precisa saber disso. Ele definitivamente, precisa.

— Não sei como resolver esse assunto. — É a sua resposta sem sentimentos.

— Você é advogado, pai. — Pontuo, chocada com a sua ousadia em me dizer algo assim. — Não sabe como resolver? E quem saberia? Outro advogado? Quer que contrate os serviços de um e entre com uma ação contra você? Vai me obrigar a isso? Realmente?

— Toda Beaufort saberia sobre Hope.

— Toda Beaufort já sabe sobre Hope e eles cochicham em nossas costas, você acha que as pessoas são tão tolas? — questiono, trazendo o meu corpo para a ponta da cadeira. — Todos sabem o que aconteceu quando nos levou para morar na pousada e sabem também o que acontece aqui, nessa casa, com você e sua secretária.

— Ella — ele me adverte, espalmando as mãos em sua mesa e se levantando. — Não fale assim comigo.

— Eu estou cansada, pai — confesso ao me levantar também. — Tão cansada. Vocês têm me enfiado suas loucuras goela abaixo e eu tenho aceitado tudo de forma pacífica por anos. Agora estou aqui para lhe pedir que me ajude a ter a minha filha de volta; apenas isso.

Nossos olhos se prendem em um embate. Seus olhos são mais escuros, mas me lembram tanto dos meus. Nunca gostei desse fato, agora gosto menos. Tem muitas emoções neles, sentimentos que não são tão bons assim.

— Você me ama? — pergunto, de forma inesperada. — Você me ama,

pai?

— Claro que amo. — Responde com brusquidão.

Palavras, apenas palavras. Eu não sinto verdade alguma enquanto ele me diz isto.

— Não me sinto amada há muito tempo. — Sussurro baixinho, essa é uma confissão difícil. — Não por você e nem por minha mãe. Eu sinto falta de ser amada por vocês.

— E eu te amo, você é minha única filha. Fiz tudo o que podia para fazê-la feliz.

— Fez mesmo? — replico, mas contenho a petulância. — Você não fez, mas está tudo bem. O passado não irá voltar com o nosso lamento, eu só estou pedindo que demonstre o seu amor agora e me ajude a conseguir a guarda da Hope.

— Isso é complicado.

— Eu sei que é, mas pode fazer acontecer.

— Preciso de tempo, Ella — ele me informa, voltando a se sentar. Permaneço em pé.

— Quanto tempo?

— Duas ou três semanas.

— É bastante tempo.

— Como acha que isso funciona? Só imprimo uma nova certidão com o seu nome nela?

A sua ironia me acerta como um tapa e me irrita também.

— Eu não sei como funciona, pai — exaspero, dando alguns passos para trás e batendo na cadeira em minhas costas. — Você simplesmente colocou

algumas folhas de papel na minha frente e me pediu para assiná-las doze horas após o meu parto. Eu ainda estava confusa com os remédios e toda a dor, sem contar os meus sentimentos em total ebulição. Então, eu não sei como isso funciona.

Ele exala, esfregando os olhos em um gesto claro de cansaço e irritação. Irritação em maior escala. Também estou irritada, então não me importo.

— Eu ainda tenho o registro do hospital, a pulseirinha de Hope — murmuro a esmo. — River e eu faremos um exame de DNA amanhã, então eu posso contratar um advogado e contestar a adoção...

— Eu farei isso. — Interrompe-me. — Cuidarei de tudo, só me dê um tempo.

— Quanto tempo realmente? — sondo mais uma vez.

— O mais rápido que eu puder.

Ainda não é bom o bastante. River está indo embora de Beaufort em dois dias e não posso imaginar ficar três semanas longe dele. Ainda assim, assinto e aceito o que meu pai me oferece. Talvez eu seja a garota mais tola que já existiu, mas lhe darei esse último voto de confiança.

— Tudo bem. — Balbucio.

— Meu cliente chega em... — ele para e busca as horas em seu relógio de luxo. — Sete minutos.

— Vai me procurar quando as coisas estiverem resolvidas? — pergunto antes de sair.

— Claro, eu entro em contato. — Diz, sem vontade.

— Não sou um dos seus negócios, pai! — exclamo, abrindo a porta com mais força que o necessário. — Se não vier me procurar, então eu farei do meu jeito. Isso é um aviso e é melhor acreditar nele.

Fecho a porta sem despedidas calorosas desta vez, é libertador e triste.

Olho para as minhas mãos trêmulas e me dou um segundo de respiro, antes de correr para a saída. Deus queira que esta tenha sido a última vez que pisei nessa casa. As lembranças ruins se sobrepõem às boas e não quero mais nada que me machuque dessa forma.



Trinta

Há gritos ao meu redor. Pessoas indo e vindo, elas estão tensas, ansiosas. Minha mãe está ao meu lado, estoica e quieta. Mortalmente calada. Há alguns minutos ela quis me dar a sua mão, eu recusei. Minhas mãos estão fechadas ao redor do lençol branco de algodão sob mim e ficarão assim, por enquanto. Acredito que meus dedos estejam tão brancos quanto o tecido que aperto fortemente há muito tempo. Meus olhos estão fechados, meus pensamentos confusos e meu coração bate com fúria, prestes a romper o meu peito. Sinto-me diferente, tão estranha. Como se estivesse no meio de um furacão e não houvesse abrigo, nem escape. Minha única opção é correr contra o vento. Corro e me vejo ofegante, então paro, mas essas pessoas ao redor me obrigam a correr mais uma vez. Eu não quero, estou cansada.

— Empurre, Ella — alguém grita em meus pés. — Mais uma vez, forte... o bebê está quase nascendo. Quase.

Nascendo? Oh, Deus... eu não posso mais empurrar, não há nenhuma maneira que meu corpo consiga. O bebê também não pode nascer. Não, não agora. Ainda não decidi o que farei com ele. Nem mesmo temos roupas... não, agora não.

— Empurre, Ella — eles gritam novamente. Nem sei como sabem o meu nome.

— Eu não posso. — Resmungo de volta, escondendo o meu rosto no travesseiro.

Uma dor aguda atinge as minhas costas. É o ápice, mais do que sou capaz de suportar. Ela se espalha sem piedade pela minha barriga e vai para a minha virilha. Por que dar à luz precisa ser algo tão tenebroso, eu não faço ideia. Mas quero fechar as minhas pernas e sair correndo para fora desse quarto. Infelizmente as pessoas não irão permitir e com a dor que sinto, não seria capaz de dar dois passos. Uma das enfermeiras aperta o meu joelho e me obrigada a manter a minha posição na cama. A obstetra belisca o interior da minha coxa, porque ainda tento fechar a outra perna. Garanto que ela nunca viveu uma situação como esta, mas eu também não.

Quando as dores começaram pela madrugada, eu as ignorei. Foi fácil, porque o intervalo entre elas estava longo. Pela manhã minha bolsa rompeu, mas ainda me mantive em negação. Eu estava lutando arduamente para ignorar os fatos que evidenciavam o meu trabalho de parto. Ao meio-dia, as dores estavam intensas, menos espaçadas e precisei pedir à minha mãe para me trazer ao hospital. Ela ainda me fez esperar por quarenta minutos. Faz cinco horas que estamos aqui. Cinco horas em que eu me contorço e morro de dor. Isso nunca acaba.

— Empurre, Ella. Parece que você não quer que esse bebê nasça. — A obstetra diz e eu choro, porque no fundo é meio verdade. — Só mais um pouco, garota.

— Ahhhhh... — grito, apertando ainda mais o lençol entre os dedos. — Deus me ajude!

— Estamos quase lá, Ella — alguém diz, meus olhos estão tão fortemente fechados e não posso ver quem foi. — Já estamos vendo a cabeça.

Ai, meu Deus... está acontecendo mesmo. Eu empurro, porque é o que o meu corpo me obriga a fazer e a dor é tão grande que só quero me livrar dela.

— Respire — minha mãe me diz. A sua voz parece diferente, mas consigo distingui-la das outras mesmo assim.

Abro os olhos e os fixo nela, ao meu lado da cama. Um pequeno intervalo entre as contrações me traz alguma lucidez e percebo que me sinto imensamente sozinha. Minha mãe não quer estar aqui, acho que até a médica e a enfermeira não querem. Nem mesmo eu queria, essa é uma das mais desoladoras sensações que já provei. E provei muitas nos últimos meses.

— Eu quero o River — grito, quando as contrações voltam. — Quero ele, eu quero!

— Ele é o pai? — alguém questiona.

— Ele não está aqui, Ella. — minha mãe murmura.

— Traga-o até mim — peço chorando. — Por favor, o encontre e o traga

até aqui, mãe.

— Eu não posso — ela parece triste ao dizer, mas estou infinitamente mais. — Sabe que não posso.

— Não pare de empurrar, Ella. — A médica ordena.

Toda essa cacofonia ao redor está me deixando doida. Tento me levar a um lugar da minha mente, onde haja paz. Acaba por ser uma lembrança de River, seu sorriso, a forma de me tocar. O jeito que ele nunca me magoava, o quanto me fazia feliz. Se estivesse aqui, a sua mão estaria entrelaçada à minha. As pessoas não estariam gritando, porque seria visível a felicidade desse instante.

Fecho os olhos e o imagino ao meu lado. A fantasia se torna tão real que quase sou capaz de me convencer que estamos mais uma vez juntos. Não estamos, eu sei, mas aprecio essa mentira com todas as minhas forças.

Os gritos ao redor se tornam sussurros, e de repente sou apenas eu, a lembrança de River e o bebê. É minha obrigação trazê-lo ao mundo. Talvez, de um jeito louco e distorcido, essa seja a minha missão na vida e eu a aceito. Finalmente eu a aceito.

A cada contração eu empurro com força, como se tudo em mim dependesse disso. Respiro entre os intervalos, sem ouvir o que dizem à minha volta. Eu criei uma bolha ao meu redor e ninguém pode ultrapassá-la. Não, eles não irão.

Leva cerca de dez minutos entre o empurrar e respirar, antes que eu ouça o choro do bebê. Não sei como me sinto ao ouvi-lo em um primeiro instante, mas causa uma pontada em meu coração. Só preciso me decidir se isso é bom ou ruim.

— É uma menina! — a médica exclama, feliz. — Parabéns, Ella.

É real, eu sou mãe agora. Deveria me sentir tão arrasada? Choro, trazendo uma das mãos até a boca, meus olhos ainda não se abriram. Meu corpo dói, mas, e o buraco em minha alma? O choro do bebê se sobrepõe a todos os outros sons e me faz chorar um pouco mais. Ela é colocada sobre a minha barriga. O peso do seu corpo é tão sutil sobre o meu, os seus movimentos também. Seu choro repleto de lamento, se transforma em um choramingo baixo. Eu não sei o que fazer com as minhas mãos. Uma ainda está em minha boca, a outra está apertada no lençol. Imagino que seja esperado que eu toque o bebê, a

abraçe e a aconchegue até o meu peito; mas estou com medo. Tanto medo.

— Olhe para o seu bebê, Ella. — Meu bebê? — Ela é tão linda!

Reluto, mas abro os olhos. Vagarosamente, eu confesso. Como se as minhas pálpebras pesassem muito e demandasse um grande esforço em abri-las. Quando o meu olhar pousa no bebê diante de mim, perco uma batida em meu coração. Ela se remexe suavemente e coloco minha mão em suas costas. Não quero que nada de ruim aconteça a ela; eu nunca quis.

Não sei muito — ou devo dizer nada — sobre bebês, mas acho que eles não são muito bonitos quando nascem. Passar nove meses nadando em líquido amniótico pode não fazer maravilhas, eu imagino. Só que esse bebê é diferente. Ela é linda realmente e a exclamação da médica ao vê-la não foi um simples elogio para me animar. Ela é pequena e foi enrolada em um lençol branco ao nascer, apenas o seu rosto é visível para mim. Alguns fios finos e castanhos, adornam a sua cabeça. Seu nariz é pequeno, bochechas rosadas e gordinhas. Os olhos estão fechados, mas por algum motivo, tenho quase certeza que ela não herdou meus olhos azuis. Sua boca é pequena também, um perfeito coração adorável.

Sem me conter, trago um dedo e deslizo por sua bochecha. Isso a consola de alguma forma e o seu choramingo de antes, desaparece. Sei que os bebês reconhecem a voz dos pais, mas não o toque. Talvez o cheiro? Não posso afirmar. Só que é evidente que ela me reconhece e de repente, a responsabilidade que já pesa em minhas costas, torna-se mil vezes maior.

— Precisamos pesá-la e examiná-la rapidamente. — A enfermeira me informa, já retirando o bebê de sobre mim. Não respondo, mas afasto as minhas mãos. — Será muito rápido.

Mantenho-me calada, a boca seca, o corpo dolorido e exausto. Descanso minha cabeça no travesseiro e fecho os olhos, me esquecendo por um segundo de onde estou. O bebê volta a chorar, mais forte e repleto de dor, isso me traz à realidade. Ouço o seu choro com os olhos fechados, mas a vontade de consolá-la é gigantesca. Não posso evitar como me sinto agora. Não posso evitar que esse sentimento cresça vertiginosamente. Como irei entregá-la à outra família, se quinze segundos ao seu lado já foram o bastante para que eu me sentisse assim?

— Aqui está o seu pacotinho de amor. — A enfermeira diz, ao me

entregar o bebê novamente.

Dessa vez eu a seguro em meus braços, trazendo o seu corpo até o meu peito e colocando o meu rosto próximo ao seu. Gosto do seu cheiro, gosto da suavidade da sua pele de encontro a minha. Eu aprecio esse momento, enquanto sinto o peso do olhar da minha mãe em mim. Há duas semanas eu lhe disse que colocaria o bebê para a adoção. Claramente eu não contava com todos esses sentimentos.

— Como ela está? — pergunto, sem olhar ao redor. — Tudo bem?

— Sim, perfeita e saudável. — A enfermeira responde.

Encosto o meu nariz a sua bochecha e ela para de chorar. Então, de uma forma que apenas nós duas possamos ouvir, sussurro:

— Nós ficaremos bem, nós ficaremos...



Meu olhar está preso ao de Hope nos últimos segundos. Estamos em uma sala privada, no laboratório onde o exame de DNA está sendo realizado. A sua coleta é bem simples. Uma haste flexível, com a ponta em algodão, está sendo passada no interior de sua bochecha. Sei que é indolor e infinitamente mais simples, que a coleta de sangue optada por mim e River, mas Hope está assustada com toda a agitação ao redor. Sua mão se agarrou a minha e o seu olhar se fixou ao meu em busca de segurança, e tudo o que tenho feito desde então, é sorrir para acalmá-la. Ainda que eu mesma esteja assustada, não posso deixá-la mais agitada do que está.

— Terminamos! — a gentil enfermeira exclama, colocando a haste em um pequeno saco plástico e o lacrando em seguida. — Não doeu nada, não foi, Hope?

— Não — Hope responde com um suspiro e um sorriso vacilante. — Só foi estranho.

A enfermeira ri, e River a acompanha. Hope se junta a eles também. Eu, no entanto, sinto-me tensa demais para tanto. Acho que o sorriso que dirigi à Hope, acabou congelando em meu rosto; mas por dentro estou uma pilha de nervos.

— Isso é tudo? — River questiona a enfermeira.

Graças a Deus, porque estou louca para sair desse lugar. Antes que a enfermeira responda, retiro Hope de sua cadeira e a coloco no chão, ainda mantendo a sua mão bem apertada entre a minha.

— Sim, o material dos três já foi coletado e vocês já assinaram o termo de responsabilidade — ela diz, enquanto preenche algo em uma prancheta. — Terminamos aqui.

— E quando saberemos o resultado? — é a minha vez de perguntar, aceitando a mão de River e entrelaçando os nossos dedos. — Isso irá demorar?

— Uma semana, talvez menos. — Responde de forma educada. — Estamos com o seu endereço, Ella e o exame será enviado para a sua casa, assim que estiver pronto.

— E o resultado é confiável? — River sonda. — Ou devemos refazê-lo, se houver alguma dúvida?

Refazer? Não, isso não está acontecendo. Mordo os lábios, porque o meu nervosismo aumenta de forma significativa.

— Sabe que nada na vida é cem por cento exato, mas somos um laboratório confiável e as chances de um exame de DNA estar errado é quase ínfima — ela explica, enquanto aperto ainda mais os dedos de River. — Pode refazê-lo, é lógico, mas dificilmente o segundo resultado será diferente do primeiro.

River e eu assentimos quase que de forma sincronizada, e tomo a iniciativa de abrir a porta e dar um passo para o corredor, após soltar a sua mão. Puxo Hope comigo e ele fica responsável por se despedir da enfermeira e trazer consigo o anexo de documentos que ela precisava nos entregar.

O prédio onde estamos é repleto de corredores estreitos, como um

labirinto, e demoro alguns minutos até encontrar a saída. São cinco degraus até a recepção. Passamos por ela e ouço os passos de River logo atrás. São sete degraus até o estacionamento. River nos alcança quando estamos descendo o segundo.

— Tudo bem? — ele pergunta, deslizando um dos braços em minha cintura.

— Sim — exalo, soltando a mão de Hope e permitindo que ela corra até o carro de River. — Só estava louca para sair de lá. Aquela sala era pequena, estava tão quente e eu mal conseguia respirar.

— Tinha ar-condicionado. — Ele sorri. — Mas eu entendo o que quis dizer.

— Tudo isso é difícil para mim. — Retorno o seu sorriso. — Mas já fizemos e estou bem agora.

— Você não se sentiu forçada, não foi? — ele parece genuinamente preocupado ao me perguntar, apertando a minha cintura e interrompendo os meus passos por um instante. — Era algo que eu queria, eu sei, e nem pensei se estava te obrigando...

— Claro que não, River — sou rápida em interrompê-lo. — Estou repleta de receios, mas era algo que precisaria fazer algum dia. Estou feliz que seja ao seu lado.

— Sabe que o resultado não irá mudar nada entre nós? — Sonda, ao deslizar o polegar em minha bochecha com carinho. — É sério, Ella, ainda seremos nós três; não importa o que aconteça.

— Agora eu sei. — Sussurro. — Nós ficaremos bem.

— Nós ficaremos! — ele concordo.

— *Ellaaaaa* — Hope grita mais à frente. — Você não vem?

— Estou indo — digo com calma, andando em sua direção com River ao meu lado.

Sei que ele irá ajudá-la a entrar no carro e colocar o cinto de segurança, portanto, sou rápida em ocupar meu lugar no banco do passageiro. Aprecio a sensação de poder relaxar o meu corpo tenso e respirar um pouco mais calmamente. Mantenho-me em um constante mantra para me convencer que a pior parte já passou. Fizemos o exame, saberemos o resultado e seguiremos em frente; não importa quem seja de fato o pai biológico de Hope. Mas a questão é que, por vezes, não sou tão boa em me convencer. Ainda há uma centelha de insegurança dentro de mim e todo o meu esforço é para que ela não ganhe um espaço que não lhe pertence. Não mais.

— Podemos fazer uma coisa divertida agora? — Hope pergunta assim que River ocupa o seu lugar e dá a partida no carro.

— Não achou divertido o que acabamos de fazer? — ele lhe questiona aos risos. — Eu achei bem legal.

— Não foi legal, River — ela resmunga, mas acaba rindo. — Ella, por que aquela mulher limpou a minha boca?

A sua pergunta, tão inocente e séria, faz River rir um pouco mais. Giro a minha cabeça para encará-la e respondo de forma suave:

— Ela não limpou a sua boca, só recolheu sua saliva para um exame.

— De quê? Exame de quê?

Eu deveria supor que essa pergunta viria em seguida, acontece que ainda não pensei na resposta. Como lhe dizer que estamos tentando descobrir se River é seu pai? Eu não quero que Hope saiba dessa possibilidade antes que ela se confirme e, se não se confirmar, jamais lhe contarei esse lado da história. Óbvio, eu lhe contarei sobre nós e a nossa mudança para a Flórida. E se River for o seu pai, será o dia mais feliz da vida minha quando eu estiver lhe contando sobre isso.

— Para saber se você está bem. — Sorrio, esticando a minha mão para tocar a sua. — Eu sei que você está, mas às vezes precisamos ter certeza.

— Você e River também fizeram exames? — ela questiona com um olhar

curioso.

— Sim, nós fizemos. — River é quem responde. — É uma coisa simples, sabe? Não precisa se preocupar com isso.

— Não estou preocupada. — Ela sorri, olhando para ele através do retrovisor.

— Que bom, você é muito pequena para se preocupar — ele sorri de volta. — Agora, quer comer alguma coisa?

— Sim, eu quero! — é a sua resposta alegre e já esperada.

— Ella? — River me pergunta.

— Sim, claro — apresso-me em concordar, mesmo que não tenha fome alguma. Mas os meus melhores momentos são ao lado deles, jamais desperdiçaria um segundo sequer.

— Comer é divertido! — Hope exclama, batendo palmas. Ou ao menos tentando, já que sua mão engessada não torna a tarefa fácil; mas o seu entusiasmo é grande o suficiente.

— Até mesmo brócolis? Alface? Maçã? — River questiona, brincalhão. — Comer maçã é divertido, com certeza.

— Nãooooo — ela refuta em desagrado. — Comer brócolis não é divertido, nem alface... gosto de maçã, mas não quero comer hoje.

— Tudo bem, então trocamos a maçã por sorvete — ele lhe diz, voltando a fazê-la sorrir novamente. — Mas só hoje... só hoje.

Observo tudo em silêncio e sem conter um sorriso. É tão óbvio que River será o pai mais maravilhoso e Hope a criança mais feliz, e eu... eu serei a garota que os amará sem limites, até o meu último suspiro.



— Não posso acreditar que essa é a sua última noite em Beaufort. — Digo a River, quando no final do dia estamos em meu quarto, sentados no pequeno espaço em minha sacada.

Assim que saímos do laboratório — que ficava na cidade vizinha — fomos almoçar em um restaurante local. Não tivemos pressa em voltar para Beaufort, mas quando o fizemos, fomos direto para a casa de River e passamos a tarde toda lá. Ele recolheu alguns livros que eram do seu pai e que quer levar para a Flórida, além da velha tevê; que veio parar em meu quarto. *Como Hope poderia permitir que o seu destino fosse diferente?* Às cinco e meia, o corretor apareceu e ficou com as chaves da casa e disse a River que está muito perto de encontrar um comprador para ela.

Voltar para o meu pequeno quarto na pousada, foi a única opção que nos restou. Sean já está na Flórida a uma hora dessas e River não é mais um hóspede aqui.

— Sabe que eu ficaria mais, se pudesse — ele diz, respirando em meu pescoço, enquanto minha cabeça descansa em seu peito.

— Eu sei — sussurro, me esforçando para não deixar a melancolia me invadir.

— Não me importo em dar adeus para Beaufort, ou até mesmo para a casa em que morei por tantos anos, a única coisa que dói é te deixar aqui.

— Sei disso também, mas é temporário desta vez. Irei te encontrar assim que puder. — Prometo, olhando para Hope através das portas de vidro. — No instante em tudo se resolver, eu embarco para a Flórida com Hope.

— Acha que seu pai vai mesmo colaborar? — pergunta, brincando com uma mecha do meu cabelo.

Sei que o assunto é sério, mas em tudo o que posso pensar é no quanto sentirei falta do seu toque, seu abraço, a sua presença física. Como sobreviverei aos meus dias sem River, ainda é uma completa incógnita para mim.

— Meu pai não é alguém previsível — balbucio, por não ter uma resposta mais concisa. — Porém, não o deixarei ditar o meu destino; não mais.

— Sei que não irá — ele exala e interrompe o toque em meu cabelo. — Mas se ele decidir agir feito um idiota, isso significa que estará presa por mais tempo em Beaufort.

— Acha que devo consultar um advogado? — pergunto, cautelosa.

— Talvez... — responde com a mesma cautela. — Ele é seu pai, Ella, mas será que tem motivos para confiar nele?

A resposta é tão simples que nem respondo. Infelizmente não há motivo algum para confiar em meus pais, eu gostaria de poder dizer o contrário; Deus sabe o quanto, mas não posso.

— Eu resolverei esse assunto, River; é uma promessa!

Giro o meu corpo para encará-lo e encontro os seus olhos carinhosos, eles se prendem em mim de imediato.

— Gostaria de ter mais tempo e resolver tudo antes de voltar para a Flórida. — Ele lamenta com um sorriso triste. — É uma droga ter que deixá-la em um momento tão crucial.

Sorrio, arrastando os meus dedos por seu pescoço e parando na gola da sua camiseta.

— Você me disse que às vezes precisamos lutar por aquilo que queremos, ou amamos e sei que preciso lutar agora. — Recito, brincando com o tecido entre os meus dedos. — Sei que não sou uma guerreira nata, talvez eu seja uma bela covarde...

— Não, não diga isso. — Interrompe-me com um beijo, as mãos ao redor do meu rosto. — Você é mais corajosa que muitas pessoas que conheço.

— Eu não sou — refuto, incerta.

— Você é — insiste, carinho e gentil.

— Digamos que eu seja, realmente — rio. — Só nunca lutei por algo.

— Como assim? — River parece ofendido. — Olhe para aquela criança na cama, dormindo feliz e segura, ela só está aqui agora, porque lutou por ela. Você lutou, Ella!

Acompanho o seu olhar até Hope e suspiro. Sim, River está certo; eu lutei. Só deixei que os meus pais e o meu passado me convencessem que não havia feito isso. Quanto mais covarde me sentia, menos capaz de mudar o que me machucava, eu era. Meus pais se alimentaram desse fato por muito tempo e estou longe de me sentir forte agora, mas não deixarei que façam mais isso.

— Nós teremos uma vida na Flórida e seremos uma família para Hope, uma de verdade — suspiro, diante da necessidade de enfatizar esse fato. — Nada e nem ninguém irá me impedir, acredita em mim?

— Claro que sim — seu tom é firme e calmo. — Eu acredito na sua força e em tudo o que é capaz, às vezes só acho que não sabe disso ainda.

— Velhos hábitos — sorrio em seus lábios. — Foram anos sentindo-me incapaz de qualquer coisa, leva tempo para confiar em mim mesma.

— Eu acredito em você! — recita com carinho.

— Então eu acredito também. — Murmuro em retorno, enquanto meu sorriso se agiganta.

O amor de River me eleva, assim como o amor de Hope faz e fez durante os últimos anos. Lutar pela felicidade dos dois, pela minha felicidade ao lado deles; se tornou a única batalha que não aceito perder.

A sua testa vem até a minha e ali fica por vários minutos, enquanto respiramos juntos. Não quero pensar que a cada segundo o nosso tempo se esgota. Aproximo-me e o beijo, quero beijá-lo até que o dia amanheça. Até que eu possa, porque ele não estará aqui amanhã. Enquanto nossos lábios se encontram e um beijo arrebatador explode entre nós, me recordo da noite em que nos despedimos há cinco anos. Sou grata por não me sentir da mesma forma hoje. O sentimento agora é agridoce. Amargo pela despedida iminente, mas doce pelo reencontro que em breve irá acontecer.

River interrompe o beijo, mas não se afasta. Seus lábios ainda roçam os meus com suavidade. Uma das mãos em meu cabelo, seus dedos deslizando por

eles em uma carícia lenta e apaixonada. Fecho os olhos e aprecio o seu carinho e a forma como me sinto imensamente amada por ele.

— Posso te perguntar algo? — ele sussurra, de repente.

— Qualquer coisa — respondo com um sorriso leve, sem abrir os olhos.

— Por que você tem tanta certeza que ele é o pai da Hope?

Não há a necessidade de um nome, para que a pergunta me faça congelar; mas só por um breve instante. Estou surpresa que River não tenha me perguntado antes, era um questionamento esperado. Abro os olhos e me concentro em seu rosto, respiro com lentidão e então respondo:

— Não tenho tanta certeza, mas já parou para pensar em quão pequenas são as chances que você seja o pai dela?

— Já, pensei sobre isso um milhão de vezes... — ele respira também. — São pequenas, de fato; porém existem.

— Existem — concordo com calma. — Mas se apegar a algo tão pequeno pode ser muito doloroso.

— Não foi pior passar cinco anos acreditando que sua filha nasceu de um estupro?

Prendo a respiração com a sua pergunta, mesmo que ela não tenha sido feita de forma brusca ou rude. Mas é a realidade tão crua, jogada em mim, que machuca tanto.

— Bem... — gaguejo, mordendo os lábios em seguida. — Eu não a vejo dessa forma.

— Não? — ele parece surpreso, deslizando os dedos do meu cabelo por minha bochecha.

— Talvez eu tenha pensando assim durante a gravidez, mas não depois. — Confesso, olhando mais uma vez para Hope sobre a cama. — Quando ela nasceu, não me senti mais sozinha e a amei de forma incondicional por isso. E

eu via muito de você nela, mas eu não podia confiar em minha própria mente e Mason é seu irmão.

— Não diga isso — ele pede, tocando a minha boca com o polegar. — Não diga o seu nome e nem me lembre que somos irmãos, porque não somos mais. Eu não tenho irmão algum e você e Hope são a minha única família agora.

— Tudo bem — suspiro, olhando para o lado e confesso baixinho. — Ela tem o sorriso dele.

River segura o meu queixo e traz o meu olhar até o seu novamente. A brandura em seus olhos e em seu toque, torna essa confissão menos dolorosa. Custou-me um longo tempo até que eu não enxergasse mais o sorriso de Mason no rosto da minha filha. Foi uma tarefa árdua, mas não posso comparar nem mesmo um fio de cabelo dela a aquele monstro.

— Você se lembra da minha mãe? — pergunta.

— Vagamente — encolho os ombros, sorrindo de forma fraca. — Havia uma foto dela no quarto do seu pai, mas me recordo muito pouco do seu rosto; desculpe.

— Às vezes eu me lembro dela quando olho para Hope — ele me diz, um tom de saudade muito presente em suas palavras. — Hope se parece muito com você, foi a primeira coisa que constatei. Porém, quando percebi o quanto ela me lembrava a minha mãe, também percebi que ela poderia ser minha filha.

— River — lamento, mordendo a minha língua. Porque não posso lembrá-lo que Mason é seu irmão e, portanto, são filhos da mesma mãe.

— Eu sei o que você pensou — ele sorri, me puxando para o seu peito. — Não importa o que aquele DNA nos diga daqui uma semana, já sou apaixonado por Hope. Ela é uma parte sua e tem o sorriso da minha mãe.

Rio em seu peito, enquanto ele beija a minha testa.

— Ela tinha lindas covinhas, então?

— Sim, ela tinha. Lindas covinhas, como as de Hope.

— Lamento não tê-la conhecido.

— Ela teria te amado muito — sussurra com carinho. — E a Hope também e quando estivermos na Flórida, veremos suas fotos e contaremos histórias sobre ela.

— Adorarei fazer isso! — exclamo com alegria e esperança.

— Sabe que estamos muito próximos do nosso final feliz, não sabe? — questiona com um beijo em meu nariz agora, um beijo que caminha até a minha boca.

— Não podemos ser felizes sem que haja um final?

— Claro que podemos — River ri, sem desviar o olhar do meu. Quero esticar a mão e agarrar o riso que flutua entre nós e prendê-lo em meu coração; é o que faço em pensamento. — Felizes para sempre?

— Sim, soa muito melhor — sorrio, da forma mais genuína que pode existir e então ele me beija.



Trinta e Um

O silêncio dentro do carro do meu pai, é sepulcral. O tipo de silêncio que te machuca a cada segundo, a cada respiração onde o único barulho seja o do ar deixando os seus pulmões. Não há nem mesmo uma música suave no rádio ou qualquer barulho que me faça esquecer por um ínfimo instante que esse silêncio é minha culpa. Torço os meus dedos, enroscando um ao outro até sentir dor. Então volto a fazê-lo, uma, duas, três vezes... é uma distração tola e não me distraí de fato, mas não posso parar.

Meu pai dirige compenetrado. Minha mãe está ao seu lado, tão absorta quanto. Ao meu lado, no banco de trás, o bebê que trouxemos da maternidade. Minha filha. Eles não gostaram nada da ideia de trazê-la para a casa conosco, mas fui irredutível; eu não voltaria sem ela. Não havia nem a mínima das possibilidades.

Olho para ela, nem doze horas de vida e causando tantos problemas. Ainda que a culpa não seja sua; óbvio que não é, meus pais estão fingindo que sim. Eles são tão covardes e nesse instante eu os odeio com toda a minha alma.

Aperto os lábios quando a minha garganta coça e meus olhos ardem. Nunca me senti tão insanamente infeliz como agora. Perdida, como se meus olhos estivessem vendados e eu apenas andasse em círculos. Mas meus olhos estão bem abertos, enquanto observo os meus pais destruírem o meu coração.

Meu pai estaciona no meio-fio, desliga o carro e descansa as mãos no volante. Olho para a pousada, à esquerda e sinto-me grata por não ter chorado durante o trajeto de quase trinta minutos. Mas não posso garantir a minha sobriedade por mais tempo. Preciso sair desse carro e preciso que seja logo.

Minha mãe desce primeiro, ela contorna o carro e abre a porta do passageiro, no lado oposto ao meu. Observo em total silêncio, enquanto ela retira o bebê conforto do assento. Meu pai foi obrigado a comprá-lo essa manhã, além de algumas roupas e fraldas. De repente me lembro que não tenho um berço ou qualquer outra coisa em que o bebê possa dormir. Será que sou capaz de dividir uma cama com ela, sem machucá-la? O meu nervosismo aumenta ao pensar sobre isso. Mas mantenho-me passiva, olhando minha mãe se afastar para o interior da pousada com a minha filha.

— Venha, Ella — meu pai demanda, ao abrir a porta para mim.

— Só um instante. — Balbucio, deslizando vagarosamente do meu assento.

Ainda sinto muita dor e imagino que devesse ter ficado um pouco mais no hospital, mas meu pai estava desesperado para me tirar de lá essa manhã. Não sei como ele convenceu a médica a me dar alta, só posso dizer que seu poder em persuadir alguém é imenso; porque estou aqui.

— Vamos. — Ele insiste, puxando a pequena bolsa ao meu lado e me deixando sozinha.

Desço do carro com lentidão, não é tão ruim quanto esperava, já que andar do quarto do hospital até o carro do meu pai me causou alguma dor. Bato a porta e ando até a pousada sem pressa. O dia está lindo, diferente da tempestade que acontece dentro de mim.

Abro a porta da cozinha e paro após dar três passos. Meu pai me espera sentado à mesa. Congelo em meu lugar, enquanto o observo alinhar alguns papéis.

— Você nos surpreendeu ao querer ficar com o bebê — ele me diz, sem me dirigir o olhar. — Estou um pouco decepcionado, Ella.

Não respondo, porque não faço a mínima ideia do que devo dizer. Talvez ele nem queira mesmo que eu diga alguma coisa. Ele deve saber que não há resposta para algo assim.

— Você me ouviu? — pergunta, levantando o rosto e me fitando. Aceno em silêncio. — Diga alguma coisa.

— O que quer que eu diga? — sussurro, incerta.

— Se explique.

— Quero ficar com o bebê, vou cuidar dela. Ela será minha responsabilidade.

— Como? — ele ironiza, elevando o tom de voz. — Como irá cuidar dela? Você só tem dezessete anos.

Vocês poderiam me ajudar. Poderiam ser os pais que eu preciso que sejam agora.

— Darei um jeito.

— Mentira!

A sua respiração sai densa e rápida. Sua postura rígida e seu olhar me assustam, mas me esforço em não demonstrar. O fato de que está agindo sem o mínimo de empatia e humanidade, me corta aos pedaços. Como pode existir tanta frieza em seus atos? Sou sua filha... sua filha.

— Conversei com a sua mãe. — Ele me conta, e eu assinto. — Nós iremos adotar o bebê.

— O quê? — questiono, surpresa e assustada.

— Isso o que ouviu, nós iremos adotá-la. — Seus dedos batem nos papéis sobre a mesa. — Iremos criá-la como sua irmã, vocês estarão perto uma da outra, mas nós seremos responsáveis por ela. É o melhor a ser feito.

— É o melhor? — refuto, debilmente. Não me parece o melhor, realmente não.

— Óbvio que sim. — Ele exaspera e vejo uma caneta ao lado dos papéis. Ele a segura e a aponta para mim. — Já preparei os papéis, só precisa assinar.

— Como fez isso tão rápido? — vejo-me perguntando, mas não saio do lugar.

— Pedi para um amigo me ajudar. — Ele ri sem humor nenhum. — Também sou advogado, conheço as engrenagens. Agora venha, eu não tenho o dia todo.

Deus sabe por que, mas ando até ele. Pelo resto da minha vida, sei que tentarei justificar as minhas decisões, essa em especial. Talvez eu culpe os hormônios, a depressão tão latente dos últimos meses, a total desolação e desamparo que sinto agora; o medo.

Sento-me diante dele e puxo os papéis para mim. Quero lê-los, saber o

que de fato está escrito aqui, mas não sou capaz. As letras se embaralham diante dos meus olhos e não posso distingui-las e torná-las coerentes. Meu pai empurra-me a caneta entre os dedos, quando a minha indecisão se alonga por vários minutos.

— É só assinar, Ella. — Ele me diz, impaciente.

Seguro a caneta entre meus dedos trêmulos e por um instante, vacilo. Acho que não sei escrever meu nome também. Devo estar enlouquecendo.

— Qual o problema, Ella?

— Eu não sei se isso é o certo.

— Claro que é, o que mais devemos fazer?

*— Eu não... — gaguejo, limpando o meu rosto quando começo a chorar.
— Eu não tenho certeza, pai.*

— É o melhor para o bebê, você ainda estará perto dela. — Murmura, recolhendo a caneta do chão, quando ela cai dos meus dedos. — Assine.

— Eu não sei...

— É só assinar, Ella.

— Isso é mesmo o melhor? — pergunto, sem esperanças. — Vocês não podem me ajudar financeiramente? Posso voltar a estudar e encontrar um emprego...

— Quer ser uma mãe solteira? — ele me interrompe bruscamente.

— É o que eu sou — respondo fracamente.

— Não quero isso para você, nem sua mãe. Agora — diz, ao empurrar os papéis para mais perto de mim. — Assine isso.

Olho para os papéis e choro. Eu não tenho certeza de nada, definitivamente não tenho. Estou com medo de não ser capaz de cuidar do bebê

sozinha. Se meu pai me mandar embora, não tenho nem mesmo um carro para morar. Não tenho nada, nada.

— Assine, são só três folhas.

Seguro a caneta sem firmeza alguma. Rabisco o meu nome de uma forma que não posso reconhecer, faço o mesmo com as outras folhas. Meu pai puxa os papéis para si, a caneta também. Não ofereço resistência, só choro. No instante em que ele se levanta e começa a se afastar, quero me levantar também e puxar os papéis de sua mão e rasgá-los, porque o arrependimento se arrasta por mim um segundo depois.

— Eu quero escolher o nome dela. — É o que digo, ao invés de me levantar e me rebelar.

— Do bebê?

— Sim.

— Pensei em lhe dar o nome da minha mãe — ele me conta, sem emoção. — Marie, lembra dela?

— Não — nego com rapidez. — Eu quero chamá-la de Hope, por favor.

É minha filha, um pedaço de mim e eu nem deveria lhe implorar por isso, mas nem sei mais quem sou. Ele é o meu pai e está agindo como o meu carrasco. Nada mais faz sentido.

— Tudo bem — ele concorda, depois de um tempo. — Farei isso.

— Promete? — exijo, ao lhe dar as costas. — Por favor, prometa.

— Eu prometo, Ella — murmura, sem paciência. — Prometo que serei um bom pai para vocês duas também.

Ele se afasta, deixando-me sozinha e tão vazia que eu imediatamente sei que jamais preencherrei esse buraco dentro de mim. Uma promessa ele irá de fato cumprir, a outra não chegará nem perto.



Meus braços circulam o corpo de River, enquanto a minha cabeça se afunda em seu pescoço. Uso toda a minha força para isso, porque não quero me afastar dele. Meu coração se parte com a desolação da despedida e o seu abraço é o que me mantém inteira, por enquanto.

— Eu preciso ir — ele sussurra em meu ouvido, mas não abrandando o seu aperto em mim. — Eu realmente preciso ir agora, Ella.

Estamos tentando nos separar há meia hora, talvez mais. Hope estava conosco e desistiu de todo drama para brincar no quintal. Talvez eu esteja me comportando de forma muito imatura, mas sem River aqui, eu tenho medo de voltar à minha antiga vida. Aquela sem cor ou alegria alguma. Não quero voltar para lá, eu não quero.

— Tudo bem... — também sussurro, afastando o meu rosto do seu pescoço para olhá-lo.

Seus olhos castanhos me prendem sem nenhum esforço e aprecio esse instante em que posso apenas admirá-lo em completo silêncio. Nossos olhos conversam entre si, como fazíamos na biblioteca ou no corredor da escola. Como fazíamos quando nossos olhares e sorrisos eram tudo o que compartilhávamos, mas já sabíamos que pertencíamos um ao outro.

— Eu te amo — ele recita ao me beijar. — E sentirei sua falta a cada segundo, enquanto conto os dias para te encontrar novamente.

— Eu também. — Replico com um sorriso, porque não quero que pense que ficarei em pedaços; ainda que seja verdade.

Ele não pode ficar. Tem o seu trabalho e toda a sua vida na Flórida, suas responsabilidades. Não quero que a sua última lembrança minha, seja a de uma garota fraca e chorosa; porque River foi a única pessoa que de fato me enxergou de outra forma. E ele me deu muito nessas últimas semanas. Ele me fez ouvir além das minhas fraquezas, quando elas me gritavam bem alto. Provavelmente River nunca saiba que a sua volta para Beaufort, foi o que me salvou.

— Preciso mesmo ir — ele repete, em tom leve enquanto segura a minha nuca e me beija mais forte.

— Vai me ligar quando chegar? — pergunto, com os lábios nos seus.

— Vou ligar daqui cinco minutos — ele ri. — Talvez dois...

— Não faça isso — o censuro com carinho. — Dirija com cuidado, por favor. Ainda não entendo por que não me deixa levá-lo até o aeroporto.

— Não vejo sentido em fazê-la dirigir de volta para a casa, sozinha com Hope. Obrigado por oferecer, mas não é necessário.

Eu assinto, mesmo que eu queira replicar. Ele está certo, eu sei. O aeroporto mais próximo fica há uma hora e vinte minutos daqui, em Charleston e seria realmente ruim voltar para casa apenas com Hope e meu coração partido. Óbvio que eu faria isso sem pensar duas vezes, ainda que nunca tenha me arriscado a fazer uma viagem tão longa.

— Está bem. — Concordo, enquanto os meus braços o libertam com lentidão.

Ele me encara com um sorriso, antes de beijar minha testa e me deixar ir. Sinto sua falta no mesmo instante. Esses últimos minutos estão sendo mais difíceis do imaginei que seriam.

— Hope — eu a chamo para se despedir também. — River já está indo.

— De novo? — ela questiono, soltando a sua boneca sobre a grama e correndo até nós.

— Agora é realmente verdade — rio, mas tenho medo que esteja chorando e nem saiba a diferença.

— *Tá bom* — ela balbucia, parando diante dele. — Por que você vai embora, River?

— Porque aqui não é a minha casa — é a sua resposta simples, com um

toque carinhoso em seus cabelos.

— Você vai voltar? — ela sonda, comprimindo os lábios. — Daqui a alguns dias você volta?

— Não, eu não vou voltar. — River responde com calma.

— Nossa! — ela exclama, surpresa e um tanto triste. — Eu gosto de você, queria te ver outro dia.

River e eu trocamos um sorriso. Não sei como contar à Hope sobre a nossa mudança para a Flórida. E se ela não quiser ir? Se ela me disser que prefere ficar com os meus pais, não sei o que farei da minha vida; realmente não sei. A mente e o coração de uma criança são imprevisíveis e embora seja quase impossível que Hope escolha-os ao invés de mim, não posso ignorar essa pequena opção.

— Nós iremos nos ver, muitas e muitas vezes — ele promete, fazendo Hope sorrir lentamente.

— Sim? — ela quer uma confirmação, enquanto sacode seu rabo de cavalo.

— Sim, eu prometo... até lá — River faz um gesto com o indicador para que Hope se aproxime. Inclinando o seu corpo de uma forma que estejam muito próximos; ele murmura: — Cuida da Ella para mim!

— Como? — Hope pergunta em um tom mais alto e faz River rir. — Como eu cuido dela?

— Não a deixe ficar triste ou chorar — ele pede, olhando para mim por um breve instante. — A faça feliz até que eu reencontre vocês duas.

— *Tá bom* — ela sorri, encolhendo os ombros. — Acha que eu consigo?

— Você é a única que consegue. — Ele afirma, agora se agachando para fixar o seu olhar no dela. — Sabe por quê?

— Não, eu não sei — ela lhe diz.

— Porque você faz todo mundo feliz, Hope. É olhar para você e sorrir — ele lhe diz com amor genuíno. Fecho os olhos porque já não sou mais capaz de conter algumas lágrimas. — Agora me abraça, senão perderei meu voo e definitivamente não posso perdê-lo.

Abro os meus olhos, porque quero vê-los juntos uma última vez até que possamos ir ao encontro de River. O abraço dos dois dura um longo tempo e me surpreendo, porque Hope não gosta tanto assim de abraços. Ao final, River se levanta e a traz consigo, em seu colo. Aproximo-me dos dois e puxo Hope para mim, enquanto o braço dele circula a minha cintura e ganho um beijo em meu pescoço.

— Eu te amo tanto. — Ele me diz, colando sua testa à minha. — Te amo com cada pedaço do meu coração.

— Também te amo com todas as minhas forças — recito, com uma tristeza que infelizmente não sou capaz de conter. — Te vejo em breve, River!

— Te vejo em breve, Ella.

Um último e suave beijo, e ele se afasta. Hope e eu ficamos paradas, enquanto o observamos entrar no carro. Demanda grande coragem da minha parte para correr também e sentar ao seu lado.

— Eu te amo também, Hope. — Ele lhe diz, antes de dar a partida no carro.

Os olhos de Hope crescem e se iluminam com a confissão de River. Posso estar errada, mas acho que ela nunca ouviu isso de alguém, além de mim. Ela não responde, apesar de sorrir, envergonhada. Acenamos até que o carro de River não possa mais ser visto ao final da rua, então abraço a minha filha e deixo que o seu sorriso conforte o meu coração.



— O gato comeu a sua língua? — Hope me pergunta, desviando o olhar

da tevê por um instante.

Sorrio, saindo da varanda e entrando no quarto. Faz cinco dias que River voltou para a casa e temos nos falado somente à noite, o único horário em que ele consegue algum tempo para isso. Ele me disse que está instruindo novos pilotos e isso ocupa todo o seu dia. Seria uma mentira se não dissesse que imaginei que teríamos mais tempo um para o outro, mas não é uma reclamação. River se faz presente, ainda que ausente e faz com o seu amor chegue até mim. Ele também faz questão de falar com Hope todas as vezes em que me liga. Isso é algo que, sem dúvida, também aquece meu coração.

— Acha que um gato pode realmente comer a língua de alguém? — pergunto, deitando ao seu lado na cama.

— Se for um gato muito grande — ela ri, enquanto puxo levemente uma das suas tranças desfeitas.

— E ser for uma língua grande — completo, mostrando a minha língua para ela.

— E se a pessoa ficar por muito tempo com a língua para fora, assim, *oooohhh...* — ela emenda, colocando a sua língua para fora também, mas de um jeito muito mais teatral.

Rio, escondendo o rosto em um dos braços. Meu cabelo cai sobre os meus olhos e Hope o afasta com carinho, usando a sua mão sem o gesso. Ela vem se empenhado em cumprir o pedido de River e tem cuidado de mim com amor. E ela nem mesmo sabe que já tem feito isso há muito tempo.

— Os gatos não comem línguas — digo por fim.

— Não?

— Não humanas, eu acho.

— *Humm...* — murmura, enquanto morde o polegar e me observa.

— É só uma forma de perguntar por que alguém está tão quieto. Foi isso o que quis fazer, não foi? — pergunto, com carinho. — Quer saber por que estou

tão pensativa e calada?

— Sim, você fica olhando para o lago por muito tempo. — Ela observa.

— Gosto de olhar para o lago, você não gosta?

— Gosto mais de assistir tevê — ela responde, enquanto seus olhos dançam entre mim e a velha tevê de River.

— Eu sei — a sua sinceridade me faz sorrir. — Gosto de olhar para o lago e pensar em River. Sente falta dele?

— Sim, eu sinto — diz de forma suave, uma das suas covinhas aparecendo para mim. — Que dia ele volta?

— Lembra do que ele te disse? — questiono e ela acena. — River não vai voltar, Hope?

— Ele não é mais seu namorado?

Rio com a pergunta preocupada. River é mais, muito mais que um simples namorado.

— Ele é... ele sempre será — digo com convicção. — Mas ele não irá voltar para Beaufort para me ver.

— Eu não entendo. — Ela lamenta e parece realmente triste por isso.

— Hope... — recito ao me sentar. — River não irá voltar, eu é que irei me mudar para a casa dele, lá na Flórida.

— Você vai? — suas sobrancelhas se juntam em confusão e certo medo. — Mas, e eu?

— Esse é o motivo da nossa conversa. — Suspiro, tocando o seu rosto. — Você vem comigo, claro. Nós iremos morar com o River.

Todos os tipos de emoções passam por seu rosto agora. É fascinante e assustador. Pensei nesta conversa um milhão de vezes, assim como venho

pensando no dia em que finalmente lhe contarei sobre ser a sua mãe. Estou esperando o exame de DNA chegar para fazer isso, porque talvez — só talvez — eu possa lhe contar sobre River também.

— Hope? — eu a chamo, depois de um tempo em silêncio. — Você quer se mudar? Quer vir comigo para a Flórida?

— Onde fica isso? — ela me pergunta, enquanto espero por sua resposta.

— A Flórida é um estado, assim como a Carolina do Sul, onde moramos. Não fica muito longe.

— *Hummm* — ela suga as bochechas ao pensar e meu coração só está batendo mais rápido. — Acha que lá é legal?

— Nunca estive lá. — Conto com sinceridade. — River me mandou algumas fotos da cidade onde ele mora; é muito bonita. Um lugar onde uma menininha como você seria muito feliz.

— Parece legal... — ela ri, embora eu não tenha lhe mostrado as fotos ainda. — Eu quero morar com você, Ella.

— Comigo? — sorrio, voltando a me deitar. Hope paira sobre mim, o seu rosto de ponta-cabeça sobre o meu.

— Sim, vai sempre me levar com você, para qualquer lugar?

— Você quer sempre estar comigo? — sondo, encantada. — Sou a sua pessoa favorita no mundo?

— Você é — ela ri um pouco mais, quando a puxo para um abraço. Seu gesso bate em meu estômago, porque somos desajeitadas.

— Eu te amo muito, e se você não quisesse vir comigo, teria que escondê-la em minha mala.

— Você tem uma mala tão grande? — seus olhos se expandem com a ideia.

— Não tenho, mas eu compraria uma, só para te esconder dentro dela. —
Conto, enquanto lhe faço cócegas.

— Não precisa, Ella — ela ri, se contorcendo até fugir do meu agarre. —
Eu não vou na mala, não quero ir na mala...

— Eu estou brincando — refuto, tocando o seu nariz. — Lembra que
sempre quis viajar de avião?

— Lembro e você disse que *ia* me levar um dia.

— Sei que disse, e esse dia finalmente chegou. Porque nós iremos para a
Flórida de avião.

— Quando? — pergunta, cheia de expectativas.

— Em alguns dias — respondo de forma vaga.

Uma semana e meu pai não me procurou uma única vez. Nem um telefonema, uma mensagem, algo que me faça acreditar que se importa e irá cumprir a sua promessa. Começo a temer pelo pior. Talvez eu já temesse desde o instante em que saí do seu escritório, mas algo dentro de mim não queria que o final fosse esse. Acontece que desejar o melhor, por vezes não é o suficiente; infelizmente.

Essa triste constatação me levou até um advogado ontem pela manhã. Escolhi *Hilton Head* que fica a quarenta minutos daqui e onde eu imaginei que ninguém pudesse conhecer o meu pai. Eu estava tão errada, porque não há lugar na Carolina do Sul, onde não saibam quem é o brilhante advogado tributarista Kurt Mitchell. Eu deveria me sentir orgulhosa, mas nem cheguei perto disto, porque estava tão apavorada. Hope estava comigo e precisei deixá-la em um canto, com fones de ouvido e meu celular em mãos, enquanto eu contava a um estranho, uma das partes mais importantes da minha vida. E agora eu odeio o meu pai por ter me obrigado a tomar um caminho que eu não queria trilhar.

— Ella... — Hope me chama, beijando o meu rosto. — Vamos pegar as
nossas roupas.

— Ainda não — digo aos risos, tentando acalmar a sua euforia. —
Precisamos esperar um pouco, só um pouquinho.

— Posso levar a tevê?

— Não, infelizmente — digo e vejo o sorriso cair do seu rosto. — Mas olha, River me disse que tem uma tevê grande e muito melhor que essa. Você irá gostar.

— *Tá* — ela assente, saltando da cama. — *Tá bom.*

Giro o meu corpo para observá-la andar até a cômoda e abrir uma das gavetas. Mesmo com toda a minha explicação anterior, Hope parece estar em uma missão e essa missão consiste em retirar as suas roupas da gaveta e colocá-las sobre a cama. Deveria censurá-la, porque terei que dobrá-las novamente em algum momento, mas estou feliz demais para isso.

— Ainda não estamos arrumando as nossas malas, Hope. — Anuncio, com um sorriso na voz.

Ela não me ouve e esvazia uma segunda gaveta. Não há tanta coisa, porque assim como eu, Hope sempre teve somente o básico. Talvez seja a oportunidade perfeita para lhe comprar coisas novas. Algo que não nos lembre tanto Beaufort. Sim, eu farei exatamente isso. Meus pensamentos são interrompidos quando minha mãe bate à porta e entra em seguida. Sento-me no mesmo instante e parte da leveza do ambiente se esvai.

— Oi — digo, enquanto ela observa Hope e não me encara.

Nossa relação está além de estremecida, mas é algo que já percebi que não pode ser consertado. Sei que ela contratou alguém para ajudá-la com a pousada desde que me demiti e por esse motivo temos nos visto cada vez menos. Nossas conversas se resumem ao essencial, como ontem, quando tive que pedir o seu carro emprestado. Até mesmo as nossas refeições não são mais no mesmo horário. Deus sabe que sair desse quarto e encarar a dura realidade que está do lado de fora, sempre me custa muito. Estou contando as horas para fugir de tudo isso.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta, finalmente me dando a sua atenção.

— Vou embora com a Ella — Hope responde por mim. Ainda concentrada em sua tarefa com as roupas e alheia a tensão ao redor.

— Contou tudo a ela? — minha mãe demanda, com um olhar enervante em minha direção.

— Só sobre a viagem. — Balbucio, torcendo para que Hope não perceba que tenho algo a mais para lhe contar.

— Entendi — minha mãe assente e eu respiro mais aliviada. — Isso estava na correspondência.

Olho para o envelope branco em sua mão e estico um dos braços para pegá-lo. Meus dedos tocam o papel denso e meu coração se acelera, apenas com essa ação.

— É o que eu acho que é? — ela me sonda, curiosa.

— Não sei o que acha que é. — Respondo, apertando o envelope contra o peito. O seu revirar de olhos, no entanto, me faz acrescentar: — É um exame de DNA, sim.

— Tudo bem... — é a sua resposta desinteressada.

— Obrigada por trazê-lo — digo, antes que ela se vá.

Exalo quando a porta se fecha. Pouso o envelope sobre a cama, olhando para ele com indecisão e medo. Queria que River estivesse aqui para me ajudar a abri-lo, mas farei isso hoje à noite, enquanto nos falamos ao telefone.

Volto a encarar Hope e surpreendo-me quando ela se joga em meus braços, o seu gesso batendo em meu ombro. Estarei repleta de hematomas até que ela finalmente se livre dele.

— Você está feliz? — pergunto, enquanto aspiro o perfume em seu cabelo.

— Sim — ela ri em meu pescoço.

— Eu também estou feliz — confesso, com um riso breve. — Você me

faz feliz, Hope... te amar me faz imensamente feliz!

— Foi o que River disse — seus olhos ternos se encontram com os meus, quando ela se afasta brevemente.

— E ele estava certo, você faz todo mundo feliz!



Trinta e Dois

Hope tem oito meses agora, e é o bebê mais adorável que existe. Sei que a minha opinião pode ser facilmente contestada, mas não posso enxergá-la de outra forma. Ela é feita da mais pura luz e ilumina minha vida como um farol. Não me sinto mais tão sozinha, não da forma avassaladora como me sentia antes do seu nascimento.

Os primeiros meses foram os mais difíceis, e achei que não fosse conseguir passar por eles; mas o amor é o mais paciente dos professores e nos ensina de uma forma suave quando estamos dispostos a aprender. E ele me ensinou valiosas lições desde então. Resignação é uma delas. Sei que a situação na qual estou, não foi a sonhada por mim, mas é o melhor que tenho agora e estou abraçando os pequenos instantes de felicidade que consigo alcançar. Quando eu a tenho em meus braços, tão junto a mim; é como se parte do meu coração estivesse curada. A outra parte nunca estará, porque é a parte que pertence a River.

Quase um ano e meio depois, e ainda penso nele todos os dias. Ao anoitecer, principalmente, que é quando a saudade me assola sem nenhuma piedade. Às vezes penso que irei enlouquecer sem notícias suas, sem saber se os seus sonhos se tornaram reais e que, diferente de mim, a sua vida seguiu por um caminho realmente bonito. Mas não há jeito algum de conseguir essas respostas e tudo o que me resta é rezar para que River esteja feliz sem mim. É um pensamento que quase me machuca, mas o meu amor é altruísta o bastante para entender que é assim que a vida precisa seguir.

Aninho Hope em meus braços, enquanto me afasto do lago onde estava até agora. A tarde começa a se despedir e o sol se põe mais ao fundo. Eu sempre a trago para o quintal a essa hora e fico longo minutos admirando as águas calmas, é a minha terapia diária. Geralmente Hope está dormindo quando faço isso, mas aprecio ter o seu pequeno corpo para aquecer o meu, enquanto viajo em pensamentos e sua respiração suave me envolve como um cobertor macio.

Abro a porta da cozinha de forma vagarosa e encontro minha mãe junto à pia. Paro e a observo à distância. Somos quase estranhas agora e acredito que a sua solidão seja pior que a minha, porque ela não tem Hope para acalotá-la. Meu pai não se preocupa em voltar para a casa com a mesma frequência de antes e nem preciso dizer que ele nunca se esforçou em ter algum contato com Hope. Não lamento isso, de forma alguma, mas me arrependo arduamente por ter assinado aqueles malditos documentos.

— Oi... — sussurro para anunciar a minha presença, puxando uma das cadeiras junto à mesa e me sentando.

— Oi — minha mãe replica, girando o corpo para me encarar. — Hope chorou muito essa última noite.

Fixo os meus olhos nela, buscando as emoções por trás de suas palavras. Às vezes ela parece não ter nenhuma, mas é o julgamento e a censura que mais me incomodam. Hoje ela me parece genuinamente interessada.

— Sim, ela está incomodada com os dentes que estão nascendo. — Conto, afagando o pouco cabelo que Hope tem.

— Pode me chamar se precisar de ajuda — a oferta inesperada, faz com que a minha cabeça se levante com rapidez. — Sabe que posso ajudá-la, Ella.

Não, eu não sei... o que eu sei é que ninguém pode me ajudar, além de mim mesma ou de Deus. Para de machucar quando você se dá conta disso; que está completamente sozinha e que nenhuma mão virá em sua direção quando precisar.

— Estamos bem — afirmo, encolhendo os ombros de forma instintivamente. — É apenas uma fase.

Ela suspira longamente, me observando com atenção por um tempo. Seu olhar me incomoda, me enervando rapidamente. Gostaria que não fosse dessa forma, já que temos que conviver todos os dias, mas pior seria conviver com o meu pai. Não sei em que momento eu comecei a comparar esse tipo de coisa e me sentir aliviada por algo tão triste. Mas essa é a minha vida, bem-vindo ao show de horrores.

— Você se tornou uma grande mãe — ela me diz, de repente. — Estou surpresa.

— Mãe? — repito com tristeza e desgosto. — Acho que há um documento em algum lugar dessa casa, que diz que você é a mãe dela.

— Isso é apenas mais um pedaço de papel.

— Que eu me culpo todos os dias por ter assinado.

Nós nunca conversamos sobre isso. Eu não pude lhe dizer o quão covarde ela foi, ao me deixar sozinha com o meu pai àquele dia, totalmente vulnerável e entregue às suas loucuras. Agora que tenho Hope, não sou capaz de entender como alguém escolhe deliberadamente magoar um filho e espero que minha mãe nunca me peça perdão, porque não me sinto capaz de perdoá-la.

— Um dia você pode contestar isso. — Ela me diz de forma banal, a sua calma me choca em níveis inexplicáveis.

— Quando? — pergunto, sem me conter. — Quando Hope estiver grande e correr por aí te chamando de mãe?

— Acho que não chegaremos a tanto, Ella.

— Como não? — questiono de forma genuína. Talvez ela saiba de algo que eu não sei. — Você vai me ajudar a reverter essa situação?

O seu olhar é a resposta instantânea para a minha pergunta, mas ainda assim, respiro e espero por palavras que nunca chegam. Palavras que esperei por oito meses e me mantenho esperando, porque sou tola demais.

— Vai me ajudar, mãe? — eu insisto, com voz branda.

— Ajudá-la a brigar com o seu pai? — refuta, de modo exasperado.

— Eu brigaria por Hope, brigaria com o mundo todo para vê-la feliz.

— É diferente, Ella...

— Sim — sussurro ao me levantar. — Eu vejo claramente a diferença, mãe.

Eu amo a minha filha, essa é a diferença gritante entre nós. Meus gestos são sutis e calmos, porque descobri há muito tempo que chorar ou bater portas não muda situação alguma. Hope se remexe em meu peito e eu a ajeito em meus ombros, afagando as suas costas para que volte a dormir.

— Você sempre precisa terminar uma conversa de forma dramática. —
Minha mãe ri, quando passo por ela.

— Acha que isso é drama? — rio de volta, não de forma genuína; é mais pelo choque. — Quando Hope crescer e eu tiver que fingir que não sou sua mãe, irei morrer aos poucos. Estarei morrendo, enquanto vocês acreditam que fizeram o melhor por mim.

— Nós fizemos o que tínhamos que fazer.

— Ok — respiro, resignada. — Só espero que sua consciência esteja limpa, mãe e que você durma todas as noites sabendo que roubou uma parte de mim, me magoando de formas irreparáveis.

— Ella... — ela me chama enquanto lhe dou as costas e volto para o meu quarto, o meu refúgio, a minha prisão.



Faz duas horas que não desprendo os olhos do envelope que contém o resultado do exame de DNA. Ele ainda está intacto, porque não tive um pinga de coragem em abri-lo sozinha. Sei que em vinte minutos — talvez um pouco mais — River irá me ligar e mesmo sem a sua presença física para me encorajar, saber que ele estará do outro lado da linha irá me fortalecer de alguma forma.

Hope está ao meu lado, absorta em seu desenho animado novamente. Suas roupas ainda estão sobre a cama e sei que deveria guardá-las outra vez, mas estou ansiosa demais para uma tarefa tão banal e farei isso mais tarde.

— Estou com fome, Ella... já está na hora do jantar?

Levanto os meus olhos e sorrio para Hope, enquanto ela me olha sobre os ombros. Agarro o envelope em minha barriga e o escondo sob o travesseiro. Não acho que Hope tentaria abri-lo sem minha permissão, é mais para mantê-lo longe dos meus olhos por um tempo.

— Está quase na hora — digo, enquanto arrasto a tela do meu celular. — Mas se está com tanta fome, podemos comer mais cedo hoje.

— Eu estou — ela sorri. — Com muita, muita fome.

Desço da cama, passando por ela e afagando o seu rosto.

— Vou descer e preparar alguma coisa — prometo, indo em direção à porta. — Então você vai para o banho depois disso.

— *Aaahhhh* — ela suspira, se esparramando na cama.

— Sim, eu não gosto de dormir ao lado de porquinhas. — Brinco, estendendo minha mão para agarrar a maçaneta. Hope ri em minhas costas.

Puxo a porta, mas não é a força do meu movimento que a abre. Alguém do lado de fora a empurra com brusquidão e quase me leva ao chão também. Consigo me amparar à parede, antes de cair e leva alguns segundos até que posso levantar o meu olhar e encarar a pessoa que invadiu o meu quarto com tamanha brusquidão.

— Pai! — é surpreendente que ainda possa chamá-lo dessa forma, apesar de todas as ranhuras da nossa relação. Talvez a palavra só tenha perdido o seu real sentido para mim.

— Pai? — ele ironiza, entrando no quarto e me obrigando a me afastar um pouco mais.

No instante em que nosso olhar se conecta, é como se uma geleira desmoronasse sobre mim. A frieza em seus olhos e sua postura furiosa me desconcertam.

— O que aconteceu? — pergunto, de forma sussurrada.

— Você sabe o que aconteceu, Ella. — Refuta, zangado.

Sim, eu sei, mas quero que ele me diga. Provavelmente só esteja ganhando tempo, Hope está no quarto e não quero uma cena aqui.

— Apunhalou-me pelas costas. — Completa, perante o meu silêncio.

Mordo os lábios, tentando não me abalar pelo seu tom. É difícil, no entanto e estremeço em meu lugar. A verdade é que estou mais zangada com o advogado — com quem me encontrei ontem — que com o meu pai. Ele traiu a minha confiança, agindo pelas minhas costas ao ligar para o meu pai e lhe contar sobre a minha visita ao seu escritório. Tudo o que ele tinha que fazer era seguir os trâmites legais e não entrar em contato com a pessoa que quero processar.

— Eu só procurei ajuda — digo com calma. — Não pode me culpar por isso, quando não me deu outra opção, além desta.

— Você me envergonhou, isso sim.

Sacudo a cabeça, incrédula com tamanho cinismo.

— Eu preciso de uma solução para a minha situação, pai. — Digo, tentando usar o mesmo tom cínico, mas ele é muito melhor nisso do que eu.

— Vamos solucioná-la agora mesmo, filha. — Grita, agarrando o meu braço de forma inesperada.

— Não, não aqui. — Desespero-me, ao me soltar.

Um giro na direção de Hope e a encontro assustada. Seus olhos estão enormes e temerosos. Eu lutei tanto para protegê-la durante esses anos, não será hoje que deixarei meu pai magoá-la; não mesmo.

Consigo empurrá-lo para fora do quarto e fechar a porta. Não que eu possa me vangloriar por isso, porque sei que ele não irá embora sem uma boa briga. Um *start* toca dentro de mim, como se eu estivesse esperando por esse dia e ele houvesse finalmente chegado. Ainda que eu tenha tentado evitá-lo a todo custo.

— Hope — sussurro, ao me ajoelhar diante dela na cama. — Vou descer e conversar com ele. Por favor, não saia daqui enquanto eu não voltar.

— Por que ele está tão bravo? — ela pergunta, ansiosa.

— Ele não está — solto um longo suspiro com a minha mentira. — Só está apressado, precisamos conversar e então ele pode voltar para o escritório.

— Ele não vai te machucar? — quer saber, enrolando o cabelo entre os dedos.

Ele já me machucou e está me machucando muito mais agora. Só não posso explicar para Hope como as coisas funcionam, é tão emblemático como nem todas as pessoas são boas, ou como nem todos os pais amam seus filhos como deveriam fazer. Não quero maculá-la dessa forma e enquanto puder ser minha escolha, ela irá conhecer apenas o bem, apenas o amor. Deixe a feiura do mundo para depois.

— É claro que não — rio e isso demanda uma grande dose de encenação.
— Ele jamais me machucaria, nem a você, Hope. Não se preocupe.

— *Tá* — a sua resposta monossilábica deixa evidente que não sou uma boa atriz.

— Está tudo bem. — Afirmo, ao me levantar e andar pelo quarto. Há uma embalagem de biscoitos, além de alguns doces, em uma das gavetas da cômoda. Entrego o biscoito à Hope e completo: — Coma isso, enquanto eu desço e converso com o meu pai.

— *Tá bom...* — ela aceita, mas não com a mesma felicidade costumeira de quando lhe dou guloseimas.

— É só uma conversa, eu garanto que está tudo bem. — Enfatizo, indo até a porta. — Só me prometa que ficará aqui assistindo tevê.

— Eu prometo! — ela acena com um sorriso hesitante.

— Obrigada — sorrio de volta e abro a porta. — Eu não irei demorar.

Abro a porta, saio e a fecho no mesmo instante. Como se houvesse uma tormenta aqui fora, que eu não quero que atinja o quarto. A metáfora é tão verdadeira. Meu pai está ao pé da escada, andando de um lado ao outro, enquanto bufa. Desço os degraus com rapidez, medo e fúria duelam dentro de mim. Espero que a fúria ganhe; estou possessa.

— Você está louco? — eu pergunto, assim que piso no último degrau. — Onde estava com a cabeça quando entrou no meu quarto daquele jeito, você

assustou a Hope.

— Não quer que ela saiba de tudo?

— Mas não dessa forma, farei do meu jeito — eu exaspero, mas sei elevar a voz; embora eu queira gritar, gritar muito. — Ela é só uma criança e não merece ser magoada assim. Você só pode estar enlouquecendo.

— Não fale comigo assim. — Ele demanda com o dedo em riste. — Você não tinha o direito de procurar um advogado e lhe contar sobre a nossa vida.

— É a minha vida. — Murmuro indo para a cozinha, isso o obriga a me seguir. — É a minha vida, pai e tenho o direito de fazer o que quiser com ela.

— Acha que tem? — ele ri, passando a mão pelo cabelo. É a primeira vez que o vejo tão desestabilizado, eu devo ter acertado um ponto. — Eu lhe disse que cuidaria disso, Ella.

— E você cuidou?

— Estou cuidando.

Agarro uma das cadeiras e aperto o seu encosto até que meus dedos doam. Ele não cuidou de nada, e nem tem a intenção de fazê-lo. Está escrito em seu olhar. E ele acha que pode me prender aqui enquanto quiser.

— Amanhã você irá ligar para o Simmons e dirá que desistiu do processo. — Ele afirma, como se tivesse certeza que farei isso.

— São amigos agora?

— Isso não importa, só faça o que mandei.

Deixo que um suspiro cansado me escape, enquanto encaro o teto e me sinto derrotada. Dirigi por duas cidades, após ter procurado por dias, um advogado especializado em direito de família. E mesmo com quilômetros de distância e possibilidades ínfimas, esse advogado admira mais o meu pai, que seu próprio trabalho. *Incrível, realmente... incrível.*

— Claro, eu farei isto — sacudo a cabeça e confirmo, voltando a fitá-lo.
— Direi que não quero mais os seus serviços...

— Ótimo — ele me interrompe, satisfeito.

— Porque eu irei procurar outro advogado, um na Flórida, quem sabe. Pedirei que River me ajude a encontrar um que tenha caráter e seja profissional o bastante.

— Eu te proíbo.

— Eu não me importo, já sou maior de idade, pai. — Rio, sem humor. — Pare de achar que pode demandar o que faço ou deixo de fazer. Você não pode me controlar; não mais.

Ele exala, apertando uma das cadeiras também. Cada um de um lado, a mesa entre nós. Passei a vida inteira tendo a mais absoluta de todas as certezas, que ele jamais me machucaria fisicamente, agora não posso garantir. É bom ter algo nos separando.

— Tem noção da gravidade do que fez, Ella? — ele me questiona com firmeza. — Tem noção do que colocou em risco quando saiu contando os nossos segredos por aí?

— A sua reputação? — pergunto de volta, em um tom quase petulante. Isso se ainda fosse boa em fazer isso. — Arrisquei a sua imagem de bom pai, marido perfeito, cidadão memorável? Eu mostrei que há um pouco de sujeira sob o tapete dos Mitchell?

— Você é ingênua o bastante para acreditar que foi apenas isso. — Ele ironiza, jogando a cadeira e causando um estrondo ao redor. Isso me assusta, é óbvio, mas o agarre em minha cadeira me mantém estável.

— O que então? Conte-me, porque o que as pessoas pensam de você, como elas te enxergam, é a única coisa que importa, pai. Você esmaga quer que que esteja em seu caminho, ou tente manchar a sua imagem. Eu, inclusive.

— Uma imagem que eu trabalhei duro para ter. — Ele me diz com naturalidade.

Deve ter sido um trabalho árduo, pisar em tantas cabeças. Não sei qual foi o momento exato em que comecei a duvidar da honestidade do meu pai, mas isso definitivamente aconteceu e esse sentimento de vergonha se arrasta por mim de vez em quando.

— Isso será bem simples, Ella — ele recita em tom didático. — Vai remover qualquer processo que pensou em mover contra mim, ou sua mãe.

— Não, isso não está acontecendo — devolvo no mesmo tom, já que ele está se comportando feito um idiota. — Quero a guarda da minha filha e a quero o mais rápido possível. Eu não vou desistir, pai.

— Ella — ele exacerba, batendo na mesa.

— Eu não confio em você para resolver isso, onde estão os papéis que eu assinei há quase cinco anos? — Questiono, de repente. — Onde eles estão, porque eu nunca coloquei os olhos sobre eles novamente e acredito que tenha esse direito.

Ele não responde, comprimindo os lábios e me encarando com uma tempestade em seu olhar. Começo a temer que isso signifique que estarei presa a Beaufort por mais tempo e a simples ideia me faz hiperventilar.

— Onde estão os documentos da adoção, pai? — demando, soltando o encosto da cadeira. — Eu quero lê-los agora.

A vergonha por nunca o ter confrontado sobre isso, é gigantesca. É óbvio que existe algo a mais nesses documentos, algo que pode contar a meu favor. Não que meu pai pareça disposto a me dar isso de bom grado.

— Onde eles estão, pai? — repito, afastando o cabelo do meu rosto e usando esse pequeno gesto para acalmar meu coração. — Quero uma cópia, você deveria ter me deixado com uma há anos.

— Eles não estão comigo — é a sua resposta.

— Como não estão?

— Acha que os mantenho em meu bolso, ou no porta-luvas? — debocha, sem saber que essa é uma péssima escolha de palavras.

— Você deveria — refuto com raiva. — Vá buscá-los em seu escritório e os traga até mim.

— Não obedeço suas ordens, Ella. Com quem acha que está falando?

— Com o homem que roubou a minha filha. — Rebato, um tom mais alto. — Onde estão esses documentos?

— Eles não existem — minha mãe grita ao fundo.

O tempo para ao redor, o ar em meus pulmões também. Por um instante eu duvido da minha sanidade e dos meus ouvidos. Mas o olhar de desagrado no rosto do meu pai, deixa claro que ele também ouviu o que minha mãe acabou de dizer. Eu não estou louca.

— O quê? — sussurro, em total choque.

— Madeleine — meu pai resmunga, fechando os olhos.

— Uma hora ela teria que saber, Kurt — é o que minha mãe lhe diz, enquanto caminha pela cozinha. — Não existem documentos, Ella. Eles nunca existiram.

— Não faz sentido. — Balbucio, levando minhas mãos trêmulas ao rosto. — Vocês mentiram? Mentiram o tempo todo, por anos?

Minha mãe me encara envergonhada, mas isso não me traz conforto algum. Durante anos ela me encarou todos os dias e viu o quanto me magoava fingir que Hope não era minha filha, ainda assim, ela não me contou a verdade. O seu arrependimento não terá valor algum hoje. Meu pai, no entanto, não se desprende de seu orgulho e me encara como o dono da razão que pensa ser. Minha família é a coisa mais nociva que poderia ter na vida. Eles são como ervadinha crescendo sem controle, enquanto tento arrancá-las.

— Vocês mentiram? — pergunto, incrédula. *Por que é tão difícil encarar a verdade?*

— Seu pai forjou os documentos da adoção, assim como todos os documentos de Hope. — Minha mãe conta, com um vacilo em sua voz.

— Como você pôde? — pergunto, ao encará-lo. Minhas pernas vacilam e preciso agarrar a cadeira novamente. — Isso é crime, por isso estava tão preocupado. Se outras pessoas souberem...

— Perco minha licença para advogar — ele recita sem se abalar. — Por esse motivo, você irá retirar o processo que pensou em mover contra mim. Diga a Simmons que estava delirando, que não havia tomado os seus remédios.

— Foi isso o que disse a ele? — questiono, atônita. Estou muito assustada com tudo isto, realmente estou. — Disse que eu era louca, e que havia inventado toda essa história? Delirado, como uma doida?

— Foi necessário. — Ele murmura.

— Você não tem limites — murmuro de volta, mordendo os lábios ao sentir meus olhos arderem. — Tudo isso é um pesadelo horrível.

Giro o corpo, fugindo dos dois pares de olhos fixos em mim. Estou tremendo e não posso evitar toda dor que se arrasta dos meus pés à cabeça. *Meus pais...* Toda a minha vida passa diante dos meus olhos, em um flash que dura poucos segundos. Dizem que é isso o que acontece quando estamos prestes a morrer, as lembranças surgem em nossa mente antes que o mundo se apague. Não posso afirmar se isso acontece de fato, mas é como me sinto agora; prestes a deixar de existir, porque toda a minha vida é uma mentira.

— Nunca irei perdoá-los — sussurro, ainda de costas. Meus dedos tocam as minhas bochechas e sinto as pontas se molharem com as minhas lágrimas.

— Ninguém está pedindo perdão. — Meu pai diz.

— Kurt — minha mãe censura-o.

Engulo o meu choro e todos os espinhos em minha garganta, e volto a encará-los. Claro que ele não irá se desculpar. Ele não se importa se eu o odeio ou não. E minha mãe não está muito longe disso também. Ela só está preocupada

com as consequências que podem surgir de toda essa conversa. Esperar por um arrependimento, é apenas ansiar por um caminho com mais dor e eu não quero isso.

— Onde está a certidão original de Hope? — demando com firmeza. — Aquela que possui o meu nome também? Eu a quero agora.

— Não é assim que funciona. — Meu pai sorri. — Volte para o seu quarto e espere até que eu lhe diga que pode tê-la.

— Não! — Grito, jogando a cadeira pelo chão, como ele fez há minutos. — Você não está ditando as regras mais, pai. Eu quero a certidão original e a quero agora. Agora, você me ouviu?

Ele ri e parece um personagem de ficção, porque não posso crer que alguém consiga ser tão frio. Mas ele surpreende-me a cada segundo.

— Agora. — Repito, mas com calma. — Só me dê o que me pertence e então não terão que olhar mais para mim.

— Ella — minha mãe sussurra, cobrindo a boca.

— Não se preocupe, mãe, eu não farei nada para prejudicar o seu marido — afirmo com sinceridade. Eu não sou como eles, eu não preciso me vingar; só quero seguir em frente e fazer isso de forma pacífica. — Eu só preciso da certidão, por favor.

— Ela está em meu escritório. — Meu pai confessa, depois de exalar longamente.

— Vai trazê-la até mim? — pergunto esperançosa... *por favor, Deus, por favor.*

— Em meia- hora. — Diz, saindo da cozinha.

Respiro quando a porta se fecha e desabo no chão, chorando com o rosto escondido em minhas mãos. Estou tão magoada, mas preciso me recompor antes de voltar para Hope.

Ouçõ os passos da minha mãe e uma de suas mãos vem para as minhas

costas. Repilo o seu toque, contorcendo-me para longe.

— Não me toque — grito, chorando um pouco mais.

— Ella, por favor — ela lamenta. Enxugo o rosto e levanto os olhos para ela.

— Por que quer me consolar agora? — pergunto com raiva. — Por que, se você ignorou a minha dor por tanto tempo?

— As coisas são difíceis, mas você é minha filha...

— Não — eu a corto, enquanto me levanto. — Não fale comigo, não se justifique, não me toque; só me deixe ir. Deixe-me ir!

Com relutância ela se afasta e eu corro até as escadas, parando por um minuto para limpar o meu rosto. É necessário uma dezena de respirações, até que eu consiga voltar para o meu quarto. Hope está no centro da cama, com metade de um biscoito na mão. Ela me olha com expectativa e sorri com incerteza. Devolvo o seu sorriso, abrindo o meu armário e tirando os poucos cabides e as roupas que estão neles.

— Nós precisamos ir, Hope — digo, andando freneticamente ao redor. — Tire o restante das suas roupas da cômoda e as coloque em sua mochila.

— Para onde nós vamos? — quer saber, deixando o seu biscoito mordido sobre o travesseiro.

— Para um hotel — respondo, enquanto puxo uma grande bolsa do fundo armário. — Em dois ou três dias nós embarcaremos para a Flórida. Só preciso reservar as passagens.

— Por que não podemos esperar aqui no nosso quarto.

— Porque — penso em uma resposta plausível, que obviamente não existe. — Porque não podemos, esse quarto não é mais nosso.

— Outra pessoa vai dormir aqui? — pergunta, enquanto joga as suas roupas na mochila. Faço o mesmo com as minhas dentro da bolsa, não temos

tempo para ajeitar da forma que gostaria.

— Provavelmente — murmuro. — Só arrume tudo o que puder, por favor.

— E a tevê?

— Já falamos sobre isso. — Consigo rir. — Só as roupas.

— Os travesseiros não?

— Há muitos travesseiros no hotel — digo, grata por me lembrar do exame sob o meu travesseiro. Eu o coloco no fundo da bolsa. — Pode levar os seus brinquedos e os livros, os coloque em minha bolsa, tem bastante espaço.

Recolho os seus sapatos e os meus também, feliz por não termos uma grande quantidade deles. Eles não caberiam em nossas bolsas. Hope se cala, mas se mantém em atividade. Corremos pelo quarto e vinte minutos são o bastante para recolher tudo o que é nosso. É triste olhar para os cabides e gavetas vazias, mas parte de mim está exultante. Porque as minhas malas sobre a cama significam liberdade. Uma liberdade que ansiei por muito tempo e que nunca achei que chegaria.

— Coloque isso. — Peço, entregando um casaco fino à Hope.

— Está frio lá fora? — ela sorri, enquanto ajeito o seu cabelo.

— Talvez.

— Ainda estou com fome.

— Eu sei — retribuo o seu sorriso. — Nós comeremos no hotel, só espere um pouco, por favor.

Ela assente, enquanto caminho até a varanda e me despeço do lago. É melancólico que ele seja a coisa que mais me fará falta nesta pousada, mas é verdade. Torço para que o apartamento de River tenha uma vista tão linda.

— Vamos descer — entrego à Hope a bolsa mais leve e seguro as outras

duas.

Minha mãe está na cozinha, sentada à mesa, com uma xícara de café em mãos.

— Onde ele está? — pergunto, ansiosa.

— Onde estão indo? — retorna a minha pergunta, sem responder o meu questionamento.

— Para um hotel — Hope conta, feliz. — E depois para a casa do River.

Olho para o relógio na parede, contando os segundos. O táxi que chamei há pouco, já deve estar me esperando na entrada da pousada e se meu pai não vier... *não posso nem pensar no que farei.*

Fecho os olhos e a porta se abre. É ele. Respiro aliviada, eu nunca provei um sentimento mais maravilhoso que este.

— Aqui está — ele chama a minha atenção de modo rude.

Abro os olhos e agarro a pequena pasta, em plástico transparente, afastando rapidamente as tiras elásticas que a mantém fechada. Leio a certidão de nascimento de Hope, tudo certo: data, horário, ano e mês. O meu nome na lacuna de mãe. Suspiro, encantada e agradecida por finalmente tê-la em mãos.

— Isso é verdadeiro? — pergunto, sem olhar para o meu pai. Não posso encará-lo. — Totalmente legal?

— Sim — é a sua resposta sucinta.

Fecho a pasta com rapidez, acreditando nele, por ora. Na primeira oportunidade, levarei isso a um advogado.

— Diga adeus, Hope — sorrio para ela, recolhendo as bolsas que deixei no chão. — O táxi deve estar nos esperando.

— Tchau! — ela ri, inclinado se para beijar minha mãe.

— Tchau, Hope — minha mãe murmura, afagando os seus cabelos. —

Seja feliz!

— Eu sou feliz — ela ri um pouco mais, enquanto abro a porta e lhe estendo uma das mãos. — Nós vamos viajar em um avião, posso sentar na janela, Ella?

— Sim — respondo, não me contendo em olhar para os meus pais uma última vez. — Adeus!

Fecho a porta, sentindo um pedaço de mim se partir sem a minha permissão. Mas eu espanto esse sentimento, enquanto corremos até o táxi.

— Boa-noite — sorrio brevemente para o motorista, lhe entregando as nossas bolsas.

Abro a porta do passageiro e deixo Hope sentar primeiro, entro em seguida e fico ao seu lado. O meu braço circula os seus ombros e a trago até o meu peito, sentindo que esse gesto normaliza as batidas do meu coração. A pasta com os seus documentos está em meu colo e não pretendo me separar dela tão cedo.

— Tudo bem? — lhe pergunto, assim que o motorista ocupa o seu lugar.

— Sim, isso é divertido. — Ela sorri, enquanto olha pela janela.

— Que bom que acha isso — fecho os olhos, descansando o meu rosto em seus cabelos.

O carro começa a se afastar da pousada e eu não olho para trás. Nunca mais olharei.



Trinta e Três

Hope corre ao redor do quarto — três vezes maior que o nosso — e eu suspiro, me amparando à porta fechada. *Eu fiz isso, eu fiz...*

Minhas mãos tremem quando jogo as nossas bolsas no chão e esfrego os olhos. Preciso me manter em pé até que Hope esteja na cama e eu possa me despir da minha armadura e desabar.

— Esse lugar é legal! — ela exclama, deitando na cama e me olhando de lado. A visão faz o meu coração transbordar e apesar da felicidade que sinto, ainda quero enlouquecidamente chorar.

— É diferente, não é? — balbucio, caminhando até ela.

— Essa cama é muito grande. — Ela observa, com um imenso sorriso.

— É mesmo.

A cama é gigantesca, se comparada à nossa, na pousada. O espaço entre ela e a cômoda mais a frente, também é bem maior. Há um pequeno armário, à esquerda. Uma tevê acima da cômoda, que fez os olhos de Hope brilharem, assim que entramos. Um pequeno sofá de dois lugares, em couro creme, à direita. As grandes janelas em vidro ficam ao lado do sofá, ocultas por uma cortina de cetim, marrom-claro. A porta do banheiro fica ao lado da cômoda, a alguns passos, à esquerda. Levanto-me e vou até ela, abrindo-a em um impulso. As luzes se acendem automaticamente e paro, admirando o banheiro branco e dourado. É tão novo e limpo, que quase dá pena de usá-lo, mas caminho até a banheira ao fundo e abro as suas torneiras. Não demora para que a água quente comece a encher a porcelana branca, espalhando o valor pelo cômodo.

— Hope — eu grito, me apoiando na pia.

— Tomar banho? — ela pergunta quando chega à porta.

— Sim — respondo, rindo do seu desânimo.

— Posso assistir tevê depois? — ela pergunta, ao mesmo tempo em que

olho ao redor em busca de algo para envolver o seu gesso.

— Claro — concordo, enquanto a ajudo com as suas roupas e protejo o seu gesso com uma touca descartável que achei em uma das gavetas. — Vou pedir o jantar, o que vai querer?

— Macarrão — ela sorri, quando a coloco dentro da água quente. — E almôndegas.

— Um desejo bem aleatório, — sorrio também. — Não sei se tem isso aqui.

— Não tem tudo *num* hotel?

— Não neste, provavelmente. — Digo, andando até a porta. — Mas irei perguntar.

— *Tá bom* — ela acena, enquanto brinca com a esponja cheia de sabão.

— Tome banho enquanto ligo para o River — peço com carinho. — Eu volto para lavar o seu cabelo, tudo bem?

— Sim.

Deixo a porta entreaberta e volto para o quarto. Busco o meu celular em uma das bolsas no chão e sento-me na cama bem-feita. Um deslizar de dedos na tela, me mostra as inúmeras chamadas de River. Não tive muito tempo para pensar nele na última hora, mas agora me sinto culpada por saber que certamente o deixei preocupado. Fecho os olhos ao discar o seu número, esperando que ele não demore a atender.

— *Ella — ele atende no segundo toque.*

— Oi, River — respondo, com um sussurro.

— *O que aconteceu? Eu te liguei uma centena de vezes.*

— Desculpe por não ter atendido, é que eu estava — suspiro, buscando uma definição para o que acabou de acontecer e só encontro três palavras. — Em

uma situação.

— *Uma situação? — ele repete, sem entender. — Que situação, Ella? Seja mais específica, por favor.*

Suspiro de forma mais longa agora, porque sei que ao contar a River sobre as mentiras do meu pai, irei causar uma nova tempestade. Eu não quero que ele se sinta impelido a pegar um avião e voltar para Beaufort. Preciso evitar isso a todo custo.

— *Ella — ele me chama. — O que aconteceu?*

— Meu pai surtou. — Exalo, cansada. — Ele apareceu na pousada totalmente enlouquecido.

— *Porra — ele pragueja.*

— Sim, essa palavra define tudo.

— *Porra, porra... — ele exaspera, parecendo andar ao redor. Seus passos são audíveis através do celular. — Que merda, por que isso precisava acontecer exatamente agora, quando não estou mais aí?*

— Eu não sei, River, não planejei essa situação.

— *Ele te machucou? — questiona, apreensivo.*

— Não, meu pai nunca me machucaria fisicamente — afirmo, convicta. Kurt Mitchell nunca sujaria as suas mãos dessa forma. — Porque ele tem um jeito com as palavras, isso machuca mais que um soco.

— *Porra.*

— Está tudo bem agora — digo, desesperada em tranquilizá-lo. — Nós brigamos e foi necessário, mas Hope e eu estamos em segurança; não se preocupe.

— *Está trancada em seu quarto? — ele sonda, ansioso.*

— Nem estamos mais na pousada — conto, voltando ao banheiro para espiar Hope. Ela me acena entre bolhas e eu sorrio tristemente.

— *A coisa foi pior do que imaginei, então. — Ele para e prendo a respiração. — Você tem dinheiro? Eu posso te enviar...*

— Não precisa, River. Obrigada, mas eu tenho uma conta onde eu depositava a maior parte do meu salário e usarei esse dinheiro agora.

— *Seu pai te pagava para trabalhar na pousada? — ele parece surpreso ao perguntar.*

— Sim, ele pagava. Eu te disse que não era a Cinderela — digo e consigo fazê-lo rir de forma breve. — Ele me pagava muito bem, para ser sincera.

Agora sei exatamente pelo que meu pai estava pagando e sinto certo nojo do dinheiro. Se não precisasse tanto dele nesse momento, doaria para a primeira pessoa que encontrasse.

— *Ele não tem acesso a essa conta, tem?*

Se ele tivesse, sei que não possuiria um mísero tostão neste momento e ainda estaria nas mãos do meu pai. Mas, graças a Deus, eu não fui tão tola sobre isso.

— Não, apenas eu — digo, encostando-me à parede próxima ao banheiro. — River, meus pais mentiram para mim sobre a adoção de Hope.

— *Como assim?*

— Nunca houve adoção alguma — digo baixinho. — Meu pai só me fez assinar uma porção de papéis e usou isso para me controlar por cinco anos, mas foi tudo uma grande mentira.

— *Aquele filho da...*

— River!

— *Ele é um imbecil, Ella — ele exacerba, zangado. — Uma garota tão*

linda e doce como você, não merece um pai como aquele. E sua mãe não fica atrás, ela é uma mulher amarga, que nunca te protegeu.

— Eu sei, ok? — lamento, apertando os olhos e afastando o choro que quer chegar. — Eu sei de tudo isso, River. Só não importa mais.

— Como não? Importa para mim e muito.

— Só quero ir para a Flórida, reencontrá-lo e recomeçar. Dar uma nova vida à Hope.

River respira pesadamente e de forma quase incontrolável, faço o mesmo em meu lugar. Não quero alongar essa discussão sobre os meus pais, ainda temos o DNA e eu já estou um poço de nervos apenas ao pensar em abrir aquele envelope.

— Está tudo bem, River. — Reforço em um fio de voz.

— Você tem os documentos da Hope?

— Sim, eu tenho, eles estão comigo.

— Acredita que eles sejam verdadeiros?

— Eu acredito — fecho os olhos novamente, ouvindo Hope cantar no banheiro. — Talvez eu seja uma estúpida por isso, mas eu acredito.

— Está bem — ele parece se esforçar em concordar comigo, mas sou grata mesmo assim. — Podem embarcar amanhã, vou reservar o voo.

— River! — exclamo, em um sussurro. — Preciso contar à Hope sobre mim, sobre você, talvez...

— Você recebeu o DNA? — ele interrompe-me, ao questionar.

— Sim, recebi hoje à tarde.

— Eu recebi uma cópia em meu e-mail — ele confessa e me deixa tensa.

— Você abriu?

— *Não, e você?*

— Não — apresso-me em negar. — Estou muito nervosa para isso.

— *Você terá que abrir, Ella. — Ele ri. — Porque eu não irei.*

— Você deveria olhar, depois só me conte o que estava escrito. — Tento negociar.

— *Não, você fará isso. Então tenha essa conversa com Hope e voe para cá. Irei enviar as suas passagens amanhã.*

— Você não quer saber? — exaspero, andando pelo quarto.

— *Saberei quando chegarem aqui. — River responde calmante.*

— Eu não entendo — rio, porque estou tão nervosa que começo a misturar as emoções. — Achei que faríamos isso juntos.

— *É algo que precisa fazer, Ella — encoraja-me, em um tom carinhoso.*

— Estou com medo — murmuro em confissão.

— *Você consegue, meu amor — ele recita. — Você realmente consegue.*

Ficamos quietos e ouço o meu coração retumbar dentro do peito. O aperto em meu celular machuca os meus dedos, porque estou tão nervosa; tão nervosa.

— *Enviarei as passagens amanhã. — Ele repete, diante da minha respiração estagnada.*

— Hope quer sentar na janela — pontuo, enquanto o pedido de Hope vem à minha mente.

— *Claro, eu me lembrarei disto — River promete. — Como ela está?*

— Bem — respondo, parando um segundo para ouvi-la no banheiro. — Difícil dizer como tudo isso a está afetando, ela parece bem, mas sei que as coisas não são dessa forma.

Hope confia em mim o bastante para fugir de casa, deixando tudo para trás; inclusive os supostos pais, sem reclamar. Mas a sua cabecinha deve estar confusa. É muita informação para uma criança tão pequena assimilar. Eu precisarei ajudá-la a encontrar o seu caminho nesta nova vida. É crucial para mim, que ela seja a mais feliz de todas as crianças do mundo.

— *Nós iremos ajudá-la* — River diz, quebrando o silêncio. — *Talvez possamos encontrar um psicólogo quando chegarem aqui, isso lhe fará bem.*

— Talvez — sussurro. — Minha vida é uma bagunça, meu Deus.

Não posso ocultar a tristeza e a decepção ao dizer isso, decepção comigo mesma. Eu emaranhei tanto a minha vida, que estou prestes a contar para a minha filha, que ela é realmente minha. Isso é surreal, é errado. Um amargor que eu não posso suavizar.

— *Estamos consertando tudo, Ella. Não se culpe.*

— Como sabe que estou fazendo isso?

— *Você se culpa por tudo.* — Ele exala. — *Não faça mais isso.*

— É difícil, e leva tempo — fecho os olhos. Eu me culpo mortalmente, não sei quando irei me olhar no espelho e sentir que não tomei as piores decisões. — Preciso ir, River. Hope está me esperando no banheiro.

Ele ri da forma mais verdadeira agora e me dou conta do quanto sinto falta desse som, de ter um sorriso seu direcionado a mim. Eu daria tudo para ter River aqui hoje. Hoje, especificamente, quando eu preciso tanto do seu abraço, do seu cheiro, do seu amor. Uma ligação não basta, não agora.

— *Eu te amo demais* — River me diz, como se simplesmente soubesse que preciso ouvir exatamente isso. — *Por favor, me prometa que terá essa conversa com Hope. Eu não posso esperar mais, Ella.*

— Eu prometo — afirmo, veemente. — Eu também não posso mais esperar, tenho feito isso por tanto tempo. Sinto-me uma mentirosa, assim como os meus pais.

— *Você jamais será como os seus pais, Ella, ainda que se esforce para ser a pior pessoa, algo que eu sei que não fará. Você não é como eles.*

— Obrigada — suspiro. — Não quero ser como eles, nunca.

— *Acredite, você não corre esse risco — replica, com um sorriso na voz.*
— *E Ella?*

— O quê?

— *Eu matarei o seu pai quando encontrá-lo.*

— River — sacudo a cabeça, como se a minha censura pudesse chegar até ele.

— *Eu irei — reafirma, casual. — Talvez eu o atropele, se tiver a sorte de vê-lo na calçada.*

— Bem, você não terá essa sorte — profetizo, tocando o rosto.

— *Nunca se sabe, esse mundo é tão pequeno.*

— Não, River, apenas não — dou risada, porque sei que ele está brincando. Ele quebraria o nariz do meu pai, no entanto.

— *Você sempre me impede de matar as pessoas. — Diz em tom leve e por instante consigo imaginá-lo bem aqui. Ele e o seu sorriso que me faz derreter.*

— Agradeça por isso, então — replico da mesma forma.

— *Ninguém irá magoá-la mais, Ella, não deixarei que façam isso.*

— Eu sei... eu te amo!

— *Também te amo muito, muito e muito... dê um beijo em Hope por mim.*

Ele desliga em seguida e eu sinto como se acabasse de abandonar uma mochila repleta de pedras. Uma mochila que carreguei desnecessariamente por muitos anos. Meus ombros doem, mas não seguro mais o peso do meu passado e sei que meus passos serão leves a partir de hoje.

Depois de pedir o jantar de Hope, volto para o banheiro para ajudá-la. Ajoelhando-me ao seu lado, começo a molhar o seu cabelo. Ela já gastou mais de meia garrafa de sabonete líquido e fez mais bolhas do que poderemos enxaguar, certamente. A culpa é minha por deixá-la sozinha por tanto tempo.

— Você demorou — ela me diz, enquanto afasto as bolhas do seu rosto.

— Eu sei — encolho os ombros, com um sorriso de desculpas. — Estava ao telefone com o River.

— Ele está vindo buscar a gente?

— Não, eu bem que gostaria, mas ele não pode. — Digo, espalhando uma grande quantidade de xampu do hotel, em minha mão. — Ele irá comprar as nossas passagens para a Flórida.

Essa confissão faz com que o seu sorriso retorne. Sorriso que havia sumido quando lhe disse que River não virá.

— Não quero que você se preocupe, porque tudo ficará bem — recito, ensaboando o seu cabelo com lentidão. — Eu sempre cuidarei de você e River também.

— *Tá bom* — Hope sorri, tão adorável com o seu cabelo cheio de espuma, no topo da sua cabeça.

Beijo o seu nariz, enquanto ela fecha os olhos e se prepara para enxaguar o cabelo. Eu faço isso há tanto tempo e pela primeira vez não sinto a costumeira pontada de culpa em meu coração, e consigo apreciar plenamente esse instante de felicidade.



Trinta e Quatro

Hope está dormindo há quarenta minutos, talvez mais. Eu a deixei assistindo tevê após o jantar e fui tomar banho, quando voltei, ela dormia serenamente. Algo que me fez sorrir por longos minutos. Se ela está dormindo com tamanha tranquilidade, então acredita que tudo ficará bem. Isso é importante para mim.

Quando me vi sozinha, sem Hope para me distrair, só conseguia pensar no exame em minha bolsa. Longe dos meus olhos, mas tão perto das minhas preocupações e eu o deixei exatamente aonde estava. Após me trocar, deitei ao lado de Hope na cama ampla e tentei, — por vinte minutos — colocar a minha atenção na tevê. Eu falhei, é até redundante dizer. Embora eu queira fingir que não há nada a ser feito, minha consciência não me deixa acreditar nisso.

Eu retirei o envelope da bolsa e o deixei sobre o sofá, enquanto pairava acima dele. Andei pelo quarto por cinco minutos e voltei ao meu ponto de origem, onde estou desde então. Parada, em completo silêncio, encarando um envelope inofensivo; mas que parece mortal do meu ponto de vista.

Quero ligar para River e obrigá-lo a olhar o resultado em seu computador e então me contar. Seria tão mais fácil assim, mas sei que me sentirei uma covarde pelo resto dos meus dias. Agora entendo porque ele disse que preciso fazer isso sozinha, é o meu último estágio para a cura. Enfrentar o mais terrível dos meus medos e encontrar coragem onde eu acho que ela não existe; bem no fundo de mim.

Com um exalar demorado, sento-me no canto do sofá. Minhas mãos vão para as minhas coxas, meus dedos batem em meus joelhos e encaro o envelope. Em um impulso eu o seguro, é necessário que eu respire mais uma vez. Rasgo a sua lateral de forma desajeitada, porque minhas mãos tremem tanto, tanto... puxo o seu conteúdo com cuidado. São algumas folhas dobradas entre si, como outro exame seria. Eu as desenrolo e encaro a primeira página. Ao que posso ver, são três delas. Meus olhos passeiam com lentidão pela primeira folha. São informações sobre River, Hope e eu. A segunda página está cheia de termos técnicos que não fazem muito sentido para mim. Então a terceira página é a que mais tenho medo de ler. Descarto as outras duas, ficando apenas com a fina folha em mãos. Fito o seu topo, sentindo-me como a criança que precisa olhar embaixo da cama e se certificar que o bicho-papão não está lá. Mas, *e se ele estiver, o que eu farei?*

Leio cada palavra com uma lentidão dolorosa, morrendo de medo de

chegar ao seu final e descobrir que todos os meus temores são verdadeiros. Chego à última linha, em vermelho, e concentro-me nela: *o resultado*. Não é uma frase tão grande, mas Deus sabe que me obrigo a lê-la incansavelmente pelos próximos minutos. Demora também para que o meu cérebro entenda o que aquilo significa. Quando isso acontece, levanto-me com brusquidão e jogo o papel sobre o sofá novamente.

Minhas mãos, mais trêmulas do que já estiveram em qualquer ocasião, tocam a minha boca. Ando pelo pequeno espaço que há entre a cama e o sofá, meus pés tocando insolitamente o tapete macio.

— Meu Deus... — sussurro, entre respirações pesadas, meu coração em uma corrida alucinante dentro do peito. — Meu Deus!

Caio ajoelhada no tapete e puxo o exame mais uma vez. Meus olhos congelam naquela frase em destaque e então, eu a repito em voz alta:

— O suposto pai tem no mínimo noventa e nove por cento de chance de ser o pai biológico da criança.

River é o suposto pai, River é o pai de Hope. Ele é o pai dela, não Mason, não Mason... River é o pai de Hope.

— River é o pai — eu recito, baixinho. — Ele é o pai de Hope!

O amor da minha vida, aquele por quem eu me apaixonei desde o primeiro olhar. Aquele com quem alimentei sonhos que nunca deixaram de morar em meu coração, mesmo nos dias mais sombrios. *Ele é o pai da minha filha. Meu milagre.*

Ainda de joelhos, trago as minhas mãos ao rosto e choro. Não sei se mereço ser abençoada dessa forma. Talvez Deus tenha feito isso por Hope e não por mim, mas não importa a real razão, somente o significado que essa bênção terá em nossas vidas. Eu quase sinto como se Ele sussurrasse em meu ouvido: *É uma nova página, Ella, vá e escreva uma linda história.* E eu farei isto; eu farei.



— Venha aqui, Hope — peço ao bater no espaço ao meu lado na cama.

Ela me olha sobre os ombros, no mesmo instante em que desligo a tevê. Brinco com o controle em minhas mãos, esperando que ela me obedeça, o que demora alguns segundos.

— Por que desligou a tevê? — ela pergunta, engatinhando até mim.

— Porque precisamos conversar e preciso que preste muita atenção ao que direi.

— Eu vou ouvir enquanto assisto.

— Não, você não irá — rio, a puxando para mim. — Fique sem a tevê apenas por dez minutos.

— *Tá bom* — ela acena, não tão feliz.

— Vou lhe mostrar uma coisa — digo, indo até a minha bolsa.

Ajoelho-me e vasculho o seu conteúdo, até encontrar a velha caixinha em papelão, onde guardo as únicas fotos que tenho. Volto para a cama e coloco a caixinha entre mim e Hope. Seus pequenos dedos deslizam sobre a tampa, em dourado descascado e com arabescos que mal podem serem vistos.

— Isso é bonito — ela me diz, com inocência.

— Está velha, porque eu a guardo há muito tempo. — Murmuro, enquanto a abro.

Seguro o seu conteúdo todo de uma vez e deixo a caixinha de lado. Admiro as fotos em minhas mãos, antes de escolher qual mostrar à Hope primeiro.

— Veja — eu peço, lhe entregando a primeira foto.

Ela leva segundos para olhá-la com atenção, voltando o seu olhar ao meu e sorrindo com carinho.

— É você e o River — ela me diz.

— Sim — concordo, fixando-me em seu rosto. — Eu tinha dezesseis anos e River tinha dezessete, quase dezoito. Éramos namorados nessa época.

— Como ele disse.

— Sim, River era a pessoa que eu mais amava na vida, ele era o meu tudo. Alguém que eu não podia viver sem... até você, Hope. Quando você nasceu, te dei metade do meu coração, talvez um pouco mais. Você se tornou o meu tudo.

Ela ri, seus olhos brilham de uma forma que deixa claro o quanto ela se orgulha por ser tão especial. Busco outra foto, uma que por anos não quis voltar a ver. Eu a entrego à Hope e espero, ansiosa.

— Você estava grande — ela pontua, após um tempo.

— Minha barriga estava grande — corrijo, com uma risada. — Porque eu estava grávida.

— Você estava? — ela pergunta, intrigada.

— Sim, eu estava.

— Quantos anos você tinha?

— Dezessete.

— Onde está o seu bebê? Por que nunca vejo ele?

— Você o vê sempre, sempre — respondo com um pouco de culpa.

— Eu não — ela balança a cabeça.

Busco outra foto e substituo por esta.

— Somos nós — ela ri, alternando o olhar entre mim e a foto.

— Sim, você tinha um ano — conto com carinho.

Hope tinha acabado de aprender a andar e todas as vezes, ela acabava em meus braços, seu rosto em meu peito, em busca de abrigo. Eu sempre fui o seu abrigo. Ela me chamou de mãe a primeira vez nesse dia e eu não a corriji, porque sabia que ela era pequena demais para entender.

— Você continua com a mesma carinha — pontuo, tocando o seu nariz.

— Mas agora eu não sou mais um bebê — ela me lembra, franzindo as sobrancelhas.

— Não, você é uma menininha linda e muito inteligente. — Refuto, entregando a ela o restante das fotos. — Percebe que sempre estivemos juntas, eu e você e mais ninguém?

— Sim.

— Porque eu sou a pessoa que mais te ama na vida, nunca se esqueça disto. O meu amor por você é gigante, infinito.

— Do tamanho da lua?

— Não, a lua não é grande o bastante. Você e River são as pessoas mais importantes para mim, Hope.

— Eu também te amo, Ella! — ela exclama, abandonando as fotos para tocar o meu rosto.

— Sabe o meu bebê? — pergunto, em um sussurro hesitante. — O que estava em minha barriga naquela foto?

— Sim, onde ele está? — ela sonda ofegante, repleta de expectativas. — Eu gosto de bebês.

Sorrio, fechando os olhos. Ainda que eu enxergue muito amor nos olhos de Hope e uma receptividade imensa, tenho medo do impacto que essa revelação possa ter para ela. Sei que ela não irá gritar e bater portas como uma adolescente, mas, e se não conseguir entender o porquê de todas as minhas mentiras? Talvez

eu deva esperar um pouco mais. O medo que tentei arduamente afastar, me engolfa sem piedade agora.

— Ella — Hope me chama, elevando sua voz para ganhar minha atenção.
— Onde está o seu bebê?

Abro os olhos e encosto minha testa à sua, pedindo a Deus que me dê forças para essa confissão dolorosa.

— Ella!

— Você — começo, mas paro para engolir os meus temores. — Você, Hope... você é o meu bebê.

— Eu não sou um bebê — ela ri, mostrando-me as suas covinhas. Deslizo o meu polegar sobre uma delas.

— Eu sei, mas você foi um, um dia e você estava bem aqui — aponto para a minha barriga. — Era pequena como um grão de areia e mesmo assim foi forte como uma rocha.

Quando descobri a minha gravidez, semanas depois de ser violentada por Mason, não fazia sentido que um embrião tão pequeno houvesse sobrevivido a toda violência pela qual passei. Esse foi o ponto crucial para que eu não acreditasse que Hope fosse filha de River. Eu precisava de muita fé para crer em tal coisa e naquela época eu não possuía nenhuma.

— Você é minha mãe? — ela pergunta ao se dar conta do que estou falando.

— Sim, eu sou. — Respondo, com um pequeno vacilo em minha voz. — Coisas muito tristes aconteceram àquela época. River não estava mais em Beaufort e eu estava perdida e sozinha quando você nasceu, mas eu te amei desde o primeiro instante, Hope. Sempre te amei.

— Eu não sabia que você era a minha mãe — diz, em um lamento.

— Porque eu precisei mentir — confesso, envergonhada.

— Mentir é feio.

— Muito, é muito feio — concordo rapidamente. — E eu lamento muito por nunca ter lhe contado que era a sua mãe. Irei entender se ficar triste comigo por isso, ainda que eu não queira que fique, porque eu te amo demais e espero que me perdoe um dia.

— *Hummm* — ela balbucia, se afastando do meu abraço. Meu coração perde uma batida, mas eu a deixo ir.

Hope volta para as fotos e espalha todas elas sobre a cama, até encontrar uma em especial.

— Eu morei na sua barriga um dia? — ela questiona ao me mostrar a única foto que tenho da minha gravidez.

— Você morou — concordo, puxando a foto para mim. — Até ficar grande e forte para nascer. Por nove meses eu fui a sua casa, então você nasceu e continuou a morar dentro de mim, só que em meu coração.

— Você é uma mãe — Hope diz com certa admiração. Isso é compreensível, porque até hoje, eu era apenas uma irmã.

— Não apenas uma mãe, mas a sua mãe. — Reforço com carinho. — Eu sempre fiz tudo o que estava ao meu alcance para deixá-la feliz. Eu passei noites acordada com você e deixei que dormisse segurando a minha mão, quando teve medo. Eu cuidei de você com todo amor, dia após dia, sempre me preocupando que o mundo não te machucasse.

— Como o Pequeno Príncipe faz com a rosa dele?

— De certa forma — concordo sorrindo.

— Sou a sua rosa? — pergunta com expectativas.

— Você é o meu milagre. Ser a sua mãe me salvou de muitas formas. — Confesso, segurando as suas mãos. — Sem você eu não sei se estaria aqui hoje, Hope.

— Eu sempre quis que você fosse a minha mãe — ela me diz com timidez. — A mamãe nunca foi tão boa para mim. Ela nunca me fez cócegas ou cortou as minhas frutas. Ela nunca lavou o meu cabelo e leu uma história para mim.

— Ela deveria ter feito isso, porque você merece ser amada sempre. Sinto muito que não tenha se sentido amada algumas vezes.

— Mas você me ama. — Ela refuta, voltando para os meus braços.

— Eu te amo demais, demais. Ainda que eu procurasse palavras, não poderia te dizer o quanto. — Afirmo, apreciando o seu riso, quando o meu cabelo faz cócegas em seu pescoço.

— E River? — ela pergunta entre risos. — River também me ama?

— Ele te disse que amava, não disse? Como ele poderia não amar? Você é a criança mais maravilhosa que existe.

Sei que todas as crianças são preciosas, mas Hope é especial, ela sempre foi cheia de luz e amor. Mantendo-me sã, em meio a todo caos. Talvez um dia eu lhe conte toda a sua história. Quando ela for grande o suficiente para entender o tamanho do milagre que a sua vida é.

— River é seu pai, Hope — eu conto, em um súbito impulso de coragem.

— Ele é? — ela pula em meu colo, comprimindo os lábios para mim.

— Ele é — reafirmo, suave. — Ele não sabia sobre você quando foi embora de Beaufort, ele não teria ido se soubesse. River jamais nos deixaria sozinhas, ele teria ficado e cuidado de nós. Teríamos sido uma família feliz.

Hope me encara em silêncio. Há tanto a ser absorvido e estou surpresa que ela esteja encarando tudo com tamanha naturalidade. Eu rezo silenciosamente para que nada disso a faça sofrer de alguma forma. Eu ficaria despedaçada.

— River é um bom pai? — me pergunta, de repente.

Solto o ar preso em meus pulmões e sorrio, aliviada e feliz.

— Bem — balbucio, ainda sorrindo. — Ele nunca precisou ser um pai antes, mas ele será o melhor pai para você.

— Verdade?

— River tem o coração lindo e quando ele ama alguém, o faz com todas as suas forças. Ele é um homem incrível e sei, eu simplesmente tenho certeza, que ele moverá céus e terras por você. Quando crescer, saberá quão sortuda você é, por River ser seu pai.

— E você, é minha mãe — ela completa, afastando o cabelo do meu rosto. Um pequeno gesto, repleto de carinho.

— Sim, sua mãe — repito baixinho. — Sabe, foi muito difícil chegar até aqui. Doeu demais e muitas vezes achei que não fosse conseguir, mas valeu a pena por você, Hope. Você é um tesouro inestimável.

— Eu sou?

— O mais valioso e brilhante de todos!

Eu a puxo para um abraço quando termino de falar, colocando todo o meu amor neste gesto. Isso dura meros segundos, mas é o bastante para colar os pedaços do meu coração. Sim, eu já pensei que River houvesse feito isso antes, muitas e muitas vezes, mas agora eu tenho certeza. Meu coração está inteiro outra vez.

— Você está feliz? — pergunto, sussurrando em seu ouvido. — Feliz em saber que sou sua mãe?

— Sim, eu estou — ela sussurra de volta, enquanto eu relutantemente a solto do meu aperto. — Posso assistir tevê agora?

Aceno de forma suave, deixando que ela deslize pela cama e recupere o controle remoto. Quando as vozes em seu desenho animado voltam a preencher o quarto, sorrio, olhando o céu através das janelas abertas. E esse é o exato momento em que sei que cheguei ao fim do meu deserto. Ele finalmente acabou!



Trinta e Cinco

Afasto-me da porta para que Hope passe, puxando a sua malinha de rodas — em um lilás brilhante — que eu lhe comprei ontem à tarde. Comprei uma mala para mim também, longe de ser tão chamativa quanto a de Hope; é claro. Eu não chegaria a tanto. Nossas bolsas antigas, e grande parte das nossas roupas, foram doadas à igreja local. Eu não queria levar tanta bagagem de Beaufort para a Flórida, só as coisas boas, é esse foi um jeito de conseguir isso.

Estou seguindo à risca o que a palavra *recomeçar* significa e é algo que leva tempo, eu sei. É uma transformação de dentro para fora, mas estou disposta a persistir até que eu seja a pessoa que sempre desejei ser.

— Você está bonita! — Digo à Hope, quando paramos no corredor e esperamos o elevador chegar.

Seu rosto se ilumina, enquanto ela acompanha o meu olhar e admira a sua roupa nova. Uma saia azul até os joelhos, camiseta branca com estampa de morangos e um cardigã fino, em vermelho. Sem contar os seus tênis azuis, com cadarços vermelhos. Sim, ela é a garotinha de quase cinco anos, mais adorável e linda que meus olhos já viram. A felicidade e o orgulho que brilham em seus olhos agora, a torna ainda mais linda. E eu me sinto feliz por lhe proporcionar esses sentimentos. Feliz por ter dado isso à minha filha antes que fosse tarde demais.

— Você também está bonita, Ella — ela replica, tocando o desfiado em minha calça jeans. Sorrio, mas a pontada em meu coração por ainda ser chamada pelo nome, me faz vacilar um segundo.

Não quero forçar Hope a me chamar de mãe, ela decide quando e porquê. Talvez nunca aconteça, talvez seja amanhã. Não importa, quando sei que tenho o seu amor de filha e ela sabe que eu a amo como a mais apaixonada das mães.

— Obrigada! — agradeço, puxando a minha mala para dentro do elevador.

Aperto o botão do térreo e a porta se fecha. Hope fica ao meu lado, sua mão se solta da alça de sua mala e se entrelaça a minha. Outras pessoas entram e

ficamos no canto até que seja o momento de sair e caminhar até a recepção. Quando o elevador para no térreo, esperamos que os outros hóspedes saiam primeiro e então fazemos o mesmo. Hope sorri, soltando a minha mão e voltando para a tarefa de puxar sua mala. Afasto os meus olhos dela e começo a andar também, mas congelo em meu lugar quando vejo minha mãe na recepção. Ela não me nota em um primeiro instante, mas percebendo Hope mais à frente, seu olhar me busca até me encontrar.

Vacilo por um segundo, porém, volto a caminhar em seguida; desviando o meu olhar. Paro em frente ao balcão da recepção e pago a nossa estadia. O valor é alto o suficiente para me causar calafrios, mas é a presença de minha mãe logo atrás de mim, que faz isso ao meu corpo. Não faço a menor ideia do que ela quer aqui e não sei se estou disposta a descobrir. Aceito o cartão que a atendente me entrega e o guardo em minha bolsa com lentidão. Não quero me virar, mas sou obrigada.

— Oi, Ella — ela me diz quando não posso evitá-la e nossos olhos se encontram.

Suspiro, puxando Hope para perto e afastando-me do balcão, ando até a saída.

— Oi, mãe — digo, ignorando o amargor que essa saudação me traz. — O que está fazendo aqui?

— Queria me despedir. — Ela responde calmamente. — Oi, Hope.

— Oi! — Hope exclama alegremente, sorrindo para a minha mãe.

— Não era necessário vir até aqui, já nos despedimos há dois dias. — Murmuro, não tão feliz quanto Hope.

— Não queria que as coisas acabassem dessa forma, realmente não. — Minha mãe acrescenta.

Exalo mais uma vez, descendo as escadarias do hotel e parando na calçada quase vazia. Minha mãe me segue e para ao meu lado. Olho ao redor, procurando o táxi que pedi há dez minutos.

— Está tudo bem, mãe. As coisas terminaram do jeito que era possível.

— Quero dizer que sinto muito — ela recita, afastando o cabelo do rosto.
— Realmente preciso me desculpar.

A maquiagem quase perfeita, não consegue esconder o cansaço em seu olhar. Mas ela me parece muito bem, para alguém que sente muito por ter magoado profundamente a sua única filha.

— Ele te mandou aqui? — pergunto, analisando as suas emoções.

— Seu pai? — ela replica.

— Quem mais? — rio, aliviada quando um táxi para à nossa frente. Talvez ele seja de outro hóspede, mas definitivamente não posso me importar agora.

Abro a porta de trás com rapidez e coloco Hope sentada, louca para tirá-la de perto da minha mãe.

— Minha mala — Hope pede, antes que eu feche a porta.

— O motorista irá colocá-la no porta-malas. — Explico com um sorriso gentil. — Quando chegamos ao aeroporto, você a terá de volta.

— *Tá bom* — ela sorri, encolhendo os ombros.

Fecho a porta, enquanto o motorista saí do carro e vem guardar as nossas malas, como eu disse à Hope que ele faria. Fico aliviada por esse pequeno instante de distração. Minha mãe espera em silêncio, mas a sua postura deixa claro que não terminamos aqui.

— Me dê um minuto, por favor — peço ao motorista, assim que ele fecha o porta-malas.

— Fique à vontade — ele assente, voltando para o seu lugar em frente ao volante.

Agarro-me a maçaneta do carro e giro o meu corpo para encarar minha mãe novamente.

— Ele não mandou, é claro — finalmente responde. — Vim porque quis.

— Eu preciso ir — anuncio de forma sucinta. — Não posso me atrasar e perder o meu voo.

— Eu pensei em levá-la até o aeroporto — ela refuta, gentil. — Meu carro está a alguns metros à frente.

— Não — apresso-me em recusar. Deus sabe que existe a possibilidade de um sequestro. — Obrigada, mas não é necessário.

É a sua vez de suspirar, olhando para os seus sapatos e para mim mais uma vez.

— Tudo bem — concorda, enquanto busca algo em sua bolsa; um envelope em tom rosado. — Eu queria lhe dar isso.

— O que é? — sondo, olhando para o envelope com desconfiança mal disfarçada.

— Olhe você. — Ela insiste, empurrando o envelope em meu peito.

Abro rapidamente, puxando um cheque de dentro. Tem o meu nome e uma quantia bem significativa nele, mas não titubeio nem por um ínfimo segundo; eu não posso aceitar algo assim.

— Não posso aceitar — repito, agora de forma verbal.

— Por que não? Eu quero que aceite, Ella.

— Eu não posso, mãe. — Nego com um aceno enfático. — Pegue o envelope.

— Quero lhe dar isso, Ella — minha mãe insiste, se recusando a aceitar o envelope de volta. Eu o jogo no chão, desesperada para me livrar dele.

— Eu não quero — refuto com firmeza. — É como se fosse um dinheiro maldito, está me recompensando por todas as lágrimas? Todos os dias tristes que

passei absolutamente sozinha?

— Não é isso, Ella — ela exaspera, se abaixando para recolher o envelope aos seus pés. — Quero ajudá-la nesse recomeço. Guarde o dinheiro para Hope, se isso for o melhor.

Prendo a respiração e encaro o céu limpo acima de nós. Talvez ela só queira de fato me ajudar, mas quem me culpa por colocar meus instintos em alerta?

— Eu preciso ir — digo, por fim. — Não quero o seu dinheiro, mãe.

— Por Hope — ela sussurra, me empurrando o envelope. — Esse dinheiro não veio do seu pai, é parte da herança que recebi da minha mãe há dez anos.

— Eu não posso — sussurro de volta. — Doe para a caridade, terá um uso melhor.

— Você nunca irá me perdoar?

— Eu irei, mas isso leva tempo — respondo com cuidado. — E preciso fazer as coisas do meu jeito, irei trabalhar na Califórnia e cuidar da minha filha. River também fará isso.

Ela se cala e eu abro parcialmente a porta do carro. Hope me espera ansiosa lá dentro e sorrio para ela, como uma forma de tranquilizá-la, caso a minha demora a esteja deixando preocupada.

— Eu preciso realmente ir, mãe — murmuro mais uma vez. — Obrigada por sua oferta e por ter vindo até aqui, mas...

— Você me odeia — ela completa.

— Não — eu rio. — Não te odeio, por isso machuca. Você é a minha mãe, nunca poderei odiá-la, mas me sinto no direito de preservar o meu coração. Siga o seu caminho e eu seguirei o meu.

— Estou me divorciando do seu pai — ela me conta, com um pequeno

sorriso.

— Isso é bom. — Assinto, imaginando que qualquer outra pessoa se sentiria melancólica com a separação dos pais; mas não eu.

— Vou me mudar para o Oregon, para a casa da sua tia Ceci. — Ela continua.

— É longe, mas espero que as coisas deem certo para você.

— Posso te escrever? Manter contato de alguma forma? — ela questiona, hesitante. — Talvez você possa me enviar algumas fotos de Hope e me contar sobre vocês, eu gostaria de vê-la crescer.

— Talvez... — balbucio, incerta, porque neste momento ainda não me sinto preparada para isso. — Me dê um tempo, ok?

— Ok! — concorda, guardando o envelope amassado em sua bolsa e me entregando um pequeno pedaço de papel. — Esse é o meu endereço, espero que realmente me escreva.

— Eu farei quando me sentir pronta. — Prometo, ao aceitar o papel e guardá-lo em meu bolso.

— Desejo que seja feliz, Ella. — Ela me diz com sinceridade e eu quero mesmo acreditar que seja verdade.

— Eu serei — sorrio, entrando no carro e me sentando ao lado de Hope. — Finalmente eu serei feliz.

Minha mãe se ampara na porta por um segundo, sorrindo para nós duas e essa breve imagem, faz com que eu me lembre da minha infância. São as únicas lembranças boas que tenho da nossa família.

— Tchau, Hope. — Ela acena e sem esperar uma resposta, fecha a porta.

Suspiro lentamente, ainda que eu não tenha percebido o quanto retive a minha respiração durante essa estranha conversa com minha mãe. O carro sai do meio-fio e me apresso em dizer ao motorista qual será o nosso destino. Relaxo a

minha postura e aproveito o longo trajeto ao lado de Hope, enquanto deixamos Beaufort para trás e uma paisagem inédita se vislumbra para nós duas. Meu coração se acelera a cada minuto e me sinto tão ansiosa quanto uma criança; feliz também. Imensamente feliz.

Chegamos à Charleston antes do horário e Hope é quem segura a minha mão enquanto caminhamos pelo aeroporto cheio, ainda que pareça o contrário. Faço o nosso check-in em seguida, como River me orientou na noite anterior. Em nossa última conversa, ele estava realmente apreensivo que eu não fosse capaz de fazer isso sozinha. Enquanto ele me orientava com carinho, eu sorria, me sentindo uma caipira que nunca deixou a sua cidade natal. Algo que é mesmo verdade, mas que está prestes a mudar. Nos afastamos do guichê de atendimento e despacho a minha mala. Graças a Deus que a pequena e brilhante mala de Hope não precisa ser despachada, ela sofreria ao se afastar dela por tanto tempo.

— E agora? — Hope me pergunta, colocando as mãos na cintura.

— Agora esperamos. — Eu lhe digo, apertando as nossas passagens em uma das mãos. — Falta meia-hora para o nosso voo.

— Posso comprar um sorvete? — ela pede com um sorriso, os olhos brilhantes em direção à pequena sorveteria do aeroporto.

— Por que não? — sorrio de volta, dando de ombros. — O último sorvete da Carolina do Sul.

Ela ri, passando à minha frente e correndo até a sorveteria. Eu a alcanço e peço duas casquinhas de morango. Hope se entusiasma com qualquer coisa, mas sorvete definitivamente a deixa exultante. Encontro um lugar para que possamos nos sentar até que o nosso voo seja anunciado. Tomamos o nosso sorvete enquanto observamos o ir e vir ao nosso redor, ambas fascinadas com tanta novidade. Quando terminamos, levo Hope até o banheiro e ao sairmos, nosso voo está sendo chamado. Corremos até a área de embarque, meus batimentos cada vez mais eufóricos e a adrenalina pulsando em minhas veias.

Embarcamos sem problemas e encontramos nossos assentos com a mesma facilidade, porque o voo está quase vazio. Acomodo Hope primeiro, o assento ao lado da janela, como era o seu desejo. Ela sorri, me observando guardar a sua mala no compartimento acima dos bancos e então, sento-me ao seu lado.

— Você está feliz? — pergunto, puxando sua mão entre a minha. Antes que ela responda, beijo os nós dos seus dedos.

— Sim — responde animada, fixando os olhos na pequena janela ao lado. — Acha que vou ver as nuvens?

— Claro que sim, eu tenho certeza que verá muitas nuvens. O dia está lindo, repleto delas.

— Que legal!

Prendo a respiração quando decolamos, e um frio imenso em minha barriga me faz fechar momentaneamente os olhos. Hope é muito mais corajosa e encara tudo com fascínio. É evidente que ela herdou o amor pelas alturas de River. Ela me chama quando já estamos no ar, mostrando-me as nuvens que atravessam o céu. Rio com a sua felicidade tão palpável, o sentimento de liberdade me invadindo aos poucos.

Aterrissamos em Miami depois de uma hora e cinquenta minutos de um voo mais que tranquilo. Saímos com calma, ainda que meu coração esteja aos pulos, ansiando o meu reencontro com River. Espero minha mala passar pela esteira de bagagens e assim que a recupero, agarro a mão de Hope e cruzamos o portão de desembarque. Meus olhos buscam River de forma frenética, digitalizando cada espaço do grande aeroporto em que estamos. Ele prometeu que estaria aqui nos esperando e sinto a sua presença antes mesmo de encontrá-lo.

Eu o vejo três minutos depois, a alguns metros de onde estamos. Quero correr e me jogar em seus braços, mas paro em meu lugar e espero que ele nos note também. No instante em que seu olhar cruza com o meu, River caminha até nós com rapidez. Guardando o celular em suas mãos, em um dos bolsos de seu jeans, ele me abraça assim que para diante de mim. Solto o meu carrinho de bagagens, mas não a mão de Hope, e mergulho em seu abraço caloroso. É tão bom senti-lo junto a mim, o seu cheiro me invadindo da forma mais familiar e aconchegante que possa existir.

Meus pés deixam de tocar o chão quando ele me gira ao redor. Uma risada, repleta da mais pura felicidade, escapa dos meus lábios e soa em meus ouvidos. A essa altura, já soltei a mão de Hope, mas ela está rindo ao nosso lado; tão feliz quanto nós dois.

— Coloque-me no chão. — Peço, com um sussurro em seus lábios.

Ele ri, mas faz o que pedi. Meus pés tocam lentamente o piso, então River segura o meu rosto e me beija. Retribuo o seu beijo, mas não deixo que ele se alongue; ainda que seja a minha vontade mais latente.

— Eu senti a sua falta, meu Deus... — ele recita com a testa na minha.

— Também senti a sua, River. — Digo, o beijando de forma suave.

Afasto-me e os olhos de River se concentram em Hope. Ela parece ansiosa e alegre, as duas emoções em proporções iguais.

— Oi, Hope! — River a saúda com um grande sorriso. — Será que eu ganho um abraço seu?

Ela não hesita em quebrar o pequeno espaço que há entre eles e abraçar River, mas sua mala vem junto. A cena arranca um sorriso meu. Essa é a primeira vez que os dois se encontram agora que sei toda a verdade e o amor que sinto ao vê-los juntos transborda dentro de mim e me inunda. Hope poderia não ser receptiva a River, não importa os laços sanguíneos que eles dividam. As crianças são seletivas com quem escolhem amar e eu não poderia ser mais grata, por ela sentir que pode amar River sem reservas ou medos. Vislumbro um futuro muito feliz para nós e essa cena só me faz acreditar ainda mais nele.



Trinta e Seis

O caminho até o apartamento de River, em Mayport, dura mais de duas horas. Nós paramos para comer algo e visitamos brevemente alguns pontos turísticos antes que anoiteça. Hope parecia prestes a explodir de felicidade em cada uma das paradas. Conversamos sobre muitos assuntos, mas nenhum deles foi o resultado do DNA. Eu admiro o autocontrole de River, porque ele não me perguntou uma única vez a respeito disso. Acho que estou mais ansiosa que ele, muito mais.

Quando ele estaciona a sua pick-up, — agora preta e muita mais moderna que a que usava em Beaufort — no estacionamento do seu prédio; já passa das sete. Está escuro e as poucas luzes ao redor não tornam a tarefa muito fácil, mas observo tudo com a máxima atenção. Hope faz o mesmo. Estamos encantadas.

River tira as nossas coisas do carro e Hope volta a puxar a sua mala de rodinhas. Algo que eu tenho certeza que ela fará pela próxima semana, talvez mais. Levamos cinco minutos do estacionamento, até a entrada do prédio. É novo e bonito, sua fachada em cinza e branco. Não muito alto, pelo que meus olhos conseguem ver, provavelmente cinco andares. Paramos em frente à porta em vidro escuro e River leva segundos para digitar um código de segurança. A porta se abre em um clique rápido e entramos. A recepção é simples, mas tão bonita quanto a parte externa. Piso escuro, paredes cinzas, em uma pintura nova. Caixas de correspondências, à esquerda. River vasculha a sua, após abri-la com uma pequena chave, entre as muitas que carrega consigo. Ele recolhe dois envelopes, antes de fechá-la e sorrir para nós.

— Temos elevador — ele me conta, apontando para a porta em metal, à direita. — Mas eu prefiro as escadas, são apenas dois lances.

— Tudo bem — assinto, olhando para a grande mala em suas mãos. Parece pesada para levá-la por dois lances de escada.

— Não está pesada — ele diz, como se lesse os meus pensamentos e de fato deve ter lido. — Deixou todas as suas coisas em Beaufort?

— Eu não tinha muito — respondo, sem me envergonhar; é a mais pura verdade

— Agora você terá — ele sorri de forma breve e não tenho tempo de responder que não quero coisas materiais, eu definitivamente não me importo com elas. Só quero essa sensação de felicidade que quase me faz flutuar. Eu quero isso todos os dias, pelos próximos cem anos.

— Deixa eu levar a sua mala, Hope — ofereço, soltando o seu aperto da alça.

— *Tá bom* — ela ri, correndo até River e subindo os primeiros degraus ao lado dele.

São sete degraus até o primeiro andar, mais seis até o andar de River. Tudo está quieto por aqui e o tilintar das chaves de River é o único som por perto. Ele abre a porta e nos convida a entrar primeiro. Hope não vacila e corre para dentro sem que precise ser convidada uma segunda vez. Compartilho um sorriso com River e então entro também.

O primeiro cômodo é a sala. Não há corredor ou hall que o anteceda, nós abrimos a porta e nos deparamos com o amplo espaço. É mais bonito do que eu imaginei que seria, mais organizado e bem decorado também. Isso me surpreende de uma forma muito boa. Deixo a mala de Hope ao lado da porta e giro a cabeça para encarar River.

— Você gosta? — ele me pergunta com as mãos nos bolsos.

— Sim — respondo com carinho. — É lindo!

Hope já está sentada no grande sofá de camurça cinza, os olhos vidrados na imensa tevê logo à frente. Em um segundo eu sei que ela moraria aqui apenas pela tevê fixa ao painel de madeira escura. Ando até ela, meus pés deixando de tocar o piso de madeira, para deslizarem sobre o tapete macio, em preto e cinza.

— Nossa! — Hope exclama quando paro ao seu lado. — Essa tevê é muito grande.

— Eu sabia que iria gostar. — River ri, ainda parado à porta. — Eu olhava para ela todos os dias e pensava; mal posso esperar para que Hope veja isto.

— É muito legal — ela ri também e saltando do sofá, completa: — Posso

ir ao banheiro?

Rio, porque poderia jurar que ela pediria a River para ligar a tevê, mas prioridades... eu entendo. Assim que ela voltar para a sala, sei que pedirá exatamente isso.

— Aqui é sua casa, Hope. — River lhe diz. — Mas é óbvio, você ainda não sabe onde fica o banheiro.

— Eu não — ela concorda, com um aceno enfático.

— Em breve você saberá de tudo, não tem muito para conhecer. — Ele replica, em tom suave. — O banheiro fica ao final do corredor, à esquerda.

— *Tá bom* — ela murmura, correndo na direção indicada, mas parando por um segundo até que River acenda as luzes.

— Precisa de ajuda? — pergunto, virando-me em sua direção.

— Não... — ela sorri, antes de correr pelo corredor.

— Não molhe o seu gesso. — Eu a lembro.

Aproveito o meu novo ângulo de visão e encaro a cozinha que estava às minhas costas. Ela tem a metade do tamanho da sala, ambas divididas por uma pequena mureta com tampo em mármore escuro. De onde estou, consigo enxergar os eletrodomésticos em inox e os armários novos, em preto e branco. É evidente que River não quis se arriscar com cores vibrantes. Não há absolutamente nada aqui que fuja do preto, branco, cinza ou marrom; mas eu gosto. Definitivamente gosto.

— Você pode mudar tudo o que quiser, eu realmente não me importo com a decoração. — Ele me diz, enquanto lê o meu olhar. Evidente que ele o faz.

— Não quero mudar nada, também não me importo com a decoração — refuto, colocando minhas mãos nos bolsos de trás do meu jeans. — E River, eu gosto de tudo. Estou orgulhosa de você.

— Por eu não ser um bagunceiro sujo? — questiona, divertido.

— Por isso também, graças a Deus — brinco, mordendo os lábios. — Mas por tudo o que fez com a sua vida.

— Fico feliz que se sinta assim, quero que se orgulhe sempre do homem que sou.

— E eu me orgulho, me orgulho muito — sorrio quando ele caminha até mim. — Hope está tão feliz, não vejo os seus olhinhos brilharem dessa forma há muito tempo.

— Você está feliz também? — ele pergunta, colocando o meu cabelo atrás da orelha, quando para diante de mim.

— Insanamente — sorrio amplamente, apontando para o meu rosto. — Não consegue ver?

— Eu consigo — recita, amoroso. — E a felicidade te deixa mais linda, muito mais.

Ainda sorrindo, fico na ponta dos pés e o beijo. River morde levemente a minha boca, enquanto deslizo os meus dedos em seu cabelo curto. Sim, ele o cortou, como eu imaginei que faria ao voltar para a Flórida. Meus dedos descem por sua nuca e se enroscam na corrente em seu pescoço; então sussurro em sua boca:

— Você não me perguntou sobre o exame.

Ele respira em minha boca, me beijando mais uma vez antes de responder.

— Você não me contou, então...

Nossos olhos se encontram e percebo imediatamente qual dedução o meu silêncio lhe causou.

— River — eu sussurro, mas ele me interrompe com um beijo.

— Não importa, Ella — ele afirma, arrastando o polegar pela minha

bochecha. — Eu disse um milhão de vezes que o resultado não importaria, que ele não mudaria a forma como me sinto sobre você ou Hope.

— Eu sei.

— Quero adotá-la o quanto antes. Já procurei um advogado e ele me disse que não é algo complicado.

Assinto, mordendo um sorriso. Louca para gritar ao redor dessa sala, que Hope é sua filha. Mas isso é algo que ela deve fazer e mal posso esperar para que aconteça. Por falar nisso...

— Hope está demorando — digo a River.

— Acha que ela irá inundar o banheiro? — ele sonda com um riso. — Ou gastar toda a minha espuma de barbear?

— Brigaria com ela, caso fizesse isso? — devolvo a pergunta, tocando o seu estômago sob a camiseta.

— Nunca — responde com rapidez. — Sinto-me incapaz de algo assim, então não me peça. Quem sabe depois de alguns anos.

— Eu duvido — digo baixinho. — Devo agradecer então, por Hope nunca ter sido o tipo de criança que enlouquece os pais.

— Porque ela se parece com você... doce, suave, apaixonante.

Fecho os olhos ao ser beijada, sorrindo em seus lábios enquanto ouço os passinhos de Hope no corredor. A pergunta que eu esperava ouvir há minutos, finalmente escapando dos seus lábios.

— Posso ligar a tevê?

— Claro. — River responde, me afastando com gentileza.

— Espere. — Intercedo, antes que ele encontre o controle da tevê. — Hope, você não tem um presente para o River?

— Sim, eu tenho — ela grita, correndo até sua mala. — Eu me esqueci dele.

— Um presente, hein? — ele arqueia as sobrancelhas para mim, segundos antes de sentar-se no sofá.

— Um presente. — Hope repete, voltando com o embrulho prateado que guardamos em sua mala essa manhã. — Ella me ajudou a escolher e disse que você *ia* gostar.

— Eu irei, tenho certeza — River afirma, gentil. — Mas vocês duas são os melhores presentes que eu poderia ganhar, quero que saiba disso.

Ela sorri quando River beija o seu rosto. Todas as atitudes ou palavras de River são surpreendentes para Hope, por ser algo que meu pai jamais faria para mim, ou para ela. Espero que não demore para que ela perceba que todos os pais deveriam ser assim. Amorosos, gentis e preocupados. Essa é a relação familiar saudável que toda criança merece. E que presente gigante saber que será o que Hope terá a partir de agora.

— Abra — eu incentivo, me afastando um pouco e deixando que esse momento seja apenas dos dois.

— Sim, abra! — Hope exclama, batendo palmas.

— Claro — ele diz, ao puxar o laço dourado que mantém o embrulho fechado.

Espero ansiosa, quieta em meu lugar como expectadora. Desde que soube do resultado do exame, pensei em um milhão de formas para que Hope pudesse contar a River que ele é seu pai. Algumas pareciam de fato emocionantes e divertidas, mas quando vi a camiseta de *superpai* na vitrine ontem à tarde, não tive dúvidas; seria dessa forma. Comprei a camiseta e pedi que a vendedora caprichasse no embrulho, então contei à Hope sobre a minha ideia e ela adorou.

Vejo o brilho crescente nos olhos dela enquanto River tira a camiseta do pacote. Vejo o brilho nos olhos dele também, ao desembulhar a camiseta e ler o que diz em sua estampa. E não posso ver o brilho em meus olhos agora, mas sei que é o mesmo que enxergo neles.

— Uau, que presente incrível — ele diz, levantando a camiseta para que eu também possa ver.

— Você gostou? — Hope pergunta, com expectativa.

— Como eu não poderia gostar? — ele brinca, deixando a camiseta de lado e a puxando para si. — É um lindo presente, Hope e eu amei.

Ela pisca, alternando o olhar entre nós e eu a incentivo com um pequeno meneio.

— Eu te dei esse presente... — Hope começa, brincando com o descascado em seu gesso. — Porque...

— Por quê? — River a questiona, apertando a sua cintura e arrancando um riso seu.

— Ella me contou que é o meu pai — Hope completa, em um sussurro. — Ella é minha mãe, sabia disso?

— Eu soube há pouco tempo. — Ele responde, em um sussurro também.

— Então... Ella é a minha mãe e você é o meu pai.

— Eu sou? — ele indaga, confuso e estupefato.

— Sim, eu vi as fotos — Hope conta, com uma suavidade na voz que me desmonta, mas estou feliz demais para me sentir culpada.

— Que fotos? — River sonda de forma vacilante. Não posso ver os seus olhos agora, mas sei que estão nublados de emoção; é muito perceptível em seu tom de voz.

— Fotos de vocês dois na escola e de quando eu estava na barriga dela — ela ri ao dizer isso, porque se tornou a sua foto favorita e já está até amassada de todas as vezes em que Hope a admirou. — Então você foi embora, por um motivo que eu não entendi.

— Eu sei, é complicado — ele a consola, a voz ainda mais embargada.

— Quando crescer, talvez você entenda.

— Foi o que a minha mãe disse — ela diz, olhando brevemente para mim.

Não contenho o soluço que me escapa, ao ser chamada de mãe pela primeira vez. *Hope realmente me chamou de mãe.* Provavelmente ela me chamará de Ella no próximo segundo, mas isso não importa. Realmente não importa.

— Mas você voltou — ela acrescenta, quando River esconde o rosto em seus cabelos e chora.

Encontro-me chorando também e quero tanto me aproximar para consolá-lo, mas sei que não devo e me mantenho distante. É a primeira vez que o vejo chorar e isso dura um tempo. Eu me lembro quando ele me contou que chorou por mim, e agora as suas lágrimas são para Hope.

— Está chorando? — ela pergunta preocupada, segurando o rosto de River. — Está triste por ser meu pai?

— Nunca — River responde com rapidez, deixando um beijo terno em sua testa. — Estou chorando de felicidade e gratidão por ser seu pai. Sou o homem mais feliz do mundo... o mais feliz.

— Também estou feliz — ela recita com timidez. — Mas eu não vou chorar.

— Não quero que choro. — Ele ri ao enxugar o rosto.

— Você será um bom pai? — questiona, sorrindo para mim. Limpo meus olhos também e devolvo o seu sorriso.

— O melhor que eu puder — ele promete. — Se eu errar, você me ensina e tentarei novamente. Farei tudo o que puder para vê-la feliz.

— Por que você me ama? — ela sonda, feliz e repleta de orgulho. Eu entendo o sentimento, é muito bom ser amada por River.

— Muito, eu te amo muito.

Seu sorriso gigante, se transforma em um riso alegre quando River se levanta e a joga no ar. A mãe em mim quer lhe dizer para ter cuidado, mas sei que ele será o primeiro a protegê-la de todas as formas. Por isso eu rio junto com eles. Ainda em meu lugar, ainda com lágrimas deslizando em meu rosto; mas, mais feliz do que já estive em qualquer outro momento da minha vida.



Hope desmaiou em seu quarto, literalmente. É estranho dizer isso, já que sempre compartilhamos um quarto, uma cama, mas agora as coisas mudaram e foram mais fáceis do que cogitei que seriam. Talvez porque enquanto nos esperava, River tenha comprado uma cama para ela, além de uma colcha e travesseiros de unicórnio. Ele foi direto ao ponto para agradá-la. E então, eis a jogada de mestre; Hope tem uma tevê só para ela agora, em seu quarto. Sinceramente, não ficarei surpresa se ela passar os próximos meses sem sair de lá. Ela está encantada em níveis inexplicáveis.

Sorrio para mim mesma no espelho, enquanto penteio os meus cabelos molhados. Não acho que conseguirei dormir com a mesma facilidade de Hope, porque estou tão feliz e o sentimento faz com que eu tenha vontade de dançar por aí. Não farei isso, óbvio; mas gostaria. Deposito o pente sobre a bancada e abro a porta para o quarto de River. *O nosso quarto*, me corrijo mentalmente. Ele não quer que eu saia dizendo que as coisas são dele: *seu quarto, seu banheiro, sua cozinha*. Ele foi enfático ao me corrigir sobre isso, afirmando que tudo nesse apartamento pertence a nós três. Levarei um tempo para me acostumar, mas gosto da ideia.

Meus pés descalços tocam o chão liso de madeira brilhante e encaro River sobre a cama. Nós vivemos um milhão de coisas juntos, mas nunca compartilhamos um momento assim, tão corriqueiro e tão íntimo. Paro em silêncio e o admiro. Ou talvez seja ele quem esteja fazendo isto. Mantendo-me presa com o seu olhar enquanto me admira.

— Por que está me olhando assim? — pergunto depois de um tempo, apertando o nó da toalha ao redor do meu corpo.

— Para ter certeza que não estou sonhado — ele responde com um

sorriso de lado.

Também tenho a exata sensação de que estou vivendo um sonho, o mais lindo deles. Deveria ter medo de acordar, mas só quero aproveitar cada segundo.

— Me tocar seria muito mais eficiente para comprovar isso. — Brinco, estendendo um dos braços em sua direção.

— Também acho. — Concorda, segurando a minha mão e em um impulso, me jogando sobre a cama.

Grito sem me conter, mas cubro a boca em seguida. Hope está dormindo no quarto ao lado e me sentiria péssima por acordá-la.

— Ela não pode te ouvir — River ri, beijando o meu pescoço. — As paredes não são tão finas, Ella.

— Mesmo assim — sussurro, perdendo o ar quando ele arrasta a toalha para longe do meu corpo.

— Não se preocupe — diz ao me olhar, o seu nariz toca o meu e o seu corpo me prende ao colchão.

— E então? — pergunto ofegante, umedecendo os meus lábios. — Sou real ou não?

— *Hummm* — ele se afasta sutilmente, arrastando a ponta do dedo pelo meu pescoço, até o meu quadril. — Você ainda parece um sonho para mim.

— Assim como você é para mim, você sempre será o meu sonho, River.

— Que bom que sonhos se tornam reais. — Ele sorri, voltando a colar o rosto ao meu.

As centenas de coisas que quero lhe dizer, são caladas com um beijo. O restante do meu fôlego se acaba com os seus lábios nos meus. A sua língua invadindo a minha boca e aplacando a saudade que senti do seu sabor. A sua mão em minha cintura nua e um instante é o que basta para o mundo deixar de existir. É sempre assim com River. Ele me faz voar, sem me tirar do lugar. E quando

estamos tão próximos, compartilhando um beijo apaixonado, nosso amor na ponta dos dedos que se arrastam pela pele um do outro; tenho a mais absoluta certeza de que nasci apenas para encontrá-lo.



Epílogo

Flórida, dois anos depois

River

Observo Ella através dos meus óculos escuros, enquanto ela quebra o espaço entre a parte interna da faculdade e o meu carro no final do estacionamento aberto. Cruzo meus braços, pensando em que quantos vezes estive exatamente aqui, no último ano. Não tantas quanto gostaria, no entanto, porque na maior parte do tempo; Ella e Hope já estão em casa quando saio do trabalho. Hoje não, excepcionalmente, desde que Hope nos espera na escola para a sua apresentação de teatro. Ela está tão empolgada e esse tem sido o assunto central das nossas conversas nos últimos meses. Você pode acreditar que conhece a felicidade, até ver o seu filho feliz e descobrir que nada que provou antes, pode se equiparar ao sorriso da criança na qual o seu mundo orbita. Tem sido assim com Hope durante esses dois anos. Uma montanha russa de emoções, repleta de *loopings* inesperados. Ainda bem que eu amo as alturas.

— Ei, tenente! — Ella exclama, quando para diante de mim.

Sorrio lentamente enquanto uma de suas mãos se espalma sobre o meu peito — acima dos meus braços cruzados — e a outra puxa os óculos para longe do meu rosto. Nossos olhos se encontram e o meu sorriso se alarga. Eu ainda me surpreendo com o quão linda Ella se parece a cada dia e com o tamanho do meu amor por ela. Às vezes é quase assustador e eu ainda me imagino sonhando. Tudo o que nós três vivemos desde que ela voltou para a minha vida, foi muito mais do que poderia desejar.

— Oi — sussurro, tocando o seu rosto e me inclinando para beijá-la.

— Faz tempo que chegou? — ela pergunta em meus lábios. — Desculpe, acho que me atrasei um pouco.

— Não — apresso-me em tranquilizá-la. — Estou aqui há cinco minutos.

— Ok... — ela sorri ao se afastar, a mão ainda em meu peito, mas com

alguma distância entre nós. — Podemos ir? Quero que Hope possa nos ver antes do espetáculo começar. Sabe como ela gosta de ficar espiando atrás das cortinas.

— Eu sei — não contengo uma risada. — E ela sabe que jamais perderíamos algo tão importante.

— Ela sabe, mas ainda é apenas uma criança, repleta de ansiedade.

— Claro — assinto, apertando a sua cintura para me afastar do carro. — Chegaremos lá em dez minutos, não se preocupe.

Abro a porta para ela e a vejo jogar a sua bolsa no banco de trás, enquanto contorno o carro e entro. São três e meia da tarde e a peça de Hope está marcada para às quatro. Geralmente não chego em casa antes das cinco e meia, às vezes mais, mas estou sempre presente em ocasiões como essas. É importante para a Hope, mas ainda mais para mim. Mesmo que meu trabalho ocupe uma parte significativa do meu tempo, ela nunca precisa mendigar o meu amor de pai.

Nos primeiros meses eu estava obcecado em conquistar o seu amor, um espaço em seu coração. Sentia-me imensamente culpado pelos anos que passamos longe e me desdobrava em agradar. Ella me dizia que isso não era necessário e que o amor de Hope viria no tempo certo, e de forma natural. Quando conversávamos sobre isso, via a culpa que Ella sentia também e então eu tentava desacelerar, não querendo que ela carregasse mais esse fardo. Era uma tremenda bagunça emocional para nós dois. Mas Hope — com toda a sua ingenuidade e amor infantil — nos guiou pelo caminho certo. Não teríamos conseguido sem ela e foi então que eu percebi o quanto complicamos as coisas. Como sofremos por algo que só exige paciência e tempo.

Sete meses após a vinda das duas para a Flórida, fui implantado em uma base do Mediterrâneo. Ella enlouqueceu com isso, se achando incapaz de ficar sozinha com Hope, em uma cidade que ela mal conhecia. Foi uma prova de fogo para a nossa relação, mas sobrevivemos a ela. Hope disse que me amava pela primeira vez em uma ligação telefônica, com milhares de quilômetros entre nós. Lembro do quanto eu desejei ver o seu rosto enquanto ela me dizia isso. Do quanto eu odiei estar em outro continente e não poder abraçá-la àquele dia. Mas três meses depois eu estava de volta, tendo todos os beijos e abraços do qual havia sido privado.

Ella e eu nos casamos um mês depois, em uma cerimônia mais do que singela. Hope foi a nossa única convidada, além do pastor que celebrou a nossa

união. Talvez uma cerimônia assim pudesse ser considerada melancólica para algumas pessoas, mas não para nós. Foi, definitivamente, tudo o que queríamos que fosse. Nossa lua-de-mel foi em uma viagem de cinco dias para a Disney, que Hope jamais esqueceu e eu posso dizer que também não.

— Você está calado. — Ella me diz, tocando suavemente o meu braço.
— Em que está pensando tão seriamente?

— Em tudo e em nada. — Respondo, desviando por um segundo o olhar da estrada.

— Isso nem é possível, River — ela ri.

— Você me disse um dia que era. — Replico com um sorriso. — Como foram as suas aulas hoje?

— Horríveis — murmura, em tom divertido. — Parece que nunca serei capaz de entender todas aquelas matérias, o meu cérebro não é rápido o bastante.

— Sempre diz isso, mas tira as melhores notas.

— Porque eu me mato de estudar.

— Sem dor, sem ganho, meu amor. — Recito, roubando mais um riso seu.

— Eu quero desistir. — Diz em tom sério e se eu não a conhecesse o suficiente, poderia até acreditar.

— Você não quer — refuto, quando paramos em um sinal vermelho e posso olhá-la. — E não irá.

— É verdade, eu não irei — ela concorda, mordendo o lábio inferior para esconder um sorriso. — Mas eu realmente quero.

Toco a sua boca, puxando o lábio do aperto que seus dentes infligem. Consigo beijá-la suavemente, antes que o sinal volte a ficar verde. Ella jamais desistiria de algo que realmente quer, eu sei disso. Os últimos dois anos serviram para lhe mostrar a sua própria força. Aquela que ela sempre possuiu, mas que ao

mesmo tempo duvidava ter. Enquanto eu estava implantado, ela estudou online para terminar o ensino médio. Talvez tenha sido uma válvula de escape para a minha ausência, não importa de fato. O que importa é que Ella conseguiu o seu diploma. O diploma que eu também a impedi de conseguir no passado. Isso me trouxe alguma paz, definitivamente trouxe. Depois disso, ela ganhou uma bolsa de cinquenta por cento na Faculdade Estadual da Flórida e me surpreendeu por completo, quando me disse que seguiria a carreira do pai. Eu ainda lhe pergunto toda semana se ela não mudou de ideia sobre isso.

— Ainda está convicta sobre ser uma advogada? — pergunto mais pela força do hábito. E talvez por gostar de vê-la revirar os olhos, antes de me responder pela centésima vez.

— Bem, você sabe. — Ela suspira, espalmando as mãos em seu jeans. — Ainda tenho três anos para me decidir sobre isso, mas não mudei de ideia essa última semana. Pergunte-me na próxima.

— Eu só fico surpreso pela sua escolha.

— Eu sei, você me disse isso um milhão de vezes, River. — Ela debocha, enquanto olho ao redor, em busca de uma vaga no estacionamento da escola.

— Não disse tantas vezes assim. — Rio, desligando o carro. — É a carreira do seu pai, Ella.

— Não é a carreira do meu pai apenas e eu nem escolherei o mesmo segmento que ele.

— Que bom — respiro, batendo os dedos no volante.

— Não quer me ver desviando dinheiro de banqueiros para a Suíça, enquanto eles sonegam impostos? — ela ironiza, destravando o seu cinto e pegando a bolsa no banco de trás.

— Era isso o que seu pai fazia?

— Não sei... — nós rimos, mas quando nossos olhos se fixam; Ella fica séria. — Quero ser alguém significativo no mundo, fazer algo de bom. Eu não serei como o meu pai, nunca.

— Você é alguém significativo no mundo, Ella e faz coisas boas o tempo todo. — Sussurro, tocando a sua bochecha. — O tempo todo, não se esqueça.

— Obrigada!

— E você será uma advogada incrível, não tenho a menor dúvida. — Acrescento, antes de sairmos do carro juntos.

— Obrigada por isso também. Eu espero ser, realmente.

Aciono o alarme do carro e estendo a minha mão para que ela entrelace à sua. Misturamo-nos com os outros pais que caminham em direção ao teatro da escola primária, onde Hope estuda há um ano. Ela definitivamente adora esse lugar, os professores e seus amigos. E é importante para mim, que ela esteja em um ambiente em que se sinta tão acolhida.

Ella e eu encontramos lugares na terceira fila, no canto, à esquerda. Temos uma ótima visão do pequeno palco e da cortina lateral onde Hope gosta de nos espiar sempre. Essa é a quinta vez em que estamos aqui. Já viemos para o coral de Ação de Graças e a peça de Natal. Além do recital da Primavera e do Dia do Trabalhador, e uma pequena adaptação de A Bela e a Fera. Hope foi a Bela e ela ficou exultante, realmente feliz com o seu papel. Mas desta vez...

— Você acha que Hope ainda está brava por não ser a Dorothy? — Ella me pergunta, olhando para o pequeno encarte de O Mágico de Oz, em suas mãos.

— Hope? — exaspero, brincando com a sua aliança, enquanto sua mão esquerda descansa em minha perna. — Você conhece a nossa filha, ela ficou brava por cinco minutos e depois esqueceu.

— Ela estava tão chateada por ser o Leão.

— Mas isso foi antes de toda a sua conversa com ela, você definitivamente a convenceu que o Leão é o melhor personagem de toda a peça.

— E ele realmente é — ela assente, descansando a cabeça em meu ombro. — Ele tem tanto medo, mas ainda assim segue o seu caminho... acho que me identifico com ele.

— Você nunca foi um leão covarde, Ella — sussurro, beijando a sua testa.

— Mas eu me sentia como um, acho que não seria errado dizer que você foi o meu Mágico de Oz, River.

— Sabe que ele não possui poderes de verdade, não sabe? — pergunto, quando a sua cabeça se levanta para que ela possa me encarar. — Assim como eu também não.

— Você possui — diz lentamente, sorrindo da mesma forma. — Talvez seja um grande fardo, mas você é o meu herói; e sempre será.

— Não é um fardo, quando tudo o que eu quero é ser um herói para você e para a Hope.

Ela me beija quando termino de dizer isto, ao mesmo tempo em que a cortina à nossa frente começa a balançar. Faltam cinco minutos para a peça começar e essa é a deixa para Hope espreitar a plateia até nos encontrar aqui.

— Está vendo ela? — Ella me pergunta, ainda com o rosto virado para o meu.

— Só a metade da sua juba. — respondo, acenando para Hope.

Ela tentou colocar apenas o rosto através de um espaço na cortina, mas só vejo parte dele. Seus olhos pintados e parcialmente encobertos pela juba marrom, brilham em minha direção. Seu sorriso, costumeiramente lindo, parece mais bonito ainda enquanto ela sorri para mim. Ella também acena para Hope, antes que as luzes sejam apagadas. A música que soa ao redor também é desligada e instantes depois, o palco é iluminado. Quando a peça começa, os suspiros ao redor se sobrepõem a qualquer outro som. É sempre a mesma coisa quando cada uma das crianças entra no palco. E quando chega a vez de Hope, eu me vejo fazendo a mesma coisa que os outros pais e suspiro, admirado. Já imaginava que seu traje de leão fosse deixá-la adorável, mas, sinceramente, a realidade superou qualquer expectativa. Vejo-me vidrado em seus movimentos e falas, — que Ella repete ao meu lado — enquanto a peça se desenrola. Isso dura vinte minutos, eu acho, mas ficaria aqui o dia todo, vendo Hope agir de forma

tão apaixonante e encantadora.

— Ela estava tão linda. — Ella sussurra em meu ouvido, quando nos levantamos para aplaudir.

— Sim, ela estava. — Concordo com orgulho, aplaudindo com entusiasmo evidente.

A cortina volta a se abrir e as crianças se curvam em reverência à plateia. Hope é a terceira, — da esquerda para a direita — e ela solta a mão do Espantalho para poder nos acenar em euforia. Rio enquanto aceno de volta, ganhando um beijo soprado em minha direção. *Será que ela sente o quanto eu a amo? Será que ela sabe que sou o pai mais apaixonado aqui?* Talvez não, talvez ela jamais possa mensurar o quanto significa para mim.

A cortina se fecha mais uma vez e as pessoas se dispersam para buscar os seus filhos. Ella segura a minha mão, depois de guardar o celular na bolsa. Esperamos que as pessoas em nossa fileira saiam, então caminhamos pelo pequeno corredor que leva ao palco. Antes que possamos chegar ao nosso destino, Hope corre ao nosso encontro e pula em meu colo. Ela já se livrou da juba de leão, mas ainda está com a sua fantasia.

— Você me viu, pai? — Hope pergunta, segurando o meu rosto com ambas as mãos e exigindo a minha total atenção; o que ela sempre tem.

— Eu te vi, óbvio — respondo, beijando o seu rosto. — Você estava linda, foi a melhor representação de leão que eu já vi.

— Verdade? — sonda, envaidecida.

— Você tem alguma dúvida disto? — replico, recebendo um dos seus sorrisos brilhantes.

— Você estava ótima, Hope — Ella acrescenta, se debruçando em meu ombro para beijá-la também.

— Mãe, você me filmou? — Hope pergunta à Ella, saltando dos meus braços para os braços da mãe.

— Sim, eu filmei — Ella responde com carinho, afastando o cabelo de

Hope do rosto. — Você poderá rever vinte e sete mil vezes a partir de hoje.

— Eu quero — Hope concorda, alegre.

— Sei que quer — Ella diz, me fazendo rir. — Onde está a sua mochila?

— Lá na minha sala — ela responde, quando colocada no chão.

— Vou ajudá-la a se trocar. — Ella diz, beijando-me rapidamente antes de ser arrastada por Hope.

Assinto, encostando-me na lateral do palco e tirando o celular do bolso para esperá-las. Leva um pouco mais de dez minutos até que elas voltem. Hope trocou a sua fantasia, por uma calça jeans e camiseta cinza, além de tênis. O seu rosto está sem mais nenhuma maquiagem da peça e deduzo que tenha sido difícil para limpá-lo.

— Desculpe a demora — Ella pede, parando ao meu lado. — Foi difícil transformar Hope em menina novamente.

— Eu não era um leão de verdade, mãe. — Hope intercede. — Nunca deixei de ser menina.

— Você não era? — brinco, carregando-a no colo mais uma vez. — Eu jurava que fosse, você se parecia muito com um leão.

— Eu não era, pai. — Ela ri com a minha brincadeira.

Ella segura o meu braço, enquanto deixamos o teatro da escola. O estacionamento está bem mais vazio agora, que a maior parte dos pais já foi embora com os seus filhos. Paro em meu carro e coloco Hope no chão.

— Acho que merece um prêmio esta noite. — Digo à Hope, quando abro a porta do carro para ela. — Onde quer comer? Escolha qualquer lugar.

— *Hummm* — ela para e pensa por um segundo. — Pizza, quero pizza.

— Boa escolha — tamborilo os meus dedos no carro, sorrindo para Ella enquanto ela dá a volta para ocupar o seu assento.

— Posso tomar um milk-shake também? — Hope pede, fixando o olhar na mãe, porque sabe que é ela quem decide sobre isso.

— Tudo bem — Ella concorda com um aceno. — Mas só porque hoje é sexta-feira, sem milk-shakes durante a semana.

O olhar de Hope congela em meu rosto, enquanto ela se recorda do milk-shake que eu lhe comprei na quarta-feira. Ella precisava ficar até mais tarde na faculdade, estudando. Fiquei com a tarefa de buscar Hope na escola e em nossa volta para a casa, ela pediu para passar no *drive thru* que fica no caminho e que lhe comprasse um milk-shake. Ela ama essas coisas. O seu amor por sorvete, só perde para o seu amor pelas tevês; que continua o mesmo ao longo dos anos. De qualquer forma, não contamos à Ella sobre isso. *Será que essa é uma daquelas mentiras brandas e aceitáveis?*

— Papai me comprou um milk-shake na quarta, quando voltamos para a casa. — Hope conta, com certa culpa.

— Ele comprou, foi? — Ella refuta com seriedade, mas com brandura nos olhos.

— Comprou. — Hope reforça.

— Eu comprei — confesso, enquanto Hope se ajeita em seu assento e fecho o seu cinto. — Mas foi um pequeno e de morango.

— Não faz diferença ser de morango ou chocolate — Ella diz, rindo em seguida. — Só não mintam para mim.

— Eu não menti para você. — Defendo-me, sentando em frente ao volante. — Não contei porque esqueci.

— Eu também esqueci — Hope acrescenta. — Não fique brava com o papai, ele é muito bom para brigar com ele.

Solto uma risada com o elogio genuíno, mas paro quando encontro o olhar da minha mulher. Ella pode ser muito doce em sua totalidade e ela é suave e carinhosa a maior parte do tempo, mas sabe ser firme quando quer. Talvez,

porque eu meio que a enlouqueça quando quero fazer todas as vontades de Hope. Foi um caminho muito longo até aceitar que ela não deixaria de me amar quando eu lhe dissesse *não*.

— Não estou brava com o seu pai. — Ella diz por fim, os olhos fixos aos meus. — E não consigo brigar com ele, embora às vezes realmente mereça.

— Porque você me ama! — exclamo, enquanto a beijo.

— É eu amo — ela replica, fazendo Hope rir no banco de trás.



— Quando nós teremos um bebê? — pergunto à Ella, quando estamos em nosso quarto, dois dias depois.

— Você quer um bebê? — ela devolve a pergunta, em tom surpreso.

— Eu quero — sorrio, tocando a sua barriga sob a camiseta que usa para dormir.

— Para lhe comprar coisas e não me contar?

Rio, a puxando para mim. Deito-a de costas em nossa cama, pairando sobre ela e afasto o cabelo que cai em seus olhos.

— Vai guardar essa mágoa para sempre, Ella? — brinco, depositando um beijo no canto da sua boca. — Foi um mísero milk-shake.

— É assim que começa. — Sorri, arrastando os dedos pelo meu cabelo.

— E sobre o bebê? — pergunto, não deixando que ela me distraia.

— Vejamos — sussurra. — Ainda tenho três anos de faculdade, mais os anos da graduação em Direito. Hope fará sete anos em dois meses, mas ela ainda é tão pequena e precisa de mim. Então tem a casa, o meu trabalho em tempo parcial na biblioteca da faculdade, você...

— Eu não te dou trabalho — refuto, quase ofendido.

— Você dá, apenas não percebe isso.

— Ok... — sorrio. — Eu posso mudar.

— Não quero que mude.

— Acabou de dizer que te dou trabalho. — Rio em seu pescoço.

— Sim, mas todos os maridos dão trabalho. — Replica com diversão. — É por esse motivo que eles existem.

— Acha isso? — arqueio as sobrancelhas ao perguntar.

— Tenho certeza.

— Tudo bem, estamos falando sobre bebês e não maridos.

— Eu não acho que um bebê se encaixe em nossas vidas nesse momento.
— Me diz, após um beijo suave.

— Então quando? — respiro, colando a minha testa na sua.

— Em alguns anos, talvez.

Fico em silêncio, porque adoraria ter outro filho exatamente agora, mas Ella tem bons argumentos. E eu não posso pedir que ela realize um desejo meu, quando passou cinco anos da vida presa no tempo. Faz apenas dois anos que ela decide como quer guiar os seus passos e não posso podá-la.

— Tudo bem. — Digo, por fim. — Você está certa, vamos esperar.

— Você está chateado — ela deduz facilmente.

— Não estou — disfarço.

— River...

— Quero ter outro filho com você, Ella, mas respeito o seu tempo e posso esperar. Ainda somos jovens.

— Se você for implantado outra vez — ela exala, fechando os olhos. — Ficar sozinha aqui com Hope foi difícil, agora, com Hope e um bebê pequeno; seria terrível.

— Isso não irá acontecer — afirmo, apertando a sua cintura. — E se eventualmente acontecer, serão poucos meses e eu encontraria alguém para ajudá-la.

— Mesmo assim — balbucia ao abrir os olhos e me fitar com suas lindas íris azuis.

— Ella — digo com cuidado. — Você quer ter outros filhos? Um ou dois, quem sabe? Seria compreensivo que não, após todo o drama da gravidez da Hope. Talvez isso tenha te traumatizado.

— Eu quero — ela responde com o mesmo cuidado. — Mas tenho medo, eu realmente tenho medo, River.

— Eu entendo e estarei aqui quando estiver pronta, então superaremos esse medo juntos. Porque eu definitivamente quero outra garotinha para amar.

— Ou garotinho. — Ela sorri com doçura.

— Ou garotinho — repito, correspondendo o seu beijo.



Hope corre ao meu redor, com a sua fantasia de *supergirl*, em cores vibrantes. A sua capa flutua em suas costas, como se ela estivesse de fato voando. O seu riso chega aos meus ouvidos e me vejo rindo também, tão feliz quanto ela.

— River — Ella grita da cozinha. — Está levantando Tom no ar? Ele só

tem dois meses.

A sua voz me faz parar aonde estou, antes de abaixar Tom e encaixá-lo em meu peito. Eu o estava elevando no ar, é claro, mas de uma forma absolutamente segura. Diferente do que Ella pensa, eu não sou um pai imprudente.

— Ele está voando, mãe — Hope grita de volta, com alegria. — Sou a *supergirl* e ele é um F22.

Rio, orgulhoso com a sua capacidade em decorar tudo o que lhe ensino. Ela é garotinha de oito anos, mais esperta da Flórida; não tenho a menor dúvida disso.

— Concordo sobre você ser a *supergirl*, só não tente pular de lugares altos ou quebrar paredes, por favor — Ella recita, aparecendo na sala enquanto seca as mãos em um guardanapo de pano. — E Tom não é um F22, ele é um bebê recém-nascido.

— Ele não é um recém-nascido. — Refuto, acariciando os cabelos castanhos do meu filho. — Olha o quanto ele já cresceu.

— Sim, ele cresceu — ela replica com as mãos na cintura. — Mas não está apto para brincadeiras perigosas, lembre-se disso.

Sorrio para ela, tocando as costas de Tom enquanto ele adormece lentamente em meu peito. Sou ótimo em fazê-lo dormir, Ella deveria admitir isso e me dar algum crédito.

— Serviu para fazê-lo dormir. — Digo, ainda sorrio.

— Sério, River? — Ella me pergunta, rindo. — Ele é um bebê dorminhoco, todos os bebês são.

— Nem todos.

Seus olhos se reviram para mim e ela volta para a cozinha. Hope desistiu de correr ao redor e se debruçou sobre a mesa de centro para assistir tevê. Sento-me no sofá, com Tom em meu peito e não posso tirar o sorriso exultante dos

meus lábios. Acho até que sorrio enquanto durmo, eu nunca fui tão feliz.

Dois meses depois da minha conversa com Ella sobre ter outro filho, ela descobriu que estava grávida. Foi uma notícia inesperada para nós dois e reagimos de formas distintas. Ella ficou desesperada no início e só pensava em tudo o que poderia dar errado. Eu só conseguia enxergar um milagre, — porque sempre fomos cuidadosos sobre evitar uma gravidez — e assim como aconteceu com Hope, percebi que alguns caminhos em nossas vidas, não são traçados por nós. E me senti grato por esse novo caminho que trilharíamos. Eventualmente Ella sentiu-se assim também. Eu a convenci que não havia nada que não podíamos fazer juntos e de fato não há. Ela frequentou as suas aulas na faculdade até duas semanas antes do nascimento de Tom, e voltará em um mês. Sei que não precisar interromper o seu curso era a sua maior preocupação e agora que Tom está aqui, iremos nos encaixar em uma rotina que seja boa para todos.

Ella também estava preocupada com Hope e sua adaptação à uma nova criança na família. Mas essa nunca foi uma preocupação plausível, já que Hope sempre amou o irmão desde o primeiro instante em que soube sobre ele. Não poderia ser diferente, porque ela nunca deixou de ser a criança adorável e gentil, que eu sabia que era quando a vi pela primeira vez.

Quando Tom nasceu, no início da primavera, Ella me surpreendeu com a escolha do nome do meu pai. Durante a gravidez, cogitamos vários nomes — alguns sugeridos por Hope também —, mas nunca chegamos a escolher um, até o nascimento. Com ele em meus braços pela primeira vez, minutos após o parto; Ella me contou sobre a homenagem. Então, Thomas Lewis Mitchell se tornou a peça que faltava em nossa família e mais uma vez, quando pensava ser o homem mais feliz desse mundo, descobri que não era. Agora eu sou.

— Ele é tão fofinho! — Hope exclama, tocando a bochecha do irmão, enquanto descansa a cabeça no espaço vago em meu peito.

— Você também é — replico, ganhando um sorriso com covinhas. — E eu te amo demais, sabe disso?

— Eu sei, pai. — Ela ri. — Também te amo, e amo o Tom, a mamãe, a tevê, a minha bicicleta...

— Acho que você ama a tevê mais do que a todos nós. — A interrompo, divertido.

Ela encolhe os ombros, ainda sorrindo. Seus olhos abandonam o meu rosto e voltam para a tevê, mas o seu corpo ainda descansa sobre o meu; assim como Tom dormindo em meu peito. Só falta Ella aqui e então eu posso dizer que tenho todo o meu mundo ao redor. Inclino a cabeça sobre o encosto do sofá e a procuro na cozinha. Como se sentisse o calor do meu olhar, ela gira a cabeça sobre os ombros. Nossos olhos se encontram e trocamos um sorriso apaixonado. Eu a amo demais, demais...

Não deixo de olhá-la, até que desligue o fogão, lave as mãos e caminhe até mim. Seus pés descalços são suaves ao quebrar o espaço que nos separa. Ela paira sobre mim por um segundo, então se inclina para me beijar.

— O que foi? — pergunta em meus lábios.

— Você me ama? — questiono baixinho.

— Para sempre e sempre — ela sussurra de volta, um sorriso iluminando seu belo rosto. — Você é o único homem que já amei e amarei eternamente, River... *eternamente você!*

.....
Fim 
.....

Muito obrigada por sua leitura!

O meu mais latente desejo, é que esse livro tenha tocado o seu coração e trazido um sorriso ao seu rosto.

Se você gostou da história, por favor, deixe uma avaliação. Ficarei imensamente feliz em lê-la.

Se você, por algum motivo, não gostou. Deixe uma crítica construtiva, elas são muito importantes.

Minha imensa gratidão e carinho!

Lucy ♥

Table of Contents

Sinopse	
Prólogo	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Quatorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e Um	
Vinte e Dois	
Vinte e Três	
Vinte e Quatro	
Vinte e Cinco	
Vinte e Seis	
Vinte e Sete	
Vinte e Oito	
Vinte e Nove	
Trinta	
Trinta e Um	
Trinta e Dois	
Trinta e Três	

[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Epílogo](#)